



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**O SENTIDO DE BIBLIOTECA ESCOLAR EXPRESSO POR
ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA CATARINA:
ENTRE LIVROS, DESCOBERTAS, REFÚGIO E ABANDONO**

Eliane Fioravante

Florianópolis
2018

Eliane Fioravante

**O SENTIDO DE BIBLIOTECA ESCOLAR EXPRESSO POR
ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA CATARINA:
ENTRE LIVROS, DESCOBERTAS, REFÚGIO E ABANDONO**

Tese de doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação, área de concentração, “Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento”, sob a orientação da Profa. Dra. Miriam Figueiredo Vieira da Cunha, e coorientação da Profa. Dra. María del Carmen Agustín Lacruz.

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca
Universitária da UFSC.

Fioravante, Eliane

O sentido de biblioteca escolar expresso por alunos de escolas públicas de Santa Catarina : entre livros, descobertas, refúgio e abandono / Eliane Fioravante ; orientadora, Miriam Figueiredo Vieira da Cunha; coorientadora, María del Carmen Agustín-Lacruz, 2018.
568 p.: il .

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Ciência da Informação. 2. Biblioteca Escolar - Significado. 3. Bibliotecas escolares em Santa Catarina. 4. Fenomenologia - Biblioteca Escolar. 5. Representação Social - Biblioteca Escolar. I. Cunha, Miriam Figueiredo Vieira da. II. Agustín-Lacruz, María del Carmen. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. IV Título.

ELIANE FIORAVANTE

**O SENTIDO DE BIBLIOTECA ESCOLAR EXPRESSO POR
ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA CATARINA:
ENTRE LIVROS, DESCOBERTAS, REFÚGIO E ABANDONO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da
Universidade Federal de Santa Catarina em cumprimento a requisito
parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação.

Florianópolis, 29 de junho de 2018.

Prof. Adilson Luiz Pinto, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Profª. Miriam Figueiredo Vieira da Cunha, Dra. - Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC)

Prof. Francisco das Chagas de Souza, Dr.
(Examinador externo)

Profª. Gisela Eggert-Steindel, Dra.
Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGINFO/PPGE/UDESC)

Profª. Fernanda de Sales, Dra.
Universidade do Estado de Santa Catarina (DBI/FAED/UDESC)

À Mac e Vitor: filhos.
À Doralice (*in memoriam*), Vanda, Osvaldina e Juracy: mães.

Dedico
este trabalho aos
vinte e quatro jovens que,
no ano de 2016, cursavam o terceiro ano
do ensino médio da educação básica regular em
escolas públicas estaduais de Santa Catarina, por terem me
acolhido em suas escolas, por terem aceito conversar comigo
sobre a biblioteca da escola, por terem me confiado seus depoimentos,
enfim, por terem dedicado um tempo do seu tempo
para que esta pesquisa fosse realizada.
À vocês (aqui identificados por pseudônimos):
Lar, Emi, Luc, Liz, Bru, Gab, Mar,
Gle, Ric, And,
Luc, Ron,
Sof,
Lua,
All,
Emi,
Tan,
Rod,
Lai, Dou,
Fran, Car, Pao e
May, minha sincera gratidão.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por tudo.

Aos profissionais da Secretaria de Estado da Educação, gerentes regionais, diretores, assessores, professores responsáveis pelas bibliotecas e funcionários das escolas, com quem contatei para a coleta de dados desta pesquisa, pelo acolhimento e colaboração.

Aos bibliotecários escolares e aos colegas do Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina (GBAE/SC), pelo convívio e aprendizado.

Às colegas Ana Perpétuo, Camila de Barros, Dani Inomata, Dany Pizarro, Lili Pinheiro e Lu Vital, da turma das Sete Mulheres que abriu o doutorado no PGCIN, pelo convívio e contribuição nessa caminhada.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Informação, Tecnologia e Sociedade (GrITS), Linha Informação, Educação, Ética e Representação de Sociedade, pelas trocas e aprendizado, do convívio nos anos 2013-2014.

Ao professor Francisco que cultivou na gente, uma sede por conversa, e cujas palavras sempre nos inspiram, fazendo brotar ideias, aqui e ali, entre as quais o AN-D-E, afinal, como disse ele, é preciso seguir, portanto: “vão!”.

À Ana Perpétuo, Dany Pizarro e Felícia Fleck pelos momentos de troca, alegria e de paz.

Aos professores do PGCIN pelo aprendizado nas aulas do doutorado.

À professora Edna Lúcia da Silva pelo apreço e contribuição nessa caminhada.

À Angela Maria Ribeiro, pela companhia das sextas-feiras de quem sempre pude contar.

Ao Rogério Zatariano, um mestre na gestão de pessoas, pela colaboração nessa vida atada pela burocracia.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação e de defesa desta tese, Bernadete Campello, Fernanda de Sales, Francisco das Chagas de Souza, Gisela Eggert-Steindel, Magda Teixeira Chagas e Mara Eliane Fonseca Rodrigues, pelas valiosas contribuições.

À Capes, pela Bolsa-Sanduíche, que viabilizou meu acesso e estudo na Universidad de Zaragoza.

À Pilar Rey, Carmen Gracia, Elena Buena e Peña Subias, “mães” que encontrei em Zara, pelo carinho e atenção.

À Beatriz Callén e à Carmen Carramiñana, de Zaragoza, e à Mercedes Caballud, de Sabiñánigo (Huesca), profissionais envolvidas com o *Pan de Lectura*, com quem tive a oportunidade de conversar.

À Sabrina de Conto, secretária do PGCIN, pela queridice e competência.

À Salete Cecília de Souza, que se dispôs a ler alguns dos escritos aqui apresentados.

À Silvia Maria de Oliveira, que colaborou na revisão do texto, pelo apoio.

À professora María del Carmen Agustín Lacruz pelo acolhimento e orientação na UNIZAR, cujas palavras sempre me foram valiosas.

À professora Miriam Vieira da Cunha, pela orientação, colaboração, paciência, por ter estado comigo nesses anos, com quem pude contar, inclusive, quando precisei “amarrar o tempo no poste”.¹

¹ “O tempo só anda de ida. A gente nasce cresce amadurece envelhece e morre. Pra não morrer tem que amarrar o tempo no poste. Eis a ciência da poesia: amarrar o tempo no poste”. Palavras de Manoel de Barros (1916-2014) no documentário “Só dez por cento é mentira”, dirigido por Pedro Cezar, quando o poeta, brasileiro de Mato Grosso do Sul, se manifesta sobre a morte das ideias e do corpo físico. As palavras do poeta descrevem um período que vivi. Período de uma briga entre corpo debilitado e mente pressionada pela exigência e necessidade de seguir. Pra não “morrer”, segui a orientação do poeta. (SÓ..., 2009).

Como o mundo social, sob qualquer aspecto, permanece sempre um cosmo bastante complicado de atividades humanas, podemos sempre nos voltar para o “homem esquecido” das ciências sociais, para o ator no mundo social cuja ação e sentimento estão na base do sistema social. Então, nós tentamos compreendê-lo naquele fazer, naquele sentir e naquele estado mental que o induziu a adotar atitudes específicas em relação a seu meio social.

Alfred SCHUTZ
Sobre fenomenologia e relações sociais

RESUMO

O estudo pretendeu conhecer o sentido de biblioteca escolar para alunos de escolas públicas estaduais de Santa Catarina prestes a concluírem a educação básica. O referencial teórico-epistemológico é a Fenomenologia Social de Alfred Schutz, associada ao processualismo sócio-histórico de Norbert Elias e ao construcionismo social de Peter Berger e Thomas Luckmann. Na fundamentação conceitual, discorre sobre a história da biblioteca escolar no Ocidente, uma parte dela no Brasil, envolvendo o direito à educação e à informação e o papel das instituições sociais e profissionais para garantir tal direito. Na fundamentação metodológica, utiliza a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici. A pesquisa envolveu 24 alunos, de 12 escolas públicas estaduais de Santa Catarina, distribuídos nos dois municípios mais populosos de cada uma das seis mesorregiões desse Estado. Recolheu dados por meio de entrevista, questionários, um diário de visitas e da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas. Para tratamento e análise dos dados das entrevistas, utilizou a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), de Lefèvre e Lefèvre. O discurso coletivo sinaliza aspectos relevantes da trajetória do sujeito coletivo “aluno” e de sua formação básica envolvendo a biblioteca da escola às ações mais recentes relacionadas a esta unidade. Apresenta razões e intenções nas ações do sujeito coletivo, vinculadas ao sentido que dá à biblioteca escolar. Para esse sujeito coletivo que permaneceu onze anos da educação básica em uma mesma escola com biblioteca, ela é lugar que mantém o livro: que marcou sua biografia nas séries iniciais; que utilizou para trabalhos e pesquisas; que leu por obrigação ou por prazer; didático que buscou para uso em sala de aula; que viu trancado em armário. A biblioteca escolar é o lugar onde ele encontra esse objeto que viabiliza descobertas. Também o viabiliza a aprender mais, “viajar”, fugir do que lhe é imposto, exercitar a mente, aprender a gostar de ler, entre outras coisas. Contudo, o sujeito vê na biblioteca sinais de abandono por falta de recursos, livros novos e variados, pessoal para administrá-la, espaço físico mais amplo, conforto e acesso à internet, por exemplo. O Discurso do Sujeito Coletivo, também registra que os professores sejam alertados para que os alunos utilizem a biblioteca, porque ela está esquecida.

Palavras-Chave: Ciência da Informação. Biblioteca Escolar - Significado. Bibliotecas escolares em Santa Catarina. Fenomenologia - Biblioteca Escolar. Representação Social - Biblioteca Escolar.

RESUMEN

El estudio pretendió conocer el sentido de biblioteca escolar para alumnos de escuelas públicas estatales de Santa Catarina a punto de concluir la educación básica. El referencial teórico-epistemológico es la Fenomenología Social de Alfred Schutz, asociada al procesualismo socio-histórico de Norbert Elias y al construccionismo social de Peter Berger y Thomas Luckmann. En la fundamentación conceptual, se discurre sobre la historia de la biblioteca escolar en el Occidente, una parte de ella en Brasil, involucrando el derecho a la educación y a la información y el papel de las instituciones sociales y profesionales para garantizar tal derecho. En la fundamentación metodológica, utiliza la Teoría de las Representaciones Sociales de Serge Moscovici. La investigación abarcó a 24 alumnos, de 12 escuelas públicas estatales en Santa Catarina, distribuidos en los dos municipios más poblados de cada una de las seis principales regiones de ese Estado. Recogió datos por medio de entrevista, cuestionarios, un diario de visitas, y del análisis del Proyecto Político Pedagógico (PPP) de las escuelas. Para el tratamiento y análisis de los datos de las entrevistas, utilizó la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo (DSC), de Lefèvre y Lefèvre. El discurso colectivo señala aspectos relevantes de la trayectoria del sujeto colectivo "alumno" y de su formación básica considerando la biblioteca de la escuela y las acciones más recientes relacionadas a esta unidad. Presenta razones e intenciones en las acciones del sujeto colectivo, vinculadas al sentido que él da a la biblioteca escolar. Para ese sujeto colectivo que permaneció once años de la educación básica en una misma escuela con biblioteca, allí es lugar que mantiene el libro: que marcó su biografía en las series iniciales; que utilizó para trabajos e investigaciones; que leyó por obligación o por placer; didáctico que buscó para uso en el aula; que vio encerrado en el armario. La biblioteca escolar es el lugar dónde él encuentra ese objeto que lo lleva a descubrimientos. También lo viabiliza a aprender más, a "viajar", a huir de lo que se le impone, a ejercitar la mente, a aprender a gustar de ler, entre otras cosas. Sin embargo, el sujeto ve en la biblioteca señales de abandono por falta de recursos, falta de libros nuevos y variados, falta de personas para administrarla, falta de espacio físico más amplio, comodidad y acceso a internet, por ejemplo. El Discurso del Sujeto Colectivo, también registra que los profesores sean alertados para que los alumnos utilicen la biblioteca, porque ella está olvidada.

Palabras-Clave: Ciencia de la Información. Biblioteca Escolar - Significado. Bibliotecas escolares en Santa Catarina. Fenomenología - Biblioteca Escolar. Representación Social - Biblioteca Escolar.

ABSTRACT

The study aimed at knowing the sense of school library for senior students from state public schools in Santa Catarina. The theoretical-epistemological referential is the social phenomenology of Alfred Schutz, associated with the socio-historical process of Norbert Elias and the social constructionism of Peter Berger and Thomas Luckmann. The conceptual foundation discusses the history of school education in the West, a part of it in Brazil, involving the right to education and information, and the role of social and professional institutions to guarantee this right. In the methodological foundation, the Theory of Social Representations of Serge Moscovici was employed. The research involved 24 students from 12 public state schools in Santa Catarina, distributed in the two most populous cities from the six regions of the state. Data were collected through interviews, questionnaires, a journal, and the analysis of the schools Political Pedagogical Project (PPP). For the treatment and analysis of the data collected through the interview, a Lefèvre and Lefèvre Collective Subject Discourse (DSC) technique was used. The collective discourse signals relevant aspects of the trajectory of the collective subject "student" and its basic training involving the school library, to the most recent school actions related to this unit. It presents reasons and intentions in the actions of the collective subject, linked to the sense that he/she gives to a school library. For this collective subject who has remained eleven years of the basic education in the same school with a library, the library is a book place: a book that marks your biography in the initial stages of schooling when presented to reading, a book that used for papers and research; a book of literature book which read because student was obliged or because he enjoyed; textbook for everyday use of the student who is kept in the library; and textbook from the technical school reserve, also kept in the library. The school library is the place where the student finds this object that enables discoveries. It also enables the subject to learn more, "to travel", to escape from what is imposed to him, to exercise the mind, to learn to like to read, among other things. However, the subject sees in the library signs of abandonment due to the lack of resources, new and varied books, personnel to manage it, bigger physical space, comfort, and access to the internet, for instance. The Collective Subject Discourse also records that teachers are advised to have students use the library, because it is forgotten.

Keywords: Information Science. School Library - Meaning. School libraries in Santa Catarina. Phenomenology - School Library. Social Representation - School library.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tipologia weberiana da ação.....	52
Figura 2 - Proposta de Schuchter ao modelo weberiano da ação social.	53
Figura 3 - Níveis micro e macro da análise sociológica	53
Figura 4 - Sala de aula projetada para o XXI, por Cotê, no ano de 1899	85
Figura 5 - A escola de concepção fabril de Tonucci.	88
Figura 6 - Biblioteca escolar: da concepção tradicional a centro de recursos	144
Figura 7 - Localização dos municípios participantes da pesquisa em suas mesorregiões e os trajetos realizados para a coleta de dados	186
Figura 8 - A formação da conduta na escola do século XVIII	352

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Parâmetros para bibliotecas escolares no Brasil	147
Quadro 2 - Bibliotecas: recursos financeiros e compra de livros	225
Quadro 3 - As bibliotecas no Projeto Político Pedagógico das escolas.....	228
Quadro 4 - Bibliotecas: equipamentos e acesso à internet	231
Quadro 5 - Leitura no ambiente familiar segundo os alunos.....	240
Quadro 6 - Direcionamento curricular e uso da biblioteca na educação básica.....	267
Quadro 7 - Uso da biblioteca escolar e de outras bibliotecas pelos entrevistados.....	307
Quadro 8 - Carências da biblioteca da escola de acordo com os alunos entrevistados	339

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escolas públicas estaduais de SC: etapas/modalidades, turmas e número de alunos em 2016.	176
---	-----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AC - Ancoragem
AASL - *American Association of School Librarians*
ABE - Associação Brasileira de Educação
ACB - Associação Catarinense de Bibliotecários
ALA - *American Library Association*
APP - Associação de Pais e Professores
BCD - Biblioteca - Centro de Documentação
BE - Biblioteca Escolar
BP - Biblioteca Pública
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBBB - Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CDD - Classificação Decimal de Dewey
CDI - Centro de Documentação e Informação
CEDUP - Centro de Educação Profissional
CEI - Centro de Educação Infantil
CEJA - Centro de Educação de Jovens e Adultos
CEPSH - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CERLALC - Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe
CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CFB - Conselho Federal de Biblioteconomia
CIN - Departamento de Ciência da Informação
CNS - Conselho Nacional de Saúde
CPESC - Cartão de Pagamento do Estado de Santa Catarina
CRA - *Centro de Recursos para el Aprendizaje*
CREA - *Centro de Recursos para la Enseñanza y el Aprendizaje*
CRAIE - *Centro de Recursos para el Aprendizaje y la Innovación Educativa*
DASP - Departamento Administrativo do Serviço Público
DSC - Discurso do Sujeito Coletivo
DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos
E-Ch - Expressões-Chave
EaD - Ensino a Distância
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
ECI - Escola de Ciência da Informação
Educacenso - Censo da Educação Básica
EEB - Escola de Educação Básica

EEF - Escola de Ensino Fundamental
EEM - Escola de Ensino Médio
EF - Ensino Fundamental
EIEF - Escola Indígena de Ensino Fundamental
ELSP - Escola Livre de Sociologia Política
EM - Ensino Médio
Enem - Exame Nacional do Ensino Médio
ENSIL - *European Network for School Libraries and Information Literacy*
FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários
FESC - Fundação Educacional de Santa Catarina
FFCLRP - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
FGV - Fundação Getúlio Vargas
FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
GBAE/SC - Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina
GEBE - Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar
GrITS - Grupo de Pesquisa Informação, Tecnologia e Sociedade
HQ - Histórias em Quadrinhos
IAD - Instrumento de Análise de Discurso
IASL - *International Association of School Librarianship*
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC - Ideias Centrais
Ideb - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IEE - Instituto Estadual de Educação
IFLA - Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INL - Instituto Nacional do Livro
LCP - Lei Complementar
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LRC - *Learning resource centre*
MEC - Ministério da Educação
OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OEA - Organização dos Estados Americanos
OEI - Organização dos Estados Ibero-americanos
OMC - Organização Mundial do Comércio
ONU - Organização das Nações Unidas
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PCSC - Proposta Curricular de Santa Catarina
PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola
PGCIN - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PISA - Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNE - Plano Nacional de Educação
PNLD - Programa Nacional do Livro Didático
PNLEM - Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio
PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPP - Projeto Político Pedagógico
ProEMI - Programa Ensino Médio Inovador
ProInfo - Programa Nacional de Tecnologia Educacional
PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura
Proninfe - Programa Nacional de Informática na Educação
SAEDE - Serviço de Atendimento Educacional Especializado
SBP/SC - Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina
SC - Santa Catarina
SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESC - Serviço Social do Comércio
SINTE/SC – Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina
SNBP - Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação
TRS - Teoria das Representações Sociais
UD - Unidades Desdobradas
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UnB - Universidade de Brasília
Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
Unicef - Fundo das Nações Unidas para a Infância
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	33
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA	45
2.1 FENOMENOLOGIA	45
2.2 SOCIOLOGIA COMPREENSIVA	50
2.3 FENOMENOLOGIA SOCIAL.....	55
2.4 MODELAÇÃO DA CONDUTA	62
2.5 APRENDIZAGEM E SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	68
3 BIBLIOTECA ESCOLAR NO OCIDENTE	77
3.1 O DIREITO DE ACESSO À INFORMAÇÃO.....	77
3.2 A ESCOLA	85
3.3 BIBLIOTECA NA ESCOLA.....	92
3.3.1 Concepções de biblioteca	95
3.3.2 Denominações de biblioteca.....	98
3.4 PROFESSORES.....	103
3.5 A BIBLIOTECA ESCOLAR NOS DOCUMENTOS DE ORGANISMOS INTERNACIONAIS.....	105
4 BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL	119
4.1 A BIBLIOTECA NA ESCOLA NOVA	119
4.2 BIBLIOTECONOMIA.....	130
4.3 FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO	134
4.4 SEMINÁRIO NACIONAL.....	139
4.5 REDE	143
4.6 INCENTIVO À LEITURA E ESCRITA	150
4.7 LIVRO-REI.....	159
4.8 PERSPECTIVAS E DESAFIOS.....	161
5 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA E PROCEDIMENTOS	169
5.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	169
5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	175
5.2.1 Contexto da pesquisa	175
5.2.2 Participantes e ética na pesquisa.....	177
5.2.3 Instrumentos utilizados.....	181
5.2.4 Teste dos instrumentos.....	182
5.2.5 Coleta de dados.....	184
5.2.6 A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo: concepção, procedimentos e aplicação na pesquisa	187
6 RESULTADOS.....	193
6.1 ACESSO ÀS ESCOLAS, AOS ALUNOS E ÀS SUAS FALAS .	194

6.2 DIÁRIO DE VISITAS E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS	212
6.3 DIRETORES E RESPONSÁVEIS	223
6.4 ALUNOS	239
6.5 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	244
6.6 INTERPRETAÇÕES DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	263
6.6.1 Sentidos de biblioteca escolar.....	272
6.6.1.1 Lugar de livro, leitura e literatura.....	281
6.6.1.2 Lugar de pesquisa	290
6.6.2 Papel da biblioteca	295
6.6.3 Incentivo ao uso.....	300
6.6.4 Biblioteca escolar e outras	307
6.6.5 Problemas	316
6.6.6 Afastamento.....	325
6.6.7 A biblioteca idealizada.....	333
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	347
REFERÊNCIAS.....	357
APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA TESTE DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	389
APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO À DIREÇÃO DAS ESCOLAS E ÀS GERÊNCIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO .	391
APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DO(A) RESPONSÁVEL LEGAL DA INSTITUIÇÃO PARA A COLETA DE DADOS.....	393
APÊNDICE D - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE).....	395
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	399
APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÃO DE ÁUDIO	403
APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA	405
APÊNDICE H - QUESTIONÁRIO - ALUNO(A).....	407
APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO - RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA DA UNIDADE ESCOLAR.....	409
APÊNDICE J - QUESTIONÁRIO - DIRETOR(A) DA UNIDADE ESCOLAR	411
APÊNDICE K - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	413
APÊNDICE L - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 - IAD 1: QUADRO DAS EXPRESSÕES-CHAVE (E-CH), IDEIAS CENTRAIS (IC) E ANCORAGENS (AC)	467

APÊNDICE M - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2	
– IAD 2: QUADRO DAS IDEIAS CENTRAIS (IC) E SÍNTESES	
POR GRUPAMENTOS.....	513
APÊNDICE N - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2	
– IAD 2: QUADRO DAS IDEIAS CENTRAIS (IC) E SÍNTESES	
POR GRUPAMENTOS, E EXPRESSÕES-CHAVE (E-CH)	
CORRESPONDENTES.....	523
APÊNDICE O - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2	
– IAD 2: QUADRO-SÍNTESE DAS IDEIAS CENTRAIS (IC) POR	
QUESTÃO E ANCORAGENS (AC).....	545
APÊNDICE P - PERGUNTAS DO ROTEIRO DE ENTREVISTA E	
DSCS CORRESPONDENTES.....	549

1 INTRODUÇÃO

Como motivar os colegas que têm “preguiça” de ler? Tá vendo aquela estante? Tem mais livro de criança. Não tem para os mais velhos. A gente não pode vir aqui sem o professor, porque acham que a gente vai fazer bagunça. Aí tem que vir rápido para levar um livro emprestado. Como ter tempo para escolher um livro que a gente goste?

BRASIL

Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil

Esta pesquisa vem de uma inquietação que se resume no entendimento do sentido de biblioteca escolar no Mundo da Vida. Ao atuar neste mundo e interagindo nele, principalmente com os alunos, fui descobrindo uma biblioteca que não tive durante os primeiros oito anos da educação básica². Quando precisava de biblioteca era a biblioteca pública que me atendia. Fui ter biblioteca escolar nos três anos do ensino médio. Foi dessa interação mantida com os sujeitos do ambiente escolar que pude construir a minha visão da significação desse espaço para os alunos, e para mim enquanto profissional que atuava na escola, e para os que continuam passando por ela, pela necessidade de compreender o seu sentido, em uma educação que a tem esquecido.

A biblioteca escolar é um espaço que existe para amparar o aluno nas suas dúvidas, curiosidades, e incentivá-lo a ler e escrever oferecendo apoio a um projeto de construção que lhe dê mais liberdade e autonomia, no sentido de ajudá-lo a mover-se no mundo onde vive a partir do acesso à informação, ao conhecimento, à leitura, de forma a ampliar suas escolhas, beneficiando-se, assim como aos outros, enquanto constroem o meio e interagem como ele.

No Brasil parece existir um hiato entre o discurso que enaltece a biblioteca escolar, como instituição social imprescindível na vida das pessoas, e a sua realidade. Da rotina e da alegria em conviver com a comunidade escolar enquanto atuava na biblioteca de duas escolas públicas, me acostumei com o contentamento por atuar neste espaço, descobri-lo contando com a participação dos alunos e demais sujeitos

² Conhecido como ensino fundamental, a partir da Lei 11.274/2006, essa etapa da educação básica foi ampliada para nove anos, com ingresso aos seis anos de idade. O parzo dado aos Municípios, Estados e Distrito Federal para essa adequação foi até 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/20A partir da Lei 11.274/2006,06/lei/111274.htm>. Acesso em: 12 ago. 2016.

escolares com quem compartilhei esse espaço. É da voz desses sujeitos e, mais especificamente do aluno, que um dia também fui, e me vendo um pouco nele enquanto atuava na biblioteca, que nasce o interesse pelo espaço da escola e da biblioteca. Não é possível que tantas experiências e falas não ganhem um lugar de destaque para serem ouvidas e sentidas. Após onze anos longe do meio escolar, aquelas e outras vozes que tenho “ouvido”, como a de Gabriel, na epígrafe deste capítulo inicial, ecoam em mim, me chamam para refletir sobre o que fazer para viabilizar a biblioteca na escola dando-lhe melhores condições e momentos de encantamento com a leitura, com a pesquisa, com esse espaço. Com o tempo comecei a me interessar por saber quais eram as percepções que os alunos tinham sobre a biblioteca, o que gostam ou o que não gostam nela, e suas sugestões. Sempre achei isto fundamental porque, via de regra, crianças e adolescentes, são receptivos e com isso é mais fácil criar um vínculo com a biblioteca vindo a usufruir melhor o que o espaço tem, contribuindo com as suas vidas.

Houve um momento em que acreditei que o meu interesse em ouvir alunos, acerca de suas vivências com a biblioteca escolar, vinha de minha experiência com o carro-biblioteca quando acadêmica do curso de Biblioteconomia. É uma forte referência. Contudo, com o tempo, fui percebendo que outros fatos ocorridos antes e depois dessa experiência também me motivaram, apesar de não tê-los claros. Alfred Schutz utiliza o conceito de “situação biograficamente determinada” para dizer que o ator social age em um determinado tempo e espaço enquanto vai se constituindo e dando sentido às suas ações que estão imbricadas nas ações de outros com quem interage por meio das reflexões advindas de um processo intersubjetivo desse estar, pensar e agir com outros no meio social. Assim, o interesse pela biblioteca da escola, e pelos que precisam dela, e principalmente o aluno, está vinculado ao meu modo de ver e refletir sobre o que vivi, da minha interação com outros. Deste modo, a presente pesquisa carrega a marca de minhas razões e intenções como justificativas para este Aqui e Agora, como resultado de muitos Aqui e Agora mais distantes. Expresso em outras palavras, essa pesquisa está implicada no tempo e espaço com a história da pesquisadora, implicada a de muitos outros indivíduos que vem constituindo e construindo o social. É sobre esta trajetória de vida marcada por significações originárias da minha formação familiar e escolar, ambientes de aprendizagem e de socialização, que me aproximaram da Biblioteconomia e, especificamente, da biblioteca escolar, que passo a tratar nas próximas linhas.

Os meus ambientes de aprendizagem e socialização primárias foram marcados pela presença e orientação de meus pais e familiares e pela relação com quatro irmãos, nos bairros da Agrônômica e Trindade, em Florianópolis, Santa Catarina.

Fiz educação formal em instituições públicas desta cidade. Os oito anos do primeiro grau foram cursados na Escola Básica Hilda Theodoro Vieira. O segundo grau no Instituto Estadual de Educação (IEE)³, a graduação em Biblioteconomia, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e o mestrado em Ciência da Informação também nessa universidade.

É difícil afirmar com precisão quando passei a me interessar pela biblioteca da escola. Em 1985, ocorreu um fato que veio me aproximar das crianças que utilizavam os serviços de um carro-biblioteca, quando em uma palestra da *Semana da Biblioteconomia*, Maria Helena Krüger, falou de sua experiência com o carro-biblioteca, serviço oferecido pelo Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina (SBP/SC)⁴, vinculado à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde era bibliotecária. Ela falou sobre as saídas com o carro-biblioteca e atividades oferecidas aos alunos de escolas públicas municipais da Grande Florianópolis, em uma época em que poucas escolas dessa região possuíam biblioteca e não tinham bibliotecário. A partir desse relato, vi a possibilidade de me envolver com tarefas diferentes daquelas de tratamento técnico de coleções de uma biblioteca. Pela primeira vez, vislumbrei a possibilidade de estar mais próxima dos usuários, interagir com eles, saber o que esperavam da biblioteca.

Fiz o último estágio curricular nesse carro-biblioteca, sob a supervisão de Maria Helena, juntamente com três alunas dos cursos de Artes e Letras. Nesse período, ficou evidente para mim que: a) toda escola deveria ter uma biblioteca que proporcionasse momentos de prazer aos alunos, conforme vi ocorrer no carro-biblioteca; b) o trabalho

³ A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei n. 9.394/1996, referem-se ao ensino fundamental e ensino médio. Com a educação infantil integram o ensino básico.

⁴ O Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina (SBP/SC) foi implantado em 1979, por meio de convênio entre o Instituto Nacional do Livro (INL) e a Fundação Educacional de Santa Catarina (FESC), em colaboração com a Prefeitura de Florianópolis (TAYLOR, 1981). Em 1986, o SBP/SC é instituído pelo Decreto n. 30.571/1986, que o subordina à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e à Fundação Educacional de Santa Catarina, sendo a UDESC seu órgão central. Este decreto é revogado pelo de número 1.572/2008, que vincula o SBP/SC à Fundação Catarinense de Cultura (FCC), como seu órgão central. Disponível em: <<http://www.pge.sc.gov.br>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

com o livro não é exclusivo do bibliotecário, assim como o trabalho de incentivo à leitura não é apenas do professor. O bibliotecário, quando atua em uma biblioteca escolar, não pode se limitar em realizar apenas o trabalho técnico, principalmente, se a unidade tem poucos profissionais e uma grande demanda; c) é necessário chamar as pessoas para a biblioteca, criar possibilidades de acesso à leitura, de forma que as pessoas descubram a necessidade e o valor da leitura e da informação.

Nesse estágio, vivenciei momentos inesquecíveis. Naquela época, em que as pessoas me diziam que crianças e jovens não gostavam de ler, o que poderia acontecer se contassem com uma biblioteca? Como encantá-las sem oferecer a elas esse espaço, sem ter nele pessoas para organizá-lo e animar a “festa”? Creio serem relevantes políticas públicas envolvendo a criação, dinamização e manutenção de bibliotecas escolares. Ainda hoje, a biblioteca escolar carece de profissionais para “chamar” o ouvinte de histórias, o leitor, o curioso, o inquieto, o pesquisador.

Concluí o estágio e a graduação, mas a oportunidade de atuar na biblioteca escolar não aconteceu logo. Inicialmente, atuei na Secretaria de Estado do Planejamento, em setor da área do direito administrativo. Posteriormente, trabalhei em duas bibliotecas escolares: uma da rede estadual e outra da rede municipal. Nelas, tive a oportunidade de participar do cotidiano de suas escolas, de conhecer os seus preceitos legais, trabalhar com diretores, orientadores, supervisores escolares, professores, bibliotecários, funcionários administrativos, alunos e pais, escritores e editores, entre outros. Por meio do movimento dos alunos nessas unidades e da minha interação com eles, percebi a falta da biblioteca escolar na minha formação. O convívio diário com as demandas da escola, as interações com a comunidade escolar e as rotinas do dia a dia me conduziram a muitas reflexões.

Nas duas bibliotecas onde trabalhei – uma que atendia o ensino fundamental (rede municipal) e a outra, a partir da 5ª série do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio (rede estadual) – era comum que os alunos, especialmente do ensino fundamental, chegassem à biblioteca com dificuldade de expressar com clareza o que o professor havia solicitado. As duas bibliotecas eram pequenas, com poucos recursos e quase nenhum orçamento. Não havia catálogos e, à medida que atendia os alunos e ordenava as estantes, fui me habituando com o que a biblioteca podia oferecer, sugerindo aquisições que pudessem ser feitas com recursos da Associação de Pais e professores (APP) e do Governo Federal. Raramente, um professor aparecia na biblioteca para saber o que havia nelas, sugerir livros, comunicar que suas turmas

realizariam determinado trabalho, atividade ou pesquisa. A presença do professor na unidade municipal era mais frequente que na rede estadual e, geralmente, vinculada à leitura de livros de literatura. Na rede municipal, semanalmente, os professores de primeira à quarta-série e os de português, da quinta à oitava série, acompanhavam seus alunos à biblioteca para que escolhessem livros de literatura. Utilizavam uma aula para ler e conversar sobre os livros. Havia professores que permaneciam na biblioteca com os alunos, enquanto a turma fazia a escolha dos livros, interagiam com eles, conversando ou sugerindo leituras. Mas também havia professores que preferiam permanecer na sala de aula, enquanto os alunos iam à biblioteca para escolher livros. Eu atuava na biblioteca da escola da rede municipal, no período da tarde, e não tinha nenhum responsável por ela pela manhã, período no qual eu trabalhava na rede estadual.

À tarde, pela falta de profissional na unidade no período da manhã, quando eu chegava à biblioteca da rede municipal, livros estavam espalhados, cadeiras e mesas fora do lugar, coleções sobre as mesas. Rapidamente, colocava os livros nas estantes, liberando o espaço para que a biblioteca pudesse ser utilizada.

Nessa unidade, inicialmente havia pouca interação entre professores e bibliotecário. Apresentei uma proposta de trabalho para que no início de cada ano letivo fosse oferecida aos alunos orientação sobre o acervo, sua organização, acesso ao conteúdo, empréstimo, conduta na biblioteca, cuidados com os livros, entre outros. Também foi desenvolvido um projeto voltado à pesquisa escolar. A minha participação nos conselhos de classe e reuniões pedagógicas confirmou a necessidade de trabalho colaborativo entre professores e bibliotecário. Essa experiência me levou a refletir sobre o ideal e a realidade da biblioteca escolar, sobre prescrição e vivência, teoria e prática. Se considerarmos que o papel da biblioteca escolar é incentivar a leitura e facilitar o acesso ao conhecimento e à cultura, se tal acesso é determinante por favorecer uma melhor preparação dos alunos para a vida, para melhor compreenderem o mundo, para se tornarem cidadãos e serem respeitados, então, a garantia de políticas públicas é indispensável para amparar o acesso das crianças e adolescentes à biblioteca escolar. Este direito está explícito nos artigos 205, 206 e 208 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), que tratam da educação básica como direito e dever do Estado e da família, posto em prática com a Lei n. 12.244/2010 (BRASIL, 2010), conhecida como “Lei das Bibliotecas Escolares”.

Em 1999, ingressei no Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina (GBAE/SC)⁵ passando a atuar mais ativamente a partir de 2003. Fiz o mestrado movida pelo interesse de conhecer o discurso de bibliotecários acerca da pesquisa escolar. Esse estudo (GARCEZ, 2009) sinalizou que o ideal de pesquisa do professor não é o mesmo do bibliotecário, e que é necessária a aproximação desses profissionais para se estabelecer um diálogo na forma de orientar e acompanhar o aluno em seus estudos.

Sempre tive interesse pelo fazer dos que integram a comunidade escolar, especialmente, o dos alunos. O modo como se dirigem à biblioteca e como a utilizam está carregado de significados intersubjetivamente construídos, e o bibliotecário participa dessa construção. Se participa dela, o que vem fazendo na e para esta unidade escolar e seus alunos?

Como conhecer o significado, conceito ou sentido que o aluno dá à biblioteca na educação básica⁶? Como tratar uma questão que passa pela subjetividade desse ator social?

No doutorado, enquanto cursava a disciplina Epistemologia da Ciência da Informação, percebi a pertinência da Fenomenologia Social de Alfred Schutz, para conhecer o sentido de biblioteca escolar construído pelo aluno durante a sua formação básica. Essa escolha teórico-epistemológica “chamou” Husserl e Weber para a conversa, que somada à Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici, me aproximou do Grupo Informação, Tecnologia e Sociedade (GrITS), na linha de pesquisa Informação, Educação, Ética e Representação de Sociedade, do PGCIN. Posteriormente, estive na Espanha para uma estágio doutoral sob a orientação da professora María del Carmen

⁵ Grupo vinculado à Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB), criado em 1999, integrando profissionais que atuam na área escolar. Disponível em: <<http://acb.emnuvens.com.br/grupos-especializados/>>. Acesso em: 18 jul. 2015. Uma síntese histórica desse Grupo é registrada por Garcez (2012), nos anais do 1º Fórum de Pesquisa em Biblioteca Escolar, promovido pelo Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE), da Escola de Ciência em Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/images/1forum2012/anais_verso_completa.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2015.

⁶ No Brasil, a Lei n. 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - (BRASIL, 1996), a educação básica é gratuita e obrigatória às pessoas entre 4 e 17 anos de idade. A educação básica possui três níveis de ensino: Educação Infantil (de zero a 5 anos), ensino fundamental (de 6 a 14 anos), e ensino médio (de 15 a 17 anos). A proposta de pesquisa que resultou nesta tese volta-se às escolas estaduais que oferecem educação básica, do ensino fundamental ao ensino médio regular.

Agustín Lacruz, da Faculdade de Filosofia y Letras, da Universidad de Zaragoza. Nesse país, tive acesso a documentos sobre a biblioteca escolar que me permitiram constatar que os problemas relativos a esse ambiente são similares aos do Brasil: a biblioteca não está presente em todas as escolas; o Estado não oferece o apoio necessário para que serviços de informação de qualidade sejam garantidos à comunidade escolar; não garante profissionais qualificados para essa unidade; nem todas as bibliotecas têm um bibliotecário, e quando há esse profissional, ele não se dedica exclusivamente à biblioteca, que tem dificuldade de ser mantida aberta enquanto a escola está em funcionamento.

Na Espanha, pude perceber mais claramente a ligação da minha pesquisa com o que a literatura da área discute sobre biblioteca escolar. Para além de padrões internacionais, debatiam-se questões relacionadas à criação e à manutenção de bibliotecas escolares. Era como se estivessem se referindo ao Brasil, e perceber esta aproximação foi algo que me impactou. Consideradas as diferenças de governo, de cultura, de legislação e de estrutura do ensino, entre outras, presentes naquele país, não imaginava que nele as bibliotecas estivessem em situação parecida com a vivida do Brasil. Pude perceber que, tanto lá quanto aqui, não há bibliotecas em todas as escolas, não há bibliotecários nas bibliotecas escolares existentes e nem sempre o seu funcionamento é em período integral.

Além disso, na Espanha, pude constatar uma forte aproximação de pesquisadores dessa área com os de países latino-americanos (Chile, Colômbia, México, Argentina, Bolívia entre outros), geograficamente mais próximos de nós e de cujas ideias permanecemos distantes, apesar da similaridade de problemas sociais, políticos e econômicos. A Espanha ajudou a me conectar com a realidade desses países.

A literatura sobre biblioteca escolar na Espanha discute esses problemas, de forma mais direta e aberta, como poucos autores brasileiros. Talvez porque, lá, as ideias sobre a biblioteca escolar a que tive acesso estão mais ligadas às questões do ensino e da aprendizagem. Foi também a partir de autores espanhóis que conheci um pouco da história da biblioteca escolar nos demais países europeus, o que contribuiu para verificar que, nesses países, a biblioteca escolar também enfrenta problemas. Essas leituras foram definindo o desenho desta tese que traz reflexões com base em autores brasileiros e de língua espanhola, sobre um conjunto de ações que apesar da distância física entre países e pessoas, as ideias têm circulado, até em uma velocidade razoável. Entretanto, a aplicação das mesmas nem sempre possível, faz com que ideias “velhas” sejam rerepresentadas, como a da criação de uma

rede de bibliotecas escolares, que chega ao Brasil, no 1º *Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares* (1982). Naquela década, enquanto tal ideia era discutida no Brasil, no Mundo da Vida, muitas crianças que não tinham acesso à biblioteca na escola, se enchiam de entusiasmo, pela possibilidade de leitura ou de recreação, corriam atrás do carro-biblioteca.

A descrição que segue é uma cena que trago na memória. Foi presenciada em uma manhã do ano de 1985, quando fazia estágio curricular no carro-biblioteca do Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina.

Do carro-biblioteca, acompanhei um menino, de aproximadamente 10 anos, que corria atrás desse veículo em um trecho da estrada de acesso ao Bairro Rio Vermelho, em Florianópolis, enquanto seguíamos em direção à praça, em frente à escola municipal. O menino banhava-se na poeira enquanto seguia o carro. Durante sua corrida, uma das suas sandálias arrebentou. E uma parada quase imperceptível, ele a resgatou do chão, mantendo-se firme no propósito de alcançar o carro-biblioteca. No entanto, vencido pelo motor, o menino parou, o carro seguiu e não vi mais o menino. É possível que, mais tarde, ele tenha encontrado o carro-biblioteca na praça em frente a escola daquele bairro. Naquela época, esse carro representava uma oportunidade de lazer, de contato com o livro, com a novidade das histórias, com a leitura, para as crianças e jovens das escolas,.

Hoje, após quase três décadas dessa experiência, ainda há muitas escolas brasileiras sem biblioteca, meninos e meninas correndo atrás de livros, e se a biblioteca demora a fazer parte de suas vidas na escola, seguem procurando outra ocupação diante dessa carência, enquanto têm a conduta modelada, e distanciada desse ambiente de leitura.

Em 2016, o Brasil ocupava o 63ª lugar entre os 75 países participantes do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA)⁷, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Esse quadro me remete à pesquisa *Retratos da*

⁷ O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) é um estudo realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com alunos de 15 e 16 anos, para medir seu conhecimento nas áreas de matemática, ciências e leitura. a avaliação é trienal, incorporando adolescentes dos 30 países membros dessa instituição e de países convidados, como o Brasil (INEP, 2017). os estudantes brasileiros têm participado dessa avaliação desde 2000. segundo o mec (BRASIL, 2016), no pisa de 2015, participaram 72 países e o Brasil ficou na 63ª colocação em ciências; 59ª em leitura e 66ª em matemática, abaixo do nível básico de conhecimento.

*leitura no Brasil*⁸, sobre a qual Failla (2016, p. 24) afirma que “[...] os menos escolarizados e com pior situação socioeconômica são os que mais respondem que a leitura pode fazer uma pessoa vencer na vida”. Portanto, as crianças têm percepção de que o Estado precisa dar atenção à educação pública.

Se, conforme lembra Ezequiel Theodoro da Silva (2012, p. 109), o período em que o aluno mais lê é quando está na escola, “[...] a solução para os nossos problemas de leitura, com elevação dos seus padrões de desempenho, frequência, intensidade, eficiência etc., depende, necessariamente, das condições para a produção da leitura ‘na escola mesmo’”. Esse autor afirma que

[...] sem a melhoria da infraestrutura escolar, sem a melhoria do ensino, sem a qualificação dos professores e sem serviços biblioteconômicos eficientes, o que nos remete às partes essenciais de uma mediação educativa rigorosa e consequente, será muito difícil ou mesmo impossível colocar o Brasil num outro patamar de fruição da leitura da escrita, seja ela manuscrita, impressa ou virtual (SILVA, 2012, p. 109).

Segundo a estatística do Censo Escolar 2016, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2017), quase metade das escolas brasileiras não tem biblioteca. Além disso, há outros estudos do governo, que revelam as condições desfavoráveis das bibliotecas escolares no Brasil. Um pouco pode ser percebido na descrição de Gabriel, um estudante de escola pública, cuja fala encontra-se na epígrafe deste capítulo.

Em Santa Catarina, segundo os dados do Censo Escolar (INEP, 2017), o percentual é um pouco melhor que o nacional. Das 6.278 unidades escolares públicas e privadas, 51% têm biblioteca, algumas possuem biblioteca e sala de leitura, outras apenas sala de leitura, contudo em 44% delas, não existe essa unidade (SANTA CATARINA, 2017).

Sabemos muito pouco acerca dessas unidades, como por exemplo, quais estão funcionando. Não existem dados sobre o acervo, o espaço físico, as atividades e os serviços oferecidos e se estão

⁸ O Instituto Pró-Livro realizou quatro edições da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, publicadas em 2001, 2008, 2012 e 2016. Disponíveis em: <http://prolivro.org.br>. Acesso em: 15 nov. 2016.

condizentes com o número de alunos; sobre os responsáveis por esses espaços, se trabalham exclusivamente na biblioteca, e por quantas horas; se há computadores e como são utilizados, e como os professores utilizam esse espaço.

Se todo o conhecimento teórico se desenvolve a partir do que o homem encontra na natureza e retorna ao ambiente do conhecimento do senso comum, é preciso ficar atento ao que as pessoas dizem sobre as coisas. O seu dizer revela fenômenos derivados do já conceituado, por meio de uma atitude reflexiva. Os fenômenos não precisam ser comprovados. Eles são o que são e aparecem espontaneamente por intermédio da fala.

A lembrança de um menino que um dia vi seguir um carro-biblioteca, os fatos transcorridos entre aquele momento e o Aqui e Agora, ilustram meu interesse pela biblioteca escolar, pelas pessoas em torno dela, mais especificamente pelo aluno, para quem o Estado tem como dever oferecer educação básica e de qualidade. Para esta pesquisa penso nas ações e sentidos gestados na escola, relacionados às suas bibliotecas e à percepção que o aluno tem dela.

Um conceito como algo prescrito, ao ser aplicado no Mundo da Vida, receberá vida e sentido dado pelas pessoas que lidam com o objeto em si, nesse mundo. Portanto, entre o ideal (conceito) de biblioteca escolar e o que ocorre na escola quando esse conceito sai do “mundo estático”, prescrito, e entra em movimento pelas ações e interações que se dão entre as pessoas ao fazerem uso desse espaço, que sentido tem a biblioteca escolar?

Voltei-me, então, para o Mundo da Vida, que segundo Schutz (2012b), é o lugar da atitude natural. É o mundo da relação entre semelhantes, da experiência do pensamento de senso comum. É um mundo de trocas, portanto intersubjetivo. Local onde afloram os fenômenos sociais.

Voltei-me para esse mundo, buscando respostas à seguinte questão: qual o sentido de biblioteca escolar expresso pelos alunos⁹ de escolas públicas estaduais de Santa Catarina, no último ano da educação básica?

Para alcançar tal intento, elegi como objetivos específicos:

⁹ A LDB emprega as expressões educando, aluno e estudante para designar jovens e adolescentes nos ensinamentos fundamental e médio da educação básica. Na presente pesquisa optou-se pela expressão aluno por entendê-la mais abrangente, de uso comum no meio escolar e fora dele, conforme documentos citados nesta tese e os discursos dos entrevistados.

- a) apreender, no ambiente da escola pública estadual catarinense, o sentido que o aluno tem de biblioteca escolar;
- b) questionar o aluno do último ano da educação básica sobre a sua compreensão acerca de biblioteca escolar;
- c) conhecer o sentido de biblioteca escolar desvelado nos discursos dos alunos participantes da pesquisa.

Tratando-se de pesquisa fenomenológica, não há hipótese a ser confirmada ou contestada. O conhecimento do senso comum no subjetivo dos atores sociais é coletado, tratado e conhecido, revelando um fenômeno.

Esta tese é constituída por sete capítulos. No primeiro, são apresentados o tema, as razões da pesquisadora para elegê-lo, sua biografia, e objetivos da pesquisa. O segundo capítulo trata da sua fundamentação teórico-epistemológica: a Fenomenologia Social de Alfred Schutz entrecruzada à Fenomenologia de Edmund Husserl e à Sociologia Compreensiva de Max Weber, associada ao processualismo sócio-histórico de Norbert Elias, e ao construcionismo social de Peter Berger e Thomas Luckmann. O terceiro capítulo aborda o direito à educação e à informação vinculada à história da biblioteca escolar no Ocidente, conceitos, terminologias, e instituições envolvidas com a criação de biblioteca nas escolas. O quarto capítulo versa sobre a biblioteca escolar no Brasil, e sua relação com a formação do bibliotecário, às ações do governo e pesquisas sobre esse tema, mostrando uma face qualitativa e quantitativa, a envolver governo e categorias profissionais. No quinto capítulo, é apresentada sua fundamentação metodológica, sustentada pela Teoria das representações sociais de Serge Moscovici, e indica os procedimentos metodológicos utilizados: a definição do contexto, sujeitos participantes da pesquisa, procedimentos éticos, instrumentos utilizados, a coleta de dados e seu tratamento, destacando-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), de Ana Maria Cavalcanti Lefèvre e Fernando Lefèvre. No sexto capítulo apresenta os resultados e análise. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA

Todo pensar, e sobretudo todo pensar e conhecer teóricos, perfaz-se em certos “atos” que surgem em conexão com a fala em que se exprimem.

Edmund HUSSERL
Investigações lógicas

Esta tese tem sustentação teórico-epistemológica na Fenomenologia Social de Alfred Schutz cujo olhar se projeta para o Mundo da Vida. Essa teoria tem assento principal nas obras de Edmund Husserl e Max Weber. Nesta pesquisa também são utilizadas as lentes teóricas de Norbert Elias (1993, 1994, 1998), e de Peter Berger e Thomas Luckmann (2003). Esse capítulo é constituído por cinco seções. As três primeiras dedicadas às ideias de Husserl, Weber e Schutz. A quarta ao construcionismo social e a quinta ao processualismo ou configuracionismo histórico-social de Elias.

2.1 FENOMENOLOGIA

A fenomenologia schutziana foi concebida a partir de uma longa dedicação de Schutz às obras do filósofo Edmund Husserl (1859-1938) e do sociólogo Max Weber (1864-1920), principalmente as suas obras *Investigações lógicas*¹⁰ e *Economia e Sociedade* (1921). Estudos de outros pesquisadores como os de Henri Bergson, George Herbert Mead, William James, John R. Dewey, Alfred North Whitehead e Max Scheler, contribuíram no processo de construção de sua obra. Contudo, se formos separar esses nomes pelo grau de influência na obra schutziana, no primeiro bloco estariam Husserl e Weber.

A marca husserliana na obra de Schutz centra-se nas noções de *intencionalidade*, *intersubjetividade* e *Lebenswelt* (Mundo da Vida) e redução fenomenológica. A marca weberiana deu-se pelos conceitos de *Verstehen* (compreensão interpretativa), tipo ideal. Essas marcas o guiaram e lhe deram o caráter único de sua obra. (BREDA, 2008; GORMAN, 1979).

¹⁰ A obra reúne uma série de manuscritos que foram produzidos por Husserl entre 1900 e 1901. O título de cada uma dessas publicações manteve-se *Investigações lógicas*, diferenciando os subtítulos. (HUSSERL, 1990).

A expressão “Fenomenologia” começou a ser utilizada no século XVIII, por Lambert no *Novo Organón* (1764). Cogita-se que tenha sido por influência dessa obra, que Kant faz uso desse termo em duas cartas, antes de publicar *Crítica da razão pura*. Uma, em 1770, quando escreveu à Lambert, defendendo que a *phaenomenologia generalis* deveria anteceder a metafísica, e outra, em 1772, quando se dirige a Marcus Herz expondo suas ideias acerca da *Crítica da razão pura*. Nessa obra as ideias de Kant são inicialmente publicadas em 1783 sob o título *Prolegômenos*, com a intenção de apresentá-la de forma que seus fundamentos pudessem ser previamente conhecidos e compreendidos. Mas a obra prima de Kant foi publicada em 1871, e após sua morte, ocorrida em 1804. Antes dela, Hegel publica *Fenomenologia do espírito, em 1807* (DARTIGUES, 1973).

Nas páginas preliminares da *Crítica da razão pura*, Kant (1980, p. 8) enfatiza o estudo de David Hume (1711-1776) acerca do entendimento “da conexão entre causa e efeito” para o conceito da metafísica, e assim, se expressa:

Quando se parte de um pensamento já fundamentado, apesar de não mais ter sido desenvolvido, que um outro nos deixou, pode-se esperar ser possível levá-lo, através da reflexão, mais além do que o perspicaz homem, a quem se deve a primeira centelha desta luz, o levou (KANT, 1980, p. 10).

Foi a partir de Hume que Kant (1980, p. 11) passou “[...] a tratar da dedução desses conceitos, os quais, agora tinha certeza, não haviam sido deduzidos da experiência, como pensava Hume, mas originavam-se do entendimento puro”. Para Kant (1991, p. 19) “[...] o conceito é *empírico* ou *puro*, e enquanto tem sua origem unicamente no entendimento [...] denomina-se notio. Um conceito a partir de noções, que ultrapassa a possibilidade da experiência, é a *ideia* ou o conceito racional.” Assim, na ideia kantiana, a razão não é adquirida pela experiência, mas nasce com todos os homens.

Segundo Kant (1991, p. 16) o conceito facilita a comunicação. Podemos ficar confusos à procura de uma expressão que melhor represente o sentido de um conceito por nós utilizado “[...] na falta da qual não pode fazer-se entender corretamente nem a outros e nem mesmo a si próprio.”

Lambert, Kant, Hume e Hegel foram alguns dos autores que contribuíram para o desenvolvimento da Fenomenologia. Todavia, a sua consolidação dá-se no final do século XIX, quando Husserl afirma que a Fenomenologia é transcendental. Esse ramo da filosofia, surge como uma lente aclaradora para as pesquisas da área das ciências sociais, em uma época que a centralidade dos estudos dava-se pelo positivismo cartesiano, base das explicações das ciências da natureza, ditas “duras” ou “puras”. Acerca da base positivista de se fazer ciência, Dartigues (1973, p. 74) expressa que

[...] a objetividade supôs a colocação entre parênteses do sujeito humano e dos modos de apreensão subjetivos da realidade. O cientista fala como se ele emprestasse sua voz ao ser, como se este, em sua profundidade, fosse constituído pelos próprios esquemas e fórmulas que o cientista enuncia.

Para Husserl, a Fenomenologia é a única ciência que se aproxima da essência da natureza, no sentido de melhor compreender o homem no seu Mundo da Vida. Por meio do distanciamento do conceito da coisa existente, no âmbito do conhecimento teórico, se consegue alcançar a essência dessa mesma coisa dada no âmbito do conhecimento do senso comum. Isso é o que propõe a Fenomenologia, porque as coisas são o que são, pelo sentido que o homem dá a elas no meio social onde convive com outros, o seu Mundo da Vida, atribuídas como fenômenos revelados pela fala.

A Fenomenologia preocupa-se em estudar as essências da realidade vivida, tal qual ela é. Estuda o que está na mente e o que está fora da mente dos atores sociais, pois a realidade influencia o que é construído pelo indivíduo por intermédio do pensamento. Husserl (1990) utiliza os conceitos de imanência (consciência) e transcendência (o objeto em si). Esses conceitos se referem, respectivamente, aos mundos interno e externo do indivíduo – o mundo da mente e o mundo fora da mente -, ou ainda, o psicológico e o sociológico. No cerne da Fenomenologia husserliana está o conceito de “intencionalidade”, ou aquilo que impulsiona a ação. Para Husserl (1980, p. viii), a consciência é intencionalidade dirigida a alguma coisa, e a intencionalidade é “[...] uma atividade constituída por atos (percepção, imaginação, especulação, volição, paixão, etc.) com os quais visa algo”. A consciência está sempre voltada a um objeto, portanto não há objeto sem sujeito. Para a

Fenomenologia o objeto do conhecimento não é o sujeito e nem o mundo, mas o mundo vivido pelo sujeito. Portanto, a ênfase são os fenômenos cognitivos, aquilo que perpassa pela mente.

Segundo Husserl (1990), a Fenomenologia é uma

[...] doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento. [...] ciência dos fenômenos cognoscitivos [...] designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas, mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, [...] designa um método e uma atitude intelectual: a *atitude intelectual* especificamente *filosófica*, o *método* especificamente *filosófico*. [...] doutrina da essência dos fenômenos cognitivos (HUSSERL, 1990, p. 22-74, grifo do autor).

Para Sokolowski (2012, p. 10) é “[...] o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência”. Segundo Abbagnano (2007, p. 439) é “[...] aquilo que, acima de tudo e na maior parte dos casos, não se manifesta, o que está escondido, mas que é capaz de expressar o sentido e o fundamento daquilo que, acima de tudo e na maior parte dos casos, se manifesta.” Na concepção de Husserl (1990, p. 35), a palavra “fenômeno” tanto pode significar o aparecer quanto o que aparece. “[...] Utiliza-se de preferência para o próprio aparecer, para o fenômeno subjetivo”. Flusser (2013, p. 96), acrescenta que fenômeno “[...] não é uma ‘coisa em si’, mas algo que se manifesta numa observação” através da mente. O fenômeno não é a coisa que está na mente do cientista, mas na mente de quem ele observa, sendo pinçada por ele, por meio de sua ciência. Se, tudo que surge é fenômeno, a Fenomenologia, conforme Dartigues (1973), está acima de todo domínio científico podendo iluminar todos os caminhos da investigação humana.

Segundo Dartigues (1973, p. 52-53) para compreendermos um comportamento, é preciso “[...] percebê-lo, por assim dizer, do interior, do ponto de vista da intenção que o anima, logo, naquilo que o torna propriamente humano e o distingue de um movimento físico.” Mas como prová-lo? Para Sokolowski (2012, p. 228) “[...] não se prova o realismo – como se poderia fazê-lo? – se o expõe.” O recurso de Husserl para que o pesquisador faça uso para que o fenômeno apareça e seja conhecido, é o da redução fenomenológica ou *epoché*. Trata-se de uma operação mental na qual o pesquisador coloca suas crenças

(preconceitos) entre parênteses. No Mundo da Vida, onde prevalece o conhecimento do senso comum e da atitude natural, a dúvida permanece em *epoché*. O cientista social, que faz parte desse mundo, guarda dele as suas certezas. Certezas que o faz agir quase que sem pensar sobre o que o cerca.

De forma didática, Flusser (1966) explica o significado de *epoché*, sugerindo que imaginemos estar diante de uma roda “velha” de bicicleta e, diante dela,

[...] procura reduzir todos os conhecimentos que tenho de um objeto, a fim de permitir que possa captar a essência do objeto. É de certa maneira, o método da ‘pop art’. Pego a roda de uma bicicleta velha e pinduro na parede. Procuo esquecer tudo que sei a seu respeito. Inclusive que é ‘roda de bicicleta’. E o objeto assim exibido começa a revelar a sua essência mesma (FLUSSER, 1966, p. 36).

É um exercício para entender esse princípio husserliano, tentando esquecer que está diante desse objeto para ver/captar/perceber outra coisa. O poeta brasileiro, Manoel de Barros (2010), utilizaria a expressão “transver”¹¹, ou ver além.

A analogia apresentada por Manoel de Barros (2010) acerca de um braço de rio, que sugere a imagem de um vidro mole, nos ajuda a compreender o que é Fenomenologia, e aquilo que Vilém Flusser (1966) sugere para melhor compreender o conceito de *epoché* ou redução fenomenológica (“trancar” nossas crenças em algum lugar), sem a qual é impossível captar os fenômenos e deixá-los aparecer.

Habitado ao distanciamento e ao exercício do transver, Barros (2010), apresenta no poema *Uma didática da invenção*, a analogia de um rio que transita pelos universos do conhecimento teórico e de senso comum.

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa. Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma

¹¹ A expressão de Manoel de Barros significa liberar a imaginação para ver outras coisas. Um exemplo? Quem um dia, olhando para o céu, apreciando o formato das nuvens, não viu nelas outras coisas? Para Manoel de Barros (2010, p. 350), “*O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê*”, vê além do visto.

cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem (BARROS, 2010, p. 303).

Em essência, o que haveria em comum entre o conceito de enseada e “cobra mole”? Não seria a palavra água? E a palavra água, sozinha, consegue traduzir tudo que o que o autor/personagem vê e vive? Coisas sem palavras que as representem, são não-coisas, portanto inexistem. Portanto, sem palavra não há descoberta. Flusser (1966, p. 36), reforça que o método fenomenológico “[...] procura reduzir todos os conhecimentos que tenho de um objeto, a fim de permitir que possa captar a essência do objeto.” Portanto, as explicações dos fenômenos sociais devem ser buscadas nos próprios indivíduos implicados em um fato ou tema sustentados por eles onde vivem.

2.2 SOCIOLOGIA COMPREENSIVA

A obra de Weber também instigou Alfred Schutz que a estudou de 1924 a 1928. Em *Economia e Sociedade*, obra póstuma publicada em 1921, Weber apresenta seus conceitos sociológicos fundamentais: ação, ação social, sentido da ação, relação e estrutura social, tipologia da ação social, e a composição do que denomina de nível micro e macrosociológico da ação racional, além do recurso metodológico “tipo ideal” (WEBER, 2012).

Nessa obra, Weber expressa o interesse pelo sentido que a ação tem para quem a executa, ou ação subjetiva, e pela ação racional.

Para outros fins de conhecimento talvez possa ser útil ou necessário conceber o indivíduo, por exemplo, como uma associação de ‘células’ ou um complexo de reações químicas, ou sua vida ‘psíquica’ como algo constituído por diversos elementos individuais (como quer que sejam qualificados). Sem dúvida, obtêm-se desse modo conhecimentos valiosos (regras causais). Contudo, nós não *compreendemos* o comportamento expresso em regras desses elementos. Também não compreendemos quando se trata de elementos psíquicos, e tanto *menos* quanto maior a precisão, no sentido das ciências naturais, com que são concebidos: jamais é este o caminho certo para chegar a uma interpretação que se baseia no

sentido visado (WEBER, 2012, p. 8-9, grifo do autor).

Para Weber (2012, p. 6, grifo do autor), compreensão refere-se à

[...] apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido: *a*) efetivamente visado no caso individual (na consideração histórica), ou *b*) visado em média ou aproximadamente (na consideração sociológica em massa), ou *c*) o sentido ou conexão de sentido a ser construído cientificamente (como ‘ideal-típico’) para o tipo *puro* (tipo ideal) de um fenômeno frequente.

Na concepção de Weber (2012, p. 3, grifo do autor), ação é “[...] um comportamento humano (tanto faz tratar-se de um fazer externo ou interno, de omitir ou permitir) sempre que/na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um *sentido* subjetivo”. A *ação* é social quando o “[...] seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de *outros*, orientando-se por este em seu curso”.

Para Weber, as ciências sociais devem observar duas ordens de problemas: a da racionalidade na perspectiva do ator (observação de primeira ordem) e a da racionalidade na perspectiva do observador (observação de segunda ordem). No primeiro nível, estão os elementos subjetivos da compreensão da ação do ponto de vista do ator e, no segundo, a defesa de que a ciência deve ter como referência o sentido subjetivo da ação para o ator (SELL, 2013a).

Atento às mudanças de comportamento social e defendendo a ideia que os fenômenos sociais e históricos podem ser compreendidos racionalmente, Weber (2012) tipifica a ação social pelo grau de racionalidade que o ator social empreende para realizá-la. A tipologia weberiana da ação parte daquela que possui maior nível de racionalidade para a de menor nível e da relação que cada uma delas possui com os meios, fins, valores e efeitos.

Figura 1 - Tipologia weberiana da ação

Tipos de ação	RELAÇÃO			
	Meios	Fins	Valores	Efeitos
Racional referente a <i>Fins</i>	+	+	+	+
Racional referente a <i>Valores</i>	+	+	+	-
<i>Afetiva</i>	+	+	-	-
<i>Tradicional</i>	+	-	-	-

Fonte: Garcez (2014b, p. 72).

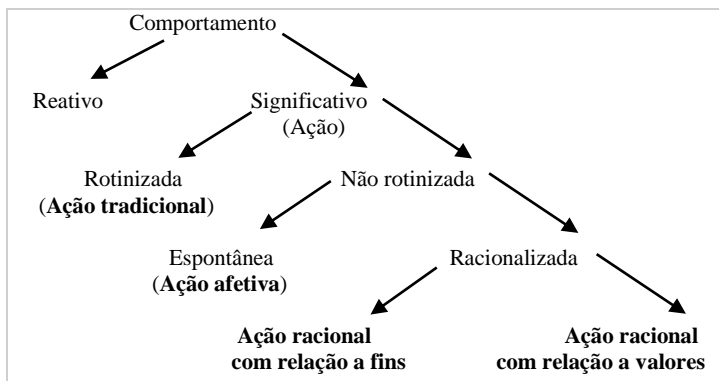
A ação racional referente a fins é orientada por regras, por isso de mais fácil compreensão. A ação racional referente a valores é orientada pela crença em valores éticos, religiosos, estéticos etc. A ação afetiva é desencadeada por um estado emocional atual, prevalecendo a espontaneidade. A ação tradicional, mero hábito (WEBER, 2012).

A interação de Weber com o seu meio social é evocada por Johnson (1997), quando afirma que o grau de racionalização determinado nessa tipologia é resultado das observações de Weber sobre o crescimento do capitalismo industrial e sobre a complexidade da sociedade e da vida das pessoas envolvidas em princípios racionais, em uma sociedade acionada pela produção, controle, eficiência, lucro. O capitalismo faz com que o Estado e as empresas avancem no controle da vida dos indivíduos, acionando o aumento da burocracia. Os laços afetivos entre os indivíduos são diminuídos por exigência de racionalidade nas ações do homem moderno.

Mas a Teoria da ação de Weber recebe críticas. Segundo Habermas (2012), ela se mantém distante da sua *Teoria do agir comunicativo* e isso se dá porque Weber não explica o sentido da ação a partir de significados linguísticos. Habermas (2012, p. 486) argumenta que o “[...] fundamental para ele [Weber] não é a relação interpessoal entre pelo menos dois sujeitos aptos a falar e agir – o que apontaria ao entendimento pela linguagem –, mas a atuação propositada de um sujeito solitário da ação”. Habermas, (2012, p. 493) avança nas suas considerações, ao dizer que não vê a vontade dos atores sendo considerada no modelo weberiano. Para ele, esse modelo é centrado no subjetivo, desconsiderando elementos fundamentais da relação de um ator com o outro, como a comunicação para a ação intersubjetiva (HABERMAS, 2012). Schluchter (2011), por outro lado, critica o modelo weberiano, porque ele deixa de descrever a ação afetiva e a ação

tradicional. Essa crítica levou Schluchter a apresentar em 1996, uma proposta alternativa a esse modelo, cujo esquema é apresentado a seguir.

Figura 2 - Proposta de Schuchter ao modelo weberiano da ação social

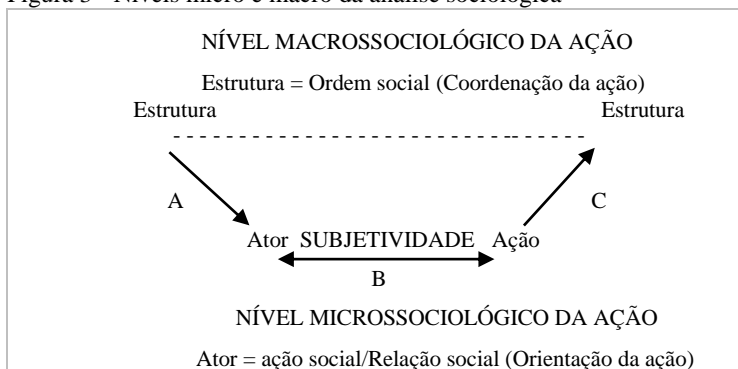


Fonte: Garcez (2014b, p. 72).

Segundo Sell (2013b), essas críticas foram desencadeadas a partir de Schutz. Conforme Sell (2013b, p. 16), Schluchter e outros que criticaram a tipologia weberiana da ação, fizeram uso “[...] das indicações de Alfred Schutz, [que] rompeu com a habitual interpretação escalar descendente atribuída a Weber”.

Weber previu dois níveis da análise sociológica. Pela sua representação esquemática é conhecida como Modelo da Banheira. Nele, encontram-se o nível (ator e ação social, ou seja, relação social) e o nível macro (estrutura social, ou seja, ordem social).

Figura 3 - Níveis micro e macro da análise sociológica



Fonte: Garcez (2014b, p. 73).

Observando a Figura 3, a análise sociológica weberiana parte do nível microssociológico, no qual está situado o ator social e a orientação de sua ação em relação a outro ator. É a partir desse nível que se desenvolve a relação social. Para Weber (2012, p. 16), o conceito de relação social refere-se ao comportamento recíproco “[...] quanto a seu conteúdo de ‘sentido’ por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência”. Esse conteúdo pode ser diversificado. Por exemplo, estar na intenção dos atores fazer a paz ou a guerra, não importa o seu sentido, mas a reciprocidade da ação. É essa reciprocidade que sustenta a estrutura social. O nível macrossociológico representa a ordem social. Essa ordem engloba as esferas econômica, religiosa, cultural, artística, política, erótica e intelectual – que com suas normas regulam a ação social, afetando a todos no Mundo da Vida, ou no nível microssocial. Para Schluchter (2012, p. 329), é justamente a transição da orientação do nível micro da ação para a coordenação da ação, no nível macro, que pressupõe o conceito de relação social.

Outra contribuição da Sociologia Compreensiva para as ciências sociais é o conceito de “tipo ideal”, um constructo mental, que segundo Weber (2012, p. 5), “[...] permite compreender a ação real, influenciada por irracionalidades de toda a espécie (afetos, erros), como ‘desvio’ do desenrolar a ser esperado no caso de um comportamento puramente racional”. Ainda, de acordo com Weber (2012, p. 5) é somente pelo uso desse recurso metodológico que a sociologia compreensiva é racionalista.

Esse recurso metodológico destina-se a

[...] ensejar a orientação do cientista no interior da inesgotável variedade de fenômenos observáveis na vida social. Consiste em enfatizar determinados traços da realidade [...] até concebê-los na sua expressão mais pura e conseqüente, que jamais se apresenta assim nas situações efetivamente observáveis. [...] esses tipos necessitam ser construídos no pensamento do pesquisador, existem no plano das ideias sobre os fenômenos e não nos próprios fenômenos. [...] não é senão a forma assumida no plano metodológico pela mesma ‘vocalização para o exagero’, pois corresponde ao pressuposto de que a realidade social só pode ser conhecida quando aqueles traços seus que interessam intensamente ao pesquisador são

metodicamente exagerados, para em seguida se poderem formar com clareza as questões relevantes sobre as relações entre os fenômenos observados (COHN, 199, p.8).

Segundo Freund (2003, p. 52-53), os tipos ideais

Em si mesmo, não são, pois verdadeiros, nem falsos; porém, como todo instrumento técnico, são úteis ou inúteis. Todas [...] estas observações se ligam à ideia que Weber faz da ciência. Como é uma pesquisa indefinida, os conceitos devem ficar sempre superados, pois o conhecimento só progride em virtude exatamente dessa superação. Daí a necessidade de elaborar tipos ideais sempre novos, não somente porque ‘o fluxo eternamente móvel da civilização levanta problemas sempre novos’, mas também porque a humanidade não cessa de indagar, a partir de outros pontos de vista, a realidade que ela acredita conhecer.

De acordo com Cohn (2012, p. xiii-xv), a palavra “sociedade” não expressa o “[...] conceito central na terminologia weberiana, na qual é substituído nos momentos decisivos por uma expressão que designa mais propriamente as relações interindividuais constitutivas da sociedade do que esta como rede de relações já dada”.

2.3 FENOMENOLOGIA SOCIAL

Sociofenomenologia e Fenomenologia Compreensiva são expressões também utilizadas para designar a Fenomenologia Social de Alfred Schutz, e indicam a forte influência de Husserl e Weber, em Schutz.

Schutz nasceu na Áustria, em 1899. Estudou direito e ciências sociais. Em 1921 doutorou-se em filosofia do direito. De 1924 a 1928, Schutz estudou a teoria da ação social de Weber, buscando entender, principalmente, o “postulado da compreensão subjetiva”, também traduzido como “postulado da interpretação subjetiva”. Neste ponto, discordou dos argumentos de Weber, entendendo que o sociólogo desconsiderava o aspecto intersubjetivo na ação social. Ainda neste período, por sua pesquisa envolver processos mentais do ator social, Schutz recorreu aos conceitos de mente, memória, consciência e reflexão de Henri Bergson, e outros.

Schutz atuava como advogado, quando em 1927, passou a integrar o quadro da *Reitler and Company*, uma empresa bancária vienense. De 1928 a 1931, dedicou-se à Fenomenologia Transcendental de Husserl. Segundo Wagner (2012, p. 12) “[...] com exceção dos últimos anos de sua vida, Schutz sempre dividiu suas atividades entre seus empreendimentos acadêmicos e sua atuação no campo dos negócios”. Conforme Eufrásio (2007, p. 147) “[...] durante décadas [Schutz] foi, como Edmund Husserl dizia dele brincando: ‘um homem de negócios durante o dia e um filósofo da corrente fenomenológica à noite’”.

Após a publicação de sua única obra em vida, *A construção significativa do mundo social* (1932), Schutz recebeu uma carta de Husserl reconhecendo esse trabalho, e a manifestação de que fora um dos poucos a alcançar o sentido mais profundo da obra husserliana (BREDA, 2008).

À convite de Husserl, Schutz integrou o quadro docente da Universidade de Friburgo (Alemanha), onde permaneceu curto período de tempo, retornando à Viena.

Desde o primeiro contato Schutz e Husserl, tornaram-se amigos. Afirma Correia (2005, p. 12-13), que Schutz foi “[...] um correspondente privilegiado e um interlocutor de Edmund Husserl” até a sua morte, em 1938.

Com a iminente invasão da Áustria pela Alemanha nazista, em 1938, Schutz emigra para Paris, e em 1939 para os Estados Unidos, instalando-se em Nova York, onde sua empresa abriu uma filial. Na América, continuou atuando no mercado financeiro, foi professor na *University Exile*, participou da fundação da *International Phenomenological Society*. Em 1941, integrou o conselho editorial da revista *Philosophy and Phenomenological Research*, colaborando também com outras revistas. Como ensaísta, publicou textos em francês, inglês, alemão e espanhol (MARTÍN ALGARRA, 1993).

Em 1959, quando faleceu, Schutz preparava o seu segundo livro *As estruturas do mundo da vida*, publicado por Thomas Luckmann em 1973. Em 1966, Luckmann publica com Peter Berger, *A construção social da realidade*.

Além das obras citadas, uma publicada em vida e outra após seu falecimento e em coautoria com Luckmann, os ensaios escritos por Schutz a partir de 1940, passaram a ser reunidos e publicados com o título *Collected Papers*. A obra publicada entre 1940 a 2012, reúne seis volumes: *I The problem of social reality* (1962); *II Studies in social theory* (1964); *III Studies in phenomenological philosophy* (1966);

Collected Papers IV (1996); *V Phenomenology and the social sciences* (2011); e *VI Literary reality and relationships* (2012).

Mundo da Vida é um conceito da Fenomenologia husserliana adotado por Schutz na sua Fenomenologia Social centrada na intersubjetividade. Esse mundo é o nosso mundo imediato, o mundo no qual todos nós agimos e interagimos, ambiente da ação ou da atitude natural, no qual predomina o conhecimento do senso comum. Mundo que nos foi dado por nossos predecessores. O aceitamos sem resistência enquanto assimilamos as suas coisas, naturalmente. É o mundo da relação entre semelhantes. Mundo-nascente de todos os conceitos científicos (SCHUTZ, 2012b).

No Mundo da Vida as ações e interpretações possibilitadas pela linguagem, cooperação, interação, que o indivíduo mantém com seus “associados”, têm relação com o vivido por seus “predecessores”, “contemporâneos” e “sucessores”. O termo “associado” designa outro ator com quem o primeiro compartilha as experiências do cotidiano em uma relação de proximidade, reciprocidade, de interação *face a face*. Essa relação favorece o acesso aos sintomas do pensamento através dos gestos, do corpo, das expressões faciais e da fala. É a relação nós. Na concepção de Schutz, aquele que observa a ação entre esses atores, sendo ou não observador científico, é um contemporâneo deles, mas durante a ação observada não mantém com eles uma relação *nós*.

Entre os contemporâneos (aqueles que vivem no mesmo tempo que o ator social, mas não mantém com ele uma relação direta), os “associados” são os que o ator social mantém uma relação *face a face*, com quem compartilha um mesmo tempo e espaço. Os “contemporâneos” vivem no mesmo tempo, mas não mantém relação *face a face* com o ator social. Com os predecessores a situação é outra. Enquanto a relação compartilhada do ator que vive o presente inexistente com aqueles, o reflexo das ações dos predecessores têm contribuído no planejamento das ações dos contemporâneos. A experiência do ator social com os seus sucessores é nula. Inexistente pela impossibilidade de conviverem em um mesmo tempo-espaço. Contudo, as ações dos atores que vivem no presente podem alcançar seus sucessores, interferindo portanto, em ações futuras, em um outro tempo-espaço (SCHUTZ, 2008, 2012b).

Schutz (2008, p. 28) afirma que a realidade “[...] está constituída por el sentido de nuestras experiencias y no por la estructura ontológica de los objetos”. Esse sentido passa pela consciência, sem a qual não há realidade. Para compreender a realidade é preciso ter acesso às pessoas para saber delas o que pensam sobre determinado objeto da sua vida

cotidiana. O “Postulado da interpretação subjetiva” de Weber foi fundamental para essa nova concepção de ver e compreender o mundo social. Este postulado trata de orientar o pesquisador que as explicações científicas do mundo social devem considerar o significado subjetivo das ações dos seres humanos, que dá origem a realidade social.

O Mundo da Vida é um mundo onde tudo é tipificado. É a partir dessa tipificação, do nome que damos às coisas que recorremos ao nosso estoque de conhecimento à mão.

O argumento apresentado por Schutz (2008, p. 78) para se olhar esse laboratório vivo é o seguinte: “[...] puesto que los seres humanos no son fabricados en retortas, sino engendrados por madres, la experiencia de la existencia de otros seres humanos y del sentido de sus acciones es sin duda, la primera y más original observación empírica que hace el hombre”.

Schutz (2008) propõe uma compreensão da ação social a partir da “atitude natural” do sujeito situado no Mundo da Vida. Essa atitude é operada indistintamente por todos no mundo cotidiano. Ela brota naturalmente da relação entre semelhantes no desenrolar da existência cotidiana, da experiência do pensamento de senso comum, mundo que também é social e cultural. É, portanto, um mundo de trocas, um mundo intersubjetivo. Para vivermos nele, é preciso entender nossos associados e sermos compreendidos por eles. Isso, segundo enfatiza Schutz (2008, p. 74), “supone la intercomunicación y el lenguaje”. Schutz (1953, p. 11) afirma que nesse mundo cotidiano “[...] o vernáculo pré-científico pode ser interpretado como uma casa do tesouro repleta de características e tipos pré-constituídos recém formados, todos socialmente derivados e carregando um horizonte aberto de conteúdo inexplorado”.

O campo de observação do pesquisador em ciências sociais tem uma estrutura de significados e um sentido particular para quem vive, pensa e, nele, atua. Para Schutz (2008, p. 199) “sentido” refere-se ao “[...] resultado de una interpretación de una experiencia pasada contemplada desde el Ahora con una actitud reflexiva”. O sentido é representado pela linguagem discursiva, linguagem e relação face a face tornam-se fundamentais para a construção e percepção dos fenômenos sociais.

De acordo com Schutz (2008, p. 32), “[...] el primer desafío planteado a quienes procuran comprender la realidad social es asinalar la subjetividad del actor captando el sentido que un acto tiene para él, eje del mundo social”.

Para o fundador da Fenomenologia Social, o conhecimento, teórico ou pré-teórico, é originário de interpretações,

Todo nuestro conocimiento del mundo, tanto en el sentido común como en el pensamiento científico, supone construcciones, es decir, conjuntos de abstracciones, generalizaciones, formalizaciones e idealizaciones propias del nivel respectivo de organización del pensamiento. [...] los hechos puros y simples no existen. [...] se trata siempre de hechos interpretados, ya sea que se los considere separados de su contexto mediante una abstracción artificial, [...] significa que en la vida diaria [...] captamos solamente ciertos aspectos de ella: los que nos interesan para vivir o desde el punto de vista de un conjunto de reglas de procedimiento aceptadas para el pensar, a las que se denomina método científico (SCHUTZ, 2008, p. 36-37).

O conceito de compreensão trazido de Weber (2012), equivalente à compreensão interpretativa, refere-se à subjetividade. Está centrado no significado ou sentido pretendido pelo ator social ao executar determinada ação, em contraste com o sentido que essa mesma ação tem para seu associado (ator participante da ação) e para o ator que observa agir, e também o observador científico.

Schutz refere-se a dois tipos de observador: a) aquele que faz parte do grupo, mas que não participa diretamente da ação, ou seja, omite-se conscientemente, e que de certa forma colabora para o desfecho da ação; e b) aquele que não mantém nenhum vínculo com o grupo observado. É o observador-cientista. Seu único vínculo é com a sua ciência. É também chamado de observador neutral: um “estrangeiro” (SCHUTZ, 2008; 2010; 2012a).

Segundo Schutz (2008), os constructos que participam da experiência de sentido comum do mundo intersubjetivo da vida cotidiana são de primeiro nível e ligados a elementos subjetivos da compreensão de uma ação do ponto de vista do ator. Os constructos de segundo nível, ou seja, de uso das ciências sociais também nascem desse mundo intersubjetivo.

Se, para Schutz (2008, p. 82), a aspiração das ciências sociais é explicar a realidade social, os constructos que utiliza “[...] deben incluir una referencia al sentido subjetivo que tiene una acción para el actor”.

Os conceitos de “comportamento”, “ação” e “ato” estão imbricados como o de intencionalidade, originário em Husserl (1980).

Para Schutz (2012, p. 436) “[...] um ato intencional é qualquer ato no qual e pelo qual uma pessoa experiencia um objeto, seja ele físico ou ideal. Por meio dele, o próprio objeto é cognitivamente constituído”. A ação é um ato não concluído – é o seu processo. O ato é o resultado desse processo - a ação concluída. Por sua vez, comportamento

[...] se refiere a todo tipo de experiencias espontáneas subjetivamente providas de sentido, sean las de la vida interior o las que se insertan en el mundo externo. [...] El comportamiento ideado de antemano, es decir, basado en un proeycto preconcebido, será llamado acción con independencia de que sea manifiesto o latente (SCHUTZ, 2008, p. 200).

Como se vê, para esse teórico, “comportamento” está relacionado à experiência espontânea que tem sentido. Quando preconcebido é uma ação. Para Schutz há dois tipos de ação: a) Manifesta - quando se refere ao mero fazer, ou seja, é explicitada no mundo externo - a ação em si (uma execução); b) Latente - quando alude ao mero pensar e, portanto integra o mundo interno do ator. Subdivide-se em latente com propósito, e latente sem propósito. O pensado quando colocado em prática, é uma ação denominada efetuação; quando não, é mera fantasia (SCHUTZ, 2008).

Para Schutz (2008; 2012b) o pesquisador deve dar atenção à situação biográfica dos atores investigados, uma vez que a sua biografia tem relação com a intencionalidade ou orientação das ações por meio dos “motivos-para” (intenções) e dos “motivos-porque” (razões) da ação concluída - um ato.

Conforme exemplifica Schutz (2008), os “motivos-para” da ação de um ator que assaltou uma pessoa está na ação projetada, na decisão de executá-la, portanto, tem relação com o futuro. Contudo, questiona: o que motivou o ator social para esse “motivo-para”? Segundo Schutz (2012b, p. 141), a resposta está no passado, na biografia do ator investigado, e refere-se aos “motivos-porque” da ação, pois tanto a ação projetada como a ação executada “[...] foi determinada (‘causada’) por sua situação pessoal ou, mais precisamente, por sua história de vida, sedimentada em suas circunstâncias pessoais”. Os “motivos-porque” de uma ação são construídos ao longo da vida. Estão no passado do ator social e podem ser conhecidos apenas quando expressos por ele, enquanto executor da ação, por estarem sedimentados na sua memória.

Sendo assim, os “motivos-porque” não são deduções do pesquisador social.

Segundo Schutz (2012b, p. 143), “[...] somente se o ator se voltar para seu passado ele pode ter a chance de se tornar um observador de seus próprios atos, e assim pode ser capaz de apreender os verdadeiros motivos ‘porque’ de seus atos”. A partir dos “motivos-porque”, o pesquisador pode compreender os “motivos-para” (a intencionalidade) de uma ação concluída. Assim a intencionalidade das ações tem relação com a “situação biograficamente determinada”. Refere-se à ideia de que cada um de nós se situa na vida de uma forma única, singular. Conforme Schutz (2008, p. 93) em toda situação, o ator social carrega e revela sua história como “[...] la sedimentación de todas sus experiencias subjetivas anteriores. No son experimentadas por el actor como anónimas, sino como únicas y dadas subjetivamente a él, y solo a él”.

Na nossa história de vida – as memórias e vivências que temos sobre nós mesmos – sedimentam nossas experiências formando um estoque de conhecimento ao qual recorreremos para fazer escolhas e sustentá-las. Na nossa vida diária nos encontramos em uma situação biográfica determinada pelo meio físico e sociocultural que nos define. Nesse meio ocupamos uma posição e um *status* dentro de um sistema social, e uma posição moral e ideológica. (SCHUTZ, 2008, p. 40).

Schutz (2008) utiliza a expressão “atenção à vida”, ou estado de alerta, como princípio regulador das tensões que o ator social vive a todo momento ao precisar lidar com uma grande demanda de ações para enfrentar a realidade. Para agirmos no social, abrigamos na consciência tensões. O estado de alerta,

[...] articula nuestra corriente de pensamiento en flujo continuo; determina el alcance y la función de nuestra memoria; nos hace vivir – en nuestro lenguaje – nuestras experiencias presentes, dirigidas hacia sus objetos, o volvernos en una actitud reflexiva hacia nuestras experiencias pasadas, en busca de su significado (SCHUTZ, 2008, p. 201).

O pesquisador precisa adotar como princípio a redução fenomenológica. Trata-se de colocar entre parênteses as crenças que tem do mundo. Mundo do qual ele faz parte como um ator social, antes de exercer um papel científico. Podemos dizer que o recurso da redução fenomenológica o ajuda a deixar “aparecer” o pensamento daquele que ele observa sem interferência.

Para o pesquisador ir à campo, Schutz (2012b) orienta que assuma uma “atitude desinteressada”, a de mero observador dos atores no universo cotidiano a ser pesquisado. Não tendo nele nenhum interesse de ordem prática, mas científica, não haverá relação entre pesquisador e pesquisado para a resolução de problemas a envolver a “atitude natural”. Assim, aos olhos daqueles quem o pesquisador observa, ele entra nesse mundo como um “estrangeiro”, que segundo Schutz (2010, p. 118), corresponde “[...] a um indivíduo adulto do nosso tempo e civilização que tenta ser permanentemente aceito ou ao menos tolerado pelo grupo ao qual ele se aproxima”. Situação de aproximação de um indivíduo adulto com um grupo com quem mantém contato pela primeira vez. Por não pertencer naturalmente a esse grupo, inexistente a cumplicidade do estrangeiro com “eles”, sendo impossível manter uma relação “nós”. Da estranheza inicial, busca-se a familiaridade e, neste processo, o que não falta é indagação. Portanto, nesse encontro sempre haverá desconforto, estranhamento e questionamento de um lado como de outro. O pesquisador não está isento ao enfrentar tal situação, mesmo amparado pelos constructos de sua ciência. Antes de se tornar um pesquisador, ele é um ser social e tem a tendência natural de fazer parte de um grupo (SCHUTZ, 2012a). Neste sentido, o esforço do distanciamento a ser requerido pelo pesquisador é maior quando investiga atores sociais com quem mantem alguma relação na resolução das questões práticas do Mundo da Vida.

2.4 MODELAÇÃO DA CONDUTA

Norbert Elias se dedicou a explicar o processo de modelação da conduta do qual o homem foi se tornando parte, construindo a realidade e, ao mesmo tempo, constituindo-se. Trata-se de um movimento, acompanhado de um crescente processo de racionalização, investigado pelo autor, da Idade Média ao Século XX.

Norbert Elias (1993) que estudou o processo de reconfiguração do indivíduo e da sociedade na história do Ocidente, revela em seus estudos como foi sendo configurada a estrutura do sistema social que tornava-se cada vez mais complexa e necessitava de pessoas investidas em novos papéis sociais, e cada vez mais especializados, à medida que suas condutas eram modeladas à base de um emaranhado de relações. O autor nos remete a um afinado processo de interdependência construído entre os indivíduos ao longo dos séculos por meio de papéis sociais.

Para Elias não há atitude humana natural, mas condicionada, por conta da interdependência existente entre os atores sociais. Não há uma

atitude deliberada de um indivíduo ou de um grupo para que o processo de modelação se desencadeie e a civilidade se torne universal. Para esse autor, as expressões “início” e “começo” não existem na ótica desse processo. Segundo Elias (1993, 1994, 1998), não há um início absoluto, mas um intrincado de ações simultâneas e interdependentes que ligam o homem a outros homens em diferentes espaços e tempos, marcando passado, presente e futuro. As ações humanas, nesses processos, “correm” paralelas umas às outras, e se entrelaçam umas às outras, recebendo influência de movimentos antagônicos que, no conjunto, vão “desenhando” a cena, a paisagem (o social), os indivíduos nessa paisagem, cada um sendo criação do outro. É um movimento complexo que tentamos pinçar um e outro, a fim de estudá-lo, explicá-lo, compreendê-lo, ou fazer um fenômeno aparecer. Portanto, a expressão “início”, nesta tese, está carregada de pragmatismo. Os fatos estão sempre ligados a fatos ocorridos antes e àqueles que ocorrem em paralelo.

Na obra *O processo Civilizador: formação do estado e civilização*, Elias (1993) aborda o processo da modelação da conduta sofrido pelo homem que viveu na Europa a partir da Idade Média, enquanto ocupava espaços, lutava para neles permanecer, buscava um lugar para viver. Com outros viam-se em um agir recíproco e interdependente. Nesse processo evolutivo integram ações de modelação da conduta, de racionalidade, de estreita relação de dependência de um indivíduo com o outro, mesmo sem manter uma relação face a face.

O processo de modelação de hábitos e costumes socialmente aceitos, ocorre à medida que as pessoas foram ocupando a terra, ficando mais próximas umas das outras, com as relações recíprocas cada vez mais intensas. Por meio de sucessivas transformações, essas pessoas foram desenhando o “mapa” físico, político, social e cultural europeu, continente de onde se reporta Norbert Elias. Esse processo foi ligado ao de outros continentes pelas guerras, conquistas e derrotas, do poder – manifestado pela força, pela fé, pelo medo – nesse contínuo fazer/ser.

As pessoas são continuamente moldadas e remodeladas em relação umas às outras, pela conversa, enquanto interagem, quando ouvem uma música, leem um texto, ou simplesmente se olham à distância. Elias (1994, p. 29), afirma que:

A relação entre as pessoas é comumente imaginada como a que existe entre bolas de bilhar: elas se chocam e rolam em direções diferentes. Mas a interação entre as pessoas e os “fenômenos

reticulares” que elas produzem são essencialmente diferentes das interações puramente somatórios das substâncias físicas.

Ligados uns aos outros, os indivíduos tecem uma rede de ações de interdependência sustentada pelo exercício de papéis sociais: o professor, o guarda de trânsito, o porteiro, o vizinho, o entregador de pizza, o que fez a massa, o que produziu o trigo, o queo beneficiou e o empacotou, e todos os outros; nós tecemos esta imensa rede de indivíduos que ocupam terra, água e ar. Desse modo,

As funções e relações interpessoais que expressamos com partículas gramaticais como ‘eu’, ‘você’, ‘ele’, ‘ela’, ‘nós’, e ‘eles’ são interdependentes. [...]. E a função do ‘nós’ inclui todas as demais. Comparando àquilo a que ele se refere, tudo o que podemos chamar de ‘eu’, ou até ‘você’, é apenas partes (ELIAS, 1994, p. 57).

A teia social atual, que se move e se amplia em diferentes direções, é resultado de um processo que envolve muitas pessoas, atuando em diferentes lugares, envolve diferentes culturas, estando no cerne a modelação da conduta.

Os indivíduos foram organizando os espaços à medida que foram mudando de lugar, criando concepções de si e do seu entorno. Com a moeda passando a fazer parte do comércio, a burguesia influencia os hábitos dos cortesãos. Surgem a racionalização, a vergonha e a repugnância, que levam à necessidade de cuidados com o asseio, o comportamento à mesa, os modos de falar e o controle de impulsos íntimos. A divisão das funções é ampliada, surgindo as ocupações. Com o tempo, aumenta o nível de organização da sociedade, que a torna mais complexa. Profissões, governo e Estado foram se estabelecendo pela necessidade de uma estrutura organizativa. Para Elias (1993, p. 38), “[...] um dos principais motores da mudança na estrutura das relações humanas, e das instituições a elas correspondentes, é o aumento ou a diminuição das populações”.

A “visita” de Elias ao passado, se inicia no Século V, com o feudalismo, atravessa a Idade Moderna, chegando ao Século XX. Ele conclui que, em cada um de nós, adormecem instintos bárbaros que, com o passar dos séculos, vêm recebendo camadas de civilidade através das instituições que nos condicionam. O controle das pulsões humanas deu-se por meio de um processo histórico-social que não foi

previamente pensado por um grupo ou por um indivíduo, mas por uma necessidade ou contingência de nossos predecessores, situados em um determinado contexto social e cultural. Segundo esse autor, civilização é processo, e civilizar é controlar as pulsões.

Para Elias (1994, p. 99), a razão ou os escrúpulos servem para bloquear o acesso de outros impulsos espontâneos à descarga motora da ação.

Não sabemos, ao que parece, deixar claro para nós mesmos como é possível que cada pessoa isolada seja uma coisa única, sente, vivencia e faz o que não é feito por nenhuma outra pessoa; um ser autônomo e, ao mesmo tempo, um ser que existe para outros e entre outros, com os quais compõe sociedades de estrutura cambiável, com histórias não pretendidas ou promovidas por qualquer das pessoas que as constituem, tal como efetivamente se desdobram ao longo dos séculos, e sem as quais o indivíduo não poderia sobreviver quando criança, nem aprender a falar, pensar, amar ou comportar-se como um ser humano (ELIAS, 1994, p. 68).

Elias (1994, p. 57), assim como Weber, Schutz, Berger, Luckmann, Moscovici, Lefèvre e Lefèvre, entre outros, têm esse entendimento de que indivíduo e sociedade são conceitos que não se opõem. Na realidade, conforme assinala Elias, “cada pessoa só é capaz de dizer ‘eu’ se e porque pode, ao mesmo tempo, dizer ‘nós.’” Por conseguinte, não há sociedade sem indivíduo e nem indivíduo sem sociedade. Uma coisa não pode existir sem a outra, apesar da ideia de que indivíduo sou “eu”, enquanto a sociedade está fora de mim. O mundo real, onde construímos nossas ideias, a língua, e onde ocorre a realidade objetiva e subjetiva, mostram que não há indivíduo separado da sociedade e vice-versa. Conforme expressa Elias (1994, p. 22), nessa teia, formada por indivíduos ligados entre si “por laços invisíveis”, há singularidades individuais, um *habitus* social que

[...] constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere de outros membros de sua sociedade. Dessa maneira, alguma coisa brota da linguagem comum que o indivíduo compartilha

com outros e que é, certamente, um componente do *habitus* social – um estilo mais ou menos individual, algo que poderia ser chamada de grafia individual inconfundível que brota da escrita social (ELIAS, 1994, p. 150).

Para esse autor, o *habitus* social pode ser constituído por uma única camada ou por várias, dependendo do estado de complexidade da sociedade em que o indivíduo está inserido. A camada que se sobressai, refere-se à tribo ou à nação, definida pelo autor como “grupo social de sobrevivência” do indivíduo.

Elias apresenta os conceitos de “identidade-eu” e de “identidade-nós”. O primeiro conceito nasce daquilo que diferencia um indivíduo de outro. O segundo, daquilo que o indivíduo tem em comum com o outro. Essas identidades vão sendo configuradas no e pelo indivíduo à medida que interage com outro(s) ao mesmo tempo que constroem o social e constituem-se como tal. O mundo oferecido ao recém-nascido é resultado da soma de muitas dessas configurações construídas e recebidas pelo homem ao longo do seu percurso histórico social, da sua biografia.

Segundo Elias (1994, p. 151), a identidade-eu-nós “é parte integrante do *habitus* social de um indivíduo”. O autor afirma que na estrutura das sociedades mais desenvolvidas como as que encontramos hoje, a identidade-eu é mais valorizada. Nos estágios primitivos da humanidade, a prioridade era a identidade-nós em função do grupo representar proteção e sobrevivência. Com o desenvolvimento da humanidade, constituição e fortalecimento das instituições sociais e do Estado, esses passaram a oferecer proteção ao indivíduo (ELIAS, 1994). Em um estágio maior de organização social, o indivíduo faz uso de diferentes instituições, de diferentes profissionais e de diferentes tecnologias, para suprir os diferentes aspectos de sua vida, como alimentação, moradia, locomoção, saúde, educação, entre outros. Na realidade, em uma sociedade mais estruturada, o indivíduo não consegue resolver todos os seus problemas, sozinho ou com a ajuda dos mais próximos. Ele precisa contar com instituições e profissionais. A família, por exemplo, confia o filho à escola para que seja educado. Este ato de deixar o filho aos cuidados de uma instituição é resultado do processo civilizador. O poder perpassa por todas as instituições sociais, pelos que estão inseridos nelas e pelos que estão fora delas. A vergonha e o medo, por exemplo, têm o poder como companhia. Medos e ansiedades, como afirma Elias (1994), são obras do homem. Os adultos, conscientes ou

não, inculcam esses sentimentos nas crianças em sua fase de modelação psicológico-comportamental.

No decurso do processo da história da humanidade, o homem sofre forte controle de suas pulsões. Assim, o homem contemporâneo age menos instintivamente do que seus antecessores. A família (ambiente de socialização e aprendizagem primárias) e, preponderantemente, a escola (ambiente de socialização e aprendizagem secundárias) são instituições que desempenham um papel importante na modelação social. Outras instituições e pessoas interagem nessa modelação social de outra forma. O Estado, por meio de leis e outras convenções sociais, alerta e responsabiliza os indivíduos que não seguem o que foi definido como legal. O Estado, por meio de seus organismos, estabelece regras e também deve se submeter a elas, para garantir o bem-estar social determinado.

Elias (1994) afirma que o homem é essencialmente irracional e são as normas de conduta e as pressões sociais que põem freio na sua animalidade. Portanto, com base nesse autor, não há uma atitude natural, mas uma atitude que vem sendo condicionada ao logo do tempo.

Para Elias (1994), os parâmetros de tempo são frutos da evolução da sociedade, um recurso que foi criado para a regulação da vida social, quando a sociedade começava a apresentar um crescente grau de complexidade. O aprisionamento do tempo, no seu fracionamento definido em horas, minutos e segundos incutiu no homem um relógio biológico e psicológico. É, na escola, que as crianças começam a ser disciplinadas ao convívio social coordenado pelo relógio. É na escola que as crianças passam pelo processo de modelação da conduta, recebendo conceitos resultantes do movimento da humanidade no tempo. Porque a humanidade objetivou o tempo, separando-o em dois - um natural ou físico, e outro social?

Na obra *Sobre o tempo*, Elias (1998) discorre acerca desse regulador das ações sociais através dos séculos, em uma sociedade que o requereu à medida que foi se tornando mais e mais complexa.

Como muitas outras utilidades sociais, a determinação do tempo só pode atingir seu atual nível social através de uma evolução que se sucedeu por séculos, numa ligação recíproca com o aumento de necessidades sociais específicas. No primeiro plano destas encontra-se a necessidade de coordenar e sincronizar o desenrolar das atividades humanas, tanto entre si quanto com o

desenrolar dos processos físicos externos ao homem (ELIAS, 1998, p. 98).

O tempo instituído socialmente é um instrumento de modelação, de orientação, e também, de coerção da conduta humana. O relógio, um dos instrumentos que o representa, que o vincula a um conceito que mostra uma relação entre o indivíduo e os demais, e entre estes e o tempo físico (ou natural). O tempo objetivo (ou social) revela a interdependência entre indivíduo, natureza e sociedade; a regulação da vida individual, em uma sucessão de eventos físicos (dia, noite, chuva, sol, quente, frio, etc), que em uma sequência ininterrupta, ocorrem um após outro (ELIAS, 1998).

A coerção faz a máquina social funcionar. Cada ser no mundo ocupa papéis sociais e quanto mais desenvolvida a sociedade, maior é a pressão para ajustar socialmente os indivíduos nessa sociedade. O tempo convencionado socialmente pelo homem, ajuda a amarrar a vida cotidiana, ao determinar o tempo que as coisas acontecem ou devem acontecer. O tempo é regulado por meio de convenções, estabelecendo: leis, normas, regulamentos, para lhe dar uma diretriz ao agir.

Para que a máquina social continue em operação e funcionamento, o homem convencionou o sentido de cada coisa no mundo, e vem se servindo desse sentido, para se comunicar, construir o mundo. Essas convenções e sentidos se sustentam pela palavra.

O ser humano singular trabalha com conceitos extraídos de um vocabulário lingüístico e conceitual preexistente que ele aprende com outras pessoas. Se assim não fosse, a pessoa não poderia confiar em ser entendida pelas outras ao desenvolver uma língua existente e, portanto, os conceitos existentes (ELIAS, 1994, p. 132).

Neste sentido, as instituições assumem um papel preponderante, implicando nos diferentes papéis exercidos por diferentes indivíduos. A escola é uma das instituições que para ser mantida precisa de forte regulação. Tudo é regulado, e tais regulações perpassam do ambiente macro social ao ambiente micro. A escola desempenha um papel de regulação da conduta.

2.5 APRENDIZAGEM E SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Thomas Luckmann conviveu com Schutz e, após o falecimento deste, publicou *As estruturas do mundo da vida*. Em 1966, Peter Berger e Thomas Luckmann publicam *A construção social da realidade*. Nessa obra os autores apresentam uma compreensão de como a realidade é socialmente construída. Construção essa que integra dois momentos centrais de socialização e de aprendizagem, envolvendo a família e a escola. É sobre isso que trata esta seção.

A Teoria Construcionista estuda o conhecimento empírico nas sociedades humanas e os processos que o faz ser reconhecido como realidade. Esse conhecimento se constitui por meio da interação que o ator social estabelece com o(s) outro(s) em um dado contexto sócio-histórico e cultural. Segundo Berger e Luckmann (2003, p. 11), a realidade é “uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição”. Para esses autores, na sociedade há duas realidades, uma objetiva (institucionalmente definida) e outra subjetiva (naturalmente apreendida na consciência do indivíduo). Essas realidades coabitam no meio social e no indivíduo em um processo dialético, contínuo e simultâneo, possibilitado pelos processos de interiorização, objetivação, exteriorização e legitimação.

O indivíduo aceita a realidade que seus semelhantes vivem e ao assumi-la passa a ter condições de modificá-la e recriá-la. Durante esse processo, que termina com a morte, o indivíduo se modifica. Como expressam Berger e Luckmann (2003, p. 175), durante esse processo “não somente vivemos no mesmo mundo mas participamos cada qual do ser do outro”.

A interiorização de uma realidade se dá a partir da socialização primária (ambiente familiar) e secundária (ambiente escolar). No processo de socialização primária, os significados são interiorizados naturalmente. Essa realidade vivida pelo indivíduo é inevitavelmente apreendida. O indivíduo nasce em um mundo objetivado, que lhe é dado, construído, criado, por pessoas que viveram em espaço e tempo anterior ao seu Aqui e Agora. Esse ambiente é o familiar, que não é restrito ao ambiente da casa onde mora, mas à família, à comunidade, no sentido de serem os mais próximos, ao ambiente onde absorve o conhecimento do senso comum, pela linguagem, pela atitude natural e prática, envolta na cultura, nos costumes, no modo de viver interiorizado com a participação dos mais próximos. Nesse processo, é necessário ter uma identificação com outros e uma auto-identificação, como um processo dialético. Esse “mundo básico”, conforme o define Berger e Luckmann (2003, p. 185), ou ambiente de aprendizagem e de

socialização primária, é vivido pelo ator social antes de ingressar na escola.

A aprendizagem e socialização secundárias acontece no ambiente escolar. Um mundo maior e mais complexo, do que o vivido no âmbito familiar. É um mundo formal, onde o conhecimento não é aprendido naturalmente. Para Souza (2008, p. 206), é na escola que os indivíduos absorvem conhecimento a partir de um conjunto de instituições, que têm a função de “dar forma, reproduzir e sustentar o funcionamento da sociedade”.

Conforme Berger e Luckmann (2003), aquilo que o indivíduo interioriza e ressignifica é exteriorizado na forma de ideias, percepções e conceitos por meio da ação. Dessa forma, o indivíduo contribui para a transformação da realidade e da sociedade. É pela exteriorização que consegue interferir na realidade que o cerca.

Segundo Araya Umaña (2002), a objetivação é o processo pelo qual o abstrato ganha concretude, não no sentido de se transformar em em objeto palpável, mas em objeto construído na mente pela linguagem.

El amor, la amistad, la educación, son entre otras, muchas de las cosas de las que no se tiene una realidad concreta y, sin embargo, en forma consuetudinaria las personas las incluyen en sus comentarios de manera concreta y tangible. Esta concretización de lo abstracto se lleva a cabo por el proceso de objetivación por lo que dicho proceso es fundamental en el conocimiento social (ARAYA UMAÑA, 2002, p.35).

Nesse sentido, o abstrato não existe na realidade concreta ou objetiva, mas na realidade subjetiva, ou melhor, na mente dos indivíduos que fazem uso desses termos como se fossem concretos e tangíveis. A realidade subjetiva é apreendida na consciência do indivíduo, enquanto a objetiva é institucionalmente definida. Berger e Luckmann (2003, p. 87, grifo do autor) afirmam que há uma

[...] relação fundamental desses três momentos dialéticos na realidade social (exteriorização, objetivação e interiorização). Cada um deles corresponde a uma caracterização essencial do mundo social. *A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social.* [...] somente com a transmissão do mundo social a uma nova geração

(isto é, a interiorização efetuada na socialização), a dialética social fundamental aparece em sua totalidade.

Portanto, a realidade objetiva está tanto fora, como dentro do indivíduo. Em casa e na escola, o indivíduo vivencia dois níveis de aprendizagem e de socialização, um primário e outro secundário.

No ambiente primário, familiar e da vizinhança, o indivíduo está envolto em um forte clima de afetividade. Nesse ambiente, ele aprende uma língua, interioriza valores, crenças, comportamentos e estabelece vínculos, formando uma identidade (BERGER; LUCKMANN, 2003). Segundo Berger e Luckmann (2003, p. 230), é “um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade”. Interagindo nesse meio, o indivíduo passa a se perceber como parte de um grupo de outros como ele. No ambiente familiar está envolto com o conhecimento atóxico ou de senso comum, no qual há certo afrouxamento de regras. De acordo com a tipologia weberiana da ação (WEBER, 2012), é possível afirmar que as ações dos que vivem neste contexto são dos tipos afetivo e tradicional.

O próximo ambiente que o indivíduo passa a fazer parte – sem se desvincular, física e psicologicamente do anterior, é o escolar.

O homem é um ser que, para se construir socialmente, utiliza a linguagem discursiva. Por meio dela, exterioriza seu mundo subjetivo e a objetividade que percebe do mundo, em um mundo intersubjetivo. A linguagem é o mais importante instrumento de socialização dos indivíduos. Com ela, é possível expressar a própria subjetividade e ter acesso a subjetividade do outro. Assim, a conversa promove a manutenção e também a possibilidade de modificação da realidade. As transformações sociais acontecem pela manifestação dos discursos do conhecimento do senso comum e do conhecimento científico (BERGER; LUCKMANN, 2003).

O veículo mais importante da conservação da realidade é a conversa. Pode-se considerar a vida cotidiana do indivíduo em termos de funcionamento de um aparelho de conversa, que continuamente mantém, modifica e reconstrói sua realidade subjetiva. A conversa significa principalmente, sem dúvida, que as pessoas falam umas com as outras. Isto não nega o rico halo de comunicação não-verbal que envolve a fala. Entretanto, a fala conserva uma posição

privilegiada no aparelho total da conversa. [...] a maior parte da conservação da realidade na conversa é implícita, não explícita. A maior parte da conversa não define em muitas palavras a natureza do mundo. Ao contrário, ocorre tendo por pano de fundo um mundo que é tacitamente aceito como verdadeiro. [...]. [...] a maior parte, quando não a totalidade, da conversa cotidiana conserva a realidade subjetiva. [...]. Ao mesmo tempo que o aparelho de conversa mantém continuamente a realidade, também continuamente a modifica (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 202-203).

Berger e Luckmann (2003, p. 195-196) lembram que quanto mais complexa a sociedade, maior é a responsabilidade das instituições pela socialização secundária. É por intermédio da escola que são colocados em prática procedimentos que mantêm “certo grau de simetria entre a realidade objetiva e a subjetiva”.

Da mais simples à mais complexa, qualquer tipo de sociedade tem uma divisão de trabalho e uma distribuição social do conhecimento. Os papéis sociais advém dessa divisão do trabalho. A necessidade da socialização secundária advém desses papéis. Conforme Berger e Luckmann (2003, p. 185), a sociedade necessita de um aparelho legitimador, como as instituições educacionais para atender essa exigência. Esses autores afirmam, ainda, que por meio da legitimação, construída pelo uso da linguagem, é possível explicitar algo significativamente subjetivado, por meio da objetivação. A legitimação representa os modos pelos quais o mundo institucional pode ser explicado e justificado. Pela legitimação perpassam valores e conhecimentos que precisam ser transmitidos a cada nova geração, sendo requerido o apoio da instituição escolar à escola quando estes valores e conhecimentos são de âmbito institucional. Para Berger e Luckmann (2003) há quatro níveis de objetivação: o primeiro, ou básico, é pré-teórico. Trata-se das objetivações linguísticas, fruto da experiência humana com o uso de afirmações tradicionais, como o grau de parentesco, por exemplo. O segundo nível, são as objetivações de finalidades teóricas, de forma rudimentar. Referem-se às explicações de ordem prática, provérbios, lendas e históricas populares etc. O terceiro nível contém teorias explicitadas, cuja responsabilidade é de um setor institucional legitimado, como a educação, saúde, economia etc, sendo confiadas a especialistas. O quarto nível de objetivação refere-se aos

universos simbólicos, de significação de realidades diferentes das pertencentes à experiência da vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 2003).

A escola é um ambiente rico em conhecimento. Recebe crianças que precisam de conhecimento que o ambiente familiar não consegue oferecer. Assim, por meio da escola, a sociedade estabelece um programa que prepara as crianças para o exercício de um papel social futuro. Contudo, Berger e Luckmann (2003, p. 184-185) alertam que falar em socialização secundária, implica dizer, referir-se a um período de

[...] interiorização de ‘submundos’ institucionais ou baseados em instituições. [...] Sem dúvida, o conhecimento universalmente importante também pode ser socialmente distribuído [...] mas o que temos em mente aqui é a distribuição social do ‘conhecimento especial’, como resultado da divisão do trabalho e cujos ‘portadores’ são institucionalmente definidos. [...] a socialização secundária é a aquisição do conhecimento de funções específicas, funções direta ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho. [...] exige a aquisição de vocabulários específicos de funções, o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em uma área institucional.

Berger e Luckmann (2003, p. 88) afirmam, ainda, que

[...] a realidade do mundo social torna-se cada vez mais maciça no curso de sua transmissão. Esta realidade, porém, é histórica, o que faz chegar à nova geração como tradição e não como memória biográfica. [...]. O significado original das instituições é inacessível [...] em termo de memória. Torna-se, por conseguinte, necessário interpretar [...] este significado em várias fórmulas legitimadoras. Estas terão de ser consistentes e amplas no que se refere à ordem institucional, a fim de levarem à convicção à nova geração. A mesma história, por assim dizer, tem de ser contada a todas as crianças.

A ação do futuro adulto é pensada visando à ocupação de um posto de trabalho onde exercerá um papel social. Para isso, a socialização secundária exige do indivíduo:

Os ‘submundos’ interiorizados [...] são geralmente realidades parciais, em contraste com o ‘mundo básico’ adquirido na socialização primária. Contudo, eles também são realidades mais ou menos coerentes, caracterizadas por componentes normativos e afetivos assim como cognoscitivos. [...] pelo menos os rudimentos de um aparelho legitimador, frequentemente acompanhado de símbolos rituais ou materiais (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 185).

Dependendo da função a ser executada, haverá necessidade de conhecer novos conceitos e linguagens. Nas instituições formadoras, existem terminologias próprias que devem estar em conformidade com as diferentes áreas de atuação e ocupações a serem desempenhadas pelos indivíduos. A escolarização básica tem o papel de capacitar o indivíduo para essa caminhada. Prepará-lo para ler, escrever, interpretar, aprender, conversar, criar, e compreender o funcionamento das instituições. Nelas há pessoas que exercem papéis que contribuem para o funcionamento da sociedade. Pessoas e instituições são expressões de uma realidade.

Considerando que a realidade interiorizada na aprendizagem primária é mais sólida que na aprendizagem secundária, a tendência do indivíduo é resistir à segunda. A primeira ocorre quase que automaticamente. É interiorizada naturalmente. Está envolta em forte clima de cumplicidade e de afetividade. Devido à resistência inicial e necessidade de um período de adaptação, a instituição escolar é constituída por uma série de formalizações, não há espontaneidade. O clima é de forte prescrição. Para se ter ideia, diferentemente da aprendizagem primária, na secundária, a criança começa a perceber que há um processo de socialização e de relação mais formalizado, o que expressa um alto grau de anonimato dos executores de papéis sociais. “Em casa” é impossível a substituição natural de pai, mãe, irmãos. Na escola os professores e outros profissionais são facilmente substituídos. O professor é uma categoria profissional, um executor de um papel social, que pode ser resumido em ensinar. Quando um se afasta, é substituído por outro, para exercer o papel social dessa categoria. Segundo Berger e Luckmann (2003, p. 190) “a criança vive quer queira quer não no mundo tal como é definido pelos pais, mas pode

alegremente deixar atrás o mundo da aritmética logo que sai da escola”. Disso advém a necessidade da escola fazer uso de técnicas específicas, de um currículo, de estratégias didáticas e pedagógicas, de forma que os indivíduos se interessem em estar nela, e em seu aprendizado. Segundo Berger e Luckmann (2003, p. 191), por meio das tarefas escolares, a escola busca fazê-los resistir menos às regras estabelecidas nesse ambiente de aprendizagem não natural. Ainda, conforme Berger e Luckmann (2003, p. 195):

Nos casos [de sociedades] de muito elevada complexidade é preciso criar órgãos especializados na socialização secundária, com pessoal em tempo integral, especialmente para as tarefas educacionais em questão. [...]. O desenvolvimento da educação moderna é evidentemente a melhor ilustração da socialização secundária realizada sob os auspícios de organizações especializadas.

Atualmente, por uma série de contingências, aos cinco meses de idade, as crianças já estão em creches e “escolinhas”, permanecendo longo tempo nesse ambiente, e em uma relação diferente da constituída naturalmente no ambiente familiar que os “convidou” para aprender um conhecimento comum ou de aplicação imediata. No ambiente da aprendizagem primária a criança aprende sem envolver uma forte regulação, como a imposição de provas, avaliações, nota, aprovação, reprovação etc, próprios do sistema educacional.

A escola desempenha uma tarefa de fundamental importância social. É a porta de acesso do indivíduo à novas regras e conceitos, com os quais passará a estabelecer outros tipos de relação com instituições que integram o meio social. Na escola, o indivíduo aprende palavras, aprende a ser, a fazer, a trocar. Diferentemente do ambiente privado ou familiar, na escola ele aprende se preparando, para viver em um mundo público, para exercer um papel e uma função pública. A escola é o estágio inicial para a inserção da criança em um mundo onde a relação social dos indivíduos e instituições são mais complexas. É para atuar nesse mundo social que o indivíduo, a partir do ambiente familiar, é iniciado em um processo de forte modelação da conduta.

3 BIBLIOTECA ESCOLAR NO OCIDENTE

Imaginava estantes que começassem à altura do quadril e subissem apenas até onde chegasse a ponta dos dedos de meu braço estendido, pois sei por experiência que os livros condenados a alturas que pedem escadas ou a profundezas que obrigam o leitor rastejar acabam por receber muito menos atenção que seus companheiros a meia altura, seja qual for seu assunto ou mérito.

Alberto MANGUEL

A biblioteca à noite

Neste capítulo, apresento a história da biblioteca escolar relacionada ao movimento por direitos humanos, com ênfase ao direito à educação e à informação, e sua vinculação à história da educação no Ocidente. Discorro sobre os organismos internacionais que dão suporte às ações em torno da biblioteca escolar, suas diretrizes e orientações. Exploro o conceito de biblioteca escolar e novas denominações que designam esse espaço à medida que a produção e o acesso à informação foram potencializados pelos avanços tecnológicos. Sinteticamente, o capítulo mostra o movimento de uma rede de pessoas, investidas em diferentes papéis sociais, que vem costurando a história da biblioteca e seu imbricar no processo de construção de uma sociedade que entende o valor do acesso à educação e à informação.

3.1 O DIREITO DE ACESSO À INFORMAÇÃO

No Ocidente, quando se fala em direitos humanos é comum citar a Independência dos Estados Unidos da América (1776) e a Revolução Francesa (1789), cujos ideais – a *Declaração de Independência*¹², do primeiro, e a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*¹³, do segundo, serviram de inspiração para a elaboração da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, da Organização das Nações Unidas

¹² Documento disponível em:

<<http://www.uel.br/pessoal/jneto/gradua/historia/recdida/declaraindepeEUAHISJNeto.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

¹³ Documento disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/direitos_homem_cidadao.pdf>. Acesso em: 28 out. 2014.

(ONU), aprovada em 1948, que orienta a conduta de governos, instituições e pessoas em países democráticos.

O movimento por direitos humanos como princípio universal é recente na história da humanidade. Por influência do Iluminismo,¹⁴ o alerta inicial ganhou força com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O quadro de horror, de desrespeito à dignidade humana, e de miséria que comprometeu o desenvolvimento de muitos países durante esse conflito, culminou com a criação de medidas efetuadas por esses países para que retomassem o desenvolvimento e implantassem o Estado do bem-estar social.¹⁵

Em *Las bibliotecas en guerra*, Báez (2007) analisa a destruição de museus, bibliotecas e de milhões de documentos europeus durante a Segunda Guerra. É necessário destacar a queima de livros “proibidos”, realizada pelos nazistas, em dezessete cidades no dia 10 de maio de 1933. A ação que apagou parte da memória judaica foi invocada por Manguel (2006, p. 198), ao resgatar o depoimento de um nazista participante dessa ação: “A fogueira durou 24 horas. Os judeus de Lublin reuniram-se ao redor e choraram amargamente, quase silenciando-nos com o berreiro. Convocamos a banda militar, e os soldados encobriram com seus gritos de alegria a lamúria judaica”.

No contexto de guerra, em 1939 a *American Library Association*, aprovou a *Declaração de Direitos da Biblioteca*¹⁶ objetivando orientar os serviços bibliotecários, no sentido de chamar a atenção aos preconceitos contra o direito da população de acesso à informação, independentemente de raça, credo, pontos de vista, etc. Nesse documento, a instituição defende que o acervo das bibliotecas deve estar disponível a todos. Os documentos não devem ser excluídos pelos profissionais das bibliotecas por pontos de vista ideológicos e partidários, e por censura imposta pelo governo; as pessoas não devem ser discriminadas por causa de sua origem, idade e pontos de vista. Os

¹⁴ Corrente filosófica que se desenvolveu na Europa (especificamente na França, Inglaterra e Alemanha), no século XVIII, também conhecida por *Esclarecimento*, *Ilustração* e *Século das Luzes*. Se expressou contra o poder da igreja e o autoritarismo do Estado, defendendo as liberdades individuais e os direitos do cidadão, sobretudo, por meio da arte, da literatura e da política (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008).

¹⁵ O conceito *Welfare State* foi introduzido nos países democráticos do Hemisfério Norte defensores do capitalismo. A ideia era lutar contra a ameaça do retorno dos regimes autoritários, do nazismo e fascismo. Para manter esse status, o Estado assumiu encargos sociais relacionados à saúde, moradia, educação, alimentação, que passam a serem compreendidos como direitos dos cidadãos (CHAUÍ, 2001, p. 429).

¹⁶ Documento disponível em: <<http://www.ala.org/advocacy/intfreedom/librarybill>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

espaços públicos das bibliotecas, para fins de reunião e outras manifestações, como exposições etc, devem estar disponíveis para uso de todos (ALA, 2017). Com o fim da guerra, foi criada a Organização das Nações Unidas e aprovada a *Carta das Nações Unidas*¹⁷, um compromisso de cooperação internacional para a manutenção da paz mundial. Promulgado no Brasil, pelo Decreto n. 19.841/1945, (BRASIL, 1945)¹⁸, o primeiro artigo consta o propósito da ONU: a cooperação para a resolução de questões “internacionais de caráter econômico, social, cultural ou humanitário, e para promover e estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião”. Para Japiassú e Marcondes (2008, p. 214) “paz” não é a ausência de conflito, mas a presença de acordo, pacto, “concordância entre os homens pela harmonia dos corações e das mentes como resultado da prática da justiça”.

Ainda em 1945, foi criada a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), e em 1946, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), envolvidos com a promoção de acesso à educação, à informação, à liberdade de expressão e, à biblioteca na escola. Em 1948, a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* chama à responsabilidade os indivíduos, as instituições e os governos na promoção dos direitos e liberdades individuais e coletivas. A educação é entendida como essencial e obrigatória no seu nível elementar:

Artigo 19º Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão.

¹⁷ O documento tem como países signatários: África do Sul, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Bélgica, Bielorrússia, Bolívia, Brasil, Chile, China, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dinamarca, Egito, El Salvador, Equador, Estados Unidos, Etiópia, Filipinas, França, Grécia, Guatemala, Haiti, Holanda, Honduras, Índia, Irã, Iraque, Iugoslávia, Líbano, Libéria, Luxemburgo, México, Nicarágua, Noruega, Nova Zelândia, Panamá, Paraguai, Peru, Polônia, Reino Unido, República Dominicana, Síria, Tchecoslováquia, Turquia, Ucrânia, União Soviética e Venezuela. Disponível em: <<https://treaties.un.org/doc/publication/ctc/uncharter.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

¹⁸ O documento oficializou, no Brasil, a aplicação do compromisso assumido pelo país na *Carta das Nações Unidas*, assinada em São Francisco, em 26 de junho de 1945, por ocasião da Conferência de fundação da ONU. No decreto são incorporados os 111 artigos da *Carta das Nações Unidas* e outros referentes à instalação da Corte Internacional de Justiça no país (BRASIL, 1945).

Artigo 26º 1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. 2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2017).

Apesar dos esforços para a manutenção da paz e para que a pessoas exerçam os princípios defendidos nesse documento, ainda há muito a ser feito para que seus ideais sejam alcançados como, por exemplo, oferecer escola para todos.

Antonio Candido (2004), sociólogo e crítico literário brasileiro, entende que a racionalidade técnica a qual chegou o homem é igual à irracionalidade do comportamento. Esse autor dá o exemplo do esforço intelectual investido na construção da bomba atômica e o emprego desse artefato na Segunda Guerra Mundial. Candido (2004, p. 169), afirma que “[...] em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria”.

A Mensagem para o Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto, da Unesco (2017), evocou o “poder que têm o conhecimento, a informação e a educação para atuarem como uma fortaleza” contra as ações que violam os direitos humanos. Conhecimento, informação e educação são compreendidas como sinônimos de poder. É impossível não associar esse “poder” às condições das bibliotecas públicas e à sua carência nas escolas brasileiras. Acordos internacionais tentam mudar essa situação no mundo. A *Convenção sobre os Direitos da Criança*¹⁹ de 1989, por

¹⁹ Documento disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm>. Acesso em: 13 jul. 2015.

exemplo, é acrescentada ao conjunto das orientações para enfrentar os desafios causados pela intolerância e irracionalidade humanas. Milhões de pessoas têm sinalizado a falta da continuidade de ações em prol da dignidade humana. A Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990²⁰ que aprovou o *Estatuto da Criança e do Adolescente*, e o Decreto n. 99.710/1990²¹, que introduziu a convenção da Unicef na legislação brasileira, reforçam os princípios da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, de forma a trazê-los para a realidade das crianças brasileiras, de modo que tenham direito à liberdade de expressão, de pensamento, de consciência, de liberdade de associação e de educação. O 28º artigo da referida convenção reafirma que a educação é fundamental na vida das crianças por

[...] contribuir para a eliminação da ignorância e do analfabetismo no mundo e facilitar o acesso aos conhecimentos científicos e técnicos e aos métodos modernos de ensino. A esse respeito, será dada atenção especial às necessidades dos países em desenvolvimento. [...] preparar a criança para assumir uma vida responsável numa sociedade livre, com espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade de sexos e amizade entre todos os povos, grupos étnicos, nacionais e religiosos, e pessoas de origem indígena; [...] (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 1989).

Em síntese, esses documentos expressam uma orientação para que os governos assumam, perante seus governados, um compromisso contra o atraso no desenvolvimento, que precisa ser superado; o reconhecimento de que é inaceitável em uma sociedade democrática o convívio com a intolerância e o desrespeito à dignidade humana; e que a educação formal é fundamental para o desenvolvimento econômico e para preparar novas mentes a construir uma sociedade mais justa.

A Constituição do Brasil (1988), no seu artigo 205, assegura a educação como um dever do Estado, de forma que todos estejam

²⁰ Documento disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm>. Acesso em: 15 maio 2015.

²¹ O documento promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança, no Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99710.htm>. Acesso em: 13 jul. 2015.

preparados para o trabalho, e para exercer a cidadania, conforme postula nos incisos do artigo 206:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino [...]; VII - garantia de padrão de qualidade [...] (BRASIL, 1988).

O exercício do direito de acesso à leitura, à escrita, à expressão e ao desenvolvimento de habilidades básicas para usufruir direitos conquistados e para reivindicar outros, depende da participação coletiva na vida pública. A indagação e a crítica respaldadas nas sociedades democráticas servem para que as pessoas possam exigir do Estado seus direitos para exercerem cidadania. Chauí (2001, p. 430) salienta que “[...] a mera declaração do direito à igualdade não faz existir os iguais, mas abre o campo para a criação da igualdade, através das exigências e demandas dos sujeitos sociais”. Segundo Cândido (2004, p. 172) “[...] pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”.

Os países membros da ONU têm compromisso em prol da propagação e da manutenção das ideias de liberdade e igualdade de direitos por meio da educação formal. Contudo, de acordo com Cândido (2004, p. 173) “[...] a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra”, o que me faz pensar no valor das bibliotecas nas sociedades democráticas.

Se a democracia está relacionada à participação das pessoas na vida pública, ao acesso à educação, à biblioteca e à informação, essa não é a realidade da maioria. Conforme Chauí (2001, p. 433), nas sociedades capitalistas “[...] são imensos os obstáculos à democracia, pois o conflito dos interesses é posto pela exploração de uma classe social por outra, mesmo que a ideologia afirme que todos são livres e iguais”. Para se ter ideia, o *Panorama económico y social de la comunidad de estados latinoamericanos y caribenhos*, publicado pela Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), indica que a taxa de pobreza na América Latina, em 2014, alcançou 28,2% do total da população, sendo 11,8% em situação de pobreza extrema, representando,

respectivamente, 168 e 70 milhões de pessoas. Para 2015, as projeções daquela instituição indicavam que esses percentuais chegariam a 29,2% e 12,4% (CEPAL, 2017). No Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, de 2013, evidenciou que 8,5% dos brasileiros, a partir de 15 anos de idade, são analfabetos, sendo a sua maioria mulheres (IBGE, 2015).

Conforme Suaiden (2007, p. 226), mesmo que o acesso democrático à informação esteja garantido na constituição da maioria dos países latino-americanos, grande parte da população desses países, não tem acesso a esse bem, desconhecendo seus direitos e deveres. Suaiden (2007, p. 229) reforça que “[...] en el Tercer Mundo, debido a los problemas de acceso a la educación y a la cultura, la desinformación va en contra de la propagación del proceso que parte notable de la población desconoce sus derechos y deberes”. López López e Morillo Calero (2005, p. 24) ao discorrerem sobre os efeitos da globalização nas bibliotecas e arquivos, enfatizam a incompatibilidade entre os princípios que regem os direitos humanos e esse modelo de “desmantelamiento progresivo que va haciendo de las funciones del Estado, un desmantelamiento que amenaza con la desaparición de los servicios públicos, creados para proteger los derechos de la ciudadanía”. Esses autores (2005, p. 16) resgatam a expressão “democracia de baja intensidad”, empregada para descrever os países democráticos que colocam à disposição de seus cidadãos informação oriunda de meios de comunicação de qualidade duvidosa; que não oferecem bibliotecas suficientes para atender às suas necessidades e proíbem acesso a documentos de arquivo. López López e Velloso González (2008, p. 26) acrescentam que a globalização “[...] está barriendo el concepto de ciudadano en favor del de consumidor” e que “se nos está conduciendo a una ‘democracia sin ciudadanos’” por nos levar ao individualismo. Souza (2002, p. 340) afirma que para garantir o valor fundamental de igualdade universal é preciso que o ser humano evolua, porque “permanecendo tal como hoje está, a consciência dos Direitos Humanos fica estrangulada pelo exercício de práticas de governo que são claramente contrárias ao seu crescimento”.

No *I Congresso Interamericano de Educação em Direitos Humanos*, Chauí (2006) discorre sobre o significado do direito à educação e o cuidado que se deve ter para que não seja interpretado como um mero processo de transmissão de conhecimento para habilitar os jovens ao mercado de trabalho.

Se a educação é um direito, precisamos tomá-la no sentido profundo que possuía em sua origem, isto é, como formação para e da cidadania, isto é, como direito de todos – crianças, jovens e adultos -- de acesso ao conhecimento e de criação de conhecimento. Essa formação é decisiva para que outros direitos sejam criados e para que nossa sociedade se torne, finalmente democrática (CHAUÍ, 2006. p. 14).

O quadro é complexo e perpassa por ações de pessoas que ocupam diferentes papéis sociais, que têm diferentes formas de conceber e entender a si e aos outros no mundo. Essa realidade associada às afirmações de Cândido me reportam à proposta pedagógica das escolas pela relação que tem com a formação de pessoas para colaborar no desenvolvimento de outras pessoas, instituições e países. À vista disso, o desafio das diretrizes pedagógicas está em colocar em prática ações com esse espírito democrático de igualdade para todos, incentivar a discussão em sala de aula, usar documentos além do livro didático, e o uso de bibliotecas.

Em *Democracia e Educação*, Dewey (1959, p. 167), argumenta que antes de ser uma forma de governo, a democracia é uma forma de vida. Essa concepção, ao ser introduzida na escola, oferece ao aluno a oportunidade de “desenvolver a sua capacidade de pensar”. Guiado pelo ideal democrático de igualdade e liberdade, esse autor criticou o modelo de educação centrado em métodos individualistas. Defendeu a sua reformulação com base na coletividade, princípio chave da democracia.

Uma sociedade é democrática na proporção em que prepara todos os seus membros para com igualdade aquinhoarem de seus benefícios e em que assegura o maleável reajustamento de suas instituições por meio da interação das diversas formas de vida associativa. Essa sociedade deve adotar um tipo de educação que proporcione aos indivíduos um interesse pessoal nas relações e direção sociais, e hábitos de espírito que permitam mudanças sociais sem o ocasionamento de desordens (DEWEY, 1979, p. 106).

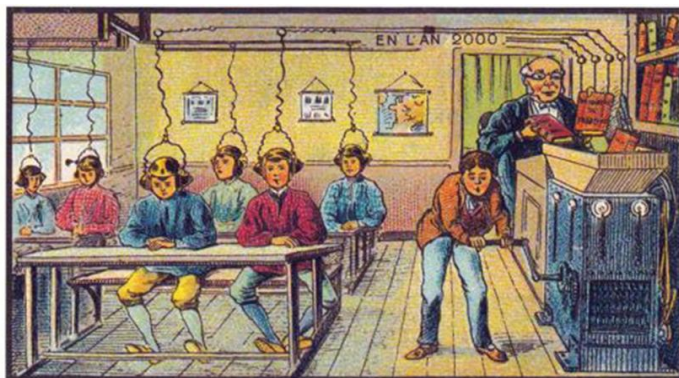
A prática escolar defendida por Dewey tem a participação ativa do aluno, portanto, longe da ideia da escola tradicional que mantém o

aluno em posição de submissão. A teoria deweyana também é conhecida como “escola nova”, “escola progressiva”, ou “escola moderna”. Esse princípio educativo, desenvolvido nos Estados Unidos, na Europa e em países latino-americanos, chegou ao Brasil na década de 1920, desencadeou a renovação da educação nacional e contribuiu para a presença da biblioteca nas escolas das redes públicas e privadas de ensino, sendo que nesta tese ênfase é dada à biblioteca na escola pública, no sentido de entender escola e biblioteca nesta esfera, como instrumentos de inclusão social.

3.2 A ESCOLA

A história da biblioteca escolar está atrelada à da educação e, esta, à evolução da própria História. Lobrot (1992) divide a história da escola no Ocidente em três períodos. Do século VII ao XIV, era centrada na propagação da doutrina cristã. A partir do século XV, passou a propagar valores morais como sinais de civilidade. No início do século XIX, a escola passou a privilegiar o conhecimento técnico e científico, formando mão de obra para o mercado de trabalho. Lobrot (1992, p. 12-14) afirma que, durante esse percurso, a escola passa a ter uma “função de natureza transitiva e utilitária”. Nesta perspectiva e imaginando a transformação da escola/sala de aula que acompanha o processo de construção social, a Figura 4, na sequência, mostra a prospecção de Jean-Marc Cotê (1899), para uma sala de aula no século XXI, um futuro imaginado a partir de uma sociedade transformada com a revolução industrial.

Figura 4 - Sala de aula projetada para o XXI, por Cotê, no ano de 1899



Fonte: Jean-Marc Cotê, 1899 (2017).

Situado no século XIX, Jean-Marc Cotê²² (2017) expressa uma prospecção de futuro da sala de aula para cem anos à frente do seu tempo. O futuro pensado naquele passado estava ligado aos avanços tecnológicos e a produtividade da escola. Como vemos na ilustração, nas carteiras não há cadernos, livros, lápis, borracha. Os alunos são mantidos em função passiva. Na sala de aula, o professor não ministra aulas, mas trata de pôr em uma máquina o conteúdo que os alunos terão na mente. A máquina que recebe os livros transforma os sinais escritos em sinais elétricos que são transferidos à mente dos alunos por meio de fios conectados entre essa máquina e os capacetes usados por eles. A máquina processadora de conteúdos mantém o aluno em isolamento, que sem interação, é transformado em coisa.

Um pouco mais de meio século depois da prospecção de Cotê, Luzuriaga (1960) enfatiza o papel do professor em uma escola que transmite conhecimento às novas gerações e que as prepare para transformar a sociedade. Para tal intento, ressalta serem necessários condições materiais, direcionamento administrativo, técnico, educacional e pedagógico. O autor afirma que

[...] la escuela no tiene solamente una función de conservación y transmisión de lo existente, sino que debe aspirar el perfeccionamiento de lo actual. [...]. En la escuela hay que atender a una multitud de factores, desde el edificio y el material de enseñanza a los programas y planes de estudio, sin olvidar el papel decisivo que desempeña en ella el maestro (LUZURIAGA, 1960, p. 136).

Duarte (1986, p. 68), expressa que a escola prepara o aluno para uma atuação futura.

[...] se propõe a contribuir para a formação do educando como pessoa e como membro da sociedade, mediando a criação de condições e oportunidades de ampliação e sistematização de conhecimentos, além do desenvolvimento de aptidões, atitudes e habilidades.

²² Na virada do século XIX Jean-Marc Cotê imaginava o futuro para a escola no ano 2000. Disponível em: <<http://www.entreescolas.com.br/quando-a-escola-deixar-de-ser-uma-fabrica-de-alunos/>>. Acesso em: 23 set. 2014.

Esse autor assenta sua ideia em uma escola de concepção tradicional, centrada no professor, assim como revela a ilustração de Cotê, o que liga a escola de 1899 a do ano 2000.

Para Lobrot (1992), durante toda a sua história, a finalidade da escola é utilitária, externa ao indivíduo. Tudo lhe é imposto e, sem sentido, o aluno é levado a decorar conteúdos. Ainda, segundo Lobrot (1992, p. 66-67), é preciso criar uma nova escola para difundir conhecimento estruturado nos “princípios de liberdade, de autonomia, de democracia e de relacionamento”. Lobrot (1992, p. 47) defendia a necessidade de apostar na iniciativa do aluno, na criatividade, na autodeterminação, na afetividade e na sua subjetividade para que pudesse se expressar, pois “na escola, o contato com as várias fontes de informação, inclusive com as palavras do professor não é livre. É programado e obrigatório”. Para Lobrot (1992, p. 81), a escola é uma instituição com a função de difundir conhecimento, o que “assegura um progresso simultaneamente individual e coletivo, que todos desejam e cuja promoção é missão dos responsáveis”. Contudo, a escola é mais instrutiva do que educativa.

João Barroso (1996) subdivide a autonomia da escola em “decretada” e “construída”. A primeira, concedida pelo Estado, mantém a escola presa à prescrição. É uma autonomia que preexiste à ação dos indivíduos, portanto, é contrária à autonomia construída, que reconhece a liberdade das pessoas e conta com a participação da comunidade escolar. Segundo João Barroso (1996, p. 186), “não existe uma ‘autonomia’ da escola em abstracto fora da acção autónoma organizada dos seus membros”. Por conseguinte, não há como impor um padrão de autonomia às escolas.

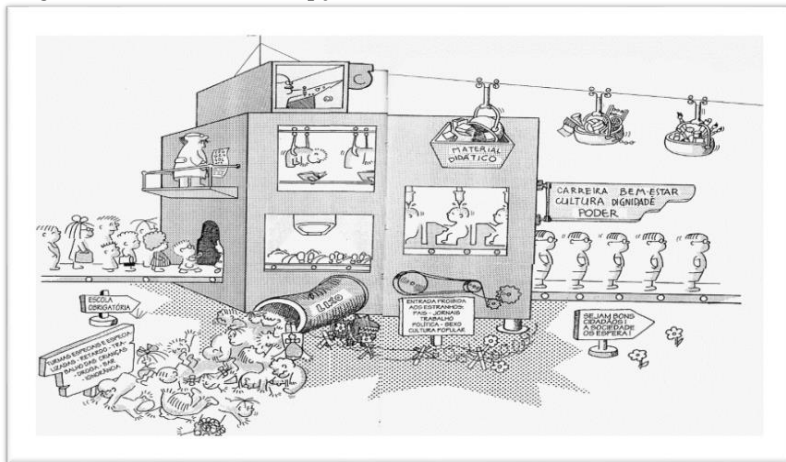
[...] a imposição de normas-padrão de eficácia e de eficiência, como base da concessão de uma maior “autonomia” às escolas, constitui não uma alternativa à racionalização burocrática que supostamente se pretende eliminar, mas, simplesmente, a sua “modernização” (BARROSO, 1996, p. 186).

Ao ser entrevistado por Valencia (2004, p. 30), Tonucci²³ manifestou que “*la educación juega un papel exactamente contrario del que presume. Debería ser el lugar donde las diferencias se compensan y*

²³Cartunista e pedagogo italiano, Francesco Tonucci, é conhecido pelo pseudônimo de Frato.

se superan y por el contrario, es el lugar donde las diferencias se agudizan”, sendo que o descarte (conforme sugere com a ilustração “A grande máquina escolar”, mostrada a Figura 5), é o destino dos “diferentes”.

Figura 5 - A escola de concepção fabril de Tonucci



Fonte: Tonucci (1997, p. 100-101).

Na concepção desse autor, essa escola de modelo tecnicista/productivista é uma máquina que tenta nivelar a todos (instigando e sustentando, ainda mais, as diferenças sociais ou de origem dos alunos), reprime subjetividades e, em série, produz pessoas “aptas e úteis” para a sociedade. Os “inúteis”, transformados em lixo despejado a céu aberto, sequer são notados pelos que pela porta da frente saem da máquina escolar “prontos” para atuar. Para Flusser (2013, p. 43) a escola é uma máquina a ser mais e mais aprimorada, em função da tecnologia disponível e ao fim a que desse destina: “uma fábrica para aquisição de informações”. Ela é, ou corresponde, ao que Weber (2012) percebeu com o capitalismo na sociedade moderna, com a transformação das relações sociais em função das mudanças que promoveu nas ações do homem com o apelo para a ação racional. A racionalidade chegou à instituição escolar. Contudo, os alunos que chegam nela, trazem uma experiência, uma marca, da importância da ação afetiva na aprendizagem e na socialização, a riqueza das diferenças. Algo que a escola deveria considerar ao oferecer aos seus alunos aquele conhecimento que as famílias não têm condições de

ofertar. É preciso considerar que adultos, crianças e adolescentes, são seres que procuram estabelecer vínculos com outros, sendo este um suporte para, inclusive, “produzirem” mais e melhor.

A crítica de Tonucci (1997) à educação, simbolizada por uma escola-máquina, ou escola-fábrica, mostra crianças suspensas por ganchos, que passam sobre livros abertos sem terem a chance de tocá-los, de interagir com o seu conteúdo. Ceccon, Oliveira e Oliveira (1991) entendem que na escola se potencializam as diferenças sociais ao adotar um discurso único, independente das diversas vivências dos escolares. Segundo esses autores, o resultado disso para os alunos é a falta de sentido de um conhecimento imposto, desarticulado de sua realidade.

Para Masschelein e Simons (2017), a escola produtivista, absorve o tempo do aluno que deveria ser livre para pensar sobre o que ocorre no seu entorno, poder enxergá-lo, questioná-lo, tendo condições de propor soluções, algo novo.

Na obra *Em defesa da escola: uma questão pública*, de Masschelein e Simons (2017), vemos o quanto essa unidade está distante da concepção inicial de escola surgida nas cidades-estados da Grécia antiga. A *skholé*, uma tradução do grego para “tempo livre” (não produtivo) criou tempo e espaço para aqueles que por sua posição/condição social não tinham o direito legitimado de reivindicá-lo. Assim, a ideia de ser bom e sábio foi desvinculada da origem ou condição natural de uma pessoa. O tempo e o espaço para acesso ao conhecimento passou a ser para todos, instalando a igualdade; transformando-se em um bem comum.

É claro, que desde o início, havia diversas ocupações para restaurar conexões e privilégios, para salvaguardar hierarquias e classificações, mas o principal, e para nós, o mais importante ato que a “escola faz” diz respeito à suspensão de uma chamada ordem desigual natural. [...]. Era um tempo igualitário e portanto, a invenção do escolar pode ser descrita como a democratização do *tempo livre* (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 26).

Contudo, segundo Masschelein e Simons (2017, 28), essa escola passou a ser vista como um perigo, um incômodo à ordem vigente, sendo transformada em espaço de tempo produtivo. E isso nos reporta à escola atual, e Uai o lugar da biblioteca. E se houvesse a garantia de tempo livre para a biblioteca enquanto o aluno está na escola? Que

repercussão isso teria na escola? Que mudança teria na formação do aluno? Que mudança traria na sua vida e na da sociedade?

A biblioteca dentro de uma instituição escolar está envolvida em questões bastante complexas para serem compreendidas sob uma única ótica, quer seja da Educação, quer da Biblioteconomia. Exige uma ação coordenada composta por diferentes instâncias governamentais, por professores e bibliotecários, e por outros profissionais, de forma a favorecer o fortalecimento de ações para o incremento de uma política pública, tendo como mote a seguinte pergunta: biblioteca escolar “para quê”?

Freire (1985, p. 67) concebe o modelo hegemônico da “pedagogia bancária”, expressão sinônima de educação tradicional, marcado pelo “ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos”. Nela, o professor educa, sabe, pensa, diz sua palavra, disciplina, atua, escolhe o conteúdo a ser ensinado, sendo ele o sujeito do processo. O aluno é quem é ensinado, quem não sabe, quem não pensa, quem escuta docemente, é disciplinado, segue a prescrição, acata o conteúdo, adapta-se ao que é determinado. É mero objeto (FREIRE, 1985). A expressão “bancária” traduz um sistema que oprime, centralizando o educar na memorização e na obediência. É um ensino no qual o aluno não é convidado a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo professor. Para superar esse modelo de educação, Freire (1985) sugere uma educação problematizadora e libertadora²⁴, alicerçada no diálogo. Entende, o pedagogo que a consciência é fruto da vivência e da relação do homem com o mundo operada pela comunicação.

Ações são necessárias para que a biblioteca escolar possa contribuir para minimizar a desigualdade social oferecendo melhores condições de acesso à informação e à cultura nesse sistema do qual se refere Freire, que é interiorizado por todos. Nas palavras desse autor,

[...] os oprimidos [...] tendem a serem opressores, também, ou subopressores. A estrutura do seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se ‘formam’. O seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que

²⁴ Na Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, a educação é dialógica, compreende a transformação social a partir da ação e da reflexão. Nela, o professor não é visto como proprietário do saber, já que o saber não é definitivo, estando permanentemente em construção.

sempre estivera e cuja superação não lhes está clara, é ser opressores. [...]. Daí esta quase aberração: um dos pólos da contradição pretendendo, não a libertação, mas a identificação com o seu contrário (FREIRE, 1985, p. 33).

Esse sistema, que atinge a todos os atores sociais, e que é mantido pelo exercício cotidiano de suas funções, também encontra nesse cotidiano a possibilidade de ser alterado.

Gómez-Hernández (2013, p. 103) acredita na transformação da escola à base do diálogo, e

[...] las bibliotecas son un elemento clave para la función transformadora que la educación debe tener, una vía para resolver muchas de las carencias que conducen al fracaso escolar y a los pobres resultados escolares, al posibilitar la interacción y el aprendizaje dialógico.

Segundo Durban Roca (2012, p. 24), independente do modelo de biblioteca escolar, a preocupação central da escola deve ser a implementação desse recurso educacional “de processos de ensino e de aprendizagem”. Para a biblioteca escolar do futuro é imprescindível “mobilizar o uso e assegurar a utilidade”. Para isso, há dois âmbitos de ação: o físico e o pedagógico. Sem o primeiro não ocorre o segundo. O físico favorece o desenvolvimento das atividades de leitura e de pesquisa. O pedagógico oferece apoio na organização e planejamento escolar por meio de seus funcionários em estreita interação com os demais profissionais da escola (Durban Roca, 2012).

Com base em pesquisas desenvolvidas no período de 1963 a 2005, por pesquisadores norte-americanos, como Ross Todd, Carol Kuhlthau entre outros, Bonilla Rius (2008), indica itens identificados e analisados na biblioteca que comprovaram a relação que têm com a qualidade do desempenho dos alunos. Essa qualidade está relacionada ao tamanho do acervo e a existência de uma política de desenvolvimento das coleções; ao serviço de acesso permanente à internet; ao acesso ao catálogo, à bases de dados e à internet, dentro e fora da biblioteca; ao amplo horário de funcionamento; à presença de professor-bibliotecário na biblioteca de 35 a 40 horas semanais; ao número de pessoal que integra a equipe da biblioteca e a qualidade desse pessoal; ao tempo que o bibliotecário dedica para trabalhar diretamente com o aluno; à garantia, na grade curricular, de horário para que o pessoal da biblioteca

ensine aos alunos estratégias de uso da informação e da biblioteca; à colaboração dos professores-bibliotecários com os professores dedicados ao ensino na sala de aula; à formação contínua dos professores; aos professores-bibliotecários participarem da gestão das TIC na escola; à participação da biblioteca nos temas curriculares e de aprendizagem discutidos na escola; e à cooperação entre biblioteca escolar e biblioteca pública entre outros. Afirma Bonilla Rius (2008, p. 70), que as bibliotecas escolares “dotadas, organizadas y gestionadas de cualquier modo no garantizan tener una incidencia efectiva en el rendimiento escolar”.

Segundo Mekis (2009), quando o programa de bibliotecas escolares foi implantado no Chile, no final dos anos oitenta, 65% das escolas não tinham biblioteca. A ideia era que, em 2010, esses centros de recursos cobrissem todas as escolas do país. Mekis, que coordena um programa de bibliotecas no Chile, entende que a condição ideal para pôr em prática um programa de biblioteca não existe. É, portanto, uma meta a ser perseguida.

El desarrollo de las bibliotecas escolares lo hacen las personas, y son ellas quienes deben experimentar en carne propia la transformación que genera un espacio con libros y recursos vivos. Los proyectos educativos son a largo plazo y deben responder a los estándares internacionales, pero debemos comenzar trabajando hoy en sus cimientos de acuerdo a nuestra realidad (MEKIS, 2009, p. 170).

3.3 BIBLIOTECA NA ESCOLA

Segundo a *American Library Association* (ALA), é difícil precisar uma data para o surgimento da biblioteca escolar. O primeiro registro de biblioteca escolar data de 1740, quando Benjamin Franklin recomendou essa unidade como elemento fundamental para uma academia ideal. Em 1744, a *Penn Charter School* designou uma sala, especialmente, para acomodar a sua biblioteca. Em 1776, a *Declaração de Independência dos Estados Unidos* mencionou a necessidade de recursos próprios para que as escolas pudessem contar com uma biblioteca. Contudo, foi a partir de 1835 que os estados norte-americanos começaram a deliberar sobre o uso de recursos públicos para a criação e manutenção de bibliotecas escolares. O primeiro foi o de Nova York quando, nesse mesmo ano, aprovou uma lei que autorizou

seus distritos escolares a adquirir livros com verba pública. Até 1876, dezenove estados haviam aprovado leis que autorizavam a criação e manutenção dessas unidades. Vale lembrar, que é também neste ano, que Melvil Dewey criou a ALA, que veio impulsionar ainda mais o desenvolvimento das bibliotecas. Ainda em Nova York, em 1892, foi instituída a Divisão de Bibliotecas Escolares e, em 1896, a Seção de Bibliotecas Escolares vinculada à *National Education Association*. A partir do século XX, com a aproximação entre essa instituição e a ALA, as bibliotecas cresceram e se desenvolveram como órgãos fundamentais na escola. Para se ter uma ideia, em 1913, foram contabilizadas cerca de dez mil dessas unidades em escolas estadunidenses (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2011). Recentemente, segundo informa a ALA (2015), das 119.487 bibliotecas norte-americanas, 98.460 são escolares, destas 82,47%, localizadas em escolas públicas. Os dados da ALA são baseados em pesquisas do período de 2011-2012.

A partir da segunda metade do século XIX, estudos e pesquisas experimentais desenvolvidos por John Dewey, contribuíram para a valorização da biblioteca no ambiente escolar nos Estados Unidos, e de lá para outros países, como veio ocorrer no Brasil, a partir da década de 1920, com a Escola Nova.

Dewey, Freinet, Montessori, Parkhurst, Cousinet, entre outros defensores de métodos de aprendizagem vinculados à Escola Nova, colaboraram para a inserção e valoração da biblioteca na escola. Dewey defendia a utilização de recursos e métodos que levassem o aluno a aprender de forma mais ativa, impulsionando o seu desenvolvimento intelectual. Leitura e pesquisa estavam na base desse novo fazer educativo. O método de Parkhurst consistia em tirar o livro didático da escola por meio da criação de uma coleção bibliográfica para uso de alunos e professores. Montessori desenvolveu um método aplicado em crianças com baixa capacidade de aprendizagem, que incorporava materiais variados em espaços diferenciados de aprendizagem. Cousinet pensou na socialização das crianças com o uso de materiais e de recursos bibliográficos. Freinet defendeu que a biblioteca deveria ser incorporada à aprendizagem dos alunos, por meio da construção de textos e desenhos, da elaboração de um jornal escolar, envolvendo-os em um processo de criação e de comunicação (CREMADES GARCÍA; JIMÉNEZ FERNÁNDEZ, 2015).

Apesar desse movimento, no início do século XX, não existia um conceito de biblioteca escolar. Nessa época, a maioria das escolas de ensino secundário norte-americanas era atendida pelas bibliotecas públicas, enquanto as escolas primárias tinham bibliotecas de sala. A

ALA menciona Mary Kingsbury e Mary E. Hall, como as primeiras profissionais “treinadas” para atuar em biblioteca escolar, respectivamente em 1900 e 1903. No que concerne à organização, padrões e equipamentos para as bibliotecas escolares, Hall teve papel relevante dentro da ALA, sendo a primeira presidente da Seção de Bibliotecas Escolares e precursora da *American Association of School Librarians* (AASL) (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2011). Venegas (2008) informa que Hannah Logasa²⁵ foi a pioneira do conceito de biblioteca escolar associado ao papel educativo da escola, quando em 1928, publicou *The high school library: it's function in education*, fruto de um projeto piloto que desenvolveu em escola norte-americana. Essa obra impulsionou outras publicações sobre o tema, que passou a receber a atenção da Biblioteconomia (VENEGAS, 2008).

Até 1960, as bibliotecas públicas, universitárias e escolares norte-americanas centravam suas atividades na guarda de documentos, organização, empréstimo e localização. A qualidade de seus serviços, aumenta a partir da publicação dos *Standards for School Library Programs*, da *American Library Association*. A incorporação de recursos audiovisuais ao acervo e a importância dada à informação científica impulsionaram o seu desenvolvimento e a capacitação de seus profissionais em países desenvolvidos (SALABERRIA, 1998). Em 1971, foi criada a *International Association of School Librarianship* (IASL).²⁶ Em 1977, a Seção de Bibliotecas Escolares da IFLA, que na década de 1980, passou a denominar-se Seção de Bibliotecas e Centro de Recursos Escolares. A nova denominação era reflexo da realidade que se alterava, quando a partir da década de 1970, a tecnologia levou a novas denominações para esse serviço de informação, como Centro de recursos de aprendizagem, por exemplo, em países latino-americanos.

As bibliotecas escolares evoluíram, mas o século XXI tem revelado a crescente desigualdade de seu desenvolvimento. Segundo Salaberria (2008, p. 49), as dificuldades para criá-las sempre estiveram associadas a necessidades mais urgentes: “[...] en la mayor parte de los países la biblioteca escolar no termina de nacer, impedida por mil supuestas necesidades que requerirían una atención más urgente: así, el concepto social de biblioteca escolar es inexistente o muy pobre.”

Em *La biblioteca escolar es un derecho irrenunciable*, Osoro Iturbe (1998) lembra que é preciso a colaboração de muitos para que o

²⁵ A obra consta do acervo da British Library - <<https://www.bl.uk/>> -, cuja consulta ao catálogo foi realizada em 17 mar. 2017, contudo não tive acesso à mesma.

²⁶ Disponível em: <www.iasl-online.org/>. Acesso em: 13 dez. 2016.

direito à biblioteca na escola possa ser exercido. Na Espanha, como no Brasil, se defende a liberdade, a educação de qualidade e a igualdade de direitos. Cabe ao governo cumprir e fazer cumprir a lei. No caso brasileiro, cito a Constituição Federal de 1988, as Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, e a Lei das Bibliotecas Escolares de 2010, para citar alguns preceitos legais diretamente ligados ao direito à educação, à informação e à biblioteca na escola. Para Osoro Iturbe (1998, p. 12), a biblioteca não é nada sem a intenção e a ação das pessoas. Segundo ele, mais importante do que “un espléndido espacio físico lleno de los materiales librarios y no librarios más sofisticados y futuristas [...] Es [...] [el] compromiso, autocrítica y voluntad de transformación”.

3.3.1 Concepções de biblioteca

As bibliotecas escolares variam de acordo com o tipo de instituição de ensino a que estão vinculadas, se pública ou privada, o tipo de ensino oferecido, a linha pedagógica da instituição, tamanho e arquitetura do espaço físico, acervo, localização, recursos disponíveis, serviços oferecidos, profissionais e público que atende: crianças, adolescentes, adultos.

O que tem permanecido central no conceito de biblioteca escolar?

Buonocore (1976, p. 76) a concebe como uma biblioteca de trabalho que atua como órgão auxiliar e complementar da escola e que deve facilitar “a los niños el material bibliográfico para el estudio y solución de sus problemas y deberes de clase. [...] proporciona sus servicios a los alumnos, maestros y padres”. Para Gomes (1983, p. 46), esse tipo de unidade está “anexa a estabelecimento de ensino de qualquer categoria abaixo de ensino superior e destinada principalmente aos respectivos professores e alunos, embora possa também servir a comunidade”. Escolar Sobrinho (1985) associa a biblioteca escolar ao livro, nas suas modalidades de ficção e estudo. A primeira, serve para que o aluno crie o hábito da leitura e a segunda, para que complemente os temas abordados nos livros didáticos. Para esse autor, as bibliotecas escolares são

[...] destinadas a los alumnos de los centros docentes de nivel inferior al universitario, que sirven tanto para facilitar a los niños y a los muchachos libros de entretenimiento que les van

creando el hábito de la lectura como libros de estudio complementarios de los de texto. También, en un segundo plano, están al servicio del profesorado (ESCOLAR SOBRINHO, 1985, p. 421).

O *Dicionário Brasileiro de Educação* conceitua biblioteca escolar a partir do acervo, finalidade e necessidade de organização que viabilize o seu acesso. Essa unidade depende “do estabelecimento de ensino em que está instalado o acervo de livros, periódicos e outros documentos, que ficam ordenadamente dispostos para fins de leitura, consulta e estudos” (DUARTE, 1986, p. 24). Fonseca (1992, p. 53) entende que essa unidade escolar “tem o objetivo específico de fornecer livros e material didático tanto a estudantes como a professores. Ela oferece a infra-estrutura bibliográfica e audiovisual do ensino fundamental e médio”. Guinchat e Menou (1994) enfatizam o lazer que a coleção deve proporcionar aos alunos, aos professores e aos funcionários. O convívio com a biblioteca escolar, segundo esses autores, favorece o aprendizado de técnicas de informação, sugerindo que aquele que tem familiaridade com essas técnicas aprende a identificar características dos diferentes tipos de documentos (estrutura, organização e acesso ao seu conteúdo), além de compreender a organização da coleção. O contato com a biblioteca permite mais autonomia no uso da informação, e esses autores não deixam de registrar que ela precisa de mais atenção.

Magán Wals (1996, p. 36) compreende a biblioteca escolar como uma unidade especializada que oferece “un servicio eminentemente formativo a los estudiantes y su profesorado”. Conforme Lopéz Yepes (2004, p. 186), essa biblioteca serve às escolas primárias e secundárias, devendo apoiar o sistema educativo. Seus principais usuários são alunos e professores. Vemos em Reitz (2014, [n.p.], tradução nossa), menção ao profissional que faz esta unidade funcionar. Trata-se de

[...] uma biblioteca em uma escola primária ou secundária, pública ou privada, que atende a necessidade de informação de seus alunos e também às necessidades curriculares de seus professores e funcionários, geralmente gerenciada por um bibliotecário escolar ou especialista em mídia. Uma biblioteca escolar geralmente conta com um acervo de livros, periódicos e mídia

educacional mais apropriado ao nível de educação oferecido pela escola.

Presentes em todo o mundo, segundo a IFLA (2015, p. 19), as bibliotecas escolares são compreendidas “como ambientes de aprendizagem que oferecem espaço (físico e digital), acesso aos recursos, atividades e serviços para incentivar e apoiar a aprendizagem de alunos, professores e comunidade”. Ainda, segundo a IFLA (2015), o espaço da biblioteca deve ser organizado de forma que sejam respeitados os diferentes interesses dos frequentadores, e distribuídos por área: estudo e pesquisa, leitura informal, ensino, produção e projetos (individual ou em grupo), e administrativa. Unidade de instituição educativa, a biblioteca escolar está ligada ao currículo escolar e ao planejamento. Auxilia a escola no desenvolvimento de habilidades e atitudes relacionadas ao uso de recursos para desenvolver o senso crítico por meio da pesquisa, e a leitura, entre outras (IFLA, 2015).

Para os parâmetros brasileiros, enquanto local de aprendizagem, a biblioteca escolar deve oferecer aos usuários: espaço físico exclusivo, horário de funcionamento igual ao escolar, acervo compatível ao número de alunos, computadores e internet para complementar o acervo local para uso de alunos e professores, coleção catalogada e classificada, consulta local e remota, empréstimo local e domiciliar, incentivo à leitura, orientação à pesquisa, divulgação das novas aquisições, funcionários e auxiliares (CAMPELLO, 2010).

A partir do que expressam os autores vemos que esse espaço escolar é concebido como um lugar da escola com acervo para estudo e leitura, que precisa de organização (algo marcado no *Dicionário Brasileiro de Educação*), tendo como usuário central o aluno, seguido do professor, funcionários da escola, pais e comunidade. Enquanto a organização é mencionada, o profissional (bibliotecário ou outro) passou a integrar o conceito de biblioteca escolar, recentemente.

Quanto à leitura, tema abordado no conceito de biblioteca escolar, Armendano Seveso et al. (2007, p. 25) afirmam que “[...] los expertos están de acuerdo en que no basta con tener una biblioteca escolar, sino que es necesario que la escuela genere prácticas lectoras, pues si no hay razones para leer, la biblioteca no cumple a cabalidad su función.”

Agustín e Gimeno (2013) evidenciam dois aspectos das Diretrizes para a Biblioteca Escolar (IFLA, 2005), que têm acompanhado a história dessa biblioteca desde os primeiros movimentos ocorridos no século

XVIII: legislação que garanta a presença da biblioteca na escola e recursos orçamentários específicos.

Segundo Pérez López (1997), a ação política, fundamentada em leis e regulamentos específicos, é elemento determinante para a permanência da biblioteca na escola. Para que esse direito seja garantido, entende ser necessário definir um conceito de biblioteca escolar, sua obrigatoriedade na escola, princípios de gestão e de avaliação, funções do bibliotecário, coordenação compartilhada entre professores e bibliotecários, e a origem de seus recursos. No Brasil, bibliotecas escolares precisam ser criadas, ampliadas e melhoradas, os alunos precisam utilizar seus recursos, mas também são necessários recursos documentais, materiais e orçamentários, e equipes para atender a sua demanda. Além disso, é necessário lembrar que 49,5% das escolas brasileiras não possuem biblioteca ou sala de leitura. Logo, conclui-se que o restante das escolas tem dificuldade para atrair e incentivar os alunos para a leitura (IRELAND, 2007; BRASIL, 2008; BRASIL, 2011). Segundo esses autores, faltam medidas legislativas e organizativas nos âmbitos federal, estadual e municipal, para que essa unidade esteja presente na escola e tenha orçamento próprio.

3.3.2 Denominações de biblioteca

O conceito de biblioteca escolar perpassa pelas diferentes terminologias que esse tipo de unidade vem recebendo desde a década de 1970, impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico. Portanto, esse conceito está associado a uma nova concepção de biblioteca, que incorpora tecnologias para armazenar e recuperar informação e que, com o tempo, alavancaram devido a necessidade de orientar os usuários para que pudessem desenvolver novas competências, e a formação e prática de professores e bibliotecários no âmbito escolar.

A Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA, 2015, p. 19), aponta nas *Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar*, as seguintes denominações: “[...] centro de media, centro de documentação e informação, biblioteca/centro de recursos, biblioteca/centro de aprendizagem”. Nos países ibero-americanos é mais usual a designação Centro de Recursos e Aprendizagem (CRA). Para a IFLA (2015, p. 38), as bibliotecas concebidas como centros de recursos “[...] disponibilizam instalações e equipamentos necessários para a criação de produtos de informação, bem como para a aprendizagem tradicional e espaços para estudo”. Esses foram alguns dos aspectos previstos pela OEA, em 1982.

Essa variedade de termos, me leva a pensar nas diferentes condições da biblioteca. A sua presença em uma escola e não em outra, ou as condições que as diferem, não estariam contribuindo para reforçar a desigualdade entre crianças, jovens e adultos? Se dentro de um mesmo país, forem mantidas bibliotecas em diferentes condições, isto contraria o princípio de igualdade de direito à educação de qualidade para todos, conforme defendido pela *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, da Organização das Nações Unidas (ONU), de 1948, e pela constituição dos países democráticos que seguem essas orientações. E, se houver distinção com relação à estrutura das bibliotecas, acervo, pessoal e serviços oferecidos aos alunos de uma mesma rede escolar, não seria discriminação?

Conforme Pérez López (1997); Jiménez-Fernández; Cremades-García (2013) e Cremades García; Jiménez Fernández (2015), em países de língua inglesa, encontramos as denominações *learning resource centre, school library and resource center; school library media center; information center e open learning centre*. Na França são utilizados os termos Biblioteca Centro de Documentação, e Centro de Documentação e Informação, nas escolas primárias e secundárias, sendo essa última denominação utilizada também nas escolas secundárias da Itália, Luxemburgo e Holanda. Em países ibero-americanos, *Centro de recursos para el Aprendizaje (CRA)* ou Biblioteca Escolar CRA; *centro de recursos para la enseñanza y el aprendizaje (CREA)* ou biblioteca escolar CREA; *centro de recursos multimediales; centro de recursos para el aprendizaje y la innovación educativa (CRAIE); centro de recursos documentales; centro de documentación;* e *mediateca*.

No Brasil, o termo centro de recursos é ainda pouco utilizado. Defendido pelo CERLALC e pela OEA o tema esteve presente no 1º *Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares*, ocasião em que Fonseca (1982) se posicionou contra a ideia da biblioteca escolar mudar de nome em função de modificações estruturais e de criação de novos serviços. Segundo Salaberria (1998), as ações que desencadearam o aparecimento de novas denominações, ocorreram nos Estados Unidos, na década de 1960, com a introdução de recursos audiovisuais nas bibliotecas, reconfiguradas pela necessidade de novas técnicas de tratamento e recuperação da informação. Isso exigiu discussões, capacitações e novas competências para os profissionais e para os usuários.

Segundo Jiménez-Fernández e Cremades-García (2013, p. 12-14), essas denominações se diversificaram nas últimas décadas, a partir do desenvolvimento das tecnologias, e representam uma tentativa para

distanciar a biblioteca escolar da concepção clássica - espaço obsoleto, desatualizado e pouco atrativo - adotando “una terminología diferente a lo que siempre ha sido y será una biblioteca [escolar]. [...] un espacio aceptado por todos e identificado por todos”. Ainda, para Jiménez-Fernández e Cremades-García (2013, p. 14):

[...] el cambio de nombre solo supone un lavado de cara de una institución que, en esencia, cuenta con una colección de documentos debidamente organizados y dispuestos para su uso. Entonces, ¿por qué no dejar de buscar acertijos y trabalenguas sobre lo que de verdad es y seguirá siendo una biblioteca escolar? ¿Por qué no dedicarnos a cosas más importantes como la posibilidad de cambiar la imagen que se tiene de ellas y convertirlas en lugares vivos de información, formación y recreo?

Além de novos termos para designar biblioteca escolar, alguns deles presentes nas Diretrizes para a Biblioteca Escolar (IFLA, 2015, p. 19), os avanços tecnológicos também atualizam o seu conceito “um espaço de aprendizagem físico e digital”.

Manifestações contrárias às novas denominações também marcam a história da biblioteca escolar. Além de Fonseca (1982), no Brasil, no México, Gaston Litton (1974, p. 14), fazia referência aos termos “centro de aprendizaje o de instrucción”, “centro de medios de instrucción” e “centro de recursos”, sendo contrário à substituição do nome biblioteca escolar por estes termos, por entender que “estas y otras designaciones similares tras una breve popularidad suelen ser substituídas por otras, mientras que la palabra ‘biblioteca’ mantiene invariables su pulcritude y su brillo prístimo”.

Segundo Jiménez-Fernández e Cremades-García (2013), para não sucumbir aos avanços tecnológicos, a biblioteca escolar precisou mudar de nome para atrair os usuários e a atenção da sociedade para o seu valor. Entendem que não são as novas denominações que mudarão a realidade da biblioteca escolar, mas as ações das pessoas, para que esse lugar faça parte da escola.

Durban Roca (2012, p. 28) explicita que “é preciso reconhecer que a função como centro de recursos é chave para que a biblioteca escolar seja vista”, sendo necessária a ação da escola e dos professores para convertê-la em centro de recursos.

Gasque (2013) implantou, em 2001, um Centro de Recursos de Aprendizagem (CRA) em um biblioteca do Distrito Federal, e [...] apesar das inovações propiciadas pela escola [em questão], algumas estratégias de ensino-aprendizagem permanecem tradicionais. Alguns professores se limitam a “passar o conteúdo” para os alunos em aulas predominantemente expositivas, devido à quantidade de conteúdos a serem trabalhados no decorrer do ano letivo. Deste modo, os aprendizes usam quase exclusivamente os livros didáticos ou paradidáticos indicados pela escola, recorrendo pouco a outras fontes de informação. Além disso, grande parte dos professores não aprendeu a usar bibliotecas e produzir pesquisas. Isso porque a formação do professor no Brasil nem sempre abrange a dimensão problematizadora. O paradoxo ocorre quando o professor tenta ensinar por meio de projetos ou resolução de problemas, quando eles próprios desconhecem metodologias de investigação (GASQUE, 2013, p. 144).

Para Fragoso (2005, p. 170), a biblioteca escolar parece ser mais um “depósito de livros e alunos”, enquanto deveria ser um local consolidado “como centro ativo de aprendizagem, amplamente integrada ao processo pedagógico, não necessitando ser adjetivada como escolar”.

Conforme Gasque (2013), a biblioteca escolar na função de centro de recursos, precisa da participação da comunidade escolar. O problema da biblioteca, segundo essa autora, não é a denominação que tem, mas os recursos e a forma de utilizá-los. A pesquisa dessa autora revelou que os mais modernos recursos e as melhores intenções não conseguem mudar a concepção tradicional de biblioteca escolar. A mudança ocorrerá pela conscientização do professor aliada a novas práticas de ensino e de aprendizagem que contemplem a utilização desse espaço.

O que “é” uma biblioteca de concepção tradicional e qual o seu contrário? A de concepção tradicionalista está voltada à transmissão da cultura, centrada na função do livro e na leitura. A sistêmica está centrada na função da informação, em um ambiente dinâmico e em interação com o seu entorno. As bibliotecas que seguem essa concepção estão entre as mais desenvolvidas, destacando-se as da Dinamarca (PÉREZ LÓPEZ, 1997).

Castán (2002) entende que enquanto centro de recursos, a biblioteca escolar pode se adequar a diferentes realidades. Na Espanha,

[...] en la mayor parte de la producción teórica y de las experiencias realizadas en los últimos años es el de centrar todo el interés en cómo organizar técnicamente una biblioteca escolar de modo más “eficaz”, evidenciando una concepción puramente instrumentalista de la biblioteca, donde los medios se confunden con los fines, y soslayando el debate de fondo, que debería centrarse en las finalidades, en el *para qué* (y sólo después se respondería al *cómo*) de una biblioteca escolar de nuevo cuño en unas escuelas que debe dar respuesta a nuevas necesidades curriculares y sociales (CASTÁN, 2002, p. 14, grifo do autor).

Para esse autor, todo projeto educativo visa uma sociedade futura e a escola é um espaço de possibilidades, que favorece a realização de metas para prover a melhoria social, e o profissionalismo, compromisso e competência, desenvolvidos por quem atua na biblioteca colabora para o desenvolvimento da educação (CASTÁN, 2002).

Referindo-se às mudanças na educação nas últimas décadas do século XX, e seus reflexos no papel da biblioteca escolar, Agustín e Gimeno (2013) expressam que

Este cambio de modelo educativo ha supuesto una profunda revisión del concepto de biblioteca escolar, que ha comenzado a ser considerada como un centro activo de recursos informativos y documentales al servicio del aprendizaje, con una fuerte implicación estratégica en los procesos pedagógicos desarrollados en el centro. Sin embargo, diversas circunstancias – cambios legislativos, recortes presupuestarios, etc. – han dificultado notablemente la consolidación y la sostenibilidad de este nuevo modelo de biblioteca (AGUSTÍN; GIMENO, 2013, p. 69).

Segundo Agustín e Gimeno (2013, 69) os alunos são os “verdaderos protagonistas de los procesos pedagógicos”.

Sobre o uso que é feito desse espaço que perpassa pela concepção do que é biblioteca escolar pelo lugar que ocupa na escola, a

pesquisa *Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil* (BRASIL, 2011, p. 63), constatou que a biblioteca escolar tem muitos nomes e significados e que “professores e alunos tinham dúvidas se a sala de leitura poderia ser considerada biblioteca”. Os depoimentos evidenciam a biblioteca escolar como um lugar para depositar livros para empréstimo, para ler, para pesquisar quando solicitado pelo professor, e para punir alunos com má conduta em aula. Também foram identificadas diferentes denominações para espaços ocupados por livros: cantinho de leitura, sala de leitura, depósito de livros, biblioteca de sala de aula e biblioteca expandida²⁷, entre outros (BRASIL, 2011). Como os entrevistados diferenciaram biblioteca de sala de leitura?

[...] uma sala muito pequena não pode ser considerada biblioteca [...] só a biblioteca tem acervo diversificado [...] se os livros não estão organizados de acordo com normas técnicas de biblioteca, o espaço não pode ser considerado como tal [...]; a existência de um profissional de biblioteconomia como responsável pela biblioteca escolar (se não houver esse profissional na escola, o espaço de leitura não pode ser considerado biblioteca); entre outras (BRASIL, 2011, p. 102).

Evidentemente, que os espaços ocupados por livros, como cantinho de leitura, sala de leitura, depósito de livros, biblioteca de sala de aula e biblioteca expandida, não são biblioteca escolar.

3.4 PROFESSORES

Os autores que participam deste capítulo referem-se à concepção de educação, de escola, e à ação do professor que delineiam o fazer do aluno na biblioteca.

Segundo Milanesi (1983, p. 49), o professor ao assumir-se como única fonte de conhecimento contribui para tornar a biblioteca escolar dispensável. As Diretrizes para a Biblioteca Escolar (IFLA, 2005, p. 17),

²⁷ A expressão é usada pela comunidade escolar à ação dos alunos que saem da biblioteca à procura de um lugar (no pátio, corredores ou outros espaços no recinto escolar) para se acomodarem, uma alternativa utilizada pela comunidade escolar para ler, pesquisar ou para realizar estudos em grupo, e hora do conto, devido a falta de espaço na biblioteca. A denominação “expandida” traduz a carência de espaço suficiente para atender a demanda dos usuários da biblioteca (BRASIL, 2011).

alertam para a concepção tradicional do ensino, centrada no professor e no livro texto, por não favorecer “[...] o papel da biblioteca nos processos de aprendizagem”. Nas diretrizes de 2015, a IFLA discorre sobre novas práticas, a partir de uma nova concepção de biblioteca. Essa biblioteca tem uma coleção variada disponibilizada em ambiente físico e digital, e participa com o professor no ensino e na aprendizagem do aluno. Nas suas atividades, a biblioteca orienta alunos e professores, portanto convida para participarem de um processo que desconstrói o modelo de ensino que tem o professor e o livro didático como centrais. É uma tentativa de colaborar para que essa página seja virada, reconhecendo que este é um desafio que envolve profissionais, educadores e gestores.

A partir de sua experiência no Brasil, com a implantação de biblioteca em um modelo de centro de recursos, Gasque (2013, p. 144), afirma que “os docentes pouco estimulam os aprendizes a frequentar a biblioteca e a pesquisar, prejudicando, muitas vezes, o desenvolvimento do pensar autônomo e reflexivo”.

Durban Roca (2012) afirma que a demanda de biblioteca pelo aluno, não é criada pela biblioteca, mas pelo sistema de ensino e pelo professor. Assim, se a demanda por seus serviços é baixa e, se a biblioteca não consegue atender a demanda, tem-se um indicativo para que as orientações de ensino sejam revistas. Para essa autora, a centralização da ação educativa no livro didático e nas tecnologias digitais tem tornado a biblioteca prescindível. Durban Roca (2012, p. 15) afirma que “o salto da teoria à prática passa, indiscutivelmente, pela ação dos professores, responsáveis pela implementação do uso educacional dos recursos e, em consequência, também da biblioteca escolar”. Jiménez-Fernández e Cremades-García (2013), elencam o que consideram ser os principais problemas da biblioteca escolar: a) uso excessivo do livro didático pelo docente; b) ausência de projetos específicos, e de equipes para esse fim; c) falta de confiança das comunidades escolares na biblioteca escolar; d) falta de atenção a essa unidade, e carência de recursos tecnológicos.

De acordo com Durban Roca (2012, p. 25), falta à escola “mobilizar o uso e assegurar a utilidade” da biblioteca, pois o uso dos seus recursos deve ser dinamizado pelo professor-coordenador dessa unidade junto com os professores.

Em síntese, bibliotecas situadas em mundos concretos, reais, não são um luxo, mas uma necessidade. Com ela, cria-se a possibilidade da escola cumprir o seu papel social com qualidade. A presença da biblioteca na escola, oferece às pessoas a possibilidade de ler e informar

mais, expressar melhor, contribuindo para um melhor desempenho diante dos desafios do viver em sociedade.

Em uma sociedade como a brasileira, onde os espaços de cultura (teatros, cinemas, museus, livrarias, bibliotecas) estão disponíveis para uma minoria, biblioteca nas escolas públicas faz diferença. Biblioteca escolar para que?

3.5 A BIBLIOTECA ESCOLAR NOS DOCUMENTOS DE ORGANISMOS INTERNACIONAIS

Os organismos internacionais, a exemplo da *American Library Association* e da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias, têm papel relevante na formação de profissionais que atuam em bibliotecas e serviços de informação. A cooperação destas instituições, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), a Organização dos Estados Americanos, o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe (CERLALC) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), têm contribuído para o direcionamento da ação de profissionais, para reivindicar melhores serviços nas bibliotecas escolares e assegurar às pessoas o acesso à informação e à leitura. Isso é imprescindível na atual sociedade que precisa superar muitas desigualdades sociais, sustentada pela falta de acesso à leitura e ao conhecimento.

A partir do final do século XIX, as instituições norte-americanas passaram a promover encontros de Biblioteconomia no Brasil e nos demais países da América Latina. Essas ações foram intensificadas na década de 30 do século XX, no Governo de Getúlio Vargas. Essa aproximação visava facilitar o comércio de livros entre os países, o desenvolvimento de bibliotecas, o estímulo ao hábito de leitura, a concessão de bolsas de estudo para capacitar bibliotecários nos Estados Unidos, a cooperação com comitês da ALA e a tradução de manuais norte-americanos de Biblioteconomia (CASTRO, 2000). A ALA tem grande alcance nas questões relacionadas às bibliotecas, serviços de informação e seus profissionais. Foi fundada na Filadélfia em 1876, dando início à Biblioteconomia moderna.

Um ano após a fundação da ALA, foi criada a *Library Association*, na Inglaterra, com forte atuação nos países europeus. Em 2002, essa instituição fundiu-se com o *Institute of Information Scientists* para formar o *Chartered Institute of Library and Information Professionals* (FONSECA, 2007; REITZ, 2004).

A ALA possui onze divisões entre as quais a *American Association of School Librarians*²⁸, criada em 1913. Em 1927, em Edimburgo (Escócia), durante a comemoração de cinquenta anos da ALA, foi fundada a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias²⁹. Nos Estados Unidos, em 1971, foi criada a *International Association of School Librarianship* (IASL). Essas e outras instituições têm colaborado na construção de uma cultura de uso da biblioteca escolar, na reivindicação de sua melhoria e dinamização, e na formação e qualificação de seus profissionais (AASL, 2016; IASL, 2016). Em 1977, a IFLA criou a Seção de Bibliotecas Escolares. Na década de 1980, esta seção da IFLA passou a denominar-se Seção de Bibliotecas e Centro de Recursos Escolares (SALABERRIA, 2008, p. 41).

Nas Diretrizes para a Biblioteca Escolar (IFLA, 2015, p. 25), o acesso à biblioteca é visto como um direito, pois “existe dentro de um quadro ético que tem em consideração os direitos e responsabilidades dos alunos e outros membros da comunidade de aprendizagem”. Desde o Manifesto para a Biblioteca Escolar, a IFLA (1999, p. 69) tem lembrado aos profissionais que “sendo de responsabilidade das autoridades locais, regionais ou nacionais, a biblioteca escolar deve ser apoiada por legislação e políticas específicas”. Com isso, essa instituição busca fazer com que suas ações alcancem os que estão na escola, de modo a enfatizar os ideais que defende. Pela posição que ocupam no nível macro, a ALA e a IFLA sugerem ações em contextos distintos, reconhecendo que são os que estão no nível micro, os verdadeiros conhecedores de sua realidade que saberão adequar o idealizado às possibilidades locais.

Existem várias orientações da ALA e da IFLA relacionadas aos serviços de informação. No que concerne a biblioteca escolar, os documentos internacionais de maior acesso no Brasil, são o *Manifesto IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar* (1999) e as *Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar* (2002; 2015). Entretanto, os indicadores nacionais, como – *Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil* (BRASIL, 2011), as notas estatísticas do Censo escolar do INEP (2017), os estudos de Ireland (2007) e os de Paiva e Berenblum (2009), expõem a nossa realidade: faltam bibliotecas escolares, bibliotecários,

²⁸ A instituição tem mais de 7.000 membros e atende bibliotecários escolares dos Estados Unidos, Canadá e de outros países. (AASL, 2016).

²⁹ Em 2016, a IFLA contava com cerca de 1.300 membros distribuídos em 140 países. Disponível em: <<http://www.ifla.org/about>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

políticas públicas de biblioteca escolar e leitores. Especialistas dos governos dos países da América Latina e do Caribe, com a colaboração da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), Unesco, Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe, têm discutido a inclusão da biblioteca escolar nas políticas públicas. Essas ações resultaram no livro *Por las bibliotecas en Iberoamérica* (ARMENDANO SEVESO et al., 2007). Entre 2010 e 2011, houve mais um avanço oriundo de países latino-americanos, quando Argentina, Brasil, Chile e México e a OEI, realizaram estudos³⁰ voltados a diagnosticar a situação de suas bibliotecas escolares. Na sequência são elencados, e comentados, documentos da IFLA e da OEI a orientar as ações que envolvem a biblioteca escolar.

Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares (OEA, 1985)

Essa proposta de modelo para países membros da OEA, foi publicada por Castrillón, em 1982³¹, com a colaboração de María Van Patten de Ocampo. O trabalho surgiu com base nas experiências de quatro projetos-piloto patrocinados pela OEA, desenvolvidos na Colômbia, Costa Rica, Venezuela e Peru, entre 1979 e 1981. Com um modelo flexível, a ser adotado à realidade de cada país, o objetivo do trabalho foi oferecer coordenadas aplicáveis em qualquer país de realidade similar. No modelo proposto, não há níveis mínimos de execução, nem normas rígidas. As orientações são constituídas de duas partes. A primeira tem sete capítulos: a concepção de biblioteca no sistema educacional; objetivos, materiais, o papel do bibliotecário escolar, quem é esse profissional, o aluno leitor e a relação entre biblioteca pública e escolar, dando atenção para a preservação dos papéis dessas duas instituições. A segunda parte enfatiza o sistema “flexível” em nove capítulos, propondo: a necessidade de amparo legal; a estrutura dos níveis macro e micro; os tipos de relações de um programa de bibliotecas escolares (relações internas, externas e internacionais); a necessidade de acompanhamento constante por meio

³⁰ Os quatro estudos encontram-se disponíveis em: <http://www.oei.es/historico/publicaciones/bbdd_coleccion.php?id=20>. Acesso em: 26 jul. 2014.

³¹ Tal proposta consta dos Anais do 1º SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1982. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001844.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2015.

de projetos em diferentes áreas do programa; instrumentos de melhoria; os normativos; recursos humanos; etapas de desenvolvimento; custos e avaliação. Para a criação de uma rede flexível de biblioteca escolar, esta unidade é concebida como “centro ativo de aprendizagem”, atende ao currículo, à leitura, à pesquisa, ao lazer, à comunidade escolar e à aprendizagem permanente. Está integrada a outros espaços de leitura e a outros recursos da rede. Alia conservação de documentos (sua característica tradicional), dinamização e uso (OEA, 1985). Para isso, busca promover uma maior interação entre usuários e autores, em um processo de aprendizagem dinâmico e participativo. O conceito de biblioteca para esta rede é o seguinte:

[...] uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educativo e participa de seus objetivos, metas e fins. A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e a formação de uma atividade científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes em sua capacitação e lhes oferece informação necessária para a tomada de decisões na aula. Trabalha também com os pais de família e com outros agentes da comunidade (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1985, p. 22).

Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas Escolares (1993)

Esse documento representa um posicionamento da *International Association of School Librarianship* (IASL), ao princípio VII da *Declaração Universal dos Direitos da Criança da Unicef* (1959), com relação à educação obrigatória e gratuita às crianças durante o ensino elementar. Esses direitos têm implicação nos objetivos da biblioteca escolar e no fazer do bibliotecário e demais profissionais. Para a IASL, os bibliotecários escolares são professores qualificados com formação em Biblioteconomia. O documento discorre sobre as funções informativa, educativa, cultural e recreativa da biblioteca escolar.

Discorre sobre os diferentes tipos de apoio que a biblioteca escolar precisa para que possa dar suportes às suas quatro funções: a) variedade de recursos bibliográficos, materiais e tecnológicos respeitando a variação de idades e ensinos, capacidades cognitivas, inclusive a diferença de classe social e o poder aquisitivo; b) pessoal preparado e apto a ensinar os usuários das bibliotecas escolares, para que se familiarizem com o local, para que possam utilizá-lo com autonomia e aproveitamento. Isto implica que sejam observados c) meios e equipamentos, como *layout*, criação e distribuição de espaços e serviços e condições térmicas de luminosidade e outras, para acomodar pessoas e materiais, a fim de que as primeiras possam aproveitar o espaço, o que implica no serviço qualificados dos profissionais; d) educação ao longo da vida, competências e capacidades de leitura, pois o desenvolvimento dessa competência as novas tecnologias são entendidas como fundamentais para que as pessoas possam enfrentar as mudanças com menos dificuldade; e) e que para se ter uma “boa” biblioteca escolar, o apoio público e governamental são fundamentais. Segundo a IASL (1993, p. 1), a biblioteca escolar ideal disponibiliza uma gama de recursos (impressos e não impressos), cujo acesso é fundamental, visto que “promovem em cada criança a consciência da sua própria herança cultural e uma base para a compreensão da diversidade de culturas”. O texto enfatiza que para realizar as ações defendidas pela IASL, o Estado deve cumprir a Declaração da Unicef sobre o direito da criança à educação. Em nota de rodapé no final do documento, esclarece que o termo bibliotecário escolar, expresso no texto, designa três termos: “professor bibliotecário, especialista de media e técnico de informação”.

Manifesto IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar (1999)

Esse manifesto foi aprovado na Conferência Geral da Unesco, em novembro de 1999, de novembro de 1999. Indica que todos que estão na educação formal devem ter uma biblioteca que possa suprir suas necessidades e exercer a liberdade de leitura. Entretanto, há outros aspectos a serem considerados que se vinculam aos ideais da ONU. As orientações são apresentadas em seis seções, a saber, missão da biblioteca; financiamento; legislação e redes; objetivos; pessoal; funcionamento e gestão; e aplicação do Manifesto. Nesse documento, a biblioteca escolar é entendida como parte do processo educativo e deve atender a todos, indistintamente, no ensino e na aprendizagem (presencial ou a distância), com fontes impressas e eletrônicas. Para realizar esse objetivo, necessita de legislação que garanta a sua existência, recursos, pessoal qualificado, materiais e equipamentos com

tecnologias que viabilizem acesso à informação. A ideia da integração da biblioteca a uma rede é defendida para viabilizar o acesso à informação e reduzir custos. A biblioteca escolar, segundo o texto, atende o aluno (na sua formação escolar e de vida) e a comunidade escolar. É previsto que o bibliotecário seja integrado ao quadro de professores. O Manifesto orienta que a biblioteca escolar elabore um documento que corresponda às necessidades locais e oriente as ações da comunidade escolar. Esse documento deve ter: os objetivos do setor, os serviços, as atribuições dos responsáveis. Recomenda o uso de padrões na sua organização, bem como a cooperação com diferentes setores, profissionais e comunidade. Ao governo cabe pensar e estabelecer políticas voltadas à biblioteca escolar e divulgar esse Manifesto. Segundo a IFLA (1999, p. 1), a biblioteca escolar ideal “[...] habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis”.

Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar (2002)

Esse documento, traduzido no Brasil em 2005, pretende orientar as ações de profissionais, instituições e governos com relação às propostas do Manifesto de 1999. Essas diretrizes (2002, p. 3) “foram produzidas para informar os tomadores de decisão em âmbito nacional e local, em todo o mundo, e para dar suporte e orientação à comunidade bibliotecária” em contexto local. O documento enfatiza o lugar da biblioteca escolar na sociedade do século XXI, pela crescente demanda por pessoas capazes de fazer uso da informação e gerar conhecimento. A biblioteca, segundo esse documento, precisa proporcionar acesso à internet. A adoção de padrões biblioteconômicos contribui para a sua inclusão em uma rede. A biblioteca escolar é mostrada em sua complexidade, no ambiente interno e na sua relação com o ambiente externo. A biblioteca escolar deve atender os objetivos da escola. Nesse sentido, não há biblioteca escolar sem escola. A biblioteca se envolve com os membros da comunidade escolar e com instituições fora da escola. A sua política deve, segundo essas diretrizes, ser institucionalizada pela escola com a participação da comunidade escolar. Essa política deve estar em sintonia com a escola, os governos local e nacional, devendo ser redigida com a participação dos professores e da direção. Enfatiza que a biblioteca escolar precisa da cooperação, de apoio, de uma equipe (técnicos, bibliotecários, professores, comunidade escolar, voluntariado), e do governo. Para que funcione de forma eficiente, a biblioteca escolar deve contar com financiamento próprio, instalações físicas, recursos, organização, e uma

equipe compatível com sua estrutura. Em síntese, o documento expressa a necessidade de discutir a biblioteca escolar na e com a comunidade escolar para que defina sua política, a ser implementada com a participação de todos.

La biblioteca escolar: presente y futuro (IFLA, 2002)³²

Trata-se de uma coletânea publicada pela Seção de Bibliotecas Escolares e Centro de Recursos da IFLA, que tem a colaboração de profissionais da Noruega, África do Sul, Argentina, Canadá, Chile, França, Grécia, Islândia e Inglaterra, que expressam concepções de biblioteca escolar. Os autores discorrem sobre a biblioteca escolar real e ideal, desenvolvendo conceitos sobre recursos, profissional qualificado, acervo e papel da biblioteca. Willars, Sætre e Bernhard (2002, p. 10), organizadoras desses documento, reconhecem que “existen bibliotecas buenas, bibliotecas excelentes incluso, pero también bibliotecas mediocres y deficientes. Esta es la situación mundial”. A biblioteca escolar é,

[...] más que un mero espacio o colección de libros y datos, es un concepto, una expresión tangible de los valores éticos de la escuela, de su política de igualdad de oportunidades, de cuestiones morales y sociales, de cuidado, de finalidades y actitudes educativas, y una ventana al mundo exterior (WILLARS; SÆTRE; BERNHARD, 2002, p. 11).

Nesse documento a biblioteca escolar é um lugar central da escola, indispensável ao aluno e ao professor. Os textos suscitam reflexões, entre as quais, desmistificar que os problemas das bibliotecas escolares são exclusivos de países com grandes desigualdades sociais, como o Brasil. Dele, destaco depoimentos de profissionais que expressam suas concepções de biblioteca escolar a partir da realidade latino-americana e europeia, pensando em um ideal de biblioteca, sinalizando que há muitas realidades que nos são desconhecidas.

Com base na realidade da Argentina, Ferroni (2002) concebe a biblioteca escolar como um sistema conectado a outros, que funcione como engrenagem de um sistema maior, o profissional que nela trabalha deve ter atuação política. Defende que as autoridades educativas divulguem o Manifesto da IFLA para biblioteca escolar. Aqueles que

³² Documento trilingue em inglês, francês e espanhol.

exercem algum tipo de liderança, local ou nacional, devem apoiar a legislação e observar os padrões da IFLA para as bibliotecas escolares, os ministros da educação devem apoiar um sistema nacional para integrar as bibliotecas em rede. Os programas de formação de professores devem contemplar a missão da biblioteca escolar. Todas as escolas devem ter biblioteca e bibliotecários. Independentemente da área onde esteja atuando, todo bibliotecário deve apoiar e favorecer o desenvolvimento das bibliotecas escolares.

Willars, Sætre e Bernhard (2002, p. 10), olham para a escola, e entendem que “para que cada persona pueda alcanzar su máximo potencial, la escuela debe proporcionar un entorno que estimule el placer por la lectura y el aprendizaje”. Para as autoras, a biblioteca escolar ideal possui: a) livros variados para atender a todas as idades; b) computadores e outras tecnologias que facilitem a aprendizagem; c) estantes, móveis e equipamentos para deixá-la atrativa, acolhedora e confortável; d) sinalização que oriente as ações dos alunos; e) espaços para atender, no mínimo, uma turma de alunos ao mesmo tempo; f) espaços específicos para estudo, para o uso de computadores e outros equipamentos, para leitura e consulta dos documentos; g) programas de orientação ao aluno para que tenha bom proveito da biblioteca e de seus serviços; e h) bibliotecário.

Faundez (2002, p. 23) menciona uma biblioteca mais acolhedora, para ter mais pessoas nela e fazer com que as ideias circulem. A autora sonha com o fim de biblioteca associada à lugar de silêncio, de lugar mal iluminado e mal ventilado e “principalmente como un lugar de castigo o de custodia de tesoros que jamás deben abandonar el lugar donde se guardan”. Enfim, seja acolhedor.

Manifesto da IFLA sobre Internet (2002)

Nesse documento, defende-se o livre acesso das pessoas à informação em meio digital nos espaços públicos como bibliotecas e serviços de informação. O acesso à informação na *web* deve ser livre e gratuito. Para muitas pessoas esse acesso está condicionado ao seu oferecimento em espaços públicos. A garantia de acesso à rede mundial de computadores abre oportunidades, e desafios para usuários e profissionais. Algumas necessidades em função do contexto atual são: participação das bibliotecas em rede, organização da informação no espaço virtual, desenvolvimento de programas que facilitem acesso remoto a outras unidades e serviços, orientação aos usuários no uso de ferramentas, para utilizar esse ambiente, e utilização desse serviço com mais segurança e de forma responsável. Novas habilidades são

requeridas por profissionais e usuários que lidam com informação eletrônica no espaço da biblioteca. Nesse sentido, o objetivo desse documento é contribuir para reduzir a exclusão social. Por tratar da liberdade de acesso, algumas de suas orientações alcançam os profissionais da biblioteca escolar e usuários, por terem internet na unidade, ou para reivindicarem o seu acesso.

Diretrizes para o Manifesto IFLA/Unesco sobre a Internet (2006)

Essas diretrizes seguem as premissas do Manifesto da IFLA sobre Internet (2002) e de estudos coordenados por essa instituição e pelo Comitê Consultivo de Liberdade de Acesso à Informação e Liberdade de Expressão. O documento discorre sobre as ações que antecederam a aprovação das diretrizes para atender países de realidades díspares. Houve seminários em Uganda, Cuba, Rússia e Chile. Essas Diretrizes (IFLA, 2006, p. 7) visam atender “os programas de acesso à Internet nas bibliotecas, e se relacionam com as políticas e com os procedimentos de serviços que conduzem à aplicação dos valores do Manifesto no trabalho cotidiano das bibliotecas”. Destinam-se aos profissionais de bibliotecas e de serviços de informação que oferecem acesso público à internet. Estão atreladas a uma política de inclusão social, em defesa da liberdade de expressão e do acesso à informação. Discorrem sobre o artigo 19 da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, o direito à liberdade de comunicação e de expressão independentemente de fronteiras, e outros documentos que tratam da garantia de direitos universais. Diferentemente de uma biblioteca tradicional, no ambiente da internet, o usuário tem autonomia para selecionar e publicar o que deseja. A terceira parte desse documento trata de suas orientações: a) garantia de liberdade de acesso à internet; b) defesa desses espaços públicos para superar barreiras de acesso à informação; c) atendimento a todos; d) incentivo à promoção do acesso à conteúdos construídos localmente, a digitalização de documentos raros; a disponibilização do catálogo da biblioteca em rede; e) atendimento ao cidadão de forma que vá se tornando independente, tenha consciência de seus direitos; f) favorecimento ao acesso às informações em órgãos públicos, a fim de viabilizar o exercício da cidadania. g) preservar a privacidade do usuário, aconselhamento a observar a legislação sobre direito autoral e a reprodução de documentos; h) orientação e treinamento de usuários, desenvolvimento de habilidades para uso da internet, dando atenção especial às crianças, idosos, professores e deficientes; i) promover o acesso à internet por bibliotecários e governo. As crianças devem

receber atenção especial. Essas diretrizes podem servir como parâmetro para bibliotecas escolares na elaboração de políticas de acesso.

Por las bibliotecas escolares de Iberoamérica (OEI, Unesco, CERLALC, 2007)

Esse documento, publicado por Armendano Seveso et al. (2007), resulta de discussões sobre os problemas de leitura e de escrita nos países ibero-americanos. Mostra a biblioteca como ponto estratégico para que a escola forme leitores. Defende uma aliança regional em favor do desenvolvimento das bibliotecas escolares. O seu objetivo é a inclusão das bibliotecas escolares nos países membros do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe. Defende modelos flexíveis de sistema nacional de bibliotecas escolares. O texto é dirigido aos responsáveis pela tomada de decisão sobre políticas educativas e às equipes técnicas que trabalham com desenho e gestão curricular, formação docente e materiais educativos. Apresenta a necessidade de fortalecer programas de biblioteca escolar, indicando condições para seu funcionamento. Critica a participação de profissionais da região que se preocupam mais com os aspectos tecnológicos e de organização das bibliotecas, esquecendo o leitor. Sugere que a implantação de um programa de bibliotecas escolares deva ser ajustável. As condições básicas para fazê-lo são: a) ter biblioteca na escola; b) ter bibliotecário e equipe de trabalho para atender aspectos pedagógicos, biblioteconômicos, literários e tecnológicos; c) ter acervo; d) apresentar um espaço físico adequado; e) ser organizada e fazer parte de uma rede.

É necessária uma legislação que garanta a existência de biblioteca na escola. O documento recomenda que cada escola tenha uma biblioteca articulada a uma central, comum a várias escolas, além de biblioteca de aula e bibliotecas itinerantes. É prevista a formação de professores, bibliotecários e diretores. O trabalho com a leitura, a escrita, o ensino e o uso da informação deve ocorrer de forma compartilhada entre esses profissionais. O texto salienta, ainda, a necessidade de se criar condições que favoreçam a construção de conhecimentos compartilhados entre professor e bibliotecário. Armendano Seveso et al. (2007, p. 17), afirmam que “no limitándonos a señalar el ‘deber ser’ de las bibliotecas escolares sino explicitando condiciones políticas, institucionales y didácticas necesarias para hacer de la biblioteca escolar parte necesaria de la escuela”. Para Armendano Seveso et al. (2007, p. 9), este tipo de biblioteca deve estar “en sintonía con las políticas educativas del país y con sus modelos pedagógicos. Sin

embargo, con frecuencia se han visto como una responsabilidad exclusiva de los bibliotecarios escolares”.

Uma biblioteca para cada escola (ENSIL, IASL, IFLA, 2010)³³

Esse documento é uma carta aberta por meio da qual as instituições signatárias: *European Network for School Libraries and Information Literacy* (ENSIL), *International Association of School Librarianship*, e a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias, solicitam apoio à população para que reivindique a presença de biblioteca em todas as escolas, garantida por ato governamental. Nesse sentido, a responsabilidade do governo deve ser assegurada por legislação. Os signatários solicitam que governos, educadores, imprensa e sociedade defendam a biblioteca escolar em suas práticas e manifestações públicas. No documento, a biblioteca é vista como um “centro de recurso multimídia”, pois no século XXI, a biblioteca é mais do que uma sala com livros. O acesso a outros recursos tem sido requerido pela sociedade, pela escola e pelo aluno. Por essa razão, segundo o documento, além de textos, a biblioteca precisa ter imagens, vídeos e outras mídias. Recomenda ainda a presença de profissionais que orientem o aluno no uso de ferramentas tecnológicas de acesso à informação. A parceria entre bibliotecários, professores e pedagogos é compreendida como fundamental para que os alunos aprendam a utilizar a biblioteca e os recursos digitais de aprendizagem.

Diretrizes para Materiais de Leitura Fácil (IFLA, 2010)

Esse documento da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias é resultado de um estudo da Seção de Serviços Bibliotecários para Pessoas com Necessidades Especiais da IFLA. Enfatiza a atenção às pessoas, principalmente de idade escolar, para que encontrem, no espaço das bibliotecas escolares e públicas, documentos que facilitem a leitura em razão de problemas como: dislexia, deficiência intelectual, auditiva e visual, transtorno de déficit de atenção com hiperatividade entre outros. Além disso, imigrantes ou não nativos de uma língua, pessoas com baixa alfabetização, e crianças de até quatro anos de idade devem ter atendimento priorizado. Essas diretrizes orientam bibliotecários e outros profissionais sobre o material de leitura fácil (impresso, áudio, imagético), e buscam obter a atenção e

³³ Na lista de referência, a entrada é pelo título em inglês: *A School library in every school!*

colaboração de escritores, editores e outros profissionais ligados à cadeia produtiva do livro para que criem documentos para atender pessoas com necessidades especiais. O profissional da biblioteca tem como missão identificar pessoas que precisam dessa atenção, selecionar documentos que possam ler, incorporá-los ao acervo e divulgá-los para viabilizar o acesso e a leitura de pessoas com necessidades especiais.

Diretrizes da IFLA para a Biblioteca Escolar (2015)

Esse documento atualiza as recomendações do Manifesto de 1999, que dão suporte às diretrizes de 2002, publicadas no Brasil em 2005. Na perspectiva da IFLA a biblioteca escolar passou a ser um ambiente educativo e tecnológico que oferece acesso à informação, para atender a toda a comunidade escolar. Nessa segunda edição, a biblioteca escolar ideal possui espaço físico e digital acessível a toda a comunidade escolar, e oferece uma coleção variada. O papel da biblioteca é associado a um lugar seguro que respeita a privacidade dos usuários, onde possam aprender a desenvolver capacidades e atitudes para criar conhecimentos por meio da pesquisa, fundamentadas na leitura e na manifestação de seus pontos de vista. Os alunos precisam aprender a gostar de ler, criar textos, comunicar-se e trocar ideias. Essas capacidades e atitudes visam promover a participação social e cultural do aluno no contexto onde vive, aprendendo a ser responsável. Essa unidade atende e orienta usuários, capacita professores e alunos no uso de ferramentas que propiciem acesso à informação. O documento enfatiza a necessidade do profissional ter dupla formação: em Educação e em Biblioteconomia. Quanto maior a biblioteca, mais complexos os serviços, maior deve ser a equipe, sua estratificação e atribuições. O documento traz recomendações, enfatizando conceitos, papel da avaliação, e busca da eficácia dos serviços. Segundo a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (2015, p. 16), como as bibliotecas escolares são diferentes entre si, as “[...] normas e diretrizes devem fazer sentido para as pessoas que melhor conhecem a realidade local”. Nessa segunda edição dessas diretrizes, a IFLA (2015, p. 17) reconhece que há entraves normativos distintos para colocar o ideal de biblioteca escolar em prática, e por isso “destinam-se a ser adaptadas e implementadas de uma forma que se adeque aos contextos locais, especialmente os contextos legislativos e curriculares”.

A legislação que rege o desenvolvimento da biblioteca escolar pode ser incluída numa Lei da Educação ou numa Lei da Biblioteca, em ambas

as leis, ou em nenhuma delas. Os documentos relacionados com o currículo escolar podem ser desenvolvidos a nível nacional ou local; estes documentos podem definir especificamente a missão, função e finalidades da biblioteca escolar, ou podem ser inteiramente omissos nestas matérias (IFLA, 2015, p. 17-18).

O documento destina-se a duas esferas de ação: à ação local ou interna, o contexto escolar em si, e à ação externa, relacionadas às políticas públicas. Recomenda aos tomadores de decisão que suas ações devem ser orientadas em consideração às comunidades escolares nas suas múltiplas singularidades. Neste sentido,

As Diretrizes para a Biblioteca Escolar destinam-se a orientar governos, associações de bibliotecas, escolas, diretores de escolas e comunidades escolares no processo de ligação das bibliotecas escolares aos resultados educativos locais, às necessidades de informação da comunidade escolar e a aspectos característicos específicos da comunidade, sejam eles sociais, étnicos, culturais, linguísticos ou autóctones (IFLA, 2015, p. 18).

A IFLA entende fundamental que os profissionais deem atenção ao contexto local. A construção de uma política para a biblioteca, deve levar em conta o que a comunidade escolar entende por esse local (para que serve, qual sua missão), e deve indicar dados sobre o acervo, os serviços oferecidos, as formas de acesso, as atribuições do pessoal, os recursos, entre outros. Esses aspectos são básicos para a formação da biblioteca com serviços e atividades para alunos e professores. As Diretrizes explicitam a relação entre a biblioteca escolar e o direito à educação, à liberdade de expressão e à informação que os países democráticos têm como compromisso defender. Dessa forma,

[...] os responsáveis da educação a nível nacional e/ou regional/local devem estabelecer um sistema de apoio à implementação e desenvolvimento das bibliotecas escolares. Devem ser feitos esforços para definir e implementar um **nível básico de serviços e atividades**, para que os alunos e professores possam encarar a biblioteca escolar como um recurso para o ensino e aprendizagem a

que podem aceder (IFLA, 2015, p. 26, grifo nosso).

Em síntese, as Diretrizes de 2015, informam que a biblioteca escolar pode estar presente em qualquer escola, oferecendo orientações para um maior aproveitamento do uso do seu potencial no ensino e na aprendizagem. Para isso, segundo a IFLA (2015, p. 27), “a política da biblioteca escolar deve ser concebida tendo em conta o projeto educativo e as necessidades da escola e deve refletir os seus princípios, missão, metas e objetivos, bem como a realidade da escola”. Esse mesmo documento (IFLA, 2015, p. 25) informa que para “manter e responder continuamente a um ambiente educacional e cultural em evolução, as bibliotecas escolares devem ser apoiadas por legislação e financiamento sustentado”. As *Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar* (IFLA, 2005, 2015) têm o objetivo de auxiliar ações de governos, instituições e profissionais da Educação e da Biblioteconomia. Esses documentos mostram a necessidade do bibliotecário refletir sobre a sua ação, respeitando a cultura do lugar onde se encontra a biblioteca, o que deve repercutir nos seus serviços. As orientações da IFLA são instrumentos de apoio para a implantação, dinamização e melhoramento das bibliotecas escolares e atenção aos leitores, entre as quais, segundo a IFLA (2005, p. 3) está a de “[...] informar os tomadores de decisão em âmbito nacional e local”, e também “[...] dar suporte e orientação à comunidade bibliotecária. [...] para auxiliar as escolas no processo de implementação dos princípios expressos no manifesto.” Isso significa que as pessoas devem desenvolver competências, ter imaginação para serem cidadãos responsáveis, aprendam a aprender e sejam bem sucedidos em uma sociedade que está sempre em transformação.

O documento mostra uma rede mundial, integrando organismos internacionais, instituições profissionais e atores locais, envolvendo estudo, discussão e orientação sobre práticas de biblioteca escolar que contribuam para se pensar o desenvolvimento em projetos. Para a IFLA (2015, p. 32) o bibliotecário escolar exerce atividades de “[...] ensino, gestão, liderança e colaboração e envolvimento da comunidade escolar”. Em função disso, recomenda que esse profissional tenha formação em Biblioteconomia escolar e em ensino. O documento também contempla experiências em biblioteca escolar, realizadas em diferentes países, e bibliografia.

4 BIBLIOTECA ESCOLAR NO BRASIL

[...] quando estou diante de uma decisão, pressionando teclas, nunca me deparo com os limites do programa. São tão numerosas as teclas disponíveis que as pontas dos meus dedos jamais poderão tocá-las todas. Por isso tenho a impressão de ser totalmente livre nas decisões. O totalitarismo programador, se estiver algum dia consumado, nunca será identificado por aqueles que dele façam parte: será invisível para eles. Só se faz visível agora, em um estado embrionário. Somos talvez a última geração que pode ver com clareza o que vem acontecendo por aqui.

Vilém FLUSSER

*O mundo codificado: por uma filosofia do design
e da comunicação*

O capítulo discorre sobre uma história da biblioteca escolar, a partir do Movimento escolanovista no Brasil, assim como o início da formação bibliotecária neste país. Das discussões ocorridas no 1º Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares, explora as relacionadas à leitura, ao livro didático, à formação profissional, e à proposta de rede de bibliotecas escolares, tratados neste capítulo em seções específicas. A última seção apresenta perspectivas acerca da biblioteca escolar a partir do que tem sido realizado no Brasil, estabelecendo uma conversa entre autores brasileiros e estrangeiros que pensam o futuro da biblioteca escolar em um plano ideal calcado no real.

4.1 A BIBLIOTECA NA ESCOLA NOVA

Na década de 1920, enquanto os princípios da Escola Nova eram discutidos, os escolanovistas brasileiros chamavam a atenção da sociedade para a responsabilidade do Estado em generalizar a educação pública, gratuita, laica e obrigatória do ensino elementar, secundário³⁴ e

³⁴ A partir da Lei Orgânica do Ensino Secundário, aprovada pelo Decreto-Lei n. 4.244/1942, e conhecida como “Reforma Capanema”, este ensino passa a ser constituído por dois ciclos: ciclo ginasial (de quatro anos) e com dois cursos paralelos de três anos cada – o curso clássico e o curso científico. Os estabelecimentos de ensino secundário

universitário. Além disso, era percebida a necessidade de instrumentos de avaliação da formação do futuro professor. O lugar ocupado pela biblioteca na formação do aluno e do professor tornava-se evidente. A Escola Nova contribuiu para o desenvolvimento da biblioteca escolar e para sua significação no ensino e na aprendizagem centrados na participação ativa do aluno, considerando a sua experiência cotidiana, unindo teoria à prática que o indivíduo experimenta do convívio com outros no meio social. O ensino e a aprendizagem não se restringiam à sala de aula, à quadra de esportes e ao recreio. Havia biblioteca, laboratórios, e outros, que incentivavam o aprender e o ensinar.

No Brasil, a Escola Nova esteve fortemente vinculada aos nomes de Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, conforme Saviani (2013, p. 207), a “[...] trindade cardinalícia do movimento brasileiro da Escola Nova”.

As primeiras aplicações de projetos de base escolanovista ocorreram em escolas de ensino primário, para posteriormente alcançar o secundário e à formação de professores. Esse movimento ocorreu em diferentes lugares e contou com diversas pessoas: iniciou no Ceará, em 1922, chegando em Santa Catarina, na década de 1930, e liderado por Bezerra da Trindade (MACHADO, 2002). O desenvolvimento da Escola Nova no país no decorrer da década de 1930, não ocorre por acaso. Havia uma conjuntura social, econômica e política atrelada à modernização do Estado e da indústria, necessitando de pessoas escolarizadas. O seu crescimento foi apoiado por intelectuais brasileiros envolvidos com a administração pública e articulados à educadores escolanovistas no exterior. O movimento defendia novos princípios que abarcavam a educação formal, incluindo a formação profissional em diferentes áreas e níveis, em uma época em que o analfabetismo prevalecia no país. Segundo Gomes (1983, p. 64) 68% da população nessa época era analfabeta.

De 1931 a 1935, Anísio Teixeira³⁵ foi diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal, e deu ênfase à formação do professor. Por meio do Decreto n. 3.810/1932, criou o Instituto de Educação do Rio de Janeiro e reformulou as bases estruturais e curriculares imprescindíveis à formação do professor, cuja publicação coincidiu com a do *Manifesto*

passaram a receber as denominações: Ginásio - destinado a oferecer o curso ginásial; e Colégio” - destinado a oferecer os cursos Clássico e Científico (BRASIL, 1942).

³⁵ Anísio Teixeira, em 15 de outubro de 1931 assumiu a direção geral de Instrução Pública do Distrito Federal. Havia estado nos Estados Unidos entre 1928 e 1929, onde fora aluno de John Dewey no *Teachers College* da *Columbia University*, de Nova York (VIDAL, 2001, p. 57).

*dos Pioneiros da Educação Nova*³⁶, em 19 de março de 1932 (VIDAL, 2013). Segundo Vidal (2013, p. 583), esses documentos “previam a elevação da formação docente a nível superior”, pois havia clareza de ser este um dos pontos de sustentação do modelo que resultariam na renovação da educação.

O referido decreto evidenciou a “força” dada ao Instituto de Educação na formação do professor. A Escola Normal foi transformada em Escola de Professores. Juntamente com o jardim de infância, a escola primária e secundária, essas formações passaram a ser vinculadas ao Instituto, que segundo Saviani (2013, p. 219) foi um espaço privilegiado “de experimentação, demonstração e prática de ensino”, à formação científica do professorado carioca. Para fazer esse sistema funcionar, houveram várias outras reformas. Em 1932, foi criada a Biblioteca Central de Educação. Em 1933, foi criado o Instituto de Pesquisas Educacionais com duas divisões: Divisão de Pesquisas Educacionais e Divisão de Bibliotecas, Museus e Radiodifusão. A primeira tinha duas seções: Programas e atividades extraclasse e Medida e eficiência escolares. Vinculada à segunda divisão, estavam a Seção de Biblioteca Central de Educação, Bibliotecas Escolares e Filtoteca, e a Seção de Museus Escolares e Radiodifusão. Em 1934 foi criada a Biblioteca Infantil. Em função da demanda, o espaço físico e o acervo da Biblioteca Central foram ampliados. Com o crescente número de consultas, o acervo da biblioteca da Escola de Professores aumentou (VIDAL, 2001).³⁷

De 1931 a 1935, Anísio Teixeira deu continuidade ao trabalho iniciado por Fernando de Azevedo, seu antecessor que, em 1928, havia criado o *Regulamento do Ensino* prevendo museus e bibliotecas nas escolas. Esse documento estabeleceu que as escolas tivessem duas

³⁶ São signatários desse documento, 26 brasileiros, entre os quais Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. O manifesto traduz o posicionamento de um grupo de educadores, intelectuais e escritores que acompanhou a implantação dos princípios escolanovistas em escolas brasileiras e que passou a defender um plano nacional de educação, ou de “educação para todos” de base escolanovista. Em *História das ideias pedagógicas no Brasil*, Saviani (2013, p. 241-255) apresenta análise pormenorizada desse documento.

³⁷ Em *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*, Vidal (2001) reconstitui parte do cotidiano da vida do Instituto de Educação: o desafio da implantação do novo sistema de ensino da educação pública, como a aproximação entre teoria e prática, defendida por Dewey. A autora mostra a razão da existência das bibliotecas na estrutura do Instituto de Educação, a construção do hábito da leitura, o apoio ao estudo e a “formação intelectual dos educandos” da escola primária, secundária e de professores (VIDAL, 2001).

bibliotecas, uma para os professores e outra para os alunos. Enquanto o professor era responsável pela biblioteca na maioria das escolas, a biblioteca da Escola Normal tinha um bibliotecário cujo papel central era a organização do acervo (VIDAL, 2001, p. 157-158). Para esse profissional eram previstas como atribuições:

Cuidar da conservação dos livros; organizar o catálogo e revê-lo anualmente, de acordo com os processos mais modernos, ouvido o diretor; apresentar mensalmente ao diretor um quadro do movimento da biblioteca; manter ordem e asseio na biblioteca e atender aos professores, alunos e demais pessoas a quem for franqueada a consulta a livros sob sua guarda (VIDAL, 2001, p. 158).

Na Biblioteca da Escola Normal, o bibliotecário lidava com a organização, controle e recebimento dos alunos do magistério. Na biblioteca da escola, o professor-bibliotecário atendia os demais alunos, os acompanhava nas atividades de leitura e pesquisa, os orientava com relação à conduta na biblioteca, e os instigava a desenvolver o gosto pela leitura. Além das atividades com os alunos, esse professor era responsável pela indicação dos livros que deveriam compor a unidade.

Com a reforma de Teixeira, em 1932 a biblioteca escolar que atendia o Programa de Linguagem voltado aos alunos das escolas do município do Rio de Janeiro tinha um professor, designado professor-bibliotecário, responsável por

[...] fazer com que os alunos adquiram hábitos de silêncio e recolhimento, para melhor eficiência de sua leitura e possibilidade de leitura de outros, levando-os, desse modo, a compreender a necessidade de cada um respeitar o sossego e, portanto, a liberdade dos outros; guiar os alunos na leitura e pesquisas que pretendem fazer, indicando-lhes as fontes de informação adequadas, sem, entretanto, tolher-lhes a iniciativa e a liberdade de escolha necessárias; e procurar desenvolver de todos os modos o gosto pela leitura e o amor ao livro, pela escolha cuidadosa dos que devem compor a biblioteca, pelo modo de apresentá-los às crianças, pela organização de concurso e inquéritos, pela narração de histórias (VIDAL, 2001, p. 214-215).

Com essas ações, o desenvolvimento do conjunto das bibliotecas sinalizava o compromisso do governo com a formação do hábito de leitura, envolvendo a formação de futuros professores e alunos. O desenvolvimento das bibliotecas escolares acompanhava o crescimento das escolas primárias no país.

Em 1921, portanto antes dos primeiros escolanovistas darem início aos ensaios da teoria da Escola Nova em diferentes estados brasileiros, Armanda Álvaro Alberto³⁸ fundou, em uma área rural no Rio de Janeiro, a Escola de Meriti, dando à comunidade de São João de Meriti acesso à escola, à biblioteca e ao rádio. Quatro cartazes sintetizavam os princípios norteadores das ações de professores, alunos, funcionários e comunidade: Saúde, Alegria, Trabalho e Solidariedade. A biblioteca “Euclides da Cunha” e o museu nasceram com a escola. (MIGNOT, 2010; ALBERTO, 2016). A biblioteca atendia uma comunidade carente, marcando o seu lugar no papel da escola, na formação da pessoa e no exercício da cidadania.

A obra *A Escola Regional de Meriti: documentário 1921-1964* descreve esse empreendimento em diferentes momentos de seus 44 anos de trajetória, sob direção de Armanda. A menção à biblioteca é recorrente nos depoimentos daqueles que visitavam essa escola. Destacavam o seu papel de disseminadora de cultura e o seu propósito de cativar pessoas da região ao hábito da leitura. A preocupação da Escola com a leitura da literatura brasileira, e a participação dos alunos nas atividades da escola, da biblioteca e do museu escolar eram evidenciadas. Em 1932, um registro de Armanda, destaca o papel da biblioteca, do incentivo à leitura e envolvimento do aluno nas rotinas da biblioteca. Quando, por exemplo, o aluno precisava se afastar da escola para ajudar em casa ou para trabalhar, levava livros para ler, mantendo o vínculo com a escola e com a biblioteca (ALBERTO, 2016). Lourenço Filho (2016, p. 97), que conheceu essa escola em 1926, registrou: “Essa escola nos parece a precursora da escola renovada no Brasil”. Ao

³⁸ Armanda Álvaro Alberto foi uma das mulheres que assinaram o *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova* em 1932. Na biblioteca havia três seções: uma para alunos, outra para professores e outra para os moradores da cidade. A concepção de educação pública de sua fundadora pode ser resumida em: a) o dever de oferecê-la ao povo é de todos e não unicamente do Estado; b) a escola não deve seguir um modelo único de educação, é preciso considerar o contexto onde se encontra e valorizar as experiências dos alunos, lugar de experimentação e não de memorização. Armanda manteve contato com educadores escolanovistas de vários países (MIGNOT, 2010). Em 1964, a escola deixou de ser mantida pela Fundação Álvaro Alberto, quando foi transferida para uma instituição particular (ALBERTO, 2016).

retornar à escola em 1956, Lourenço Filho reconheceu a experiência de Meriti como “a pioneira da educação renovada em nosso país”.

Conhecendo aquela realidade, Armanda alertava que as poucas pessoas que sabiam ler, liam muito pouco, o que a levou, segundo Mignot (2010, p. 134), a defender “outras perspectivas de cultura – pelo livro – que o livro ainda é, apesar do cinema, do rádio e dos métodos de laboratório empregados pela escola moderna, o melhor instrumento de cultura, por cuja difusão vale bem a Penna trabalhar”.

Em 1932, em nome da Associação Brasileira de Educação, Armanda pediu aos sócios do Rotary Clube colaboração para a formação de bibliotecas. Entendia que as bibliotecas públicas e escolares são mais do que espaços de livros. Devem oferecer informações complementares aos alunos; orientá-los no uso da biblioteca e acervo; envolvê-los em clubes de leitura, dramatização e outros, para que desenvolvessem a sua socialidade; e incentivar a leitura para que a tivessem como um hábito para a vida. (MIGNOT, 2010). Segundo Mignot (2010, p. 127-141) essa educadora entendia que “o cargo de bibliotecário deve ser exercido por profissionais aptos para a função de educadores do povo. [...] [e devia-se fazer] ‘alguma coisa inteiramente nova’ em nosso meio [...] estabelecer no centro da cidade e dentro de suas escolas públicas um aparelho complexo, maravilhoso”: bibliotecas.

Por cinco décadas, a Escola de Meriti, seguiu com suas experiências de educação renovadora atendendo àqueles que o Estado não via. Outros movimentos escolanovistas ocorreram em diferentes estados brasileiros, criaram força, reconfigurando a educação nacional. As bibliotecas escolares seguiam esta corrente.

Na primeira década do século XX, um levantamento sobre as bibliotecas no Brasil, registra 57 bibliotecas escolares. No período de 1920 a 1930, foram criadas 169, sendo 50,3% em escolas particulares e 49,7% em escolas públicas estaduais. Nesse período, os estados que criaram o maior número de bibliotecas escolares foram Minas Gerais (74), São Paulo (25) e Rio Grande do Sul (23). Das quatro bibliotecas escolares criadas em Santa Catarina, três estavam em escolas particulares, uma em escola pública estadual (GOMES, 1983).

A partir da década de 1930, aumenta o número de bibliotecas em escolas públicas. Em dez anos, o número dessas bibliotecas supera as de escolas particulares. As mudanças propostas pelos reformadores da educação nacional foram incorporadas em Santa Catarina. Na obra *A implantação de bibliotecas escolares na rede de ensino de Santa Catarina (décadas de 30 e 40)* Machado (2002) descreve o escolanovismo nesse Estado.

A Reforma Trindade³⁹ - referência ao Decreto^o 713/1935, criou o Departamento de Educação e subdiretorias de Bibliotecas, Museus e Radiodifusão e uma base para aplicar novos métodos de ensino. As Escolas Normais tiveram o seu nome alterado para Institutos de Educação, estando previstos uma biblioteca para professores e outra para alunos. Para a implantação desses princípios era necessário melhorar a instalação das escolas. Em 1937, a responsabilidade pelas bibliotecas escolares passou à comunidade escolar e ex-alunos. O desenvolvimento das bibliotecas escolares em Santa Catarina seguiu a tendência nacional. Em 1933, eram 177, sendo 35 estaduais, 3 municipais, 69 particulares. Em 1943, 636, sendo 384 estaduais, 205 municipais, e 47 em escolas privadas (MACHADO, 2002).

Em 1946, o Decreto n. 3.735/1946, conhecido como Reforma Elpídio Barbosa (1946-1971), regulamentou os estabelecimentos de ensino primário em Santa Catarina. Essa reforma reafirmou a necessidade da biblioteca na educação pública catarinense, juntamente com laboratórios e museus. Criou os cargos de Professora Bibliotecária e Professora Encarregada de bibliotecas escolares, previstos para os Institutos de Educação, Grupos Escolares Modelo, Escola Normal Superior e Escola Superior Vocacional. A inserção da biblioteca no ambiente escolar iniciou pelos Grupos Escolares Modelo, localizados em Lages e Florianópolis. A insuficiência de espaço e a carência de recursos inviabilizou a criação de bibliotecas em muitas escolas isoladas e em escolas reunidas, localizadas em regiões rurais. Em 1949, 480 bibliotecas estavam em Escolas Isoladas e 30 em Escolas Reunidas (concentradas em onze municípios). Em 1949, o governo do estado adequou as escolas para atender o Programa de Leitura e Linguagem Oral e Escrita, do Instituto de Pesquisas Educacionais, criando pelo Decreto 506/1949, a Biblioteca de classe⁴⁰. A presença dessa biblioteca configurava uma nova movimentação de alunos e professores em sala (MACHADO, 2002). Conforme Machado (2002, p. 102), “eram outros processos de assimilação dos conteúdos, propiciando ainda o despertar de ‘atos criativos’.” Anterior à instituição de bibliotecas de classe, havia Clubes de leitura vinculados às escolas com biblioteca. Em 1932, eram

³⁹ Referência à Luiz Sanchez Bezerra da Trindade, líder escolanovista, em Santa Catarina, na década de 1930 (MACHADO, 2002).

⁴⁰ O surgimento da biblioteca de classe, esforço do movimento escolanovista, às vezes denominada cantinho de leitura, segundo Lopes (1989), foi uma alternativa para contornar a falta de biblioteca nas escolas. O acervo dessa biblioteca, comumente formado por doações de todos da classe, tinha o professor ou um aluno destacado para o empréstimo de livros.

dois em instituições particulares de ensino em SC. Na década de 1940, ocorreu uma expansão dos clubes de leitura nas escolas primárias da rede estadual catarinense: de 152 em 1941, passaram a 242 em 1949 (MACHADO, 2002).

No período de 1937 a 1948, o número de bibliotecas escolares no Estado aumentou 602%. Contudo, Machado (2002, p. 83) afirma que “[...] as reformas ocorridas até então no ensino catarinense e a introdução de metodologias mais ativas, não eram praticadas na maioria das escolas”. Para o autor, isso acontecia devido à presença de forças antagônicas: de um lado o espírito da Escola Nova, do outro, a centralidade e autoridade do Estado na condução da administração escolar. Era preciso recursos, melhorar as condições das escolas à medida que a escolarização avançava para o interior. Os tipos de escolas (Grupos Escolares e Escolas Primárias, Escolas Reunidas e Escolas Isoladas) definiam a estrutura, recursos, bibliotecas, material pedagógico e maior número de horas-aula, mantinha de certa forma um modelo de inclusão que excluía (MACHADO, 2002).

As bibliotecas auxiliavam a formação do professor, e por isso as dos Institutos de Educação tinham bom acervo. Vidal (2001) sinalizou que o uso da biblioteca, dos livros, as leituras e práticas do professor, no Instituto de Educação do Distrito Federal, no período 1932-1937, eram intensas. A racionalização passou a ser uma marca forte da escola, que acompanhava a dinâmica do desenvolvimento. Isso é observado por Dias (2007, p. 4), que afirma que neste período “priorizavam-se a racionalização do ensino, estabelecendo-se um modelo único de horário, leis específicas de regulamentação de ensino, métodos e programas de ensino”. Os impressos com esse tipo de orientação passaram a representar importantes instrumentos para alcançar o objetivo do modelo de formação de educadores, alunos e demais profissionais que atuavam na educação. Com os impressos buscava-se garantir a “regulação e modelagem dos discursos e das práticas pedagógicas do professorado” (DIAS, 2007, p. 5). A bibliografia produzida pelos renovadores reforçava tal intento, assim como, publicações periódicas, entre as quais a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e a Revista Escola Nova. Também a escola tinha livros didáticos, apostilas e outros materiais fornecidos pelo governo. O escolanovismo foi crescendo no país. Segundo Ghiraldelli Jr. (1992, p. 126) “nos anos 30, 40 e mesmo na década de 50, ser progressista em matéria educacional era ser escolanovista”.

No que tange às bibliotecas, com o Estado Novo (1937-1945), a censura instalou-se no Instituto de Educação, tendo como alvo principal

o acervo da biblioteca. Em 1939, foram eliminados 6.000 volumes das bibliotecas das escolas cariocas. Nesse período, especificamente em 1937, Getúlio Vargas instituiu o Instituto Nacional do Livro (INL)⁴¹ que passa a distribuir livros às escolas e às bibliotecas públicas (CASTRO, 2003). O escolanovismo foi ganhando adeptos da direita, da esquerda, e simpatizantes da igreja católica. Experiências foram desenvolvidas nas escolas públicas e nas particulares. Na década de 1960, Paulo Freire e outros ligados à Pedagogia Libertária, divulgaram a pedagogia liberal escolanovista nos movimentos populares. Com isso, a Pedagogia Nova foi sendo reinterpretada. Enquanto acompanhava o desenvolvimento da sociedade capitalista, se transformava e se adaptava. Novos autores fizeram com que Dewey, Anísio Teixeira e Lourenço Filho fossem perdendo a hegemonia das publicações sobre o tema. Isso contribuiu para o “nascimento” da pedagogia tecnicista, que segundo Guiraldelli Jr. (1992, p. 127), “se tornou teoria educacional oficial após o Golpe de 64”. Se a LDB de 1961 apresentava princípios originais da pedagogia escolanovista, a LDB de 1971, aprovada pela Lei n. 5.692, marcava um escolanovismo vestido de pedagogia tecnicista (GUIRALDELLI JR., 1992). Segundo Saviani (2013), isto tem relação com o apogeu e o declínio da Escola Nova no Brasil, na década de 1960, e a sua queda com a Guerra Fria⁴². O desenvolvimento científico russo com o lançamento do *Sputnick* em 1957, e com o primeiro homem em órbita em 1961, levou os Estados Unidos a repensar o ensino e a pesquisa. Isso se refletiu em outros países aliados, como o Brasil. A partir de 1970, o ideal democrático e generalista da Escola Nova se transforma em tecnicista. O movimento da pesquisa escolar é impulsionado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1971, contudo conforme Carvalho (1972) e os debatedores do Seminário Nacional, de 1982, Milanesi (1983), e outros, sem que a maioria das escolas estivesse equipada para apoiar os alunos.

Segundo Saviani (2013), esse movimento deu origem ao que define esse autor à Pedagogia Produtivista (salas de aula cheias, espaço insuficiente, professores eficientes e produtivos). Na década de 1990, a

⁴¹ Criado em 1937, no Estado Novo, o Instituto Nacional do Livro foi responsável pela política nacional do livro, pela criação de bibliotecas públicas. Foi extinto pelo Decreto n. 520/1992, com a criação do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0520.htm>. Acesso em: 31 set. 2016.

⁴² Guerra sem confronto direto entre os países dos blocos capitalistas e socialistas para a obtenção da hegemonia pelo conhecimento e desenvolvimento científico. Um período de espionagem que durou 1945 a 1991.

orientação do MEC passou a ser de redução de investimentos públicos, transferindo parte da responsabilidade do Estado com a educação básica e superior à iniciativa privada e às organizações não governamentais. Com a LDB de 1996, cresceu o controle do Estado nos resultados das políticas educacionais. Sem conseguir atender a população, o Estado passa a credenciar instituições particulares de ensino. Abriram-se universidades e escolas particulares. A educação passa a ser uma mercadoria, um lugar de treinamento (SAVIANI, 2013).

No entender de Saviani (2013), as expressões “exclusão includente” e “inclusão excludente” são as que melhor definem as ideias pedagógicas na década de 1990, no Brasil. A primeira se manifesta no campo do trabalho, que passa a ser terceirizado. A segunda no campo da educação, quando os estudantes são incluídos nos diferentes níveis de ensino, sem a garantia de qualidade, tendo dificuldade de se inserir no mercado de trabalho. Chauí (2001) alerta para o fato de a escola voltar-se exclusivamente à formação de mão de obra para o mercado de trabalho, sem oferecer uma educação que prepare o aluno para exercer cidadania, o que alimenta a contínua exploração de uma classe social por outra.

Frigotto e Ciavatta (2003) discorrem sobre as imposições da macroeconomia, sustentada por organismos internacionais que interfere e direciona a educação mundial, em um modelo de sociedade onde a classe dominante tenta transformar a educação em mercadoria e em capital humano. Esses autores afirmam que, em 2000, a Organização Mundial do Comércio sinalizou o campo educacional como o mais rentável dos negócios. Frigotto e Ciavatta (2003, p. 99) discorrem sobre as ações voltadas à educação no Brasil em decorrência do desemprego e da exclusão social apontados no Relatório Delors.⁴³ Esse documento alertou os governos sobre o “contexto planetário de interdependência e globalização”. No Brasil era necessária atenção à LDB, de forma que a educação básica proporcionasse ao educando uma melhor condição para

⁴³ Documento elaborado por especialistas da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI, deflagrada com a realização da *Conferencia Mundial sobre Educação para Todos*, em Jomtien (Tailândia), em 1990. Recebeu este nome por ter sido coordenada por Jacques Delors. O compromisso estabelecido por 155 países, entre os quais o Brasil, foi o de assegurar educação básica de qualidade, envolvendo a escola, a família, a comunidade e os meios de comunicação. Elaborado entre 1993 e 1996, o relatório foi publicado pela UNESCO, em 1996, e no Brasil em 1998, com o título *Educação: um tesouro a descobrir*. Nesse documento, são apresentados os conceitos “educação ao longo da vida” e “aprender a aprender” (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2003). A tradução do relatório encontra-se disponível em: <ftp.infoeuropa.eurocid.pt>. Acesso em: 11 jul. 2016.

exercer cidadania, ter emprego e posteriormente pudesse dar continuidade aos estudos. Entretanto, o pensamento pedagógico empresarial entra em cena impactando critérios estabelecidos nas medidas avaliativas da educação básica e de nível superior, indicados pelo empresariado como “desejáveis” (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2003). Segundo Saviani (2013, p. 433), “as justificativas em que se apoia a defesa do ‘aprender a aprender’, nos PCN, [BRASIL, 1997] são as mesmas que constam do ‘Relatório Jacques Delors’”. Para o autor, é um novo escolanovismo que, desde a década de 1990, vem sendo desenvolvido no Brasil e em reformas educacionais que foram acionadas, desde então, nos demais países. No escolanovismo, a centralidade era o aluno, nas suas capacidades para buscar novos conhecimentos em uma sociedade que se desenvolvia e criava novas oportunidades de trabalho por conta da industrialização e desenvolvimento. Segundo esse autor com o novo escolanovismo a situação é outra: o “aprender a aprender” é voltado a fazer com que o aluno possa se adaptar a uma nova realidade com reduzidas vagas de trabalho tanto na indústria como na agricultura, e por isso mais disputadas. Estão juntos um novo tecnicismo, a “qualidade total” e a “pedagogia corporativa”. Com o ensino busca-se desenvolver competências. As bases do setor produtivo migram para a escola, exigindo dela, aumento da eficiência e da produtividade com custos reduzidos (SAVIANI, 2013). Saviani (2013, p. 439), afirma que o principal papel do Estado passa a ser o de “avaliar os alunos, as escolas, os professores e, a partir dos resultados obtidos, condicionar a distribuição de verbas e a alocação dos recursos conforme os critérios de eficiência”. Estas são questões das esferas política e econômica que atingem a escola e a biblioteca. Com isso, as palavras de Lourenço Filho (1945, p. 46) em *Ensino e Biblioteca*⁴⁴, fazem sentido, ainda hoje: “certas bibliotecas escolares se modernizam, e passam a funcionar de forma menos ineficiente. Outras ensaiam orientar os leitores, sugerir-lhes trabalhos, proporcionar-lhes melhores recursos de organização”.

No mesmo discurso, ao afirmar que “ensino e biblioteca não se excluem, complementam-se”, Lourenço Filho (1945, p. 6), expressa o irrefutável. Na sequência, o educador afirma que a “compreensão destas

⁴⁴ Discurso feito em 1944, enquanto diretor da Biblioteca do Departamento Administrativo do Serviço Público, vinculado à Presidência da República, que tinha como atribuição implementar a reforma administrativa do Estado Novo, destinada a organização e racionalização do serviço público (LOURENÇO FILHO, 1945).

ideias começa, felizmente, a vigorar entre nós”. Mas a biblioteca escolar no Brasil continua enfrentando muitas dificuldades.

4.2 BIBLIOTECONOMIA

Tal como a Escola Nova, a Biblioteconomia foi introduzida no cenário nacional por uma elite que ocupava funções no Estado. Peregrino da Silva e Rubens Borba de Moraes são, respectivamente, os responsáveis pela implantação de dois cursos de Biblioteconomia na esfera pública, um na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, em 1911, e outro na Prefeitura Municipal de São Paulo, em 1936. O primeiro, de modelo francês, o segundo, norte-americano, que prevaleceria no país a partir da década de 1940. Na esfera privada em 1920 foi implantado um curso no *Mackenzie College*, em São Paulo. Portanto, este foi o segundo a ser oferecido no país, posteriormente integrado ao da Prefeitura de São Paulo.

Apesar do primeiro curso ter sido criado em 1911, a formação bibliotecária no Brasil iniciou apenas em 1915. Nos moldes da *École de Chartes*, curso da Biblioteca Nacional visava formar funcionários da instituição. As disciplinas correspondiam às seções da Biblioteca Nacional (CASTRO, 2000).

Na segunda metade da década de 1920, um curso de formação bibliotecária foi implantado no *Mackenzie College*, em São Paulo. Segundo Castro, (2000, p. 65) isso veio ocorrer devido à carência de professores com formação na área, no Brasil, quando foi contratada uma professora norte-americana, para organizar e fazer a gestão da biblioteca, “e ministrar um *Curso Elementar de Biblioteconomia* para funcionários da biblioteca e professores e bibliotecários de outras instituições do Estado.”

Posteriormente, esse curso passou a ser patrocinado pelo Instituto de Educação Caetano de Campos, sendo encerrado em 1936, e agregado ao segundo curso na esfera pública, oferecido pela Prefeitura Municipal de São Paulo, seguindo, a formação técnica de modelo norte-americano (CASTRO, 2000; SOUZA, 2003).

O curso da Biblioteca Nacional passou por várias mudanças. Em 1933, teve o currículo alterado, mantendo o foco na formação erudita. Em 1944, foi reformulado, passando a seguir o modelo norte-americano, quando, segundo Castro (2002, p. 29), o curso da Biblioteca Nacional “muda a ênfase curricular de preparação humanista para a de ordem técnica, uniformizando os saberes bibliotecários e consolidando, no Brasil, o modelo pragmático americano”. Isso não ocorre por acaso, já

que, nessa década, se iniciou no Brasil o desenvolvimento das técnicas biblioteconômicas, que passaram a incorporar esse modelo, formando técnicos, que a modernização requeria, preparando-os para concursos. Além de atender às necessidades da Biblioteca Nacional, capacitou o seu pessoal, formando um quadro de professores; capacitou auxiliares de biblioteca e promoveu a troca de experiências com outros países. Em 1944, a Biblioteca Nacional oferecia três cursos de formação: Curso Fundamental de Biblioteconomia, que formava bibliotecários auxiliares para o serviço técnico; Curso Superior de Biblioteconomia, voltado à formação de profissionais para organizar, administrar e dirigir serviços técnicos; e de Atualização para Bibliotecários e Auxiliares. Os cursos Fundamental e Superior tinham duração de um ano. O superior oferecia a disciplina “Bibliotecas Infantis e Escolares” (CASTRO, 2000).

O curso da Biblioteca Nacional, que em 1944 havia incorporado a formação técnica, atendia à ideia da modernização do Estado, reforçando a técnica, enquanto crescia a demanda por escolas de Biblioteconomia para atender universidades, governo e empresas públicas e privadas. Por outro lado, a biblioteca escolar e a biblioteca pública eram deixadas de lado (SOUZA, 2003).

Uma consequência do fortalecimento do Estado, iniciada pela elite política paulista e continuada pelo Governo federal favoreceu o sistemático esforço dos bibliotecários no sentido de garantir mais empregos nos organismos centrais do setor público, fugindo de serviços bibliotecários que asseguravam o livre acesso das massas populares, o que reforça a percepção do afastamento da categoria profissional bibliotecária do atendimento a este objetivo, como uma linha de atuação prioritária (SOUZA, 2003, p. 82).

O curso oferecido na Prefeitura de São Paulo, resultou de um movimento iniciado em 1934, quando Borba de Moraes, diretor da Biblioteca Pública Municipal, foi aos Estados Unidos se capacitar nesta área, retornando ao Brasil com uma formação tecnicista desenvolvida no *Columbia College*. A adesão à formação técnica norte-americana, inspirada no modelo de administração pública daquele país, deu-se de forma a se obter dos Estados Unidos auxílio para a realização de projetos. Em 1936, a administração pública local reorganizou a Biblioteca Municipal, criando ali o segundo curso de Biblioteconomia do país vinculado à administração pública. Pela impossibilidade de se

exigir do candidato brasileiro uma formação universitária para ter acesso à formação bibliotecária, esse pré-requisito foi dispensado, sendo instituído como curso profissionalizante (SOUZA, 2003).

Em decorrência da modernização do Estado, a organização documental era uma necessidade de várias bibliotecas e instituições, o que viabilizava o progresso e a modernização. O curso oferecido pela Prefeitura de São Paulo passou a atender pessoas de diferentes instituições. Em 1939, teve suas atividades encerradas, sendo transferido, em 1940, para a Escola Livre de Sociologia Política. Novos cursos de Biblioteconomia foram abertos com recursos da Fundação Rockefeller (CASTRO, 2000). De 1942 a 1952, foram criados doze, sendo sete no Estado de São Paulo, e seis na capital. Em 1942, foi criado um na Bahia; em 1947, em Porto Alegre; em 1950, em Pernambuco; em 1951, em Minas Gerais; e em 1952, no Paraná (SOUZA, 2003). Em 1962, com a publicação da Lei n. 4.084/1962⁴⁵ a profissão é reconhecida, e regulamentada pelo Decreto n. 56.725/1965.⁴⁶ As escolas de Biblioteconomia passaram a ter um currículo mínimo, com disciplinas técnicas respondendo às demandas das instituições públicas, empresas e universidades. Com foco na informação especializada, no final da década de 1970, havia no país 30 escolas de Biblioteconomia. Entretanto, ainda hoje, a pouca atenção dada pela Biblioteconomia às bibliotecas escolares no Brasil é um dos pontos que precisa ser discutido, estabelecendo um diálogo entre as orientações internacionais como o *Manifesto IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar* (IFLA, 1999) e as *Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar* (IFLA, 2005, 2015).

Referindo-se ao debate sobre o currículo mínimo dos cursos de Biblioteconomia, realizado durante o Seminário de Ensino de Biblioteconomia no Brasil, em 1968, Castro (2002, p. 38-39) afirma:

[...] por mais que as escolas formassem um número de profissionais suficiente para atender a uma possível demanda não atingiriam as pequenas e distantes bibliotecas. Os motivos seriam que os bibliotecários graduados não iriam assumi-las, primeiro por questões salariais e depois porque essas bibliotecas não ofereciam condições de

⁴⁵ A Lei n. 4.084/1962, dispõe sobre a profissão de bibliotecário regula seu exercício. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12 jan. 2014.

⁴⁶ O Decreto n. 56.725/1965, regulamenta a Lei n. 4.084/1962. Disponível em: <www.camara.leg.br>. Acesso em: 12 jan. 2014.

aprimoramento profissional e, principalmente, porque as bibliotecas universitárias e especializadas os absorveriam logo que terminassem os cursos.

Ainda hoje não há bibliotecários suficientes para atuar em todas as escolas; os profissionais que se identificam com essa área são impedidos de atuar nela pela falta de concursos públicos; os cursos de Biblioteconomia dão pouca ênfase na formação para atender a demanda escolar; metade das escolas brasileiras não têm biblioteca; as escolas que têm biblioteca enfrentam graves problemas, como espaço físico, acervo desatualizado e sem tratamento. A Biblioteconomia de profissionais para atender as escolas. Sales (2004, p. 56), discorre sobre a necessidade de “formação de uma identidade pedagógica” no bibliotecário que atua na escola. Entende que a formação é contínua, e acrescida pela vivência do bibliotecário na escola. Contudo, sabe-se que a formação a partir da prática, requer que esse profissional esteja na escola, e o governo tem demonstrado pouco interesse em ter bibliotecário nas escolas.

Para Frago (2005, p. 172) quando houver professores e bibliotecários trabalhando em equipe integrada ao projeto pedagógico da escola, “surgirá naturalmente o profissional mais especializado – o educador gerenciador da leitura e da informação, mediador entre o leitor e as fontes bibliográficas em seus variados suportes, sejam eles impressos, virtuais ou digitais”.

Com a promulgação da Lei n. 12.244/2010 (BRASIL, 2010), vislumbra-se uma alternativa para driblar alguns dos problemas que precisarão ser enfrentados pelas bibliotecas escolares: a instituição e implantação de uma rede nacional de bibliotecas. Conhecida por “Lei das Bibliotecas Escolares”, esse ato legal, prevê que até 2020, todos os brasileiros em idade escolar terão a oportunidade de acesso à biblioteca. A ideia é integrar profissionais da Educação e da Biblioteconomia favorecendo a cooperação e a troca de experiências. Contudo, essas ações precisam ter o respaldo dos governos estaduais e municipais na criação de redes nas suas esferas públicas⁴⁷, para que estejam integradas à rede nacional, que precisa ser criada; a criação do cargo de

⁴⁷ Nas palavras de Raimundo Martins de Lima, Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia, durante a audiência pública na Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, realizada em 24 de outubro de 2017, dedicada à universalização de bibliotecas, quando informou o pouco número de ações efetivas para o cumprimento da Lei n. 12.244/2010, “não passando de 2, 3, não mais que 5 casos”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7lu9hY-HZpM>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

bibliotecário e realização de concurso público viabilizando a presença desse profissional na rede de bibliotecas. Enfim, essas são algumas ações para que as escolas possam contar com serviços de informação de qualidade, repercutindo no ensino e na aprendizagem.

4.3 FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Conforme visto no capítulo anterior, a formação do bibliotecário no Brasil veio para atender a demanda inicial das instituições de governo de um país que se desenvolvia. O país crescia, e junto com ele a Biblioteconomia, a educação pública, as bibliotecas escolares, e cursos de formação. Procurando uma conexão entre o movimento da Escola Nova e o movimento da Biblioteconomia relacionado à área escolar, encontro um *Bestseller* dessa área, dentre outros indicados por Souza (2003). Trata-se da obra *A Biblioteca*, de Wanda Ferraz (1972), primeira edição de 1940. Nela a autora manifesta a necessidade do bibliotecário ter conhecimento do contexto escolar onde atua. Um capítulo é dedicado à Escola Nova, mais especificamente, ao lugar da biblioteca escolar nessa proposta educativa e na escola tradicional. Ferraz (1972, p. 105) acrescenta que “Os bibliotecários do futuro precisarão ter também prática da sociologia e da psicologia dos grupos, pois muitas vezes terão de dirigir um grupo de polêmica, de crítica ou da associação de pais e professores”. A necessidade de interação deste profissional com os demais que atuam na escola; de conhecer o contexto para além do conhecimento que lhe é requerido para a atividade técnica, foi tratada no Seminário Nacional, e mais recentemente nas Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar (IFLA, 2015, p. 16): “O recurso mais importante de uma biblioteca escolar é um bibliotecário escolar qualificado que colabora com outros professores para criar as melhores experiências de aprendizagem para os alunos em termos de construção de conhecimento e de significado”.

Assim, parece que sempre houve uma voz, que tenta chamar a atenção dos gestores (governo e outros) quanto à contribuição desse profissional para a educação básica, e para que o bibliotecário dê atenção ao entorno de onde atua. Contudo, é preciso ficar atento à origem dessa voz, e suas contradições. Se é uma voz que o mantém preso à técnica, enquanto cobra uma atuação social, há uma contradição. Portanto, é preciso ficar atento ao currículo e se este está criando condições para que o profissional se aproxime ou se distancie de questões sociais. Castro e Ribeiro (1997) alertam as escolas formadoras desse profissional da existência de uma sociedade da informação e de

outra: a sociedade da desinformação. Castro e Ribeiro (1997, p. 23) sinalizam que os currículos têm se adaptado, no sentido de atender às demandas da Ciência e Tecnologia, pra atender a primeira sociedade, esquecendo das “metodologias de trabalhos comunitários, animação cultural, práticas estimuladoras de leitura, recursos e técnicas de alfabetização de jovens e adultos, dentre outras”, para atender a segunda. Afirmando os autores, que

A sociedade brasileira caracterizada historicamente por alarmantes índices de desigualdades regionais, sociais, educacionais, culturais, provavelmente não nos permite, no momento, generalizarmos que estamos em uma sociedade de informação. Ao lado da Sociedade da informação, há sem dúvida uma outra - a Sociedade da Desinformação - que pouco é retratada, porque aquela esconde esta, ou esta não é objeto do desejo da Biblioteconomia (CASTRO; RIBEIRO, 1997, p. 1).

Sales (2004) sinaliza que essa área é desafiada a atender dois nichos de usuários muito singulares. Há um nicho bastante exigente que dispõe de recursos para obter respostas muito precisas às suas necessidades, e que não a obtém sem o uso das tecnologias. Há outro que depende basicamente dos serviços públicos de informação, composto por usuários das bibliotecas públicas e escolares. Conforme essa autora, para quem depende, exclusivamente, dos serviços públicos, o desconhecimento da sua existência, é a primeira barreira a ser superada para que muitas pessoas utilizem bibliotecas. A autora afirma que

[...] a biblioteca está tendo que adaptar seus serviços a uma nova realidade que é composta por uma demanda muito grande de informação, por uma gama de usuários mais exigentes e também por um enorme grupo de usuários potenciais, isto é, aqueles que têm necessidades informacionais, mas não buscam solucioná-las nas bibliotecas por desconhecer que este é um espaço reservado à busca de informações e construção de conhecimento (SALES, 2004, p. 42).

Souza (2003, p. 166) estudou o currículo da formação do bibliotecário no Brasil, e conclui que neste país a prática do ensino de

Biblioteconomia reforça “o tecnicismo e preparando pessoal sem uma perspectiva de estreitamento de relações com a sociedade global.” Concebida a partir do *Manifesto IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar* (IFLA, 1999), em 2005 é publicado o documento *Biblioteca Escolar Brasileira em Debate: da memória profissional a um fórum virtual*. Macedo (2005), organizadora dessa obra, salienta a necessidade da Biblioteconomia dar atenção aos brasileiros que vivem em contextos desfavoráveis, excluídos da biblioteca escolar. Na mesma obra, Belluzzo (2005, p. 341) aborda a formação do bibliotecário, que precisa: a) compreender o aluno enquanto sujeito de aprendizagem contínua; b) conhecer as bases epistemológicas de outras áreas envolvidas com a aprendizagem; c) conhecer a si próprio, sua profissão e seu papel na educação.

Diante da situação nada satisfatória da biblioteca escolar no Brasil, a afirmação de Silva (1999, p. 19 e p. 82) é atualizada: “a biblioteca escolar é um objeto desprezado pela educação”. Para Castro (2003, p. 64), a biblioteca de instituição de ensino (infantil, escolar e universitária), é “um dos objetos menos tratados na história da educação e, por que não afirmar, na história da biblioteconomia: a instituição bibliotecária”. É o que confirma Campello et al. (2007, p. 228), ao analisarem teses e dissertações sobre biblioteca escolar, defendidas no país no período de 1960 a 2006: “a biblioteca escolar tem sido um tema pouco atrativo para os pesquisadores”. Em outro estudo sobre o mesmo tema, envolvendo pesquisas entre 1975 e 2011, Campello et al. (2013) apresentam os seguintes indicadores: a) a biblioteca escolar pode contribuir com a aprendizagem; b) para isso é preciso ter biblioteca na escola; c) o bibliotecário precisa ter conhecimento de educação para exercer a sua função na escola; d) o bibliotecário precisa conhecer os objetivos da escola; e) trabalhar articulado com o professor (CAMPOLLO et al., 2013). Outro estudo, de Ferrarezi e Romão (2008b), que analisou discursos extraídos de periódicos da Ciência da Informação acerca do sentido de biblioteca escolar em pesquisas realizadas no Brasil, registra que esta unidade é

[...] marcada pelo efeito de distanciamento em relação à reflexão e profundidade na abordagem do tema, muitas vezes falado e significado sob a ótica do senso comum, marcado por estereótipos ou pelo silenciamento, o que, dificulta, ainda, mais a inserção de sentidos novos sobre a biblioteca na escola e na sociedade (FERRAREZI; ROMÃO, 2008b, p. 41).

No relato das ações para a implantação de uma “rede de informação” para integrar as bibliotecas escolares, o Conselho Federal de Biblioteconomia evoca que um dos pilares dessa rede advém da formação oferecida pelos cursos de Biblioteconomia, por esta rede requerer a ampliação da formação profissional para atuação em bibliotecas escolares. O Conselho Federal de Biblioteconomia (2012, p. 29-30) entende ser necessário incentivar nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, a “oferta de conteúdos inerentes às particularidades exigidas para atuação no contexto escolar”.

Em pesquisa recente, que ouviu docentes de duas universidades públicas localizadas no Sul do País, Pizarro (2017) constata que apesar das emergências sociais, a formação bibliotecária continua forte no seu propósito de preparar esse profissional para uma atuação técnica e instrumental, sem uma reflexão crítica de mundo e do mundo.

Admitindo que o discurso ético precede a construção do espaço social, pode-se perceber o utilitarismo que se evidencia na atitude natural dos docentes de Biblioteconomia e bibliotecários egressos desses cursos, incentiva a hegemonia técnica e tecnológica, bem como, o fomento de uma racionalidade instrumental (PIZARRO, 2017, p. 232).

Segundo o Conselho Federal de Biblioteconomia (2017), há no país 39 cursos de Biblioteconomia ou Ciência da Informação. Esses cursos estão distribuídos em 26 universidades públicas e 13 particulares: dois na Região Norte; oito no Nordeste; cinco no Centro Oeste; 17 no Sudeste; e sete na Região Sul.

A necessidade de debates requerendo a atenção da Biblioteconomia para a atuação do egresso no ambiente escolar, não é recente. Em 2013, paralelo ao XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, ocorrido em Florianópolis, o 1º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar, expressa a necessidade de se olhar para esta área. O conceito “biblioteconomia escolar” tem sido utilizado por Campello (2015), que manifesta a necessidade da “formação de redes de cooperação” para apoio a esta área. O clamor não é recente, e foi forte no primeiro Seminário Nacional. Há uma necessidade latente de se pensar em uma rede que sirva de sustentação às diferentes bibliotecas escolares, e seus

diferentes contextos, envolvendo a promoção da leitura, instrumentos de acesso e uso da informação, enfim, a formação de uma cultura de uso de bibliotecas neste país.

As *Diretrizes para a Biblioteca Escolar* (IFLA, 2002, 12), expressam que o bibliotecário deve ser “treinado” na área técnica e ter “conhecimento adicional em teoria da educação e metodologia do ensino”. Sobre isto, a segunda edição, expressa:

[...] mais de 50 anos de investigação internacional [...], recomenda que um bibliotecário escolar detenha educação formal em biblioteconomia escolar e em ensino de sala de aula, proporcionando a competência profissional exigida para as funções complexas de ensino, leitura e desenvolvimento da literacia, gestão da biblioteca, colaboração com os docentes e envolvimento da comunidade educativa (IFLA, 2015, p. 31).

O documento fortalece a ideia da centralidade na formação técnica oferecida pela área, e que a formação complementar exigida ao profissional para atuar na escola é posterior ou paralela à formação em Biblioteconomia. Apresentando uma síntese do envolvimento da categoria bibliotecária em Santa Catarina em torno da criação do cargo de bibliotecário para atuar nas escolas estaduais e a proposta de integração e formação de uma rede de bibliotecas para atender o grande número de escolas, enquanto o de bibliotecário é insuficiente, Garcez (2014a) comenta da necessidade de se

[...] promover a reflexão tanto sobre os limites da profissão do bibliotecário, [...] quanto nas possibilidades de sua ampliação. [...] em se tratando da educação básica, a centralidade da ação na técnica não basta. Essa ação precisa ser conciliada com outras necessidades da comunidade escolar, o que demanda novas atribuições e competências ao profissional bibliotecário. A ampliação da função do bibliotecário no contexto escolar não descaracteriza essa profissão, ao contrário, a faz avançar e crescer nesse contexto tão particular de base educativa (GARCEZ, 2014a, p. 5).

A inserção da Biblioteconomia e de seus profissionais no ambiente da educação básica, atende a ideia da formação de uma rede de pessoas cujo propósito é dar uma resposta a necessidade de biblioteca nas escolas, e que requer que se pense nas competências desses profissionais.

Para a rede de bibliotecas escolares proposta por profissionais catarinenses ao executivo estadual, as competências do bibliotecário vinculam-se às funções que desempenhará em três pontos distintos dessa rede: função de gestão, no órgão central; função de gestão e técnica, nas secretarias regionais, e função técnico-pedagógica nas bibliotecas escolares. No órgão central o bibliotecário participa do planejamento da Secretaria da Educação, no que tange às bibliotecas escolares, expõem o que ocorre nas secretarias regionais e nas bibliotecas escolares, viabiliza a comunicação entre os diferentes pontos da rede, objetivando sua dinamização. Os bibliotecários lotados nas secretarias regionais, serão responsáveis tratamento dos documentos que comporão o acervo das bibliotecas, e encaminhamento às escolas. Estarão conectados aos bibliotecários lotados nas demais secretarias regionais, nas escolas e no órgão central. Os bibliotecários lotados nas bibliotecas exercerão a função técnico-pedagógica, mantendo contato direto com os usuários, potencializando o uso da biblioteca pela comunidade escolar (GARCEZ, 2014a).⁴⁸

4.4 SEMINÁRIO NACIONAL

Quando ocorre o 1º *Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares* (1982), os conferencistas evidenciaram os problemas que envolviam a biblioteca escolar, entre os quais, a falta de espaço, de oportunidade e de vontade para discuti-la. Nesse evento que reuniu profissionais da Educação e da Biblioteconomia, ficou evidente o esquecimento da biblioteca escolar pelo Estado, pela Biblioteconomia e pela Educação. Em síntese, a biblioteca escolar não estava incluída no currículo dos cursos de Biblioteconomia e, até então, em nenhum evento dessa área. Enquanto isso, eram discutidas a falta do hábito da leitura na escola, o emprego do livro didático e o papel da biblioteca pública que passou a atender os alunos com as demandas por pesquisa após a partir da LDB de 1971. Sobre o livro didático, que ainda orienta o fazer de alunos e professores, foram ouvidas expressões fortes. Lima (1982, p.

⁴⁸ Esta proposta também foi apresentada por Fioravante-Garcez e Vieira da Cunha (2015) e por Garcez; Eggert-Steindel; Speck e Carpes (2016).

15, grifo do autor), afirmou que “o livro didático é o inimigo mortal do livro e da biblioteca [...], uma espécie de ‘cupim didático’ que põe em perigo a sobrevivência dos processos escritos...”. A biblioteca pouco aparecia nas escolas; não fazia parte do currículo escolar. Foi esquecida pelo governo, e refletia na falta de ênfase dada à mesma na Educação e na Biblioteconomia.

Nesse seminário, Castro (1982, p. 29) questionou qual “a verdadeira causa que tem impedido o desenvolvimento da biblioteca escolar?” e, também,

[...] por que mesmo naquelas escolas que apresentam todas as condições de recursos físicos, humanos e materiais ela, na maioria das vezes, não tem conseguido se impôr, se é tão óbvio e tão sobejamente reconhecido seu valor como peça importante no processo educacional? (CASTRO, 1982, p. 29).

Para essa autora, mesmo quando apresentava condições para tal, havia dificuldades em incluir a biblioteca na vida da comunidade escolar. Se o problema não eram recursos físicos, materiais e profissionais, o que faltava às bibliotecas?

Em seu discurso, Castro (1982) evidencia a distância entre o currículo da formação profissional e a necessidade de se conhecer o aluno, principal usuário da biblioteca escolar. Entendia a autora, que

[...] estamos falhando pelo simples e elementar fato de estarmos a empregar todos os nossos esforços na Biblioteca em si mesma [...] e descuramos aquilo que deveria ter sido nossa preocupação inicial. Qual seja, a matéria prima essencial de uma biblioteca escolar, que, na verdade, não são os livros em si, mas o aluno. Quem é ele? Qual a sua natureza? Como ele aprende? O que ele espera da biblioteca? O que ele necessita receber da biblioteca? Será que nós realmente sabemos as respostas para essas e tantas outras perguntas? (CASTRO, 1982, p. 30).

Esses questionamentos indicavam a necessidade do profissional ter outros conhecimentos além do técnico. Para responder à questão “Como ele [o aluno] aprende?”, a autora manifestou ser necessário

aproximar Biblioteconomia, Pedagogia e Psicologia. Para Castro (1982, p. 35), a biblioteca escolar requer habilidades de educadores e de bibliotecários. Assinalou que a área da Biblioteconomia se esquecia da sua responsabilidade com as bibliotecas escolares, porque “consciente ou inconsciente privilegamos a biblioteca especializada em detrimento da Biblioteca Escolar, já a partir da formação do profissional bibliotecário”. Cabe à escola incentivar o hábito de leitura, e a criança a gostar de ler. Quando a sala de aula não alcança esse intento, a tarefa cabe à biblioteca. Contudo, haviam outras questões a serem consideradas:

a) A Biblioteca Escolar se encontra aparelhada para desempenhar suas funções, considerando o lugar privilegiado que lhe cabe no contexto escolar? b) Pode a Biblioteconomia ser considerada, também responsável pela situação em que a Biblioteca Escolar se encontra? (TAYLOR, 1982, p. 34).

Nesse evento, Moriconi (1982, p. 51), afirmou que “felizmente já está superado o conceito tradicional de que a biblioteca escolar seria o depósito de livros que complementava as instalações de uma escola, e que era resguardada e protegida, evitando perdas e danos”. Será? O conceito tradicional de biblioteca escolar que, em 1982, era considerado ultrapassado, para nós ainda é presente. Pode-se afirmar que, no Brasil, se conseguiu superar a ideia de bibliotecas tradicionais, centralizadas na oferta do seu documento mais tradicional: o livro, no entanto, muitas escolas sequer possuem biblioteca e livros além dos didáticos.

O desinteresse da Biblioteconomia pela biblioteca escolar foi explicitado por Nery da Fonseca (1982), em uma palestra intitulada *Alternativas bibliotecárias para a crise da educação*⁴⁹. O autor, questionou porque, até aquele momento, a biblioteca escolar não tinha sido tema de debate no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), e em outros encontros da área. O conferencista também evidenciou a falta de uma disciplina de biblioteca escolar no currículo da Biblioteconomia, já que

[...] lidar com crianças e jovens requer uma formação tão sofisticada quanto a que exige dos

⁴⁹ Palestra de abertura desse evento, publicada pelo INL, em forma de livro, com o título *A biblioteca escolar e a crise da educação*.

que trabalham com pesquisadores mais altamente especializados: uma formação em que a Psicologia, a Pedagogia e a Literatura são tão importantes quanto a Bibliografia, a Catalogação e a Classificação (FONSECA, 1982, p. 6).

Para esse autor, não basta formar profissionais para lidar com livros, é preciso que gostem mais dos leitores. Na oportunidade, Fonseca (1982) defendeu a criação de um sistema de bibliotecas públicas e escolares. Nesse evento outras falas ressoam até hoje. Lima (1982, p. 18-19) expressa, que

A biblioteca não é, ainda, um objeto cultural da civilização brasileira. Muitas bibliotecas (das poucas existentes) são, de fato, mausoléus de livros, onde toda consulta é um ato de ousadia. [...]. As escolas ou não dispõem de bibliotecas em sua grande maioria ou dificultam o uso dos livros para que os alunos não os estraguem.

Espaço, organização, melhoria no acesso, disponibilização e criação de um sentido de uso, constituíram a tônica das manifestações nesse evento. Outras questões também foram discutidas: formação do leitor, coleção, pesquisa escolar e outros. A alternativa concebida era a criação de um sistema nacional que integrasse bibliotecas escolares. As recomendações do evento são apresentadas a seguir:

- 1ª) criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares e Sistemas Estaduais;
- 2ª) criar o Programa de Biblioteca Escolar ou Escolar Comunitária;
- 3ª) formar equipe integrada por bibliotecários e educadores para planejar, executar e supervisionar o Programa de Biblioteca Escolar ou Escolar Comunitária;
- 4ª) integrar as ações da biblioteca escolar nos futuros Planos Nacionais de Desenvolvimento;
- 5ª) cumprir a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (5.692/1971) no tocante à designação de lugar para a instalação da biblioteca nas escolas e buscar garantias para a sua manutenção e desenvolvimento;
- 6ª) definir diretrizes, pelo MEC, quanto à organização e funcionamento das bibliotecas escolares;

- 7^a) criar o cargo de bibliotecário para os sistemas estaduais de biblioteca escolar;
- 8^a) oferecer, ao professor responsável pela biblioteca escolar, curso ministrado por bacharel em Biblioteconomia;
- 9^a) propor às escolas de Biblioteconomia, cursos de extensão, especialização ou licenciatura para bibliotecários escolares;
- 10^a) incluir biblioteca escolar nos cursos de pedagogia e de formação de professores;
- 11^a) formalizar intercâmbio com organismos internacionais, como o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe, a Organização dos Estados Americanos, e UNESCO, uma ação fundamental para o desenvolvimento de um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SEMINÁRIO..., 1982, p. 179-181).

Em si, estes itens nos levam a pensar sobre o alcance dessa rede nacional, o lugar do governo nela, independentemente da instância que esteja, o lugar da Biblioteconomia, a Educação, portanto de educadores e bibliotecários, o aluno e a comunidade escolar e a sociedade.

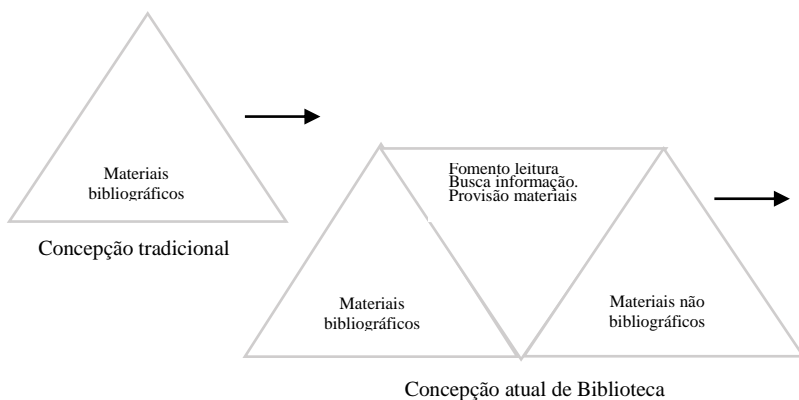
4.5 REDE

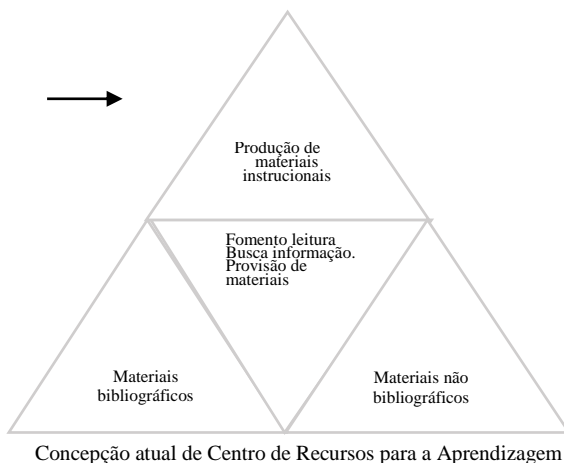
As recomendações do 1^o *Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares* (1982) estavam sintonizadas com a ideia da formação de uma rede nacional e multinacional de bibliotecas escolares defendida pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Na obra *Modelo Flexível para um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares* (OEA, 1985). Em 1983, um seminário, realizado em Lima (Peru), teve como tema a biblioteca escolar. Esse evento dava continuidade à ideia de se implantar no Brasil, um sistema nacional de bibliotecas escolares, como recomendou no 1^o Seminário Nacional. Com a participação de dezesseis países da América Latina e Caribe, foi aprovada a *Declaração de Lima sobre Bibliotecas Escolares*. O documento recomendou a implantação de sistemas nacionais de bibliotecas escolares prevendo a cooperação de organismos internacionais na região, como a OEA, que viabilizariam assistência técnica, bolsas de estudos, cursos e capacitação, pesquisa e intercâmbio da informação entre outros. Essa Declaração referendava a adoção de um modelo de sistema de biblioteca escolar ajustável às realidades dos diferentes países (BARROSO, 1984). Conforme Barroso (1984, p. 12-13), as bibliotecas viriam a contribuir para “a supressão das lacunas provocadas pela utilização do livro único, que impede a

capacidade de maior conhecimento e reflexão sobre a realidade que cerca alunos, docentes e escolas”. Ainda, segundo essa autora, “o que se verifica é que a carência de bibliotecas escolares verdadeiramente explode, com graves consequências, na área do processo ensino-aprendizagem”. Conforme salienta a OEA (1982, p. 14), “em um mesmo país, o que em um local pode ser visto como ideal, em outro poderá ser uma meta superada.” No Brasil, essas declarações significavam um reforço para se obter apoio e compromisso, não apenas do governo, mas da categoria profissional, com relação às ações demandadas pelas recomendações do seminário de 1982. Para Barroso (1984, p. 13), os tipos de biblioteca, de sala de aula etc., presentes na estrutura das secretarias de educação, desenharão o sistema. Nesse projeto a biblioteca escolar está associada a Centro de Recursos Educacionais (CRE) ou Centro de Recursos de Aprendizagem (CRA).

A próxima figura ilustra a configuração de uma biblioteca tradicional em centro de recursos, um local que incorpora os serviços tradicionais de uma biblioteca escolar, que estimula a produção de conhecimento, viabilizado pela inserção da tecnologia. O esquema proposto na Figura 6, nos auxilia a pensar sobre a realidade brasileira: o estágio atual para integrar um modelo de rede de bibliotecas escolares, tendo como meta unidades de informação mais dinâmicas e inclusivas.

Figura 6 - Biblioteca escolar: da concepção tradicional a centro de recursos





Fonte: Adaptado de Organização dos Estados Americanos (1985, p. 108).

A Figura 6 representa a ponta da rede, o ambiente micro do sistema flexível proposto, que vincula-se ao sistema macro. No nível micro dessa rede estão a biblioteca central ou núcleo; biblioteca de escola ou de base; biblioteca de sala; biblioteca rotativa; caixa-estante ou coleções itinerantes; centro de recursos para a aprendizagem ou centro de recursos educacionais; entre outros. Em outro nível, o sistema é vinculado ao Ministério da Cultura, à biblioteca pública, pela vinculação que tem o livro com a leitura e à cultura. Portanto, é um sistema que envolve diferentes instituições e profissionais.

Esses espaços atendem a escola e a comunidade. A integração de uma variedade de espaços para atender escolas, e comunidade, é fundamental para o sistema. Sistemas locais podem ser criados antes do nacional. O modelo considera que o acervo das bibliotecas de aula, existente nas escolas que não têm bibliotecas, poderá dar origem a uma biblioteca escolar, ou ser integrados à biblioteca escolar. As bibliotecas que atendem exclusivamente professores de uma rede de ensino também estarão integradas ao sistema (OEA, 1985).

Além dos diferentes espaços de leitura, o modelo flexível considera diferentes denominações para os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares. Na época, não havia bibliotecário, professor bibliotecário ou bibliotecário-professor, sendo necessário que os órgãos centrais do sistema capacitassem profissionais para atuar na biblioteca: professor com atualização ou capacitação em Biblioteconomia (OEA, 1985). Segundo a OEA (1985, p. 65), a escolha dos professores para as bibliotecas seria feita entre os que trabalham na rede de ensino, por

entender que “as pessoas que atuam na biblioteca escolar ou em um programa de bibliotecas escolares em qualquer nível, estejam integradas a uma carreira ou escalão que lhes permita ascender funcionalmente.” Além desse profissional, eram previstos auxiliares e voluntários.

No Brasil, nas décadas de 80 e 90 do Século XX, a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e a automação dos serviços, mobilizou diferentes áreas do conhecimento, alterando o comportamento de indivíduos e organizações, gerando reflexões e debates. Enquanto a tecnologia requisitava novas disciplinas e remodelava outras, inseria novos recursos no ensino e na aprendizagem.

Com o objetivo de promover, desenvolver e incentivar o uso da informática educativa nos sistemas públicos de ensino, nos seus diferentes níveis, no final da década de 1980, o MEC instituiu o Programa Nacional de Informática Educativa (Proninfe), cuja prioridade era a capacitação de professores, técnicos e pesquisadores. Em 1997, foi criado o Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo), voltado ao incentivo do uso das tecnologias no ensino fundamental e médio da rede pública (MARTINS; FLORES, 2015). Com esse novo esforço, o Governo buscava impulsionar o uso das tecnologias no ensino, explorando recursos para fazer pensar-construir-socializar conhecimento no ambiente escolar. Porém, enquanto crescia o número de salas de informática, oferecendo aos alunos computadores e internet, as bibliotecas escolares não tinham esses recursos. As tecnologias e o uso de suas ferramentas no meio escolar ocasionaram outras demandas, abriam possibilidades que precisavam de atenção, como a de facilitar a organização e o acesso aos documentos das bibliotecas escolares e a comunicação dos usuários. Contudo, muitas bibliotecas ainda carecem destes recursos.

A Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil (BRASIL, 2011, p. 79), identificou que, enquanto as escolas têm sala de informática com computadores ligados à internet, bibliotecas escolares estão sem computador e sem conexão à internet. Aos poucos, tecnologias e equipamentos começam a surgir nas bibliotecas pesquisadas, “mesmo que ainda mereçam melhor compreensão quanto aos usos que a comunidade escolar fará dessas ferramentas”. Essa falta de tecnologia repercute na qualidade dos serviços oferecidos pelas bibliotecas escolares. Revela a lentidão dos saberes TICs abordados nos currículos reverberarem nas bibliotecas, e aliando-se os outros tantos fatores.

Convive-se, assim, com bibliotecas que não contam com equipamentos e tecnologias,

permanecendo o livro como objeto primordial, ao mesmo tempo em que inauguram bibliotecas digitais como símbolo da exigência da contemporaneidade (BRASIL, 2011, p. 108).

Em 2008, o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) apresentou ao governo um projeto para a criação e desenvolvimento de uma *Rede de informação para o ensino público brasileiro*.⁵⁰ Esse estudo culminou com a promulgação da Lei n. 12.244/2010, para a universalização das bibliotecas escolares no Brasil e a elaboração dos *Parâmetros para Bibliotecas Escolares Brasileiras* (CAMPELLO, 2010), como uma forma de orientar a aplicação da rede pleiteada. O quadro que segue é uma compilação do que é defendido nos parâmetros.

Quadro 1 - Parâmetros para bibliotecas escolares no Brasil

Indicadores	Nível Básico	Nível Ideal
Espaço físico	De 50 a 100m ²	Acima de 300m ²
Assentos	Para acomodar, ao mesmo tempo, uma turma inteira de alunos e usuários avulsos.	Para acomodar, ao mesmo tempo, uma turma inteira, usuários avulsos e grupos de alunos.
Área, móveis e equipamentos para serviços técnicos e administrativos	1 balcão para atendimento, 1 mesa, 1 cadeira e 1 computador com internet de uso exclusivo do(s) funcionário(s)	1 balcão de atendimento e ambiente exclusivo para a realização das atividades técnicas contendo, minimamente, 1 mesa, 1 cadeira e 1 computador com internet de uso exclusivo do(s) funcionário(s).
Acervo	A partir de 1 título por aluno	A partir de 4 títulos por aluno, sem a necessidade de ter mais de cinco.
Computadores com internet	Pelo menos 1 computador ligado à internet para uso exclusivo de professores e alunos.	Computadores suficientes para atender professores e alunos de uma classe inteira.
Organização do acervo	Catálogo que conste, pelo menos, os livros, com acesso por autor, título e/ou assunto.	Catálogo informatizado com acesso remoto a todos os itens do acervo, recuperados por autor, título, assunto, tradutor, coleção etc.

⁵⁰ Trata-se do Projeto Mobilizador *Biblioteca Escolar: construção de uma rede de informação para o Ensino Público*, que sugere a intervenção do Governo para que a leitura, a pesquisa escolar e projetos de ação cultural sejam viabilizados com a participação da biblioteca escolar. Nele são previstos: estrutura, pessoal, realização de fóruns e seminários nacionais de biblioteca escolar para se discutir uma estratégia, buscando a formação e alicerce de um “sistema estruturado que permaneça” (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2008).

Serviços e atividades	Consulta local, empréstimo domiciliar, atividades de incentivo à leitura e orientação à pesquisa.	Os mesmos serviços oferecidos em biblioteca de nível básico, e divulgação de novas aquisições, gincanas, exposições e concursos, serviços para os professores, entre outros.
Pessoal	1 bibliotecário na função de supervisor ou coordenador, para atender quatro bibliotecas que, juntas, tenham até 4.000 mil alunos e 1 auxiliar nessas bibliotecas, em cada turno de funcionamento.	1 bibliotecário por biblioteca e, em cada período escolar, pessoal auxiliar em conformidade com o número de alunos.

Fonte: Adaptado a partir de Campello (2010).

A Lei federal n. 12.244/2010 informa que as bibliotecas escolares são espaços essenciais na educação. Com base em que critérios, estados e municípios brasileiros poderão se guiar para cumpri-la?

Esses modelos ideais de biblioteca escolar, apresentados por Campello (2010) e concebidos para a realidade brasileira, contribuem para se pensar a gestão pública desse tipo de unidade. Ainda há outros aspectos levantados por Campello (2016), quanto aos parâmetros sobre bibliotecas escolares, tratando sobre espaço físico, como *layout* para pequenas bibliotecas, realidade de muitas escolas com unidades do tamanho de uma sala de aula. Nesse documento a autora apresenta a organização de espaço de 40m², 57m² e 64m², favorecendo a acomodação da coleção e a circulação das pessoas nesses espaços. A Lei de acessibilidade na escola⁵¹ (BRASIL, 2000), merece ser trazida para a discussão dos espaços das bibliotecas escolares, não apenas no sentido de serem construídas rampas, corrimãos na entrada, e portas mais largas para cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida, mas também de possibilitar o acesso à coleção, observando a altura das estantes. Há outros aspectos que merecem atenção para a criação, organização e dinamização das bibliotecas escolares, como o projeto arquitetônico da escola, a luminosidade, temperatura, cor das paredes, entre outros.

O projeto do Conselho Federal de Biblioteconomia menciona o Modelo Flexível da OEA (1985), e resgata a ideia da integração das bibliotecas escolares em um sistema nacional, uma das principais recomendações do Seminário Nacional. Contudo, causa estranheza, a

⁵¹ Conforme a Lei n. 10.098/2000, (BRASIL, 2000), alterada e complementada pela Lei n. 13.146/2015 (BRASIL, 2015), deve ser garantido o acesso de pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida aos edifícios, vias e espaços públicos e privados de uso público ou coletivo (DISCHINGER, 2009).

omissão da expressão “bibliotecas escolares” na denominação dessa proposta, substituída por “rede de informação”. Obviamente essa rede não integrará apenas bibliotecas escolares, mas ao omitir esta expressão, desfavorece a divulgação, a compreensão direta ou imediata da população de tratar-se de bibliotecas escolares, e também o que essa rede representa para a sociedade. Portanto, perde-se, a oportunidade de obter apoio da população para quem o serviço representa inclusão social.

O Conselho Federal prevê, nesse projeto de criação de uma rede de informação, as seguintes ações:

- a) identificar pessoas e instituições com o propósito de fortalecer ideias em torno da formação dessa rede sustentada por uma política pública;
- b) conhecer as condições das bibliotecas escolares no ensino público brasileiro;
- c) levantar as condições das diretorias de ensino nas esferas públicas municipais e estaduais, com vistas a implantar progressivamente a rede nacional de informação;
- d) identificar projetos já existentes e que sejam convergentes com a proposta;
- e) acompanhar o desenvolvimento do projeto, criando condições para que, ao ser implantada a rede de informação, possa alcançar a estrutura de um sistema e, daí, a sua permanência;
- f) constituir um fórum permanente de discussão nacional sobre a problemática da biblioteca escolar;
- g) incentivar a formação de bibliotecários escolares pela pós-graduação *lato sensu* para consolidar a proposta de rede de informação (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2008).

A criação de uma rede ou sistema de bibliotecas é uma alternativa que integraria bibliotecas e profissionais, para a dinamização desse espaço e acolhida dos alunos.

Pensar no novo, e discursar sobre os seus benefícios na educação é fundamental. Contudo, é preciso que a reflexão sobre essa realidade relacionada à oportunidade de acesso à informação na escola alavanque ações de ordem prática em benefício da educação, e da formação dos alunos envolvendo professores, bibliotecários e comunidade escolar.

Os dados das pesquisas sobre as bibliotecas escolares realizadas pela Organização dos Estados Ibero-americanos, na Argentina, Brasil, Chile e México, revelam que esses países têm em comum a necessidade

de superar o analfabetismo e o analfabetismo funcional. Dentro de cada país, há instituições próximas às escolares que se expressam em nome das comunidades, mostrando a necessidade de se prever bibliotecas volantes, caixas-estante ou outras formas de fazer os documentos circularem fomentando a leitura na região. Serviços que precisam ser pensados e integrados aos projetos de rede de bibliotecas escolares.

Há quase quarenta anos do Seminário Nacional, que indicou a criação de um sistema nacional de bibliotecas escolares no Brasil, segue latente a necessidade de reflexão sobre a pouca atenção dada a esse tipo de biblioteca no Brasil.

4.6 INCENTIVO À LEITURA E ESCRITA

Se biblioteca está relacionada à leitura, biblioteca escolar está ao incentivo ao desejo de ler. Portanto, faz-se necessário pensar nas suas possibilidades, e na sua articulação com o trabalho do professor. Se o propósito é incentivar o aluno a ler, é preciso ouvir Pennac (1998, p. 13) quando diz que “o verbo ler não suporta o imperativo”.

O dever de educar consiste, no fundo, no ensinar as crianças a ler, iniciando-as na Literatura, fornecendo-lhes meios de julgar livremente se elas sentem ou não a “necessidade de livros”. Porque, se podemos admitir que um indivíduo rejeite a leitura, é intolerável que ele seja rejeitado por ela. É uma tristeza imensa, uma solidão dentro da solidão, ser excluído dos livros – inclusive daqueles que não nos interessam (PENNAC, 1998, p. 145).

Para Tonucci, conforme expõe em entrevista à Valencia (2004), as bibliotecas deveriam ser como livrarias: oferecer e deixar a pessoa à vontade para explorar o livro, avaliá-lo, e emprestá-lo, se desejar.

Oferecer livros, biblioteca, e outros recursos para incentivar a crianças, jovem e adulto a ler, é essencial, contudo, há um outro lado dessa mesma moeda que é convidar, envolver o aluno para que deseje ler. A tarefa não é fácil, sempre representou um grande desafio para a escola que têm a missão de ensinar o aluno ler e escrever. Carvalho, (1986, p. 114) aborda a necessidade de se dar atenção diferenciada ao leitor e ao não leitor. O profissional da biblioteca deve ser orientado a não tratar os alunos a partir de um “modelo”. O necessário é conhecê-los e identificá-los, considerando, entendendo e respeitando as diferentes

realidades das crianças e jovens, e suas experiências com o livro e com a leitura.

Com a obra *Por uma política de formação de leitores* (BRASIL, 2006b)⁵², a Secretaria de Educação Básica do MEC procurou orientar profissionais de escolas públicas, visando melhorar a leitura e o uso da biblioteca por alunos e professores. Essa obra foi encaminhada às secretarias de educação de estados e municípios, e às escolas. O documento trata de orientar às escolas na organização das bibliotecas, conforme as condições locais, para que fizessem melhor uso da coleção de livros do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)⁵³. No documento são citados como essenciais para o avanço desse programa: um lugar para a biblioteca, qualificação de recursos humanos, coleção organizada e bibliotecário. Ainda conforme expõe o documento (BRASIL, 2006b, p. 21), “a inexistência quase total de bibliotecários com formação é um dos grandes problemas. Essa questão se torna ainda mais grave com a ausência de concursos para o cargo, que em muitas redes sequer existe”.

Conforme Ferrarezi e Romão (2008a, p. 337), “[...] silenciam-se os sentidos a respeito da criação, desenvolvimento, organização e importância da biblioteca escolar, quando se enuncia sobre as principais características do PNBE”, na Portaria que criou esse programa. Para as autoras o silêncio acerca da biblioteca da escola “quase ‘grita’ [...] para o não-dito significativo”. Essas ideias encontram as de Silva (1999, p. 13), quando vinte anos antes, apontava esse “Silêncio: essa talvez seja a palavra que melhor simboliza a situação real da biblioteca escolar no Brasil”.

Referindo-se ao Brasil, Yunes, (2007, p. 184) afirmou que “[...] grave es aún la historia de la promoción de la lectura en el país”. Enquanto a motivação é algo essencial para que o hábito da leitura perdure, Yunes (2007, p. 184), registra que as campanhas de fomento à leitura no Brasil, realizadas em 1984 e 1989, evidenciou que “[...] el principal objeto de atención y de estrategias resultaba ser el libro y no el lector”, e que

⁵² O objetivo da publicação é “incentivar o debate acerca do papel da escola no desenvolvimento da competência leitora dos alunos” (BRASIL, 2006b).

⁵³ Programa instituído pela Portaria Ministerial n. 584/1997. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=29/04/1997&jornal=1&pagina=31&totalArquivos=88>>. Acesso em: 19 set. 2017.

[...] las acciones han beneficiado a la industria del libro más que al lector, con la defensa del fortalecimiento de los grupos editoriales; han ampliado la circulación comercial del papel y del material impreso; han lanzado escritores; han favorecido la discusión de ideas entre grupos de poder y de saber, pero escaso ha sido su resultado en cuanto a su principal objetivo: formar lectores. Lectores que, una vez formados, llegasen a impulsar de manera continua y eficaz la circulación del libro. El libro depende de lectores, no de meros compradores (YUNES, 2007, p.187).

Yunes (2009, p. 15), afirma que o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), instituído em 1992, representa “uma saída aos impasses da Biblioteconomia com a formação de leitores”. Anteriormente, Yunes (2007, p. 185), havia declarado que “una política de la lectura debería ser el compromiso básico del Estado”. A autora defende a formação de leitores e de mediadores de leitura (professores, bibliotecários, donas de casa, estudantes, e outros), por entender que pessoas que leem são cruciais para motivar outros a ler (YUNES, 2007).

Pesquisa que ouviu alunos, diretores, professores, bibliotecários, responsáveis por bibliotecas, pais e outros, envolvendo escolas de oito estados brasileiros, buscou conhecer as razões que sinalizavam a baixo desempenho do aluno brasileiro, entre 15 e 16 anos, no PISA de 2000 (OCDE, 2001)⁵⁴,

[...] retratou a multiplicidade de dificuldades que enfrentam diretores e professores nas escolas brasileiras para estabelecer bibliotecas, para garantir funcionamento adequado às necessidades de professores e às demandas de alunos e para possibilitar acesso aos livros, assim como revelou o estado e a calamidade que se encontravam os livros (PAIVA; BERENBLUM, 2009, p. 181).

Entre outros problemas, Paiva e Berenblum (2009, p. 174) encontraram nas escolas brasileiras, falta de apoio a “projetos de formação continuada de professores com foco na leitura literária”.

⁵⁴ OCDE. *Resultados do estudo internacional: Pisa 2000*. 2001. Disponível em: <<https://www.oecd.org/portugal/33685403.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2015.

Constataram que a distribuição de coleções do PNBE era uma medida que sozinha, não resolvia o problema da leitura.

Segundo Paiva e Berenblum (2009, p. 185) grande parte das bibliotecas é mantida fechada, outras reduzidas a armários, a maioria dos professores têm dificuldade de compreender as “finalidades sociais das bibliotecas no interior das escolas, remetendo-se a enfoques unicamente didáticos, simplistas e alienadores [...] ausência de interesse e de criatividade no uso dos recursos bibliográficos e da própria biblioteca”. Afirmam Paiva e Berenblum (2009, p. 182), que “[...] a disponibilidade de textos literários e de obras de referência na cultura escolar não é suficiente para transformar as práticas pedagógicas privadas e autoritárias instaladas nas escolas visitadas”.

Um estudo patrocinado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira e Unesco, realizado em dez estados brasileiros, demonstrou que a biblioteca escolar reflete o que se passa no ensino fundamental: repetência e abandono (IRELAND, 2007). A formação de leitores no Brasil, não é um problema apenas da Biblioteconomia, mas do governo que precisa criar e ativar suas bibliotecas. A formação de leitores também é um problema da educação, sustentado pela ação dos governos central e local. Esse estudo, que ouviu alunos, diretores, professores e técnicos, evidenciou que a biblioteca escolar

[...] é muito mais um espaço para o desenvolvimento de atividades artísticas ou lúdicas do que propriamente para leitura e pesquisa. [...] os recursos oferecidos por uma biblioteca, por mais precária que esta seja, quase não são utilizados. Em síntese, as bibliotecas escolares pouco têm contribuído para a formação do leitor (IRELAND, 2007, p. 270).

Essa pesquisa coordenada por Ireland (2007, p. 84), testemunha o abandono de muitas escolas públicas. Entre as necessidades elencadas pelos gestores ouvidos estão espaços melhor estruturados e “uma biblioteca ou sala de leitura que funcione”. A partir de depoimentos de professores brasileiros chegou-se à conclusão que na escola pública há um “faz de conta que existe biblioteca”. Uma professora do Estado do Amazonas, por exemplo, para quem a biblioteca escolar é sinônimo de espaço que facilita o acesso do aluno à literatura, lamenta, por perceber, que são poucos os que têm esse entendimento.

Esses alunos daqui dessa escola não [têm acesso a uma literatura adequada]. Porque não tem biblioteca aqui na escola. [...] Então, eu vejo que nas escolas tem que ter uma biblioteca acessível, muita gente não vê isso. Tem escola aí que estão inaugurando, estão fazendo reforma aí, e não tem biblioteca, que é o caso que eu vi ontem. Biblioteca só na inauguração, só pra dizer que tem, mas na verdade não tem (IRELAND, 2007, p. 89).

Em depoimento, apresentado por Ireland (2007, p. 89), a professora afirmou: “[...] dentro da minha escola eu queria uma biblioteca, nós tivemos uma. Foi uma falha muito grande da Secretaria de Educação [...] quando a gente notou, fechou a biblioteca porque não tem professor para ficar lá”. Na mesma pesquisa, uma diretora de escola da capital federal relatou: “Temos [biblioteca], mas está abandonada, não tem ninguém que cuide. Bem dizer, não tem uma pessoa especial pra isso – especial não, uma pessoa que cuide.” (IRELAND, 2007, p. 90).

Vê-se que, enquanto o governo afirma que é fundamental incentivar a leitura, o contrário é encontrado no Mundo da Vida, onde a biblioteca é excluída da comunidade escolar, conforme, ainda, revela outra professora.

Olha a gente faz o possível, mas [...] a gente não tem biblioteca porque a Secretária tirou a biblioteca, né? Falta espaço, a gente às vezes quer incentivar a leitura, a gente vê aí programa do Ministério da Educação, a gente vê na televisão, “incentive a leitura!”, mas como que a gente vai incentivar a leitura se eles tiraram a nossa biblioteca, né? (IRELAND, 2007, p. 89).

Conforme vemos no depoimento seguinte, até nas escolas que têm biblioteca há incerteza quanto ao funcionamento dela.

A gente tem a biblioteca, onde a gente leva os alunos. Hoje a biblioteca está funcionando, mas fazia muito tempo que não funcionava. Tem a biblioteca, tem a TV-escola, aí a gente já começa a dar uma aula diferente, entendeu? Faz um

trabalho em sala de aula, de pesquisa, aí vai pra biblioteca, que eles adoram! (IRELAND, 2007, p. 192).

Outra professora do Estado do Amazonas revela que o local é mais um depósito de livros.

[Temos biblioteca/sala de leitura, mas] seria assim um local onde armazenamos livros, não tem espaço para os alunos sentarem e ler. [É uma biblioteca] bem limitada, a gente só utiliza os livros no horário de aula. Não temos bibliotecário na escola. Hoje quem manuseia esses livros são os próprios professores (IRELAND, 2007, p. 90).

Ireland (2007, p. 90), afirma que “[...] poucas escolas observadas não possuíam um espaço que evocasse, mesmo de longe, a ideia de uma biblioteca, pelo menos em potencial – no entanto, poucas faziam uso desse espaço”.

A pesquisa *Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil* (BRASIL, 2011, p. 104), constatou problemas que impactam no funcionamento da biblioteca e no incentivo à leitura: “[...] a quase ausência de políticas públicas para a seleção, formação e manutenção de profissional especializado (bibliotecário), que atue nas bibliotecas escolares.” O que se observa é um entendimento crescente de que a biblioteca e profissionais, incluindo o bibliotecário, poderão contribuir para a formação de futuros leitores, contudo, também se observa a necessidade de superação de entraves na gestão do governo para atender a população escolar com bibliotecas, e com profissionais especializados.

Em síntese, o que se vê da realidade trazida nesses depoimentos, contrasta com um ideal biblioteca, um espaço ativo, um centro de recursos e de aprendizagem, de difícil inserção na escola brasileira, mesmo no seu modelo tradicional, tendo espaço físico suficiente, acervo, organização e pessoas para atender. Paiva e Berenblum (2009, p. 187) questionam “[...] como encarar a falta de professores, bibliotecários, técnicos de biblioteca e outros atores pedagógicos que possam facilitar a rede de leitura e de produção textual?”

Em uma retrospectiva sobre o acesso dos jovens ao livro, Gomes (2012, p. 123) afirma que “[...] no Brasil, ao longo dos séculos, quaisquer que tenham sido essas iniciativas em prol do acesso ao conhecimento, elas nunca se mostraram eficientes.” Considerando que 75% da população nunca frequentou biblioteca, mas mesmo

reconhecendo a importância da biblioteca escolar, Gomes, (2012) sinaliza que investir apenas em biblioteca não basta. Gomes afirma que entre 11 e 13 anos encontram-se os alunos que mais apreciam ler, e entre os de 14 e 17 anos a maioria não gosta de ler, o que a leva a questionar:

O que explica essa redução após os 14 anos de idade? Eles aprendem a gostar numa fase escolar e saem do ensino médio perdendo o interesse pela leitura? Será que não está aí o fio da meada para entendermos a razão de haver um período de ascendência às atividades de leitura e depois o interesse começa a decair? O que fazer para reverter essa tendência? [...]. O que falta nesses lugares para atrair pelo menos os que já são leitores? (GOMES, 2012, p. 130-131).

O acesso às tecnologias, não apenas à internet, mas a livros digitais, por exemplo, não é acessível a maioria dos jovens, e se a biblioteca da escola não favorece o acesso como ficam esses alunos? Gomes (2012, p. 131) ainda questiona, se o acesso aos livros digitais realmente colabora para o interesse mais duradouro dos jovens pela leitura, para em seguida dizer que que “Ainda não há como saber” (GOMES, 2012). Para Chartier (2002, p. 112) esse quadro acabará incrementando a desigualdade social, pois a revolução eletrônica não é universal e pode “aprofundar, e não reduzir, as desigualdades. É grande o risco de um novo ‘iletrismo’, definido não mais pela incapacidade de ler e escrever, mas pela impossibilidade de aceder às novas formas da transmissão do escrito”.

A quarta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, evidenciou que 74% dos participantes, com idade acima de 5 anos, de 317 municípios, encontram-se na condição de não-leitores,⁵⁵ 66% não frequenta bibliotecas; 14% as frequenta raramente; 15% às vezes; e 5% frequenta a biblioteca com assiduidade. Dentre os estudantes que participaram da pesquisa, 35% afirmaram não utilizar bibliotecas. Entre os que utilizam bibliotecas, 75% o fazem para pesquisar ou estudar; 34% para ler por prazer; 18% para emprestar livros para trabalhos escolares; 10% para consultar documentos ou outros materiais; 9% para emprestar livros em geral; 6% para ler revistas ou jornais e 8% para acessar a internet. Das atividades de leitura realizadas na internet as que

⁵⁵ Para essa pesquisa “não-leitor” é a pessoa que declarou não ter lido, pelo menos, um livro nos três meses anteriores à coleta de dados.

mais se destacam, entre os participantes de 6 a 17 anos, são: atividades de sala de aula, estudo e trabalho, este principalmente, aos que estão na faixa etária que corresponde às séries finais do ensino fundamental e ensino médio. Os alunos preferem ler livros na internet a periódicos, e esta atitude é mais comum entre os que frequentam as séries finais do ensino fundamental. Para 71% dos participantes, a biblioteca representa “um lugar para pesquisar ou estudar”. As razões apresentadas por 66% dos participantes que não utilizam bibliotecas são: por não saber ou não gostar de ler, pela inexistência de bibliotecas próximas; por não gostar de ir à biblioteca; por entender que biblioteca é para estudantes, porque nela não há livros atuais, por não abrir em horário que possa frequentá-la, e por ter estrutura ruim. Esta questão de proximidade me leva a pensar nas bibliotecas escolares, pela possibilidade de o aluno tê-la à mão (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016).

O primeiro Censo Nacional de Bibliotecas Públicas realizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), indicou que 65% dos serviços realizados por essas bibliotecas atendem estudantes. Em Santa Catarina, 57% dos usuários de bibliotecas públicas utilizam essas unidades para fazer pesquisa escolar, 28% para pesquisas em geral, e 13% para lazer (FGV, 2010).

Segundo Milanesi (2013), o que as estatísticas não revelam sobre a biblioteca escolar, é manifestado de diferentes formas. Às vezes, ela existe nos documentos da escola. Às vezes é real, mas não consegue cumprir a sua função. Na década de 1980, Milanesi (1983, p. 48), assinalava que a escola brasileira criou barreiras que precisariam ser removidas para que a biblioteca escolar viesse a ter sentido. Segundo o autor, essas barreiras, eram: ausência de bibliotecas e de bibliotecários; seu uso como depósito de enciclopédias, um paliativo para resolver a pesquisa bibliográfica escolar, que no Brasil tornou-se obrigatória a partir da Lei 5.692/1971.

Carvalho (1972), testemunhou a “invasão” de alunos da educação primária na biblioteca pública onde atuava, o que evidenciava a carência de biblioteca nas escolas. A biblioteca pública passou a atender esses alunos, descaracterizando seu objetivo. Para Carvalho (1972, p. 200, grifo da autora), “o leitor comparece à Biblioteca Pública PORQUE QUER IR, enquanto *normalmente* frequenta a Biblioteca Escolar PORQUE PRECISA IR”.

Se é bem verdade que nossa missão [da biblioteca pública] é, em última análise o desenvolvimento cultural do povo – incluindo os estudantes,

evidentemente – *não é menos verdade que não somos, nem podemos ser*, uma biblioteca escolar! Infelizmente, é o que vem ocorrendo num crescendo que nos preocupa quanto ao desvirtuamento de nossos objetivos essenciais (CARVALHO, 1972, p. 203, grifo da autora).

Segundo Carvalho (1972, p. 203, grifo da autora), os alunos representam “*compromissos que são menos seus* [da biblioteca pública] *do que dos estabelecimentos de ensino*”. Nesse sentido, desviam o foco da biblioteca pública. Afirma Milanesi (2013, p. 49) que “as bibliotecas municipais são, na prática, bibliotecas escolares”, e o aluno, ao procurar socorro na biblioteca pública exclui dela o seu “verdadeiro” público-leitor: a população em geral.

A realidade de ontem se parece com a atual. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Censo Escolar contabilizou 48,8 milhões de matrículas na educação básica brasileira, sendo 81,6% na educação pública. Em 49,5% das escolas brasileiras não tem biblioteca e/ou sala de leitura (INEP, 2017). Essa situação faz com que essas escolas não recebam aportes do PNBE.

Dados do MEC/INEP, compilados da plataforma QEd⁵⁶ (2017), mostram a evolução das bibliotecas nas escolas públicas e privadas entre 2010 e 2015. Neste período, diminuiu o número de escolas públicas e aumentou o número delas com biblioteca. O inverso ocorreu na rede privada de ensino, com exceção de 2015, quando aumentou o número de escolas e diminuiu o número de bibliotecas.

Enquanto o Censo Escolar (INEP, 2017), indica que quase metade das escolas de educação básica do país não tem biblioteca e/ou sala de leitura, pesquisas como a de Ireland (2007), Paiva e Berenblum (2009), enfatizam que nas escolas existem alunos, professores e gestores que entendem a biblioteca escolar como espaço de guarda de livros; há também os que não sabem dizer o que é biblioteca escolar. Há nas entrelinhas desses discursos a denúncia de um descuido em relação às práticas de incentivo à leitura, Paiva e Berenblum (2009), esbarram com muitos problemas: escolas com bibliotecas fechadas; livros do PNBE ainda embalados; professores desmotivados, e ausência de

⁵⁶ Plataforma criada em 2012, que disponibiliza dados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), da Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Prova Brasil) e do Censo Escolar. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

política de formação de leitores. Em 2,5% das unidades escolares havia bibliotecário.

Enquanto isso, o estudo de Romão, Bastos e Almeida (2008) estampa a representação da biblioteca escolar dada por crianças: porta fechada, livros em estantes muito altas, *layout* e móveis pouco adequados, falta de ventilação, difícil acesso, e tratamento pouco acolhedor do profissional que as recebe na biblioteca.

4.7 LIVRO-REI

Durante a pesquisa que investigou bibliotecas escolares brasileiras (BRASIL, 2011, p. 67), quando perguntado sobre como o governo poderia fazer para melhorar a biblioteca, um aluno afirmou: “eu diria a ele que não pode colocar livro didático. Os meus colegas não gostam de vir aqui porque pensam que a biblioteca é para fazer dever da escola”.

O livro didático, que não é exclusivo da escola brasileira, e nem de países menos desenvolvidos, tem recebido crítica quanto ao seu uso excessivo, não apenas no Brasil. Para Salaberria (2007, p. 167-168), este livro “[...] sigue siendo el rey. [...] Es ley: libro de texto mata biblioteca. O dicho más suave, a más libro de texto y apuntes menos biblioteca”.

O primeiro empreendimento do governo voltado à distribuição de livros didáticos às escolas públicas nasceu com o Instituto Nacional do Livro, criado Decreto-Lei n. 93/1937⁵⁷, portanto com o escolanovismo. Passou por diferentes denominações, sendo relançado pelo Decreto-Lei n. 91.542/1985 como Programa Nacional do livro Didático (PNLD)⁵⁸. Em 2003, o MEC passou a atender o aluno do Ensino Médio com esses livros ao instituir o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM)⁵⁹. A partir do Decreto n. 9.099/2017, estes dois programas e o PNBE passaram integrar um único: Programa Nacional

⁵⁷Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del093.htm>. Acesso em: 12 mar. 2017.

⁵⁸Programa Nacional do Livro Didático. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=218965>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

⁵⁹ Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio foi criado pela Portaria n. 2.922, de 17 de outubro de 2003. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=55&data=20/10/2003>>. Acesso em: 23 set 2016.

do Livro e do Material Didático, mantendo a denominação PNLD⁶⁰, mas continuando sendo tratados com distinção.

Segundo Earp e Kornis (2012), no conjunto das editoras brasileiras, os livros didáticos respondem por 45% dos exemplares vendidos, o equivalente a 50% do seu faturamento. O governo compra quase o triplo dos exemplares vendidos ao mercado. Earp e Kornis (2005) apontam que enquanto a produção do livro vem barateando, mais caro é produzir um leitor. O descompasso dá-se pelo tempo necessário para construir um e outro. Informam Earp e Kornis (2012), que a maior concentração de leitores no Brasil, é de 35,3%, e encontra-se na faixa etária de 5 a 17 anos, portanto em fase de escolarização. Dois terços desses leitores conhecem bibliotecas, mas apenas 24% as frequentam, sendo que destes, 70% são estudantes.

Pensemos no percentual de escolas com bibliotecas e/ou salas de leitura em 50,5% das escolas brasileiras (INEP, 2017), e nas suas precárias condições, e nos livros didáticos que não constroem leitores, e que têm recebido mais incentivo, ou consumido mais recursos, do que as bibliotecas durante o longo período que os alunos permanecem na escola. Período esse, que poderia ser aproveitado para incentivar o gosto pela leitura; formar leitores. Para Earp e Kornis (2005, p. 53), em paralelo à dificuldade de se incentivarem leitores no Brasil, as bibliotecas são “o segmento da cadeia do livro [...] mais atrasado”. Elas “são pobres, isoladas, mal administradas e, em sua esmagadora maioria, incapazes de atender a demanda do público leitor. Seus acervos são vítimas de pilhagem sistemática e a manutenção é insuficiente”. Assim, os envolvidos com a cadeia produtiva do livro, entendem o que é dito por Yunes (2007, p. 187): “El libro depende de lectores, no de meros compradores”. Em *A leitura na escola*, Zilberman (1982, p. 21) expressa que o livro didático é um recurso que acompanha o aluno ao longo da história da educação no Brasil, e que durante esse percurso recebeu diferentes denominações e que “Camões, as Seletas, as apostilas, o livro único, o livro didático, o paradidático, todos estes são facetas de mesmo livro”, que alimenta a indústria livreira, uma fonte de renda certa, e que vem exilando o leitor por excluir dele a interpretação do que lê, sendo, portanto, o “avesso da leitura”.

A partir das considerações de Lima (1982), Barroso (1984), Paiva e Berenblum (2009), Ireland (2007), de Brasil (2011), e do INEP (2016), pode-se afirmar que a forma como os livros do PNLD, PNLEM e

⁶⁰ Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2017/decreto-9099-18-julho-2017-785224-publicacaooriginal-153392-pe.html>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

PNBE, são utilizados por alunos e professores, associada à condição das bibliotecas escolares e do pouco investimento na escola/biblioteca e em profissionais para bibliotecas, vêm contribuindo para a falta de sentido do uso da biblioteca pela comunidade escolar. Os livros provenientes desses programas são tratados como bibliotecas portáteis impressas. E há mais a dizer. Quando inservível, o livro didático pode sair da escola para gerar recurso para outras instituições, mas não pode ser vendido pela escola para que a biblioteca adquira novos títulos para atrair o leitor. É o que vemos no Estado de Santa Catarina. Por meio da Portaria N/018/SED, de 23/07/2012 (SANTA CATARINA, 2012), o governo desse Estado determina que os livros inservíveis (velhos, rasgados, mofados e de validade vencida), sejam doados à instituições sem fins lucrativos “para que façam uso [...] como bem lhes aprouver”, enquanto as escolas não podem fazê-lo, ficando impedidas de levantar recurso, com a venda desse material, e com ele comprar livros novos para a biblioteca.

4.8 PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Em La Puebla de Alfindén, município de Zaragoza (Espanha), os pais de cada criança que nasce são convidados a fazer a carteirinha dela na biblioteca pública. A biblioteca da creche, da escola, e do posto de saúde, três espaços públicos que a criança participará, estão integrados em rede à biblioteca pública. Trata-se do *Plan de Lectura Municipal*⁶¹ iniciado em 2007 com o Legislativo garantindo orçamento anual para a biblioteca. Essa experiência é única na Espanha. O município é pequeno, o entusiasmo da bibliotecária é grande. Entende que atitudes que integram o cidadão na vida da biblioteca, o integram à sua cultura, tendo a oportunidade de conhecer outras pelo acesso à informação. Estando próximo aos serviços públicos, o cidadão os reforça. A prática, já consolidada por conta de garantia de verba por lei e o seu resultado, levam a responsável pelo projeto a acreditar ser remota a possibilidade

⁶¹ Projeto apresentado por Beatriz Callén Polo, sua autora e coordenadora, durante o *V Encuentro Bibliotecas y Municipio: Bibliotecas Públicas cooperación Bibliotecas Escolares*, realizado em 01 de outubro de 2013, em Madrid (Espanha). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WAOw0kIfYFM>>. Acesso em: 17 nov. 2015. Em 2013 o município de La Puebla de Alfindén contava com 5.700 habitantes, 25% da população tinha entre 0 e 15 anos. Disponível em:

<http://travesia.mcu.es/portallnb/jspui/bitstream/10421/7453/1/Puebla_Alfinden.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2015. Conforme Callén Polo (2013, p. 6), o objetivo é “la promoción de la lectura como hábito cultural imprescindible para el desarrollo de la sociedad de la información y el conocimiento.”

de algum partido político integrante da câmara de vereadores, sugerir redução ou corte de verba destinada a esse programa. É esta amarração que sugere a IFLA, para que a biblioteca não fique à mercê de sazonalidades, sejam quais forem elas.

O futuro da biblioteca escolar está associado ao futuro da escola, mas também, e essencialmente, às ações das pessoas e à sua compreensão sobre o que é, e para que serve a biblioteca na escola. Para isso é preciso fazer conexões com o uso que é feito a partir do que sinaliza do social: o entorno próximo e distante de onde a biblioteca está.

Para Fragoso (2005), na instituição escolar do futuro, a leitura deverá ser fomentada para a construção de um mundo onde a fome, a miséria e o analfabetismo sejam superados. Segundo Fragoso (2005 p. 169, grifo da autora), é impossível pensar em uma biblioteca escolar sem relacioná-la à escola calcada na realidade, e à escola idealizada. A primeira está “distante dos conceitos acadêmicos, tem grandes problemas, lida como a falta de recursos humanos e materiais que dificultam o cotidiano de alunos, professores, pais e comunidade”. A segunda é “sonhada por muitos e vivenciada por poucos, existindo antes nas formulações acadêmicas e nas legislações que estabelecem princípios”. A partir do que vive, afirma essa autor, que os portões, quando abertos, são mais para angariar recursos financeiros e não para ajudar a escola a desenvolver projetos com a comunidade. O professor depende de recursos próprios para se capacitar. Na sala de aula conta com a voz, o quadro e o giz. Além disso, sua jornada de trabalho é excessiva. A escola, em geral, não tem um projeto integrando os programas de ensino com a biblioteca, que carece de profissional especializado. Há predomínio de livros didáticos. Tudo isso, contribui para que a relação com a biblioteca seja burocrática, não estando integrada à escola e à comunidade, com bibliotecário, e estabelecendo laços entre teoria e prática: um centro ativo de aprendizagem (FRAGOSO, 2005).

Diante de uma definição de biblioteca, distanciada da ideia de escola ilustrada por Tonucci (1997), apresentada na Figura 5 do capítulo anterior, Fragoso (2005, p. 171) imagina a biblioteca escolar como “fonte ampla de conhecimento e de respeito às diferentes manifestações culturais (pluralidade cultural), de respeito às diferenças individuais e às dificuldades de aprendizagem e onde se enfatiza a construção coletiva dos conhecimentos”. A escola e a biblioteca podem ser transformadas em espaços que promovam a crítica, a reflexão, colaborando para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais inclusiva

(FRAGOSO, 2005). Projetar esse futuro, como o sugere Lobrot (1992, p. 119), requer uma estrutura escolar com animadores competentes que envolvam os alunos de tal maneira que estes possam encontrar na escola “alimento ao desejo de saber”.

O futuro da biblioteca escolar perpassa por uma ação coletiva dos que estão dentro e fora da escola. Segundo João Barroso (1996, p. 187), para que a ação individual culmine em um processo coletivo de mudança, são necessários: a) promover na escola “uma cultura de colaboração e participação” (o autor dá destaque aos professores e aos alunos, “(isto é, co-produtores do próprio acto educativo).”; b) desenvolver na escola diferentes formas de liderança, individuais e coletivas, para que seja mantido o equilíbrio entre as diferentes concepções educativas; c) promover uma aprendizagem organizacional, para aumentar o conhecimento sobre a organização escolar, considerando o que dispõem seus participantes no campo da autonomia, discuti-la e conhecer sua estrutura.

Jiménez-Fernández e Cremades-García (2013) projetam uma biblioteca escolar para o século XXI, que prima pela qualidade e que cumpra a existência de sua necessidade na formação de todos que passam pela escola enquanto aprendem ler, escrever, se informar. Para esses autores, a biblioteca estará em todas as escolas e em igual tempo em que estiver aberta, mantendo-se disponível a toda comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, pais de alunos). Nesse futuro, o projeto pedagógico terá a participação efetiva dessa biblioteca. Nela, haverá *web* para que os serviços presenciais sejam melhores. A organização, a gestão, a divulgação de serviços, o atendimento e o suporte ao aluno serão executados por equipe de pessoas com quem os usuários poderão contar em tempo integral oferecendo qualquer tipo de informação em qualquer suporte. Acervo e serviços serão promovidos por diferentes meios, tanto para o trabalho individual como em grupo.

As ideias desses autores não param por aí. Neste século XXI, as bibliotecas escolares

- a) serão essenciais no projeto educativo escolar;
- b) nunca serão substituídas por bibliotecas de aula ou de sala;
- c) realizarão as funções educativa, documental, socializadora e compensadora - no sentido de diminuir a desigualdade social;
- d) disporão de *web* própria e atualizada para melhorar os serviços presenciais;
- e) estarão em mãos de pessoas bem formadas, com dedicação exclusiva e apoiadas por uma equipe (JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ; CREMADES-GARCÍA, 2013, p. 74).

Para alcançar tal ideal, há muitos obstáculos a serem superados. Um deles é o distanciamento entre as diferentes áreas implicadas com a formação leitora, por exemplo. Para Gómez-Hernández (2013) construir diálogos entre os campos da Educação e da Biblioteconomia sempre será um desafio. Esse autor lembra que educação representa muitas coisas, que impactam em muitas outras, inclusive na biblioteca da escola. A educação é

[...] un derecho fundamental y una necesidad de las personas a lo largo de toda su vida; una cuestión desafortunadamente ideologizada, y una actividad económica susceptible de convertirse en negocio o fuente de beneficios... Es un proceso mediado por múltiples factores, como el mercado laboral, los medios económicos disponibles, la legislación educativa y la ideología predominante, la formación del profesorado, expectativas y formas de aprender de los estudiantes. La educación -y su materialización en sistemas educativos y organizaciones de enseñanza- se ha cuestionado siempre [...] (GÓMEZ-HERNÁNDEZ, 2013, p. 102).

Para Durban Roca (2012), no quadro de funcionários da escola é necessário um professor para coordenar o uso dos recursos pedagógicos da biblioteca escolar e outro para coordenar o uso das TIC em outros espaços da escola. Segundo essa autora, o professor-coordenador é importante para que a inserção da biblioteca escolar no trabalho do professor que está em aula, ocorra de forma facilitada, por este coordenador compreender melhor o trabalho do professor. Afinal,

[...] as estruturas escolares e as estratégias organizacionais, sozinhas, não garantem a melhoria. A existência desse tipo de equipe não é uma garantia de êxito. [...] a dificuldade mais notável é a problemática de manter o compromisso e a corresponsabilidade nas equipes de professores. Este é um problema endêmico a todos os programas de inovação. [...] Nesse sentido, devem ser promovidas e impulsionadas culturas de colaboração. O compromisso com a mudança é mais efetivo quando aqueles

envolvidos com a tarefa de levá-la a cabo nas escolas são também consultados sobre a tomada de decisões e participam nela. A experiência confirma a importância do envolvimento pessoal, pois os professores devem estar motivados e, também, interessados realmente em realizar mudanças (DURBAN ROCA, 2012, p. 97).

Durban Roca (2012, p. 94) reconhece que mobilizar aqueles que têm o poder de influenciar os alunos para o uso da biblioteca escolar não é tarefa fácil: “os professores necessitam de apoio e de acompanhamento enquanto efetuam a complicada tarefa emocional e intelectual de modificar sua prática”. Na opinião dessa autora, o bibliotecário com formação única em Biblioteconomia não está apto a colaborar com o projeto pedagógico da escola. Esse profissional poderá ingressar na escola para assessorar o coordenador da biblioteca com recursos e métodos de organização (DURBAN ROCA, 2012).

Gómez-Hernández (2013, p.103), ao discorrer sobre os desafios enfrentados pelas bibliotecas escolares, na atualidade, afirma que “soñar es también pragmático, pues sin sueños no se puede mejorar la realidad, sino que meramente se la reproduce”.

Segundo Fernández y Fernández-Cuesta (2005, p. 18), esses organismos vivos que são as bibliotecas, como partes de um sistema maior, precisam ser acolhidos para “evitar que sufran crisis irreversibles que las necrosen o aíslen, y todo esto lo consiguen los profesionales con la ayuda de la sociedad”. No que concerne à biblioteca escolar, não há discussão sem evocar as áreas da Educação e da Biblioteconomia. Para Castro (2003, p. 71), o diálogo entre essas áreas precisa existir para que se construa uma sociedade mais justa e igualdade.

Essas ideias, que revelam a estreita conexão entre as ações que se fazem necessárias para criar, dinamizar ou incrementar a biblioteca na escola, a fim de que possa vir a contribuir com a formação, principalmente dos escolares, não está desconectada dos desafios pelos quais passa a escola. Logo, as ações referentes à biblioteca escolar precisam levar em conta o que ocorre com a educação, e para tanto a escola precisa se manifestar sobre o que ocorre com e na sua biblioteca. Os PPP das escolas podem representar esse movimento. São ações que poderão se juntar a outras para que a biblioteca além de fazer parte da escola, passe de fato a integrá-la à comunidade escolar, sendo mais ativa, e com isso poder prestar um melhor serviço à comunidade escolar.

Resumidamente, o atual quadro da biblioteca escolar no Brasil é o seguinte:

- 49,5% das escolas não têm biblioteca ou sala de leitura (INEP, 2017);
- na escola brasileira o livro didático oriundo do PNLD e PNLEM é o principal instrumento utilizado pelo aluno e pelo professor (BRASIL, 2011; IRELAND, 2007; PAIVA; BERENBLUM, 2009);
- a biblioteca escolar carece de bibliotecário, e às vezes até de professores como responsáveis;
- não há nas escolas espaço garantido para o funcionamento de biblioteca. Essa unidade geralmente ocupa uma sala de aula e, quando necessário, é desativada para abrir uma nova turma de alunos (BRASIL, 2011);
- a biblioteca escolar funciona em lugares impróprios (BRASIL, 2011; IRELAND, 2007; PAIVA; BERENBLUM, 2009);
- não há recursos específicos para a biblioteca escolar, mas livros fornecidos pelo PNBE;
- a leitura na escola tem marcas didáticas. O aluno lê para responder a perguntas orais ou escritas (BRASIL, 2011);
- poucas bibliotecas escolares têm computadores, outros equipamentos e internet (BRASIL, 2011);
- os professores pouco frequentam a biblioteca da escola;
- a maioria dos alunos não utiliza a biblioteca escolar.

Em face da realidade mostrada nos documentos no decorrer desse capítulo, como ficar surpreso quando alunos e professores não sabem dizer o que entendem por biblioteca escolar? (BRASIL, 2011).

Em 1997, portanto anterior à instituição da Lei das Bibliotecas Escolares, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 92) mencionavam que a escola desempenha papel fundamental para que “todos os alunos tenham acesso ao material disponível” prevendo para isso, a atuação de um professor na biblioteca. Esse documento informa que

[...] o papel da escola (e principalmente do professor) é fundamental, tanto no que se refere à biblioteca escolar quanto à de classe, para a organização de critérios de seleção de material impresso de qualidade e para a orientação dos alunos, de forma a promover a leitura autônoma, a

aprendizagem de procedimentos de utilização de bibliotecas (empréstimos, seleção de repertório, utilização de índices, consulta a diferentes fontes de informação, seleção de textos adequados às suas necessidades, etc.), e a constituição de atitudes de cuidado e conservação do material disponível para consulta. Além disso, a organização do espaço físico – iluminação, estantes e disposição dos livros, agrupamentos dos livros no espaço disponível, mobiliário, etc. – deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao material disponível (BRASIL, 1997, p. 92).

Os dados das pesquisas aqui apresentadas, mostraram que contar apenas com professores para atuar nas bibliotecas escolares, é medida paliativa. Além disso, conforme indicado em *Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil* (BRASIL, 2011, p. 94), “[...] causam estranhamento os usos que os professores fazem da biblioteca, especialmente no que diz respeito à frequência em que o fazem com seus alunos: quase nunca.”

Na sequência, segue uma síntese das ações acerca da biblioteca escolar, neste século, no Brasil. Ações que revelam o desenho de uma rede de pessoas situadas em diferentes esferas. No Brasil, a biblioteca escolar avança lentamente. Os desafios são muitos, alguns já conhecidos.

Entre os documentos que amparam ações para mudar o quadro da biblioteca escolar no Brasil, são citados alguns referentes à área da Biblioteconomia ou a ela vinculada.

- *1º Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares*, UnB/INL, 1982;
- Orientações para a implantação de Modelo flexível para um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (OEA, 1985);
- Programa Nacional Biblioteca na Escola, criado em 1997;
- Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar, da ECI/UFMG, com atividades iniciadas em 1998;
- Seminários Biblioteca Escolar como Espaço Pedagógico⁶², ECI/UFMG, sendo o primeiro foi realizado em 1998;
- criação do periódico Biblioteca Escolar em Revista⁶³, FFCLRP/USP, em 2012;

⁶²Informações acessíveis através do GEBE no *site* <<http://gebe.eci.ufmg.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

- orientações para a formação de uma rede de bibliotecas escolares para países latino-americanos, do qual o Brasil é signatário (ARMENDANO SEVESO et al., 2007);
- projeto para a formação de um Sistema Nacional de Informação – diga-se de bibliotecas escolares -, para a escola pública (CFB, 2008);
- Lei n. 12.244/2010, que determina a criação de bibliotecas nas instituições educacionais brasileiras até 2.020 (BRASIL, 2010);
- Parâmetros para as bibliotecas escolares brasileiras, volumes 1 e 2 (CAMPELLO, 2010);
- 2021 Metas Educativas (OEI, 2012) para países latino-americanos, objetivando conhecer a situação das bibliotecas escolares, ampliar o seu número, incentivar o seu uso e formar professores e especialistas na gestão de bibliotecas escolares, até o ano 2021 (OEI, 2012);
- Plano Nacional de Educação para 2014-2024 (BRASIL, 2014);
- Manifesto e Diretrizes para a Biblioteca Escolares da IFLA (2002, 2005, 2015).

Mas os desafios continuam. A lei orçamentária anual⁶⁴ que reduziu em 32% os recursos para a educação (ORÇAMENTO..., 2017), impacta na universalização de bibliotecas escolares no Brasil, há dois anos para que a Lei n. 12.244/2010 seja cumprida. E aqui, parecem oportunas as palavras de Gómez-Hernández (2013, p. 103), ao afirmar que “el riesgo es que, entre controversias, recortes y prioridades que se anteponen, la biblioteca escolar se pueda ir viendo superflua o reemplazable”.

⁶³Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/berev>>. Acesso em: 15 dez. 2017

⁶⁴ Refere-se à Lei n. 13.587/2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2-15-2018/Lei/L13587.html>. Acesso em: 5 jan. 2018.

5 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA E PROCEDIMENTOS

Gramma é essencialmente cabelo da terra, e cabelo essencialmente grama do corpo. De que ponto de vista? Do ponto de vista do barbeiro e do jardineiro. Tais pontos de vista não foram assumidos aleatoriamente, foram impostos pelo fenômeno mesmo. Não podemos assumir não importa que ponto de vista perante a grama. Não, por exemplo, o ponto de vista do geólogo ou do banqueiro. Embora estes pontos de vista também abrangam grama e cabelo, não captarão o que é essencial em ambos. Para geólogos e banqueiros grama e cabelo não ocupam o centro de interesse; para barbeiros e jardineiros ocupam. A essência se revela apenas quando o fenômeno contemplado ocupa o centro do interesse.

Vilém FLUSSER

Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza

Esse capítulo trata da fundamentação metodológica que embasou a pesquisa e procedimentos. Divide-se em duas seções. A primeira é dedicada à Teoria das representações Sociais (TRS). Essa teoria considera que tudo que é veiculado na vida cotidiana ocorre porque há convenções, que são as representações sociais, que circulam em dois universos: o psicológico e o do mundo concreto onde os indivíduos agem e interagem, em um contínuo de ação intersubjetiva. A segunda seção apresenta os procedimentos metodológicos, informando o contexto da pesquisa; seus participantes e cuidados éticos; os instrumentos utilizados para a coleta dos dados, e teste; tratamento dos dados coletados por meio da entrevista, cuja técnica adotada é o Discurso do Sujeito coletivo (DSC).

5.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Pode-se afirmar que da interconexão entre o objeto a ser comunicado, o que ele representa ou pode vir a representar, conforme vemos na epígrafe, é do que se ocupa a TRS, utilizada como fundamento metodológico nesta tese. As representações são

fundamentais na comunicação humana. É por meio delas que algo não familiar ou não compreendido, torna-se familiar, compreendido, comunicável.

A Teoria das Representações Sociais dialoga com a Fenomenologia, uma lente epistemológica da presente pesquisa, que entende o fenômeno como algo que aparece. Como se faz isso? Pelo uso de palavras. Elas transportam representações, desvelam fenômenos. As palavras carregam conceitos, sentidos. As palavras nos dão a compreender o dito que é ouvido, que se atrelam às ações dos indivíduos, que vivem e se expressam em um mundo comum ou cotidiano. É isso o que “ouvimos” nas palavras do poema *Língua*, do poeta brasileiro Manoel de Barros (2010, p. 443):

A seca foi braba naquele ano.
 O pai falou: Lá evém uma língua de fogo
 do lado da Bolívia
 e vai lamber todo o pasto.
 O menino assustou: Língua de fogo?
 O pai explicou ao menino que se tratava
 de imagem.
 Língua de fogo é apenas uma imagem.
 Mas, pela dúvida, o menino retirou seu
 cachorro da imagem.

Se, inicialmente a metáfora “língua de fogo”, empregada pelo pai causou estranheza ao menino, logo ele a associa a perigo iminente e tem atitude esperada pelo pai. Houve comunicação. Afirma Flusser (2007, p. 14) que “[...] aquilo que nos vem por meio dos sentidos e que chamamos ‘realidade’ é dado bruto, que se torna real apenas no contexto da língua, única criadora de realidade”. Portanto, na fala os atores sociais revelam o que está por trás das ações que sustentam determinada realidade. Segundo Ivana Marková, em conversa com Moscovici (2003, p. 321), “As representações estão inseridas nos sentidos das palavras e, por conseguinte, são recicladas e perpetuadas através do discurso público”.

A Teoria das Representações Sociais nasceu como uma alternativa europeia ao estudo de psicologia social, opondo-se à vertente norte-americana centrada no individualismo, no experimentalismo e a-historicismo. A obra fundadora dessa teoria, *La psychanalyse, son image et son public*, foi publicada por Serge Moscovici, em 1961, que criticava a dificuldade da teoria positivista e da estruturalista em fornecer conceitos para compreender a realidade social (SÁ, 1996).

Enquanto essas teorias estavam centradas nos conceitos de opinião pública, representação coletiva e cognição social, a Teoria das Representações Sociais voltava-se para as dimensões culturais e cognitivas que envolviam os meios de comunicação e as mentes das pessoas, tanto objetiva como subjetivamente (GUARESCHI, 2008). A Teoria das Representações Sociais estuda a realidade, entendendo-a como algo dinâmico, com o homem vivendo, pensando, agindo, interagindo e criando essa realidade. Para a sua formulação, Moscovici fez uso do conceito de “representação coletiva” de Durkheim, publicada em 1895 na obra *Les règles de la méthode sociologique*. Para se ter ideia de suas concepções, Durkheim (2006, p. 21) afirma que “Para compreender a maneira como a Sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, é a natureza da sociedade, e não a dos particulares, que devemos considerar”.

Guareschi (2008, p. 196) comenta que a sociedade vivida por Durkheim seguia um modelo “[...] estático e tradicional, pensado para tempos em que a mudança se processava lentamente. [...] Por isso o conceito de “coletivo” apropriava-se melhor àquele tipo de sociedade, de dimensões mais cristalizadas e estruturadas”. Moscovici não viveu a sociedade de Durkheim. A sociedade de Moscovici é mais dinâmica. Vê nela, indivíduos se organizando, protestando, reivindicando direitos, mudanças. É uma sociedade construída em outro tempo e de forma diferente. Esses indivíduos eram percebidos com outra “força” no mundo vivido por Durkheim. Para Moscovici a preservação e a conservação, assim como a novidade, a mudança, convivem juntas, fazem parte da vida social, da vida dos indivíduos, e refletem em diferentes modos de viver e de pensar.

As representações sociais que me interessam não são nem as primitivas, nem as suas sobreviventes no subsolo de nossa cultura dos tempos pré-históricos. Elas são as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre têm tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis. [...]. Existe uma necessidade contínuade re-constituir o “seno comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar (MOSCOVICI, 2003, p. 48).

Conforme vimos, as representações são sociais pela impossibilidade de separar aspectos individuais e sociais. Não dá para compreender o indivíduo separando-o do todo social ou da influência das ações dos demais indivíduos, ou conforme Jovchelovitch (2008, p. 63) da “[...] diversidade de um mundo de outros”.

Na compreensão de Moscovici (2004, p. 157), “o indivíduo não é um ‘dado’, mas um produto da sociedade, pois é a sociedade que o força a tornar-se um indivíduo e a acentuar sua individualidade em seu comportamento”. Deste modo, as representações sociais englobam fenômenos psicológicos (indivíduo) e sociológicos (coletivo) ligados à cultura ou à sociedade. Para Farr (1996, p. 46), elas “estão presentes tanto ‘no mundo’ externo como ‘na mente’ e devem ser pesquisadas em ambos os contextos.” Elas possuem a função de convencionar “objetos, pessoas ou acontecimentos”, nos ajudando a distingui-los, identificá-los, interpretá-los e a conhecer o que representam. São produtos da interação e da comunicação originárias de um contexto social específico. Por isso, trazem ou revelam uma marca de tempo e de espaço, estando presentes nos mundos externo (social) e interno (na mente) do indivíduo e, portanto, devem ser pesquisadas nesses dois âmbitos.

Moscovici (2004, p. 90) adverte que ao olharmos os objetos não os despreguemos de seus contextos, para que sejam vistos, apreciados e compreendidos “como uma obra de arte não como matéria prima”, por esta não ter marcas da lapidação humana, como tem a obra de arte que carrega representações sociais, manifestadas por seu criador, que o acompanha de outras gerações, de seus predecessores, acrescidas do que percebe e interpreta.

As representações penetram na mente de cada um, que as (re)pensa, as (re)cita e as (re)apresenta. É um exercício de tornar algo estranho ao indivíduo, em familiar para ele, sendo que para isso sua mente passa por um processo de ancoragem e objetivação (MOSCOVICI, 2004). As representações sociais nos são impostas,

[...] transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente,

reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (MOSCOVICI, 2004, p. 37).

Contudo, segundo Duveen (2004, p. 22), essas imposições, que utilizamos para ancorar tudo que é expresso por nós no meio social, podem sofrer modificações, visto que

A mudança dos interesses humanos pode gerar novas formas de comunicação, resultando na inovação e na emergência de novas representações. Representações, nesse sentido, são estruturas que conseguiram uma estabilidade, através da transformação duma estrutura anterior.

A realidade só é possível de ser representada porque nomeamos coisas, pessoas, ideias. Assim, algo sem nome, não pode se tornar uma imagem comunicável ou ligar-se a outras imagens (MOSCOVICI, 2004). Em síntese, o que não tem nome, é anônimo e sendo anônimo, inexistente. Conforme Moscovici (2004, p. 67), quando nomeadas, “as coisas”, podem ser descritas e adquirem certas características etc.; tornam-se distintas das demais coisas, pessoas ou ideias; e “[...] torna-se o objeto de uma convenção entre os que adotam e partilham a mesma convenção”. Assim, classificar e dar nomes são aspectos de ancoragem das representações. Portanto, segundo Moscovici (2004, p. 70), a Teoria das Representações “exclui a ideia de pensamento ou percepção que não possua ancoragem”; a classifica e a nomeia de forma objetiva a “facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões”. Para esse autor, as representações sociais são fabricações da mente humana e estão presentes em suas ações.

Outro conceito trazido pelo autor é o de objetivação por meio do qual algo não familiar torna-se realidade. Objetivar é reproduzir um conceito em uma imagem. Assim,

Toda verdade auto-evidente, toda taxonomia, toda referência dentro do mundo, representa um conjunto cristalizado de significâncias e tacitamente aceita nomes; seu silêncio é precisamente o que garante sua importante função representativa: expressar primeiro a imagem e

depois o conceito, como realidade (MOSCOVICI, 2004, p. 77).

Ancoragem e objetivação são conceitos que expressam formas de lidar com a memória. Se nossas representações transformam algo não familiar em familiar, é porque dependem da memória. Diferentemente da objetivação, a ancoragem é dirigida para dentro, mantendo a memória do sujeito em movimento. Permite que coisas, pessoas e acontecimentos façam parte dela, a partir de um exercício de identificar uma classificação “de acordo com um tipo e os rotula com um nome”, em um processo contínuo de tirar e retirar coisas da mente. Por outro lado, a objetivação resgata da mente conceitos e imagens para reproduzi-los no mundo exterior “para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido” (MOSCOVICI, 2004, p. 78). Desse modo, podemos dizer que a ancoragem e a objetivação estimulam o funcionamento da memória, nesse processo contínuo de entrar e sair dela “criaturas do pensamento”, designação de representações dada por Moscovici (2004).

O estudo das representações sociais requer: a) o exame de aspectos simbólicos dos relacionamentos e dos universos consensuais onde habitamos. Motivação, cognição e comportamento somente existem e têm repercussões se significarem algo. Para isso, é preciso que pelo menos duas pessoas compartilhem uma linguagem, valores e memórias comuns; b) métodos de observação, porque as representações estão vinculadas à linguagem e são criadas em um ambiente humano complexo; c) a valorização da descrição; e d) o tempo, já que, em essência, as representações sociais são históricas e influenciam o indivíduo desde a infância (MOSCOVICI, 2004). Conforme Moscovici (2004, p. 108), “nossas representações de nossos corpos, de nossas relações com outras pessoas, da justiça, do mundo, etc. se desenvolvem da infância à maturidade”.

Todas as perguntas que fazemos e as respostas que obtemos estão ancoradas em representações do que temos das coisas, sendo impossível conseguirmos pensar e nos expressar acerca de um objeto, uma pessoa, uma instituição, sem fazer uso e ter deles uma representação. A representação é expressão que perpassa pela mente, exteriorizada pela fala através da conversação/comunicação. Conforme expressa Moscovici (2004), as representações sociais são “criaturas do Pensamento”. Criaturas sustentadas pela interação entre os homens, em seu caminhar no tempo-espaço, as atando à cultura.

Nessa perspectiva, o ambiente microssocial é um local privilegiado para se estudar, o que vem sendo socialmente construído

sobre objetos, pessoas e/ou instituições. É nele que se encontram as fontes vivas para a compreensão da realidade social: os atores sociais. A representação da essência do pensamento de um indivíduo está na fala, portanto, na palavra, e no pensamento.

5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção indica quais os dados que foram coletados, onde, como, com quem, e quais os instrumentos utilizados para a coleta e tratamento.

5.2.1 Contexto da pesquisa

Santa Catarina é o ambiente macrossocial desta pesquisa. Estado situado na Região Sul do Brasil, possui uma área de 95.737,954 km² e população estimada de 7.001.161 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2017).

Santa Catarina tem 295 municípios, agrupados em vinte microrregiões distribuídas em seis mesorregiões: Grande Florianópolis, Norte, Oeste, Serrana, Sul e Vale do Itajaí. Na mesorregião norte, a mais industrializada, encontra-se Joinville, o município mais populoso do Estado, com 577,077 mil habitantes. A capital, com 485,838 habitantes, é o segundo município em número de habitantes, conforme dados do IBGE (2014; 2017).

Segundo o *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil* (2013), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁶⁵ desse Estado, levantado em 2010 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), corresponde a 0,774, o que projeta Santa Catarina para uma melhor posição entre os estados da região sul, e o terceiro em nível nacional, precedido pelo Distrito Federal (0,824) e pelo Estado de São Paulo (0,783). Das doze cidades que participam da presente pesquisa, sete têm médio índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), oscilando de 0,7 a 0,799. Em cinco cidades, esse índice é alto: Florianópolis (0,847); São José (0,809); Joinville (0,809); Blumenau (0,806); e Jaraguá do Sul (0,803).

⁶⁵ O IDH e o IDH-M são calculados com base na expectativa de vida ao nascer (longevidade), na renda *per capita* e na escolaridade da população. Esse índice varia de 0 a 1. Cidades, estados e países com índice de 0 até 0,499 têm desenvolvimento humano considerado baixo, de 0,500 até 0,799 de desenvolvimento médio, de 0,800 até 0,899, alto, e de 0,900 a 1, muito alto. (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, 2013).

No que concerne à educação básica, a Secretaria da Educação de Santa Catarina (2017), tem 1.073 unidades escolares vinculadas à administração pública estadual. Nessas unidades, 57% do número de matrícula refere-se aos alunos do ensino fundamental (séries iniciais e séries finais) da educação básica regular. Além do ensino fundamental, são oferecidos o ensino médio regular, magistério, educação profissional, e educação de jovens e adultos, conforme especificados a seguir.

Tabela 1 - Escolas públicas estaduais de SC: etapas/modalidades, turmas e número de alunos em 2016

Etapas e Modalidades de Ensino	Rede de ensino estadual de SC: 1.073 unidades		
	Número de Turmas	Número de Alunos	Alunos por modalidade e ensino (%)
EF (séries iniciais)	5.383	114.492	22
EF (séries finais)	7.304	183.366	35
Ensino médio	6.713	176.455	33
Magistério	223	6.470	1
Educação profissional	404	9.829	2
Educação de jovens e adultos	4.616	35.254	7
TOTAL	24.643	525.866	100

Fonte: Adaptado de Santa Catarina (2017).

Entre as 6.278 unidades escolares catarinenses indicadas no Censo Escolar (INEP, 2017)⁶⁶, 1.254⁶⁷ encontram-se na esfera pública estadual. Essa rede de ensino compreende Escolas de Educação Básica (EEB), Escolas de Ensino Fundamental (EEF), Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), Escolas Indígena de Ensino Fundamental (EIEF), Centros de Educação Profissional (CEDUP), Unidades Desdobradas (UD), Escolas de Ensino Médio (EEM) entre outros. Nessa esfera pública, 69% tem biblioteca. Há unidades com biblioteca e sala de leitura, e há unidades apenas com sala de leitura, mas 29,6% não

⁶⁶ Dados do Censo 2016 (INEP, 2017), referentes à *Biblioteca e sala de leitura por escola, no Estado*, tratados e fornecidos pela Gerência de Avaliação da Educação Básica e Estatísticas Educacionais, da Secretaria de Estado da Educação, em 18 jul. 2017.

⁶⁷ Neste total, estão contabilizadas as unidades pertencentes à administração pública estadual, e unidades cedidas pelas secretarias municipais de educação - espaços oferecidos em unidades prisionais, aldeias indígenas, entre outros. Por conta disso, vê-se diferença entre o número de escolas (1.073) indicado pela Secretaria de Estado da Educação (Tabela 1) e o número de escolas (1.254), no Educacenso (INEP, 2017).

possui nenhum desses equipamentos (SANTA CATARINA, 2017). Conforme visto anteriormente o percentual nacional indicado pelo INEP são de 51% e 44%, respectivamente.

Com base nos dados do IBGE (2014) e de Santa Catarina (2014a; 2014c), as mesorregiões foram identificadas, e a partir da estimativa populacional, em cada uma delas, dois municípios, com maior número de habitantes. Isto definido, a localização das 12 cidades passaram a ser conhecidas: Chapecó e Caçador (Mesorregião Oeste); Joinville e Jaraguá do Sul (Mesorregião Norte); Lages e Campos Novos⁶⁸ (Mesorregião Serrana); Blumenau e Itajaí (Mesorregião Vale do Itajaí); Florianópolis e São José (Mesorregião Grande Florianópolis); Criciúma e Tubarão (Mesorregião Sul).

Para definir as duas escolas de cada município, a Secretaria de Estado de Educação forneceu dados sobre as escolas da rede, quando foram identificadas, as duas maiores Escolas de Educação Básica, em número de alunos, funcionando minimamente e ininterruptamente há onze anos, tempo que o aluno do 3º ano tem permanecido na escola, desde o ingresso na educação básica. A confirmação desse vínculo com a escola foi confirmado junto à secretaria da mesma.

Em cada escola foram selecionados dois alunos para entrevista. A seleção ocorreu após confirmação dos pré-requisitos dos potenciais colaboradores por parte da administração escolar, acesso aos alunos e convite para participar da pesquisa e aceite dos dois primeiros que se dispuseram a colaborar. Dados complementares foram coletados por meio de questionários respondidos pelos entrevistados, diretores e responsáveis pelas bibliotecas. Em síntese, a pesquisa envolveu 12 municípios catarinenses, 12 escolas e 48 sujeitos (12 diretores, 12 responsáveis por bibliotecas, e entrevistou 24 alunos).

5.2.2 Participantes e ética na pesquisa

A seleção dos alunos deu-se a partir dos seguintes critérios:

- a) estar matriculado em escola de educação básica, vinculada à administração pública estadual, que ofereça ensino fundamental e médio;
- b) estudar em escola localizada em um dos dois municípios mais populosos de cada uma das seis mesorregiões catarinenses;

⁶⁸ Terceira cidade da mesorregião Serrana, com maior número de população, e que substituiu a segunda (Curitibanos), por esta não apresentar, na época da coleta de dados, escola que preenchesse os pré-requisitos desta pesquisa.

- c) cursar o 3º ano do ensino médio;
- d) ter frequentado toda a educação básica na mesma unidade escolar;
- e) estar matriculado em escola com biblioteca.

A escolha por alunos do 3º ano do ensino médio deu-se pela vivência que têm em sistema escolar com biblioteca. O tempo que estão na escola, idade, conhecimento adquirido com as experiências, maturidade e discernimento para falar sobre a biblioteca do seu mundo vivido foram definidores para o desenho do perfil desses participantes.

Para participar desta pesquisa, não havia a obrigatoriedade do aluno ser usuário da biblioteca da escola, no último ano da educação básica. Esta pesquisa volta-se para conhecer o sentido que esse aluno confere à biblioteca escolar, a partir de uma realidade histórica com esta unidade, dada a experiência que manteve com ela durante os anos de permanência na educação básica. Portanto, havia também interesse em conhecer as razões e motivos das ações dos alunos entrevistados relacionadas com a biblioteca, bem como, o porquê de fazerem uso, ou não, da biblioteca da escola no último ano da educação básica.

Nesta etapa, considere as orientações de Schutz (2012b) ao mencionar que o pesquisador cria na mente uma abstração, um ator fictício que corresponda às características do ator a ser investigado, no que concerne ao tipo de ação que esse ator executa no Mundo da Vida. Assim, além do perfil que determinou quem é o participante desta pesquisa, há outras relacionadas especificamente à sua ação nesse mundo, definida como de tipo habitual: o aluno participante vai à escola todos os dias, permanece em aula com professor por um longo período, quer seja ministrada em sala, laboratórios, quadras de esportes, a depender das disciplinas da grade curricular; realiza leituras para as atividades escolares, seja para trabalhos, pesquisas, provas, entre outros, para fins de avaliação escolar. Para atender tais demandas ele utiliza a biblioteca escolar ou não, outras bibliotecas ou não; faz uso de livros didáticos distribuídos pelo governo, dentro da sala ou fora dela; usufrui do recreio. Fui à campo encontrar sujeitos investidos nessas ações gerais, de um aluno típico comum, que age naturalmente no Mundo da Vida. Este desenho é determinado em consonância com a formulação da questão de pesquisa, com o do roteiro de entrevista, com o que o pesquisador considera relevante para obter resposta à questão de pesquisa.

Para Schutz (2008; 2012b), na vida cotidiana o ator social adulto, pensa e age por interesse prático nas questões da vida diária, por isso

fica atento ou em estado de alerta em meio às tensões que lhe passam pela consciência. Essa atenção, segundo Schutz (2012b, p. 342), refere-se a “um ato livre de voltar-se para algo a partir da própria vontade e de modo seletivo, ou de prestar atenção de forma alerta a este algo, a certas características, objetivo etc., no meio atual que está dado em um momento específico”.

Dentro do que estabelece Schutz, o aluno a ser entrevistado precisaria estar investido em ações que o caracteriza como um adulto alerta. A partir do conhecimento de Inhelder e Piaget (1976), na área da psicologia educacional, conclui-se que indivíduos entre 16 e 18 anos (idade média dos alunos participantes) têm condições de contribuir para alcançar os objetivos de pesquisa desse gênero. O adolescente possui pensamento auto-reflexivo, constrói sistemas e teorias que, do ponto de vista funcional

[...] apresentam a significação essencial de permitir ao adolescente sua integração moral e intelectual na sociedade dos adultos, e isso sem mencionar o programa de vida e seus projetos de reforma. Estes são indispensáveis para que o adolescente assimile as ideologias que caracterizam a sociedade ou as classes sociais, na medida em que são entidades opostas às simples relações interindividuais (INHELDER; PIAGET, 1976, p. 253).

Essa integração do adolescente na sociedade dos adultos significa que ele passa a considerar-se como adulto, começa a pensar no futuro, em um trabalho, e com isso, se propõe a reformar a sociedade (INHELDER; PIAGET, 1976).

O contexto social influencia a maneira como o adolescente passa a ser responsável por seus atos, fazendo escolhas, tornando-se adulto. Nessa faixa etária, é possível que alguns alunos estejam engajados no mercado de trabalho, vivenciando um período de escolhas para atuar nesse mundo, ou tomando decisões a respeito de uma formação universitária. Nesta idade, os jovens podem estar assumindo outras responsabilidades do mundo adulto, como trabalhar, por exemplo, o que se confirmou nesta investigação. E assim, o fato de terem estudado em escola com biblioteca ao longo de sua formação básica, os atores entrevistados tinham vivência e consciência do tema abordado, o que contribuiu para que resgassem lembranças sobre a biblioteca da escola.

Para o acesso às escolas, foi necessária a autorização da Secretaria de Estado de Educação⁶⁹, e das Gerências Regionais de Educação (Apêndice C) às quais as escolas estão subordinadas. Identifiquei os diretores de cada unidade, mantive um primeiro contato telefônico, e posteriormente por *e-mail*, a fim de apresentar as razões da pesquisa expostas na Carta de Apresentação (Apêndice B), quando, ainda de maneira informal, soube do quantitativo de turmas de alunos de 3º ano do ensino médio, os horários, se manhã, tarde e noite, e de que havia nelas alunos que cumpriam o perfil estabelecido para a seleção.

A natureza da pesquisa, seus objetivos e métodos autorizados pelo Parecer n. 1.576.006/2016, do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foram informados e explicados aos participantes da pesquisa, quando submetidos à pré-seleção, entre os quais estão: o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e o Termo de Consentimento para Gravação de Áudio, mostrados, respectivamente, nos Apêndices D, E, F.

Segundo a Resolução n. 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que estabelece os preceitos éticos que envolvem pesquisas com seres humanos, é necessário proteger o participante da pesquisa, informando-lhe sobre objetivos, procedimentos adotados e garantia de sigilo. Nessa resolução (BRASIL, 2012), o Assentimento Livre e Esclarecido é a concordância do participante quando criança, adolescente ou legalmente incapaz. Por conseguinte, o pesquisador deve adotar uma linguagem que facilite a compreensão do que informa esse documento. Encontrando-se, o participante, na condição de menor de idade (ter menos de dezoito anos), também é necessário obter autorização de seu responsável por meio do Consentimento Livre e Esclarecido. Mesmo que informado no TALE e TCLE que a coleta de dados se daria por meio de entrevista gravada e preenchimento de questionário, também foi obtida autorização específica para a gravação das entrevistas, autorizada pelo participante e seu responsável, quando necessário, por meio do Termo de Consentimento para Gravação de Áudio, no Apêndice F. Esses documentos foram assinados em duas vias, uma do participante e/ou do seu responsável, e outra da pesquisadora.

⁶⁹ Por orientação do Comitê de Ética da UFSC, os nomes das doze escolas participantes desta pesquisa, figuram no pedido e no documento emitido pelo secretário de educação autorizando o acesso às mesmas, razão desses documentos não constarem em apêndice e em anexo.

5.2.3 Instrumentos utilizados

Como instrumentos de coleta de dados foram adotados nesta pesquisa: entrevistas, questionários (para alunos, diretores e responsáveis pelas bibliotecas), análise documental dos PPP e, um diário de visitas quando nas escolas, onde registrei as impressões acerca dos contextos e dos momentos das entrevistas. A técnica adotada para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada na modalidade face a face. Segundo Flick (2009, p. 143), esta técnica tem despertado o interesse de pesquisadores pela “expectativa de que é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário”. A entrevista é um instrumento privilegiado de acesso às experiências dos atores sociais. O pesquisador pode observar uma ação, mas jamais saberá os motivos que levaram o ator social a fazê-la sem ouvi-lo, sem possibilitar que exteriorize as razões da ação que experimenta (POUPART, 2011). No entendimento do autor,

[...] o entrevistado é visto como um informante-chave, capaz precisamente de “informar” não só sobre as suas próprias práticas e as suas próprias maneiras de pensar, mas também – na medida em que ele é considerado como “representativo” de seu grupo ou de uma fração dele – sobre os diversos componentes de sua sociedade e sobre seus diferentes meios de pertencimento. Nesta última acepção, o informante é tido como uma testemunha privilegiada, um observador de certa forma, de sua sociedade, com base em quem um outro observador, o pesquisador, pode tentar ver e reconstituir a realidade (POUPART, 2011, p.222).

Como entendem Lefèvre e Lefèvre (2005a), pensar é discursar e não assinalar uma alternativa pensada por alguém e que nos foi dada na tentativa de enquadrar o nosso pensamento. Esses autores (2005a, p. 21) alertam o pesquisador para que o pensamento do informante seja “coletado por entrevistas individuais com questões abertas, o que faz com que o pensamento, como comportamento discursivo e fato social individualmente internalizado, possa se expressar”. Para dar importância ao informante, e privilegiar essa técnica para a obtenção de dados, os cientistas sociais têm buscado fazer, o que expressa Kaufmann (2013, p. 36): “uma escuta mais atenta da pessoa que fala”. Esse autor defende a

necessidade de seguir uma metodologia flexível, fala sobre as condições do momento da entrevista, o direito que tem o entrevistador de “criá-las” de forma que obtenha melhores dados, da importância da empatia, do cuidado na escolha das palavras, em função do contexto, faixa etária e gênero do entrevistado, da necessidade de o pesquisador escutar e criar um ambiente de sociabilidade, anotar tudo que vê, ouve, pensa a partir do que vê, ouve e percebe, entre outros.

Para Deslauriers e Kérisit (2012), a técnica de entrevista pode estar associada à outra(s); ser complementada

[...] com o questionário, a fotografia, os documentos audiovisuais (filme, vídeo), a observação dos lugares públicos, a história de vida, a análise de conteúdo. Desejando vivamente recolher o máximo de informações pertinentes, os pesquisadores combinam, usualmente, várias dessas técnicas (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2012, p. 140).

Creswell (2010, p. 208) fala do uso de múltiplas fontes de dados na pesquisa qualitativa, salientando que independentemente do número e das modalidades adotadas, os dados devem ser coletados pelo pesquisador “[...] no local em que os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado”. Caso utilize algum protocolo de coleta de dados, deve ser elaborado pelo próprio pesquisador e aplicado por ele.

A técnica de entrevista semi-estruturada, realizada na modalidade face a face, se articula nessa ideia de desvelamento do pensamento coletivo sobre a essência de dado tema. Os dados das entrevistas estão articulados com os dados coletados por meio de outras modalidades de coleta: análise documental, questionários e diário de campo.

Durante esse processo parecia ter incorporado a ideia da Roda de Bicicleta de Flusser (1966), o princípio da “redução fenomenológica”. Enxergava os contextos da pesquisa de forma distanciada.

5.2.4 Teste dos instrumentos

O teste do roteiro de entrevista e dos questionários envolveu três Escolas de Educação Básica, localizadas em Florianópolis. O roteiro de entrevista foi testado com a participação de seis alunos, de mesmo perfil dos entrevistados definitivos, que estudavam pela manhã e à noite. Os

três questionários foram aplicados em seis alunos, dois diretores e dois responsáveis por biblioteca. A autorização para estar nas escolas foi solicitada aos diretores por meio da Carta de Apresentação para teste dos instrumentos de coleta de dados (Apêndice A).

O momento da entrevista foi previamente articulado com o responsável pela biblioteca, o que facilitou a busca de informações sobre a unidade e sua atividade nela. A realização da entrevista no período em que o aluno estudava garantiu a sua participação. A liberação do aluno da sala de aula para a entrevista exigiu atenção para fazer coincidir o tempo da aula (55min) com o tempo que a biblioteca estaria livre para a realização da entrevista, buscando obter uma condição ideal. Busquei estar só com o entrevistado no local da entrevista. Isso ajudou a minimizar possíveis distrações do entrevistado e do pesquisador, que a gravação ficasse livre de ruídos indesejáveis, do ir e vir dos usuários na biblioteca, e facilitar o trabalho de escuta das entrevistas.

Segui o roteiro de entrevista, contudo, teve momentos que solicitei aos entrevistados que esclarecessem o que insinuavam e eu não compreendia. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2005b, p. 45), caso seja necessário algum esclarecimento, é possível inserir adendos às perguntas, tais como: “O que mais? Tem algo mais a dizer? Como assim? Por quê? Quer completar com mais alguma coisa? Não entendi, explique melhor, etc”. Kaufmann (2013, p. 81), na obra *A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa em campo*, afirma que o desenrolar da entrevista pode suscitar uma questão dentro do que o pesquisador inicialmente havia estabelecido perguntar “a partir do que acaba de ser dito pelo informante”. Contudo, esta possibilidade requer escuta atenta do pesquisador, o que nem sempre acontece, para que, de improviso, formule uma pergunta que consiga resgatar algo insinuado, não dito pelo entrevistado. Assim, possíveis inserções de uma nova pergunta, em uma ou outra pergunta do roteiro, no momento da entrevista face a face, exige do pesquisador atenção, paciência e ambiente livre de distrações para melhor perceber quando e como intervir e, antes disso, identificar a necessidade de tal intervenção.

O teste também indicou a exclusão da primeira pergunta do roteiro “Fale livremente sobre o que é biblioteca para você?”, que confundia o entrevistado com a segunda pergunta “O que é biblioteca escolar para você?”. Além disso, pequenos ajustes foram feitos no enunciado e na ordem da apresentação de perguntas do roteiro de entrevista; acréscimos pontuais e a alteração da ordem de algum item dos questionários.

A demora na devolução dos questionários preenchidos por diretores e responsáveis pelas bibliotecas, definiu que na coleta dos dados definitivos, poderiam retornar à pesquisadora, por *e-mail*. O teste também serviu para atentar sobre possíveis recusas de participação, o que implicaria em permanecer mais tempo nas escolas e cidades, e ajustar a programação das viagens para a coleta de dados.

Outras orientações foram obtidas com o teste: o contato inicial para levantamento dos participantes seria em sala de aula, a primeira turma que tivesse possibilidade de acesso, com suspensão de atividades. Também ficou confirmado que uma hora/aula seria tempo suficiente para realizar as duas entrevistas, tratar do preenchimento dos questionários e da escuta do áudio, caso os alunos desejassem. Ficou definido que o aluno responderia ao questionário no final da entrevista, para evitar que o tema ali tratado interferisse nas suas reflexões quanto às questões apresentadas no roteiro de entrevista. Com o teste e ajustes realizados, fui à campo.

5.2.5 Coleta de dados

O contato inicial com as escolas para a coleta definitiva dos dados, deu-se por telefone. Quando a escola não oferecia toda a educação básica, ou não tivesse havido nela biblioteca nos últimos onze anos, ou tivesse estado fechada por conta de reforma na escola, por exemplo, procurei localizar outra escola, seguindo a classificação da Secretaria de Estado da Educação, com base nos dados do Educacenso⁷⁰, de maio de 2015. Este conjunto de critérios levou à substituição do município de Curitiba pelo de Campos Novos, localizados na Mesorregião Serrana.

Com exceção de duas escolas, localizadas próximas ao município onde reside a pesquisadora, os documentos envolvidos com o pedido de autorização (Carta de Apresentação, e a Declaração do Responsável Legal da Instituição da Coleta de Dados (Apêndices B e C), foram encaminhados às escolas por *e-mail*, conhecidos, concordados, e retornados à pesquisadora por esta mesma via.

Para o acesso e seleção dos alunos participantes e a aplicação dos procedimentos para a coleta de dados recebi a colaboração da direção

⁷⁰ Educacenso é um sistema responsável pela coleta, reunião e disponibilização dos dados educacionais das unidades de ensino públicas e particulares do país. É unificado e coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira, cujos dados permitem a distribuição de recursos às unidades escolares. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/educacenso-sp-1181106924>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

escolar, dos responsáveis pelas bibliotecas e de outros funcionários das escolas. Isso é traduzido pelo aceite da escola em participar da pesquisa, da identificação dos alunos por meio do registro escolar, confirmando o tempo que estudava na escola, o meu acesso às salas de aula para uma primeira conversa, a fim de abordar de uma única vez os potenciais colaboradores, entre outras, que desencadearam as ações a partir do que havia planejado para a coleta de dados. A interação com essas pessoas, facilitou o meu acesso aos dados e o conhecimento sobre o contexto das escolas, revelando um pouco do ambiente escolar vivido pelos entrevistados.

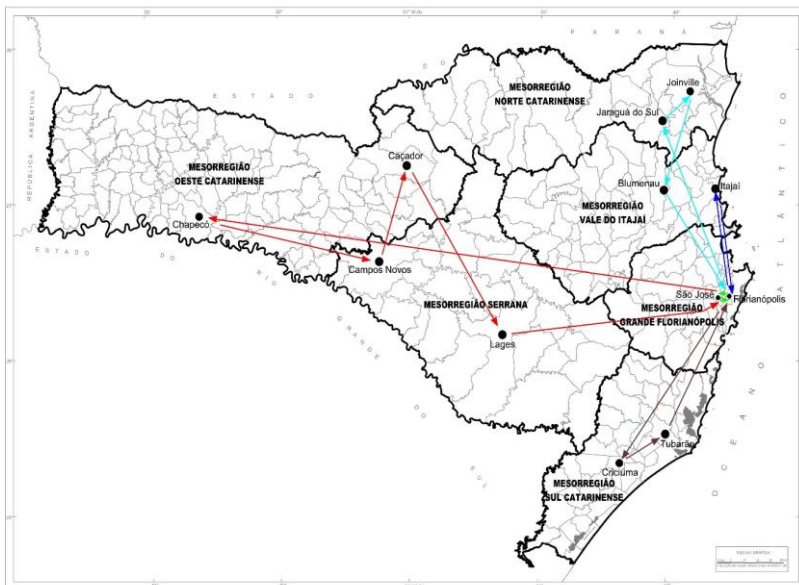
O roteiro de entrevista, mostrado no Apêndice G, e os questionários utilizados na pesquisa (indicados nos Apêndices H, I e J), serviram para conhecer o perfil dos entrevistados e responsáveis pelas bibliotecas, a escola, e a biblioteca. A seleção da técnica da entrevista e do tipo semi-estruturada, para a coleta dos dados discursivos, deu-se por facilitar a captura da essência do pensamento dos entrevistados. Para a gravação das entrevistas foi utilizado o equipamento Digital Panasonic RR-US511.

Os procedimentos pré entrevistas incluíram a localização e identificação dos candidatos a participar desse processo, incluiu uma conversa em separado da turma, com os alunos que aceitaram participar da pesquisa, me certificando das idades, a fim de formalizar o aceite, o qual requereu a assinatura de duas vias do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, do Termo de Consentimento livre e Esclarecido e Termo de Consentimento para Gravação da entrevista. Caso menores de idade, os dois últimos documentos precisariam da assinatura de seus responsáveis. O lugar dessa conversa variou: no corredor próximo à sala de aula, em uma sala de aula desocupada, na sala da direção, e na das orientadoras educacionais, ou especialistas.

A coleta de dados ocorreu nos meses de junho e julho de 2016. A permanência nas escolas foi breve, em média dois dias, e suficiente para a coleta de dados. Dos municípios envolvidos nesta pesquisa, Chapecó é o mais distante, a 545 km de Florianópolis, capital do Estado. O mapa⁷¹ a seguir mostra a localização dos municípios onde os dados foram coletados. Nele, as linhas coloridas indicam o conjunto das cinco saídas à campo realizadas pela pesquisadora a partir de Florianópolis.

⁷¹ Na demarcação da Mesorregião Grande Florianópolis, a omissão de contorno do lado oeste da Ilha de Florianópolis a integra ao continente junto com a área de mar que os separa.

Figura 7 - Localização dos municípios participantes da pesquisa em suas mesorregiões e os trajetos realizados para a coleta de dados



Fonte: Mapa elaborado por Pedro Sagaz, da Diretoria de Estatística e Cartografia. Secretaria de Estado do Planejamento/SC (2017).

A condição de estrangeira⁷², ou de recém-chegada às escolas, ajudou-me a manter o distanciamento necessário para a aplicação dos procedimentos envolvidos com a coleta. Busquei ser “aceita” pelas pessoas que encontrei, por entender que teria implicações em colaborar e na naturalidade ou espontaneidade ao me fornecerem os dados.

O acesso ao Projeto Político Pedagógico das escolas permitiu identificar em quais aspectos a biblioteca era mencionada. Iniciei a análise sem um roteiro prévio e o panorama foi sendo delineado à medida que procedia a leitura dos documentos.

⁷² Situação de aproximação de um indivíduo adulto com um grupo com quem mantém contato pela primeira vez. Por não pertencer naturalmente ao grupo, inexistência de cumplicidade do estrangeiro com seus membros, sendo impossível manter uma relação “nós”. Da estranheza inicial, busca-se a familiaridade e, neste processo, o que não falta é indagação. Portanto, nesse encontro sempre haverá desconforto, estranhamento e questionamento, tanto de um lado como de outro. O pesquisador não está isento ao enfrentar tal situação, mesmo amparado pelos constructos de sua ciência. Antes de se tornar um pesquisador é um ser social, e a tendência natural é fazer parte de um grupo (SCHUTZ, 2012a).

5.2.6 A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo: concepção, procedimentos e aplicação na pesquisa

A Técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), para tratamento e análise de discurso, foi criada na década de 1990, pelos brasileiros Ana Maria Cavalcanti Lefèvre e Fernando Lefèvre, pesquisadores da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). Essa técnica é originária da teoria geral da Análise do Discurso, de 1969, de Michel Pêcheux. Enquanto a Análise de Conteúdo é um recurso para o pesquisador que busca alcançar aquilo que o texto quer dizer; a Análise do Discurso serve àquele que considera fundamentais os fatores que fazem o discurso ser o que é, com as “marcas” advindas do contexto histórico-social de quem o professa (MENDONÇA, 2007), e neste caso, segundo Mendonça (2007, p. 155), o texto é “restrito limitado ao seu próprio contexto; parte do discurso para a enunciação; visa o que o texto quer dizer; busca o sentido do texto expresso em sua estrutura e o interpreta a partir daí; não há relação direta com a historicidade”.

A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo decompõe e analisa discursos individuais sobre um dado tema, cujo objetivo é obter uma síntese discursiva coletiva que revela o pensamento natural de determinado grupo de indivíduos. Lefèvre e Lefèvre (2005a, p. 16; 2005b, p.19), entendem “o pensamento coletivo como discurso da realidade” e o DSC como “estratégia metodológica que, utilizando uma estratégia discursiva, visa tornar mais clara uma dada representação social, bem como o conjunto das representações que conforma um dado imaginário”. Sua metodologia possibilita agrupar pensamentos individuais diferentes. Contudo, Lefèvre e Lefèvre (2005a, p. 16) lembram que um pequeno grupo não é uma coletividade, mas um “sujeito de um pensar coletivo, porque não pode ser considerado um representante empírico, estatístico, de uma coletividade”. Esses autores acrescentam que:

[...] o pensamento gerado num pequeno grupo [...] é [...] uma resultante de determinada dinâmica grupal, na qual uns falam mais, outros menos (ou nada), uns assumem a liderança do grupo e outros aderem, etc., o que faz com que o pensamento aí gerado não seja verdadeiramente representativo de uma coletividade. [...] o pensamento coletivo é a presença, internalizada no pensar de cada um dos membros da coletividade, de esquemas sociocognitivos ou de pensamento socialmente

compartilhado (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005a, p.19-20).

Lefèvre e Lefèvre (2005b) orientam o pesquisador a tomar certos cuidados antes e durante o momento da entrevista: a) a preparação para a escolha dos sujeitos; b) o ambiente da entrevista; c) a formulação da pergunta ideal; d) o roteiro de entrevista; e) a não divulgação da pergunta antes do momento da entrevista, evitando com isso, o pensar antecipado, preparado, ensaiado, como resposta; f) a não reapresentação da pergunta; g) o “clima” informal; h) a escolha dos trajés utilizados no momento da coleta de dados; i) a checagem do equipamento de gravação; j) o cuidado para não produzir gestos que possam interferir no ânimo ou no raciocínio do entrevistado; k) a atenção àquele que fala; l) incentivar o discursante para que fale, expressando-se espontaneamente, de forma que suas ideias fluam ou “brotem” da mente; m) oferecer ao entrevistado o tempo que este julgar necessário para falar (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005b).

O processo para a obtenção do discurso de um sujeito coletivo

A técnica do DSC é realizada em duas etapas: Instrumento de Análise de Discurso 1 (IAD 1) e Instrumento de Análise de Discurso 2 (IAD 2), e por meio de quatro figuras metodológicas: Expressões-Chave (E-Ch), Ideias Centrais (IC), Ancoragens (AC) e Discursos do Sujeito Coletivo (DSC). Em cada uma dessas etapas pode-se utilizar mais de um quadro para tratamento dos dados.

Para a configuração do IAD 1, faz-se a leitura das transcrições dos discursos coletados por meio de entrevistas. Nesses discursos, são localizadas as suas E-Ch. Nelas, se identificam as IC, momento que se verifica a existência explícita de AC. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2005b, p. 17, grifo do autor), refere-se à “manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa e que, *na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para ‘enquadrar’ uma situação específica.*”

O uso das três figuras metodológicas é adotado para todas as questões do roteiro da entrevista, enquanto é feita a transposição das informações para o IAD 1 e IAD 2. O uso da quarta figura metodológica finaliza estas etapas com a formação de um ou mais Discurso do Sujeito Coletivo para cada questão do roteiro. Se o teor desses DSC forem similares ou complementares, estes podem ser integrados em um discurso coletivo único, ajudando a compor o DSC final. Se os discursos

forem antagônicos, devem ser apresentados em separado, indicando a formação do Discurso do Sujeito Coletivo final, em dois ou mais eixos, ou partes, a depender do que o pesquisador tem em mãos.

Lefèvre e Lefèvre (2005b) destacam que o DSC final, ou o discurso coletivo que resultou da aplicação da técnica do DSC, não é um simples ajuntamento de peças, ou montagem de um quebra-cabeça discursivo.

Para a sua construção, é necessário:

- a) coerência: os pedaços de diferentes discursos devem formar um discurso coerente e harmônico;
- b) singularidade: mostrar um posicionamento próprio sobre o tema pesquisado;
- c) atenção quando há dois DSC em uma única resposta, observando se complementares ou antagônicos.

É preciso fazer com que a junção das falas que compõem os DSC como resposta a cada pergunta do roteiro de entrevista, pareça natural para que haja harmonia e coerência discursiva. Sobre este quesito, seus criadores orientam que o DSC deve ter começo, meio e fim. O uso de conetivos (expressões como: assim, então, logo, e outros) deve ser adotado para eliminar possíveis quebras dos vários discursos, daí a denominação dada por Lefèvre e Lefèvre (2005b, p. 21) de “artificialidade natural” ao discurso obtido pela técnica do DSC.

Nesta técnica, o termo “Discurso do Sujeito Coletivo” figura em três situações distintas: a) refere-se à técnica de tratamento de dados discursivos; b) refere-se a uma de suas quatro figuras metodológicas (EC-h, IC, AC, DSC), utilizadas para a formação dos discursos coletivos para cada pergunta da entrevista; c) refere-se ao produto resultante da soma dos DSC das perguntas – o DSC final.

A aplicação da técnica do DSC aos dados das entrevistas

Na etapa do IAD 1 foi feita a leitura de todas as respostas apresentadas às sete perguntas do roteiro de entrevista a fim de identificar em cada resposta as E-Ch, IC e as AC. Nesta etapa, seguindo a ordem das perguntas, fiz a leitura e tratamento de todas as vinte e quatro respostas apresentadas à pergunta 1, depois à pergunta 2 e assim sucessivamente até às vinte e quatro respostas apresentadas à pergunta 7. Identifiquei cada resposta de cada pergunta, vinculando-a ao entrevistado correspondente, fazendo uso das letras: A, B, C até X, para o vigésimo quarto entrevistado.

Ainda nesta etapa, elaborei um quadro formado por três colunas para o tratamento dos dados de cada uma das perguntas. Na primeira coluna e separadas por cancelas, acomodei integralmente, as vinte e quatro respostas apresentadas pelos entrevistados, marcando com sublinhado as suas E-Ch, e com **negrito sublinhado** as E-Ch referentes às AC. Na segunda coluna, categorizei as IC das E-Ch e, na terceira, as AC. Visando a formação de grupamentos de IC e AC de mesmo sentido ou de sentido complementar, as IC e AC foram identificadas pelas letras A, B, C..., e assim por diante.

Contudo, dada a pouca ocorrência de ancoragem (uma para as questões 1, 2 e 5), no final desta etapa optei por registrá-las na mesma coluna das IC, e abaixo da IC correspondente. Com isso o quadro do IAD 1, construído inicialmente com três colunas passou a ter duas, conforme pode ser observado no Apêndice L.

Obedecendo a sequência das questões, na etapa do IAD 2, e por meio de uma síntese discursiva formada por uma palavra ou mais palavras, foram reunidos cada grupamento de IC e AC, que resultou na construção dos DSC como resposta(s) a cada pergunta do roteiro de entrevista, que no conjunto deu origem ao DSC final.

A etapa do IAD 2 foi constituída por três tipos de quadros, mostrados nos Apêndices M, N, O. No primeiro quadro, busquei reunir por grupamento (A, B, C, ...) as expressões utilizadas para definir as IC por categorias, a fim de definir uma expressão síntese que identificasse o grupamento de E-Ch que reunia determinada categoria discursiva. Na primeira coluna desse quadro, constam as letras correspondentes aos grupamentos. Na segunda coluna, as IC utilizadas na formação de cada grupamento e acima delas, em letras maiúsculas, a frase síntese, para as IC de cada grupamento.

No segundo quadro, que pode ser observado no Apêndice N, substituí as expressões que utilizei para categorizar as IC pelas partes discursivas correspondentes encontradas nas respostas dos entrevistados. Posteriormente, optei por apresentar um quadro síntese das IC por questão, realçando as ancoragens, como aparece no Apêndice O.

Concluída esta etapa, entrou em cena a quarta figura metodológica, o DSC de cada questão. Quando os grupamentos de IC de uma mesma questão eram similares ou complementares, ao serem agrupados davam origem ao DSC da questão. Quando eram divergentes, eram mantidos em separado, resultando em mais de um DSC para a questão. O(s) DSC(s) referentes à cada pergunta do roteiro de entrevista, constam do Apêndice P. As ancoragens quando presentes nesses DSC, são destacadas. A partir daí construí o DSC final. Segundo Lefèvre e

Lefèvre (2005b, p. 16, grifo do autor), “*essa primeira pessoa (coletiva) do singular*” expressa o pensamento de determinado grupo social integrando não iguais, que ao refletir e falar sobre determinado tema, revela um conhecer sobre ele: uma representação social.

Sobre as possibilidades de juntar essas “peças” discursivas ou de “somar pensamentos”, os autores esclarecem:

Quando se trata de discursos sensivelmente diferentes, a apresentação deles, em separado, é obrigatória; quando se trata de discursos complementares, a apresentação dos discursos, em separado, depende de o pesquisador querer resultados mais detalhados ou mais genéricos. Há discursos que, a despeito de não serem iguais ou semelhantes, não constituem cadeias argumentativas inconciliáveis; podem, então, se desejar, ser reunidos sem provocar contradição ou incoerência; pode-se, também, separá-los quando se quer realçar matizes de posicionamento (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005b, p. 21).

Conforme mencionado, nos DSC das sete questões do roteiro de entrevista, constam expressões e sinais que foram sendo incorporados aos mesmos em três momentos distintos. Na etapa da transcrição das entrevistas, o uso de “[...]”, *reticências entre colchetes*, para suprimir expressões que pudessem identificar escolas, entrevistados e outros do contexto escolar; e “[expressões]” colocadas *entre colchetes e em itálico* para esclarecer algum aspecto da fala dos entrevistados. Na etapa da aplicação da técnica do DSC, novamente as “[...]”, *reticências entre colchetes*, para suprimir trechos não selecionados das entrevistas, durante o processo de identificação das IC e E-Ch, *negritadas e sublinhadas*, indicando ancoragens. Na etapa da montagem das peças discursivas que resultou no DSC final, “[também]” foram utilizados conectores (expressões *sublinhadas*, e entre colchetes) para a composição do DSC objetivando dar fluidez à fala coletiva.

Orientação para a leitura dos apêndices relacionados às etapas de elaboração do DSC

O tratamento dos dados das entrevistas com a técnica do DSC resultou em cinco apêndices (L, M, N, O, P). Seus conteúdos retratam as orientações de Lefèvre e Lefèvre (2005a;2005b), o número de perguntas

do roteiro de entrevista, o número de entrevistas realizadas, a diversidade dos temas presente nas mesmas (Apêndice K), e uma forma de interpretar e trabalhar os dados das entrevistas.

O primeiro formulário (Apêndice L) foi elaborado para acomodar cada uma das vinte e quatro respostas apresentadas às perguntas do roteiro de entrevista. Esse formulário tem duas colunas. Na primeira, vinte e quatro caselas (uma para cada resposta). Nessas respostas as E-Ch foram grifadas e, também, negritados trechos com AC. Na segunda coluna, em caselas correspondentes às da primeira coluna, constam termos e/ou frases que traduzem a(s) IC das E-Ch. O mesmo critério foi utilizado para as AC.

Visando a formação de grupos de IC e AC de sentido complementar ou equivalente, estas são etiquetadas com letras maiúsculas (A, B, C...). A etiquetagem das IC resulta na composição de um novo quadro (Apêndice M). Nele vemos os diferentes grupamentos de IC os quais revelam o mosaico da essência discursiva nas respostas dadas pelos alunos para cada pergunta da entrevista. Como forma de melhor representar o conteúdo de cada grupamento de IC, cada grupamento recebe um título. No Apêndice N, repete-se o quadro utilizado no apêndice anterior, mas agora vê-se que as IC são substituídas pelos trechos das entrevistas com E-Ch de onde as IC foram extraídas ou identificadas, ou seja, as E-Ch assumem um lugar guardado/marcado pelas IC.

Tendo reunido todos os trechos de E-Ch com IC de sentido semelhante ou equivalente, tornou-se possível compor o DSC de cada uma das perguntas do roteiro de entrevista. Antes disso, conforme mostra o Apêndice O, para cada pergunta é elaborado um quadro síntese elencando nele as IC, sendo destacadas com negrito as IC com ocorrência de AC. Nesse caso, após o quadro, registra-se a IC, a descrição da AC e, nesta ordem, o trecho da E-Ch onde a AC é revelada.

No Apêndice P, são apresentadas as sete perguntas do roteiro de entrevista, e respectivas respostas no formato de DSC. Estes foram compostos a partir dos trechos das entrevistas (E-Ch de cada grupamento) mostrado no Apêndice N. A composição desses DSC retrata uma “soma” de trechos discursivos. Nesta composição não fiz uso de conetivos (palavras para ligar uma frase a outra, um trecho a outro), optando por fazê-lo na montagem do DSC final. Nos DSC das perguntas, os trechos com AC aparecem negritados. Nesse apêndice observa-se mais de um DSC para as perguntas 2, 4 e 6. Posteriormente, cada DSC passou a figurar como parte de uma peça discursiva maior: o DSC final.

6 RESULTADOS

A vida deu os muitos anos da estrutura
Do humano à procura do que Deus não
respondeu
Deu a história, a ciência, arquitetura
Deu a arte, deu a cura e a cultura pra
quem leu
Depois de tudo até chegar neste momento
me negar
Conhecimento é me negar o que é meu
Não venha agora fazer furo em meu futuro
Me trancar num quarto escuro e fingir que
me esqueceu

Dani BLACK
*O trono do estudar*⁷³

Neste capítulo são apresentados os dados coletados nesta pesquisa e sua análise. O capítulo subdivide-se em seis seções. A primeira versa sobre o acesso às escolas, o percurso para a coleta de dados, seleção dos entrevistados e como ocorreram as entrevistas. A segunda seção refere-se às bibliotecas e respectivas escolas a partir dos dados do Diário de visitas e da análise dos Projetos Político Pedagógicos (PPP) das escolas. A terceira seção trata das escolas e bibliotecas a partir dos dados informados por diretores e professores responsáveis pelas bibliotecas, coletados com os questionários. Discorre sobre verba, acervo, projetos, espaço físico, horário de funcionamento, usuários, empréstimo, multa, internet, equipe, perfil dos professores que atuam nessas unidades, as motivações e desafios, entre outros. A quarta seção, também a partir dos dados dos questionários, apresenta o perfil dos alunos entrevistados (idade, procedência, aproximação e afastamento da biblioteca da escola e outras, etc). A quinta seção apresenta o Discurso do Sujeito Coletivo dos alunos entrevistados acerca do sentido de

⁷³ Composição para apoio ao movimento dos estudantes paulistas, ocorrido em novembro de 2015, contra a aprovação de uma medida do governo do PSDB do Estado de São Paulo que previa o fechamento de aproximadamente 92 escolas estaduais, e remanejamento dos estudantes. Em dezembro desse ano, os estudantes conseguem tal intento. Durante esse movimento, essa música foi gravada em estúdio com Chico Buarque, Zélia Duncan, Paulo Miklos, Tetê Espindola, entre outros, e disponibilizada na internet. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/chico-buarque-dado-villa-lobos-gravam-cancao-em-apoio-estudantes-18346073>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

biblioteca escolar. A sexta seção, traz as interpretações dessa fala coletiva, constituída por uma síntese discursiva do que pareceu ser mais evidente no discurso coletivo e da análise propriamente dita, versando sobre: os sentidos de biblioteca escolar; papel da biblioteca; a família e profissionais no incentivo ao uso da biblioteca; o uso da biblioteca da escola e de outras bibliotecas; problemas; o afastamento do aluno da biblioteca; e a biblioteca idealizada por esse sujeito coletivo.

Os dados apresentados nas quatro primeiras seções seguem a ordem de acesso às escolas e aos entrevistados: Escola 1, Entrevistados A e B até Escola 12, Entrevistados W e X, como também, Escola 1, Biblioteca 1 e assim sucessivamente, até Escola 12, Biblioteca 12. Esse ordenamento sequencial que emprega números e letras, que vincula biblioteca e escola e estas aos entrevistados, por exemplo, Escola 1, Biblioteca 1, Entrevistados A e B, Escola 2, Biblioteca 2, entrevistados C e D, ... Escola 12, Biblioteca 12, Entrevistados V e X, auxilia o leitor a fazer conexões entre os dados sobre as escolas, suas bibliotecas e o conteúdo das falas dos entrevistados, no apêndice K, da transcrição das entrevistas.

Na análise do Discurso do Sujeito Coletivo, são utilizados trechos desse discurso, remetendo o leitor para o Apêndice N, parte integrante dos procedimentos da técnica do DSC adotada para tratamento das falas.

O DSC, por ser resultado de uma técnica empregada pelo pesquisador, não deve ser apresentado entre aspas (Lefèvre; Lefèvre, 2005b). Essa orientação é estendida para os trechos desse discurso quando citados na análise. Entretanto, quando referentes aos trechos de discursos individuais, as citações aparecem entre aspas. Em alguns trechos citados são mantidas as marcas de ancoragem adotadas: texto grifado e em negrito. Ainda cabe esclarecer, que na análise do Discurso do Sujeito Coletivo, eventualmente, são resgatados dados dos questionários e do estudo dos PPPP das escolas.

6.1 ACESSO ÀS ESCOLAS, AOS ALUNOS E ÀS SUAS FALAS

Escola 1, Entrevistados A e B: O acesso à escola ocorreu na tarde de 7 de junho. Antes, mantive contato com o diretor para certificar-me que os alunos estariam disponíveis para uma conversa. A escola tem quatro turmas de 3º ano do ensino médio, uma no período da tarde. Fui recebida pelo diretor que identificou na turma daquele período, os nomes de possíveis colaboradores. Fomos para a sala de aula onde ele me apresentou e informou sobre o objetivo do meu trabalho. Falei com todos os alunos sobre a pesquisa, os critérios de

seleção dos entrevistados e sobre a necessidade de ter dois colaboradores que atendessem o perfil desejado. Dois deles se colocaram à disposição, e me acompanharam à sala da direção. Informei sobre os documentos reguladores da pesquisa, a importância desses documentos, e da necessidade do consentimento de seus responsáveis por serem menores de idade, o comprometimento entre pesquisadora e participantes, lendo o documento a seguir. Com a concordância dos alunos, entreguei duas vias do TALE, do TCLE e do Termo de Consentimento para Gravação do Áudio das entrevistas. Foram informados que a entrevista poderia ser realizada apenas após o retorno desse documentos assinados. As entrevistas foram agendadas para o dia seguinte, 8 de junho, nesse mesmo período. Os alunos retornaram à sala de aula. Na oportunidade apresentei o questionário (Apêndice I) ao diretor, solicitando que fosse devolvido no dia da entrevista. Em seguida nos dirigimos à biblioteca. Atravessamos um pátio coberto e pouco tempo depois estávamos diante de salas de aula, na última encontrava-se a biblioteca. O diretor permaneceu ali comigo. Conversei com o responsável pelo setor sobre a pesquisa e da preparação do local para a realização das entrevistas. Falei da preocupação com ruídos no momento da gravação. Questionei sobre o barulho das crianças da sala ao fundo que interferiria nas entrevistas e nas reflexões dos entrevistados. Na oportunidade pedi ao responsável pela biblioteca para responder ao questionário. Retornei à sala da direção, acompanhada do diretor. Pelo caminho, ele me informou que está nesse cargo há dois anos e que a escola precisa de muitos cuidados. No dia das entrevistas, 8 de junho, primeiramente, me apresentei ao diretor. Os alunos foram buscados na sala de aula. Conferi as autorizações (Apêndices D, E e F), e fiquei com uma via de cada. Perguntei quem gostaria de ser entrevistado primeiro. Definido isto, um aluno permaneceu comigo. O segundo retornou à sala e viria me encontrar após a primeira entrevista. O diretor, o primeiro aluno a ser entrevistado e eu, fomos para a biblioteca. O responsável pelo setor entregou-me o questionário. No local o barulho estava igual ao do dia anterior. O diretor, que também me acompanhava, perguntou ao professor da sala anexa, a possibilidade de realizar sua atividade em outro local para que as entrevistas pudessem ocorrer em ambiente silencioso, o que foi feito. Posteriormente, um dos entrevistados, informou que a biblioteca permanece nesse local há onze anos. As entrevistas ocorreram sem problemas. Senti de forma que os alunos ficassem na minha frente, evitando distrações e, algum possível constrangimento pela presença do responsável que permaneceu no local. As duas entrevistas foram realizadas. Após cada entrevista, apresentei o

questionário aos alunos quando solicitei que registrassem nele seus *e-mails*. Perguntei se gostariam de ouvir a gravação. O segundo entrevistado não teve interesse nisso. Ao final de cada entrevista agradei o aluno pela colaboração. Conversei com o responsável pelo setor, e agradei pela atenção. Fui à sala da direção. O questionário foi preenchido e entregue pelo diretor. Agradei pela atenção.

Escola 2, Entrevistados C e D: Cheguei à escola por volta das 11h de 9 de junho. Me apresentei ao diretor e equipe. Fui à biblioteca e conversei com o responsável do período da manhã. Para o primeiro contato com os alunos, o diretor sugeriu que o acompanhasse ao auditório onde estavam em gincana. Um pouco antes da conclusão das atividades, ele me apresentou e solicitou aos alunos do 3º ano do ensino médio que permanecessem no local para que eu pudesse conversar com eles. Quando chegou o momento, após esclarecimentos gerais, dois alunos aceitaram ser entrevistados. Saímos do auditório, e após as checagem quanto ao cumprimento dos critérios do perfil dos alunos participantes da pesquisa, os esclareci com detalhes sobre os compromissos éticos da pesquisa e sobre os documentos que regularizam tais compromissos, passando para ambos duas cópias do TALE, do TCLE e do termo autorizando a gravação da entrevista, para que fossem assinados por eles e seus responsáveis, por serem menor de idade. As entrevistas foram marcadas para a manhã seguinte, 10 de junho. Antes disso, houve um impasse porque nesse dia os alunos teriam aulas de Matemática, Física, Química e Filosofia, o que dificultaria a saída da sala de aula. Com a intervenção do diretor as entrevistas foram marcadas a partir das 8h30, na biblioteca. Resolvido isso, me despedi dos alunos e do diretor, e fui à biblioteca continuar a conversa com o professor responsável por ela, permanecendo ali até o final do período. No início da tarde retornei à escola, conheci e conversei com o outro responsável pela biblioteca. Ele afirmou que há algum tempo atrás, os livros do MEC recebidos pela escola ficavam em armários fechados, localizados na sala das orientadoras e hoje estão disponíveis na biblioteca. Fui à sala da direção e à secretaria. O diretor estava ocupado, e sugeriu que o questionário fosse respondido por funcionário da secretaria, indicado por ele. Também na secretaria, tive acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP), em um dos computadores.

Na manhã de sexta-feira, 10 de junho, fui à escola para realizar as entrevistas. Na biblioteca, a maior mesa estava ocupada por um grupo de alunos. Outra menor, por outro aluno. O responsável atendia um grupo de alunos. Pedi para utilizar a mesa mais afastada da porta de acesso, para as entrevistas. Percebi a necessidade de remanejar essa

mesa para deixá-la um pouco mais distante da porta de acesso, procurando evitar que os entrevistados se distraíssem com ruídos que pudessem interferir nas suas reflexões, e dificultasse a transcrição das entrevistas. Preparei o local. Um professor da secretaria foi chamar o primeiro aluno. O aluno chegou, conferi os documentos, perguntei se tinha alguma dúvida. Não teve. Iniciamos a entrevista que transcorreu de forma tranquila. Ao final pedi ao aluno que preenchesse o questionário e informasse seu *e-mail*. Disse que não tinha e que o retorno da pesquisa poderia ser deixado na escola que entrariam em contato. Com a entrega do questionário, agradei pela colaboração, e nos despedimos. O segundo aluno foi chamado. Apareceu, e entregou as autorizações assinadas. Conferi as autorizações. Perguntei se tinha alguma dúvida, disse-me que não. A entrevista foi realizada. Ao final, o aluno preencheu o questionário, informando seu *e-mail*. Perguntou o que eu faria com os dados coletados. Expliquei de forma simplificada, o resultado final da técnica do DSC: a somas das entrevistas, formando um discurso síntese. Nos despedimos e o aluno retornou à sala de aula. Solicitei ao responsável pela biblioteca que preenchesse o questionário. Entregou-me cópia do regulamento da biblioteca. Conversamos, enquanto ele mostrava a biblioteca e apresentava sua concepção de uso do espaço. Levou-me a conhecer a brinquedoteca, espaço desenvolvido por acadêmicos de uma universidade da região por meio de um projeto. Segundo disse-me o responsável, pretendem fazer com que os alunos das séries iniciais tenham um espaço próprio para as atividades de leitura. A brinquedoteca é considerada como a segunda “biblioteca” da escola. A primeira, ou central, atende os alunos dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, e é aberta, esporadicamente, à noite para atender os alunos do magistério. Na brinquedoteca encontrei livros, e objetos construídos com material reciclável, parecendo terem sido confeccionados pelos acadêmicos envolvidos no projeto. O ambiente parecia um laboratório de ideias. Ao lado dessa sala havia outra onde conhecemos um dos responsáveis pelo projeto. A ideia, segundo um dos responsáveis pela biblioteca da escola, é que essa biblioteca venha atender os alunos do 1º ao 5º ano, e a maior, as demais séries. Depois visitamos o local destinado aos livros fora de uso (“inservíveis” para a escola), a Sala dos Professores, o Laboratório de Informática, a sala do SAEDE, que presta atendimento aos alunos com deficiência auditiva, o Cantinho da Leitura, para uso dos alunos do magistério com as séries iniciais. Examinamos o registro do acervo, empréstimos, multas e o Regulamento da Biblioteca. No final daquela manhã me despedi dos profissionais da escola. O responsável pela

biblioteca desejou-me sucesso na defesa desse espaço, para ele, ainda, pouco valorizado.

Escola 3, Entrevistados E e F: Cheguei à cidade no início da tarde de domingo, 12 de junho. Após me instalar em hotel próximo à escola, caminhei até ela para conhecer o itinerário. A edificação é moderna e ampla. Na segunda-feira, 13 de junho, retornei ao local. Perguntei pelo diretor tratando de avisá-lo da minha chegada. Um de seus assessores me recebeu e ficou de me atender no que fosse preciso. Conversei um pouco com esse assessor. O nomes dos alunos foram levantados. Fomos às salas dos terceiros anos. Em duas delas não tive acesso. Estavam em prova e apresentando trabalhos. Na terceira, foi possível entrar. Após me apresentar e esclarecer sobre a pesquisa, houve manifestação de dois alunos interessados em participar. Autorizados, eles me acompanharam até o corredor para conversarmos sobre a parte operacional a envolver a entrevista. Como estavam em aula, expliquei o teor das autorizações e fiz a entrega de duas cópias de cada para que preenchessem o TALE, e solicitassem aos seus responsáveis que fizessem o mesmo com o TCLE e o Termo de consentimento para gravação da entrevista, para serem entregues antes das entrevistas. Leram o TALE. Perguntei se tinham alguma dúvida. Responderam que não. As entrevistas foram agendadas para a manhã de terça-feira, 14 de junho. Os alunos retornaram à aula e eu à biblioteca. Já havia conversado com o responsável sobre a possibilidade de realizar as entrevistas naquele local. Ele me confirmou que isso seria possível. Visitei o Cantinho de leitura. O local tem para uso dos alunos da educação infantil e das séries iniciais (1º ao 5º ano). Na terça-feira, cheguei cedo à escola. Fui à biblioteca conferir se estava tudo certo. Escolhi a mesa e instalei o material necessário para a coleta dos dados. Fui à sala dos assessores para me certificar se poderia ir à sala de aula chamar os alunos. Esses me mostraram as autorizações assinadas. Pedi para que as entregassem antes de cada entrevista. O primeiro aluno me acompanhou à biblioteca. Acomodei-me na cadeira em frente à porta. Essa posição fez com que os entrevistados dessem as costas para a área movimentada, evitando distrações. Antes das entrevistas foram adotados os procedimentos com relação ao recebimento, conferência dos documentos de autorizações do aluno e responsável e recebimento das segundas vias para arquivo da pesquisadora. A primeira entrevista foi realizada sem contratempo e ao final o entrevistado preencheu o questionário, indicando o *e-mail* para que futuramente possa receber retorno da pesquisa, ouviu o áudio da entrevista, nos despedimos e retornou à sala. Procedimento igual ocorreu com o segundo

entrevistado. Contudo, durante essa entrevista, o ruído de uma turma que se deslocava da sala de aula passando pelo corredor perturbou nosso trabalho. Imediatamente o auxiliar da biblioteca fechou a porta. Alguns ruídos foram captados pelo gravador o que viria dificultou a escuta durante a transcrição da mesma. Ao final de cada entrevista percebi a satisfação dos alunos em estar participando desta pesquisa. O responsável pela biblioteca me entregou o questionário respondido, forneceu cópia do regulamento da biblioteca e do Projeto Político Pedagógico (PPP), me deu seu *e-mail* e número de *WhatsApp* para contatos futuros, agradei e me despedi. Recebi o questionário do diretor, respondido pelo assessor com a colaboração de dois outros professores. Agradei e sai. Precisava fechar a conta do hotel, tomar um táxi, chegar à rodoviária, comprar passagem para o próximo município cujo ônibus sairia às 11h.

Escola 4, Entrevistados G e H: Após cinco horas de viagem, cheguei à cidade dessa escola. Era 14 de junho. Estava tarde para conversar com as turmas que estudavam no período da tarde. Do hotel liguei para a escola. Sabia que na noite daquele dia eu poderia conversar com duas turmas de 3º ano. Como as aulas da noite têm início às 19h, resolvi visitar a escola mais cedo, visar da minha chegada, e tomar algumas providências para o encontro com os alunos da noite. A secretaria ficou de me apresentar os nomes dos alunos aptos para a entrevista. Falei com um dos assessores do diretor. Comentei sobre a preocupação em localizar alunos com o perfil desejado que pudessem vir para as entrevistas na manhã ou tarde do dia seguinte, para que eu pudesse seguir para a próxima cidade do itinerário que tracei para a coleta de dados. Na escola, percebi a organização, a limpeza e o seu jardim. Fui conhecer a biblioteca. Alcancei a porta, mas estava fechada. Está localizada no segundo piso. Ao retornar pela rampa encontrei o responsável. Disse-me que permanece na escola até às 17h, mas que retornaria. Às terças-feiras também trabalha à noite. Voltei para o hotel. Ao retornar à escola, localizei três alunos para a entrevista. A conversa aconteceu na biblioteca, onde apresentei os documentos de autorização. A entrevista foi marcada com dois alunos pela disponibilidade de horário. Enfatizei aos alunos que os documentos deveriam ser preenchidos e apresentados antes das entrevistas, marcadas para às 14h do dia 15 de junho. Nesse horário haveria responsável na biblioteca. Os alunos retornaram à sala de aula e eu permaneci na biblioteca com o professor responsável que me recebeu, e me apresentou ao outro que trabalhava à noite, exclusivamente. O professor responsável pela biblioteca, fora diretor geral da instituição, e falou de seus planos para

esse setor. Disse que uma parte é destinada aos alunos do 1º ao 6º ano do ensino fundamental, com ênfase na Hora da leitura. Para isso queria conseguir um tapete e almofadas para a biblioteca. Pensava em instalar mesas entre as estantes para oferecer mais espaço para atendimento dos alunos. Acima de estantes próximas à porta da biblioteca, havia livros didáticos. Conversamos sobre a dificuldade das escolas terem um lugar para a guarda desses livros de uso dos alunos durante os anos que permanecem na escola. Livros em braile também são guardados na biblioteca. Esse volume sufoca o pouco espaço das bibliotecas e retira delas o espaço para que o aluno tenha um aproveitamento melhor fazendo o acervo circular. Na manhã de quarta-feira, 15 de junho, aproveitei para conhecer a Biblioteca Pública, localizada bem próxima da escola. O prédio é moderno. A obra iniciada em 2004. À tarde, cheguei mais cedo à escola e fui à biblioteca. Conversei com o responsável, que retomou às ideias para melhorar o setor. A entrevista marcada para às 14h ocorreu trinta minutos depois, devido ao atraso do aluno. Os dois chegaram juntos. Verifiquei as autorizações assinadas e perguntei se estavam bem. Ambos me pareceram ansiosos. Tentei deixá-los relaxados. Perguntei se tinham dúvidas sobre a pesquisa e sobre os documentos. Enquanto um foi entrevistado o outro aguardou na Sala de Informática, em frente. O professor responsável pela biblioteca preferiu sair da biblioteca o que colaborou para que o primeiro entrevistado ficasse mais à vontade. Na biblioteca só havia eu e o entrevistado. De todo modo, com o intuito de deixar o aluno concentrado nas perguntas, sentei-me de modo que ele ficasse de costas para a área de maior circulação. Concebia que isso ajudaria os entrevistados a manterem o foco nas perguntas, minimizando possíveis distrações. A primeira entrevista transcorreu com tranquilidade. O aluno foi relaxando à medida que as perguntas eram apresentadas. Em seu discurso fez referência ao livro “Tosco”, e após a entrevista, vimos esses livros em uma estante próxima a mesa onde a entrevista foi realizada. O aluno preencheu o questionário, registrando seu *e-mail*. Agradei e nos despedimos. Antes de iniciar a segunda entrevista, conferi os documentos do aluno. Perguntei se tinha alguma dúvida. Afirmou que não. O responsável pela biblioteca permaneceu no recinto. Fiquei constrangida em pedir para sair, apesar de saber que sua presença poderia constranger o entrevistado. De todo modo o aluno estava de costa para ele, enquanto circulava as estantes. O aluno foi se sentindo confiante e mais à vontade. Nessa entrevista o livro “Tosco” também foi citado. Ao final, pedi que respondesse ao questionário e informasse seu *e-mail*. Com o encerramento das entrevistas, conversei com o professor

responsável pela biblioteca, que me falou sobre o espaço e possíveis projetos com a participação dos alunos. Fomos à Sala de Informática e ao Laboratório que atende as disciplinas de química, física, biologia e ciências. Visitei a sala do SAEDE, um programa de Educação Inclusiva do Governo Federal, encontrando ali um profissional encantado com o trabalho que realiza na escola. Ele fez comentários sobre os alunos, os projetos realizados e os alunos acompanhados por ele que se formaram na escola. Mostrou-me jogos, mapas, calculadoras, globo, impressora, equipamento com tradutor de texto para braille, tudo voltado para atender o aluno com deficiência visual, e adquiridos com recursos do governo federal. O espaço tem livros infantis e infanto-juvenis em braille, mas a biblioteca mantém os livros de literatura em braille recebidos através do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). O professor mostrou-me textos a serem digitados, solicitados pelos professores, para auxiliar os alunos cegos em aula. Sobre os livros de literatura em braille, disse-nos do cuidado que devem receber. Comentei que com a impressão de tarjas em braille, nas estantes, os alunos cegos poderiam localizar seus livros, nas estantes daquela sala, como na biblioteca da escola, ganhando mais autonomia. Após a visita ao setor, eu e o professor responsável pela biblioteca fomos à direção buscar o PPP e o questionário respondido pelo diretor. No final da tarde tinha concluído minhas atividades. Despedi-me do diretor e do professor que esteve comigo nesses dois dias. Às 8h da manhã de 16 de junho, segui para a Escola 5.

Escola 5, Entrevistados I e J: Às 11h do dia 16 de junho, estava na rodoviária da cidade. Tomei um táxi e fui à escola me apresentar ao diretor. Não havendo tempo suficiente para encontrar os alunos do período da manhã, pretendia encontrar os voluntários nas turmas da noite, já que a tarde não havia turmas de 3º ano. A secretária pesquisou os nomes dos alunos com o perfil da pesquisa, deixando-os registrados em um bilhete endereçado ao assessor responsável pela escola no período noturno. Depois disso, gentilmente, o diretor me deixou no hotel. À tarde, retornei à escola para conhecer a biblioteca e as pessoas que ali trabalham. Encontrei dois professores readaptados que atendem durante o dia. À noite a biblioteca é mantida fechada por falta de responsável. Conversei, observei, fiz registros. Saí da escola no final da tarde retornando no início das aulas da noite. Conversei com o assessor de plantão que foi buscar os alunos que a secretária indicou ter o perfil que eu precisava. A reunião com eles aconteceu na sala da direção, na presença desse assessor. A maioria deles trabalha durante o dia, mas havia no grupo um aluno maior de idade que se prontificou a participar

colocando-se à disposição para ser entrevistado naquela noite. Posteriormente, surgiu outro que poderia estar na escola na manhã do dia seguinte. Agradei aos demais que retornaram à sala de aula. Conversei com os dois voluntários sobre o aceite de sua participação na pesquisa e sobre as autorizações. O aluno maior de idade preencheu e assinou duas vias do TCLE e do Termo para a gravação da entrevista. Ficou com uma de cada e me devolveu outra. O aluno de menor idade retornou à sala de aula levando duas vias dos três documentos (TALE, TCLE e Termo para gravação de áudio) para serem preenchidas e assinadas, devendo serem apresentadas e entregues antes da entrevista marcada para o outro dia. Seguidamente o assessor forneceu a chave da biblioteca para que a entrevista com o aluno mais velho, fosse realizada. Fomos os três à biblioteca. O assessor saiu, a porta foi fechada e a entrevista realizada. Era inverno, estava muito frio e chovia. As ruas próximas à escola estavam quase desertas. Havia poucos alunos na escola naquele período. O ambiente estava bastante sossegado. A entrevista foi longa. Nela, há o depoimento de quem utilizou muito a biblioteca, mas que não a usa mais. Após a entrevista o aluno respondeu ao questionário, registrando nele o *e-mail*. Não teve interesse em escutar a gravação. Agradei a colaboração, seguimos para a sala da direção, e nos despedimos. O aluno voltou à sala de aula acompanhado do assessor. Aguardei pelo seu retorno e agradei pela colaboração. Na manhã de 17 de junho, enquanto aguardava o segundo aluno para a entrevista, aproveitei para conversar mais um pouco com os responsáveis e conhecer a rotina do setor. Recebi os questionários preenchidos pelo diretor e por um dos responsáveis pela biblioteca, o que estava há mais tempo nela. Li o PPP da escola a fim de verificar informações sobre a biblioteca. Com a chegada do aluno, chequei se os documentos estavam em ordem, entregando para ele uma das vias. O barulho na biblioteca era grande. Concluída a gravação, o aluno respondeu ao questionário, informou seu *e-mail* e ouviu a gravação. Agradei a sua colaboração e nos despedimos. Permaneci na escola no período da manhã e ao final agradei os profissionais pelo acolhimento. À tarde, pude conferir a distância entre essa escola e a Biblioteca Pública da cidade, tentando imaginar as condições que tem o aluno para se informar, ler, pesquisar fora da escola. Saí da escola fazendo o trecho à pé: 1,2 km em 25min. Devido à pouca opção de transporte público, saí da cidade às 6h de sábado, 18 de junho, com a ideia de seguir para a próxima cidade, também, bastante distante de Florianópolis.

Escola 6, Entrevistados K e L: Cheguei à cidade às 12 horas de sábado, permanecendo nela naquele final de semana. Na manhã de

segunda-feira, 20 de junho, fui à escola na expectativa de encontrar dois alunos que aceitassem participar da pesquisa. Cheguei, me apresentei ao diretor que me conduziu à biblioteca, informando-me que os alunos estavam em prova, no Laboratório, e alguns de seus representantes estariam na biblioteca em reunião com o diretor, em função da gincana. Mas em função da eleição para diretor, o clima na escola estava meio tenso. Depois da reunião, conversei sobre a pesquisa com esses representantes das turmas de 3º ano do ensino médio. Um deles ficou interessado, fiz as checagens, estava tudo certo. Já era final do período da manhã. Como não havia terceiro ano no período da tarde, sabia que precisaria permanecer naquele município, naquela noite, para poder encontrar e, se possível entrevistar, mais um aluno, ainda naquele dia. O aluno da manhã que aceitou ser entrevistado, assinou o TALE e levou para casa cópias dos demais documentos para obter o aceite do responsável. Combinamos de nos encontrar na biblioteca às 15h. Ele veio e devolveu as autorizações, mas disse que “a mãe não achou a ideia muito boa”. De todo modo, agradei por ter ido à escola me avisar. Essa desistência, fez com que eu precisasse localizar, não um, mas dois colaboradores que estudavam à noite. Durante a tarde, consultando o arquivo da escola, a secretária encontrou cinco possíveis colaboradores desse período. Após este levantamento, resolvi permanecer na escola. Estudei o PPP, recebi os questionários do diretor e do professor responsável pela biblioteca. À noite soube que os candidatos à entrevista teriam prova na primeira aula e estariam envolvidos com a apresentação de trabalhos em grupo. Não haveria tempo suficiente para entrar na sala do 3º ano naquele período. A saída foi conversar com os alunos antes do início das aulas. Antes do sinal tocar os localizei, na escada de acesso à sala aguardando o professor chegar e abrir a porta. Ali mesmo, localizei quatro dos cinco alunos, e disse que queria conversar com eles em separado. Falei sobre a pesquisa. Três ficaram interessados. Como um era maior de idade e outro morava próximo da escola, o que favorecia o acesso aos responsáveis naquela noite, combinei com esses dois. Como esses dois precisavam retornar à sala para a prova, combinamos que ao final da mesma, cada um no seu tempo, fosse à biblioteca para falar mais amiúde sobre a pesquisa, e os trâmites legais para que participassem. Antes de chegar à biblioteca passei na secretaria da escola e soube que mesmo um deles morando em frente da escola, não seria permitido ao aluno menor de idade sair da escola para consultar os responsáveis sobre sua participação na pesquisa. A secretária da escola ligou para a casa do aluno, falei com a mãe que ficou de falar comigo na escola. Quando terminaram as provas, os alunos foram à biblioteca onde

pude conversar sobre a pesquisa, sobre as autorizações, a importância dessa participação e da espontaneidade nas respostas. Ao explicar, fiz uma analogia com uma competição quando, a partir de um tiro os competidores põem-se em atividade. No caso da entrevista, as perguntas equivalem ao tiro e as respostas, ao movimento exigido pela atividade de recordar e falar o que vem à sua mente. Enquanto falava com o aluno menor de idade, sua mãe apareceu, leu com o filho as três autorizações, assinou duas vias de duas delas e o filho duas do TALE. Ela ficou bastante interessada na pesquisa e satisfeita pelo filho estar participando dela. O aluno maior de idade assinou duas vias do TCLE e outra para a gravação da entrevista. Para a entrevista, combinei com os alunos, que o primeiro que fosse liberado da prova fosse à biblioteca para a entrevista. Com a permanência do responsável no setor, utilizamos uma mesa mais afastada e o aluno de costas para o local onde o responsável trabalha. Deu tudo muito certo. Os alunos ficaram bastante à vontade durante as entrevistas. Preencheram o questionário, deixando seus *e-mails* para que eu pudesse enviar o resultado da pesquisa, e nos despedimos. Com a conclusão dos trabalhos agradei a atenção e colaboração recebidas do responsável pela biblioteca, e do diretor. Regrei à Florianópolis na manhã do outro dia, 21 de junho.

Escola 7, Entrevistados M e N: Era 21h30, de 22 de junho, quando cheguei à cidade da Escola 7. Instalei-me em um hotel próximo à escola. Caso não encontrasse voluntários na manhã seguinte, 23 de junho, tentaria obtê-los nas turmas da noite, porque no período da tarde não há turma de 3º ano de ensino médio. Por volta das 9h me apresentei ao diretor que me recebeu com simpatia. Ele contatou uma das turmas de 3º ano, onde havia cinco alunos que tinham o perfil desejado. Conversei com os alunos na sala de aula. Dois deles aceitaram participar. Assinaram duas vias do TALE, e uma ficou comigo. Duas cópias das demais autorizações foram entregues para serem assinadas por seus responsáveis. Marcamos de nos encontrar para as entrevistas, a partir das 13h30 daquele dia, na biblioteca. Nesse dia acontecia na biblioteca a eleição para o Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina (SINTE/SC). Sobre uma das mesas tinha uma urna para a votação. Dois fiscais aguardavam os eleitores. Olhei a disposição da biblioteca, o acervo, mesas, e me deparei com uma escada de acesso ao piso superior. O responsável pelo serviço de xerox informou que essa escada levava à sala de vídeo, também utilizada para palestras e aulas. O professor responsável pela biblioteca apareceu, conversamos sobre as entrevistas e sobre a possibilidade de realizá-las ali. Em função das poucas condições do local, indaguei o responsável se poderia utilizar o

piso superior para as entrevistas. Fomos conhecê-lo e avaliar as condições. Confirmei que ali haveria menos interferências dos ruídos. Seguidamente o assessor do diretor, que apareceu no local, me mostrou parte das instalações da escola. Com o final das aulas saí para almoçar, retornando cedo a fim de preparar o ambiente para as entrevistas. Fechei as janelas para impedir a entrada de ruídos das vias próximas, intensificado no início da tarde. Mantive as cortinas abertas para iluminar o local. Um aluno apareceu às 14h05, e informou que o outro lhe avisou que não viria. Seguimos para a sala de vídeo. Fechei a porta que dá acesso ao local. Como a mesa era muito alta, separei duas carteiras colocando-as uma em frente da outra. A entrevista foi realizada. Ao final, o entrevistado preencheu o questionário, indicando seu *e-mail*. Não quis ouvir a entrevista. Passamos a conversar sobre vestibular, emprego, desafios enfrentados pelos jovens nesta etapa, e nos despedimos. Como à tarde não havia 3º ano, precisei permanecer na escola até o período da noite para localizar um segundo voluntário, em função daquele que não apareceu para a entrevista. No restante da tarde busquei dados sobre a biblioteca, li o PPP, e consultei um assessor que trabalha no período noturno sobre alunos candidatos a colaborar com a pesquisa. Ele levantou alguns nomes. Saí da escola por volta das 17h30 retornando pouco antes das 19h. Dos nomes levantados, um aluno maior de idade concordou em fazer a entrevista naquela noite. Pedi autorização ao assessor responsável pela escola naquele período, para que a entrevista fosse realizada em uma das salas desocupadas. A entrevista foi realizada seguindo os procedimentos de praxe. Essa entrevista transcorreu sem grandes problemas, exceto pelo barulho dos automóveis, fazendo com que em alguns momentos a fala precisasse ser interrompida. O aluno preencheu o questionário, informando seu *e-mail*. Agradei e nos despedimos. O aluno retornou à sala de aula, e eu à diretoria para agradecer pela ajuda. Saí da cidade no outro dia, pela manhã.

Escola 8, Entrevistados O e P: Cheguei à escola na manhã de 24 de junho. Depois das apresentações, um dos assessores levantou o nome de dois alunos com perfil adequado para a pesquisa, de uma única turma de 3º ano de ensino médio no período da manhã. Os alunos foram chamados à sala dos assessores onde me apresentei, falei sobre a pesquisa, os esclareci do seu papel nela, pedindo a sua colaboração. Como era sexta-feira, tinha expectativa de concluir o trabalho, sem a necessidade de retornar à cidade na segunda-feira. Apenas um aluno estava disponível na tarde daquele dia. O outro julgava perigoso andar à noite pela região, e por esse motivo também não estava disponível no

turno da noite daquele dia. Talvez conseguisse um voluntário que estudasse à noite e precisaria continuar na escola a fim de localizá-lo. O aluno que estava disponível na tarde daquele dia, leu o TALE, concordando com os termos. Levou duas vias das duas outras autorizações para que seu responsável as assinasse, e que deveriam ser apresentadas antes da entrevista, marcada para às 14h. Tentei realizar essa primeira entrevista na biblioteca, não sendo possível em função dos ruídos das salas de aula localizadas em frente à porta da biblioteca. Precisava de um lugar tranquilo. Concederam-me uma sala vazia, próxima à entrada da escola, onde a entrevista pode ser realizada. Adotei os trâmites preparatórios de praxe, e a entrevista transcorreu a contento. O entrevistado pareceu-me estar calmo, respondeu às questões, preencheu o questionário, registrou *e-mail* nesse documento, escutou a gravação e nos despedimos. Faltava localizar um segundo aluno a ser entrevistado. A secretaria identificou dois nomes, e um assessor que trabalha no período noturno me informou que um desses alunos morava próximo da escola e se aceitasse participar, o seu responsável poderia ser consultado e vir à escola para ser esclarecido, conhecer o teor dos documentos das autorizações e assiná-los, o que foi feito. Antes disso, foi necessário aguardar a chegada desse aluno na escola, conversar com ele e com o aceite, consultar o pai sobre a disponibilidade de ir à escola, para que os demais documentos do aceite fossem de seu conhecimento, aceitos e assinados, haja vista que o candidato voluntário era menor de idade. Assim, no restante da tarde permaneci na escola levantando dados da biblioteca no PPP. Como o responsável pela biblioteca não trabalha às sextas-feiras, deixei o questionário destinado à ele, com o diretor da escola para que, após preenchido, me devolvesse por e-mail. No início da noite, após um dia de trabalho, o candidato à entrevista, chegou na escola, foi esclarecido sobre a entrevista, sobre a sua participação nela, leu o TALE e aceitando as condições ali expostas, assinou duas vias desse documento. Contatado, o pai do aluno foi à escola, depois de esclarecido, leu, concordou com a participação do filho, assinou duas vias das demais autorizações. Percebi nele sinais de satisfação de ter o filho participando da pesquisa. A segunda entrevista ocorreu na biblioteca sem contratempos. O barulho insuportável nela durante o dia, à noite não havia. As salas não eram ocupadas nesse período. Essa entrevista ocorreu de forma bastante descontraída, pelo temperamento do aluno em relatar a sua experiência com a biblioteca. Após a entrevista, ele respondeu ao questionário, informou seu *e-mail* e ouviu a gravação. Agradei pela colaboração, e ele retornou à sala de

aula. Concluído o trabalho me despedi dos funcionários, retornando à Florianópolis.

Escola 9, Entrevistados Q e R: Cheguei nessa escola na tarde de 28 de junho. A secretária havia localizado nove alunos com o perfil da pesquisa. Todos estudavam no período da manhã. Portanto, o meu contato com eles se daria no outro dia. Após conversar com o diretor fomos à biblioteca onde pude conhecer o espaço e me apresentar ao responsável perguntando se as entrevistas poderiam ser realizadas ali. Era final de tarde e me instalei em um hotel próximo. Às 8h30, de 29 de junho, procurei o assessor que ficou responsável por me acompanhar. Ele buscou os alunos em sala e os conduziu à Assessoria Pedagógica onde eu expus o propósito da pesquisa. O assessor permaneceu no local e pude ouvir as razões que me traziam à escola, os objetivos da pesquisa e a forma de coleta de dados. Enfatizei ao grupo da importância de querer “mesmo” participar, o que refletiria na espontaneidade de suas respostas. Dois alunos se propuseram a participar e informaram que poderiam estar na escola às 13h. Fui à biblioteca e confirmei com o responsável a possibilidade de realizar as entrevistas nesse local. Nessa oportunidade entreguei a ele o questionário sobre a biblioteca. O PPP da escola solicitei ao assessor. Com esse documento em mãos, constatei fazer pouca referência à biblioteca. Enquanto aguardava o responsável, o primeiro a ser entrevistado apareceu. Com a chegada dele, a porta do auditório foi aberta. Levamos três cadeiras para a biblioteca e as instalamos em uma segunda saleta, formando com ela um círculo, que ficou entre as estantes e livros organizados nesse pequeno espaço. O professor responsável foi para a saleta ao lado, onde tem uma mesa, um computador, material para a organização do acervo, e muitos livros. Permaneceu ali. Instalei o equipamento para gravação em estante próxima às cadeiras mantidas em círculo, onde ocorreu a entrevista. Fiz a conferência da documentação entregue pelo aluno. Nos sentamos um em frente ao outro. Fiz a entrevista. Entreguei o questionário ao aluno. Ele o preencheu e me entregou, contudo esqueci de solicitar o registro do seu *e-mail*. Ouvimos a gravação. Concluída a audição, lhe agradei pela colaboração e nos despedimos. Ao concluir a coleta de dados da primeira entrevista passei para a segunda que também foi tranquila. Esses dois entrevistados gostam muito de ler e de falar. Ambos gostam muito de literatura, mas o segundo, de literatura associada à História, e à História da sua cidade. Continuei na escola com a intenção de retomar a conversa com o professor responsável pela biblioteca. Ele me levou ao espaço onde a escola mantém a Reserva Técnica dos livros didáticos recebidos do MEC. Esses livros permanecem na escola para uso dos

alunos por três anos, até a chegada de novos títulos para o próximo triênio. Com o término da visita à Sala da Reserva Técnica, retornamos à biblioteca, me despedindo desse professor, que ficou de me encaminhar por *e-mail*, o *e-mail* do primeiro entrevistado, que esqueci de solicitar após a entrevista. Segui me despedindo dos demais profissionais que me deram atenção. Saí da cidade às 14h15, em direção à outra, para estar na escola 10 na manhã seguinte.

Escola 10, Entrevistados S e T: Cheguei à cidade no início da noite de 29 de junho. Na quinta-feira, 30 de junho, peguei dois ônibus, caminhei muito e cheguei à escola. No portão encontrei uma pessoa e perguntei pelos assessores que eu tinha mantido contato. Era funcionária da escola e sabia o que eu fui fazer ali, me conduzindo à sala dos assessores. Um dos meus contatos estava ali naquele momento, o outro estaria à tarde. Entrei na sala me anunciando. Trocamos cumprimentos. Esse assessor chamou outro, fazendo as apresentações e conversamos sobre a pesquisa. Perguntei sobre o levantamento dos alunos que atendiam o perfil da investigação para que eu pudesse encontrá-los. Havia uma lista recuperada do sistema que têm acesso. Sugeriram a biblioteca para esse encontro. O assessor encontrou 12 alunos de uma das turmas, a primeira que entraria. Enquanto um dos assessores foi até à sala de aula verificar a possibilidade dos alunos irem à biblioteca, fui conhecer o professor responsável pelo setor e solicitar o uso do espaço para conversar com os alunos sobre a pesquisa e o meu propósito na escola. A conversa com o responsável foi amistosa e aproveitei para solicitar que respondesse ao questionário. Pouco tempo depois chegaram os alunos acompanhados por um dos assessores. Pedi para que o responsável pela biblioteca e o assessor permanecessem no local, para que se inteirassem mais da pesquisa, seus procedimentos, a forma de exposição do projeto aos alunos, a importância do aceite espontâneo dos que estavam dispostos a colaborar entre outros. Dois alunos se candidataram, preencheram e assinaram o TALE. Ficamos de nos rever na tarde daquele dia, um às 14h e outro às 14h30, para as entrevistas, na biblioteca. Os alunos retornaram à aula. Conversei mais um pouco com o responsável pela biblioteca, pedindo permissão para fazer fotos do ambiente. Ele me devolveu o questionário, e me convidou para almoçar. Após o almoço retornei à escola para preparar o ambiente para as entrevistas. Entreguei aos assessores o questionário destinado ao diretor (que estava de licença médica) e pedi para consultar o PPP da escola. Ainda era cedo, a biblioteca estava fechada e não abriria naquela tarde. Permaneci nela, e iniciei a leitura do PPP, enquanto aguardava o primeiro aluno para a entrevista. Ele chegou no horário marcado: 14h.

Nos acomodamos em uma mesa mais distante da porta de acesso, e me posicionei de modo que ele ficasse de costas para a porta da biblioteca. Verifiquei as autorizações, e a entrevista foi iniciada. O entrevistado esteve pouco à vontade. Concluída, o aluno preencheu o questionário, marcando nele seu *e-mail*. Não se interessou em ouvir a gravação. Agradei sua presença e colaboração, e o acompanhei até a porta. O segundo aluno que aguardava, entrou, apresentou as autorizações, e as conferi. Durante a entrevista percebi que o aluno sentia vontade de falar. Ao final da entrevista, preencheu o questionário informando seu *e-mail*. Falou-me que gostaria muito de ser informado sobre os resultados da pesquisa. Quis ouvir a gravação. Percebi que continuava com vontade de conversar, pois a entrevista foi bacana porque as perguntas fizeram-no lembrar do tempo que frequentava a biblioteca quando aluno das séries iniciais. Enquanto escutou a gravação, a conversa seguiu, mostrando que ele queria conversar sobre a biblioteca, os livros que leu e outros planos relacionados à leitura. Com o encerramento da segunda entrevista, retomei a leitura do PPP, fiz anotações, encontrando um projeto da escola relacionado à biblioteca. Quando o questionário referente à escola foi devolvido, solicitei aos assessores, cópia desta parte do PPP. Posteriormente, me convidaram para acompanhá-los à sala dos professores. Era hora do recreio e queriam me apresentar aos colegas. Com o término do lanche e tendo concluído o trabalho despedi-me dos assessores dessa escola.

Escola 11, Entrevistados U e V: Cheguei à cidade na noite de 30 de junho. A escola ficava em bairro afastado do centro, onde hospedei-me. Na sexta-feira pela manhã tomei um ônibus que, em 30 minutos me deixou próximo à escola. Apresentei-me na secretaria. Uma pessoa com quem havia mantido contato por telefone pareceu feliz em me ver. Perguntei pelo diretor. O sinal anunciando o início do recreio soou. No segundo piso localizei a sala da direção. Me apresentei. O diretor comentou que seria difícil encontrar alunos que desejassem falar, por serem tímidos, e me orientou que procurasse a secretaria para identificar os nomes daqueles com o perfil necessário. Na secretaria, um funcionário identificou os nomes de alunos nas duas turmas. Combinamos que ele iria falar com o professor da primeira turma sobre a liberação dos alunos. Caso não houvesse dois voluntários nessa turma, iniciaria o processo na segunda e depois com as da noite, se necessário, pois à tarde não havia 3º ano do ensino médio. Assim procedemos. Na primeira turma havia cerca de 15 alunos com o perfil desejado. Liberados pelo professor se dirigiram à biblioteca onde eu os aguardava para a conversa (me apresentei, assim como o projeto e os trâmites nessa

etapa de coleta de dados). Pedi à professora da secretaria que permanecesse conosco para que acompanhasse a conversa e entendesse a dinâmica da pesquisa. Momentos depois apareceu o diretor, permanecendo no local por alguns instantes. Após os esclarecimentos, dois alunos se colocaram à disposição da pesquisa. Por querer muito participar, um deles telefonou para casa a fim de obter garantia do responsável de que os documentos que tratavam da autorização seriam assinados. Os demais alunos retornaram à sala de aula. Os dois voluntários permaneceram na biblioteca. Foram orientados sobre o preenchimento das autorizações, que deveriam apresentá-las preenchidas antes das entrevistas marcadas para às 14h e 14h30, conforme sugestão deles. Saí da escola às 11h30 retornando às 13h. Precisava organizar o ambiente para a realização das entrevistas. A realização das entrevistas na biblioteca teve a concordância de profissionais da escola. Precisava da colaboração do responsável para responder ao questionário. Conversamos um pouco. Pedi sua colaboração para que preenchesse o questionário. Como os alunos viram as luzes da biblioteca acesas, foram entrando, como “mariposas”. O responsável que ainda preenchia o questionário parou para atendê-los. Enquanto alguns alunos buscavam livros, outros tratavam de renovar empréstimo, outros mexiam em livros organizados em uma mesa maior, próxima à do responsável. O responsável atendeu os alunos e preencheu o questionário. Apesar de estar há pouco tempo na escola falou sobre o projeto que desenvolveu e da gincana que arrecadou muitos livros para a biblioteca. A conversa precisou ser interrompida quando apareceu o primeiro aluno a ser entrevistado. Antes do responsável sair solicitei que deixasse recado na porta informando que a biblioteca estaria fechada. Se suas luzes ficassem acesas outras “mariposas” poderiam aparecer e as entrevistas sofrerem interrupção. Permaneci no local com o primeiro aluno. A entrevista foi tranquila. O aluno respondeu ao questionário e ouviu a gravação, mostrando-se satisfeito. Fez comentários sobre a biblioteca e sobre o sumiço de muitos livros adquiridos com recursos de uma empresa da região. Essa história me fez lembrar de livros de mistério. Como sumiriam tantos livros da escola? Quem os teria levado, porque e para que fim? Após registrar seu *e-mail* no questionário, agradei pela atenção e colaboração o acompanhando até a porta. O colega que aguardava ser chamado veio em minha direção e entramos na biblioteca. As ações de praxe se seguiram e iniciamos a gravação. A conversa ocorreu de forma tranquila e sem interrupções. Depois o aluno preencheu o questionário, e registrou o *e-mail*. Ouvimos a gravação, agradei e nos despedimos. Com o término da coleta das entrevistas

guardei o equipamento e fechei a biblioteca. Entreguei o questionário ao diretor que conseguiu preencher uma parte e recomendou a busca dos dados faltantes com um funcionário da secretaria. Ali tive acesso ao PPP. Li, tomei nota e fiz cópia de algumas partes desse documento. As aulas do período da tarde estavam terminando. O responsável pela biblioteca permanecia na sala da direção. Não houve tempo para retomar a conversa. Saí da escola às 17h30 após despedir-me da equipe da escola, retornando à Florianópolis.

Escola 12, Entrevistados W e X: Os trâmites com esta unidade demandaram muito tempo. Apesar do contado por telefone, a direção não retornou o *e-mail* com o documento assinado autorizando meu acesso. Um assessor informou que a escola estava à disposição, mas eu necessitava de autorização formalizada. Fui à escola buscar cópia dos documentos. Diretor e equipe de assessores me receberam. Fiz uma apresentação breve do projeto de pesquisa e do processo para a coleta dos dados. Respondi a alguns questionamentos, e obtive autorização formal do diretor. Um assessor ficou designado por acompanhar-me nos dias em que estivesse ali. Agendei minha ida à escola para 7 de julho. Nos 3º anos foram identificados alunos com o perfil traçado pela pesquisa. Havia turmas desses alunos nos três períodos, mas fui à escola no período da manhã. Na primeira turma a ser abordada, o professor autorizou, o meu acesso e da assessora. Me apresentei e expus as razões da visita. Os alunos interessados foram autorizados a sair da sala. Conversei com eles em uma área em frente. Dois se apresentaram como voluntários. Os demais voltaram à aula. Apresentei os documentos aos alunos. As entrevistas foram marcadas para segunda-feira, 11 de julho. Antes disso não poderiam. Tinham outros compromissos. O longo intervalo entre esse encontro (7 jul.) e as entrevistas (11 jul.) era uma situação inusitada, que me gerou certa ansiedade. Combinei encontrar os alunos na biblioteca da escola às 13h30 desse dia, com as autorizações. No dia das entrevistas fui à biblioteca, onde encontrei cinco funcionários. A responsável ainda não chegara. Apresentei-me à professora que parecia ser a responsável pela biblioteca naquele momento e informei que havia conversado com a responsável sobre a realização das entrevistas no local. Alguns alunos liam, outros entravam e saíam. Na parte externa, muitas pessoas circulavam pelo pátio, se acomodavam em bancos, conversavam. Os alunos chegaram às 13h30. Dirigiram-se para o guarda-volumes. Conversamos e entre eles, foi decidido quem seria o primeiro entrevistado. O coordenador da biblioteca ainda não tinha aparecido. Fui com um dos alunos para o local onde haviam designado para as entrevistas. O outro aguardaria ser

chamado. As janelas foram fechadas para impedir a entrada de ruídos. O aluno se acomodou na mesa e de frente para mim. Um procedimento adotado em todas as entrevistas. As entrevistas foram realizadas. Os alunos ficaram muito à vontade. Ao final, preencheram o questionário e registraram seus *e-mails*. Cada um no seu tempo, o primeiro quis ouvir a gravação, o segundo não. Ao final agradei pela atenção e nos despedimos. O coordenador ainda não havia chegado. Resolvi aproveitar o tempo disponível para conhecer o funcionário que tem formação em Biblioteconomia, que o coordenador havia informado, em outro dia, há quarenta anos no setor. Levou-me às estantes, falou sobre o sistema de classificação. Conheci um pouco mais sobre o setor. O coordenador não apareceu naquela tarde. Outro dia retornei à escola para resgatar o questionário preenchido por ele.

6.2 DIÁRIO DE VISITAS E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS

Nesta seção, apresento as bibliotecas escolares a partir dos dados registrados no Diário de visitas e da análise do Projeto Político Pedagógico das escolas onde elas estão situadas.

É mínimo o espaço para a circulação das pessoas na **Biblioteca da Escola 1**. Também é mal iluminado, na verdade meio escuro. A biblioteca ocupa a parte da frente de uma sala de aula, na parte de trás mantém uma turma de alunos de uma das séries iniciais. Duas paredes da biblioteca que a separa dessa sala não chegam até o teto, fazendo com que o ruído da sala de aula invada o ambiente da biblioteca, tornando difícil a comunicação nesse local. O ruído produzido pelas pessoas que ocupam essa sala de aula e das que circulam pelo pátio da escola prejudica a atenção dos usuários, e do responsável pelo setor. No interior da biblioteca, as paredes foram tomadas por estantes. Acima de algumas delas, viam-se caixas com dicionários encaminhados pelo MEC, e livros de literatura do Programa Nacional Biblioteca na Escola. A escola onde está situada a biblioteca tem cerca de 1.300 alunos distribuídos em três turnos. Essa biblioteca funciona pela manhã e à tarde e tem um funcionário. No local, além da mesa do responsável, há outras três, cada uma com quatro cadeiras de modelos e alturas diferentes, desproporcionais à altura ideal para ler, estudar e escrever. Entre as mesas, há uma estante de face dupla com livros de literatura. A biblioteca acomoda cerca de doze alunos sentados. Não vi computador no local. Posteriormente, em conversa com o diretor, soube existir um *laptop*, que permanece guardado à chave em um armário da biblioteca.

A velocidade da Internet é muito baixa e a escola fez uma assinatura com uma operadora local para melhorar o acesso à rede. Na biblioteca não há tomada, dificultando o uso de *laptops* e *tablets*. A porta da biblioteca não tem fechadura, mas um buraco grande e redondo, e outro igual na parede, talvez para fechar com uma corrente e cadeado, que não vi no local. Ou talvez seja fechada pela porta principal que da rua dá acesso à sala que por um corredor é encontrada nos fundos. As janelas estão voltadas para o pátio situado aos fundos do prédio principal da escola. O movimento das pessoas na frente da biblioteca e o barulho das crianças na sala dos fundos colaboram para elevar o barulho dentro da biblioteca, fazendo com que os que estão nesse local falem mais alto para serem ouvidas. Ao conversar com a pessoa responsável pelo setor, ela comentou que o espaço é pouco utilizado. As regras para uso da biblioteca estão afixadas na porta de entrada. Referem-se ao empréstimo, à necessidade de silêncio, sendo vetado o consumo de alimentos e bebidas. A biblioteca não disponibiliza computador aos alunos, e no local está indicado acesso proibido ao *facebook* e a *chats e sites* que veiculem pornografia. Essa biblioteca é mencionada em algumas partes do Projeto Político Pedagógico da instituição, que é de 2016. Entre os seus objetivos, encontra-se o incentivo ao gosto pela leitura nas séries iniciais do ensino fundamental. Um tópico que aborda a dificuldade de aprendizagem, lista entre “problemas e causas prováveis” a sua relação ao “uso da biblioteca”, mas sinaliza apenas isso, sem dar maiores detalhes. No item dedicado a essa unidade, consta o número de livros recebidos do Governo Federal, seu público (alunos, professores, funcionários e comunidade) e horário de atendimento. O PPP indica que a biblioteca é de médio porte. Segundo um aluno entrevistado, a biblioteca está neste local há 11 anos.

A **Biblioteca da Escola 2** é asseada, arejada, clara e organizada. Possui seis mesas, com quatro cadeiras, e uma mesa retangular com um banco e três cadeiras. Essa mesa fica em frente à mesa dos responsáveis (dois professores readaptados), um trabalha pela manhã, outro à tarde. Funciona de segunda à quinta-feira. Para atender o horário noturno os responsáveis fazem revezamento. Um deles informou que a biblioteca foi ampliada ao anexar um espaço do pátio coberto. A coleção de referência está organizada em estante própria. Regulamentos e legislação também estão separados. Uma parte do acervo atende o curso de magistério. Os alunos precisam de autorização para utilizar a biblioteca no contraturno. Segundo me informou o responsável pelo setor, essa medida é uma questão de segurança para controlar o número de alunos circulando pela escola. Em conversa com a pessoa que atua há

mais tempo no setor, soube que a biblioteca atende alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º do ensino médio e do magistério. Segundo me relatou, é difícil conciliar em um único espaço, o interesse dos alunos do 1º ao 5º ano com os dos anos posteriores. Por essa razão, os alunos menores são atendidos na brinquedoteca. O responsável informou que a biblioteca cobra R\$ 0,50 de multa por dia de atraso na devolução de livros. O montante do valor arrecadado é utilizado na compra de livros de literatura. Quando perguntei sobre a possibilidade de conhecer o número de alunos do 3º ano do ensino médio regular que levaram documentos emprestados do início do ano letivo até aquela data, o responsável me disse que o sistema adotado não consegue dar essa informação. Perguntei-lhe sobre o empréstimo e me informou que 74 alunos estavam com documentos emprestados pela biblioteca. Além dos livros ordenados nas estantes, há no local uma mesa para uso do responsável por esses documentos. As normas da biblioteca me foram disponibilizadas por um dos responsáveis. É proibido o uso do celular e de aparelhos sonoros na biblioteca. Em uma das paredes, um cartaz avverte: “O som ocupa lugar. Silêncio!”. Diferente do mais comum dos avisos que pedem “silêncio”, esse convida os frequentadores da biblioteca a refletirem sobre o problema do barulho no local, e sobre o papel de cada um para minimizá-lo.

Nessa escola, os livros recebidos do MEC, que antes ficavam em armários fechados na sala das orientadoras educacionais, hoje estão disponíveis na biblioteca. Além da biblioteca, há na escola uma brinquedoteca, desenvolvida por acadêmicos de uma universidade da região por meio de projeto. Junto com ela há outra sala menor com livros de literatura infantil e infanto-juvenil, um espaço próprio para as atividades de leitura, voltado aos alunos do 1º ao 5º ano, enquanto os das demais séries são atendidos pela biblioteca central (a biblioteca da escola), que abre esporadicamente à noite para atender os alunos do magistério. Para esses alunos a escola mantém o Cantinho da leitura, um espaço para que desenvolvam atividades práticas com alunos da educação infantil. Os livros da reserva técnica da escola ficam em sala ampla, arejada, expostos em estantes de madeira, expostas em torno de suas paredes. No local há uma mesa para uso do responsável pelo setor. A escola também tem um espaço com livros didáticos fora de uso, que o Governo do Estado, por meio da Portaria N/018/SED, de 23/07/2012 (SANTA CATARINA, 2012), determina que sejam doados “às Instituições de Caridade ou Filantrópicas sem fins lucrativos, para que façam uso dos livros como bem lhes aprouver, mediante termo de doação assinado”. A instituição recebedora pode dar aos livros o destino

que quiser, como por exemplo, vendê-los, enquanto as escolas não podem fazê-lo e com esse recurso comprar livros para a biblioteca. No Laboratório de Informática, contei 21 computadores (13 funcionando), 25 monitores em condições de funcionamento, mas alguns sem a CPU. O uso do Laboratório de Informática dá-se por agendamento e para uso dos professores acompanhados de suas turmas. A escola também oferece o SAEDE⁷⁴ para atendimento aos alunos com deficiência auditiva, e lá mantêm recursos específicos para tal apoio, inclusive livros. A Biblioteca da Escola 2 é apresentada de forma sucinta no Projeto Político Pedagógico, que é de 2012. Nele, é informado o seu horário de funcionamento e prazo para empréstimo, a responsabilidade de todos no cuidado com a biblioteca, no extravio de livros e na manutenção da ordem. Cita as funções dos professores readaptados, responsáveis por ela. Entre suas atribuições, há um item mencionando que devem explicar aos usuários o funcionamento da biblioteca. O documento ainda faz menção a um projeto voltado para a construção do hábito de leitura dos alunos das séries iniciais (1º ao 5º ano), prevendo a visitação à biblioteca pública do município. O Projeto Político Pedagógico indica a existência de duas bibliotecas com 134m², o que não corresponde à realidade, um indicativo da falta de atualização do PPP. Conforme vimos, nessa escola há cinco espaços bem demarcados com livros: a) a biblioteca central (ou principal); b) uma sala para leitura anexa à brinquedoteca; c) Cantinho de leitura (oficina para os alunos do magistério); d) sala com os livros do FNDE/MEC (da reserva técnica); e) espaço com livros didáticos fora de uso destinados à doação.

A **Biblioteca da Escola 3** encontra-se em prédio novo. A escola tem mais de dois mil alunos. Além da biblioteca, tem um Cantinho de leitura. A biblioteca atende alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º do ensino médio. O Cantinho de leitura recebe alunos da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Nele, esses alunos podem ler livros, emprestá-los e ouvir histórias. O espaço tem tamanho de uma sala de aula que comporta de 30 a 35 alunos. O acervo do Cantinho da leitura é também classificado por cores. Este setor está conectado com a biblioteca por um corredor criado entre a última fila de estantes do lado interno da biblioteca e uma de suas paredes. Essa conexão física entre esses setores é para uso exclusivo de seus

⁷⁴ Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEDE), oferecido pelas escolas aos alunos com necessidades especiais, cujo objetivo é oferecer às escolas condições para que esses alunos sejam mais bem acolhidos neste ambiente, com mais condições de interagir e aprender. Esses serviços contam com o auxílio de um professor de educação especial.

funcionários. Os alunos utilizam a entrada exclusiva de cada espaço. A biblioteca é limpa e organizada, e bem iluminada. A porta de acesso à biblioteca é ampla. Os livros são tratados pela Classificação Decimal de Dewey (CDD). A biblioteca possui um computador e uma impressora. O profissional está a um ano na biblioteca. As revistas ficam expostas em móvel apropriado. O empréstimo é feito utilizando código de barras. Para retirar livros, os alunos precisam ter carteirinha. No período da manhã, encontrei um dos responsáveis e um auxiliar. Esse responsável informou que a equipe é composta por quatro pessoas (dois professores readaptados e duas acadêmicas bolsistas). Antes da hora do recreio, o responsável pela biblioteca colocou gibis sobre as mesas, de forma a atrair os pequenos para o local. Na hora do recreio, a biblioteca enche com alunos das séries iniciais que aproveitam o tempo para ler, devolver, retirar ou renovar livros. A biblioteca cobra R\$ 0,50 de multa por dia de atraso na devolução dos livros. O destino do montante é a aquisição de novos livros. A Biblioteca da Escola 3 é pouco evidenciada no PPP de 2015. Informa o nome da unidade, número de títulos, tipo de documentos, número de livros de literatura infantil, especificamente os que estão no Cantinho de leitura, e a assinatura de jornais e revistas.

O ambiente da **Biblioteca da Escola 4** é agradável. A biblioteca encontra-se no segundo piso de um dos prédios da escola. A unidade não tem regulamento, sistema de controle de empréstimo, nem sistema de classificação dos documentos. Não há computador, nem impressora. A ordenação dos livros é precária. As mesas e cadeiras existentes no local não conseguem acomodar uma turma com mais de 20 alunos. O barulho do recreio invade o ambiente. As estantes são muito altas, o que inviabiliza o uso das três prateleiras mais próximas ao teto. Há dois profissionais no setor que trabalham em horários diferentes. Esses professores informaram que estavam envolvidos na organização dos livros nas estantes. Quem estava fazendo a organização se afastou da biblioteca sem concluir o trabalho e muitos livros ainda estavam fora do lugar. Nas estantes, viam-se livros colocados de todo jeito, inclusive com as lombadas viradas para o fundo. O acervo é formado por livros de literatura brasileira, infantil, infanto-juvenil, juvenil, de educação, biografias e livros encaminhados pelo MEC, através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Os professores também informaram que os muitos troféus conquistados pela escola que cobriam uma das mesas e um dos armários de madeira, precisavam sair dali para oferecer mais espaço aos usuários. O professor responsável pela biblioteca disse ser intenção oferecer “Hora da leitura” para os alunos e para isso pretendia obter um tapete e almofadas para a biblioteca. Pensava em

instalar mesas entre as estantes para oferecer mais espaço e assim poder atender mais alunos. Acima de estantes próximas à porta da biblioteca, havia livros didáticos da reserva técnica oriundos do PNLD, inclusive em Braille. Livros que junto com os troféus, ocupam o espaço já insuficiente dessa biblioteca, tendo dificuldade de acomodar os usuários. A escola fez melhorias como exigência do MEC para que pudesse oferecer o ensino médio inovador, do PROEMI⁷⁵ à comunidade local, que entre outros itens, exige uma estrutura com Laboratório de Ciências e Laboratório de Informática. Entretanto, na Portaria n. 971/2009, que dispõe sobre esta implantação, não evidencia a biblioteca como recurso que deva ser melhorado para dar suporte a esse tipo de ensino. Enquanto os referidos laboratórios são obrigatórios e devam ser bem equipados, assim como a cozinha que precisou ser ampliada e remodelada, a biblioteca não tem computador, as estantes são muito altas e há poucas mesas e cadeiras, entre outras carências constatadas no local.

A Biblioteca dessa escola é pouco citada no Projeto Político Pedagógico, que é de 2015. O documento informa que a biblioteca é um local com acervo com estantes de aço, cujo atendimento é feito por um responsável, em dias previamente estabelecidos. Menciona ainda que a unidade possui “bom” acervo e informa o nome do professor responsável pelo atendimento.

A **Biblioteca da Escola 5** está localizada em lugar destacado. O espaço corresponde a duas salas de aula. Grande parte do espaço dessa unidade é ocupado por livros didáticos. Já os livros de uso diário dos alunos durante o ano letivo ficam empilhados no chão, separados por disciplinas e séries escolares. A biblioteca tem dois responsáveis que trabalham de manhã e de tarde. No período da noite é mantida fechada por falta de funcionário. Para empréstimo, é exigida do usuário uma carteirinha que custa R\$ 3,00 (o que causa certa estranheza por tratar-se de um serviço público e que deve se empenhar em viabilizar o uso desse espaço, acolher usuários, disseminar informação). Quando da minha visita ao local, os responsáveis estavam envolvidos com a organização, o atendimento e controle de livros. O setor tem um computador e uma

⁷⁵ Instituído pela Portaria n. 971/2009 (BRASIL, 2009), essa modalidade de ensino tem como foco a universalização, frequência, permanência, e aprendizagem do aluno de escolas públicas de ensino médio não profissionalizante. A matriz curricular é estabelecida conforme as necessidades da região, que recebe recursos do Governo Federal. A carga horária é ampliada, com o aluno permanecendo na escola até as 16 horas, conforme documento orientador (BRASIL, 2013, p. 11). O Laboratório de ciências é equipado, e o refeitório ampliado para que os alunos almozem na escola, mas a biblioteca da Escola 4 não ganhou igual importância.

impressora. Entre os alunos da 8ª série do ensino fundamental, que foram à biblioteca, poucos solicitaram empréstimo de livros de literatura. Observei a forma como alunos de diferentes turmas chegavam à biblioteca para buscar exemplares de livros didáticos para uso em sala de aula. No documento utilizado no ato da matrícula para o ano 2016, que deve ser assinado pelos pais ou responsáveis, informa que o valor da multa é de R\$ 1,00 ao dia. Segundo o responsável pela biblioteca, do início do ano letivo à data da minha visita, 16 de junho, os alunos dos 3º anos tinham levado apenas três livros emprestados. A Biblioteca da Escola 5 é indicada no PPP de 2016, na parte referente à estrutura física dessa escola. Informa que atende alunos e professores no período diurno e no noturno, e que os alunos podem utilizá-la no contraturno, quando autorizados. Segundo esse documento, os alunos devem zelar pelos livros e revistas da biblioteca, observando os prazos para a sua devolução.

A **Biblioteca da Escola 6** possui um ambiente bastante agradável. É silenciosa, com luminosidade intensificada pelo sol da manhã. O setor conta com dois professores readaptados: um trabalha durante o dia e o outro à noite. O responsável pela biblioteca estava há pouco tempo no setor. Próximo ao balcão de atendimento há um computador com acesso à internet e uma impressora de uso dos funcionários. O acervo para os alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental é mantido separado. Segundo o responsável, esses alunos vêm semanalmente à biblioteca. Um dos cantos da biblioteca acomoda os livros didáticos da reserva técnica da escola. O acervo da biblioteca é catalogado e classificado. As estantes estão identificadas, orientando o acesso aos livros. Nessa biblioteca não há exigência de carteirinha. A biblioteca dessa escola é mencionada no PPP, de 2015. Cita as atribuições e funções do responsável, entre as quais: elaborar, juntamente com a equipe pedagógica, o seu regulamento. Informa ainda, que deve atender alunos e professores, permanecendo aberta no horário de funcionamento da escola. Há menção de disponibilizá-la à comunidade, para atender à legislação vigente. Ainda segundo o PPP, a seleção dos documentos deve ser pensada em conjunto com professores e especialistas; e os usuários devem ser orientados em relação ao uso dos documentos. Esse documento menciona, ainda, sobre os procedimentos adotados pelo aluno caso solicite transferência para outra unidade escolar. Além do professor responsável pela biblioteca, o documento menciona o “orientador de leitura”, um professor, que segundo o PPP, deve manter parceria com os demais, para realizar atividades de incentivo à leitura. Para que o profissional exerça esse

papel, há requisitos quanto à sua formação (letras português) e tempo de experiência (dois anos). O documento informa ainda atribuições envolvendo atividades de leitura: organizar e controlar a coleção das salas de leitura, cantinho de leitura e biblioteca; animar e dinamizar estes espaços; catalogar livros e demais documentos; indicar aos alunos materiais para leitura e pesquisa; envolver-se na formação da coleção, entre outras. Entre os projetos mencionados neste PPP de 2015, três estavam voltados ao incentivo à leitura das séries iniciais do ensino fundamental.

A **Biblioteca da Escola 7** encontra-se em espaço bastante reduzido. Em seu interior há um serviço de fotocópias e uma televisão que permaneceu ligada durante o tempo que estive no local. O som desses equipamentos e dos carros que passam pelas vias públicas próximas, somado ao entra e sai de pessoas ao local, evidencia um espaço impróprio para pesquisa, leitura e trabalho em grupo. O setor funciona nos três turnos e tem dois professores readaptados. Há um computador, com acesso à internet, e de uso exclusivo dos profissionais. A unidade não tem regulamento e é pouco mencionada no PPP. No decorrer do ano letivo, até a data da entrevista (23 de junho), ocorreram 31 empréstimos de livros pelos alunos das turmas de 3º ano do ensino médio. Essa Biblioteca é citada no PPP na parte que trata da estrutura física da instituição. O documento, datado de 2015, registrou na época de sua elaboração, que a escola necessitava de reformas em todos os setores e na biblioteca, onde as goteiras comprometiam a conservação do acervo.

A **Biblioteca da Escola 8** ocupa uma sala de aula, e é bem iluminada. Às segundas e sextas-feiras, permanece fechada, assim como durante a noite. O nome da unidade está destacado na porta. Seis mesas com cadeiras estão dispostas na parte central. Há pouco espaço para circulação. O barulho dos alunos das séries iniciais em salas localizadas em frente da porta da biblioteca invadia esse local, indicando a dificuldade de permanência de usuários nele, quer para leitura, estudo, inclusive para o profissional do setor realizar suas atividades. Embora a escola tenha cerca de 1.200 alunos, a unidade não comporta uma turma de 30. Na secretaria da escola, me forneceram uma carteirinha da biblioteca. Nela, estão registrados: nome da unidade, prazo de empréstimo e informação sobre a responsabilidade do portador pelas obras emprestadas. A Biblioteca da Escola 8 é apontada no PPP, de 2015, na parte referente às responsabilidades do professor que atua nesse local. O documento informa, ainda, que a biblioteca está aberta para atender alunos, professores, funcionários e comunidade. Consta que

seus recursos são oriundos do governo estadual e doações de voluntários. Entre as atribuições do responsável estão: explicar o funcionamento da biblioteca escolar e as normas de empréstimo.

A **Biblioteca da Escola 9** está instalada em duas pequenas salas. Nelas, não há espaço para mesas e cadeiras. Quase todas as paredes estão cobertas por estantes com livros. No centro de uma das salas há uma estante mais baixa com livros de literatura. Na primeira sala há a mesa do responsável, que tem um computador com acesso à internet e uma impressora. O acesso dessas salas se dá pelo auditório da escola. Os livros didáticos e revistas estão organizados no próprio auditório e segundo informou o responsável, são muitos requisitados. No palco, há seis mesas com cadeiras, onde os alunos podem estudar quando não está ocupado com eventos. Em uma das paredes laterais do palco, encontram-se prateleiras com revistas e livros. Apesar de a estrutura ser insuficiente, tudo é muito organizado. Em outra sala, pequena e mais afastada, ficam os livros didáticos da reserva técnica. Separados por disciplinas e séries, são mantidos ao redor dessa sala, acomodados sobre um estrado de madeira. O responsável informou que as enciclopédias foram descartadas porque os alunos não as utilizavam, e falou também que ele enfatiza a leitura e o acesso à informação. Para isso, entende que a biblioteca precisa estar organizada de forma que os leitores compreendam como acessar os documentos e tenham autonomia na busca do que necessitam. O que mais chama a atenção nesta biblioteca é a sua localização, pois está praticamente inserida no espaço do auditório da escola, um galpão afastado da área central da escola, onde a coleção fica em uma salinha, dividida em duas, e as cadeira para acomodar os alunos ficam no palco dele, cujo uso é inviabilizado quando há eventos da, e na, escola nele. Outra coisa é a ênfase dada ao acervo de literatura e à organização e o empenho do professor que lá atua. O espaço foi a solução encontrada pela escola para oferecer aos alunos um espaço com livros de literatura e de outras áreas do conhecimento. Essa biblioteca é mencionada em diferentes pontos do PPP, datado de 2015. Na parte da estrutura física, informa que a biblioteca ocupa uma sala. Em visita à escola percebi duas pequenas salas geminadas, conectadas por uma abertura estreita sem porta. Ainda no documento, é informado o número de mesas e cadeiras, que não encontrei ali, mas no palco do auditório. Cita os tipos de obras que compõem o acervo. O documento registra, ainda, que há três anos a biblioteca conta com um auxiliar, professor readaptado, listando as suas competências: catalogar e manter o acervo controlado, responsabilizando-se por ele; zelar pelo ambiente; restaurar materiais danificados, atender o público, fazer levantamento do custo de

livros sugeridos para compra e apresentá-lo à direção; manter o ambiente limpo e silencioso para leitura e pesquisa; e colaborar na confecção de painéis para eventos realizados na escola. Na parte referente ao corpo docente, o documento informa que no planejamento anual, a bibliografia básica recomendada pelo professor deve constar no acervo da biblioteca. Na parte que cita os deveres dos alunos, no PPP, a biblioteca escolar não é mencionada, mas que o material didático da escola é de responsabilidade do aluno.

A **Biblioteca da Escola 10** possui uma área do tamanho de uma sala de aula. Está aberta de segunda à sexta-feira durante o dia, exceto nas tardes de sexta-feira. Há um projeto da escola para que a biblioteca sirva a todos, contudo, por falta de funcionário, fica fechada no período noturno. No local, tem uma TV, um computador, estantes e seis mesas brancas com cadeiras acolchoadas de diferentes cores e alguns *puffs* de igual estampa. O espaço oferece condições de acomodar uma turma de 30 alunos. Na parede da porta de acesso há estantes altas. O acervo é agrupado por área do conhecimento. Os livros de literatura estão em estantes baixas, e os mapas em uma outra de madeira feita exclusivamente para tal fim. O computador, sem acesso à internet, está na mesa do responsável pelo setor. Perto dessa mesa, há estantes com livros didáticos novos. A biblioteca é convidativa, limpa, organizada e conta com espaço razoável para circulação. A Biblioteca consta do PPP, que é de 2014. Como nas demais unidades escolares visitadas, essa biblioteca também é citada no item relativo à estrutura física da escola. O documento informa que o atendimento é feito por professor readaptado, que as instalações são boas, e que a unidade possui um computador e acervo de livros. Também consta que o assistente técnico-pedagógico deve auxiliar na administração e organização da biblioteca, com os profissionais envolvidos na gestão desse espaço. No tópico referente aos projetos e programas educacionais, é citado um envolvendo a biblioteca da escola, e alunos do ensino fundamental e médio. O seu objetivo é incrementar o uso do local nas práticas cotidianas da escola, com ênfase na leitura como pré-requisito para o exercício das atividades escolares.

A **Biblioteca da Escola 11** está próxima à sala dos professores. É limpa, agradável, arejada e bastante iluminada. Conta com responsável, há um ano no setor. A biblioteca não abre às terças-feiras; nunca abre pela manhã, e nas sextas-feiras, abre somente à noite. Tem um computador com acesso à internet para uso do funcionário. As estantes estão agrupadas nos fundos da sala. As mesas destinadas aos leitores ficam no centro. A mesa do responsável está mais afastada, próxima a

uma das paredes. O professor responsável informou sobre um projeto com uma empresa da região, uma parceria entre setor público e privado, com o qual conseguiu recursos para a compra de livros, e com isso trazer novidades para a biblioteca. A Biblioteca é indicada no Projeto Político Pedagógico de 2014. Nele, são mencionadas funções dos assistentes técnico-pedagógicos, como auxiliar na administração e organização da unidade. Faz referência à participação de dois professores readaptados em atividade na escola, sendo um deles na biblioteca. Suas funções são: manter os livros catalogados, fazer o empréstimo e orientar os usuários no funcionamento da unidade. Na parte destinada aos deveres dos alunos, esse documento evidencia sua responsabilidade pela utilização dos livros, dando destaque para a devolução ao final do ano letivo e a cobrança de multa.

A **Biblioteca da Escola 12** é bastante organizada. Tem seis funcionários, sendo um com formação em Biblioteconomia. O setor funciona das 7h às 19h. O acervo é organizado conforme a Classificação Decimal de Dewey. O ambiente é bastante acolhedor, mas se ouve o barulho das pessoas que circulam pelo pátio. Apenas aqueles alunos com carteirinha podem retirar livros. Trinta e nove alunos das turmas (mais de 7) de 3º ano do ensino médio regular têm carteirinha. Apesar da escola ter outros espaços para dar suporte aos alunos, essa biblioteca, que é a central, é pequena para atender seus mais de 4.000 alunos. A Biblioteca dessa escola aparece no PPP, que é de 2013. O documento é bastante detalhado, oferece uma descrição da instituição. Ao mencionar a estrutura física da escola, o documento indica quem são os usuários da biblioteca: alunos, professores, funcionários estatutários, membros da APP, e membros da comunidade quando autorizados. Cita a presença de outros espaços de informação denominados “biblioteca”, que são os laboratórios de diferentes disciplinas voltados a prestar atendimento aos alunos do ensino fundamental e médio, e outra unidade que atende, exclusivamente, alunos do magistério. A “biblioteca central” está vinculada a uma das coordenadorias da instituição. Segundo o documento, esses espaços são fundamentais ao processo de ensino e condição para o exercício da cidadania, por isso a defesa do acesso a essas unidades de informação. O PPP menciona que o funcionamento da biblioteca “central” é contínuo, de forma a estimular a leitura e a realização de pesquisas, mas o horário da biblioteca é até as 19h, enquanto a escola funciona até as 22h. O PPP, menciona a necessidade de manter o acervo atualizado, citando ainda os instrumentos para sua organização, horário de funcionamento e acervo. Menciona também os setores de referência e auxílio aos alunos, a carteirinha e as condições

para obtê-la, a renovação, o extravio de documentos, a devolução, os deveres e as penalidades. Os alunos do 3º ano do ensino médio e os do 4º ano do magistério e os professores têm prioridade no empréstimo de livros de literatura para o vestibular. O documento informa, ainda, sobre a necessidade do uso do guarda-volumes, e que o professor deve recomendar aos alunos a bibliografia a ser utilizada. Menciona, ainda, que os alunos expulsos da sala serão encaminhados à biblioteca para fazer pesquisas. Seriam “castigos” velados? Na biblioteca, os alunos podem utilizar apenas os livros do acervo. O documento informa que os profissionais do setor devem atender os alunos, orientar nas pesquisas, incentivar o uso da biblioteca com projetos de leitura; divulgar o acervo e demais recursos disponíveis. Ao descrever as atribuições e competências da “biblioteca central” e de seus responsáveis, menciona as atribuições dos assistentes técnicos pedagógicos: auxiliar na administração e organização das bibliotecas escolares. Dos projetos mencionados no PPP, um refere-se à formação do professor, à sua prática e à formação do leitor. Os envolvidos nele defendem que as salas de aula, as salas de leitura e bibliotecas devem ter documentos variados, o número de bibliotecas deve ser ampliado e que as salas de leitura tenham um professor responsável.

6.3 DIRETORES E RESPONSÁVEIS

Nem todos os doze diretores prestaram todas as informações solicitadas no questionário. Nove deles informaram que a biblioteca de suas escolas tem entre 11 e mais de 100 anos. Alguns responderam que a biblioteca foi criada com a escola. Sobre isso, os diretores das Escolas 2, 4 e 11 não se manifestaram. O número de matrícula nas escolas visitadas varia de mil e duzentos a pouco mais de quatro mil. Com exceção de uma escola, as demais funcionam nos três períodos (manhã, tarde e noite) e oferecem educação básica regular. Algumas ofertam ensino médio inovador ou o magistério. Além de Biblioteca, duas escolas têm Sala de Leitura, e outras, também, Cantinho da leitura.

Dos doze diretores que responderam ao questionário, nove informaram que a escola recebe recursos financeiros do Governo Federal por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)⁷⁶ e

⁷⁶ Verba oriunda do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), repassada anualmente às escolas, com base nos dados do censo escolar do ano anterior. Este programa funciona como um auxílio para melhorar a infraestrutura física e pedagógica das escolas e reforçar a autogestão escolar. Disponível em:

apenas três informaram que a escola também recebe recursos do Cartão de Pagamento do Estado de Santa Catarina (CPESC).⁷⁷ Contudo, todas as escolas recebem tais recursos, disputados por todos os setores da escola. Veremos mais adiante, no Quadro 2, que o PDDE e o CPESC não foram citados, respectivamente, por oito e dez responsáveis pelas bibliotecas, como utilizados para compra de livros. Um dos diretores citou que a escola faz uso de recursos oriundos do Projeto Acessibilidade⁷⁸ que possibilita a construção de rampas para acesso de alunos com necessidades especiais e/ou mobilidade reduzida. “Outros recursos” foram sinalizados por três dos diretores como provenientes da Associação de Pais e Professores (APP). Mas um dos responsáveis de uma das bibliotecas que utiliza verba da APP informou no questionário, que solicita esse recurso “*apenas quando necessário*”. Outro mencionou ter utilizado recurso oriundo de projetos em parceria com empresas privadas.

De nove diretores que indicaram os recursos que a escola recebe, apenas cinco informaram a sua destinação, e que são utilizados para a manutenção da estrutura física e área pedagógica das escolas. Um deles especificou para a compra de equipamentos.

Recursos específicos para uso da biblioteca foram indicados por quatro diretores. Um mencionou que quando necessário solicita verba da APP e do Conselho Deliberativo da escola. Outro afirmou que utiliza recursos desse fundo para a compra de livros. Outro ainda, que a verba para a biblioteca é originária de festas, como as gincanas promovidas pela escola. Dois afirmaram que os valores arrecadados com as carteirinhas são destinados à biblioteca. Dois registraram que a escola não recebe verba.

Os responsáveis pelas bibliotecas informaram que a origem da verba utilizada pela unidade para adquirir livros, varia: PDDE foi indicado por quatro responsáveis (33%); APP, por três (25%); multa, por três (25%); CPESC, duas indicações (17%); Taxa da carteirinha, um

<<http://portal.mec.gov.br/financiamento/dinheiro-direto-na-escola>>. Acesso em: 06 set. 2016.

⁷⁷ Instituído pelo Decreto n. 1.949/2013, serve para antecipar às escolas recursos para despesas de caráter eventual. As escolas os recebem anualmente e o montante é definido de acordo com o número de matrícula (SANTA CATARINA, 2013).

⁷⁸ Projeto derivado do Programa Escola Acessível, do Governo Federal, visa atender as necessidades de acessibilidades das pessoas que transitam pelas escolas, conforme a Lei n. 10.048/2000, (BRASIL, 2000) e a Lei n. 10.098/2000, (BRASIL, 2000), que determinam que os logradouros públicos precisam dar condições de mobilidade e de acessibilidade às pessoas com deficiência física, auditiva, visual e mental, que utilizam seus serviços.

(8%); gincana escolar, um (8%); projetos com recurso de empresas da região, por um (8%). Contudo, conforme mostra o quadro 2, enquanto algumas bibliotecas contam com mais de uma fonte, outras não contam com nenhuma. Isso mostra a dependência dessas bibliotecas do recebimento dos livros do PNLD e do PNBE. No PNLD a ênfase é o livro didático para o aluno utilizar em aula, mas ele está em casa e integrando o acervo das bibliotecas escolares.

Cabe, ainda, informar que o montante de recursos operados por essas bibliotecas para fins de aquisição não foi levantado.

Quadro 2 - Bibliotecas: recursos financeiros e compra de livros

Verba para aquisição de livros	Recursos para aquisição de livros para as bibliotecas												(%)
	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	
PDDE	-	-	x	x	-	x	-	-	x	-	-	-	33
APP	-	-	x	-	-	-	-	-	x	-	x	-	25
Multa	-	x	x	-	x	-	-	-	-	-	-	-	25
Gincana	-	x	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8
Taxa da carteirinha	-	-	-	-	x	-	-	-	-	-	-	-	8
Recursos de empresa por meio de projetos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x	-	8
CPESC	-	-	x	-	-	-	-	-	-	-	-	x	17
Quase nada	-	-	-	-	-	-	x	-	-	-	-	-	8
Não há	x	-	-	-	-	-	-	x	-	x	-	-	25

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados coletados em 2016.

Conforme vemos no quadro anterior, a partir do que informaram os responsáveis pelas bibliotecas, as unidades que compram livros, o fazem com recursos de diferentes fontes, mas três delas não conta com qualquer recurso para tal fim, e uma sinaliza que a aquisição de livros comprados não é algo comum: adquire-se “quase nada”, mas sem indicar a origem do recurso.

A falta de uma dotação orçamentária específica para a biblioteca impacta na aquisição e atualização do acervo, nos serviços, na melhoria da estrutura física, entre outros, questões de difícil resolução somente com o uso dos valores arrecadados com as taxas cobradas pela carteirinha e multas. A biblioteca é um direito como é o posto de saúde. Um direito de todos, um dever do Estado. Portanto, disponível em todas as escolas públicas e privadas.

Essas questões não são explicitadas no Projeto Político Pedagógico. Mesmo nos regulamentos, orientações e regras que descrevem os serviços de muitas bibliotecas, não consta a utilização de recursos da taxa da carteirinha e cobrança de multa, do CPESC e do PDDE.

A maioria das bibliotecas possui acervo oriundo dos programas PNBE, PNLD, PNLEM. Sobre a coleção da biblioteca, a Lei n. 12.244/2010 (BRASIL, 2010), determina que as bibliotecas escolares devam ter, minimamente, um livro para cada aluno matriculado. Contudo, segundo os parâmetros para bibliotecas escolares (CAMPELLO, 2010), os livros didáticos dos programas PNLD e PNLEM não deveriam ser contabilizados como acervo das bibliotecas. De ano a ano livros didáticos destinados aos alunos, vão se avolumando nas bibliotecas escolares, tirando espaço para outros documentos no acervo, ajudando a ocultar a carência de outros documentos para quem, à primeira vista, vê as estantes tomadas por livro didático. Para Zilberman (1982, p. 21), esse livro é o “avesso da leitura” por excluir do leitor a interpretação do que lê.

Os responsáveis pelas bibliotecas informaram que os materiais mais utilizados pela população de alunos são os livros de literatura. Já os alunos do 3º ano indicaram utilizar mais os livros didáticos. Ou seja, utilizam pouco a biblioteca. Com base nesses informantes, a demanda de livros de literatura esteve vinculada a maior solicitação dessa leitura quando no ensino fundamental, principalmente nas séries iniciais. E, ainda hoje, parece haver nas escolas entendimento de que apenas esses alunos precisam ser levados à biblioteca uma vez por semana. O estudante do ensino médio é abandonado a si.

São poucas as bibliotecas que dispõem de *software* para organizar o acervo. Alguns professores são criativos, adotando sistema de classificação por cores que facilita a localização dos livros e auxilia o profissional a manter a biblioteca organizada. Na maioria das escolas, o critério é agrupar a coleção por áreas do conhecimento sem nenhum rigor. Segundo os alunos entrevistados, o livro didático é a fonte mais utilizada.

Como visto anteriormente, os PPP das escolas visitadas datam de 2012 a 2016, sendo que apenas dois são de 2016. Esse documento cumpre um dos princípios norteadores da educação nacional, previsto no artigo 216 da Constituição Federal de 1988, e que determina e orienta a LDB, aprovada pela Lei nº 9.394/1996, para que os estabelecimentos de ensino elaborem e executem sua proposta pedagógica, com a participação do quadro de professores. Em Santa Catarina, o tema é

disposto na Lei Complementar nº 170/1998, que trata do Sistema Estadual de Educação. Atualmente, as orientações relativas à gestão democrática das escolas da rede estadual nesse documento de Santa Catarina (2016, p. 4) dão ênfase ao papel do diretor, que deve empenhar-se para obter a “participação efetiva da comunidade e do colegiado escolar na construção e na reavaliação do Projeto Político Pedagógico (PPP), no planejamento e na execução dos recursos financeiros”.

O propósito do PPP é descentralizar e democratizar a tomada de decisão no âmbito pedagógico, jurídico e organizacional das escolas, buscando uma maior participação da comunidade escolar na sua elaboração e gestão da escola. Segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2009, p. 178), essas ações dão poderes à comunidade escolar, como a responsabilidade pelo sucesso – e diga-se, também, pelo fracasso –, do aluno, e orientam que “deve-se cuidar que o PPP esteja em permanente avaliação, em todas as suas etapas, a fim de garantir o caráter dinâmico da vida escolar em todas as suas dimensões”. A construção desse documento, segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2009), é fundamental por dar direção ao trabalho pedagógico, jurídico e administrativo das escolas. O PPP é um instrumento de aplicação de uma política curricular nacional, estabelecida pelo governo central. O Estado orienta a instituição escolar a elaborar o PPP que busca retratar como é dado sentido ao currículo na prática escolar. Currículo é prescrição e prática. É como se fosse uma moeda nas suas duas faces. De um lado, revela um rol de intenções e, de outro, a prática no contexto escolar (PACHECO, 2005). O currículo pode ser compreendido como

[...] um projecto, cujo processo de construção e desenvolvimento é interactivo e abarca várias dimensões, implicando unidade, continuidade e interdependência entre o que se decide em nível de plano normativo, ou oficial, e em nível de plano real, ou do processo de ensino-aprendizagem. Mais ainda, [...] uma prática pedagógica que resulta da interacção e confluência de várias estruturas (políticas/administrativas, económicas culturais, sociais, escolares...) na base das quais existem interesses concretos e responsabilidades compartilhadas (PACHECO, 2005, p. 37).

Na escola, o currículo prescritivo e diretrizes educacionais perpassam pela compreensão política do professor, e dos demais atores

sociais que interagem nesse espaço, do que seja educação e do seu papel na formação política do aluno e na própria transformação da escola, a partir desse universo microsocial.

No quadro que segue tem-se uma panorâmica do que mencionam os PPP das escolas no tocante à sua biblioteca. Conforme vemos, nos anos desses documentos: quatro PPP são anteriores a 2015, seis são de 2015 e apenas dois de 2016, ano da coleta dos dados desta pesquisa. Talvez por isso a falta de correspondência entre o informado no PPP e o que é encontrado na realidade escolar. Por isso a importância da sua discussão e atualização na escola.

Quadro 3 - As bibliotecas no Projeto Político Pedagógico das escolas

Itens da BE no PPP das escolas	Escolas e ano dos PPP												E12	E12	2013	(%)
	E1 2016	E2 2012	E3 2015	E4 2015	E5 2016	E6 2015	E7 2015	E8 2015	E9 2015	E10 2014	E11 2014	E12 2013				
Estrutura física	x	x	x	x	x	-	x	-	x	x	-	x	75			
Usuários	x	x	-	-	x	x	-	x	-	-	-	x	50			
Atribuições o responsável	-	x	-	-	-	x	x	x	x	-	x	x	58			
Horário de funcionamento	x	x	-	-	x	x	-	-	-	-	-	x	42			
Composição do acervo	x		x	-	-	x	-	-	x	-	-	x	42			
Participação em projetos	-	x	-	-	-	x	-	-	-	x	-	x	33			
Uso do acervo e Conduta no local	-	x	-	-	x	-	-	-	-	-	-	x	25			
Nome da unidade	x	-	x	-	-	-	-	-	-	-	-	x	25			
Empréstimo	-	x	-	-		-	-	-	-	-	-	x	17			
Multa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x	x	17			
Objetivos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x	8			
Carteirinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x	8			
Recursos financeiros	-	-	-	-	-	-		x	-	-	-	-	8			
Sistema de organização do acervo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x	8			
Computador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x	-	-	8			
Atualização do acervo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x	8			
TOTAL	5	7	3	1	4	5	2	3	3	3	2	14	-			

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados coletados em 2016.

O que se observa em alguns dos documentos analisados é que o indicado não corresponde à realidade; noutros não há informações sobre a biblioteca.

Um dos documentos informa que existe uma biblioteca instalada em local com mesas, cadeiras, acervo, e usuários, quando na unidade não há espaço para isso. Em outra, que não tem regulamento, as práticas do setor ficam ocultas, como por exemplo, a cobrança de multa por atraso na devolução de livros e da carteirinha. O PPP de outra escola informa que é o professor que atua nela, há oito anos, quem estabelece o horário de atendimento da mesma. Assim, a biblioteca parece ser questão pouco relevante e pouco discutida pelo colegiado e comunidade. Às vezes, o PPP passa a impressão de que os espaços e serviços da biblioteca inexistem.

A rede de pessoas envolvidas com as práticas escolares é dinâmica, complexa, e cada contexto tem a sua singularidade. Entretanto, conforme Libâneo, Oliveira e Toschi (2009), o PPP deve espelhar o que a comunidade escolar traçou como metas para a escola.

Além do PPP, *in loco* constatou-se que dez bibliotecas possuem regulamento. Nesse documento são informados: horário de funcionamento, conduta a ser mantida no ambiente da biblioteca, prazo de empréstimo e multa.

Conforme afirma Pacheco (2005), a política curricular transita do plano macro ao micro e do micro ao macro pela ação de seus atores. Conforme explicita Weber (2012), as ações interconectadas de atores situados no nível micro e no nível macro fazem a máquina social funcionar.

Sobre a participação da biblioteca nos projetos da escola, segundo os diretores:

- a) Um diretor registrou que “*todos os projetos desenvolvidos na escola têm a parceria da biblioteca com seu acervo*” (Biblioteca 3);
- b) Projetos de leitura e projeto literários envolvendo todas as turmas (Biblioteca 6);
- c) “*Preparação dos alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)*”, envolvendo as disciplinas de língua portuguesa, matemática, química, ciências, biologia, inglês e geografia (Biblioteca 6);
- d) “*Programa de incentivo à leitura, Varal literário, Concurso de redação, Festival de conto e poesia*”, envolvendo todas as turmas (Biblioteca 4);

- e) *Quiosque literário, Releituras e Peça teatral de obra literária, Caricaturas de artistas da Semana da Arte Moderna*, envolvendo as disciplinas de português, artes, inglês e aula de informática, com as turmas de 1º e 3º anos do ensino médio (Biblioteca 10);
- f) *Contação de histórias* em três escolas, sendo que duas envolvem todas as turmas e a outra, somente do 1º ao 5º ano (bibliotecas 7, 8, 9);
- g) *Troca de Livros de literatura*, em duas escolas, uma envolve as turmas do 1º ao 5º ano e a outra, as do 1º ao 9º ano (bibliotecas 5, 7);
- h) *Escola Aberta*, realizada aos sábados e destinada a toda comunidade (Biblioteca 1);
- i) Projetos do Serviço Social do Comércio (SESC) com todas as disciplinas, mas principalmente, a de português (Biblioteca 7).

Os responsáveis pelas bibliotecas informaram que os serviços oferecidos por essas unidades são: a) *empréstimo* em todas; b) *auxílio à pesquisa* em 92%; c) serviço de *referência* em 67%; d) *contação de histórias* em 42%; e) *empréstimo entre bibliotecas* em 25% das bibliotecas. Um dos professores informou o *Clube da Leitura* como atividade realizada pela biblioteca. A Biblioteca da Escola1 oferece à comunidade apenas o serviço de empréstimo.

Todas as bibliotecas têm os alunos do ensino fundamental como categoria de usuário que mais frequenta essas unidades. Em 75% delas, são os alunos que cursam as séries iniciais (1º ao 5º ano) e em 83% delas, os das séries finais (6º ao 9º ano). A frequência de alunos do ensino médio ocorre em 58% das bibliotecas. Na opção “Outros”, um dos informantes indicou: estagiários e funcionários do Centro de Educação Infantil (CEI) localizado nas imediações, equivalendo a 8% das categorias de usuários que frequentam as bibliotecas escolares. Resumidamente, os alunos do ensino fundamental são os que mais frequentam a biblioteca da escola. Em segundo lugar, os alunos do ensino médio.

Sobre o item tecnologia, dados da Secretaria de Estado da Educação, indicam que todas as escolas têm acesso à internet.⁷⁹ A partir do que informaram os diretores, o número de computadores nas escolas

⁷⁹ Dados da Secretaria de Estado da Educação. Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/>>. Acesso em: 06 set. 2016.

varia de 10 a 98 unidades, a maioria para atender funcionários e professores. Na Escola10, por exemplo, há dez computadores para uso administrativo, um deles encontra-se na biblioteca e não tem acesso à internet. Nessa escola não há Laboratório de Informática, portanto não há computador para o aluno. A Escola 12 possui 98 computadores, 40 estão disponíveis aos alunos no Laboratório de Informática, mas o aluno não tem acesso às duas máquinas instaladas na biblioteca. Onze escolas têm esse laboratório. Nele o número de computadores varia entre 18 a 40. Em visita ao Laboratório de Informática da Escola2, o responsável informou que, de 21 computadores, 13 estavam funcionando.

Segundo os responsáveis pelas bibliotecas das escolas pesquisadas, em três bibliotecas não há equipamentos e acesso à internet. Nove bibliotecas têm computador. Oito delas têm um, e uma tem dois. Seis bibliotecas têm impressora; duas, uma televisão; três, um projetor; duas têm uma extensão telefônica; e uma fotocopiadora que atende a escola. O quadro que segue mostra com mais detalhes os equipamentos existentes nas bibliotecas das escolas pesquisadas.

Quadro 4 - Bibliotecas: equipamentos e acesso à internet

Tipo e quantidade de equipamentos e internet	Equipamentos nas Bibliotecas e acesso à internet												(%)
	B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	B8	B9	B10	B11	B12	
1 computador	-	x	x	-	x	x	x	-	x	x	x	-	67
2 computadores	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	x	8
1 impressora	-	-	x	-	x	x	-	-	x	-	x	x	50
1 televisão	-	-	-	-	-	-	x	-	-	x	-	-	17
1 projetor	-	-	-	-	-	-	-	-	x	-	x	x	25
1 extensão telefônica	-	-	-	-	-	-	x	-	-	-	-	x	17
1 máquina Xerox	-	-	-	-	-	-	x	-	-	-	-	-	8
Acesso à internet	-	-	-	-	-	x	x	-	x	-	x	x	42

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados coletados em 2016.

Em sete bibliotecas, o uso dos equipamentos é exclusivo de quem trabalha no setor. Duas bibliotecas emprestam os equipamentos para professores. Estariam estas bibliotecas funcionando como almoxarifado? Computador há em nove bibliotecas, sendo que em seis delas esse recurso é utilizado para a organização da coleção e empréstimo. Mas acesso à internet há apenas em cinco das nove bibliotecas que tem computador.

São poucas as bibliotecas que dispõem de *software* para organizar o acervo. Entre as nove bibliotecas que têm computador, seis utilizam a máquina para auxiliar na organização, e administração das atividades e serviços do setor, entre os quais o empréstimo. Duas utilizam recursos do *Excel*; uma desenvolveu um programa para identificação de livros; duas utilizam o BibLivre, e outra, o Biblioteca Fácil.

Alguns dos responsáveis pelo setor adotaram um sistema de classificação por cores, que facilita a localização dos documentos e auxilia esse professor em oferecer e manter a biblioteca organizada. Na maioria das escolas o critério é agrupar a coleção por áreas do conhecimento e em algumas delas há pouco rigor.

Não há computador em três bibliotecas, em sete não há acesso à internet o que inviabiliza a informatização dos serviços. Se considerarmos que atualmente o computador é fundamental em qualquer atividade. Quando a biblioteca não faz uso desse recurso, tudo fica mais difícil. Em algumas delas há computador para uso do funcionário, mas sem impressora e sem acesso à internet. Em todas as bibliotecas, os usuários não têm acesso ao computador para consultar o acervo. Nas bibliotecas que utilizam este recurso para espelhar o que há no acervo, é o responsável quem por meio dele, verifica se há o que os usuários procuram, indicando a localização na estante. Para os alunos o acesso à internet em equipamento da escola ocorre apenas na Sala de Informática, onde as atividades são agendadas e dirigidas por um professor.

A área de formação dos professores responsáveis pelas bibliotecas é diversa: Matemática, História, Letras, Geografia, Filosofia, Educação Física, Teologia e Pedagogia. Um tem três licenciaturas; dois tem duas. Três tem especialização, e um tem mestrado. Um indicou apenas ser “professor” e outro ter curso superior sem especificar a área. Nenhum fez curso de capacitação para trabalhar em biblioteca. O tempo de atuação na biblioteca varia entre um e oito anos.

Mas o quadro de pessoal nas bibliotecas chama a atenção pelo número insuficiente de funcionários e a carga horária, o que também contribui para inviabilizar o uso da biblioteca pela comunidade escolar, acarretando prejuízo para usuários e, pode-se afirmar, para o professor que ali atua em função da sobrecarga de trabalho e das condições oferecidas pelo local.

De forma breve, pode-se afirmar que cinco bibliotecas têm um único profissional (bibliotecas 1, 8, 9, 10, 11). Em três delas, esse responsável atua exclusivamente na biblioteca. Cinco escolas têm dois

profissionais (bibliotecas 2, 4, 5, 6, 7), desses, três com regime de dedicação exclusiva. Uma biblioteca tem equipe de quatro pessoas (Biblioteca 3); outra tem equipe de dez pessoas, mas não informou sobre a distribuição dos funcionários nos três turnos, horários e tempo dedicado ao setor (Biblioteca 12). Das onze escolas que prestaram este tipo de informação, em sete há professores com dedicação exclusiva.

O fechamento da biblioteca em alguns períodos e dias da semana, também foi evidenciado. Isso ocorre devido ao número insuficiente de funcionários e/ou a carga horária dedicada à biblioteca pelo professor readaptado. Além de dificultar o uso desse espaço, esse problema pode ocasionar desinteresse do aluno pela unidade, pela leitura, pela pesquisa. A falta de profissional também aumenta a possibilidade de extravio de documentos. O funcionamento dessas bibliotecas é detalhado a seguir:

Período matutino:

- a) sete abrem todos os dias pela manhã (bibliotecas 1, 3, 5, 6, 7, 9, 12);
- b) duas não abrem às sextas-feiras pela manhã (bibliotecas 2, 3, 10);
- c) uma não abre as segundas e sextas-feiras pela manhã (Biblioteca 8);
- d) duas não abrem no período da manhã (bibliotecas 4, 11).

Período vespertino:

- a) sete abrem todos os dias durante a tarde (bibliotecas 1, 4, 5, 6, 7, 9, 12);
- b) três não abrem às sextas-feiras a tarde (bibliotecas 2, 3, 10);
- c) uma não abre as segundas e sextas-feiras (Biblioteca 8);
- d) uma não abre nas segundas e terças-feiras (Biblioteca 11).

Período noturno:

- a) três bibliotecas funcionam todos os dias (bibliotecas 4, 6, 7);
- b) cinco não abrem à noite (bibliotecas 1, 3, 5, 8, 10);
- c) duas abrem à noite apenas às sextas-feiras (bibliotecas 9, 11);
- d) uma não abre às sextas-feiras (Biblioteca 2);
- e) uma funciona à noite, mas até 19h, enquanto há aulas até 22h (Biblioteca 12).

Assim, tem-se que duas bibliotecas funcionam todos os dias nos três turnos (bibliotecas 6, 7); a biblioteca de cinco escolas não abre às sextas-feiras (bibliotecas 2, 3, 8, 10, 11); uma biblioteca abre quatro dias por semana, sendo três dias no período da tarde e um dia no período noturno (Biblioteca 11); duas bibliotecas não abrem no período da

manhã (bibliotecas 4, 11); e uma não abre às sextas-feiras em nenhum turno (Biblioteca 2).

Com isso, nove bibliotecas revelam ter problemas para abrir no período noturno, o que inviabiliza acesso e uso pelos alunos que trabalham durante o dia. Duas não abrem no período da manhã (bibliotecas 4, 11), uma delas (Biblioteca 11) abre três dias da semana durante a tarde e um dia durante a noite. Afinal, esse serviço é prestado por uma instituição pública ou privada? Essas bibliotecas não estão vinculadas à instituição escolar que oferece serviço pela manhã, tarde e noite? Porque em igual horário que a escola oferece formação, não se garante o funcionamento da biblioteca?

Apesar de esse quadro ser difícil para quem responde pela biblioteca, e para quem precisa dela para resolver as suas necessidades de informação ou fazer uso do local para espairecer, por exemplo, na maioria das bibliotecas observou-se um esforço dos professores responsáveis em superar os problemas. Mesmo sem capacitação esses professores mostraram-se empenhados em atender os usuários e organizar a biblioteca; em realizar suas atividades. Havia uns mais encantados e outros um pouco menos. Quatro professores, por exemplo, informaram gostar de atuar na biblioteca, mas há coisas que os deixam contrariados. Um deles, da Biblioteca 1, informou no questionário que *“no empréstimo o regulamento não é respeitado quando um aluno deve livro para a biblioteca*. Um outro (da Biblioteca 7), que *“a dificuldade é manter organizado”*. Três professores (das Bibliotecas 4, 7 e 8), estão no setor devido a problemas de saúde e por não terem outra opção, julgando o lugar *“mais adequado e tranquilo”*. Nesse lugar *“tranquilo”* os desafios não são poucos para melhor atender a escola e seus usuários, e ativar/dinamizar esse local pode significar uma quebra da tranquilidade a que se refere esses professores. O fato é que, apesar dos desafios que enfrentam, há professores que parecem estar encantados com as possibilidades que o setor oferece. Seis professores informaram ter afinidade com o trabalho e gostam da interação com as pessoas. Um deles (da Biblioteca 2), informou: *“Adoro inspirar as pessoas a lerem, indicar livros e autores que possam mudar e trazer mudanças para nossas mentes. Buscar novos títulos que possam ajudar professores e alunos”*, e outro (da biblioteca 11), por *“admirar o fascínio pela leitura nos alunos”*. O professor que atua na Biblioteca 5, informou que ali tem a oportunidade de acesso ao conteúdo dos documentos: *“Por estar em contato com os alunos e [com] as informações repassadas por jornais, revistas e livros”*. Há aquele que se identifica com duas demandas do setor: gostar de gente, e de organização, conforme vemos no que

registrou no questionário, o responsável pela Biblioteca 9: *“Trabalho diretamente com os alunos, gosto de contação e organização”*. Orientar os alunos nas pesquisas foi registrado pelo professor da Biblioteca 10, já que ela é *“ambiente no qual tenho disponibilidade em atender aos alunos e ajudá-los em pesquisas e por isso me agrada muito”*. Outro, da Biblioteca 6, também ressalta que estando nesse setor pode *“contribuir ativamente, colocando à disposição dos professores e alunos o material necessário para a pesquisa”*. E outro (da Biblioteca 11), que registrou gostar de atuar ali pela *“possibilidade de desenvolver projetos”*. Contudo, a biblioteca, é um desafio para o professor. Ela exige uma prática que difere da sala de aula, conforme indicado pelo responsável pela Biblioteca 3: *“Estou ainda aprendendo como lidar, atuar frente aos alunos, acervo, catalogação. Pessoalmente, adoro livros/ler”*.

O comentário do responsável pela Biblioteca da Escola 2 revela o desafio de ser único funcionário na biblioteca, para atender alunos com demandas diferenciadas, organizar o acervo, entre outros. Afirmou ele que *“ano passado as séries iniciais utilizavam a biblioteca. Eles amam demais. Não deu muito certo. Não dei conta”*. Mas a escola vai buscando caminhos. É o que expressa o mesmo profissional ao afirmar que a contação de histórias será oferecida para os alunos das séries iniciais em outro setor: *“Este ano vai ser aberta uma biblioteca para as séries iniciais. Nós ganhamos livros de outras escolas. Lá vai haver contação de histórias”*. Esse professor menciona, ainda, o problema de retorno dos livros à biblioteca, já que *“muitos alunos levam livros e não devolvem. Este ano está melhor porque a biblioteca está funcionando nos três períodos. Ano passado era só diurno”*.

A falta de recursos para adquirir livros para a biblioteca é comentada pelo responsável pela Biblioteca 2: *“Temos dificuldades de comprar livros novos. Mas na medida do possível, nós adquirimos alguns”*. Outro (da Biblioteca 1), tem expectativa de *“que os usuários se conscientizem que a biblioteca é lugar de estudo, de silêncio e que livro emprestado deve ser devolvido”*.

Cativar leitores é outro desafio. O responsável pela Biblioteca 9 manifestou que *“os alunos sempre querem livros recentes para ler e nem sempre temos verbas para comprar”*. O da Biblioteca 8 indicou a necessidade de *“ter livros atuais para leitura”*; o da Biblioteca 12 de *“estimular a leitura em um mundo virtual”*; enquanto o da Biblioteca 10, o de *“Convencer os alunos a frequentar [a biblioteca] e estimulá-los a emprestar os livros”*. Tudo isso reflete na dificuldade que as escolas enfrentam para *“cativar os alunos para leituras”*, conforme salientou o responsável pela Biblioteca 3.

Síntese das manifestações expressas no questionário referentes aos desafios que enfrenta o professor que atua na biblioteca das escolas visitadas:

- a) verba para aquisição de acervo (bibliotecas 2, 8, 9, 11);
- b) organização da biblioteca (bibliotecas 2, 3 e 7);
- c) conquistar leitores (bibliotecas 3, 7, 9, 10, 12);
- d) cumprimento das normas (bibliotecas 1, 2);
- e) controle do acervo e perda de livros (bibliotecas 2, 5);
- f) falta de cursos de capacitação (bibliotecas 5, 6);
- g) carência de acervo (bibliotecas 2, 3, 6);
- h) manter o acervo atualizado e disponível (bibliotecas 3, 8);
- i) ausência de informatização (Biblioteca 4);
- j) falta de estrutura (Biblioteca 5);
- k) fazer com que os livros emprestados retornem (bibliotecas 1, 2).

Esses professores se reportam à necessidade de controle, recursos financeiros, incentivo à leitura e capacitação. Nenhum dos responsáveis fez referência ao espaço físico da biblioteca. E, sabe-se que, se comparado ao número de matrícula (no caso dessas escolas, entre mil e duzentos a pouco mais de quatro mil), a começar pelo tamanho do espaço físico das bibliotecas envolvidas na pesquisa, isso inibe atendimento à totalidade de alunos. Portanto, nas unidades visitadas há esse desafio para que a biblioteca possa vir atender seus usuários potenciais. Esta é a primeira dificuldade para a inclusão do aluno nesse espaço. Os que conseguem frequentá-la, e descobrem o melhor horário e período para conseguir um lugar nela, dividem o pequeno espaço com pessoas, estantes, livros da reserva técnica e livros didáticos. O espaço reduzido da biblioteca colabora para inibir a ação dos professores quanto ao uso do local para desenvolverem atividades com seus alunos. Acresce-se a isso, em algumas escolas, a biblioteca também funciona como depósito da reserva técnica dos livros didáticos⁸⁰ adotados pela

⁸⁰ Refiro-me ao excedente de títulos dos livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) encaminhados às escolas públicas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Considerando que cada livro recebido pela escola deve ser utilizado por três anos, o excedente é estabelecido a partir do número de alunos. Este fundo projeta o crescimento do número de matrícula para os dois anos seguintes. Entretanto, é comum faltar livros para os alunos. Alguns títulos, em uso, permanecem na biblioteca e não com o aluno, uma maneira de contornar a falta de livros.

escola. Além disso, na falta de sala destinada unicamente para tal fim, o espaço da biblioteca acaba sendo utilizado também como depósito de livros didáticos⁸¹ fornecidos pelo FNDE/MEC para uso dos alunos durante o ano letivo. Quer por falta de armários nas salas por conta do excesso de peso dos livros que cada aluno carrega diariamente nas mochilas, quer mesmo por falta de livro inviabilizando que cada aluno tenha o seu (passando para o uso compartilhado entre alunos de mesmas séries que estudam em períodos ou em turmas diferentes), o fato é que muitos desses livros acabam sendo mantidos nas bibliotecas, que contorna esse problema atendendo o aluno, que entra e sai da biblioteca, quer emprestando, quer devolvendo esse documento que visa atender o aluno e o professor, quando em sala de aula. Também em uma das bibliotecas encontrei um serviço de fotocópias. Entretanto, apesar desse quadro situacional, e não tendo recebido da Secretaria de Estado da Educação qualquer curso de capacitação para atuar na biblioteca, conforme indicam os questionários, foi possível observar que na maioria das bibliotecas, há esforço desse profissional para atender os usuários, organizar o setor, o que é também expresso nos discursos dos alunos entrevistados. Na escola, o professor responsável pela biblioteca é chamado e atende pela designação de “bibliotecário”. Com isso, deduz-se que apesar de não existir este cargo no quadro das escolas da rede estadual de Santa Catarina, o profissional da biblioteca é considerado um bibliotecário.

Cabe mencionar ainda a situação do mobiliário, um item que além de agregar conforto aos frequentadores das bibliotecas, tem impacto na saúde, principalmente na dos alunos podendo repercutir na sua constituição física. Apesar de ter visto na maioria das bibliotecas mesas e cadeiras com o logo do governo do Estado, não raro observei a presença de móveis impróprios ou em número insuficiente. O incômodo causado pelo barulho externo foi outro sintoma observado a interferir em quem a frequenta, principalmente, sete das doze bibliotecas pesquisadas. Os ruídos no interior da biblioteca advindos do ambiente externo fazem parte da rotina dos que frequentam o espaço. As bibliotecas também lidam com ruídos produzidos pelos próprios

⁸¹ A biblioteca da escola lida com os livros didáticos em três situações bastante distintas: a) enquanto reserva técnica: livros novos, mantidos empacotados para atender novos alunos ou turmas de alunos ou para complementar perda de livros didáticos para uso da escola durante um período de três anos; b) enquanto integrado no acervo; c) enquanto guarda livros didáticos de uso diário dos alunos, por falta de armários nas salas ou por falta de livros e que estando na biblioteca/escola, fica à disposição de maior número de alunos, para uso em sala de aula.

frequentadores, e mais intensos por serem de crianças e adolescentes. Na maioria das bibliotecas é saliente a necessidade de um ambiente que favoreça a leitura e estudo. Mas, ainda, enfrentamos preconceito quanto à exigência de silêncio em bibliotecas. Será que pela forma intimidadora como é solicitado (“Silêncio!”, “Psui!”, por exemplo)? Na biblioteca como em outro espaço público há regras de conduta e convívio. Segundo Massschelein e Simons (2017) a disciplina vai além de manter a ordem. Ela serve para criar atenção e foco.

O fato é que para pedir a colaboração dos usuários, a escola deve oferecer condições para que as crianças e adolescentes (e adultos) possam ler, estudar e usufruir do espaço, sendo respeitados. O pedido de colaboração aos estudantes faz parte do processo educativo. O exemplo, também educa.

Losso (2003), ao analisar a qualidade acústica das edificações de escolas públicas estaduais localizadas em Florianópolis, verificou o nível do ruído na sala de aula e a sua interferência em alunos e professores, no tocante aos danos à aprendizagem, à fala e à audição. O autor interrogou esses sujeitos a fim de constatar sua percepção sobre o barulho e mediu o nível de ruído. Verificou que alunos e professores são expostos diariamente a ruídos acima dos 30 decibéis recomendados, e que em algumas salas, o nível alcançou mais que o dobro.

As edificações que abrigam as escolas devem [...] ser capazes de produzir condições propícias ao desenvolvimento adequado das atividades de seus usuários, satisfazendo diferentes necessidades ambientais, isto é: proteção frente às diferentes condições climáticas, sejam elas temperatura, vento e umidade; garantia de qualidade acústica, proteção de ruídos intrusivos, inteligibilidade do professor pelos alunos e vice-versa; garantia de condições ideais de visão e iluminação, natural ou artificial; proteção contra poluição e qualidade interna do ar; estabilidade estrutural da edificação, salubridade e higiene, segurança, conforto e outros. Nestas edificações é de suma importância que suas dependências estejam dentro de patamares admissíveis de níveis de ruídos e sons. A atividade principal desenvolvida é o ensino-aprendizado nas mais diferentes faixas etárias e nos mais diferentes campos do conhecimento. Portanto, é evidente a necessidade de existirem condições satisfatórias nas quais o aluno possa ser

incentivado a aprender, sendo o espaço arquitetônico, construído ou não, fundamental para tais condições (LOSSO, 2003, p. 1).

Em seu estudo, Losso (2003, p. 120) conclui que “não há preocupação em se proteger as salas de aulas de ruídos externos à ela”. Afirma que professores e alunos trabalham em espaços inadequados para o ensino e a aprendizagem, apontando para a necessidade de se avaliar as condições acústicas necessárias em ambientes escolares, entre os quais as bibliotecas.

Também quando a biblioteca está muito próxima às salas de aulas, o ruído produzido pelos alunos em sala, interfere no trabalho desenvolvido por quem está nesse local.

Não pretendi com essa pesquisa conhecer a dimensão exata do espaço físico das bibliotecas. Contudo, com base nos dados coletados e no que pude perceber, ficou evidente que a maioria das bibliotecas visitadas não se enquadra no “nível ideal”, sequer no “nível” básico, estabelecido como parâmetros brasileiros (CAMPELLO, 2010), para avaliar e melhorar as condições das bibliotecas escolares do país. Esse documento auxilia na averiguação das condições de nossas bibliotecas escolares, e classificá-las com base no que se tem e no que se quer em um cenário futuro.

6.4 ALUNOS

Os dados apresentados nesta seção foram coletados por meio de questionário aplicado aos alunos após a realização da entrevista.

Entre os alunos entrevistados, vinte e dois deles nasceram em Santa Catarina, um no Rio Grande do Sul e outro no Ceará. No momento da entrevista, esses alunos tinham entre 16 e 20 anos. Quinze alunos informaram ser do sexo feminino e nove do sexo masculino. Quanto ao ingresso na educação básica, um entrou aos cinco anos, nove aos sete e 14 aos seis. Catorze alunos cursa o 3º ano do ensino médio no período da manhã; oito no noturno e dois no período da tarde. Três fazem pré-vestibular, e catorze fazem ou fizeram outros cursos. Seis já trabalharam, vinte não trabalhavam, e quatro exerciam uma atividade profissional e por isso estudavam à noite. No período da coleta de dados, todos eram solteiros e moravam com a família. Ao serem perguntados se em casa têm acesso à leitura, vinte alunos informaram afirmativamente. Entre esses, dezessete se manifestaram sobre tal experiência.

Quadro 5 - Leitura no ambiente familiar segundo os alunos

Escola	Aluno	Em casa tem acesso à leitura?		Se afirmativo, como é/foi essa experiência?
		Sim	Não	
E1	A	x	-	-
	B	x	-	-
E2	C	x	-	<i>“É boa. Tenho livros antigos e de escola”.</i>
	D	x	-	<i>“Tenho alguns livros em casa e somente leio na internet”.</i>
E3	E	x	-	<i>“É bem proveitosa. Minha casa tem um ambiente tranquilo para obter uma excelente leitura”.</i>
	F	x	-	<i>“A experiência é ótima, pois me faz pensar diferente e questionar a minha vida”.</i>
E4	G	x	-	<i>“Uma experiência boa, de sempre estar melhorando meu conhecimento”.</i>
	H	x	-	<i>“É boa, pois tenho tempo e é silencioso”.</i>
E5	I	-	x	-
	J	x	-	<i>“É muito boa, no sentido de acrescentar conhecimento”.</i>
E6	K	-	x	-
	L	x	-	<i>“É ótima”.</i>
E7	M	x	-	<i>“Minha mãe sempre influenciou a leitura, então, compro livros com frequência, o que me faz ter a oportunidade de lê-los”.</i>
	N	-	x	-
E8	O	x	-	-
	P	-	x	-
E9	Q	x	-	<i>“Muito boa, pois em casa tenho mais tempo disponível [para ler]”.</i>
	R	x	-	<i>“É interessante, tanto para lazer como para estudos”.</i>
E10	S	x	-	<i>“Através da internet e de livros comuns”.</i>
	T	x	-	<i>“Em casa tenho a minha própria estante de livros, onde leio frequentemente”.</i>
E11	U	x	-	<i>“Tenho livros e internet”.</i>
	V	x	-	<i>“Muito prazerosa”.</i>
E12	W	x	-	<i>“Desde pequena minha mãe me deu acesso aos livros”.</i>
	X	x	-	<i>“Foi como uma cortina aberta mostrando o mercado de trabalho”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados coletados em 2016.

Nesse quadro, três alunos qualificam como “boa” a experiência com a leitura em casa; dois, “muito boa”; um, “ótima”; um diz ser “bem proveitosa”; um, “interessante”, e um, “muito prazerosa”. Três mencionam que em casa tem *livros e internet*; dois, que em casa têm *ambiente silencioso e tranquilo para ler*; dois comentam que a mãe os iniciou para a leitura e um tem estante própria para acomodar seus livros. Um aluno mencionou que a leitura nesse ambiente o auxiliou a

olhar para o *mercado profissional*, e dois que ela acrescenta e melhora o conhecimento e ajuda a questionar a vida.

A experiência que tem em família é agregada ao perfil do aluno que foi sendo constituído na escola, sendo que sua relação com a biblioteca está imbricada com o que a escola oferece para ele nesta unidade: horário disponível para uso, o espaço físico da biblioteca, o tamanho do acervo, tipos de documentos e diversidade de temas, disponibilidade de internet, entre outros. Se, por exemplo, o aluno está em sala de aula pela manhã, como a escola o incentiva a frequentar a biblioteca noutro momento? Se ele estuda à noite e trabalha durante o dia, em que momento poderá fazer uso da biblioteca?

Quanto à frequência à biblioteca da escola⁸², quatro alunos informaram que o fazem todos os dias; um vai à biblioteca duas vezes na semana; cinco, uma vez na semana; cinco, uma vez ao mês; quatro indicaram “pouco”, “às vezes” ou “quase nada”; enquanto outros cinco informaram que não utilizam a biblioteca.

Os quinze alunos que frequentam a biblioteca informaram as razões:

- a) “ler” (indicado por cinco alunos, um deles enfatizou tratar-se de leitura para lazer);
- b) “Estudar ou pesquisar” (mencionado por cinco);
- c) “fazer trabalhos ou exercícios” (por três);
- d) “emprestar livros” (indicado por cinco);
- e) “buscar livros à pedido do professor” para serem utilizados em aula (indicado por dois alunos). Referem-se aos livros didáticos guardados na biblioteca, e dicionários;
- f) “ter acesso” a livros, obter conhecimento ou buscar algo não encontrado em outro lugar (quatro alunos);
- g) “*passatempo*” (um aluno).

Dos documentos impressos o livro didático é a fonte mais indicada pelos alunos: houve dezoito indicações para este tipo de documento; dicionários, duas; livros em casa, duas; livros da biblioteca, sem especificar quais, duas; livros de literatura, quatro; enciclopédias, revistas, uma; jornais, uma; livros para o vestibular, uma; e apostilas do Enem, uma indicação.

Quanto ao uso de outros documentos, oito responderam negativamente; catorzenmencionaram fazer uso da internet; dois,

⁸² Ao checar essas informações com as coletadas nas entrevistas, o número de frequentadores da biblioteca diminui (ver quadro 7).

videoaulas; um, documentários; um, apostilas *online*. Dois alunos não responderam.

Quinze alunos preferem frequentar a biblioteca da escola durante o turno escolar em que estudam. Contudo, entre eles, um também indicou o contraturno. Alguns apresentaram mais de uma justificativa para a sua preferência; um não se manifestou, dez afirmaram que isso facilita a frequência à biblioteca; cinco por ser quando o ambiente está mais calmo, tranquilo e silencioso; e três também indicaram por ter menos alunos, o que contribui para a tranquilidade no local. Sendo que na grade curricular não está previsto um horário específico para que esses alunos utilizem a biblioteca da escola, e considerando que os professores não os acompanham mais na biblioteca, a preferência para utilizá-la é o aspecto da comodidade justificada por estarem na escola. Mas essa frequência é breve: para escolher uma leitura, realizar empréstimo ou devolução. Possível de ser feita no intervalo do recreio, ou entre as aulas e de troca de professor, ou com a finalização de uma prova ou de outra avaliação, ou seja, é uma frequência de permanência curta. Para realizar um trabalho ou pesquisa não daria, mas para obter algum material para realizá-la. Mesmo que o professor libere o aluno para ir à biblioteca para tal fim, o aluno teria que ser breve.

Entre os nove alunos que preferem utilizar a biblioteca no contraturno, um não justificou; dois informou por facilitar o acesso; dois por dispor de tempo livre; dois pelo ambiente estar mais silencioso; um por estar mais proativo; e um por ter menos estudantes no local.

Dois alunos associam ambiente tranquilo e silencioso como condição que “*ajuda a refletir sobre o que lê*” e “*facilita a absorção do conhecimento*”. A partir daqueles que apontaram as razões dessa preferência, observou-se que a facilidade de acesso, silêncio e ambiente tranquilo são condições relevantes para o aluno utilizar a biblioteca da escola.

Na opinião de dois alunos, o contraturno significa tempo livre para utilizar esta biblioteca. Quatro mencionaram preferir utilizá-la à noite, justificando ser mais agradável por estar mais silenciosa e por eles próprios estarem mais despertos. Segundo esses alunos, tais condições colaboram para a qualidade da leitura e estudo. Um deles entende que a tranquilidade no local, no período da noite, está relacionada ao menor número de alunos na escola. Um aluno da noite, que também frequenta outra biblioteca, disse que utiliza a biblioteca da escola durante a tarde. Para ele, mesmo que neste período as escolas tenham maior movimento, ele tem que frequentá-la porque precisa da biblioteca. Dois alunos não apresentaram justificativa.

Quanto ao uso de outras bibliotecas, treze alunos⁸³ responderam não utilizá-las; dez informaram que sim, e um aluno não respondeu. Dos que informaram não utilizar outras bibliotecas, quatro deles informaram que também não frequentam a biblioteca da escola, e dois indicaram utilizá-la, mas eventualmente.

Dois alunos não justificaram porque não frequentam outras bibliotecas. Os que se manifestaram informaram que

- a) a biblioteca da escola está mais próxima, tem o que precisa e é gratuita⁸⁴;
- b) falta de interesse;
- c) conhece apenas a biblioteca da escola;
- d) faz uso da internet;
- e) compra livros;
- f) não tem o hábito de ler;
- g) não gosta de ler.

As bibliotecas que os alunos fazem uso fora da escola são: a Biblioteca Pública, citada por seis deles; e indicadas uma única vez, cada uma por um aluno: a biblioteca de uma empresa da região; a biblioteca do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), onde faz curso técnico; a biblioteca do SESC; duas bibliotecas de outras escolas; e biblioteca *on-line*.

O uso da biblioteca pública dá-se porque essa unidade: a) oferece maior opção de livros (três indicações); b) ajuda nos estudos (um); representa uma alternativa quando não encontra o que precisa na biblioteca da escola (um); d) oferece acesso à internet e o aluno recebe orientação de um profissional (um) o que facilita a realização das pesquisas.

Os alunos procuram a biblioteca pública para realizar trabalhos e pesquisas; conhecer livros novos; e para explorar temas de interesse pessoal a partir de documentos encontrados, especificamente, nessa biblioteca.

A procura por outras bibliotecas além da biblioteca pública dá-se:

⁸³ A fim de se obter maior precisão das informações relativas ao uso da biblioteca da escola, e de outras bibliotecas, os dados dos questionários aqui indicados foram confrontados com o das entrevistas, cujo resultado encontra-se no quadro 7.

⁸⁴ A expressão “gratuita” está vinculada à educação pública. A escola pública é mantida com recursos de impostos pagos pelo cidadão. Contudo, em algumas bibliotecas/escolas pesquisadas cobra-se do aluno a feitura de carteirinha para poder utilizar a biblioteca. Os recursos são utilizados para comprar livros, quando deveriam ser adquiridos com recursos públicos.

- a) pela possibilidade de ampliar conhecimento;
- b) por ter mais opção de livros;
- c) por facilitar o acesso;
- d) por encontrar livros que não têm na biblioteca da escola.

Os alunos procuram essas bibliotecas para estudar para provas; fazer trabalhos; conhecer outras histórias; obter mais conhecimento; e para ler.

6.5 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

O Discurso do Sujeito Coletivo apresentado nesta seção - resultado final da técnica de Lefèvre e Lefèvre (2005a, 2005b), cuja aplicação neste trabalho é descrita no capítulo referente aos procedimentos metodológicos -, revela a soma das “peças discursivas” oriundas de vinte e quatro discursos individuais, ou melhor, dos DSC - respostas das questões de entrevista. A composição final desse discurso coletivo possui marcas trazidas do momento da transcrição das entrevistas; durante o tratamento dos discursos; e da composição final desse discurso coletivo. Do momento das transcrições aparecem *reticências entre colchetes*, adotadas para suprimir expressões que pudessem identificar as escolas, os entrevistados e outros do contexto escolar, e *expressões em itálico, colocadas entre colchetes*, para esclarecer algum aspecto da fala dos entrevistados. Na etapa da aplicação da técnica do DSC as marcas trazidas nesse discurso referem-se, ainda, às *reticências entre colchetes*, indicativas de exclusão de parte dos discursos durante o seu tratamento técnico, e às *expressões-chave, negritadas e sublinhadas*, indicando ancoragens. Também foram utilizados conectores - *expressões sublinhadas, e entre parênteses*, para a composição do DSC final trazendo fluidez à fala coletiva.

O DSC revela o imbricar do vivido no passado, a permear o sentido ou o significado que o sujeito coletivo tem de biblioteca escolar no presente, o qual é sustentado e sustenta representações sociais sobre esse objeto. É iniciado com o DSC das respostas apresentadas à pergunta 3, do roteiro de entrevista. Segue com o relato dos momentos que o sujeito coletivo mais utilizou a biblioteca da escola; da concepção que tem desse espaço; que uso fez/faz da biblioteca da escola e para que; a percepção do papel dessa unidade escolar; a biblioteca escolar ideal; o uso que fez/faz de outras bibliotecas; e outros dados acerca da vivência com a biblioteca escolar.

Neste discurso coletivo, o leitor observará a variação de expressões, como “aqui”, “ali” e “lá”, por exemplo, utilizadas pelo sujeito coletivo ao referir-se à biblioteca da escola. Isto decorre da impossibilidade da realização de algumas das entrevistas no espaço da biblioteca devido ao barulho no local.

Na sequência apresento o discurso do sujeito coletivo “aluno” prestes a concluir a educação básica em escolas públicas estaduais de SC, acerca do sentido que tem de biblioteca escolar.

A primeira vez que eu vim na biblioteca [...] foi no primeiro ano [...] a professora sempre trazia [...] para [...] escolher um livrinho. [...]. [...] [e] deixava [...] pegar livros à vontade. [...]. [...] a gente fazia a carteirinha, [...] [e] tinha um período pra vim. Daí vinha a sala inteeeeeira [...]. [...] não podia sair da data senão pagava multa. [...]. [...] os professores costumavam levar [...] pra uma aula de leitura. [...] eles liam [...] ou até a bibliotecária lia uma história [...]. [...] a moça [...] da biblioteca [...] ficava num canto da sala, e nós [...] em volta dela e ela lia vários livros [...]. Isso marcou bastante. Porque [...] incentivava a gente a procurar ler, pra saber o que estava escrito, [...] as imagens que tavam no livrinho. Isso trouxe bastante interesse. [...] a gente começou pegando livros pra ver imagens. [...] depois [...] gibi [...]. Depois [...] livro maior. [...] até sem a turma eu vinha com as [...] coleguinhas [...]. Toda semana. Desde a primeira série [...]. Era bom. [...] eu [...] comecei a ter o gosto pela leitura usando [...] gibis [...]. [...] O professor falava [...] e a gente vinha. [...] até a [...] sétima [série]. Era mais na aula de português. [...] mas a biblioteca [...] na época do Primário⁸⁵ [...] não era bem [...] uma biblioteca. [...] era um local onde a gente fosse pegar os livros, só, e fosse pra sala pra ler ou pra estudar das matérias [...]. [...] na sexta série foi [...] quando ela, realmente, deu esse “ar” de biblioteca, onde tá todos os livros, o pessoal pode vir ler, estudar, [...] os professores trazendo a gente pra ler, [...] pra ver [...] sobre trabalho [...] pra tá lendo, [...] estudando [...]. [...] na primeira série [...] Toda sexta-feira a gente pegava um livro pra ler [...] final de semana. Daí [...] renovava [...]. [Era] O ano inteiro [...]. [...] e lia a semana inteira [...]. [...] foi aqui que eu aprendi a ler. [...]. [...] na terceira ou quarta série [...] eu costumava [...] pegar [...] livro pra ler. Pegava [...] pequeno, porque sabia que ia dar conta. [...]. [...] em média [...] quatro livros por mês. [...]. Depois foi parando [...]. [...] Cada um pegava uma coisa pra ler e era toda semana [...] até a quarta série [...] utilizava bastante pra pegar livro, [...] [e] eu gostava de

⁸⁵ Referindo-se à designação anterior das séries iniciais do atual ensino fundamental.

ler livros pequenos, [...] com ilustração [...]. [...] eu gostava [...] do Sítio do Pica Pau [Amarelo]. [...] teve momentos que a professora trouxe a turma. [...] a gente vinha, pegava os livrinhos, levava pra casa, fazia rodízio. E [...] teve momentos que a gente vinha [...] no recreio [...] pra pegar o livro, levava pra casa, eu lia com a minha mãe [...]. Isso era [...] primeiros anos. [...] na terceira série [...] a professora trazia [...] e às vezes ela gostava [...] porque [...] a gente lia [...] histórias e depois fazia alguma atividade aqui [...] mesmo. [...] assistia [...] filme. [...]. [...] faziam teatro na biblioteca [...]. [...] tinha um trabalhinho [...] a gente pegava livro [...] na biblioteca [...] e apresentava um teatro [...]. [...] tinha festa à fantasia. [...] um monte de coisa legal [...]. [...] podia pegar livros novos, com conteúdos diferentes. [...] aquele negócio de “Ah, agora eu posso ler conteúdo de pessoas mais velhas”. [...] como O Código Da Vinci, que eu sempre quis ler, pude ler [...]. [...] eu utilizei muito a biblioteca por volta da terceira até quinta série, [...] na sétima série eu também usei bastante [...] pra pegar livros pra ler e me interessar mais nos estudos. Eu gosto bastante de literatura. [...] às vezes eu marcava com uns amigos e a gente vinha pegar livro [...]. [...] no horário do recreio, ou começo, ou final da aula. Sempre quando a biblioteca tava aberta [...]. Na sexta série [...] eu peguei [...] o Tosco. [...] foi o livro que eu mais gostei. [...] li várias vezes [...]. [...] a professora incentivava bastante [...]. [...] não era [...] como nas outras vezes, [...] mas a gente vinha bastante [...]. [...] no Pré, no Primário usava mais. [...]. [...] até [...] sexta-série usava bastante o livro [...] pra fazer estudo na biblioteca. Geralmente era Português [...] de primeira à quarta era só um professor [...]. [...]. Agora, acho que vão mais na sala de vídeo. Quando eu vinha as pessoas [...] não se interessavam muito pela leitura. Às vezes os professores traziam, e os colegas não liam [...]. [...] não aproveitavam esse momento [...]. [...] E [...] na sétima e na oitava, [...] um professor [...] fazia [...] a gente vim na biblioteca, pegar um livro, ler, fazer um resumo e entregar [...]. [...]. Em algumas aulas de português no [Ensino] Fundamental [...] a gente pegava livros da literatura brasileira, fazia teatros [...]. [...] na oitava série [...] o professor [...] que [...] dava português [...] incentivava os alunos a ler. [...] ensinava a gramática, a leitura de uma forma que você [...] sentia amor pela leitura. [...] foi o tempo que eu mais vim pra biblioteca, pegava livros e lia, [...]. Aí [...] comecei a gostar de ler. [...] na oitava série [...] eu tinha um trabalho de biologia [...] vim atrás de uns livros [...]. [...] achei um [...] de anatomia muito interessante. [...]. [...] a partir disso [...] eu vinha [...] sempre pegar livros de biologia e anatomia porque eu desenvolvi esse gosto, e [...] quero fazer medicina [...]. [...] no nono ano não vinha tanto. [...]. [...] eu era mais ativo na biblioteca [...] no Primário [...]. [...] e no

[restante do Ensino] Fundamental, [...] também, [...] e pegava o livro que quisesse ou [...] só olhava, podia trocar quem ainda tava lendo. [...] toda semana tinha contato com a biblioteca. Era legal [...] porque foi quando eu [...], realmente, [...] deixei de ler [...] livros infantis pra ler [...] uma literatura mais avançada. E [...] era legal porque toda hora eu via muita gente [...] do Ensino Médio, [...] do [Ensino] Fundamental. [...] via aquilo e [...] percebia que [...] era importante e [...] legal [...]. [...] E com o tempo eu fui utilizando mais a biblioteca pra estudo do que pra leitura. [...] vinha com os [...] amigos fazer trabalho, [...] [os responsáveis pela biblioteca] auxiliavam [...] às vezes [...]. [...] no Laboratório [...] tem que marcar horário. Então, a gente vinha pra biblioteca. [...]. Os laboratórios das [...] disciplinas [...] têm os professores pra ajudarem no estudo. [...] o de português tem livro. Tem literatura lá. [...] a gente [...] pode pegar [...] ou [...] nos dão. [...] na sexta série [...] deram o [...] Tosco pra [...] Ler e levar pra casa [...]. [...] Mas eu utilizei mais a biblioteca foi [...] até a quarta série, e depois foi mais pra estudo do que pra leitura. [...] Dali pra frente eu perdi um pouco o interesse [...]. É mais pra vir com os colegas estudar e tal. [...]. [...] livro pra pegar, pra poder fazer cartazes, [...] pra [...] ficar mais em silêncio e conseguir estudar. [...]. [...] Durantes esses anos eu peguei, li livros mais para [...] trabalho e provas. [...]. [...] No primeiro [ano do Ensino Médio] [...] todo bimestre a gente tinha que ler um livro e apresentar [...]. Era [...] todo mês [...] na biblioteca, pegar um livro, ler, fazer um resumo e entregar [...]. No primeiro ano eu peguei um livro pra fazer [...] um trabalho de Português [...]. [...] e [...] fazer uma prova [...]. Foi muito bom, porque eu li todo o livro. [...]. Era Literatura brasileira [...] Vidas Secas. [...]. [...] E esse foi um ano que a gente veio [...]. [...] a [...] professora [...] fazia isso [...] constantemente [na biblioteca]. [...] [...] no segundo ano [...] foi [...] mais pra livros que a gente tinha em casa. E agora, [...] no Ensino Médio são mais nas aulas de português [...] pra apresentar em sala de aula, o livro [...]. [...] como estudo de noite eu pego o livro aqui e levo pra casa pra fazer os trabalhos [...]. [...] Ultimamente eu não tenho vindo tanto. [...]. Agora a gente não usa muito. Têm bem poucos [professores] que trabalham [na biblioteca], porque não tem muita matéria. [...] tem [...], mas muitas matérias eles focam mais no ensino mais normal [...]. Português nem tanto. Cada matéria tem seus livros [...] que [...] entregam no início do ano e no final do ano tem que devolver. [...]. Agora é mais os livros próprios do ensino. [...]. Agora a gente [...] quase não vem. [...]. [...] agora [...] eu venho mais por conta, [...] por vontade minha mesmo por ler. As outras eram pra fazer atividades. [...] no Ensino Fundamental [...] era toda semana [...] E agora é diferente [...] que a gente vem só quando necessita mesmo. [...].

[Então] [...], agora [...] eu tô usando mais a biblioteca. Porque antes, [...] no Ensino Fundamental, [...] ia [...] semanalmente pra pegar o livro, mas eu quase não ia lá, fora isso. Mas agora, como tem que ler [...] livros de vestibular e tá fazendo as atividades de sala, [...] eu acabo [...] aqui na maior parte do tempo. [...] no primeiro ano eu já comecei a tá frequentando mais aqui, entendeu? Mas é mais esse ano [...]. Passo muito tempo aqui.

[Biblioteca escolar?] [...] **basicamente é o conceito, né? É o lugar onde ficam todos os livros** que a escola recebe, alguns do governo, a maioria na verdade, que eu vejo, que eu pego e tem o selo do governo. [...]. **Um lugar [...] onde guarda os livros.** [...] é o espaço onde tem os livros [...]. [...] teria que ter livros [...]. Vir aqui e ter vários livros. [...] É o centro que [...] armazenam os livros que [...] professores, diretores, [...] ganham do governo, ou [...] que eles trazem. [...]. Aqui [...] tem [...] os mapas, [...] umas enciclopédias, [...] a TV [...]. É um lugar onde os alunos têm um acesso mais fácil a livros pra fazer pesquisas, porque [...] nem [...] todos têm internet em casa [...], e aqui [...] só tem uma biblioteca pública, no Centro [...]. Daí é [...] uma facilidade [a biblioteca na escola], [...]. [...] Aqui não tem muito, mas [em] outras bibliotecas, [...] geralmente têm outros tipos de livros, por exemplo, de cursos diferentes pra [...] estudar. [...]. [...] é um ambiente que a escola fornece [...], que auxilia [...] nos trabalhos, nas pesquisas [...]. [...] biblioteca não é só pra [...] pegar um livro pra ler [...]. É [...] pra estudar também. É o espaço onde os alunos podem se reunir [...] ter concentração pra estudar pra provas ou fazer trabalhos e pesquisas [...]. [...] é um lugar onde a gente [...] **[pode]** se ajudar, [...] querer pesquisar. [...] onde tu te sentes mais seguro pra [...] aprender [...]. [...] agora tem o computador [...], a internet, é mais fácil. Mas antigamente, [...] as pesquisas eram feitas todas aqui, né? É um lugar que é pra ser mais calmo, mais quieto que [...] as salas [de aula]. [...] ter mais silêncio [...]. [...] pra você se encontrar, se centrar e imaginar [...]. Aí você pode estudar. [...] é um espaço [...] para se ler. [...]. [...] um lugar [...] **[para]** ler livros por espontânea vontade de [...] querer ler [...]. [...] onde a gente pode pegar livros diferentes para distrair um pouco a mente, ler um pouco, até mesmo pra fazer trabalho, porque em português, [...] às vezes dão um trabalho sobre um certo livro e a gente tem que ler [...]. [...]. E [...] **[na biblioteca]** eles **[os professores]** ensinam as crianças, adolescentes a aprender a ler histórias [...]. [...] quando nós éramos pequenos, os professores sempre traziam aqui e faziam nós lermos livros e levar pra casa e [...] é legal porque você conhece novas histórias e vai aprimorando a [...] imaginação. [...]. [...] a partir da escola **[eu]** desenvolvi o gosto pela leitura. [...] desde o [...] Ensino Fundamental que

eu frequento [a biblioteca]. [...] graças à escola, eu gosto de ler e [...] escrever. [Esse espaço] É importante na construção mental de uma criança. Enquanto ela vai crescendo, [...] vai entendendo o conceito de leitura, que é importante pro crescimento dela na escola e na vida social [...]. [...] na [...] infância [...] [É] uma forma de aliviar a ideia do que [...] é o mundo pra uma criança. [...]. Aí conforme vai [...] passando o tempo a biblioteca traz [...] conteúdos [...]. [...] pra que [...] saiba do que [...] trata o mundo, o que [...] o mundo traz [...], o que vai trazer, [...] [a] preparando pro que vai vir. É [...] uma forma lenta, gradativa [...] de a escola [...] ensinar [...] como o mundo é [...]. É [...] fonte [...] de literatura [...]. Onde a gente pode [...] [se imaginar] em algumas histórias [...]. Eu [...] gosto muito de ler. Então, a biblioteca proporciona essa oportunidade [...] de [...] encontrar [...] literatura [...]. [...] Porque [...] livro é caro e [...] [a] internet [...] não tem todos os livros que a gente quer. [...]. [...] [Os] jovens deveriam frequentar a biblioteca escolar. Porque [...] a literatura é [...] muito importante [...]. [...] hoje muita gente preferiu ir muito pro mundo da internet, celulares. Esqueceu os livros, deixou os livros de lado. [E] [...] ler um livro [...] traz mais benefício do que ficar só atrás de uma rede social. [...] é um local onde a gente vem pra “viajar” [...]. Porque quando a gente lê, querendo ou não, [...] “viaja” [...] sai da [...] realidade pra viver outra [...] mesmo na escola, pra [...] conhecer outras coisas [...]. [...] se desligar [...] das conversas de dentro da sala. [...] ficar no teu canto, ler um livro [...] e pensar [...]. É um espaço onde a gente pode se refugiar. Porque na sala de aula muitas vezes é imposto conceitos [...], e a biblioteca é o lugar onde a gente encontra livros, e o livro [...] abre a nossa mente [...]. Então, é um lugar de descoberta, um lugar de refúgio. Biblioteca pra mim é tudo. [...]. É a fonte do nosso conhecimento [...]. [...] um lugar onde fica muito conhecimento armazenado de diversos temas [...]. É [...] onde a gente pode buscar o conhecimento [...]. Porque nos livros a gente pode buscar qualquer coisa, desde uma receita até conhecer novos lugares [...]. [...] com um livro você pode conhecer [...] qualquer lugar do mundo. [...]. [...] onde [...] a gente pode aprimorar [...] conhecimento [...], [...] aprofundar os estudos. [...] conhecer mais, [...] saber de outras histórias e [...] se aprofundar mais no que a gente quer conhecer. [...]. [...]. [E] [...] a biblioteca oferece esses livros de vestibulares [...]. Agora que a gente tá no Ensino Médio, pensa né? [...]. Então, [...] é um local de conhecimento. [...]. [...] [inclusive] do modo de a gente pegar livros, pra [...] ter um pouco mais de cultura. [...] vindo na biblioteca a gente tem essa oportunidade de poder ler e poder aprender um pouco mais, [...] não só da coisa da sala de aula. Porque [...] livro [...] não traz só os métodos científicos, né? Ele traz também as

experiências que outras pessoas tiveram na vida [...]. [...]. Enfim, [...] Apesar de não ser muito usado, acaba sendo o nosso espaço.

[...] o papel dela além de proporcionar esse [...] lugar a mais pra gente fazer as pesquisas, [...] é [...] ser usado para incentivo à leitura [...]. Porque muita gente [...] não tem acesso aos livros. [...]. Eu não tive esse acesso quando [...] menor e foi por causa da biblioteca da escola que eu comecei a ler, entende? [...] esse acesso [...] nos ajuda, ajuda as pessoas. [...]. [...] quanto mais a pessoa lê, se interessa pela leitura, mais ela aprende o que [...] tá acontecendo pelo mundo, [...] pode aprender mais e é muito bom ler. [...] prestar atenção só naquilo que [...] tá interessado [...]. [O papel dela] [...] é [...] como foi no Ensino Fundamental. É mais pra ajudar você aprender, os menores a começar a ler e também [...] os livros do vestibular. [...] é só [...] porque [...] aqui [...] não tem muito livro de cursos [...] que eu possa fazer depois. [...] tem mais [...] pra [...] passar o tempo [...]. [E tem também] O papel de [incentivar] as pessoas pegarem o próprio livro com vontade. [...] pegar forçado [...] não vai terminar. Ler e se esforçar porque a leitura é a base de tudo, [...] da escrita, da fala. [...] a leitura influencia muito, tanto na escrita como falar em público [...]. [...] como não tive muita leitura durante o pré e quarta série, prejudica [...] na hora da escrita. Sinto bastante dificuldade. [...]. [...] [Então, o papel dessa biblioteca] é mais influenciar [...] a leitura, [...] a conhecer novas histórias. Porque às vezes as pessoas vêm livros só como literatura brasileira e leitura [...] que tem a linguagem antiga. E livro não é só isso. [...] ler outros autores, até mesmo brasileiros, [...] que contam histórias, às vezes, da tua idade ou coisas que pessoas mais velhas tiveram experiência e tão contando ali pra ti, [...] é isso que a biblioteca proporciona, né? Histórias que a gente pode experimentar viver um pouquinho junto. [...]. [E] [...] tentar mudar um pouco a geração que tá vindo agora. [...] uma geração mais tecnológica que simplesmente se preocupa com celulares, tablets, joguinhos. [...]. As crianças de hoje [...] Não querem mais saber de pegar um livro, de saber como é um livro [...]. [...] só pegam o celular [...]. [...]. Hoje em dia as crianças [...]. [...] vêm pra biblioteca, pegam um livro, levam pra casa [...]. [...]. Nem tiraram da mochila. [...]. Então, eu gostaria que pegassem esses livros e a escola [...] teria esse papel de transmitir, esse velho costume, essa tradição [...] de a criança poder ler o livro, tocar o livro [...] ter aquele sentimento [...] de ver, de conseguir ler um livro pela primeira vez. De pegar as ideias dali, do que aquilo [...] trata, do que uma fábula traz [...]. [...]. Porque a leitura é tudo [...]. [...] pra tudo precisa de leitura [...] Para o desenvolvimento da fala, [...] para se saber as palavras, para o conhecimento [...]. Principalmente para as

crianças que estão se desenvolvendo agora, a leitura é muito importante. A facilidade com livros [...]. Pegar alguns. [Então,] É um papel bom. [...]. A nossa biblioteca é bem servida de livros. [E] [...] o livro ajuda [...] muito os jovens até a se expressar, no jeito de falar, né? [...]. [E] [...] ter mais conteúdo [...], [...] ter palavras dentro da sua mente pra acrescentar numa conversa [...] hoje em dia [...] voga muito. [...]. Se todo mundo viesse aqui pra pegar um livro pra ler e focar numa leitura, [...] não tinha uma redação do Enem que os alunos não fossem bem. [...] muita gente não vai bem [...] porque não gosta de ler. Eu [...] já ouvi falar, “Ai, fui mal na redação”, mas detesta ler livro. [...]. Os jovens [...] têm que ler mais [...]. [...] O papel da biblioteca é fornecer mais conhecimento sobre a literatura, histórias brasileiras [...] que [...] acrescenta mais palavras [...]. [...] [Os] livros [...] têm muitas palavras que a gente não conhece no dia a dia [...]. [E com esse papel de] [...] trazer um pouco de cada conhecimento, principalmente de Literatura e ensinar a História. [...]. [...] os alunos do Primário [...] pegam os livrinhos e [...] é bem importante. Porque [...] foram momentos [...] que eu passei aqui e eu tenho guardado [...]. [...] [É] importante pro pessoal do Primário e [...] do Ensino Médio [...]. [...] os livros do vestibular [...] a gente tem que tá recorrendo a outras bibliotecas, ou [...] procurando nos sebos e [...] tem algumas obras aqui, e é fácil acesso, né? [...]. [...] É um bom lugar pro pessoal conseguir, às vezes, distrair a mente, que tem vários livros diferentes e às vezes as provas, os trabalhos deixam a gente bem estressada. Eu gosto [...] de ler pra escapar um pouco do dia a dia. [O papel dela, também] É auxiliar [...] se a gente tiver alguma necessidade, querer fazer alguma pesquisa. [...] ajudar os alunos, [...] os próprios professores [...] nas matérias. [...] aqui [...] são duas [professoras], né? Uma [...] num horário, outra [...] no outro. Elas [...] recebem os alunos [...]. [...] cuidam [...] dessa biblioteca [...] organizando, tirando livro, colocando [...] tudo em ordem alfabética. [...] tudo certinho: história, geografia, matemática. [...]. [...] ajudam [...] os alunos [...] pra matéria, pra trabalho, [...] pesquisar, [...] indicam os livros [...]. [A biblioteca exerce um papel] [...] importante porque é a fonte de livro e livro é conhecimento [...]. [E] [...] para os que usam a biblioteca [...] é bom. É um meio de conhecimento [...]. Pra quando surgir dúvida, ler, fazer pesquisa. [...]. Se aprofundar mais nos estudos e ter mais conhecimento. [...] tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola [...]. [...] pra pesquisas. O Ensino Fundamental usa bastante pra pegar livro, só. [...] [E] Livro, [...] por mais que seja uma história, uma fantasia, [...] traz conhecimento, traz uma coisa nova, exercita a mente e isso é importante para os alunos [...]. Às vezes um tem [...] alguma dificuldade, mas

estimula o pensamento. E tem [...] atlas, [...] enciclopédias [...] e os livros didáticos também, do professor, e [...] isso é importante. [...] ajuda bastante. [...]. Pra adquirir conhecimento. [...] é um lugar de estudo. [...]. Muitos alunos vêm pra cá no intervalo e tal. Então, é bom que é um espaço de concentração e que a gente tá sempre aqui reunido e estudando e se ajudando. [...]. **[Para]** Trazer um conhecimento maior porque a gente tem acesso gratuito e tudo, e tem pessoas que não aproveitam. [...]. [...] parece que a maioria das pessoas nem sabe da existência dela. É meio estranho. [...]. As pessoas estão deixando de ler. [...]. E ela tá ali parada e [...] sei lá, não tem muitas pessoas que vão ali ler. Ler é importante, né? Tem vários livros ali, de histórias, tem [...] pra estudar. [...]. E tá sempre tendo livros novos ali. Mas, hoje a galera não se interessa muito [...] em ler. Tem aquelas pessoas que se interessam, mas a maioria não se interessa. **[Então]** [...] o papel dela [...], hoje, sei lá [...]. [...] fica difícil dizer, [...] até porque à noite já não é muito freqüentada, [...] aqui é como se fosse um espaço esquecido. Porque eu [...] não vejo ninguém vindo aqui. No máximo pra vim aqui pra pegar um livro [...] que é didático que a gente tem que usar na aula, [...] mas [...] à noite não vejo este espaço ser utilizado. Até porque [...] Pra ser uma biblioteca não devia ter esses livros assim no meio do caminho. Tinha que ser uma coisa mais organizada. Então, pra mim, é uma coisa meio abandonada na escola. Pelo menos no período da noite [...].

[A biblioteca precisa ter] Livros, né? Bons livros. [...]. Muitos livros. [...]. [...] de tudo um pouco. [...] tudo que eu procuro e [...] saber que vai ter, entende? [...] vou estudar agronomia. [...] e eu sei que vai ter especificamente aquele livro pra mim. Pode não conter tudo, [...] mas pelo menos algo que me ajude seria bom. Uma quantidade de livros [...] de cada área. [...] história, literatura, e por aí vai [...]. Uma grande diversidade de livros. Porque a biblioteca [...] é um local de conhecimento [...]. E quanto mais [...] disponibilidade, mais assuntos [...] tiver, melhor pro aprendizado da pessoa. Porque [...] hoje em dia tem internet [...] mas o livro ainda é uma importante forma de aprendizado. [...] na internet tem muita coisa, mas muitas vezes errada. O livro não, [...] tem uma coisa [...] verificada, corrigida, [...]. [...] uma certeza do conteúdo [...]. [...] aprovação de uma editora, uma análise ortográfica. Tudo certo [...] perante [...] as leis do país, né? Então, é mais confiável que [...] internet. [...]. **[Então,]** Na biblioteca [...]. [...] com certeza, [...]. [...] os livros são os principais, né? Porque você não faz uma biblioteca se [...] não tiver livros. [...]. Porque [...] os livros [...] são a leitura. [...]. **Quando se fala em biblioteca já se pensa em livro, né?** Só que tem que ter aqueles livros pra gente conhecer mais [...] [...]. [...] ter uma [...] certa quantidade

de assuntos, de livros diferentes, [...] para poder se aprofundar mais [...], não ficar só [...] numa determinada [...] leitura. [...] [Ter uma] diversidade de livros pra poder fazer pesquisa [...] pra conhecer mais, aprender mais [...]. Tem que ter muito livro. É igual aqui [...] tem ainda bastantinho. [...]. [...] [É preciso ter] bastante livros variados, tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola [...] de vários autores pra gente pesquisar mais. [...] livros infantis e de vestibular [...]. [...] livros de vários estilos, de autores brasileiros e [...] estrangeiros, [...] uma diversidade de gêneros e de livros [...] pra tá motivando todos os alunos a ler. [...] livros para preparação de provas também [...], por exemplo, eu que tô estudando para o vestibular, tenho que sair e comprar alguns livros [...] que não têm aqui, né? Esses mais complexos [...]. [...]. E [...] livros pra lazer também. [...]. Porque tem gente que gosta de literatura clássica. Eu [...] gosto, mas [...] da minha sala não conheço ninguém que gosta [...]. Então, tem que ter todos os gêneros pra [...] poder agradar todo mundo e trazer o contato da pessoa na biblioteca, porque [...] é importante pra todos. [...] eu gosto de uma leitura que é mais literatura adolescente porque eu ainda estou nessa fase, [...] literatura infanto-juvenil, né? Mas, também [...] gosto [...] da literatura [...] adulto romântico. Eu gosto disso, mas tem pessoas [...] que gostam mais da literatura [...] moderna, [...] realista. Então, deveria ter todos os gêneros pra que [...] as pessoas pudessem ler [...] daquilo que [...] gostam. Porque não adianta nada ter uma biblioteca só de livros de literatura brasileira, do realismo, ou [...] só livro infanto-juvenil, porque tem pessoas que não lêem todos os livros, mas aqueles que elas gostam, elas lêem. Então, é uma oportunidade da pessoa ler alguma coisa. [...]. Tem que ter vários livros diferentes pra todos os gostos. Livros [...] para determinadas idades, os quais tragam ensinamentos [...]. [...] trazer um incentivo pra [...] brincadeiras [...] e não [...] à tecnologia. [...] que a biblioteca [...] trouxesse [...] um conteúdo literário maior. [...] pro Ensino Fundamental (quinto ano) até o terceiro [do Ensino Médio], trouxesse um interesse maior para os jovens, por causa que eu não tive, literatura brasileira [...]. [...] muitas obras boas [...] esse colégio não tem. [...]. Muitos [alunos] compram. [...]. Quando eu lia bastante eu comprava livros, [...] obras de autores estrangeiros [...] têm, algumas coisas [...] interessa bastante. Só que autores brasileiros que é que devia ser focado não têm, entende? [...] a biblioteca tem que ter livros, obviamente, [...]. E também [...] mapa, TV [...]. Revistas, [...] e material didático. [...] jornais pra ter informação. [...] atlas, [...]. [...] filmes [...] que a escola deveria ter [e] eu não vejo. [...] livros que acrescentem. [...]. [...] vai te fazer amadurecer. [...]. [Ter] Uma variação de livros. [...] pra qualquer [...] idade e de diversos

assuntos [...]. [...] [Oferecer] livros que você goste de ler, [...] mas também te ensine alguma coisa. [...] livros que chame a atenção dos alunos, porque ultimamente a biblioteca tá meio esquecida. [...] Aí, tem que dar um toque [...] para os professores alertarem os alunos pra voltarem a ler. [...] na sétima ou oitava série, eu tinha uma professora de português que toda semana [...] pegava os livros daqui e levava pra gente fazer uma leitura de uma aula. [...] E hoje eu não tenho mais isso, e eu gostava. Aí eu parei de vim aqui pra pegar livro. [...] Aí eu comecei a ler livro [...] que a minha amiga compra, lê e me empresta. É assim. Eu não tenho muito contato com a biblioteca hoje em dia como antes eu tinha. **[E]** [...] a sala deveria ser um pouco mais ampla, como aqui é [...] muito apertado, não cabe muitos alunos. [...] aqui [...] só de manhã são mais de mil e poucos alunos. Então, a gente necessita da biblioteca maior [...]. A minha turma [...]. Tem quarenta alunos. [...] Daí muitos ficam em pé [...]. Aí não tem um lugar maior na escola pra fazer [pra ampliar a biblioteca]. Mas, na hora que eles conseguirem **[verbal]**, eu acho que [...] vão fazer, né? Porque [...]. É um lugar ótimo pro pessoal fazer as coisas. [...] **[E ela]** deve ter um espaço confortável [...], porque leitura em espaço desconfortável [...] não vai pra frente. [...] Você tem que se sentir confortável numa biblioteca. [...] E, **[ser]** um local aconchegante [...]. [...] teria que ter [...] uns computadores pro pessoal pesquisar juntos, entendeu? **[É]** [...] um auxílio bastante grande porque [...] eu particularmente [...] leio muito mais [...] na [...] [tela] de um computador, na internet, do que num livro. Eu consigo me adaptar muito melhor [...]. Não consigo pegar um livro [...] e ficar lendo [...]. **[Na biblioteca]** [...] deveria ter também acesso à internet porque [...] aqui na nossa biblioteca a gente tem o livro, o computador, mas a gente não tem acesso à internet, entende? [...] se já tivesse só o acesso à materiais específicos, sites só de pesquisa [...] por exemplo, o “Hora do Enem” [...]. [...] pra nós já seria bem útil. Porque dá de fazer simulados, [...] aqui dentro [...]. [...] porque [...] o Laboratório de Informática a gente só usa com os professores, né, e tá sempre sendo usado [...]. Então, a gente acaba não indo lá. [...] se aqui funcionasse a gente poderia tá respondendo as questões [do Enem] com o apoio dos livros pra tá aprendendo mais, entendeu? [...] **[E]** seria bem legal, também, essa proposta da tenda. De contar [...] histórias. **[Ter também]** [...] uma decoração onde a criança e os adolescentes poderiam interagir. [...] cada semana alguém podia trazer uma frase de um livro e colocar no mural [...] pra [...] gente usar mais a biblioteca. [...] **[E ter]** Silêncio. [...] ambiente muito calmo. [...] **[Porque]** um aluno não vai conseguir ler um livro, [...] numa sala de aula [...] numa turma bagunceira. [...] A biblioteca é um lugar calmo onde exige muito

*silêncio. [...] é mais tranquilo pra gente pensar, refletir, ler [...]. [Um] [...] ambiente [...] pra leitura mesmo. [...] pro aluno ficar, realmente, centrado no livro. Porque [...] lá na nossa sala [...] é muita conversa. [...]. [...] é do lado da quadra [de esportes] e as crianças brincam ali e às vezes é difícil até de ter aula, entende? Então, [...] a biblioteca tem que ter [...] um ambiente [...] pra tu ler, sabe? [...]. Deve ter tudo que o professor precisa pra trabalhar [...] no que o governo manda no plano didático. [...] ter sempre [...] um professor cuidando, porque se não cuidar pode ser que vá alguém ali, estrague. [Ter] Alguém que administre [...]. [...] ser organizada. [...]. O principal de tudo é a organização. [Ter] [...] regras [...] Silêncio, manter organizado, entregar os livros na data marcada e **não rasurar o livro, não rasgar, não molhar. Essas regras básicas de uma biblioteca.** [...] pra manter tudo em ordem [...]. Pra [...] todo mundo ficar feliz. Tanto o bibliotecário quanto o aluno [...].*

Eu venho bastante aqui [...]. Quando ela está aberta [...]. [...] ela ficou um tempinho fechada [...], [...] estava sem bibliotecária. Mas, nesse ano a gente usa bastante pra [...] pegar livros pra fazer trabalhos [...] de literatura [...]. Pelo menos uma vez no mês eu venho pegar um livro pra ler [...]. [...] pra ver se tem alguma coisa, algum livro que me interessa, porque eu gosto muito de ler [...]. Aí eu sempre venho [...]. [...] É que o livro tem que me chamar a atenção pra eu ler [...]. [...] [...] quando eu tenho tempo, eu freqüento [...]. [...] [Empresto] livros [...] pra ler [...]. [...] Revistas [...], ainda mais em ano de vestibular [...]. No ano passado eu estudava de noite e eu trabalhava, fazia curso [...], então, [...] eu não lia. Mas neste ano como eu tô só estudando aqui na escola, eu venho direto aqui, [...] gosto bastante de vir [...] no horário de aula, sempre, [...] que eu tenho português [...] a professora entende [...]. Mas aqui eu não leio. Eu só pego o livro. [...]. Às vezes as professoras fazem provas [...] com os livros [...] e têm na biblioteca e [...] a gente aluga [...]. [...] senão, eu pego pra ter uma leitura mais dinâmica, [...] mais por lazer [...], [...] no recreio, geralmente. [Venho] [...] principalmente quando tem trabalho pra pesquisar em livro. Porque aqui tem bastante livros [...] [de] história, geografia [...]. Aí é mais fácil pra pesquisar. [...]. Eu utilizo bastante, porque eles têm uma variedade de materiais para pesquisa, tipo, biologia, química. E essas coisas a gente não costuma comprar [...]. Eu venho [...] faço as atividades de sala e depois eu leio os livros. [...] uso bastante [...] com os colegas, pra tá estudando pra prova quando a gente tem um tempo no intervalo de aula [...]. Daí é ótimo vim pesquisar aqui pra fazer trabalhos, me aprofundar [...]. [...] pegar livro [...], às vezes, pra passar um tempo [...] lendo um livro aqui [...]. Biblioteca, pra mim, é isso também. [...] antigamente [...] dependendo de como o professor

trabalhava a gente não utilizava muito os livros da biblioteca. [...]. Hoje em dia a gente tá usando. [...]. No primeiro e segundo ano do Ensino Médio [...], praticamente, não foi usado o livro da biblioteca [...]. Foi falado sobre obras literárias que [...] tinha aqui. Só que a gente não usou. Mas este ano a gente tá trabalhando. Literatura brasileira. Os clássicos [...]. [...] no Ensino Fundamental, eu utilizava mais, [...] agora eu utilizo [...] só que eu compro meus livros também. Eu gosto de ter os livros em casa pra ler. [...]. Agora [...] eu tô utilizando para ler os livros do vestibular porque é muito difícil achar em outros locais [...], que a Biblioteca Pública tem muita procura. E aqui na escola eles proporcionam vários [...] de cada. [...] mais de cinco [exemplares]. [...] é muito bom isso pra gente.

[...] eu não utilizo [...] tanto [a biblioteca da escola] por causa da internet. Porque a internet a gente sabe que tá nas nossas mãos, né?
 [...]. [...] quando não tem nada na internet eu pesquiso nos livros em casa. [...] aí eu não precisei mais vim aqui pra pegar livro pra fazer trabalho [...]. [...] tem internet, então, já é mais fácil [...]. [...] as pesquisas a gente faz sempre na internet [...]. [...] E livro [...] [de literatura], eu leio quando eu compro ou as minhas colegas têm [...] indicam [...] e eu leio. [...]. **[É que]** O meu interesse por leitura decaiu muito por causa de trabalho, eu não tenho paciência pra leitura mais, e [...] os livros da biblioteca [...] não cativam mais o meu interesse. São [...] os mesmos há uma década, [...]. Então, não me move mais nenhum pouco pra ler esses livros. [...] agora de noite a [...] professora [...] [indica] um livro, só livro [...] Fica a critério do aluno se quer ou não pegar daqui. É só isso mesmo, de noite que a gente vem pra biblioteca. [...]. [...] à noite não tem ninguém [...] pra ficar fixamente aqui [...] todas as aulas [...] pra atender. [...] nesse ano a biblioteca fechou, [...] Porque não tem muita gente aqui pra coordenar, organizar. [...] nas séries iniciais eu usava bastante. Agora, [...] nem tanto [...]. Muito raro, por causa que aqui só ficam os livros didáticos [...] que a gente usa em sala de aula [...]. **[E]** [...] eu não sou muito chegado a ler. [...]. [...] eu gosto mais de livro [...] técnico pra ler. [...]. Mas, [...] a partir da terceira [...], quarta série, eu ia bastante **[na biblioteca]**. [...] toda semana [...] [...]. Eu gostava de ler gibis, essas coisas [...]. Daí [...] pegava, [...] alugava, marcava teu nome. [...]. Iam bastante pessoas, por isso [...] a gente se interessava. [...]. Era bem legal. [...] até a quinta série [...] usava bastante. Vinha aqui fazer pesquisa. [...] da quinta série pra frente não fui mais. Só pra vir buscar os livros didáticos. Às vezes a professora de português [...] pedia trabalhos e a gente pegava livro daqui. [...] até [...] na oitava, sétima [...] eu vinha bastante, [...] os professores traziam

bastante. E quando você vai pro Ensino Médio daí eles não trazem muito. [...] E depois começou a ir na primeira série do Ensino Médio. Daí já acabou. Acho que a gente começa a trabalhar, essas coisas [...]. É muita coisa. [...] não tem muito tempo. [...]. Mas ano passado [...] toda semana a gente vinha aqui na biblioteca e lia [...] alguma coisa. [...] no Primário eu vinha com frequência [...]. [...] utilizava os livros. Só que no decorrer do tempo isso acabou, [...] não sei se foi [...] por ter passado pro Ensino Médio [...]. Até esse ano eu vim uma vez aqui procurar um livro e ainda fui mal atendida [...]. [...] eu [...] acabo não utilizando muito. [...] entre a primeira e quinta série a gente utilizava bastante [...], mas no decorrer do tempo isso foi se reduzindo, os professores não traziam. [...]. É, hoje, [...] pra ser sincero, não vou muito.

[Eu frequente] [...] A Biblioteca Pública [...]. [...] porque quando a gente não tem internet, né, meio difícil [...]. [...] eu até tenho internet em casa, agora, só que [...] na biblioteca é melhor porque [...] já te mostram as especificações dos livros, essas coisas. Quando eu preciso, realmente, de livro, [...] eu vou lá [...] porque [...] na escola não pode vim a tarde, e como estudo de manhã é difícil. [...]. Aí, eu vou [...] na Biblioteca Pública que é aqui do lado. [...] pesquiso lá no computador onde fica o livro. Aí mostra a prateleira [...]. [...] vou lá e pesquiso. [...] tem computador, [...] internet e acesso aos livros. [...] eu vou [...]. [...] quando eu [...] tô a fim de um livro e eu não acho por aqui. Ou, às vezes, pra ver livro pra trabalho escolar, que têm alguns aqui que [...] A gente só pode pegar [...] enquanto tiver na biblioteca, e lá eles emprestam. [...] também tem computador [...]. [...] e a minha mãe [...] é funcionária [...] [de uma empresa] [...] e às vezes eu pego livros lá. [...] só pra literatura [...]. Pra descontrair [...]. Sempre [...] tive muito o hábito da leitura. Como a minha mãe é professora e minha irmã, também, enquanto elas dão aula, às vezes [...] vou na biblioteca. Mas eu nunca fui [...] de ir em outras bibliotecas, né? Sempre fico nessas que estão mais próximas [...]. [E uso a] internet [...] Na biblioteca do SENAI [...]. [...] [onde] eu faço curso de técnico-eletrônica, [...] que precisa de bastante estudo e conhecimento. Daí eu pego livro voltado pra essa área [...]. [...] [E vou] na biblioteca do SESC que [...] tem vários livros infanto-juvenis. [Mas] [...] eu utilizo mais e-book mesmo, porque [...] baixa o livro e lê no celular, né? Porque [...]. [...] no celular [...] é mais fácil. Se tô no ônibus tô lendo [...].

Outras bibliotecas [...]. Não mais. [...]. [...] até porque eu também não utilizo muito essa, né? Então, eu acabo não utilizando outras bibliotecas também. [...] a maioria dos livros que eu quero ler, eu compro [...] ou eu baixo no celular. E os livros que eu uso na escola eu tenho em casa [...]. [...] quando eu me interesso por um livro [...] vou lá na internet

e já compro [...]. [...] às vezes [...] eu procuro livros que têm na biblioteca [da escola], [e] às vezes [...] eu acabo não indo [na biblioteca pública], porque [...] a comodidade da nossa casa não deixa a gente ir até lá [...]. [...]. [E que] [...] eu leio, mas eu não vou em biblioteca. [...] leio [...] só on-line, livros em geral [...] que me interessam [...]. Eu não costumo [frequentar outras bibliotecas]. Não leio muito, também [...]. Não gosto [...] muito de ler. [Mas] [...] o que eu não acho aqui eu vou em livrarias comprar [...] [e] para [...] alugar tem uma ali no Centro [da cidade], [...]. [...]. Mas [...] é bem disputado. [...] quando eu vou lá geralmente não tem o livro que eu quero. É a biblioteca pública municipal. [...]. Mas eu utilizo [...] essa aqui. [...] porque [...] é pertinho, [...] posso vim aqui porque ainda sou aluno. [...] encontro os livros que eu quero [...] até achei um que eu tava procurando há bastante tempo [...]. O estudo em vermelho [...] do Arthur Conan Doyle [...]. [...] tá meio gasto [...] parece [...] bem antigo [...]. [Mas eu venho] [...]. [...] segunda-feira eu faço Inglês aqui na escola. [...]. [...], aproveito e fico aqui. [...]. É a única que eu frequento [...]. [...]. Eu gosto bastante de ter livros em casa, [...] de reler várias vezes. Aí os que eu não encontro aqui eu compro. Mas [...] a maioria eu leio por aqui mesmo. Eu acho bem completa a biblioteca da escola. Então, eu não vejo necessidade de outras. A única biblioteca [...] na minha vida [...]. [...] me acostumei [...]. [...] não me importava com outras [...].

[E] [...] a biblioteca evoluiu bastante, porque [...] no Primário, não era bem uma biblioteca. Era [...] um lugar pra pegar os livros de vez em quando. Mais os didáticos. [...]. [...] quando eu cheguei na escola [...] a biblioteca [...] era bem menorzinha, [...] tinha poucos livros, [...] todos velhos. [Mas] [...] essa biblioteca [...]. Foi bem marcante pra mim porque eu via vários alunos [...] vindo aqui direto fazer pesquisas, ir atrás de respostas. Tinha uma dúvida vinha em outros períodos [...] pra [...] esclarecer [...]. [...]. Tinha [...] dois computadores. Os funcionários da biblioteca também usavam. [...] poderia vir a qualquer horário, mas se tivesse alguém tinha que esperar ou [...] corria atrás dos livros. [...]. [...] eu gostava de pegar o livro do Guinness Book [...]. [...]. [...] todo mundo queria aqueles livros, os mapas. [...] O Código Da Vinci [...] assisti ao filme e [...] quis ler o livro. [...]. Era uma leitura mais avançada [...]. [...] [E] tinha os livros que [...] até hoje deixam nesse armário, Guerra das torres, uma coisa assim. Era uma literatura mais estrangeira, todo mundo quis. [...]. O livro do Harry Potter [...] virou filme todo mundo quer ler. Aí ela [a responsável pela biblioteca] deixava escondido e tinha uma fichona, que [...] reservava os livros pra nós. [...] dava briga se a gente se atrasava. [...]. Era bastante confusão. [...] essa biblioteca [...] é bem

importante pra mim [...]. [...] eu ficava a tarde [...] pela escola [...] com outra filha de professora [...]. A gente era louca por livros. [...] vinha aqui, tava tudo bagunçado, [...] arrumava [...]. [...] ajudava as bibliotecárias [...]. [...] cada coisinha aqui na biblioteca me remete a alguma série que eu passei. [...] a [...] gincana [...] arrecadou bastante livro. [...]. [...] tinha tanta série boa, que muita gente, realmente, se interessou pela biblioteca. [...] a biblioteca é um espaço bom. [...] a gente deveria utilizá-lo mais, já que é [...] bem estressante estar no “Terceirão”. [...] a gente não teve [...] contação de histórias. [...] mas [...] eu gosto de sentar [...] no chão da biblioteca e ficar lendo como [...] fazia há alguns anos atrás. Uma coisa [...] que a gente perdeu [...] e [...] a minha sala [...] gostaria de [...] vim aqui [...] pra dar uma relaxada [...]. [...] a biblioteca ficava aberta no recreio. Então, muitos vinham quando a gente tava ensaiando pra gincana. [...] os professores junto [...]. Dá pra fazer alguma coisa bem legal no recreio, de expor alguma ideia [...] cada sala ficar responsável por um dia [...] da semana, [...] fazendo coisas diferentes para as crianças [...] não ficarem correndo no recreio. [...]. São coisas legais, pequeninhas, mas que vão se construindo. [...]. [...] Então, eu espero que a escola continue [...] fazendo essa gincana pra arrecadar livro. Pra [...] desde pequenininho incentivar a ler. Que a leitura é fundamental [...] pra escrita, [...] pra imaginação. Por isso Não só ficar no computador, na internet, nas tecnologias. [...]. Se você tá irritado, a [...] leitura para, te passa [para] um outro lugar, entendeu? [...]. [...] a tecnologia pode ser uma evolução, mas [...] tá tirando [...] de uma criança pegar um livro e começar a ler. [...] na quarta série eu nunca lia. Eu não era acostumada a ler. [...] “Ah, pra que ler” [...]. Uma vez uma professora [...] pediu pra gente ler um livro e [...] fazer um trabalho [...]. [...] qualquer livro [...]. [...] vim à biblioteca [...] e [...] achei um livro [...] sobre [...] adolescência. [...] li [...] e [...] me apaixonei. [...]. E desde então eu leio sempre. Leio muito. Sou viciada em leitura [...]. Mas [...] muitos alunos meio que se recusam a vim na biblioteca, [...] e [...] eu já fui assim. Só que [...] eu comecei a vim na biblioteca, eu gostei, e comecei a vim mais. [...] e ouvia [...]: “Ah, não, não vou lá na biblioteca. É chato, não tem nada legal lá” [...]. [...] acho que as pessoas não gostam muito de ler. [...]. Dá pra ver que não tem muita gente que utiliza a biblioteca da escola. [...] é de um a cada cinco alunos que usam a biblioteca. Às vezes nem isso. E os anos que eu vinha aqui na biblioteca foram bons. Eu peguei vários livros e a minha literatura foi boa. Isso também contribui pra falar melhor, pra se expressar melhor. [...]. Então, eu queria que os professores, a diretora, alertassem a escola de que a biblioteca tá aberta pra qualquer um usar. [...] é bom pra uma criança que tá vindo agora.

Muitas vezes elas têm problemas em casa com os pais. É uma forma de desligar a mente de um problema. Eu acho bom que uma criança venha, leia, aprenda, como eu aprendi lendo. [...]. Eu gostava bastante quando a gente vinha [...] com a turma [...] pra ler alguma coisa. [...] quando [...] mais pequeno [...] a professora sempre trazia [...]. [...] às vezes tinha [...] atividade diferente [...]. Era bem legal. A gente vinha, lia [...]. [...] [...] davam Lego [...] no lugar da aula [...]. [...] [...] incentivavam [...] a fazer o que vinha na nossa mente. Eu acho que [...] tem o tempo de hoje e tem o tempo de antigamente, né? Antigamente [...] a gente sempre ia na biblioteca, né? A gente sempre pedia pro professor [...]. [...] a turma ficava mais unida, [...] um do lado do outro e [...] ria e ficava lendo uma história, já ficava estudando alguma coisa. E hoje em dia [...] a gente não vai mais [...] na biblioteca. Porque [...] antigamente, também não tinha a sala ali [...], com computadores [...]. Hoje já tem. Daí a gente já prefere ir pra informática do que ir pra biblioteca [da escola]. [...] a tecnologia influencia muito [...]. [...] por isso [...] muitas pessoas tão deixando de ir pra biblioteca [...], preferem [...] pesquisar na internet que vem mais rápido. Então, hoje em dia a biblioteca [...] tá sendo abandonada [...]. [...] A gente vinha [...] bastante. [...] [...] com o tempo foi parando [...]. Então, no primeiro e segundo ano [do Ensino Médio] [...] se eu vim aqui cinco vezes pra ver um livro, foi muito. [...] [...] [Então] eu acho essencial [...] aplicarem mais no Ensino Médio [...]. Tem que continuar [...] em vim pra ler, pra tá pegando [livros], que é muito importante, né? [...] a nossa escola poderia ter, sim, um pouco mais de livros para os jovens, pro pessoal do Ensino Médio, porque a gente tem obras nacionais [...], mas [...] são uma leitura diferente das que os jovens agora gostam. [...] gostaríamos muito de ter livros mais atuais, sabe? [...] de escritores [...] que tão na mídia [...] chamaria o público, os alunos pra biblioteca. E é muito importante, né? Principalmente, agora no Ensino Médio que [...] tem que tá lendo bastante. Então, ter livros, além desses [...] pra vestibular, e [...] estar conhecendo os autores, [...] não [...] só os títulos [...] [para o vestibular], [...] pra incentivar a leitura. [...] a biblioteca [também] tem que ser mais ampla e que a escola continue [...] com a biblioteca, sabe? Porque a biblioteca [...] ajuda todos os alunos. [...] E [...] na hora que o colégio tiver [...] verba, ou o pessoal mandar a verba [seria bom] [...] aumentar [a biblioteca], né? Pra poder colocar mais livros. Porque muitos livros não têm aqui pelo fato de a biblioteca não ser tão grande [...]. A [...] escola [...] é a parte mais importante da formação de uma pessoa, [...] na questão do conhecimento. [...] o caráter [...] é a família que forma, é dever da família. O da escola é o conhecimento. Porque [...] uma pessoa entra [na escola] [...] com cinco anos de idade e

sai com dezessete, dezoito [...]. Então, nesse meio tempo a escola, [...] tem o dever de [...] dar atenção, dar um ensino de qualidade pra pessoa. Porque essa pessoa [...] vai ser um futuro profissional que vai servir à sociedade. Então, [...] Além [...] da qualidade dos professores, [...] de os professores ensinarem, [que] a [...] diretoria [...] tenha uma boa gestão [...], não falte nada pra escola, a biblioteca [...] ser bem administrada, [...] bem organizada, [...] que tenha bastante conteúdos pra pessoa ler [...] e aprender. [...] a biblioteca [...] tem que ser algo diversificado. Porque a pessoa que entra na escola [...] procura um conhecimento. Então, quanto maior a oportunidade de conhecimento, melhor pra pessoa, melhor pra formação da pessoa. [E] Eu desenvolvi essa paixão de leitura [...] desde quando [...] pequena que eu vinha pra cá [...]. [...] eu fui [...] acostumada, em casa, [...] a ler bastante. [...] a minha mãe [...] sempre nos levou pra esse caminho. Aí quando eu cheguei na escola o meu primeiro contato foi com a biblioteca. [...]. [...] a gente sempre vinha com os professores. E na maioria das vezes era reservada uma aula [...]. A gente pegava o livro, lia, aí tinha mais a contação de história [...]. Tem um livro [...] que [...] foi muito bom porque [...] toda a sala tava reunida. [...]. Era um homem e uma formiga [...] na neve [...] marcou bastante porque [...] [a responsável pela biblioteca.] leu [...] mostrava [...] [as] imagens. [...]. [...] marcou bastante [...] um trabalho de português [...] na sétima série. A professora não deixou usar o computador, tecnologia nenhuma. [...] só livro e tinha que botar o autor [...], tudo certinho. [...]. Me bati [...] pra fazer [...]. [...] pra entender. Era em grupo, [...] vinha de manhã [...] estudava de tarde [...]. Às vezes [...] ia [...] na biblioteca pública, colocava na internet, [...] o tema [...]. [...] ia ver se tinha, né? Ler, né, não é acostumado muito com a leitura. [...]. Foi quando eu mais li [...] pra trabalho. [...]. [Também] [...] teve um projeto sobre [...] como se aplica os livros na escola e como eles podem mudar a vida dos alunos [...]. O livro era o Tosco [...] eu fiquei encantada [...]. [...] todas as pessoas da minha sala, praticamente, se interessaram [...]. [...] tinham vontade de ler, [...] [eu] via que [...] tavam lendo mesmo. [...]. Foi [...] muito legal ver que um livro podia impactar na vida dos alunos e fazer com que eles mudassem de comportamento [...]. [Isso] Foi na oitava série. [E] [...] eu aprendi na minha experiência pessoal de leitura, que [...] qualquer livro que tu for ler [...] não pode ler [...] só por tá lendo. Tem [...] os aspectos [...] da tua visão, da visão do autor [...]. Abranger vários pontos de vista para tu ter uma opinião própria [...]. E [...] [o] que eu mais gosto na leitura é [...] poder ver de tantos ângulos diferentes e sentir tanta coisa diferente apenas lendo um livro. [...]. Às vezes os alunos pensam que biblioteca é [...] “Só livro chato” ou “Eu não vou gostar de nenhum livro que tem”, porque a

maioria [...] não tem o costume [...] de ler. [...]. [...] começa lendo um livro “Ah, eu não gostei”, [...] tenta outro [...]. [...] muita gente [...] tem esse preconceito com o livro [...]. Fala que todo livro é chato, que toda biblioteca só tem livro chato e não é assim. [...] ler é uma coisa que te motiva [...]. Às vezes, eu prefiro ler do que ver TV. [...] eu imaginar é muito melhor [...] Porque [...] a minha imaginação não vai me decepcionar [...]. [...] as pessoas têm muito essa coisa “Não, não gosto de ler”, “Não gosto de ir em biblioteca” e acabam perdendo a oportunidade de conhecer histórias [...]. [...]. Eu gosto muito de ler [...]. [...] [E] essa coisa de [...] vir à biblioteca e ler, tem que ser incentivada porque é difícil um aluno [...], por exemplo, da terceira série [do Ensino Fundamental] [...] vim por conta própria, entendeu? [...] eu sempre tive muitas pessoas que me incentivaram a ler. Minha avó, minha mãe, as minhas professoras me incentivaram muito [...]. [...] uma vez [...] essa biblioteca, “meu”, tava cheia, cheia de criança [...] e fazia fila pra pegar livro [...]. Era até uma bagunça, [...] mas as crianças liam bastante [...] e isso despertou em mim pra hoje eu gostar de ler, entendeu? Se ninguém tivesse me incentivado, despertado esse interesse quando eu era criança, talvez, hoje eu [...] nem estaria aqui dando entrevista, entendeu? Nem estaria lendo. E isso incentiva. [...] é importante [...]. [...] [E] eu sempre gostei muito de livros. Então, biblioteca pra mim é sempre um lugar maravilhoso. [...] quando [...] criança a gente [...]. [...] fazia o projeto [sigla do projeto]. Esse espaço era nosso, era bom. Talvez não os livros, mas as pessoas que tavam ali. [...] a gente [...] se divertia [...] sabe? [...] o nosso [...] intuito não era usar a biblioteca como um meio de estudo. Era pra brincar, pra fazer aquelas coisas de criança, sabe? Nos momentos que ela [professora] saía da [...] [biblioteca] a gente aprontava um monte. [...] tinha [...] coisas que elas faziam que era muito legal, [...] que juntava gente, [...] unia a gente [...]. Era bom naquele tempo [...] que vinha pra cá [...] pra se divertir, pra ocupar a cabeça, pra ser criança mesmo, pra aproveitar o nosso espaço [...]. A gente sempre quis pegar os mapas. Não dava, [...] achava um jeito de pegar escondido [...], abria [...] e ficava olhando [...]. [...]. [Queríamos] [...] mexer no globo. [...]. Nem lia nada [...]. Era só por girar o globo. [...] mexíamos nas maquetes. A gente mexia por tudo [...]. [Mas há] [...] um fato [...] triste quanto à biblioteca hoje em dia [...] à noite não tem esse aluguel de livro que a gente pega os livros e leva pra casa. [...]. [...] não tem porque também [...] os alunos não têm tempo pra ler [...]. [...]. Eu ainda conheço algumas pessoas que vêm, pegam [...] de vez em quando, levam. Mas [...] eu acho bem triste [...] eles não [...] trazerem novas obras para as crianças e a [...] conservação dos livros que tá bem ruim, bem precário [...]. E o fato de alguns alunos vim e

simplesmente roubarem coisas. [...] [...] os professores dizem: “Ah, vai lá pegar livros de biologia. Trinta livros”. A gente leva lá pra sala, mas [...] fica alguém aqui e rouba alguma coisa. Eu já conversei com o diretor [...], mas não tem o que fazer, porque não [...] tem como ficar cuidando.

6.6 INTERPRETAÇÕES DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

A Fenomenologia Social de Alfred Schutz (2012a, 2012b) parte da ideia do Mundo da Vida, esse mundo que nos é imediato, onde agimos e interagimos, ambiente da atitude natural, e onde predomina o conhecimento do senso comum. Mundo onde o homem vive e age, e que lhe foi dado, por existir antes de sua chegada nele. Mundo onde aprendeu uma língua, um modo de dizê-la, uma cultura, um modo de viver, de entender e compartilhar suas impressões e dúvidas. É, portanto, um mundo onde assimila um modo de viver, a partir do que vive, percebe, interpreta, dando sentido às coisas. Nesse mundo a atitude e a linguagem natural atendem o viver de ordem prática e imediata, onde o homem lida com o que lhe foi dado e imposto, com vontades e intenções de outros com quem precisa cooperar.

Para Alfred Schutz, essas ações são assimiladas, sedimentadas, construídas e compartilhadas por conta da intersubjetividade e, pode-se afirmar, pela junção do tempo que convencionamos como passado, presente e futuro. Ao referir-se ao conceito de mundo dado, o autor enfatiza tratar-se de um mundo recebido, não questionado, ou onde as coisas são o que são (SCHUTZ, 2012b),

Partindo da ideia de que uma mesma situação vivida por duas pessoas não tem o mesmo significado para ambas, nesse mundo intersubjetivo, cada indivíduo constrói seu mundo e sua biografia com o auxílio de outros. A conduta do indivíduo é orientada a partir do estoque de conhecimento socialmente produzido e aprovado (por outros que chegaram nesse mundo antes dele, seus predecessores, e por seus contemporâneos - associados ou não), que tem à mão, ou de disponibilidade imediata, e que lhe é suficiente para a resolução de questões práticas da vida cotidiana. Se necessitar de conhecimento sistemático, recorre a especialistas (SCHUTZ, 2012b).

Ao falar sobre a biblioteca da sua escola, o sujeito coletivo se reporta a três períodos distintos: passado, presente e futuro. Ele vasculha a sua mente e nela se vê nos primeiros anos escolares, as séries iniciais, passando por um período intermediário, as séries finais do ensino fundamental, depois ingressando no ensino médio e, no 3º ano deste ensino, próximo de concluir a educação básica, pensa no futuro. Ele

revela que nas séries iniciais, teve uma maior aproximação com a biblioteca e a utilizava com mais frequência. Expressa um saudosismo desse vivido. Recorda-se do incentivo à leitura e também das brincadeiras e traquinagens realizadas na biblioteca quando da ausência do responsável pelo setor. No tocante ao incentivo à leitura, destaca a figura do professor. A influência da família também aparece na formação leitora e na sua biografia enquanto apreciador de literatura.

Semanalmente, visitava a biblioteca com os colegas de classe para escolha e empréstimo de livros de literatura, geralmente acompanhados por um professor. Às vezes, ouvia histórias contadas pelo responsável da biblioteca. Outras vezes, realizava alguma outra atividade no local que quebrava a rotina da ida semanal à biblioteca concentrada na escolha e empréstimo de livros de literatura. À medida que avança para as séries finais do ensino fundamental, a frequência à biblioteca diminui, acentuando-se ainda mais, no ensino médio.

Quando perguntado se utiliza a biblioteca, a fala desse sujeito coletivo oscila entre nunca, pouco, às vezes, e muito. Outras vezes utiliza outras bibliotecas, ou nenhuma biblioteca. Se não utiliza bibliotecas, como resolve questões escolares ou se atualiza?

Entre as razões para utilizar bibliotecas, está a facilidade de acesso para realizar atividades obrigatórias da escola, e também para empréstimo de livros de literatura, porque gosta de ler.

Especificamente quanto à biblioteca da escola, o sujeito coletivo revela os seguintes impedimentos para o seu uso: a) não está sempre aberta; b) falta de um responsável; c) não tem internet no local; d) a coleção não cativa ou não responde às suas necessidades; e) o espaço é insuficiente; f) o acervo tem mais livros didáticos que outro tipo de documento de leitura, como o livro de literatura; g) a biblioteca está mais “distante” dos alunos: “abandonada”; h) comparativamente ao que ocorria no ensino fundamental, os professores utilizam pouco a biblioteca, entre outros.

Em síntese, o sujeito coletivo denuncia a falta de condições da biblioteca (e portanto, da escola), que a torna inacessível. O quadro 7, mais adiante, indica que de vinte e quatro alunos participantes desta pesquisa, metade frequenta a biblioteca da escola, entre os quais sete frequenta apenas esta biblioteca. Entre a metade que não a utiliza, onze alunos não utilizam nenhuma outra biblioteca

O sujeito coletivo revela que no 3º ano do ensino médio, a leitura e a pesquisa são pouco incentivadas na escola. Além disso, carece de acompanhamento e orientação, principalmente, no que se refere à pesquisa. As visitas que eram regulares (da primeira à quarta série, e que

ficaram mais esporádicas durante as séries finais do ensino fundamental), com o tempo, tornam-se esparsas. O professor deixou de acompanhá-los à biblioteca.

À medida que os alunos crescem, vão se tornando mais independentes. Quem pode faz uso de outros espaços, compra livros, usa a internet. Com o incremento das solicitações de pesquisa, muitos trabalhos são feitos na biblioteca pública que tem melhores condições. Livros de literatura também são procurados nesta e em outras bibliotecas, porque nelas são mais acessíveis, e têm mais opções.

O sujeito coletivo afirma que há algo desconexo entre a prática experimentada no passado e a que experimenta, com relação à biblioteca escolar. Percebe que as suas condições de uso e a forma de explorá-la, mudam à medida que cursa as séries mais avançadas. A situação é mais difícil para quem estuda à noite, quando a biblioteca está fechada, ou abre eventualmente. Para o aluno que trabalha durante o dia, o tempo para frequentar qualquer biblioteca nesse período é nulo. Se a biblioteca escolar está fechada à noite, único período em que está na escola, consequentemente é impedido de frequentá-la.

Apesar de ter o acesso à biblioteca vetado, o sujeito coletivo sabe que a biblioteca é essencial para a sua formação escolar e pessoal. *Afinal, [...] a leitura é tudo [...]. [...] pra tudo precisa de leitura [...]. Para o desenvolvimento da fala, [...] para se saber as palavras, para o conhecimento [...]* (Entrevistado E, Grupamento B, Pergunta 4). Se é assim, como a escola espera que o aluno consiga isto sem a biblioteca escolar?

Outros fatores externos à escola influenciam a ação desse estudante com relação ao gosto pela leitura, a forma como realiza seus deveres escolares, a forma como compreende a biblioteca e seus recursos, no modo e na vontade de utilizá-la.

A partir do que expressa o sujeito coletivo, do que indicaram os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas pesquisadas, e os questionários, pode-se afirmar que a dificuldade e o pouco interesse do aluno para utilizar a biblioteca da escola perpassa pelas seguintes condições:

- a) espaço físico insuficiente, que a impede de acolher a totalidade de alunos matriculados nas unidades escolares;
- b) acesso precário à internet nas bibliotecas, e nulo para uso dos alunos;
- c) pouca oferta de livros que despertem o interesse dos jovens;
- d) uso diário do livro didático e o destaque dado a ele na escola;

- e) pequeno espaço limita o uso compartilhado com certo número de alunos;
- f) carência de profissionais;
- g) a biblioteca não abre em todo o período de funcionamento da escola;
- g) a escola afasta o aluno da biblioteca à medida que avança para o ensino médio;
- h) as normas da escola que impedem os alunos de frequentar a biblioteca no contraturno, quando teriam mais tempo para fazê-lo;
- j) a forma sucinta como a biblioteca é tratada no PPP, indicativo da e para a pouca visibilidade que se tem dela na escola;
- k) a pouca valorização da biblioteca; entre outros.

Se não houvessem tais problemas, a busca por respostas poderia estar na falta de incentivo à leitura no ambiente escolar e familiar, na capacidade cognitiva, de aprendizagem e relacional do aluno, e no fato dele trabalhar, entre outros. Sobre isto, recorro que, na década de 1920, a escolanovista Armanda Álvaro Alberto (2016), diretora da Escola de Meriti, localizada em uma área rural do Rio de Janeiro, emprestava livros da biblioteca aos alunos que não podiam mais frequentar a escola porque ajudavam em casa ou trabalhavam, por entender que a leitura é fundamental e deve ser inserida na vida de crianças e jovens.

No dizer do sujeito coletivo, o uso desse espaço é incentivado somente até a conclusão da educação básica. Pouco a pouco o aluno vai se distanciando da biblioteca. Antes, os professores incentivam o seu uso.

Entre outros fatores relacionados ao afastamento da biblioteca, pode-se citar: a gestão da escola, do governo local e nacional, o que implica, por exemplo, na ausência de responsável pelo setor, na falta de verba para a ampliação da biblioteca, no horário falho de funcionamento, entre outros, como a pouca demanda por ela a partir da sala de aula.

Nas séries iniciais, o aluno é conduzido à biblioteca pelo professor. A partir de Schutz (2012b), essa situação configura-se como de relevância impositiva. Certamente, que este tipo de relevância acompanha o aluno na sua escolarização, mas considerados os problemas existentes na escola que impedem a frequência do aluno a essa unidade, no terceiro ano o aluno pode “escolher” utilizar ou não esse ambiente para fins de estudo ou por interesse pessoal. Estes “motivos-para” são objetivos, dependem de um projeto do ator social,

como, por exemplo, ler um livro quer, ou não, por solicitação do professor para fins de avaliação. Contudo, o costume de frequentar a biblioteca a partir de uma solicitação do professor pode, com o tempo, configurar os “motivos-porque” da utilização da biblioteca pelo aluno. Motivos que são recuperados por meio de uma atitude retrospectiva (por isso objetiva), portanto, da ação concluída. Schutz (2012b) faz referência a dois tipos de conduta, envolvidas na ação do ator social: uma consciente e outra não consciente. A primeira conta com uma orientação para a ação futura. O grau desse projeto futuro depende do conhecimento envolvido, podendo ser mais ou menos complexo. Schutz (2012) chama esta ação de racional, pois envolve um projeto preconcebido e prevê meios e fins.

Com base nos conceitos de ação consciente e de ação não consciente envolvidas na conduta do ator social; uma consciente e outra não consciente, a partir do discurso coletivo, é possível inferir que, no currículo da educação básica, existem duas orientações sobre o uso da biblioteca pelo aluno e pelo professor, analisadas na figura abaixo:

Quadro 6 - Direcionamento curricular e uso da biblioteca na educação básica

Séries Iniciais	Séries Finais em diante
Elevado envolvimento do professor (responsável por uma única turma)	Baixo envolvimento e motivação dos professores (distribuídos em diferentes disciplinas, atendendo diferentes turmas por período).
Conduta do aluno é determinada e planejada pelo professor. (Conduta não consciente)	Sem o envolvimento direto dos professores, o aluno começa a frequentar bibliotecas sozinho. Nas séries finais do ensino fundamental dá início à eventuais projetos envolvendo indícios de ação consciente para atender solicitações dos professores, quando por conveniência/escolha decide fazer uso da biblioteca da escola ou outra, ou do que tem em casa. Faz projetos de leitura para fins particulares. (Conduta consciente)
Foco da escola: leitura	Foco da escola: acentuado na pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados coletados em 2016.

Neste quadro, a expressão “direcionamento curricular”, refere-se às ações vinculadas ao currículo oculto; àquele fazer que corresponde à prática, portanto difere do que está no currículo prescritivo. As ações descritas no referido quadro, tem como base as falas dos alunos que traduzem a atitude natural praticada na e pela escola, no seu cotidiano.

Na coluna referente às séries iniciais, a ação do professor depende de uma imposição do currículo, que obriga o aluno à ação. Este desempenha uma ação não-consciente, determinada pelo professor.

Conforme preconizado nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a Proposta Curricular (SANTA CATARINA, 2014b, p. 32), impõe à escola a elaboração de sua proposta pedagógica, de forma que as diferentes disciplinas desenvolvam um trabalho articulado, pelas ações dos professores, que sabem quais “as ações necessárias para direcionar a busca de um nível mais avançado de conhecimento”.

Dialogar com as diferentes formas de conhecimento exige pensar em estratégias metodológicas que permitam aos estudantes da Educação Básica desenvolver formas de pensamento que lhes possibilitem a apropriação, a compreensão e a produção de novos conhecimentos. Tais estratégias nos remetem à compreensão da atividade orientadora de ensino. Uma atividade é orientadora porque o professor parte do pressuposto de que o resultado final da aprendizagem é fruto das ações negociadas e tem consciência de que não domina o conjunto de fenômenos da sala de aula e da turma. Por isso elege uma orientação geral que lhe possibilita saber a direção a ser seguida. O professor é o organizador da atividade e por isso sabe o que está em jogo no espaço da sala de aula: os conceitos e os conteúdos que permitem sua apropriação, as principais dificuldades em apreendê-los, as respostas que indicam se o conteúdo está sendo aprendido ou não, e as ações necessárias para direcionar a busca de um nível mais avançado de conhecimento (SANTA CATARINA, 2014b, p.32).

Tais orientações envolvem a biblioteca escolar e a forma como é inserida no processo educativo do aluno. Contudo, é comum o espaço da biblioteca ser relacionado ao incentivo à leitura e menos à pesquisa, à medida que começa a ser mais requisitada aos alunos. Na maioria dos depoimentos, o uso do espaço está relacionado à ação de professores das séries iniciais e professores de português e de literatura. Não obstante, nos PPP das escolas estudadas, viu-se que a biblioteca é muito pouco

senalizada e, com exceção de uma e outra escola, seu uso pedagógico não é detalhado.

Ademais, no momento da pesquisa, as bibliotecas participantes nem sempre estavam abertas. Seis das onze escolas que funcionam em três turnos, têm bibliotecas fechadas em um deles. Nove bibliotecas enfrentam problemas para abrir no período noturno; quatro delas não abrem à noite, duas não abrem no período da manhã.

Não há verba específica para a biblioteca, o que inviabiliza a ampliação do seu espaço físico. Sem verba, também é impossível, segundo o sujeito coletivo, aumentar a coleção, oferecer mais acomodações aos usuários, ter computadores com internet, e profissionais para orientá-los. Seu espaço pequeno, e insuficiente, é utilizado para outros fins que conflitam com as condições da biblioteca escolar para atender seus usuários, a saber, a possibilidade de ler e estudar no local, como exemplo, por projetos da escola realizados na biblioteca por falta de outros espaços para tais fins, e que aglutinam muitos alunos. Até a hora do conto, quando o espaço é muito pequeno, inviabiliza a leitura e estudo no local.

Mesmo fazendo uso das TIC fora do ambiente escolar e pleiteando computador e acesso à internet na biblioteca da escola, o sujeito coletivo mostra-se preocupado com o futuro, *principalmente para as crianças que estão se desenvolvendo agora*, devido à crescente influência dessas tecnologias. Entende que as tecnologias ameaçam tirar das crianças a oportunidade de ler um livro, de não terem a sensação de abrir um livro pela primeira vez, de explorá-lo, de não experimentarem o que uma fábula pode proporcionar.

Para o sujeito coletivo, a leitura é fundamental na comunicação humana. Promove conhecimento, enriquece a fala e a escrita, enfim, o viver em sociedade. Quem lê, tem melhor desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio, diz o sujeito coletivo. Por conta disso, ele olha para o futuro alertando para o lugar da escola e da biblioteca na formação da criança, e na sua capacitação futura para atender as suas necessidades e as da sociedade.

Também afirma ter vivido bons tempos na biblioteca, onde ia com os colegas, ficavam juntos, riam juntos.

O fato de ver seus pares irem à biblioteca despertava nele o desejo de fazer o mesmo, interpretando a ação como um sinal da importância da biblioteca e, por isso, a vontade de frequentá-la. O sujeito coletivo “aceita” o discurso da escola, dessa instituição que não se responsabiliza pelo distanciamento do aluno da biblioteca. Que esse afastamento se dá por ele estar em uma fase da vida com menos tempo

para frequentá-la, pois trabalha durante o dia, estuda à noite, e o tempo livre que tem é preenchido com outras coisas. Por essa razão, conforme revela um dos entrevistados, a escola justifica o fechamento da biblioteca no período noturno, único período em que o aluno que trabalha durante o dia poderia frequentá-la.

Ainda assim, o sujeito coletivo afirma que gostaria de continuar frequentando a biblioteca, como nas séries iniciais, período em que tinha essa garantia. O fato de estar no “terceirão” não o impede de desejar ter tempo durante o horário de aula para ir à biblioteca e poder relaxar, ler um livro, como fez muitas vezes quando criança.

O sujeito coletivo enumera as diferentes demandas de uso da biblioteca, afirma que a literatura pode influenciar o comportamento das pessoas, que é difícil fazer pesquisas escolares complexas, usando apenas livros, ou seja, sem poder utilizar a internet. Se a escola introduz novas regras para que o aluno faça pesquisas mais elaboradas, com indicação de bibliografia, por exemplo, por outro não oferece condições para fazê-las na escola. Segundo diz, na Biblioteca pública é mais fácil localizar os documentos que precisa, receber orientação, e destaca a necessidade e a importância desse auxílio. Sem a presença de um profissional capacitado, a biblioteca não consegue oferecer ao aluno, orientação para a pesquisa.

Apesar das deficiências encontradas na biblioteca/escola, com entusiasmo, o sujeito coletivo menciona as obras que marcaram a sua vida escolar: o primeiro livro que pediu emprestado à biblioteca, a história que ouviu na hora do conto, a leitura de texto literário para fins de trabalho, uma obra que marcou significativamente sua vida, assim como outra, cujo tema despertou o seu interesse para determinada área do conhecimento, levando-o a definir sua opção de carreira. O depoimento do sujeito coletivo mostra que ele compreende claramente o vínculo entre sala de aula e biblioteca, uma ponte mediada principalmente pelo professor e por aquele que atua na biblioteca, que o recebeu, que o atendeu, que o acompanhou durante o seu processo educativo. Vimos que a partir das séries finais do ensino fundamental, o aluno começa a frequentar outras bibliotecas. Isso ocorre porque a biblioteca da escola não estava acessível ou porque nela não conseguia respostas às suas necessidades.

Quando está concluindo a educação básica o sujeito coletivo tem interiorizado o valor da biblioteca escolar para a formação pessoal. Com o passar dos anos, se dá conta que no início de sua formação ia à biblioteca com frequência, atualmente, a utiliza menos. Se, no período

da escolarização básica, a frequência era determinada e guiada pelo professor, hoje não é mais.

Atualmente, quando frequenta a biblioteca vai só, reconhecendo essa necessidade e tendo consciência do que ela pode oferecer para quem, como ele, está se preparando para o vestibular, por exemplo.

Para o sujeito coletivo, a biblioteca escolar deve promover acesso ao conhecimento, ao livro, à leitura, à literatura, auxiliar alunos e professores. Apesar disso, e diante da realidade vivida, paira uma dúvida ao ver a biblioteca fechada, como um depósito de livros. A biblioteca se mostra distante da ideia de um espaço que acolhe gente, de ter pessoas utilizando o local, o que não condiz com a sua importância, conforme interiorizado pelo sujeito coletivo. A percepção é de abandono.

No entanto, mesmo que esse lugar, uma fonte de conhecimento, lhe pareça abandonado, conclui que ele sempre esteve ali para o seu uso, ou seja, existe por sua causa. Se desde as séries iniciais associou a presença da biblioteca escolar ao propósito da escola de inserir o aluno no mundo da leitura, da literatura, da escrita, da pesquisa, da reflexão, fora dela, o sujeito coletivo expressa o que vê: *agora, acho que vão mais na sala de vídeo*. Essa é uma denúncia da falta de condições da biblioteca escolar. Talvez seja o que consegue perceber no cotidiano da escola. Enquanto é mantido distante desse local, a biblioteca não contribui para que a escola alcance seus objetivos.

Sobre isso, cabe informar que na sua visita à Escola8, da qual se reporta o sujeito individual, a pesquisadora constatou que a biblioteca estava fechada por motivo de saúde do funcionário. Essa biblioteca foi aberta para que pudesse conhecer o local: entre mesas e cadeiras, livros didáticos empilhados no chão. Ali, tudo estava espremido no pequeno espaço do tamanho de uma sala de aula.

A biblioteca da escola tem problemas, não apenas para acolher o aluno do 3º ano do ensino médio com questões específicas desse ensino, mas a qualquer aluno que frequente essa unidade, conforme manifestado pelo entrevistado “O”. Contudo, existe no DSC uma variação discursiva. Há alunos mais otimistas quando falam da biblioteca escolar, do uso que fizeram e fazem desse lugar, e há aqueles que quando não encontram o que procuram nesse espaço, compram livros e utilizam outras bibliotecas e a internet. E, nessa variação de falas, também há quem não usa a biblioteca da escola e nenhuma outra.

O contexto escolar dos alunos entrevistados é variado e também a experiência de cada um, mesmo para os que frequentam a mesma escola. Cada um tem uma situação biográfica determinada. Por isso, a pesquisa volta-se tanto para o aluno que frequenta a biblioteca no último

ano da educação básica, como para aquele que não a utiliza, mas que já o fez em anos anteriores. Essas diferenças enriquecem a elaboração do mapa das representações sociais referentes à biblioteca escolar, no contexto estudado, advindas desse sujeito coletivo “aluno”.

No passado, estão as justificativas ou o que foi desencadeado no comportamento do aluno para frequentar a biblioteca escolar, ou deixar de fazê-lo, no final da sua escolarização básica. Segundo Schutz (2012b), há dois tipos de comportamento: consciente e não consciente. O primeiro é aquele orientado por um projeto elaborado por aquele que age. O segundo não.

Também se percebe nesse DSC o que sugere Frago (2005, p. 169): a concepção de biblioteca escolar está atrelada a uma escola ideal e a uma escola real.

A seguir, passo a apresentar as interpretações do DSC final dessa pesquisa, que permeiam o sentido de biblioteca escolar expresso nessa voz coletiva: o passado e futuro da biblioteca escolar no presente.

6.6.1 Sentidos de biblioteca escolar

O sentido dado às coisas, perpassa pela ação, pela palavra, pela linguagem; é expressão. É comum empregarmos as palavras “lugar”, “espaço”, “local”, “ambiente”, como equivalentes ou sinônimas. Em *Cotidiano e invenção: os espaços de Michel de Certeau* Josgrilberg (2005), ao discorrer sobre a obra do jesuíta e historiador francês, apresenta suas concepções de lugar e de espaço. Para Certeau espaço é lugar praticado. É o lugar onde são empregadas táticas (ações) de/para uso. Em outras palavras, lugar é o definido, determinado, imposto, controlado, estático, é físico: as ruas de um bairro, um texto e sua organização. Espaço, é a manifestação do uso do local, uma quebra ao prescrito. Desta forma, as táticas (p. 23) “implicam em movimento que foge às operações de poder que tentam controlar o espaço social [...]”. Assim, lugar é estático.

Chamou a atenção a forma como a maioria dos entrevistados designou biblioteca escolar como lugar para... ou lugar de... A biblioteca que à noite é fechada, cria a primeira barreira para que o lugar não se transforme em espaço. O que há é o poder que sufoca ações de uso do local. Se não é lugar praticado, o que há, conforme Josgrilberg (2005, p. 73), é “ausência de um lugar próprio para as táticas e os movimentos cotidianos operarem. [...] e os movimentos táticos somente se articulam a partir de um lugar organizado”. Por exemplo: um texto organizado que permite a leitura, é um lugar, e a leitura, o espaço criado pelo leitor. A

rua é um lugar fixo. Organizada torna o caminhar possível. Ao caminhar o pedestre torna a rua um lugar praticado; espaço. Para construir o texto e a rua, o tempo é controlado, enquanto o ato de ler e caminhar, não. São livres, no sentido de que cada um os constrói ao seu modo, e o fazer a depender das táticas empregadas.

Assim, como a rua e o texto, a biblioteca precisa estar organizada para que os usuários possam por em prática seus movimentos táticos. Para que os usuários das bibliotecas escolares empreguem as suas táticas para que o espaço seja desenhado, é necessário que esse lugar tenha estrutura física, mobiliário, acervo, e serviços organizados. Essas carências limitam a possibilidade de o lugar vir a ser espaço. As táticas inventam o cotidiano.

Mesmo que eventualmente sejam mencionados gibis, revistas, mapas, enciclopédias, jornais, filmes e outros recursos, para o sujeito coletivo a biblioteca escolar é um “lugar” representado pelo objeto livro. As palavras “livro” e o seu plural, são mencionadas na maioria das respostas apresentadas às sete perguntas do roteiro de entrevista. Constituído essencialmente por livros, este lugar é associado ao conhecimento; informação, ao atendimento às necessidades de leitura e para que o aluno goste de ler; ao acesso à literatura, para estudo, trabalho e pesquisa; para refúgio através da leitura, ou apenas para descanso; que auxilia na formação do intelecto; que requer silêncio; que existe para o aluno, e para armazenar, manter livros. Como parte da escola, a biblioteca é um lugar de transição para a vida. Está entre a formação iniciada no ambiente familiar e outra, onde estará atuando como adulto, onde oferecerá um trabalho e fará uso do trabalho de outros.

Para o sujeito coletivo, a biblioteca escolar é, essencialmente, um lugar com livros para permitir o acesso ao conhecimento e à literatura. Um lugar para consultá-los, ler, pesquisar, emprestá-los. Quanto aos serviços, são citados, principalmente, o empréstimo domiciliar e local, a hora do conto (praticada nas séries iniciais), e a utilização do local para trabalhos, estudos e leituras.

Essa unidade colabora com a escola na preparação do aluno para o futuro, que aprendendo a ler, vai adquirindo conhecimento. É um lugar que incentiva a leitura, colabora para que o aluno compreenda o seu significado, e com ela, pode inclusive “viajar”, dar um “tempo”, relaxar. Por outro lado, vemos falas indicando que a contribuição da biblioteca é promover autoconhecimento no aluno que evolui com a leitura.

Esse lugar, que é fonte de conhecimento, auxilia o aluno nos estudos, incentiva a leitura, oferece literatura, é lugar que atende o currículo escolar e, conforme expressa o Entrevistado X (Grupo A, Pergunta 1), onde se tem a “*oportunidade de poder ler e poder aprender um pouco mais*”. É como se o lugar lhe oferecesse um passaporte (o livro) para que viaje enquanto lê. É também um refúgio ao que lhe é imposto e cobrado em sala de aula, porque a leitura é um momento do leitor enquanto lê. Com isso, a frequência à biblioteca o ajuda a compreender melhor o mundo.

É um lugar para ser ocupado, para permanecer, estudar, reunir-se com colegas. Essa unidade precisa estar situada em ambiente longe de ruídos. O ambiente da biblioteca deve ser calmo, confortável e acomodar a todos que necessitam dela.

O sujeito coletivo entende que se hoje não houvesse computador e internet, a biblioteca escolar serviria para realizar todas as pesquisas da escola.

Na escola, a biblioteca é uma facilidade para o aluno, apesar de a estrutura oferecida para fazer pesquisas e a orientação para realizá-las, sejam quase inexistentes.

Esse lugar precisa ter espaço suficiente para acolher os usuários, acervo que incentive o seu uso, organização e pessoas que respondam por ele, que orientem os usuários, entre outros. Para que os usuários venham ter tais condições a biblioteca precisa de verba e de atenção.

Esse lugar na escola, associado essencialmente ao livro, é assim mostrado no discurso do sujeito coletivo:

DSC

*[...] **basicamente é o conceito, né? É o lugar onde ficam todos os livros** que a escola recebe, alguns do governo, a maioria na verdade, que eu vejo, que eu pego e tem o selo do governo. [...]. **Um lugar [...] onde guarda os livros.** [...] é o espaço onde tem os livros [...]. [...] teria que ter livros [...]. Vir aqui e ter vários livros. [...] É o centro que [...] armazenam os livros que [...] professores, diretores, [...] ganham do governo, ou [...] que eles trazem. (Entrevistados G, J, O, P, T, Grupo A, Pergunta 1).*

Dadas as condições de nossas bibliotecas, tal concepção reduz a biblioteca em um lugar situado na escola para depositar livros escolhidos pelo governo. Em essência, o movimento das pessoas nesse

lugar é vetado por ser justamente um lugar-depósito. Então, pergunta-se: onde irão, e o que farão, aqueles que precisam de informação, da biblioteca para ler, estudar, desestressar, aprender, conviver? Esse quadro é incompatível com o princípio da disseminação da informação e do conhecimento.

Porque *Na biblioteca [...] [...] com certeza, [...] [...] os livros são os principais, né? Porque você não faz uma biblioteca se [...] não tiver livros. [...] Porque [...] os livros [...] são a leitura* (Entrevistados C, G, T, Grupamento B, Pergunta 5).

Entre outras frases representativas, percebe-se nesta mesma fala, a biblioteca compreendida como um lugar que armazena livros, sugerindo a ideia de estocagem, depósito de livros, na maioria, conforme vê, doados pelo governo. Tal concepção diverge da ideia de ser um espaço para atender e acolher pessoas para que tenham acesso à informação. “*[...] a gente tem acesso gratuito e tudo, e tem pessoas que não aproveitam*” (Entrevistado Q, Grupamento A, Pergunta 4).

DSC

Porque eu [...] não vejo ninguém vindo aqui. No máximo pra vim aqui pra pegar um livro [...] que é didático que a gente tem que usar na aula [...]. Até porque [...] Pra ser uma biblioteca não devia ter esses livros assim no meio do caminho (Entrevistado P, Grupamento E, Pergunta 4).

O sujeito coletivo se reporta aos alunos. Mas será que professores e demais membros da unidade escolar estão aproveitando esse espaço público de acesso gratuito? Se não, porque?

Em síntese, esta fala guarda uma concepção de biblioteca escolar ao contrário do que é dito. Em outras palavras, dela ser espaço aberto, no sentido de estar disponível e organizado (uma representação de biblioteca escolar), um parâmetro que o ajuda a classificar e fazer uma crítica à biblioteca que tem na escola. A inserção da biblioteca no contexto escolar é vista pelo sujeito coletivo como um lugar que facilita o acesso aos livros para pesquisas. Contudo, esse acesso não tem sido viabilizado como deveria.

O livro didático é um recurso que serve para auxiliar o professor das diferentes disciplinas na ministração de aulas. É utilizado pelo aluno e pelo professor por imposição do governo. Esse livro é utilizado dentro e fora de sala (em casa e na biblioteca). O livro didático é hegemônico no acervo da biblioteca escolar. Há também os livros de literatura e

obras de referência recebidos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola, assim como os recebidos por doação.

A escola tem o papel de fazer com que o aluno saiba ler e escrever, daí o reforço para utilizar a biblioteca nas séries iniciais. Mas também tem o papel de dar atenção à pesquisa que o professor solicita ao aluno. Falta ensinar o aluno a pesquisar e lhe dar condições de realizá-la no espaço da escola, na sua biblioteca. Logo, quando o aluno necessita pesquisar, e procura a biblioteca da escola, vai só, sem professor, que deixa de orientá-lo no local, de participar da busca, localização e uso de bibliografia. Se vai à biblioteca pública, o acesso à informação é facilitado: estará aberta, haverá organização e profissional para auxiliá-lo. Desse modo, a biblioteca escolar não vem cumprindo com a responsabilidade de preparar o usuário aluno para o uso de outras bibliotecas.

Sobre as ações envolvendo a pesquisa na educação básica, Garcez (2009, p. 195) constatou em escolas localizadas em SC que “não há planejamento que inclua o uso da biblioteca nas pesquisas solicitadas pela escola e, por extensão, há pouco uso dos conhecimentos e das informações que lá se encontram” e uma desvalorização da biblioteca. Para essa autora,

Os poucos alunos que procuram a biblioteca, a utilizam para fazer cópias; os demais sequer precisam dela para seguir nos estudos. E isso se relaciona ao papel do professor/transmissor de conhecimento. A *desvalorização da biblioteca*, e por extensão, o pouco reconhecimento do bibliotecário revelados pelo *pequeno investimento em acervo, pelo pouco uso do acervo, pelo pequeno espaço físico, pelo barulho interno e externo* que interferem nas leituras, nos estudos e na aprendizagem dos que se encontram nesse local, pelo *pequeno número de bibliotecários* na escola e pela *reduzida equipe da biblioteca*. O pouco uso da biblioteca pelo professor e pelo aluno reforça essa ideia de desvalorização (GARCEZ, 2009, p. 194-195, grifo da autora).

Portanto, vê-se que a essência do problema da falta de apoio à pesquisa na escola está na falta de discussão do que se quer com a pesquisa na escola, na necessidade de oferecer condições à biblioteca para amparar o aluno, de orientá-lo e acompanhá-lo. Orientação que

poderia ser oferecida no laboratório de informática, e na biblioteca, com os documentos impressos.

De modo geral, os professores pouco orientam para a pesquisa. Por essa razão, o uso do livro didático é de uso predominante na escola, na biblioteca e em casa para resolver as atividades escolares. Nas palavras de Salaberria (2007, p. 167), o livro didático é “el rey”.

Imposto ao professor e ao aluno, o livro didático acabou sendo convertido como um tipo de biblioteca portátil impressa, que ajuda a mascarar a carência de biblioteca escolar, a mantê-la em uma quase penumbra, aquietada ano a ano, com tanto potencial humano a ser explorado na escola com a biblioteca, em uma sociedade que se diz preocupada com a formação de leitores.

Enquanto isso, o sujeito coletivo afirma que o acervo de literatura é insuficiente. Há alunos que procuram outras bibliotecas para empréstimo desse tipo de livro. Saber ler e escrever é diferente de ler com frequência e gostar de fazê-lo. Contudo, conforme indicado no DSC, ir à biblioteca toda semana durante as séries iniciais, parece não ser suficiente para que o aluno construa esse gosto. Há alunos do 3º ano do ensino médio que afirmaram não gostar de ler. Pode ser uma marca pessoal. Ao visitar as bibliotecas escolares, ao ouvir os alunos, coletar dados sobre as escolas e suas bibliotecas, a partir da direção escolar e dos responsáveis pela biblioteca, vemos que outros aspectos relacionados à questão precisam ser levantados, como por exemplo, a falta de estrutura, a necessidade de mais oportunidades e de mais incentivo para que o aluno cultive o gosto pela leitura e possa pesquisar, sendo orientado e encorajado para tal.

Na avaliação do Programa Nacional Biblioteca na Escola, registra-se que reforçar a coleção da biblioteca escolar com livros de literatura não é suficiente para incentivar a leitura na escola. São necessárias outras ações para promover o acesso aos livros como, por exemplo, manter a biblioteca aberta no horário de funcionamento da escola, e ter profissionais qualificados, atuando exclusivamente nesse local, conforme indicam Paiva e Berenblum (2006). Lobrot (1992) entende que as escolas precisam de profissionais com perfil de “animadores”, para que incentivem os alunos no desejo de aprender.

Sobre isso, o sujeito coletivo faz menção ao incentivo que recebeu para utilizar a biblioteca da escola, para gostar de ler e de literatura. Esses “animadores” foram: docentes em sala de aula, professores responsáveis pela biblioteca, profissionais de outras bibliotecas que o orientaram na busca por informação, ou mesmo aquele que organizou o acervo da biblioteca, tenha facilitado a vida do aluno,

assim como os pais e os colegas que ao frequentá-la o incentivaram a fazer o mesmo. Animadores são necessários assim como bibliotecas funcionando. Para converter a biblioteca de modelo tradicional para uma biblioteca dinâmica, é preciso que os profissionais mudem de postura, conforme sinaliza Salaberria (1998, p. 64) passando “de guardián de las palabras a anfitrión de la información”.

A Proposta Curricular de Santa Catarina chama a atenção aos elaboradores do projeto político das escolas no que concerne ao seu desenho, buscando enfatizar o que desejam alcançar com a organização curricular e, através das atividades planejadas, pensar “[...] também nas estratégias para a sua apropriação e as que viabilizam o direito à igualdade de condições de acesso ao conhecimento e permanência para todos os sujeitos na escola, incluindo-se os adultos e idosos e priorizando os de zero a 17 anos (SANTA CATARINA, 2014b, p. 31).

A biblioteca também é percebida pelo sujeito coletivo como um lugar de refúgio, onde pode se sentir mais livre para pensar a partir do que lê. Uma experiência difícil de ser exercida em aula, já que nela lhe são impostos conceitos pela via curricular.

A partir do que afirmam Berger e Luckmann (2013), diferentemente do âmbito familiar, no contexto de socialização secundária, a criança tem tendência a resistir ao que lhe é imposto como socialmente aceitável. Ela vivencia um processo de ajustamento às regras estabelecidas, aos conteúdos e à uma linguagem, diferente das que assimilou naturalmente. Na escola o grau de formalização é elevado. Os professores - executores desse sistema integrado a um sistema maior e mais complexo, não têm forte vínculo afetivo com os alunos, como o constituído naturalmente em família. Para Berger e Luckmann (2003, p. 91), os professores exercem um papel de cumpridores do dever: “o tom da realidade do conhecimento interiorizado na socialização primária é dado quase automaticamente. Na socialização secundária tem de ser reforçado por técnicas pedagógicas específicas, ‘provadas’ [...] ao indivíduo.” Nesse processo, a biblioteca da escola transforma-se em um lugar que pode oferecer muitas possibilidades. Possibilidades para que a escola/professor suavizem esse processo de imposição de conceitos e uso de técnicas pedagógicas. Possibilidades para que o aluno consiga dar conta ao que lhe é imposto/cobrado, mas também como uma válvula de escape. Em outras palavras, a biblioteca é um espaço democrático dedicado ao saber e ao sabor.

[...] é um local onde a gente vem pra “viajar” [...]. Porque quando a gente lê, querendo ou não, [...] “viaja” [...] sai da [...] realidade pra viver outra [...] mesmo na escola, pra [...] conhecer outras coisas [...]. [...] se desligar [...] das conversas de dentro da sala. [...] ficar no teu canto, ler um livro [...] e pensar [...]. É um espaço onde a gente pode se refugiar. Porque na sala de aula muitas vezes é imposto conceitos [...], e a biblioteca é o lugar onde a gente encontra livros, e o livro [...] abre a nossa mente [...]. Então, é um lugar de descoberta, um lugar de refúgio (Entrevistados N, Q, U, V, Grupamento H, Pergunta 1).

Desse modo, pode-se inferir que a biblioteca é um lugar que reforça o que o sistema julga importante ser mantido e repassado às novas gerações. Ao mesmo tempo, é um lugar para se descobrir mais daquilo que já se sabe. Nesse sistema, ela é um refúgio dentro da escola para o aluno se distanciar, tendo um momento apenas seu, um momento livre para pensar. A BE tem, então, essa dupla responsabilidade: uma curricular e outra de fruição e abstração.

Nessa concepção, a biblioteca escolar não serve apenas como refúgio da sala de aula, é também um lugar para se pensar sobre os “[...] problemas em casa com os pais. É uma forma de desligar a mente de um problema” (Entrevistado B, Grupamento A, Pergunta 7). “É um bom lugar pro pessoal conseguir, às vezes, distrair a mente, que tem vários livros diferentes e às vezes as provas, os trabalhos deixam a gente bem estressada. Eu gosto [...] de ler pra escapar um pouco do dia a dia” (Entrevistado D, Grupamento D, Pergunta 4). A biblioteca passa, assim, a ser compreendida como um espaço para fins terapêuticos, para aliviar a mente.

Nesse lugar de conhecimento, o sujeito coletivo entende que deve-se obter respostas a qualquer pergunta realizada no âmbito do ensino oferecido pela escola, para suscitar uma curiosidade, atender a uma necessidade. No 3º ano do ensino médio, o aluno pode obter, por exemplo, informações que poderão auxiliá-lo na escolha de uma formação universitária.

DSC

[A biblioteca precisa ter] Livros, né? Bons livros. [...]. Muitos livros. [...]. [...] de tudo um pouco. [...] tudo que eu procuro e [...] saber que vai ter,

entende? [...] vou estudar agronomia. [...] e eu sei que vai ter especificamente aquele livro pra mim. Pode não conter tudo, [...] mas pelo menos algo que me ajude seria bom (Entrevistado H, Grupamento B, Pergunta 5, grifo nosso).

O sujeito coletivo afirma que vive um período que o tem levado a refletir sobre as escolhas que precisa fazer relacionadas à continuidade dos seus estudos e perspectivas de atuação profissional. Conforme o Entrevistado M (Grupamento A, Pergunta 1), a “[...] biblioteca oferece esses livros de vestibulares [...]. Agora que a gente tá no ensino médio, pensa né?”, mas o acervo é precário em informação sobre orientação profissional, um apoio que o aluno precisa. O Entrevistado H (Grupamento B, Pergunta 4) menciona que na biblioteca “[...] não tem muito livro de cursos [...] que eu possa fazer depois”, um indicativo de que para atender os alunos do ensino médio, é preciso reavaliar a coleção das bibliotecas para apoiar usuários com esse perfil. Por certo que a Biblioteca Pública, mais presente na vida do aluno pode auxiliá-lo. Contudo, não isenta da biblioteca da escola o dever de oferecer esse suporte ao aluno, que pode incentivá-lo a procurar complementá-lo em outras bibliotecas, internet, etc. Neste sentido, e a título de exemplo, O *Guia do Estudante*, oferece teste vocacional, lista das universidades brasileiras, cursos, grade curricular e sua avaliação, informações sobre mercado de trabalho e atuação profissional, sobre o Enem, sobre redação, entre outras que poderiam auxiliá-lo nesta etapa. É possível que o aluno encontre orientações em outras bibliotecas, contudo, a escolar deve oferecer uma orientação mínima para que a partir dela o aluno consiga planejar suas ações futuras.

No último ano do ensino médio, o sujeito coletivo não vai à biblioteca levado pelo professor. Se está ali, é porque tem consciência de que precisa se preparar para dar continuidade aos estudos. Sobre isso, afirma o Entrevistado T (Grupamento A, Pergunta 3), que “[...] agora [...] eu venho mais por conta, [...] por vontade minha mesmo por ler”.

O sujeito coletivo entende que o conhecimento disponível na biblioteca da escola colabora para a formação de sua cultura, e que a sua presença na escola colabora também para a formação de uma cultura de biblioteca. Ao vivenciá-la, compreende melhor o que esse espaço representa. A biblioteca escolar é um lugar de conhecimento, de descoberta, um lugar para o aluno, ainda pouco vivenciado por ele, e pouco explorado por ele.

No planejamento de uma política pública de promoção da leitura, para o uso da biblioteca na escola, é necessário facilitar o seu acesso. Isto é essencial e deve ser considerado nas três instâncias de governo (federal, estadual e municipal), pelos gestores escolares e professores. É preciso aproximar o aluno e o professor da biblioteca escolar, pois necessitam de atenção e de tempo para aprender utilizá-la.

Conforme exposto no Quadro 7, doze dos vinte e quatro alunos entrevistados utilizam a biblioteca da escola. Entre eles, cinco também são usuários de outras bibliotecas. Um aluno utiliza apenas outra biblioteca. Como, e com o quê, os onze alunos que não utilizam nenhuma biblioteca, têm apoio para leitura, trabalhos e pesquisas? Onde se refugiam?

No questionário, por meio do qual se buscou obter o perfil dos entrevistados, em uma pergunta aberta para que indicassem quais livros mais utilizam, o livro didático foi o mais citado (18 alunos). Quando questionados sobre o uso de outros tipos de documentos, entre revistas, jornais e outros, catorze indicaram a internet - cujo acesso não é disponível na biblioteca da escola.

Veremos no dizer do sujeito coletivo, em quais circunstâncias utiliza a biblioteca da escola e outras bibliotecas, e porque deixa de utilizá-las.

Conforme mostrado no Apêndice M (parte do processo de análise dos dados discursivos para a composição do DSC final), a biblioteca escolar é representada pelo sujeito coletivo como lugar de: conhecimento; formação do intelecto; leitura; estudo, trabalhos e pesquisa; silêncio; livro; literatura; refúgio; e lugar do aluno. Essas Ideias Centrais, presentes nas respostas apresentadas pelos entrevistados à primeira questão do roteiro de entrevista, serão discutidas a partir da formação de dois itens (literatura e pesquisa), estando os demais vinculados à esses dois.

6.6.1.1 Lugar de livro, leitura e literatura

Para o sujeito coletivo, a biblioteca é um lugar que favorece a leitura, que dá acesso à literatura. Após ser alfabetizado, a escola insere o aluno no universo da leitura. O sujeito coletivo reivindica que essa biblioteca esteja aberta, em funcionamento, com espaço para todos os alunos, atendendo-os além de suas necessidades básicas: ler e fazer trabalho para responder à demanda escolar.

Reiteradas vezes, o DSC expressa que a biblioteca escolar precisa oferecer livros variados, que atendam diferentes idades, gostos e

necessidades dos leitores, conforme vemos no trecho a seguir, que também apresenta marcas de ancoragem.

DSC

Quando se fala em biblioteca já se pensa em livro, né? *Só que tem que ter aqueles livros pra gente conhecer mais [...] [...]. [...] ter uma [...] certa quantidade de assuntos, de livros diferentes, [...] para poder se aprofundar mais [...], não ficar só [...] numa determinada [...] leitura. [...] [Ter uma] diversidade de livros pra poder fazer pesquisa [...] pra conhecer mais, aprender mais [...]. Tem que ter muito livro. É igual aqui [...] tem ainda bastantinho. [...]. [...] [É preciso ter] bastante livros variados, tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola [...] de vários autores pra gente pesquisar mais (Entrevistados A, F, K, L, N, Grupamento B, Pergunta 5).*

A expressão “*bastantinho*”, expressa no trecho acima sugere que a coleção da biblioteca escolar atende razoavelmente à demanda de leitura, de pesquisa, de “*livros pra gente conhecer mais*”, conforme expressa o Entrevistado N (Grupamento B, Pergunta 5).

DSC

É [...] onde a gente pode buscar o conhecimento [...]. Porque nos livros a gente pode buscar qualquer coisa, desde uma receita até conhecer novos lugares [...]. [...] com um livro você pode conhecer [...] qualquer lugar do mundo. [...]. [...] onde [...] a gente pode aprimorar [...] conhecimento [...], [...] aprofundar os estudos. [...] conhecer mais, [...] saber de outras histórias e [...] se aprofundar mais no que a gente quer conhecer. (Entrevistados G, J, W, Grupamento A, Pergunta 1).

O sujeito coletivo lembra que o acervo de literatura deve ter livros para diferentes tipos de leitores. Afirma que, com a leitura, pode conhecer, aprender e se aprofundar em algum tema, espairar, refletir, se refugiar, complementar um conhecimento, encontrar algo novo ou acrescentar algo aos temas tratados em sala de aula.

DSC

[...] vindo na biblioteca a gente tem essa oportunidade de poder ler e poder aprender um pouco mais, [...] não só da coisa da sala de aula. Porque [...] livro [...] não traz só os métodos científicos, né? Ele traz também as experiências que outras pessoas tiveram na vida [...] (Entrevistado X, Grupamento A, Pergunta 1).

Segundo esse sujeito, a atualização do acervo da biblioteca com “bons” livros e o oferecimento de contação de histórias ajudam a escola a incentivar a leitura.

Ele reclama da falta de computador e de acesso à internet na biblioteca da escola, mas demonstra preocupação com as crianças pelo uso excessivo das ferramentas tecnológicas, antes de lerem livros, de terem acesso à literatura. Entende que o livro auxilia a compreenderem o mundo. Desse modo, externa preocupação quanto à dependência que o uso das ferramentas de informática pode causar nas crianças, inibindo o seu interesse por literatura.

DSC

Porque [...] a literatura é [...] muito importante [...]. [...] hoje muita gente preferiu ir muito pro mundo da internet, celulares. Esqueceu os livros, deixou os livros de lado. [E] [...] ler um livro [...] traz mais benefício do que ficar só atrás de uma rede social (Entrevistado L, Grupamento G, Pergunta 1).

Essa preocupação não é descabida. O DSC assinala que as TIC interferem no corpo e na mente das crianças, que se adaptam ao novo, a um fazer diferente, como se observa nesta fala:

DSC

[...] eu particularmente [...] leio muito mais [...] na [...] [tela] de um computador, na internet, do que num livro. Eu consigo me adaptar muito melhor [...]. Não consigo pegar um livro [...] e ficar lendo [...]. [...]. [É que] [...] eu leio, mas eu não vou em biblioteca. [...] leio [...] só on-line, livros em geral [...] que me interessam [...]. Eu não costumo [frequentar outras bibliotecas]. Não leio muito, também [...]. Não gosto [...] muito de

ler (Entrevistado P, Grupamento F, Pergunta 5 e Entrevistado S, Grupamento A, Pergunta 6).

Assim, enquanto alguns jovens próximos da conclusão da educação básica, reivindicam livros para a biblioteca, outros revelam um novo perfil do usuário dessa biblioteca, que não reivindica o livro, mas o computador, por terem preferência, conforme registrado na citação anterior.

O sujeito coletivo tem percepção do seu desenvolvimento cognitivo e intelectual. Referindo-se à passagem do final das séries iniciais ao início das séries finais, relatou com satisfação, que à medida que avançava na escola ia percebendo que estava lendo coisas que antes não lia, enfim, “[...] *podia pegar livros novos, com conteúdos diferentes. [...] aquele negócio de “Ah, agora eu posso ler conteúdo de pessoas mais velhas”. [...] [como] O Código Da Vinci, que eu sempre quis ler, pude ler [...]*” (Entrevistado I, Grupamento A, Pergunta 3, grifo nosso).

Noutro momento relata que, entre a quarta e quinta série, percebeu o quanto avançou na leitura, relacionando este avanço, à ida à biblioteca: “[...] *toda semana tinha contato com a biblioteca. Era legal [...] porque foi quando eu [...], realmente, [...] deixei de ler [...] livros infantis pra ler [...] uma literatura mais avançada*” (Entrevistado R, Grupamento A, Pergunta 3). Associa esse desenvolvimento ao uso do livro, forte referência nesse DSC e, segundo os sujeitos individuais, a principal marca da biblioteca escolar.

DSC

[E] [...] *o livro ajuda [...] muito os jovens até a se expressar, no jeito de falar, né? [...]. [E] [...] ter mais conteúdo [...], [...] ter palavras dentro da sua mente pra acrescentar numa conversa [...] hoje em dia [...] voga muito. [...]* (Entrevistado L, Grupamento D, Pergunta 4).

Em síntese, o sujeito coletivo expressa que, com o uso da palavra, o ser humano vive e cria o social e a si próprio, e que a palavra escrita o enriquece, agrega mais conhecimento. Para o sujeito coletivo, é preciso que a escola estimule a leitura e divulgue a literatura. “*Hoje em dia as crianças [...]. [...] vêm pra biblioteca, pegam um livro, levam pra casa [...]. [...]. Nem tiraram da mochila.*” (Entrevistado I, Grupamento B, Pergunta 4). Mas a biblioteca vem e vai nas costas do aluno.

Sobre a inserção das tecnologias na vida das crianças, algo que vem ocorrendo cada vez mais cedo, Galeano (1988) externa

preocupação com a dependência que as crianças possam vir a ter das tecnologias no sentido de ficarem condicionadas, atadas, em um mundo tecnicista, capitalista e excludente (e pensemos o lugar que ocupa a biblioteca escolar neste cenário) onde tempo e mente aprisionados às tecnologias eletrônicas, poderão mantê-las distantes da realidade concreta onde poderiam intervir (GALEANO, 1998).

Conforme entende o sujeito coletivo, o livro é uma forma de resistência à forte influência das TIC, e que o acesso dos alunos à biblioteca escolar é fundamental. Portanto, o livro deve ser apresentado aos alunos, estar disponível na biblioteca da escola, o acervo atualizado, a fim de incentivar o gosto pela leitura, mantendo a tradição de acesso à informação, à cultura que representa o livro. Para isso, é preciso

DSC

[...] tentar mudar um pouco a geração que tá vindo agora. [...] uma geração mais tecnológica que simplesmente se preocupa com celulares, tablets, joguinhos. [...]. As crianças de hoje [...] Não querem mais saber de pegar um livro, de saber como é um livro [...]. [...] só pegam o celular [...] (Entrevistado I, Grupo B, Pergunta 4).

Sobre esse trecho do DSC, cabe lembrar que as bibliotecas das escolas pesquisadas são espaços de uso limitado das TIC, e de oferecimento nulo para os usuários. Fora da escola as crianças têm acesso aos jogos eletrônicos, celular etc. Também é fora da escola que jovens e adolescentes, se ressentindo da ausência de internet na biblioteca, resolvem parte de suas tarefas escolares. O que resta à BE, e à todos, é o livro. É preciso incentivar o uso desta tecnologia que informa, diverte, desestressa, faz conhecer, mas também é preciso oferecer ao usuário a opção de se informar, se divertir, desestressar, conhecer, por meio das TIC.

O sujeito coletivo afirma que não vai à biblioteca da escola por iniciativa própria e nem é incentivado pelo professor, e que o laboratório de informática lhe atrai mais.

DSC

E hoje em dia [...] a gente não vai mais [...] na biblioteca. Porque [...] antigamente, também não tinha a sala ali [...], com computadores [...]. Hoje já tem. Daí a gente já prefere ir pra informática

do que ir pra biblioteca [da escola]. [...] a tecnologia influencia muito [...]. [...] por isso [...] muitas pessoas tão deixando de ir pra biblioteca [...], preferem [...] pesquisar na internet que vem mais rápido. Então, hoje em dia a biblioteca [...] tá sendo abandonada [...] (Entrevistado N, Grupamento A, Pergunta 7).

Sabe-se que na grade escolar, não há garantia de horário para o aluno frequentar a biblioteca, contudo, há horário para frequentar a sala de informática.

Qual seria a relação do aluno com a biblioteca, se essa unidade passasse a oferecer computador e internet? Que mudanças traria ao cotidiano da biblioteca e da comunidade escolar? De que forma a escola poderia agir para orientar os alunos no uso de tais instrumentos, de modo a ambientá-los a essa porta de acesso à informação?

O sujeito coletivo entende que a comunicação *on-line* deturpa a escrita convencional e concorre com a literatura. Entende que

DSC

[...] a leitura é fundamental [...] pra escrita, [...] pra imaginação. [Por isso] Não só ficar no computador, na internet, nas tecnologias. [...]. Se você tá irritado, a [...] leitura para, te passa [para] um outro lugar, entendeu? [...]. [...] a tecnologia pode ser uma evolução, mas [...] tá tirando [...] de uma criança pegar um livro e começar a ler” (Entrevistado U, Grupamento A, Pergunta 7).

[...] a leitura influencia muito, tanto na escrita como falar em público [...]. [...] como não tive muita leitura durante o pré e quarta série, prejudica [...] na hora da escrita. Sinto bastante dificuldade (Entrevistado U, Grupamento B, Pergunta 4).

E entende, esse sujeito coletivo, que a biblioteca escolar precisa ter mais opções de leitura, afinal, *Ler é importante, né?* As TIC trouxeram uma nova dinâmica de acesso à informação, tem modificado hábitos de leitura, de pesquisa, de escrita, de expressão. Mas não há acesso na biblioteca da escola, o que também tem colaborado para os alunos irem se afastando dela, de não serem orientados para uso dessa

ferramenta para fins de estudos, pesquisa. Por descuido, falta de atenção da escola aos sinais desse movimento, muitos alunos deixaram de utilizar a biblioteca.

De acordo com o DSC, há pouco interesse em fomentar o hábito de leitura à medida que os alunos avançam no ensino. Essa falta de interesse desestimula os alunos, e enfraquece o papel da biblioteca como formadora de leitores.

Segundo o sujeito coletivo, o governo precisa garantir ao professor, condições para que desempenhe o seu papel, e possa atender as exigências impostas por ele (e aqui pensemos, por exemplo, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Afinal, se a biblioteca não oferece suporte à aula do professor, o que utilizará, de onde trará?

O sujeito coletivo entende que biblioteca escolar não é apenas um espaço com livros, precisando abrigar ao menos uma turma de alunos. A biblioteca não é um espaço que oferece qualquer tipo de serviço. Não é apenas um espaço para o aluno ter livros emprestados, mas um espaço a ser ocupado e praticado por ele.

DSC

[...] a biblioteca [...] na época do Primário [...] não era bem [...] uma biblioteca. [...] era um local onde a gente fosse pegar os livros, só, e fosse pra sala pra ler ou pra estudar das matérias [...]. [...] na sexta série foi [...] [quando] ela, realmente, deu esse “ar” de biblioteca, onde tá todos os livros, o pessoal pode vir ler, estudar, [...] os professores trazendo a gente pra ler, [...] pra ver [...] sobre trabalho [...] pra tá lendo, [...] estudando [...] (Entrevistado C, Grupamento A, Pergunta 3).

Vê-se que a percepção do sentido de biblioteca vai mudando a partir da realidade que vai sendo alterada. De um recinto com livros, quando ampliado, a biblioteca passa a ser ocupada por quem precisa deles, e muito mais. Essa aproximação vai provocando outras necessidades, trazendo outras mudanças, que impactam na formação do aluno e naquilo que entende ser uma biblioteca escolar ideal.

DSC

[...] é um espaço [...] para se ler. [...]. [...] um lugar [...] [para] ler livros por espontânea vontade de [...] querer ler [...]. [...] onde a gente pode pegar livros

diferentes para distrair um pouco a mente, ler um pouco, até mesmo pra fazer trabalho, porque em português, [...] às vezes dão um trabalho sobre um certo livro e a gente tem que ler [...]. [...] a partir da escola [eu] desenvolvi o gosto pela leitura. [...] desde o [...] Ensino Fundamental que eu frequento [a biblioteca]. [...] graças à escola, eu gosto de ler e [...] escrever. (Entrevistados C, D, F, T, Grupamento C, Pergunta 1).

A leitura prepara o aluno para ter pontos de vista, desenvolver o senso crítico.

DSC

[E] [...] eu aprendi na minha experiência pessoal de leitura, que [...] qualquer livro que tu for ler [...] não pode ler [...] só por tá lendo. Tem [...] os aspectos [...] da tua visão, da visão do autor [...]. Abranger vários pontos de vista para tu ter uma opinião própria [...]. E [...] [o] que eu mais gosto na leitura é [...] poder ver de tantos ângulos diferentes e sentir tanta coisa diferente apenas lendo um livro (Entrevistado R, Grupamento B, Pergunta 7).

A partir do que revela esse sujeito, constata-se que para gostar de ler são necessários livros, biblioteca, incentivo da família e da escola no cultivo do hábito de leitura durante o seu processo educativo. A ação do professor, principalmente quando não há profissionais qualificados para dinamizar este espaço, é central na condução do processo de interação do aluno com a biblioteca. Os professores têm a responsabilidade de “convidar” o aluno para conhecê-la e frequentá-la. Assim, a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil 3*, revela o óbvio ao indicar que para 45% dos respondentes, os professores são a principal influência na vida dos jovens em relação ao hábito de leitura. (GOMES, 2012, p. 133). Segundo Gomes (2012), as mães ocupam a segunda colocação, quanto à influenciar os jovens para a leitura, sendo citadas por 43% dos entrevistados.

Esse estudo mostra a relevância da biblioteca escolar nesse trabalho com o aluno e o professor. Com esse suporte, o aluno de escola pública, terá mais oportunidades para enfrentar barreiras de acesso à informação e à leitura.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, às vezes o professor acompanha os alunos à biblioteca; em outras, pede que visitem a biblioteca escolar; em outras, solicita trabalhos, leituras, estudo para provas. Quando integradas ao cotidiano do aluno, essas ações contribuem para que ele adquira autonomia e vá à biblioteca, dependendo cada vez menos do professor. O sujeito coletivo que foi submetido a essa prática fala sobre a importância da aquisição do hábito de leitura. Entende que a variedade de leituras dá ao leitor a oportunidade de se identificar com um autor, um texto, um tipo de escrita; descobrir o que mais gosta.

DSC

Às vezes os alunos pensam que biblioteca é [...] “Só livro chato” ou “Eu não vou gostar de nenhum livro que tem”, porque a maioria [...] não tem o costume [...] de ler. [...] começa lendo um livro “Ah, eu não gostei”, [...] tenta outro [...]. [...] muita gente [...] tem esse preconceito com o livro [...]. Fala que todo livro é chato, que toda biblioteca só tem livro chato e não é assim. [...] ler é uma coisa que te motiva [...]. Às vezes, eu prefiro ler do que ver TV. [...] eu imaginar é muito melhor [...] Porque [...] a minha imaginação não vai me decepcionar [...]. [...] as pessoas têm muito essa coisa “Não, não gosto de ler”, “Não gosto de ir em biblioteca” e acabam perdendo a oportunidade de conhecer histórias [...] (Entrevistado X, Grupamento B, Pergunta 7).

Nessa narrativa, o sujeito coletivo afirma que a literatura dá ao leitor liberdade para pensar, para fugir de um problema. Esse tipo de leitura evoca no leitor sensações e reflexões especiais. Segundo esse sujeito, é impossível se decepcionar lendo. Expressa ainda a necessidade de a biblioteca ter acervo variado, em número suficiente para que chame a atenção do aluno, despertando nele o interesse pela leitura. Em síntese, uma coleção variada atende a diferentes gostos e necessidades, instiga a curiosidade das pessoas e as motiva para ler e conhecer. É necessário pensar na biblioteca para que atenda todos os alunos.

DSC

Porque não adianta nada ter uma biblioteca só de livros de literatura brasileira, do realismo, ou [...]

só livro infanto-juvenil, porque tem pessoas que não lêem todos os livros, mas aqueles que elas gostam, elas lêem. Então, é uma oportunidade da pessoa ler alguma coisa. [...]. Tem que ter vários livros diferentes pra todos os gostos. Livros [...] para determinadas idades, os quais trazam ensinamentos [...] (Entrevistados D, M, X, Grupamento B, Perguntas 5).

Este é um dos trechos do discurso coletivo, das muitas exposições e justificativas apresentadas para que o acervo da biblioteca da escola seja complementado com novidades, variedade, e atenda o perfil dos entrevistados que expressaram desejo de ler.

6.6.1.2 Lugar de pesquisa

Para o sujeito coletivo biblioteca é também lugar para pesquisa. *[...] é um ambiente que a escola fornece [...], que auxilia [...] nos trabalhos, nas pesquisas [...]. [...] biblioteca não é só pra [...] pegar um livro pra ler [...]. É [...] pra estudar também* (Entrevistados F, H, Grupamento D, Pergunta 1). Afirma que da frequência semanal à biblioteca *[...] com o tempo eu fui utilizando mais a biblioteca pra estudo do que pra leitura.* (Entrevistados X, Grupamento A, Pergunta 3).

A biblioteca escolar idealizada pelo sujeito coletivo é um lugar com livros, computadores e internet para fins de pesquisa, onde o aluno é orientado para encontrar o que precisa. Entretanto, a realidade é outra. Na escola ele não tem essa ajuda, não tem biblioteca disponível em tempo igual ao do funcionamento da instituição escolar, não tem internet. Então, o que faz?

DSC

[Eu frequento] [...] *A Biblioteca Pública [...]. [...] porque quando a gente não tem internet, né, meio difícil [...]. [...] eu até tenho internet em casa, agora, só que [...] na biblioteca é melhor porque [...] já te mostram as especificações dos livros, essas coisas. Quando eu preciso, realmente, de livro, [...] eu vou lá [...] porque [...] na escola não pode vim a tarde, e como estudo de manhã é difícil. [...]. Aí, eu vou [...] na Biblioteca Pública que é aqui do lado. [...] pesquiso lá no*

computador onde fica o livro. Aí mostra a prateleira [...]. [...] vou lá e pesquiso. [...] tem computador, [...] internet e acesso aos livros (Entrevistado C, Grupamento B, Pergunta 6).

Na escola o aluno precisa ser orientado a pesquisar, para poder pesquisar fora da escola. Ser orientado para que a pesquisa na *web* não se limite a copiar e colar. Sem ter conquistado autonomia para consultar e pesquisar nas fontes impressas, o aluno seguirá na pesquisa em outros suportes, no mesmo sistema de copiar e colar. O sujeito coletivo reivindica acesso à internet na biblioteca da escola, auxílio na indicação de *sites* para pesquisa e orientação para tal fim.

DSC

[...] teria que ter [...] uns computadores pro pessoal pesquisar juntos, entendeu? [É] [...] um auxílio bastante grande porque [...] eu particularmente [...] leio muito mais [...] na [...] [tela] de um computador, na internet, do que num livro. Eu consigo me adaptar muito melhor [...]. Não consigo pegar um livro [...] e ficar lendo [...]. [Na biblioteca] [...] deveria ter também acesso à internet porque [...] aqui na nossa biblioteca a gente tem o livro, o computador, mas a gente não tem acesso à internet, entende? [...] se já tivesse só o acesso a materiais específicos, sites só de pesquisa [...] por exemplo, o “Hora do Enem” [...]. [...] pra nós já seria bem útil. Porque dá de fazer simulados, [...] aqui dentro [...]. [...]. [...] porque [...] o Laboratório de Informática a gente só usa com os professores, né, e tá sempre sendo usado [...]. Então, a gente acaba não indo lá. [...] se aqui funcionasse a gente poderia tá respondendo as questões [do Enem] com o apoio dos livros pra tá aprendendo mais, entendeu? (Entrevistados C, P, W, Grupamento F, Pergunta 5).

Os dados coletados, por meio do questionário aplicado aos responsáveis pelas bibliotecas, mostram que nove das doze bibliotecas têm computador. Em cinco delas, a internet é de uso exclusivo dos funcionários. Nas escolas, o acesso do aluno à *web* ocorre apenas no Laboratório de Informática, existente em onze escolas pesquisadas. O

uso desse espaço é feito por turmas acompanhadas por um professor, para que sejam desenvolvidas atividades programadas. Portanto, nesse momento, o aluno não pode realizar atividade demandada por outra disciplina, como o levantamento de dados para uma pesquisa, por exemplo.

Diante de tal situação, o aluno passou a buscar alternativas que foram se configurando nos “motivos-porque” da procura de outras bibliotecas, e da biblioteca pública, principalmente quando nas séries finais do ensino fundamental, com os professores incrementando a solicitação de pesquisas, conforme discorre um dos entrevistados.

[...] utilizei [...] a biblioteca pública, entre a quinta e oitava série que foi bastante pesquisa. [...] o colégio não tinha tanta internet, tanto computador ainda, e ali já tinha. [...] eu utilizava bastante [...]. Era mais fácil fazer trabalhos. [...] tinha um professor que auxiliava a gente lá, tirava as dúvidas, ajudava a fazer as pesquisas. Algumas vezes a gente pesquisava os livros na internet [...] pra ficar mais fácil. Daí colocava [...] ali e via se tinha na biblioteca. Os que tinha a gente colocava a frase, ali, do autor, e o autor embaixo nos trabalhos, mas era manuscrito. Ali podia imprimir, tudo certinho. [...] o auxiliar [...] ajudava a gente. [...]. [...] palavras que a gente não entendia ele explicava (Entrevistado K, Grupamento A, Pergunta 6).

Este trecho revela a crescente demanda por trabalhos e pesquisas no início das séries finais do ensino fundamental. Conforme dito anteriormente, a escola não oferece condições para que o aluno realize as suas atividades na escola, não apenas no que concerne ao aporte material (livros, computador etc) e à estrutura física, mas também profissional. Ele deveria receber orientação e ter um espaço organizado onde pudesse conhecer o acervo, aprender a acessá-lo, tendo assim, melhores condições para poder obter os documentos pertinentes às suas necessidades. Estes não deveriam ser os pré-requisitos fundamentais para orientar o aluno na pesquisa escolar?

O sujeito coletivo indica ter preferência pelo uso da internet para fazer os seus trabalhos de escola. Para ele, quando não existia esse recurso, toda pesquisa era realizada na biblioteca escolar, porque “[...] agora tem o computador [...], a internet, é mais fácil. Mas antigamente,

[...] as pesquisas eram feitas todas aqui, né?” (Entrevistado K, Pergunta 1, Grupamento D). Tanto no passado como no presente, conforme exposto no DSC, fazer pesquisa na biblioteca da escola é um desafio para qualquer aluno de escola pública. No que se refere às tecnologias, apesar da ajuda que as bibliotecas podem oferecer, estas unidades têm muitas deficiências, enquanto a prática da pesquisa na escola pouco muda. A situação, conhecida do sujeito coletivo, o faz procurar a biblioteca pública, que também ocorre por outra limitação da biblioteca escolar: acervo insuficiente que não cativa o aluno, conforme vemos neste depoimento.

DSC

[...] eu vou [...]. [...] quando eu [...] tô a fim de um livro e eu não acho por aqui. Ou, às vezes, pra ver livro pra trabalho escolar, que têm alguns aqui que [...] A gente só pode pegar [...] enquanto tiver na biblioteca, e lá eles emprestam. [...] também tem computador [...] (Entrevistado D, Grupamento B, Pergunta 6).

Essas limitações das bibliotecas escolares são, entre outras: a pouca variedade de itens do acervo, o baixo número de exemplares, obras disponíveis apenas para uso local, dificuldade de localizar no acervo documentos, falta de computador e internet.

A maioria das bibliotecas não empresta documentos de referência (enciclopédias, dicionários, mapas, guias, almanaques, etc) para uso domiciliar. Nesse caso, um serviço de reprografia poderia ajudar o usuário. Todavia, sabe-se que essa alternativa geraria custos, por isso não é viável para todas as bibliotecas.

Fora da escola, a utilização da internet dá-se, principalmente, para trabalhos e pesquisas. O sujeito coletivo entende que tendo acesso à internet não precisa utilizar a biblioteca da escola. Nela, basicamente, só tem livros e muitas carências que fragilizam o uso desses livros e da própria biblioteca.

DSC

[...] eu não utilizo [...] tanto [a biblioteca da escola] por causa da internet. Porque a internet a gente sabe que tá nas nossas mãos, né? [...]. [...]
[...] quando não tem nada na internet eu pesquiso nos livros em casa. [...]. E livro [...] [de literatura], eu leio quando eu compro ou as

minhas colegas têm [...] indicam [...] e eu leio.
(Entrevistados A, B, Grupo A, Pergunta 2).

Os livros didáticos servem como fontes de pesquisas nos trabalhos escolares. Na mochila, acompanha o aluno de casa para a escola e vice-versa, configurando-se como uma biblioteca portátil enquanto os anos vão passando, sem que nos demos conta, da sua centralidade na vida escolar, quem sabe familiar. Para a leitura de literatura, uma alternativa é emprestar dos amigos. E assim, o sujeito coletivo vai encontrando alternativas para a resolução de problemas que não consegue sanar na biblioteca escolar.

Quando ancora seu discurso afirmando que - [...] **a internet a gente sabe que tá nas nossas mãos, né?** -, sugere que na atualidade é impossível o aluno abrir mão desse recurso para solucionar questões escolares: [...] *ai eu não precisei mais vim aqui pra pegar livro pra fazer trabalho [...]. [...] tem internet, então, já é mais fácil [...]. [...] as pesquisas a gente faz sempre na internet* (Entrevistados B, K, Grupo A, Pergunta 2). A *web* viabiliza a obtenção de uma “resposta” rápida para uma questão escolar. Isso tem contribuído para manter o aluno cada vez mais “ligado” na tecnologia. Contudo, este recurso está disponível em cinco, das doze bibliotecas participantes desta pesquisa, e o seu acesso é vetado ao aluno.

Alunos que não têm internet (em casa, na biblioteca da escola, na casa de colegas, ou em *Lan houses*) vão à biblioteca pública, porque lá têm esse acesso.

Por outro lado, o sujeito coletivo percebe que a internet não é solução para tudo. A biblioteca escolar tem literatura não disponibilizada ou não encontrada na internet. Entretanto, nem todos os livros são encontrados nesse espaço pelo sujeito coletivo. Por essa razão, afirma buscar literatura fora da escola, na biblioteca pública ou em outras bibliotecas, como as citadas: universitária, de curso profissionalizante, de empresa, e de escolas.

Além disso, o sujeito coletivo menciona a insegurança e a falta de confiança da informação disponibilizada na *web*. Por que?

DSC

Porque [...] hoje em dia tem internet [...] mas o livro ainda é uma importante forma de aprendizado. [...] na internet tem muita coisa, mas muitas vezes errada. O livro não, [...] tem uma coisa [...] verificada, corrigida, [...]. [...]

uma certeza do conteúdo [...]. [...] aprovação de uma editora, uma análise ortográfica. Tudo certo [...] perante [...] as leis do país, né? Então, é mais confiável que [...] internet (Entrevistado J, Grupamento B, Pergunta 5).

Apesar de a internet representar facilidade de acesso à informação, talvez a falta de confiança a que se refere o sujeito coletivo, faça com que a biblioteca escolar simbolize “[...] um lugar onde a gente [...] pode se ajudar, [...] querer pesquisar. [...] onde tu te sentes mais seguro pra [...] aprender”, conforme manifesta o Entrevistado C (Grupamento D, Pergunta 1).

Com base em um trecho do DSC, pode-se inferir que mesmo o aluno que utiliza apenas a biblioteca da escola, o faz por falta de outra opção, já que prefere utilizar a internet, e nela não tem, e a biblioteca pública está localizada no centro da cidade, e longe dele. “É um lugar onde os alunos têm um acesso mais fácil a livros pra fazer pesquisas, porque [...] nem [...] todos têm internet em casa [...], e aqui [...] só tem uma biblioteca pública, no Centro” (Entrevistado S, Grupamento D, Pergunta 1).

Apesar de reconhecer que o acesso à internet “facilita” as tarefas escolares e na realização de pesquisas, o sujeito coletivo entende que a tecnologia, quando inserida muito cedo na vida de uma criança, tira dela um tempo precioso para experimentar o contato com o mundo da ficção, da imaginação, de saber o que é leitura. Ele reclama da falta de acesso à internet na biblioteca. Entretanto não vê com bons olhos o acesso precoce das crianças às tecnologias. Menciona a necessidade de priorizar o livro, a leitura, a literatura, segundo esse sujeito, por viabilizarem uma compreensão do mundo e de se “ver” nele.

O sujeito coletivo concebe um ideal de biblioteca escolar, como lugar que auxilia os alunos com os trabalhos e pesquisas solicitadas pelo professor. Um espaço a ser ocupado pelo aluno, para emprestar livros, ler, estudar, se refugiar, pensar. Um lugar para estudo que lhe oferece a oportunidade de leitura e de acesso à literatura.

6.6.2 Papel da biblioteca

Sem saber ler como o aluno irá progredir na escola e na vida? Para o sujeito coletivo saber ler é fundamental, e reflete no papel da biblioteca escolar em incentivar “as pessoas pegarem o próprio livro com vontade. [...] pegar forçado [...] não vai terminar. Ler e se esforçar

porque a leitura é a base de tudo, [...] da escrita, da fala (Entrevistado O, Grupamento B, Pergunta 4).

As funções sociais são interdependentes, formadas e mantidas por meio da relação entre indivíduos, vinculados a diferentes instituições⁸⁶ (ELIAS, 1994). O sujeito coletivo entende que o oferecimento de um ensino de qualidade está ligado à gestão escolar, aos professores e ao governo. O entrevistado “J”, revela que as instituições e os atores sociais desempenham papéis específicos, que se entrelaçam a outros, também específicos. Sua reflexão perpassa pelo papel da família e da escola na formação do indivíduo. O seu discurso é carregado de representações sociais. Representações que vem assimilando ao longo de sua vida marcada nas instâncias familiar e formativa. Para o sujeito coletivo, o papel da escola é distinto ao da família.

DSC

A [...] escola [...] é a parte mais importante da formação de uma pessoa, [...] na questão do conhecimento. [...] o caráter [...] é a família que forma, é dever da família. O da escola é o conhecimento. Porque [...] uma pessoa entra [na escola] [...] com cinco anos de idade e sai com dezessete, dezoito [...]. Então, nesse meio tempo a escola, [...] tem o dever de [...] dar atenção, dar um ensino de qualidade pra pessoa. Porque essa pessoa [...] vai ser um futuro profissional que vai servir à sociedade. Então, [...] Além [...] da qualidade dos professores, [...] de os professores ensinarem, que a [...] diretoria [...] tenha uma boa gestão [...], não falte nada pra escola, a biblioteca [...] ser bem administrada, [...] bem organizada, [...] que tenha bastante conteúdos pra pessoa ler [...] e aprender. [...] a biblioteca [...] tem que ser algo diversificado. Porque a pessoa que entra na escola [...] procura um conhecimento. Então, quanto maior a oportunidade de conhecimento, melhor pra pessoa, melhor pra formação da pessoa.
(Entrevistado J, Grupamento A, Pergunta 7).

⁸⁶ Refiro-me à qualquer estrutura social composta por indivíduos: instituições públicas e privadas, igrejas, a fábricas, escolas, orfanatos, prisões, recreativas, culturais, entre outras. Os indivíduos estão vinculados às instituições não apenas na condição de trabalhadores, mas também como usuários de seus serviços. Assim, cada indivíduo está ligado a muitas instituições e dependente do papel social de outros.

A escola é uma importante experiência humana. O papel de sua biblioteca ou a razão de sua existência nas referências expressas pelo sujeito coletivo são:

- a) dar respostas às dúvidas dos alunos; incentivar a leitura;
- b) ajudar alunos e professores;
- c) ajudar os alunos menores a ler e os maiores com os livros do vestibular;
- d) promover mais conhecimento sobre a literatura, histórias brasileiras;
- e) facilitar o acesso aos livros, porque a leitura auxilia no desenvolvimento social do indivíduo;
- f) ajudar os jovens a se expressarem melhor;
- g) distrair a mente.

A biblioteca tem como papel “[...] auxiliar [...] se a gente tiver alguma necessidade, querer fazer alguma pesquisa. [...] ajudar os alunos, [...] os próprios professores [...] nas matérias” (Entrevistado P, Grupo C, Pergunta 4). Mas a frequência de alunos e professores nesse espaço é ainda baixa, precisando ser incrementada.

Para o sujeito coletivo é preciso alertar professores e gestores para que os alunos mantenham frequência à biblioteca, como nas séries iniciais.

DSC

Porque ultimamente a biblioteca tá meio esquecida. [...]. Aí, tem que dar um toque [...] para os professores alertarem os alunos pra voltarem a ler. [...] na sétima ou oitava série, eu tinha uma professora de português que toda semana [...] pegava os livros daqui e levava pra gente fazer uma leitura de uma aula. [...]. E hoje eu não tenho mais isso, e eu gostava. Aí eu parei de vim aqui pra pegar livro (Entrevistado B, Grupos B e D, Pergunta 5).

O sujeito coletivo entende que o papel da biblioteca escolar é acolhê-lo para realizar suas pesquisas e incentivar a leitura. Sem leitura o indivíduo não progride na escola e na vida. Esse papel é fundamental, pois em casa, nem todos têm acesso à leitura.

A família tem um papel social, a escola outro. No tocante à leitura, o sujeito coletivo lembra que devido a questões

socioeconômicas, que dificultam o acesso ao livro e a espaços de cultura, a escola precisa incentivar a leitura, oferecer livros, biblioteca, e atividades que envolvam o aluno com a leitura, principalmente àqueles que dependem exclusivamente da educação pública. Assim, sobre a biblioteca escolar,

DSC

[...] o papel dela além de proporcionar esse [...] lugar a mais pra gente fazer as pesquisas, [...] é [...] ser usado para incentivo à leitura [...]. Porque muita gente [...] não tem acesso aos livros. [...]. Eu não tive esse acesso quando [...] menor e foi por causa da biblioteca da escola que eu comecei a ler, entende? [...] esse acesso [...] nos ajuda, ajuda as pessoas (Entrevistados F e G, Grupamento B, Pergunta 4).

Ela tem o papel de manter o acesso à cultura e ao conhecimento através do livro. Dar suporte à escola para que o aluno faça descobertas.

DSC

[...] é mais influenciar [...] a leitura, [...] a conhecer novas histórias. Porque às vezes as pessoas vêem livros só como literatura brasileira e leitura [...] que tem a linguagem antiga. E livro não é só isso. [...] ler outros autores, até mesmo brasileiros, [...] que contam histórias, às vezes, da tua idade ou coisas que pessoas mais velhas tiveram experiência e tão contando ali pra ti, [...] é isso que a biblioteca proporciona, nè? (Entrevistado X, Grupamento B, Pergunta 4).

O papel da biblioteca é fornecer mais conhecimento sobre a literatura, histórias brasileiras [...] que [...] acrescenta mais palavras novas. [Porque os] [...] livros [...] têm muitas palavras que a gente não conhece no dia a dia, mas [...] poderia se expressar melhor (Entrevistado L, Grupamento D, Pergunta 4).

Entende que a biblioteca ajuda os alunos a aprender e a seguir um caminho desde o momento que entram na escola. A escola insere o aluno na biblioteca para aprender a ler, e depois, na preparação para o

vestibular. Contudo, essa preparação é deficiente, pois na biblioteca da escola não há documentos que orientem o aluno na escolha de uma carreira. Conforme relata, o uso do acervo concentra-se mais na área da literatura. Assim, há uma percepção de que o

DSC

[O papel dela] [...] é [...] como foi no Ensino Fundamental. É mais pra ajudar você aprender, os menores a começar a ler e também [...] os livros do vestibular. [...] é só [...] porque [...] aqui [...] não tem muito livro de cursos [...] que eu possa fazer depois. [...] tem mais [...] pra [...] passar o tempo [...] (Entrevistado H, Grupamento B, Pergunta 4).

O sujeito coletivo menciona que a biblioteca está funcionando, tem responsável, mas sua missão não é divulgada aos alunos. É como se eles esperassem um “convite” para frequentar a biblioteca. Ela existe, mas é pouco frequentada.

Essa unidade é um espaço para uso de toda escola, mas parece que isto não está claro para a comunidade escolar. E, a partir do que sugere o sujeito coletivo, é preciso que isto seja dito aos alunos e professores. Pois entende que a biblioteca contribui para que as pessoas exercitem a mente, auxiliando os alunos a superar dificuldades. Por isso, é necessário fazer com que os alunos a frequente, porque fora do ambiente escolar muitas pessoas não têm acesso ao livro.

A partir da realidade que experimenta, o sujeito coletivo se preocupa com o futuro, principalmente o das crianças que *estão vindo agora*. Preocupa-se com a responsabilidade daqueles que as educam devendo ficar atentos à influência que as novas tecnologias podem causar nas crianças. Afirmam ainda que a literatura pode contribuir para questionarem o mundo.

Enquanto a escola deixa de oferecer aos alunos as novidades no acervo e as ferramentas tecnológicas que gostariam de encontrar na biblioteca, esta vai ficando em segundo plano, abandonada, e junto com ela, o aluno. Inserido nessa realidade, o sujeito coletivo questiona o papel da biblioteca escolar e a sua relação com o interesse das pessoas pela leitura.

DSC

[...] parece que a maioria das pessoas nem sabe da existência dela. É meio estranho. [...]. As pessoas

estão deixando de ler. [...]. E ela tá ali parada e [...] sei lá, não tem muitas pessoas que vão ali ler. Ler é importante, né? Tem vários livros ali, de histórias, tem [...] pra estudar. [...]. E tá sempre tendo livros novos ali. Mas, hoje a galera não se interessa muito [...] em ler. Tem aquelas pessoas que se interessam, mas a maioria não se interessa (Entrevistados N, P, W, Grupamento E, Pergunta 4).

O sujeito coletivo percebe a discrepância existente entre uma biblioteca ideal e a real. É como se a biblioteca tivesse perdido a sua razão de ser, de existir. E aqui repetimos uma citação utilizada no início desta análise

DSC

[...] o papel dela [...], hoje, sei lá [...]. [...] fica difícil dizer, [...] até porque à noite já não é muito freqüentada, [...] aqui é como se fosse um espaço esquecido. Porque eu [...] não vejo ninguém vindo aqui. No máximo pra vim aqui pra pegar um livro [...] que é didático que a gente tem que usar na aula, [...] mas [...] à noite não vejo este espaço ser utilizado. Até porque [...] Pra ser uma biblioteca não devia ter esses livros assim no meio do caminho. Tinha que ser uma coisa mais organizada. Então, pra mim, é uma coisa meio abandonada na escola. Pelo menos no período da noite [...] (Entrevistado P, Grupamento E, Pergunta 4).

Se a biblioteca está na escola é para ser frequentada por alunos e professores. Se o espaço anda esquecido, se é pouco frequentado e explorado, o que a escola deve fazer? O que cabe ao Estado?

Conforme expressei no trecho anterior, o sujeito coletivo percebe que há uma lacuna entre o que entende ser função da biblioteca e as ações praticadas no cotidiano escolar envolvendo esta unidade. Para ele, a biblioteca escolar é para ser frequentada, organizada e integrada ao fazer da escola, à vida do aluno, oferecendo condições e opções para ensinar e aprender.

6.6.3 Incentivo ao uso

O discurso coletivo expressa que o incentivo para utilizar a biblioteca da escola, às vezes tem origem no ambiente familiar, outras na sala de aula, outras na biblioteca da escola e em outras bibliotecas. Se incentivado, mais facilmente o aluno se envolve com a leitura.

Nos próximos trechos do DSC verificamos “motivos-porque” do gosto pela leitura e uso da biblioteca da escola e/ou de outras(s) pelo sujeito coletivo. Segundo Schutz (2012b) os motivos-porque são aqueles mencionados pelos atores investigados e não deduzidos pelo pesquisador.

DSC

Eu gosto muito de ler [...]. [...] [E] essa coisa de [...] vir à biblioteca e ler, tem que ser incentivada porque é difícil um aluno [...], por exemplo, da terceira série [do Ensino Fundamental] [...] vim por conta própria, entendeu? [...] eu sempre tive muitas pessoas que me incentivaram a ler. Minha avó, minha mãe, as minhas professoras me incentivaram muito [...]. [...] uma vez [...] essa biblioteca, “meu”, tava cheia, cheia de criança [...] e fazia fila pra pegar livro [...]. Era até uma bagunça, [...] mas as crianças liam bastante [...] e isso despertou em mim pra hoje eu gostar de ler, entendeu? Se ninguém tivesse me incentivado, despertado esse interesse quando eu era criança, talvez, hoje eu [...] nem estaria aqui dando entrevista, entendeu? Nem estaria lendo. E isso incentiva. [...] é importante [...] (Entrevistado T, Grupamento B, Pergunta 7).

[...] na oitava série [...] o professor [...] que [...] dava português [...] incentivava os alunos a ler. [...] ensinava a gramática, a leitura de uma forma que você [...] sentia amor pela leitura. [...] foi o tempo que eu mais vim pra biblioteca, pegava livros e lia, [...]. Aí [...] comecei a gostar de ler (Entrevistado U, Grupamento A, Pergunta 3).

Eu desenvolvi essa paixão de leitura [...] desde quando [...] pequena que eu vinha pra cá [...]. [...] eu fui [...] acostumada, em casa, [...] a ler bastante. [...] a minha mãe [...] sempre nos levou pra esse caminho (Entrevistados B, Grupamento B, Pergunta 7).

O sujeito coletivo revela outros momentos de envolvimento da família na sua formação leitora. Algo fundamental para sedimentar no aluno o gosto pela leitura e uso de bibliotecas. Algumas práticas são anteriores ao 3º ano (Entrevistados I, M).

[...] teve momentos que a gente vinha [...] no recreio [...] pra pegar o livro, levava pra casa, eu lia com a minha mãe [...]. Isso era [...] primeiros anos

(Entrevistado M, Grupamento A, Pergunta 3).

Usava [...] a biblioteca municipal da Casa da Cultura [...] minha mãe pegava os livros pra mim ler (Entrevistado I, Grupamento A, Pergunta 6).

Minha mãe [...] fazia faculdade [...] até o ano passado. Então, eu utilizei bastante [...] livros de lá [...] que não tinham aqui [...]. Livros [...] de autoras internacionais que eu gosto muito (Entrevistado M, Grupamento A, Pergunta 6).

Outras ocorrem no 3º ano (Entrevistados Q, V).

[...] a minha mãe [...] é funcionária [...] [de uma empresa] [...] e às vezes eu pego livros lá. [...] só pra literatura [...]. Pra descontrair [...]. Sempre [...] tive muito o hábito da leitura (Entrevistado Q, Grupamento B, Pergunta 6).

Como a minha mãe é professora e minha irmã, também, enquanto elas dão aula, às vezes [...] vou na biblioteca (Entrevistado V, Grupamento B, Pergunta 6).

Nas palavras do Entrevistado C (Grupamento B, Pergunta 6), vê-se o envolvimento da família na condução/apresentação do filho à biblioteca, em outras palavras, pelo exemplo: “*Meu pai tinha [...] a carteirinha da biblioteca. Aí ele ia ali e retirava. Aí eu usava pra fazer os trabalhos*”.

Também nos questionários, cujos dados são mostrados no quadro 5, os alunos participantes se expressam sobre tal experiência e incentivo.

- a) *“Minha mãe sempre influenciou a leitura, então, compro livros com frequência, o que me faz ter a oportunidade de lê-los”* (Participante M).
- b) *“Desde pequena minha mãe me deu acesso aos livros”* (Participante W).

Ainda nesse quadro 5, alguns participantes dão ênfase às condições físicas para estudo e leitura, oferecidas no ambiente familiar, e que supomos os ajudam a perceber as sensações que o ambiente provoca e interfere nas atividades, os ajudando na construção de parâmetros às condições que a biblioteca deveria oferecer: ser mais do que um lugar e oferecer mais do que livro para empréstimo.

Em casa, a leitura

- a) *“É bem proveitosa. Minha casa tem um ambiente tranquilo para obter uma excelente leitura”* (Participante E).
- b) *“É boa, pois tenho tempo e é silencioso”* (Participante H).
- c) *“Em casa tenho a minha própria estante de livros, onde leio frequentemente”* (Participante T).
- d) *“Muito boa, pois em casa tenho mais tempo disponível [para ler]”* (Participante Q).

E isso evoca que se pense no tempo que o aluno tem na escola para se dedicar à leitura e à pesquisa com apoio da biblioteca. Esse tempo precisa ser previsto na grade curricular, nos momentos de aula com os professores, e também no contraturno, para garantir o convívio com a biblioteca, ler, escrever, aprender. Sem tempo disponível como os alunos resolverão suas questões na biblioteca; estando aberta período sim, outro não; ou ainda se impedidos de frequentá-la no contraturno?

Fora do ambiente escolar é mais difícil o aluno encontrar “tempo” e receber orientação para estudar, ler, fazer pesquisa, ainda mais para aquele que trabalha. O incentivo recebido dos professores em sala de aula ou na biblioteca, cujas referências estão mais concentradas aos que ministraram aulas de português, também é mencionado.

DSC

marcou bastante [...] um trabalho de português [...] na sétima série. A professora não deixou usar o computador, tecnologia nenhuma. [...] só livro e tinha que botar o autor [...], tudo certinho. [...]. Me bati [...] pra fazer [...]. [...] pra entender. Era

em grupo, [...] vinha de manhã [...] estudava de tarde [...]. Às vezes [...] ia [...] na biblioteca pública, colocava na internet, [...] o tema [...]. [...] ia ver se tinha, né? Ler, né, não é acostumado muito com a leitura. [...]. Foi quando eu mais li [...] pra trabalho (Entrevistado K, Grupamento B, Pergunta 7).

*[**Também**] [...] teve um projeto sobre [...] como se aplica os livros na escola e como eles podem mudar a vida dos alunos [...]. O livro era o Tosco [...] eu fiquei encantada [...]. [...] todas as pessoas da minha sala, praticamente, se interessaram [...]. [...] tinham vontade de ler, [...] **[eu]** via que [...] tavam lendo mesmo. [...]. Foi [...] muito legal ver que um livro podia impactar na vida dos alunos e fazer com que eles mudassem de comportamento [...]* (Entrevistado W, Grupamento B, Pergunta 7).

O incentivo para o uso da biblioteca recebido dos responsáveis pelo setor, relatado de duas experiências distintas da vida do sujeito coletivo, expressam as ações daquele que atua na biblioteca. Das séries iniciais, portanto mais envolvido com atividades de leitura, acompanhado do professor que ministrava aula, e do grupo de colegas de classe, relata que

DSC

[...] a moça [...] da biblioteca [...] ficava num canto da sala, e nós [...] em volta dela e ela lia vários livros [...]. Isso marcou bastante. Porque [...] incentivava a gente a procurar ler, pra saber o que estava escrito, [...] as imagens que tavam no livrinho. Isso trouxe bastante interesse interesse (Entrevistado I, Grupamento A, Pergunta 3).

No terceiro ano do ensino médio, relata ações dos responsáveis pela biblioteca, centradas no cuidado com o acervo e na atenção aos usuários, e ao mesmo tempo revela que no local há falta de conhecimento de como se estrutura formalmente uma biblioteca.

DSC

[...] aqui [...] são duas [professoras], né? Uma [...] num horário, outra [...] no outro. Elas [...] recebem os alunos [...]. [...] cuidam [...] dessa biblioteca [...] organizando, tirando livro, colocando [...] tudo em ordem alfabética. [...] tudo certinho: história, geografia, matemática. [...]. [...] ajudam [...] os alunos [...] pra matéria, pra trabalho, [...] pesquisar, [...] indicam os livros [...] (Entrevistado C, Grupamento C, Pergunta 4).

O incentivo de colegas e de outros alunos também merece nota.

DSC

[...] a partir da terceira [...], quarta série, eu ia bastante na biblioteca. [...] toda semana [...] [...]. Eu gostava de ler gibis, essas coisas [...]. Daí [...] pegava, [...] alugava, marcava teu nome. [...]. Iam bastante pessoas, por isso [...] a gente se interessava (Entrevistado N, Grupamento A, Pergunta 2).

E [...] era legal porque toda hora eu via muita gente [...] do Ensino Médio, [...] do [Ensino] Fundamental. [...] via aquilo e [...] percebia que [...] era importante e [...] legal [...] (Entrevistado R, Grupamento A, Pergunta 3).

Na fala do sujeito coletivo, (Entrevistado I, Grupamento A, Pergunta 7), vê-se que o movimento de colegas indo à biblioteca, aguçava nele o desejo de fazer o mesmo: *[...] essa biblioteca [...]. Foi bem marcante pra mim porque eu via vários alunos [...] vindo aqui direto fazer pesquisas, ir atrás de respostas. Tinha uma dúvida vinha em outros períodos [...] pra [...] esclarecer [...]*.

Com relação às demandas de uso da biblioteca da escola, algumas são criadas pelo professor para resolver as obrigações escolares, mas há as que têm relação com a manifestação da vontade do aluno ir à biblioteca para procurar algo novo para ler, e pelo valor que dá aos estudos para ingressar na universidade.

A demanda por biblioteca oriunda da sala de aula, depende do professor. Se está atrelada ao currículo prescritivo, também está ao currículo vivido, a depender do que prioriza o professor, dos recursos explorados por ele ao trabalhar os conteúdos.

DSC

[...] antigamente [...] dependendo de como o professor trabalhava a gente não utilizava muito os livros da biblioteca. [...]. Hoje em dia a gente tá usando. [...]. No primeiro e segundo ano do Ensino Médio [...], praticamente, não foi usado o livro da biblioteca [...]. Foi falado sobre obras literárias que [...] tinha aqui. Só que a gente não usou. Mas este ano a gente tá trabalhando. Literatura brasileira. Os clássicos [...] (Entrevistado R, Grupamento B, Pergunta 2).

Nesses discursos perpassam questões do contexto, do local onde o aluno está inserido, quer familiar, quer escolar. O que se evidencia é que a criança (em casa no papel de filho, e na escola no papel de aluno) absorve e responde ao que lhe é oferecido, ao que experimenta, ao que se acostuma, com o que conta para aprender, comparar e criticar.

Masschelein e Simons (2017) mencionam que a escola (*skholé* (tradução do grego, “tempo livre”) foi criada nas cidades-estados da Grécia antiga, para que as pessoas que não pertenciam à elite, tivessem tempo e espaço garantidos para acesso ao conhecimento. Segundo os autores (p. 31) ao dar às “[...] pessoas a chance (temporariamente, por um curto espaço de tempo) de deixar o seu passado e os antecedentes familiares para trás para se tornarem um aluno como qualquer outro” a escola se transforma em um espaço democrático, em um bem comum, como o próprio conhecimento discutido, aprendido, socializado.

Ensinar na concepção da *skholé* é fazer com que o aluno se distancie das amarras da família e do aprender pensando uma aplicação prática do conhecimento no futuro. É desse desligamento do passado e do futuro, que o aluno “mergulha” no que é proposto pelo professor no presente.

Neste sentido, a escola de hoje, produtivista (conforme vimos com Lobrot, Tonucci, Freire, entre outros), é cuidada para atender mais este propósito, carecendo nela incremento para fomentar momentos de fruição, para apaziguamento da desigualdade social. Recebendo pouco investimento, a BE aparece pouco nos PPP das escolas, em poucos projetos das escolas, e de muitas outras ações que poderiam incentivar a comunidade a utilizá-la. Pode-se afirmar que o incentivo recebido na escola, ao que se reporta o sujeito coletivo, foi pouco, diante da sua crescente diminuição durante os anos escolares. A redução de frequência à biblioteca, sustentada pelo fazer do professor, é um espelho do abandono do ensino médio.

6.6.4 Biblioteca escolar e outras

Para conhecer o perfil do aluno do 3º ano do ensino médio, quanto à frequência à biblioteca da escola ou outra, além das entrevistas, recorri às informações coletadas com o questionário (Apêndice H), a fim de confrontá-las e complementá-las e obter maior precisão das respostas dos entrevistados quando empregavam expressões, como “mais ou menos”, “não muito”, “pouco”, “muito raro” e no questionário estava “não”, ou que na entrevista afirmava “mais ou menos”, e noutra questão o posicionamento foi “sim”, que frequentava esta biblioteca, mas não outra.

Entre os doze alunos que frequentam a biblioteca da escola, cinco também frequentam outras e sete frequentam apenas a da escola. Entre os doze entrevistados que não frequentam a biblioteca da escola, onze não frequentam nenhuma outra biblioteca, e um frequenta apenas a biblioteca de instituição onde faz curso profissionalizante.

O próximo quadro mostra este detalhamento.

Quadro 7 - Uso da biblioteca escolar e de outras bibliotecas pelos entrevistados

Uso da biblioteca da escola		Uso de outras bibliotecas	
<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
-	A	-	A
-	B	-	B
C	-	C	-
D	-	D	-
E	-	-	E
F	-	-	F
-	G	-	G
-	H	-	H
-	I	-	I
-	J	J	-
-	K	-	K
L	-	-	L
M	-	-	M
-	N	-	N
-	O	-	O
-	P	-	P
Q	-	Q	-
R	-	-	R
-	S	-	S
T	-	-	T
-	U	-	U
V	-	V	-
W	-	-	W
X	-	X	-

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados coletados em 2016.

A partir do quadro 7, vemos que dezoito alunos não frequentam outras bibliotecas e onze não frequentam nenhuma; sete alunos frequentam somente a biblioteca da escola; um apenas outra biblioteca; e cinco a da escola e outras bibliotecas.

Com que intenção o aluno frequenta a biblioteca da escola?

Segundo Schutz (2012a, 2012b), a intencionalidade das ações está relacionada às relevâncias ou ao que é significativo ao ator social para executar uma ação. As relevâncias podem ser de cunho volitivo ou de cunho impositivo. Ir à biblioteca por vontade de ler, difere de frequentá-la por imposição para fichar um livro, por exemplo.

As relevâncias estão imbricadas às intenções e estas definem “motivos-para” e “motivos-porque” das ações. Os “motivos-para” referem-se a um estado de coisas no tempo presente que leva o ator social a exercer uma ação futura. O segundo tipo, os “motivos-porque”, relaciona-se às experiências passadas que levaram o ator social a agir como agiu, que determinaram o projeto da ação. Projeto, no sentido de que estamos nos referindo à ação racional.

A título de exemplo, pode-se dizer que os “motivos-para” um aluno do 3º ano do ensino médio frequentar a biblioteca da escola, é por precisar fazer uma pesquisa; realizar um trabalho para avaliação. Obviamente que a procura dá-se pela existência de biblioteca na escola; horário disponível para realizar suas tarefas, e a coincidência desse horário ao do funcionamento da biblioteca, entre outros. Os “motivos-para” referem-se ao objetivo que o aluno quer alcançar mediante a ação empreendida. Nesse caso a relevância é impositiva. Os “motivos-porque” estão ligados a pontos de vista unicamente do aluno, por conta de suas experiências no passado. Hipoteticamente, podemos dizer que o aluno foi motivado a realizar o trabalho na biblioteca da escola porque passou a sua vida escolar envolvido com ela, tendo professores e familiares que o incentivou a ler, e a utilizar a biblioteca escolar para essa necessidade. Os “motivos-porque” devem ser considerados quando expressamente ditos pelo autor da ação, nesta pesquisa, o aluno.

O sujeito coletivo afirma que procura a biblioteca da escola porque nela encontra livros para pesquisar, estudar para provas, para ter acesso à literatura, e para passar um tempo no local.

DSC

[Venho] [...] principalmente quando tem trabalho pra pesquisar em livro. Porque aqui tem bastante livros [...] [de] história, geografia [...]. Aí é mais

fácil pra pesquisar. [...]. Eu utilizo bastante, porque eles têm uma variedade de materiais para pesquisa, tipo, biologia, química. E essas coisas a gente não costuma comprar [...]. Eu venho [...] faço as atividades de sala e depois eu leio os livros. [...] uso bastante [...] com os colegas, pra tá estudando pra prova quando a gente tem um tempo no intervalo de aula [...]. Daí é ótimo vim pesquisar aqui pra fazer trabalhos, me aprofundar [...]. [...] pegar livro [...] (Entrevistados B, F, L, M, W, Grupamento A, Pergunta 2).

A comodidade é outro aspecto mencionado, e está associado à facilidade de acesso e à possibilidade de aproveitar o “tempo” disponível, utilizando a biblioteca no intervalo das aulas, no recreio ou no contraturno. Além disso, informa que utiliza a biblioteca escolar porque a encontra aberta na hora do recreio, quando busca livros para reforço das disciplinas.

DSC

[...] eu utilizo só essa aqui. [...] porque [...] é pertinho, [...] posso vim aqui porque ainda sou aluno. [...] Aqui eu encontro os livros que eu quero [...]. [...] segunda-feira eu faço Inglês aqui na escola. [...] começa só três e quinze. Então, [...]. [...], aproveito e fico aqui na biblioteca (Entrevistados T, W, Grupamento A, Pergunta 6).

Vê-se aqui mais um aspecto, o da comodidade, explicitado pelo sujeito coletivo ao ser questionado sobre o porquê de não utilizar outras bibliotecas: a biblioteca da escola está mais próxima do aluno, está dentro da escola, então, *é mais prático*.

Quando não encontra na biblioteca da escola os livros que precisa, os compra: “[...] o que eu não acho aqui eu vou em livrarias comprar [...]”, informa o Entrevistado E (Grupamento A, Pergunta 6). Esclarece ter o hábito de comprar livros, mas prefere encontrá-los na biblioteca da escola.

DSC

É a única que eu frequento [...]. Eu gosto bastante de ter livros em casa, [...] de reler várias vezes. Aí os que eu não encontro aqui eu compro. Mas [...]

a maioria eu leio por aqui mesmo. Eu acho bem completa a biblioteca da escola. Então, eu não vejo necessidade de outras. A única biblioteca [...] na minha vida [...]. [...] me acostumei [...]. [...] não me importava com outras [...]. (Entrevistados F, L, Grupamento A, Pergunta 6).

Com a aproximação do vestibular aumenta a procura pelas bibliotecas, principalmente para ler os livros de literatura recomendados. É comum o aluno do 3º ano procurar na biblioteca pública, os livros de literatura indicados para o vestibular. A bibliografia recomendada é muito disputada. A biblioteca pública tem dificuldade para atender essa demanda. Quando disponível na biblioteca da escola, facilita o acesso ao aluno. A procura pelos livros de literatura recomendados para o vestibular é muito maior na biblioteca pública e quando a biblioteca da escola tem esses livros, facilita para o aluno.

DSC

Agora [...] eu tô utilizando para ler os livros do vestibular porque é muito difícil achar em outros locais [...], que a Biblioteca Pública tem muita procura. E aqui na escola eles proporcionam vários [...] de cada. [...] mais de cinco [exemplares]. [...] é muito bom isso pra gente (Entrevistado X, Grupamento B, Pergunta 2).

O fato de estar próximo à biblioteca da escola ou de outra(s), é relevante para o aluno venha frequentá-la(s). Conforme informa o entrevistado V (Grupamento B, Pergunta 6) “[...] eu nunca fui [...] de ir em outras bibliotecas, né? Sempre fico nessas que estão mais próximas [...]”, referindo-se à biblioteca da escola e à outras duas onde familiares são docentes.

Entre os motivos do aluno do 3º ano do ensino médio não utilizar nenhuma biblioteca encontram-se: não gosta de ler ou de fazê-lo apenas em meio eletrônico (nos questionários, catorze alunos informaram fazer uso da internet); não gosta de frequentar bibliotecas e da biblioteca estar fechada no período em que estuda. O sujeito coletivo afirma: [...] *eu não sou muito chegado a ler*. Estudando à noite, além dos professores não levarem a turma à biblioteca, informa que nesse período a biblioteca permanece fechada na maior parte do tempo por falta de responsável.

Enquanto o acesso à internet não é oferecido ao alunos nas bibliotecas visitadas, e sendo indicado como uma das razões do não uso

da biblioteca da escola, o acesso fora desse ambiente vem desenhando um novo perfil do aluno no tocante ao acesso e uso da informação. O Entrevistado S (Grupamento A, Pergunta 6) expressa: “[...] leio [...] só on-line [...]”.

O acesso à *Web* contribui para que os alunos possam conhecer novos textos, impressos e eletrônicos, (literários ou não). Alguns alunos não utilizam mais bibliotecas.

DSC

Outras bibliotecas [...]. Não mais. [...]. [...] até porque eu também não utilizo muito essa, né? Então, eu acabo não utilizando outras bibliotecas também. [...] a maioria dos livros que eu quero ler, eu compro [...] ou eu baixo no celular. E os livros que eu uso na escola eu tenho em casa [...]. [...] quando eu me interessar por um livro [...] vou lá na internet e já compro [...]. (Entrevistados A, B, G, I, P, S, Grupamento A, Pergunta 6, grifo nosso).

A expressão grifada nos remete ao Quadro 7. Ele mostra que entre doze alunos que não frequentam a biblioteca da escola, onze não utilizam outra(s) biblioteca(s). A partir das condições das bibliotecas oferecidas aos alunos que fazem uso delas, pode-se afirmar que escola não faz o aluno conhecer bibliotecas.

Na sequência, apresento dados indicados no DSC referentes às razões do uso e do não uso da biblioteca escolar e de outras bibliotecas pelos alunos no 3º ano do ensino médio.

Razões de uso da biblioteca da escola:

- a) reside próximo à escola;
- b) faz curso extra no contraturno quando aproveita para utilizar a biblioteca da escola;
- c) encontra na biblioteca os livros que quer;
- d) está satisfeito por ela ser completa, não sente necessidade de utilizar outra(s).

Ao ser perguntado por que não utiliza outras bibliotecas, a pesquisa colhe dados relevantes que sinalizam onde a escola deve atuar para incentivar o uso da sua biblioteca. Também se observa que entre as doze bibliotecas, algumas vêm satisfazendo os alunos, conforme vemos

nas expressões grifadas. Assim, o aluno não utiliza outra(s) biblioteca(s) porque:

- a) prefere ler *on-line* os livros que tem interesse;
- b) os livros que deseja ler, compra ou baixa da internet;
- c) os livros que têm em casa são suficientes;
- d) apesar de fazer pouco uso dela, prefere os livros da biblioteca da escola;
- e) é mais cômodo permanecer em casa do que se deslocar até a BP;⁸⁷
- f) mora mais próximo da escola do que da biblioteca pública;
- g) prefere a biblioteca da escola;
- h) realiza atividades na escola, no contraturno, e aproveita para utilizar a biblioteca;
- i) prefere a biblioteca da escola, e quando não encontra nela o que quer, compra porque gosta de ter os livros;
- j) na biblioteca da escola encontra os livros que quer;
- k) utiliza apenas a biblioteca da escola, e compra o que precisa quando não encontra nela o livro que quer;
- l) a biblioteca da escola é completa. Não sente necessidade de utilizar outras;
- m) nas séries iniciais e na família foi incentivado a frequentar a biblioteca da escola;
- n) sempre utilizou a Biblioteca Escolar (BE) e se acostumou com ela.

A facilidade de acesso a outras bibliotecas em anos anteriores indica como o aluno foi buscando alternativas para obter o que não encontrava na biblioteca da escola, seja itens do acervo, seja horário de funcionamento compatível com o seu, entre outros. Essas bibliotecas foram:

- a) Biblioteca pública - tinha acesso à internet, onde fazia pesquisas, recebia orientação de professor, e podia imprimir o trabalho;
- b) Biblioteca pública - conhecia as novidades, avaliava os livros para comprar o que mais gostava;
- c) Biblioteca pública - tinha acesso a documentos e registros históricos de seu interesse;

⁸⁷Observa-se que o entrevistado não respondeu ser mais cômodo utilizar a BE, do que se deslocar até a biblioteca pública.

- d) Biblioteca pública - tinha acesso a livros de literatura, emprestados pela mãe;
- e) Biblioteca pública - tinha acesso a livros para pesquisa, emprestados pelo pai;
- f) Biblioteca do Senai - tinha acesso à literatura, mais opções de leitura e realizava pesquisas;
- g) Biblioteca universitária - tinha acesso à literatura estrangeira, emprestados pela mãe da faculdade onde estudava.

E hoje, no último ano da educação básica, o que faz com que o aluno continue utilizando esses espaços fora da escola: proximidade, fácil acesso ao local, acervo, internet, empréstimo e organização.

- a) utiliza a Biblioteca Pública (BP) por ter internet;
- b) tem fácil acesso à BP que oferece livros de literatura e para trabalho, podendo emprestá-los;
- c) biblioteca organizada como recursos, facilitando o acesso ao acervo;
- d) é proibido permanecer na escola no contraturno, inviabilizando o uso da BE, e a BP fica próxima da escola;
- e) na BP tem acesso a computador, internet e livros;
- f) quando o acervo da BE não atende;
- g) a BP empresta livros que tem na BE, mas nesta eles não são emprestados;
- h) gosta de literatura e consegue emprestar da biblioteca da empresa onde a mãe é funcionária;
- i) utiliza a biblioteca de duas escolas para conhecer as novidades e ler;
- j) utiliza a biblioteca do Senai, onde é aluno, tem acesso à internet e aos livros para os trabalhos de curso técnico;
- k) utiliza a biblioteca do SESC para empréstimo de livros de literatura.

Ao apresentar as **razões do não uso da BE**, em outras palavras, que levam o 3º ano do ensino médio a utilizar outras bibliotecas, o sujeito coletivo denuncia as carências da biblioteca, e também afirma que não gosta de ler.

- a) falta equipamentos e internet na BE;
- b) falta profissional na BE para orientá-lo;

- c) falta organização na BE;
- d) procura/deseja livros que não têm na BE;
- e) encontra livros, mas não consegue emprestá-los, conseguindo na BP;
- f) tem acesso à internet em outros locais para a realização de trabalhos;
- g) compra ou baixa no celular os livros que têm interesse em ler;
- h) em casa tem os livros que utiliza na escola;
- i) não pode frequentá-la no contraturno, uma norma da escola que inviabiliza o uso;
- j) lê livros dos colegas;
- k) compra livros de literatura indicados pelos colegas;
- l) não encontra livros novos na BE. São os mesmos há 10 anos, e não o cativa mais;
- m) não tem tempo porque trabalha;
- n) na BE não há responsável no período que tem aula e por isso está fechada;
- o) encontra a biblioteca fechada;
- p) a BE serve de depósito de livros didáticos;
- q) prefere utilizar os livros que têm em casa e compra o que não encontra na BE;
- r) não gosta de ler.

A conduta do aluno no 3º ano, é espelho do abandono do ensino médio no tocante ao oferecimento, orientação e uso da informação no ambiente escolar.

Lembra Schutz (2012), que a conduta humana é formada por atividades mentais e atividades fisicamente tangíveis, em escolher não agir ou suportar intencionalmente as ações dos outros. Isso significa dizer que os atores sociais (e aqui me reporto aos da escola), lidam com objetos dados e impostos a eles, e com vontades e intenções de outros. Agem dentro de um condicionamento, ou conforme as “opções” oferecidas. Para solucionar um problema o ator social olha o “mapa” onde pode agir, e vendo as opções que tem em mãos, faz escolhas. Subsidiando esse mapa estão as prescrições (regulamentos, regimentos, estatutos, entre outros) e as orientações de conduta construídas pelo exemplo, ou pelo cotidiano no Mundo da Vida.

Nas respostas apresentadas à pergunta 3 (Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca?), entre os 24 alunos entrevistados, 22 se reportaram à vivências com a biblioteca no ensino fundamental e 10 no ensino médio,

o que confirma que para a escola os alunos do ensino médio são entendidos como não necessitar tanto dessa atenção. Mais adiante, em “A biblioteca idealizada”, veremos o que falta à biblioteca que o sujeito coletivo tem na escola.

Ainda sobre o período que o sujeito coletivo mais utilizou a biblioteca da escola, e olhando o que sinaliza o Quadro 7 (uso e não uso da BE e de outras bibliotecas), vê-se que entre os dez alunos que livremente fizeram menção ao uso da biblioteca nesses anos que estão na escola, três não estão utilizando a biblioteca no terceiro ano.

A Proposta Curricular de Santa Catarina (2014b, p. 44), ao tratar da formação integral do aluno, por exemplo, indica que para implantá-la é necessário fazer uso de espaços e possibilidades no ensino e na aprendizagem, mas não menciona o espaço da biblioteca.

[...] espaço físico e condições didáticas que permitam ao sujeito realizar ações próprias de quem pesquisa, age e atua numa ação pedagógica que se complementa de forma ativa sobre o objeto estudado. [...]. É preciso olhar a escola como um conjunto arquitetônico educativo e reconhecer espaços transformados em pedagógicos. Que seja o pátio, ou o refeitório, a sala de artes, o salão de exposições, ou bosques que amparem espaços de pesquisa ou contação de histórias, muros que se transformam em murais etc. Uma educação integral não cabe dentro dos muros da escola. [...]. Procurar abrigar atividades em clubes, espaços religiosos, praças, abrigos diversos para além da estrutura qualificada já existente na escola, traz para a educação integral uma ampliação de possibilidades ao transformar o entorno, o bairro ou a cidade em espaços educativos, em salas de referência (SANTA CATARINA, 2014b, p. 43-44).

É uma proposta integrativa, no sentido de considerar o uso de espaços de fácil acesso, e externos à escola. No entanto, decorrido dois anos entre o ano da aprovação desta proposta curricular (SANTA CATARINA, 2014) e o da coleta de dados desta pesquisa (2016), foram visitadas doze bibliotecas desassistidas nas escolas da rede estadual de educação. Enquanto isso, os alunos continuam tendo as suas impressões

sobre esses espaços, e deixam sugestões para o seu melhor aparelhamento e inclusão na vida escolar.

6.6.5 Problemas

Alguns dos problemas enfrentados pelos alunos de Santa Catarina para usufruir de serviços de bibliotecas, foram indicados na seção anterior. Contudo, nesta, vamos deixar aparecer as suas falas e detalhes trazidos nelas, para entender o que vivenciam esses alunos.

Imerso na realidade que vivencia, o sujeito coletivo revela, e denuncia, que a biblioteca da sua escola carece de conforto, inclusive acústico. Manifesta o desejo de local ser calmo para facilitar a concentração, condição básica para que possa estudar, distrair-se lendo, ler não apenas por obrigação. Segundo ele, *É um lugar que é pra ser mais calmo, mais quieto que [...] as salas [de aula]. [...] ter mais silêncio [...]. [...] pra você se encontrar, se centrar e imaginar [...]. Ai você pode estudar* (Entrevistados H, T, U, Grupamento E, Pergunta 1).

Ainda sobre essa necessidade de ter um ambiente que promova o encontro e reflexão do leitor com o que lê, o aluno concebe a biblioteca escolar como um *[...] espaço onde os alunos podem se reunir [...] ter concentração pra estudar pra provas ou fazer trabalhos e pesquisas* (Entrevistado M, Grupamento D, Pergunta 1). Enfim, um ideal a ser buscado.

Na maioria das vezes, a biblioteca escolar ocupa um espaço pequeno (uma sala de aula), sem divisões para atender os diferentes usuários, para trabalhos em grupo, estudo individual, hora do conto, leitura, etc. Assim, utilizam do jeito que dá, ou não utilizam a BE. Tal situação requer a atenção do profissional que atua nesta unidade, para que possa atender esses usuários com interesses tão distintos, às vezes todos ao mesmo tempo, em um ambiente único e pequeno.

Em razão disso, também é pertinente considerar a sobrecarga de trabalho e o estresse que tal situação pode gerar no profissional que atua na biblioteca.

Conforme registra nos questionários, o professor que atua na biblioteca mostra a dificuldade que enfrenta para dar conta da demanda, de atender alunos com necessidades diferenciadas em função das séries e idades.

Para o sujeito coletivo, a biblioteca precisa ter profissional para “cuidá-la”, organizá-la, ser mantida aberta para atender a escola. Mas desconhecendo o papel do bibliotecário, faz referência à figura do professor para cuidar, organizar.

A ausência de responsável tem levado ao fechamento da biblioteca - às vezes em dias alternados, no seu pouco uso, na desordem, aparentando um lugar esquecido. Um cenário preocupante, conforme indicam dados do questionário aplicado aos alunos (Apêndice H), é o caso de uma das bibliotecas, que abre três dias da semana durante a tarde, e um dia à noite. O sujeito coletivo afirma que [...] *à noite não tem ninguém [...] pra ficar fixamente aqui [...] todas as aulas [...] pra atender. [...] nesse ano a biblioteca fechou, [...] Porque não tem muita gente aqui pra coordenar, organizar* (Entrevistados P e U, Grupamento A, Pergunta 2). O quadro é diferente quando há profissionais.

Ainda que as bibliotecas escolares permanecessem abertas e contassem com professores readaptados para atender o público, isso não bastaria. É preciso promover o seu uso no universo de usuários potenciais existente nas escolas. Na compreensão do sujeito coletivo, os responsáveis pela mudança dessa realidade são os professores e gestores, e deseja “[...] *que os professores, a diretora, alertassem a escola de que a biblioteca tá aberta pra qualquer um usar. [...] é bom pra uma criança que tá vindo agora. [...]. [...] venha, leia, aprenda, como eu aprendi lendo* (Entrevistado B, Grupamento A, Pergunta 7).

O bibliotecário não é citado pelo sujeito coletivo, por não ter um na biblioteca. O bibliotecário é um profissional desconhecido nas escolas da rede de ensino pesquisada. Assim, a expressão “bibliotecário” quando utilizada pelos alunos entrevistados, refere-se ao professor responsável pela biblioteca, portanto há uma ideia equivocada daquele promado para atuar neste espaço. Enquanto a comunidade escolar vai tendo uma ideia distorcida do papel desse profissional, o sujeito coletivo revela que o aluno precisa de ajuda para conhecer a biblioteca, o seu funcionamento, a sua organização, a forma de acesso à coleção, receba orientação para acessar os diferentes documentos (livros, enciclopédias, dicionários, manuais, atlas, entre outros), aprender a consultar seus índices, sumários, glossários, etc. Há, portanto, muitos serviços a serem oferecidos pelas bibliotecas nas escolas de educação básica, que o bibliotecário poderá ativar, e com isso atender a comunidade escolar.

O aluno pode aprender mais contando com uma biblioteca “pronta”, organizada, equipada, tendo nela muitos serviços que possa contar, e à medida que participa da sua organização, conforme descreve o sujeito coletivo: *A gente era louca por livros. [...] vinha aqui, tava tudo bagunçado, [...] arrumava [...]. [...] ajudava as bibliotecárias. [...] cada coisinha aqui na biblioteca me remete a alguma série que eu passei.* (Entrevistado V, Grupamento A, Pergunta 7). A IFLA (2015) prevê a colaboração do aluno, por meio de um acordo formal com a

escola/biblioteca, desde que haja profissional na biblioteca, conforme veremos mais adiante.

Mas o sujeito coletivo reclama da falta de atendente e de regularidade no funcionamento da biblioteca, problemas que têm vivenciado, conforme vimos apontar os dados coletados com os questionários. Uma síntese disso é assim expressa no DSC: *Eu venho bastante aqui [...]. Quando ela está aberta* (Entrevistados D e V, Grupamento B, Pergunta 2).

Os dados do Censo Escolar (INEP, 2017) revelam que a ausência de biblioteca é problema enfrentado por 49,5% das escolas brasileiras, também naquelas que têm bibliotecas (50,5%), a sua situação requer atenção.

O funcionamento da biblioteca durante todo o período de aulas (manhã, tarde e noite), e no horário do recreio, permitiria que todos fossem atendidos. Entretanto, como apontado anteriormente, o funcionamento dessas bibliotecas escolares é bastante irregular.

O sujeito coletivo afirma que nas séries iniciais frequentava a biblioteca [...] *no horário do recreio, ou começo, ou final da aula. Sempre quando a biblioteca tava aberta [...]* (Entrevistado A, Grupamento A, Pergunta 3). Sobre o uso da biblioteca no horário do recreio, o sujeito diz que [...] *a biblioteca ficava aberta no recreio. Então, muitos vinham quando a gente tava ensaiando pra gincana. [...] os professores junto [...]*. Defende a participação da comunidade escolar por meio de trabalho voluntário, organizando atividades.

DSC

Dá pra fazer alguma coisa bem legal no recreio, de expor alguma ideia [...] cada sala ficar responsável por um dia [...] da semana, [...] fazendo coisas diferentes para as crianças [...] não fiquem correndo no recreio. [...]. São coisas legais, pequeninhas, mas que vão se construindo (Entrevistado V, Grupamento A, Pergunta 7).

O sujeito coletivo entende que, sem gerar mais despesas, há atividades que podem ser feitas na biblioteca, melhorando o seu funcionamento. São pequenas ações, conforme sugere o sujeito coletivo, que vão fazendo diferença, sendo incorporadas na vida dos que estão na escola.

As *Diretrizes para a Biblioteca Escolar* (IFLA, 2015, p. 35) tratam desse envolvimento da biblioteca com a comunidade, das funções

e competências dos voluntários, e afirma que esse serviço pode ser instituído pela escola, por meio da seleção de alunos voluntários e de treinamento “para realizar[em] tarefas como ajudar a criar exposições, arrumar materiais⁸⁸ da biblioteca, ler com crianças mais novas e recomendar livros aos colegas”. Prevêem, ainda, que se busque essa parceria, com alunos de classes mais adiantadas, como os do ensino médio. É algo que o Estado pode providenciar por meio de convênio, como ocorreu em 2003, em Santa Catarina, com o programa de estágio “A primeira chance”⁸⁹. É algo que poderá ser incorporado e adaptado no desenho da formação de uma rede de bibliotecas escolares, para atender as escolas desse Estado, formando equipes integradas por bibliotecários, professores readaptados e estudantes do ensino médio, na condição de voluntários ou em estágio.

Se não houver um profissional que a faça funcionar, que enfrente as dificuldades para divulgar a coleção; se não dispuser de professores que a explore com os alunos, a biblioteca ficará vazia, conforme denuncia o sujeito coletivo.

Um aluno que estuda no período noturno (Entrevistado H, Grupamento A, Pergunta 2) afirma: “[...] *agora de noite a [...] professora [...] [indica] um livro, só livro [...] Fica a critério do aluno se quer ou não pegar daqui. É só isso mesmo, de noite que a gente vem pra biblioteca*”.

Muitas outras coisas poderiam ser oferecidas nas bibliotecas escolares. A ausência de responsável impacta no funcionamento, no oferecimento de serviços, e em prejuízo para o aluno. No período noturno significa reduzir o atendimento ao público, perda de acervo em

⁸⁸ Termo genérico que designa os documentos que integram o acervo de bibliotecas em geral.

⁸⁹ O programa de estágio “A primeira chance” foi instituído pela Instrução Normativa /SEA/DIRH Nº 013 /2003. O Decreto n. 2.113/2009 alterou sua denominação para “Programa Novos Valores”, regulamentado pelo Decreto n. 781/2012. Nessa sequência, os documentos podem ser consultados em <http://www.portaldoservidor.sc.gov.br/ckfinder/userfiles/arquivos/Legislacao%20Correlata/Instrucoes%20Normativas/2003_-_Instrucao_Normativa_N_013_de_23_de_dezembro_de_2003.pdf>; <[http://leisestaduais.com.br/sc/decreto-n-2113-2009-santa-catarina-regulamenta-o-programa-novos-valores-para-o-estagio-de-estudantes-em-orgaos-e-entidades-da-administracao-direta-autarquica-e-fundacional-do-poder-executivo-estadual](http://leisestaduais.com.br/sc/decreto-n-2113-2009-santa-catarina-regulamenta-o-programa-novos-valores-para-o-estagio-de-estudantes-em-orgaos-e-entidades-da-administracao-direta-autarquica-e-fundacional-do-poder-executivo-estadual-previsto-pela-lei-estadual-n-10864-de-29-de-julho-de-1998-e-lei-federal-n-11-788-de-25-de-setembro-de-2008-e-suas-alteracoes-posteriores)>. Acessos em: 25 abr. 2017.

função de possíveis roubos, entre outros, como vemos neste trecho do discurso coletivo:

DSC

[...] um fato [...] triste quanto à biblioteca hoje em dia [...] à noite não tem esse aluguel de livro que a gente pega os livros e leva pra casa. [...]. [...] não tem porque também [...] os alunos não têm tempo pra ler [...]. [...]. Eu ainda conheço algumas pessoas que vêm, pegam [...] de vez em quando, levam. Mas [...] eu acho bem triste [...] eles não [...] trazerem novas obras para as crianças e a [...] conservação dos livros que tá bem ruim, bem precário [...]. E o fato de alguns alunos vim e simplesmente roubarem coisas. [...]. [...] os professores dizem: “Ah, vai lá pegar livros de biologia. Trinta livros”. A gente leva lá pra sala, mas [...] fica alguém aqui e rouba alguma coisa. Eu já conversei com o diretor [...], mas não tem o que fazer, porque não [...] tem como ficar cuidando (Entrevistado I, Grupamento D, Pergunta 7).

Nesse trecho transparece certa naturalidade, conformismo, quando o Entrevistado I afirma que: *“Eu já conversei com o diretor e ele achou bem ruim isso, mas não tem o que fazer, porque não sabem quando o ‘cara’ pega”*. Não tem como ficar cuidando”. Conformidade da escola, do diretor, e sendo impregnada no pensamento do sujeito coletivo.

E a biblioteca nesse período é transformada em depósito dos livros, em uma situação diferente de local onde se guardam os livros didáticos em uso na escola, e os da reserva técnica. A biblioteca transforma-se em depósito por deixar trancados livros de literatura e outros para fins de estudo, um lugar que os alunos do ensino noturno não têm acesso por não ter funcionário, enquanto outros conseguem roubá-los.

Sobre isso, há ainda dois aspectos que merecem destaque. A justificativa que a direção apresenta ao aluno entrevistado do período noturno, de que a biblioteca não abre nesse período *[...] porque também [...] os alunos não têm tempo pra ler [...]*, por trabalharem durante o dia. A biblioteca deveria permanecer aberta justamente porque os alunos trabalham durante o dia. Na realidade, o verdadeiro motivo do seu

fechamento acontece por falta de funcionário, configurando-se naquilo que o sujeito coletivo interpreta como abandono. Abandono que ninguém quer assumir. Um conformismo, aceitação, diante dessa situação e de seus possíveis danos, que passa a ser interiorizado do diretor ao aluno.

A eventual ausência de responsável no setor contribui para que o aluno exerça sua autonomia, e sem censura, satisfaça curiosidades.

DSC

A gente sempre quis pegar os mapas. Não dava, [...] achava um jeito de pegar escondido [...], abria [...] e ficava olhando [...]. [...]. [Queríamos] [...] mexer no globo. [...]. Nem lia nada [...]. Era só por girar o globo. [...] mexíamos nas maquetes. A gente mexia por tudo [...] (Entrevistado I, Grupamento C, Pergunta 7).

Acerca disso, Berger e Luckmann (2003, p. 191) afirmam “que o desenvolvimento desta capacidade de ‘esconder-se’ é importante aspecto do processo de crescimento e passagem ao estado adulto”.

Mas ler e estudar na biblioteca, às vezes, é algo difícil, senão impossível.

DSC

[...] quando [...] criança a gente [...]. [...] fazia o projeto [sigla do projeto]. Esse espaço era nosso, era bom. Talvez não os livros, mas as pessoas que tavam ali. [...] a gente [...] se divertia [...] sabe? [...] o nosso [...] intuito não era usar a biblioteca como um meio de estudo. Era pra brincar, pra fazer aquelas coisas de criança, sabe? Nos momentos que ela [professora] saía da [...] [biblioteca] a gente aprontava um monte. [...] tinha [...] coisas que elas faziam que era muito legal, [...] que juntava gente, [...] unia a gente [...]. Era bom naquele tempo [...] que vinha pra cá [...] pra se divertir, pra ocupar a cabeça, pra ser criança mesmo, pra aproveitar o nosso espaço [...] (Entrevistado P, Grupamento C, Pergunta 7).

Este é um exemplo de uso inadequado da biblioteca escolar. Contando com um único espaço e funcionando em lugar pequeno que a impossibilita de exercer o seu papel: atender os usuários que buscam

informação em ambiente que deve promover a leitura, o estudo, e a reflexão. Hoje, o sujeito coletivo passou a compreender que a atividade narrada no trecho anterior era uma “bagunçada”. Reconhece que a conduta é imprópria para esse local, e realça a necessidade de

DSC

[Ter] [...] regras [...] Silêncio, manter organizado, entregar os livros na data marcada e **não rasurar o livro, não rasgar, não molhar.** **Essas regras básicas de uma biblioteca.** [...] pra manter tudo em ordem [...]. Pra [...] todo mundo ficar feliz. Tanto o bibliotecário quanto o aluno (Entrevistado A, Grupamento A, Pergunta 5).

Nesse rol de cuidados, o destaque é dado ao livro. A ordem com que a frase é formulada, nos leva a resgatar o conjunto de orientações da Súplica do livro, muito comum ser encontrada na contracapa de livros de literatura, uma forma de apelar aos usuários ajuda para a manutenção dessa coleção.

Nas bibliotecas escolares é comum os alunos serem orientados sobre o respeito que precisam ter aos leitores. Geralmente, essas orientações estão afixadas em algum ponto da biblioteca. Elas servem para que o aluno colabore, à medida que toma consciência do local. Igual a outras necessidades requeridas ao local, a de silêncio é assimilada e interiorizada por quem vai convivendo com outros no espaço da biblioteca da escola, e em outras bibliotecas, livrarias, salas de leitura, museus, enfim, em outros espaços públicos, onde ruídos destoem do propósito dos serviços oferecidos e daqueles que buscam utilizá-los.

DSC

[E ter] Silêncio. [...] ambiente muito calmo. [...] [Porque] um aluno não vai conseguir ler um livro, [...] numa sala de aula [...] numa turma bagunceira. [...]. A biblioteca é um lugar calmo onde exige muito silêncio. [...] é mais tranquilo pra gente pensar, refletir, ler [...]. [Um] [...] ambiente [...] pra leitura mesmo. [...] pro aluno ficar, realmente, centrado no livro. Porque [...] lá na nossa sala [...] é muita conversa. [...]. [...] é do lado da quadra [de esportes] e as crianças brincam ali e às vezes é difícil até de ter aula, entende? Então, [...] a biblioteca tem que ter [...]

um ambiente [...] pra tu ler, sabe? (Entrevistados A, C, L, Q, T, U, Grupo C, Pergunta 5).

A escola e a biblioteca têm ambientes interno e externo. O ruído da quadra de esportes, pode interferir na (des)atenção e (des)concentração tanto dos que estão em sala de aula, como na biblioteca. O ruído produzido na rua, no pátio, nas salas de aula e em outros espaços de aglomeração de pessoas, precisa ser pensado antes de se definir a localização da biblioteca escolar.

Losso (2003) alerta sobre a interferência de tais ruídos na audição, na fala e na aprendizagem dos que estão em aula, e chama a atenção dos gestores para a localização da instalação da biblioteca escolar.

Enquanto a edificação ideal não se transforma em realidade, é possível criar outras soluções. Campello (2016) sugere modelos de *layout* para a organização das bibliotecas escolares instaladas em pequenos espaços, que podem auxiliar na distribuição de seus frequentadores, a partir das atividades ali realizadas. Conforme mencionado anteriormente, os ruídos no ambiente interno, produzidos por seus frequentadores, às vezes intensificados com a realização simultânea de atividades bastante conflitantes, a contação de história para um grupo, por exemplo, enquanto outros estão na ali para ler e estudar.

A inserção da criança na escola, através da leitura, do estudo, da interação com os demais, faz com que ela adquira conhecimento, interiorize regras, convenções sociais, não veiculadas no ambiente da socialização e da aprendizagem primária. É na escola, longe do lugar onde tudo é aceito, que corpo e mente são modelados: horário de aula, horário de comer, as instruções, o que aprender, como fazer.

O sujeito coletivo afirma que por meio de seu acervo, a biblioteca colabora para aumentar a capacidade que as pessoas têm de pensar, de refletir.

DSC

[Esse espaço] É importante na construção mental de uma criança. Enquanto ela vai crescendo, [...] vai entendendo o conceito de leitura, que é importante pro crescimento dela na escola e na vida social [...]. [...] na [...] infância [...] [é] uma forma de aliviar a ideia do que [...] é o mundo pra uma criança. [...]. Aí conforme vai [...] passando o tempo a biblioteca traz [...] conteúdos [...]. [...]

pra que [...] saiba do que [...] trata o mundo, o que [...] o mundo traz [...], o que vai trazer, [...] [a] preparando pro que vai vir. É [...] uma forma lenta, gradativa [...] de a escola [...] ensinar [...] como o mundo é [...] (Entrevistados B, I, Grupo B, Pergunta 1).

Vê-se, nessa manifestação, o entendimento de que esse espaço auxilia a criança a compreender o “mundo” de forma leve, gradual, por meio da leitura de livros infantis e da hora do conto. A leitura lhe possibilita compreender as coisas do mundo, e quanto maior a oportunidade de acesso à variedade de gêneros, como romance, conto, poesia, etc, e títulos, também diversos, melhor amparado estará o aluno nessa etapa formativa. A biblioteca escolar colabora para o crescimento e construção de sua autonomia, enquanto oferece à criança, a oportunidade de escrever, ler e aprender, de ter acesso ao conhecimento a partir de um currículo, de interpretar o mundo, de questioná-lo e de questionar-se.

O espaço exíguo da biblioteca da escola limita o crescimento da coleção, impactando também na acomodação de usuários. O sujeito coletivo reconhece que a melhoria desse quadro implica disponibilidade de recursos financeiros, sempre insuficientes.

DSC

[...] a sala deveria ser um pouco mais ampla, como aqui é [...] muito apertado, não cabe muitos alunos. [...]. [...] aqui [...] só de manhã são mais de mil e poucos alunos. Então, a gente necessita da biblioteca maior [...]. A minha turma [...]. Tem quarenta alunos. [...]. Daí muitos ficam em pé [...]. Aí não tem um lugar maior na escola pra fazer [pra ampliar a biblioteca]. Mas, na hora que eles conseguirem [verba], eu acho que [...] vão fazer, né? Porque [...]. É um lugar ótimo pro pessoal fazer as coisas (Entrevistado C, Grupo E, Pergunta 5).

O espaço da biblioteca requer o mesmo conforto e os mesmos cuidados com a ergonomia de uso, dos espaços administrativos da escola. A ausência desses cuidados na biblioteca é denunciada pelo sujeito coletivo, por compreender que

DSC

deve ter um espaço confortável [...], porque leitura em espaço desconfortável [...] não vai pra frente. [...] Você tem que se sentir confortável numa biblioteca. [...] E, [ser] um local aconchegante [...] (Entrevistados F, Q, U, Grupamento E, Pergunta 5).

Nas bibliotecas visitadas constatou-se desconforto acústico, térmico, falta ou excesso de iluminação e móveis impróprios, que interferem no ânimo de quem precisa utilizar o local.

É bom lembrar que com as condições oferecidas pelas bibliotecas visitadas, 50% dos alunos entrevistados informaram utilizar a biblioteca da escola, 46% nenhuma biblioteca, enquanto 4% utiliza outro tipo de biblioteca.

6.6.6 Afastamento

Pode-se afirmar que, via de regra, a inserção da biblioteca escolar na vida do aluno ocorre por intermédio do professor: nas séries iniciais do ensino fundamental com as visitas semanais à biblioteca para empréstimo de livros, Hora do conto e outras atividades. Nessa etapa, a interação do aluno com a biblioteca é maior. Eles escolhem livros, com a turma ou em pequenos grupos. Na primeira situação a turma vai à biblioteca acompanhada pelo professor. Na segunda, a partir da sala de aula, o professor coordena os alunos em grupos que vão à biblioteca retornando à sala de aula com os livros que escolheram. Mesmo quando o professor permanece na sala, há aí uma pedagogia do exemplo. Um tempo pensado e dedicado à biblioteca ou à construção de um costume para que o aluno se familiarize com esse espaço.

Nas séries finais do ensino fundamental, os professores de português acompanham os alunos à biblioteca, enquanto que, nas demais disciplinas, os professores solicitam pesquisas, mas não acompanham os alunos. E elas podem ocorrer em casa, na biblioteca da escola ou em outra.

No ensino médio, o aluno tem mais autonomia do ir e vir, o que pode facilitar a frequência de espaços para suprir a sua necessidade de informação. Ele passa a utilizar a biblioteca pública ou outras bibliotecas, porque a biblioteca escolar não é aparelhada: não oferece o que os outros espaços possuem, principalmente, o acesso à internet. O uso dessa ferramenta acontece a partir das séries finais do ensino

fundamental, quando o professor pede pesquisas e o aluno não encontra o que procura na biblioteca. O uso da internet é um divisor de águas na realização das pesquisas. Apesar disso, na década de 1970, os alunos já se distanciavam da biblioteca escolar, procurando a biblioteca pública para fazer pesquisas. Carvalho (1972) vê nisso um desvirtuamento dos objetivos da biblioteca pública. E sabe-se que a razão é o não aparelhamento da biblioteca escolar.

Nos anos 1980, Milanesi (1986) já enfatizava a necessidade de remover barreiras para dar sentido à biblioteca. Mas, como fazer isso se a escola não tem biblioteca? Mais recentemente, esse autor sintetiza: as bibliotecas públicas funcionam como bibliotecas escolares.

Em todo o discurso do Sujeito Coletivo, fica evidente a forma como a escola “convida” e envolve o aluno para que participe da biblioteca, mas depois o afasta. Na fase inicial, quando o ensina a ler e a escrever, o aproxima dela. Na fase da interrogação, dúvida, o distancia, não lhe oferece orientação para o uso dos recursos da biblioteca. Ao ser questionado em quais momentos mais utilizou a biblioteca escolar, a resposta é: no ensino fundamental. Toda semana ia à biblioteca com a turma, quando escolhiam o que ler, emprestavam livros, conheciam as normas da biblioteca. Noutros momentos o professor os acompanhava ou pedia que fossem à biblioteca escolar. Havia na biblioteca empréstimo de livros, hora do conto, etc.

Nas séries iniciais, a figura do professor é destacada e, nas séries finais, aparece apenas a do professor de português, porque envolve o aluno com a leitura.

Entretanto, mesmo na oitava série, alguns alunos não gostam de ler e demonstram pouco interesse pela biblioteca, conforme relato do sujeito coletivo (Entrevistado G, Grupamento A, Pergunta 3): *Quando eu vinha as pessoas [...] não se interessavam muito pela leitura. Às vezes os professores traziam, [e os colegas] não liam [...]. [...] não aproveitavam esse momento [...].*

Em outro trecho é sugerido que o livro didático contribui para que a biblioteca vá sendo esquecida. Para a maioria das disciplinas, pouco menos a de português, o livro didático supre as necessidades de alunos e professores e por conta disso diminui a frequência do aluno na biblioteca.

DSC

Agora a gente não usa muito. Têm bem poucos [professores] que trabalham [na biblioteca], porque não tem muita matéria. [...] tem [...], mas

muitas matérias eles focam mais no ensino mais normal [...]. Português nem tanto. Cada matéria tem seus livros [...] que [...] entregam no início do ano e no final do ano tem que devolver. [...]. Agora é mais os livros próprios do ensino. [...]. Agora a gente [...] quase não vem. [...]. [...] agora [...] eu venho mais por conta, [...] por vontade minha mesmo por ler. (Entrevistados O, V, Grupamento B, Pergunta 3).

O sujeito coletivo faz distinção entre frequentar a biblioteca quando acompanhado ou orientado pelo professor, de quando a frequenta por opção assumindo responsabilidade por essa ação. Com a aproximação do vestibular a busca pela biblioteca, de certa forma, é retomada. O aluno passa a ter consciência que precisa dela para conseguir uma vaga na universidade.

DSC

E agora é diferente [...] que a gente vem só quando necessita mesmo. [...]. [Então] [...], agora [...] eu tô usando mais a biblioteca. Porque antes, [...] no Ensino Fundamental, [...] ia [...] semanalmente pra pegar o livro, mas eu quase não ia lá, fora isso. Mas agora, como tem que ler [...] livros de vestibular e tá fazendo as atividades de sala, [...] eu acabo [...] aqui na maior parte do tempo. [...] no primeiro ano eu já comecei a tá frequentando mais aqui, entendeu? Mas é mais esse ano [...]. Passo muito tempo aqui (Entrevistados E, W, Grupamento B, Pergunta 3).

Entre os participantes da pesquisa, 50% afirmaram não frequentar a biblioteca da escola. Resumidamente, os “motivos-para” não frequentá-la são: preferência pelo uso da internet (4), por ter livros em casa (1), por não gostar de ler ou por ter perdido o interesse pela leitura (2), porque a biblioteca está fechada no período em que estuda (2), por trabalhar (1), por preferir livros técnicos (1), porque a professora indica livros da biblioteca, mas a sua leitura não é obrigatória (1), por entender que na biblioteca escolar tem só livro didático.

Com todas essas variáveis, o sujeito coletivo busca alternativas para resolver suas obrigações escolares e de lazer por meio da leitura.

Conforme dados apontados nos questionários e coletados pela proponente deste estudo em visita às escolas, no final do ensino médio,

a biblioteca cativa menos os alunos. Para eles, o acervo pouco atraente deve ser melhorado, o espaço insuficiente deve ser ampliado. As bibliotecas estão em área barulhenta, não há internet para os alunos, poucas têm acervo organizado que possibilite localizar um livro (indicativo de que falta alguém para fazê-lo e também para manter a biblioteca em funcionamento), etc.

Para contornar esses problemas, no âmbito da leitura e da pesquisa, o sujeito coletivo busca o que está mais acessível, e nesta ordem: o uso da internet em casa, na biblioteca pública ou em outros espaços; o uso de livros que têm em casa e em outras bibliotecas. Expressa o sujeito coletivo que com a internet ficou mais fácil fazer os trabalhos.

Mas se a biblioteca da escola não tem internet, e não serve apenas para realizar trabalhos e pesquisas, o que mais mudou para reduzir o uso? O Entrevistado G (Grupamento A, Pergunta 2) afirma: “[...] *agora eu não tô mais usando muito [...] tem internet, então, já é mais fácil. [...] até [...] na oitava, sétima, [...] eu vinha bastante, [...] os professores traziam bastante. E quando você vai pro ensino médio daí eles não trazem muito*”.

Quanto à literatura, o sujeito coletivo afirma que há uma prática de compartilhar os livros entre os colegas, ou de procurá-los em outras bibliotecas, como a pública. Mas há alunos que perderam o interesse por leitura. Isso acontece porque trabalham, falta de paciência ou, como expõe o Entrevistado I (Grupamento A, Pergunta 2), porque [...] *os livros da biblioteca [...] não cativam mais o meu interesse. São [...] os mesmos há uma década, [...]. Então, não me move mais nenhum pouco pra ler esses livros.*

O incentivo recebido do professor nas séries iniciais, e do professor de português a partir da quinta série, diminuiu, conforme evidenciado no DSC. O sujeito coletivo sente falta dessa ida semanal à biblioteca, quando podia conhecer o acervo, emprestar o que desejava, relaxar, etc.

O incentivo ao uso desse espaço na escola, também é relatado pelo Entrevistados K (Grupamento A, Pergunta 2): “[...] *até a quinta série [...] usava bastante. Vinha aqui fazer pesquisa. [...] da quinta série pra frente não fui mais. Só pra vir buscar os livros didáticos. Às vezes a professora de português [...] pedia trabalhos e a gente pegava livro daqui*”. O Entrevistado X (Grupamento A, Pergunta 3), menciona a crescente falta de interesse pela biblioteca ao longo do tempo: “*eu utilizei mais a biblioteca foi [...] até a quarta série, e depois foi mais*

pra estudo do que pra leitura. [...] Dali pra frente eu perdi um pouco o interesse [...]”.

Além disso, por ser norma da escola, o aluno não pode frequentá-la no contraturno, em outras, por morar longe da escola e, em outras vezes, por ela estar fechada. Enfim, ir à biblioteca passou a ser, também “*Muito raro, por causa que aqui só ficam os livros didáticos [...] que a gente usa em sala de aula [...]*”, complementa o Entrevistado K (Grupamento A, Pergunta 2).

Portanto, houve momentos que os alunos eram incentivados a frequentar a biblioteca da escola. Para o sujeito coletivo esse afastamento, acentuado no ensino médio, vem de dois lados: deficiências da biblioteca, e o pouco envolvimento dos professores das diferentes disciplinas com a biblioteca.

DSC

[...] no Primário eu vinha com frequência [...]. [...] utilizava os livros. Só que no decorrer do tempo isso acabou, [...] não sei se foi [...] por ter passado pro Ensino Médio [...]. Até esse ano eu vim uma vez aqui procurar um livro e ainda fui mal atendida [...]. [...] eu [...] acabo não utilizando muito. [...] entre a primeira e quinta série a gente utilizava bastante [...], mas no decorrer do tempo isso foi se reduzindo, os professores não traziam. [...]. É, hoje, [...] pra ser sincero, não vou muito (Entrevistado N, P, Grupamento A, Pergunta 2).

O acervo deveria incentivar o interesse do aluno pela leitura, mas há resistência ao uso do local. Conforme o sujeito coletivo (Entrevistado A, Grupamento A, Pergunta 7), *[...] muitos alunos meio que se recusam a vim na biblioteca, [...] e [...] eu já fui assim.* A biblioteca não tem apenas livros “chatos”, uma referência à literatura clássica para quem não gosta ou não tem idade para entendê-la, apreciá-la, valorizá-la. Mas para incentivar a leitura é preciso haver livros novos. Uma leitura compatível com o interesse dos jovens. E aqui vemos a influência do empresariado, da mídia, e dos meios de comunicação, a interferir no interesse do aluno, e que a escola também deve procurar atender.

DSC

O Código Da Vinci [...] assisti ao filme e [...] quis ler o livro. [...]. Era uma leitura mais avançada

[...]. [...] **[E]** tinha os livros que [...] até hoje deixam nesse armário, Guerra das torres, uma coisa assim. Era uma literatura mais estrangeira, todo mundo quis. [...]. O livro do Harry Potter [...] virou filme todo mundo quer ler. **Aí ela [a responsável pela biblioteca] deixava escondido e tinha uma fichona, que [...] reservava os livros pra nós. [...] dava briga se a gente se atrasava. [...]. Era bastante confusão** (Entrevistado I, Grupamento A, Pergunta 7).

É comum as escolas realizarem gincanas, e em algumas delas são arrecadados livros para reforçar o acervo da biblioteca e o interesse do aluno por ela, conforme vemos nesse depoimento (Entrevistado V, Grupamento A, Pergunta 7): “a [...] gincana [...] arrecadou bastante livro. [...]. [...] tinha tanta série boa, que muita gente, realmente, se interessou pela biblioteca”.

Conforme vimos, muitos alunos deixam de frequentar a biblioteca. Para realizarem pesquisas e trabalhos, a preferência recai sobre a internet. Assim, o desafio é fazer com que os alunos se interessem pelos livros que a biblioteca dispõe. Incentivá-los a frequentar a biblioteca é o caminho. Para trilhá-lo o sujeito coletivo deixa sugestões para especialistas.

DSC

*[...] eu comecei a vim na biblioteca, eu gostei, e comecei a vim mais. [...] e ouvia [...]: “Ah, não, não vou lá na biblioteca. É chato, não tem nada legal lá” [...]. [...] acho que as pessoas não gostam muito de ler. [...]. **Dá pra ver que não tem muita gente que utiliza a biblioteca da escola. [...] é de um a cada cinco alunos que usam a biblioteca. Às vezes nem isso*** (Entrevistado A, Grupamento A, Pergunta 7, grifo nosso).

Estudos já citados, indicam o que o sujeito coletivo percebe no cotidiano do Mundo da Vida: poucos frequentam a biblioteca da escola.

Se não se investe em biblioteca, e em uma concepção de uso, e antes disso, do seu porquê e para que, aos poucos será esquecida, abandonada. Como na escola, é comum o professor sair de uma turma para entrar em outra, “parando” para o recreio, é na sala de aula, mesmo, o tempo que ele tem para criar uma demanda de uso da biblioteca. Se a

demanda é tímida para os alunos do ensino médio, o aluno mais envolvido com a leitura precisa “chamar a atenção do professor” de que precisa ir à biblioteca, de que precisa ler, ideia que a escola descuidou, esqueceu, abandonou. Esse aluno consegue dar uma “fugida” até a biblioteca. E os demais, a maioria dos que permaneceram em aula?

DSC

No ano passado eu estudava de noite e eu trabalhava, fazia curso [...], então, [...] eu não lia. Mas neste ano como eu tô só estudando aqui na escola, eu venho direto aqui, [...] gosto bastante de vir [...] no horário de aula, sempre, [...] que eu tenho português [...] a professora entende [...]. Mas aqui eu não leio. Eu só pego o livro (Entrevistado T, Grupamento B, Pergunta 2).

Ele encontra, em geral, uma saída para essa situação: se tem acesso à internet, utiliza para pesquisar; se não, utiliza a biblioteca pública que tem livros e internet. Contudo, nem todos os alunos procuram essa biblioteca.

Para o sujeito coletivo, quando não havia internet, todas as pesquisas eram feitas na biblioteca da escola. Entretanto, conforme Carvalho (1972) e Milanesi (2013), o acesso à biblioteca da escola e aos seus documentos, sempre foi meio precário.

Pode-se inferir que na escola, a sala de informática concorre com a biblioteca: ela têm computador e internet. O uso da sala de informática não é livre. Ali poderiam receber orientações de como pesquisar na internet quando da elaboração das pesquisas realizadas fora da escola.

Referindo-se ao que fazem na biblioteca, de 50% dos entrevistados que a utilizam, seis mencionam que o fazem para empréstimo, quatro para ler, dois para estudar, um para fazer atividades de aula, um para pesquisar, e um para conferir se há novidades. Mesmo assim, os que a frequentam, mencionam outro aspecto que os distancia dela: indisponibilidade. É o que expõe o sujeito coletivo: *Quando ela está aberta [...]. [...] ela ficou um tempinho fechada [...], [...] estava sem bibliotecária* (Entrevistado V, Grupamento B, Pergunta 2).

Enquanto para alguns alunos a internet representa a solução para suas pesquisas, para outros, a biblioteca permanece sendo uma alternativa ou uma *oportunidade [...] de [...] encontrar [...] literatura [...]. Porque [...] livro é caro e [...] [a] internet [...] não tem todos os*

livros que a gente quer, conforme expressa o Entrevistado X (Grupamento G, Pergunta 1).

Esses depoimentos deixam uma pergunta no ar: gestores e professores têm assumido que o processo da construção humana é um *continuum*? Adolescentes e adultos, estão sempre em processo de construção, de aprender, daí a incoerência do que se vê ocorrendo na escola: pouco uso e esquecimento da biblioteca, enquanto o educar para a vida, a marcha do aprender a aprender, discursivizado, trava o passo.

Com o pouco uso da biblioteca, o ensino se concentra na aula dada, no espaço que concentra “o educador/Rei Sol”, expressão de Masschelein e Simons (2017, p. 17), e o livro-rei (o didático), conforme sugere Salaberria (2007). E assim,

A escola-como-instituição é caracterizada por um tempo solene e um local de transferência, e nela é tomado um cuidado especial para domar e monitorar os professores como “mestres de cerimônia” que presidem essa transferência. A instituição priva a geração mais jovem do tempo e do lugar para praticar e experimentar o tempo livre - nega-lhe o tempo escolar - e a geração jovem é, subsequentemente, privada da oportunidade de realmente se tornar uma nova geração (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 106).

Das ações que vem sendo praticadas e de outras que possam ser pensadas por aqueles que leem estas palavras, os alunos sugerem que se pense em uma outra biblioteca, em uma outra forma de praticá-la, de incluí-la na vida do aluno, na do professor, na vida da escola, porque

DSC

[...] na primeira série [...] Toda sexta-feira a gente pegava um livro pra ler [...]. [...] Depois foi parando [...]. [...] no nono ano não vinha tanto. [...] [...] eu era mais ativo na biblioteca [...] no Primário [...]. [...] Dali pra frente eu perdi um pouco o interesse [...]. Ultimamente eu não tenho vindo tanto. [...] Agora a gente não usa muito. [...] Agora a gente [...] quase não vem. [...] [...] As pessoas estão deixando de ler. [...] E ela tá ali parada e [...] sei lá, não tem muitas pessoas que vão ali ler. [...] aqui é como se fosse um espaço esquecido. [...] toda semana

[...] pegava os livros daqui e levava pra gente fazer uma leitura de uma aula. [...]. E hoje eu não tenho mais isso, [...]. Eu não tenho muito contato com a biblioteca hoje em dia como antes eu tinha. [...] nas séries iniciais eu usava bastante. Agora, [...] nem tanto [...]. Muito raro, por causa que aqui só ficam os livros didáticos [...] que a gente usa em sala de aula [...]. [...] eu não sou muito chegado a ler. [...] até [...] na oitava, sétima [...] eu vinha bastante, [...] os professores traziam bastante. E quando você vai pro Ensino Médio daí eles não trazem muito. [...]. E depois começou a ir na primeira série do Ensino Médio. Daí já acabou. [...] quando [...] mais pequeno [...] a professora sempre trazia [...]. Antigamente [...] a gente sempre ia na biblioteca, né? [...]. E hoje em dia [...] a gente não vai mais [...]. Então, hoje em dia a biblioteca [...] tá sendo abandonada [...] (Entrevistados G, K, N, O, U, Grupamento A, Pergunta 2; Entrevistados B, K, L, M, R, T, Grupamento A, Pergunta 3; Entrevistados B, O, W, Grupamento B, Pergunta 3; Entrevistados N, P, Grupamento E, Pergunta 4; Entrevistado B, Grupamento D, Pergunta 5; Entrevistado N, Grupamento A, Pergunta 7).

Alunos, usuários e não usuários da biblioteca escolar, registraram da vivência com a biblioteca da escola esse movimento de aproximação e de afastamento da biblioteca escolar.

6.6.7 A biblioteca idealizada

O lugar concebido pelo sujeito coletivo oferece estrutura que atrai o usuário (aluno e professor) criando possibilidades de atender e envolver. Lembrando Certeau (Josgrilberg, 2005), o lugar torna-se espaço por meio das práticas exercidas pelas pessoas que o ocupando lhe dão sentido. Assim, esse lugar imaginado pelo sujeito coletivo, é amplo, confortável, acomoda a todos. Atende diferentes gostos e necessidades. Há computadores, internet. O responsável viabiliza o acesso e o uso mais racional do espaço e o acervo se “abre” para uso. Todos os alunos têm oportunidade para ouvir histórias e frequência semanal garantida (acompanhados pelo professor ou da sala de aula, coordenados por ele). O aluno colabora para que o acervo circule.

Divulga o que leu em espaços destinados para tal fim. Incentiva os demais a ler. O lugar é gerenciado, o acervo administrado e organizado por pessoa designada para tal fim. A biblioteca precisa permanecer aberta enquanto tem aluno na escola.

Essa concepção foi captada por meio de uma questão específica do roteiro de entrevista, a de número 5, com a qual buscou-se conhecer a opinião dos entrevistados sobre a biblioteca escolar ideal. A pergunta 7, também os incentivou a pensar o futuro da biblioteca da escola. Em todas as respostas da pergunta 5, com as quais se extraiu nove itens que juntos configuram a biblioteca escolar ideal concebida pelo sujeito coletivo, os entrevistados fizeram referência ao livro.

Diante do exposto no DSC, fruto de vivência com a biblioteca por mais de uma década, o sujeito coletivo sugere que a biblioteca da escola precisa ser pensada pelos gestores públicos, em outras palavras, diretores, e sabe-se que gerentes de educação, secretários de educação e outros (de âmbito nacional, estadual e municipal), também têm responsabilidades para com a biblioteca. Também deve ser pensada pelos professores, na perspectiva de melhorar a formação básica do aluno, e na sua futura atuação profissional. Por conta disso, e projetando o futuro da biblioteca escolar, o sujeito coletivo recomenda:

a) **investir na coleção de livros** a fim de diversificá-la para atender melhor os leitores.

Nos discursos individuais, observa-se certo clamor pelo livro, como se dissessem: queremos ler, ofereçam-nos novidades, por favor!

Com o argumento de que as pessoas são diferentes, os gostos e as idades também, os alunos precisam encontrar na biblioteca, livros que gostam. O sujeito coletivo reivindica a aquisição de livros de literatura infantil e juvenil, livros que estão na mídia, livros para o vestibular, literatura brasileira, clássicos e literatura estrangeira, livros para provas e trabalhos. Segundo o entrevistado O (Grupamento B, Pergunta 4), isso pode levar as pessoas a exercerem seu direito de escolha, e incentivá-las a ler.

Conforme indicaram as respostas dos professores responsáveis pela biblioteca e dos alunos, nos questionários, apesar de haver outros documentos, na biblioteca escolar, o livro é o mais utilizado pelos alunos.

Segundo o sujeito coletivo, a leitura como prazer é algo pessoal. A escola incentiva o aluno a ler se lhe oferece diferentes opções de leitura. A biblioteca tem o papel de criar essa oportunidade para que o aluno sintase motivado a ler. Dá a entender que cada um faz a sua parte: se a escola facilita, o aluno responde.

DSC

[...] a nossa escola poderia ter, sim, um pouco mais de livros para os jovens, pro pessoal do Ensino Médio, porque a gente tem obras nacionais [...], mas [...] são uma leitura diferente das que os jovens agora gostam. [...] gostaríamos muito de ter livros mais atuais, sabe? [...] de escritores [...] que tão na mídia [...] chamaria o público, os alunos pra biblioteca. E é muito importante, né? Principalmente, agora no Ensino Médio que [...] tem que tá lendo bastante. Então, ter livros, além desses [...] pra vestibular, e [...] estar conhecendo os autores, [...] não [...] só os títulos [...] [para o vestibular], [...] pra incentivar a leitura (Entrevistado M, Grupamento A, Pergunta 7).

O sujeito coletivo (Entrevistado U, Grupamento A, Pergunta 7) também sugere que na gincana da escola, seja mantido um item destinado à aquisição de livros de literatura para a biblioteca, *[...] que a escola continue [...] fazendo essa gincana pra [...] desde pequenininho incentivar a ler. [...] a leitura é fundamental.*

DSC

[...] a biblioteca tem que ter livros, obviamente, [...]. E também [...] mapa, TV [...]. Revistas, [...] e material didático. [...] jornais pra ter informação. [...] atlas, [...]. [...] filmes [...] que a escola deveria ter [e] eu não vejo. [...] livros que crescentem. [...]. [...] vai te fazer amadurecer (Entrevistados E, Q, T, V, Grupamento B, Pergunta 5).

b) **promover o uso semanal da biblioteca** escolar para todas as séries. O sujeito coletivo faz referência à falta dessa prática. Indica que esse momento quando garantido pela escola, cria uma oportunidade para que o aluno veja se há novidades, busque documentos para trabalhos, provas, livros de literatura, leia, relaxe, empreste documentos, etc. Enfim, é relevante assegurar ao aluno esse momento de vivência com a biblioteca.

DSC

[...]. A gente vinha [...] bastante. [...] com o tempo foi parando [...]. Então, no primeiro e segundo ano [do Ensino Médio] [...] se eu vim aqui cinco vezes pra ver um livro, foi muito. [...]. [...] [Então] eu acho essencial [...] aplicarem mais no Ensino Médio [...]. Tem que continuar [...] em vim pra ler, pra tá pegando [livros], que é muito importante, né? (Entrevistados E, H, Grupamento A, Pergunta 7).

[...] a biblioteca é um espaço bom. [...] a gente deveria utilizá-lo mais, já que é [...] bem estressante estar no “Terceirão”. [...] a gente não teve [...] contação de histórias. [...] mas [...] eu gosto de sentar [...] no chão da biblioteca e ficar lendo como [...] fazia há alguns anos atrás. Uma coisa [...] que a gente perdeu [...] e [...] a minha sala [...] gostaria de [...] vim aqui [...] pra dar uma relaxada [...] (Entrevistado V, Grupamento A, Pergunta 7).

c) **ampliar o espaço físico** como condição para aumentar o acervo, de forma que possa atender mais pessoas. As escolas pesquisadas têm entre mil e duzentos a pouco mais de quatro mil alunos. A maioria das bibliotecas está instalada em espaço correspondente ao tamanho de uma sala de aula. Apenas duas estão em espaços maiores. Se todos os alunos fossem incentivados a frequentar a biblioteca escolar, a escola enfrentaria sério problema para acolhê-los. Com essa limitação, pode-se inferir que a escola refreia o aumento do número de frequentadores na biblioteca. Por conta disso,

DSC

[...] a biblioteca [também] tem que ser mais ampla e que a escola continue [...] com a biblioteca, sabe? Porque a biblioteca [...] ajuda todos os alunos. [...] E [...] na hora que o colégio tiver [...] verba, ou o pessoal mandar a verba [seria bom] [...] aumentar [a biblioteca], né? Pra poder colocar mais livros. Porque muitos livros não têm aqui pelo fato de a biblioteca não ser tão grande [...] (Entrevistado C, Grupamento A, Pergunta 7).

Quatro bibliotecas possuem balcão de empréstimo. As demais contam com mesas, de modelos e tamanhos variados, onde os funcionários se misturam com os usuários. Apenas uma biblioteca dispõe de espaço reservado para o tratamento do acervo. A maioria tem um único funcionário que faz trabalho técnico, administrativo e pedagógico, entre outras atividades, para uma clientela de faixa etária variada.

Apenas uma biblioteca dispõe de espaço específico para os funcionários. Nas demais, não há separação para área de estudo, de contar histórias e de empréstimo. Nesse sentido, ao serem realizadas juntas, essas e outras atividades interferem na concentração daqueles que vão à biblioteca para ler e estudar.

d) **cuidar da organização.** O sujeito coletivo indica que durante o período que tem permanecido na escola, a biblioteca está abandonada, desorganizada, sem condições para estudo, e não consegue encontrar as informações que precisa. A sua organização agilizará o acesso dos usuários aos documentos e às informações, e permitirá o uso racional do espaço. Por isso, *o principal de tudo é a organização.*

Parte do que expressa esse sujeito coletivo, é bastante comum em bibliotecas escolares, como por exemplo, pedir ao público, principalmente infantil, para [...] não rasurar o livro, não rasgar, não molhar os documentos em papel.

O sujeito coletivo sugere que a organização e as regras devem atender os usuários da biblioteca escolar e seus funcionários. O estabelecimento de regras e a organização geram satisfação para quem organiza e para quem faz uso da biblioteca. Conforme o Entrevistado J (Grupamento A, Pergunta 7), a organização dessa unidade está relacionada à ação da direção, e deseja que *[...] a [...] diretoria [...] tenha uma boa gestão, [...] não falte nada pra escola, a biblioteca [...] ser bem administrada, [...] bem organizada [...].*

e) **ter responsável** para viabilizar o acesso ao local, administrá-lo e organizá-lo. Este item está relacionado ao anterior, “cuidar da organização” da biblioteca.

Conforme apresentado no DSC, para melhorar o serviço da biblioteca é imprescindível a presença de alguém que a organize, ou como diz o sujeito coletivo, “cuide” dela. E aqui vemos que o bibliotecário é um profissional desconhecido pelo sujeito coletivo e pela escola. Como sugerem os Entrevistados O e U (Grupamento G, Pergunta 5) a biblioteca deveria *[...] ter sempre [...] um professor cuidando, porque se não cuidar pode ser que vá alguém ali, estrague.* [Ter] *Alguém que administre [...]*”, é fundamental. A ênfase dada é com

relação ao cuidado, guarda, zelo. Obviamente que as bibliotecas precisam receber cuidados, contudo, se o bibliotecário fizesse parte da realidade das escolas, atributos específicos relacionados ao seu papel estivessem presentes nos discursos dos entrevistados.

f) **ter computadores e acesso à internet**, itens muito requisitados pelo sujeito coletivo. Insisto em lembrar que apenas cinco das bibliotecas visitadas têm internet, mas o aluno não dispõe de acesso a esse serviço.

g) **dar suporte às necessidades do professor**: [...] *ter tudo que o professor precisa pra trabalhar [...]* (Entrevistado R, Grupamento H, Pergunta 5).

h) **oferecer Hora do conto** para todas as séries. O sujeito coletivo defende a continuidade dessa atividade para que as próximas gerações de alunos continuem ouvindo histórias e possam relaxar, pois a escola gera estresse, principalmente nos alunos do “terceirão”.

i) **ter recursos didáticos que incentive à participação dos alunos** nas atividades da biblioteca e na interação com outros alunos, a fim de envolvê-los e incentivá-los para a leitura, utilizando o espaço para divulgar leituras, incentivar a ida dos colegas à biblioteca, oferecer atividades para os alunos das séries iniciais na hora do recreio.

DSC

[...] uma decoração onde a criança e os adolescentes poderiam interagir. [...] cada semana alguém podia trazer uma frase de um livro e colocar no mural [...] pra [...] gente usar mais a biblioteca (Entrevistado V, Grupamento J, Pergunta 5).

j) **ter silêncio**, para que o aluno possa ler, pesquisar, escrever, sendo entendido como uma forma de incentivá-lo a frequentar o local. “[...] e é pro pessoal ficar em silêncio”, diz o entrevistado C (Grupamento C, Pergunta 5). A moderação do uso da fala na biblioteca precisa ser trabalhada na escola com os alunos frequentando o espaço, sendo acompanhados e orientados no uso do local. E isso faz parte da construção de um sentido de biblioteca pelo uso orientado. Uso que foi sendo diminuído com o tempo.

Para que o aluno frequente a biblioteca da escola, é necessário incentivá-lo. Esse incentivo requer que lhe sejam oferecidas condições de conforto (o acústico é um deles); que ofereça o que ele precisa e deseja; que encontre com facilidade o que quer; que tenha alguém que o

incentive no uso do espaço e dos serviços em um ambiente onde sinta vontade de permanecer, podendo, inclusive, se “refugiar” e “viajar” (expressões utilizadas pelo sujeito coletivo), e que tenha silêncio para que possa ler, pesquisar, conversar tendo condições de ouvir aquele com quem fala. Enfim, essa biblioteca desejada por quem está se despedindo da educação básica, ainda é uma utopia para muitos alunos e na maioria das escolas. A ausência de internet, acervo desatualizado e desorganizado, barulho, espaço desconfortável, ausência de alguém para auxiliar o usuário, contribuem para que o aluno se distancie da biblioteca escolar, apesar de reconhecer a sua relevância. É preciso, pois, discutir com a comunidade escolar porque e para que serve a biblioteca na escola.

No Quadro 8, é apresentada uma síntese das condições e serviços, ausentes ou deficientes nas bibliotecas escolares, a partir do que indica o sujeito coletivo, para que esses espaços ofereçam serviços mais satisfatórios e condizentes com as suas necessidades.

Quadro 8 - Carências da biblioteca da escola de acordo com os alunos entrevistados

Carências da biblioteca da escola de acordo com os alunos entrevistados
<p><i>Espaço físico e conforto:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> a) ambiente calmo e silencioso; b) espaço amplo para acomodar os alunos, e que possibilite o crescimento do acervo; c) espaço confortável que favoreça leitura e concentração; d) local acolhedor.
<p><i>Documentos e acesso à web:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> e) computadores com acesso à internet e de uso simultâneo por diferentes alunos; f) documentos sobre curso superior e informações sobre o vestibular; g) livros variados, de diferentes gêneros, e em quantidade suficiente, que contemplem todas as idades, incentivando o aluno a ler e usar a biblioteca.
<p><i>Participação e interação do aluno em atividades de incentivo ao uso</i></p> <ul style="list-style-type: none"> h) garantia de que os alunos das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio, frequente a biblioteca semanalmente; i) contemplar todos os alunos com a hora do conto; j) murais e outros recursos para incentivar a comunicação entre alunos, por exemplo, sobre o que leram ou estão lendo.
<p><i>Profissional e organização:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> k) presença de profissional que administre e organize a BE, facilitando o acesso dos usuários aos documentos; l) regras para empréstimo, e para a conservação dos documentos, facilitando o trabalho do profissional pela biblioteca e acesso dos usuários aos serviços;

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de dados coletados em 2016.

A biblioteca precarizada pela Lei n. 12.244/2010, não corresponde ao ideal expresso pelo sujeito coletivo, mas à “coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados à consulta, pesquisa, estudo ou leitura”. A mesma lei prevê a composição de um acervo mínimo de um livro por aluno. Será de literatura, didático, que integra a coleção de referência? Na concepção de BE expressa nesse documento legal, pouco se considera as necessidades sentidas pelos alunos no Mundo da Vida, pessoas que precisam dela, para encontrar algo, fugir, ou até mesmo, para se encontrar, refletir. Desta forma, a lei que regula a ação dos gestores educacionais públicos e privados no Brasil, cujos papéis estão implicados a esse tema, concebe essa unidade como uma caixa, e ainda, sem mencionar a área por número de alunos, de que material é feita, se ventilada, iluminada, etc, podendo conter nela apenas uma coleção de livros; e um aluno. E a coleção de referência, os periódicos, o acesso à internet? Este estará incluído de forma genérica em “documentos registrados em qualquer suporte”? Que lugar, e espaço, será esse? Ora, isso conflitua com o que expressa o sujeito coletivo ouvido nesta tese? Esse sujeito coletivo entende que não há biblioteca sem livros, mas que haja também uma variedade deles, para pesquisa, estudo e lazer, atendendo a necessidade de temas diferentes, que atenda idades variadas, interesses variados. Livros de literatura (nacional e estrangeira), clássicos, infantis, infanto-juvenis e juvenis. Livros indicados para o vestibular, livros onde possa obter informações sobre cursos, profissionalizante e superior, e carreira profissional. Uma biblioteca que elimine ou apazigue, até cessar, a sua condição de retirante, ao procurar amparo em outras bibliotecas, porque a da escola não o acolhe. O espaço da biblioteca deve ser reinventado em diferentes tempos e lugares.

Na fala coletiva expressa no DSC final, apresentado no capítulo anterior, constam marcas de ancoragens identificadas em quatro discursos individuais, em resposta às questões 1, 2 e 5, do roteiro de entrevista. Sinalizadas anteriormente, em trechos de discursos que integram a análise apresentada neste capítulo, aqui, essas ancoragens são resgatadas para formar outra composição discursiva.

Ancoragens presentes no DSC final

[Biblioteca escolar?] [...] *basicamente é o conceito, né? É o lugar onde ficam todos os livros que a escola recebe, alguns do governo, a maioria na verdade, que eu vejo, que eu peço e tem o selo do*

governo. [...] Um lugar [...] onde guarda os livros. [...] Quando se fala em biblioteca já se pensa em livro, né?

[Ter] [...] regras [...] Silêncio, manter organizado, entregar os livros na data marcada e **não rasurar o livro, não rasgar, não molhar. Essas regras básicas de uma biblioteca.** [...] pra manter tudo em ordem [...]. Pra [...] todo mundo ficar feliz. Tanto o bibliotecário quanto o aluno [...]. **[...] eu não utilizo [...] tanto [a biblioteca da escola] por causa da internet. Porque a internet a gente sabe que tá nas nossas mãos, né?**

Conforme explorado anteriormente, nessas afirmações, o sujeito coletivo ancora o seu discurso em um conceito tradicional/conservador de biblioteca. A etimologia da palavra biblioteca traz do grego *bibliothéke*, como qualquer estrutura que possa abrigar, proteger livros, seja um estojo, caixa, estante, edifício entre outra(s) (FONSECA, 2007). Para o sujeito coletivo essa relação parece ser óbvia. Essa ideia é fortalecida quando o Entrevistado J (Grupamento F, Pergunta 1) manifesta a sua concepção de biblioteca escolar: “Então, a biblioteca pra mim seria um local onde [...] teria que ter livros, né? [risos]. Livros”. Observa-se que a resposta vem acompanhada de um gesto do entrevistado, (o riso) registrado pela pesquisadora, que fortalece essa marca de ser algo óbvio para o entrevistado. O mesmo gesto também foi observado no Entrevistado D, quando responde a pergunta 5 (Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?): “Livros [risos]”. E isso é confirmado do que o sujeito coletivo vê no seu Mundo da Vida. Ele diz que esse lugar com livro tem na escola, indica a origem do acervo, a maioria do governo, cujo selo marca uma política pública para pôr livros na biblioteca da escola. Mas essa política pública não tem conseguido atender todas as necessidades de quem está na escola.

No DSC também se observa, o sujeito coletivo referir-se a essa caixa, depósito, ou lugar de livros, que o governo e professores doam à escola: “É o centro que [...] armazenam os livros que [...] professores, diretores, [...] ganham do governo, ou [...] que eles trazem” (Entrevistado O, Grupamento F, Pergunta 1). Neste trecho fica evidenciada a aceitação do abandono da BE. Se o governo doa, soa como um favor, o isentando da sua obrigação em manter a escola e a biblioteca com acervo que atendam alunos e professores. De certa forma esse abandono também é aceito pelos professores e diretores, que doam livros para a biblioteca. Que livros seriam esses?

Livro na biblioteca é obrigação do governo, e não um favor seu às bibliotecas das escolas dos filhos da maioria da população. O descaso

com a biblioteca escolar é grande. O espaço físico insuficiente é gritante, limitando e até impedindo de ter nela mais uma cadeira, um livro, de acomodar e atender mais um leitor. Assim, espaço físico insuficiente limita possibilidades de serem aplicadas táticas que transforme a biblioteca em espaço de sociabilidades. Não há verba específica para a biblioteca, por isso manifesta-se o Entrevistado C (Grupamento A, Pergunta 7): [...] *na hora que o colégio tiver [...] verba, ou o pessoal mandar a verba [seria bom] [...] aumentar [a biblioteca], né?*, amplia-la, entre outras coisas idealizadas pelo sujeito coletivo. Enquanto isso, escola, professor e aluno, são domados pelo livro didático. Na escola, quem defenderá verba para a biblioteca? Para o sujeito coletivo **Quando se fala em biblioteca já se pensa em livro, né?** (Entrevistado N, Grupamento B, Pergunta 5).

Diante disso, pode parecer contraditório o aluno do século XXI conceituar biblioteca escolar desconsiderando nela o acesso à internet, que tanto reivindica. Mas na biblioteca da escola não há internet. Recurso bastante utilizado para pesquisas e trabalhos, mas fora da biblioteca, quando não fora da escola. Duas marcas de ancoragem associa a BE ao livro, e na maioria das respostas apresentadas às perguntas do roteiro de entrevista, os alunos fazem referência ao livro. A realidade vivida a biblioteca da escola, tem contribuído para que o sujeito coletivo a interiorize como lugar de livro, enquanto a biblioteca idealizada, livros e internet não podem faltar. Convivem em um mesmo espaço para atender o aluno.

Em síntese, a partir das ancoragens, tem-se que biblioteca escolar

- a) é lugar majoritariamente constituído por uma coleção de livros, para empréstimo, para ler (principalmente literatura), pesquisar, adquirir conhecimento;
- b) Livros precisam receber cuidados;
- c) Para pesquisa, o impresso está sendo deixado de lado. Os alunos preferem consulta a internet, que ausente na BE, colabora para que a maioria das pesquisas seja realizada fora do ambiente escolar.

Se não há internet na biblioteca da escol, o que significa a ancoragem **“a internet está em nossas mãos?”** O recurso faz parte da sociedade vivida por adolescentes e jovens na atualidade. O acesso está no celular, no computador, no laptop. É preciso trazê-la para a biblioteca e ensinar o aluno a pesquisar.

As crenças relacionadas à biblioteca da escola, manifestadas no DSC final de alunos cursando o 3º ano do ensino médio em escola pública do Estado de Santa Catarina, é de ser

- a) impossível viver, atualmente, sem acesso à internet;
- b) como não há acesso à rede na biblioteca escolar, esta passa a ser concebida como um lugar para encontrar livros, principalmente de literatura, em uma concepção tradicional de biblioteca, associada a lugar de livro;
- d) É preciso cuidar do livro.

Cabe, ainda, considerar que duas escolas cujas estruturas têm professor graduado em Biblioteconomia, conseguem oferecer à comunidade escolar uma biblioteca mais organizada, que permite que o usuário a conheça e conquiste mais autonomia, neste e em outros espaços de informação. Com o tempo os usuários vão desenvolvendo novas habilidades pelo uso da biblioteca, que é lembrada no currículo, no PPP, no planejamento e na aula. Trata-se de uma habilidade que o usuário da biblioteca escolar vai desenvolvendo à medida que cresce e aprende sobre os sistemas utilizados na organização, conseguindo, a partir disso, ter mais autonomia, inclusive, em outros espaços que oferecem serviços de informação.

Assim, a presença da biblioteca na escola e de profissional habilitado, como ocorre na Escola 3 e na Escola 12 (mesmo que na primeira escola ele integre a equipe pedagógica, não permanecendo na biblioteca), contribuem para que os usuários desenvolvam habilidades. A presença de profissional com formação em Biblioteconomia, contribui para incorporar serviços na biblioteca e qualificar os existentes, viabilizando um melhor acesso à informação àqueles que integram e convivem na comunidade escolar.

Durante os anos que os alunos participantes desta pesquisa permaneceram na escola, viram mudar a realidade de seus contextos e de suas bibliotecas. Apesar de alterada e melhorada, ainda falta muito para a biblioteca ser o espaço que precisam no seu Mundo da Vida.

O fenômeno que desvela esta pesquisa, envolvendo o Mundo da vida de vinte e quatro alunos, em doze escolas públicas do Estado de Santa Catarina, a biblioteca tem uma forte marca tradicional, simbolizada pelo livro, um item que, entre outros, está em falta nessas bibliotecas escolares. Falta variedade e quantidade que atenda a demanda, que respeite os gostos, interesses e necessidades de quem está

crescendo e se ambientando com o mundo que o cerca, onde vive, interage, fala, escreve, se comunica; se expressa.

O governo conhece essa realidade que precisa de atenção. Sobre isso a fala de um aluno registrada em um dos estudos do Ministério da Educação, volta a marcar o texto desta tese.

Como motivar os colegas que têm “preguiça” de ler? Tá vendo aquela estante? Tem mais livro de criancinha. Não tem para os mais velhos. A gente não pode vir aqui sem o professor, porque acham que a gente vai fazer bagunça. Aí tem que vir rápido para levar um livro emprestado. Como ter tempo para escolher um livro que a gente goste? (BRASIL, 2011, p. 77).

Governo, gestores, especialistas, professores, profissionais, pais, entre outros, devem entender o que esse aluno diz, assim como o explicitado no Discurso do Sujeito Coletivo mostrado nesta pesquisa.

Em *O cidadão bem informado: ensaio sobre a distribuição social do conhecimento*, inicialmente, publicado em 1946, Schutz (2012a), discute o papel social do homem comum, do especialista e do cidadão bem informado. Segundo esse autor, o homem (a mulher) comum tem conhecimento suficiente para guiar suas ações de ordem prática. Caso precise de conhecimento especializado, procura um especialista. Este por sua vez, reconhece que apenas outro especialista pode ajudá-lo em questões desse âmbito. O terceiro tipo (o cidadão bem informado), considera-se qualificado para decidir quem é o especialista competente após ouvi-lo. A tipologia de Schutz (2012b), é utilizada apenas para fins didáticos. O conhecimento de senso comum (conhecimento popular), de acesso ao cidadão comum, ao especialista e ao cidadão bem informado, viabiliza uma rede de comunicação com todos os atores em uma estrutura orquestrada por diferentes papéis sociais. A comunicação ocorre, justamente, por terem todos o mesmo conhecimento básico, de senso comum.

As bibliotecas visitadas nesta pesquisa, estão inseridas no contexto da escola pública. Instituição que deve acolher a todos e minimizar a desigualdade social. Masschelein e Simons (2017, p. 25) afirmam que a *skholé*: “tempo livre, descanso, adiamento, estudo, discussão, classe, escola, lugar de ensino”, cria a escola como um espaço de tempo. Em outras palavras,

Como a materialização e espacialização concreta do tempo, que literalmente, separa ou retira os alunos para fora da (desigual) ordem social e econômica (a ordem da família, mas também a ordem da sociedade como um todo) e para dentro do luxo de um tempo igualitário (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 29).

O que seria essa concepção de escola na atualidade sem uma biblioteca para alunos e professores pensarem o presente, preparando-os para o futuro sempre incerto?

E novamente estamos nos referindo à ideal e realidade, como bem marcou o Discurso do Sujeito Coletivo “aluno” sobre sentido e representação de biblioteca escolar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não possuía mais a pintura de outros tempos. Era um muro ancião e tinha alma de gente. Muito alto e firme, de uma mudez sombria. Certas flores do chão subiam de suas bases Procurando deitar raízes no seu corpo entregue ao tempo. Nunca pude saber o que se escondia por detrás dele. Dos meus amigos de infância, um dizia ter violado tal segredo, E nos contava de um enorme pomar misterioso. Mas eu, eu sempre acreditei que o terreno que ficava atrás do muro era um terreno abandonado!

Manoel de BARROS

O muro

Esta tese teve como objetivo, compreender o sentido de biblioteca escolar expresso por alunos que, em 2016, cursavam o último ano da educação básica em escolas públicas estaduais de Santa Catarina.

Nesse contexto, foram reveladas bibliotecas que atendem a comunidade escolar de forma precária, que geram desencantos, mas que também atendem a alguns e os encantam, mesmo reconhecendo os problemas existentes. Há falta de regularidade no seu funcionamento e carência de profissionais. Além disso, conforme indicado por seus responsáveis, faltam recursos para aquisição de documentos, e para capacitação de profissionais, entre outros. As doze bibliotecas escolares da rede de educação de Santa Catarina que participaram deste estudo, se encontram em diferentes condições.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), em vigor, concedeu mais autonomia às escolas, mas lhes impôs mais responsabilidades: as escolas elegem diretores, decidem onde aplicar os recursos, e se expressam por meio do PPP. Mas onde estão os recursos para as bibliotecas? Como aparecem as bibliotecas nos PPP?

Apesar das bibliotecas das escolas terem funcionamento irregular, algumas delas conseguem se destacar, serem mais ativas que outras. Portanto, ser ativa significa saber lidar com momentos de inatividade. Em essência, o sujeito coletivo destaca a importância desse espaço. O livro ocupa lugar central na representação de biblioteca escolar dada pelo coletivo de alunos que participou dessa pesquisa.

O ensino tradicional centrado no professor e no livro didático, é refletido nas condições da biblioteca e no uso que é feito dela pela escola, professor, aluno. É preciso melhorar a escola e a biblioteca.

Com base na sua trajetória, a biblioteca escolar “caminha” mais próxima do campo da Educação e não necessariamente da Biblioteconomia. Essas áreas não têm conseguido se articular para discutir a biblioteca, e por conseguinte, trabalharem em conjunto. O bibliotecário não está nas escolas pesquisadas. O seu papel é desconhecido nelas. “Bibliotecário”, na rede estadual de Santa Catarina, é o professor responsável que o aluno encontra na biblioteca.

Evidentemente, que a Lei n. 12.244/2010, por meio da qual se pretende que todos os estabelecimentos de ensino tenham uma biblioteca, não resolverá todos os problemas. O texto dessa lei determina ações complementares no âmbito da União, estados e municípios, para que a sua aplicação e implantação sejam viabilizadas. Com a aprovação dessa lei, se criou no Brasil, uma expectativa para melhorar a biblioteca escolar. O texto, bastante sucinto, “inova” na obrigatoriedade de as escolas públicas e privadas de ensino, terem bibliotecas com bibliotecários. As *Diretrizes da Ifla para a biblioteca escolar* (IFLA, 2015) recomenda que esse profissional tenha uma formação em Biblioteconomia e experiência em sala de aula. Isso nos leva a refletir sobre a formação do bibliotecário no Brasil, para atuar nessas unidades. A lei nos faz voltar às discussões em torno da formação do profissional para atuar na biblioteca escolar, que ganhou força no 1º *Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares* (1982), quando bibliotecários e educadores discutiram esse espaço de in-formação. Desde então, e lentamente, os bibliotecários vêm retomando a discussão sobre o direito de biblioteca na escola e, mais recentemente, a mobilização em prol do cumprimento da Lei n. 12.244/2010. Afinal, por que defender biblioteca nas escolas? Para que disponibilizar aos alunos livros de literatura, revistas, jornais, internet, ambiente amplo, organização, profissionais, entre outros? De que maneira o governo federal vai garantir o cumprimento dessa lei nos estados e municípios?

As discussões sobre a temática leitura, as quais têm relação com a biblioteca da escola, tem esquecido a Biblioteconomia, uma área mais técnica, centrada na organização, tratamento e recuperação da informação. Entretanto, as circunstâncias em que vive a BE, e reflexos na formação da maioria da população que depende do ensino público, requer a participação da Biblioteconomia, por ser um lugar onde o egresso pode vir a atuar.

Se a biblioteca da escola tem precariedades, é pouco atrativa, então, o que fará com que os alunos a utilizem? Que estratégias precisam ser desenhadas para que ocorram mudanças?

Parece ser consenso que a biblioteca escolar deve estar associada ao livro e à leitura. Mas o encontro com o “livro/leitura” não é promovido exclusivamente por ela; acontece também em livrarias, clubes de leitura, bancas de jornais e revistas, no ambiente familiar, entre outros. Quando ocorre na biblioteca da escola, esse encontro assume contornos singulares. Um lugar a ser frequentado diariamente por milhares de crianças e adolescentes. Portanto, nela, livro e leitura, estão associados à inclusão social, a exigir a participação do professor e demais profissionais que atuam na escola. Desta forma, o tempo dedicado ao incentivo do aluno para que frequente a biblioteca é essencial. Vincula-se ao propósito da escola, espaço que viabiliza inclusão social. Em algumas escolas verificou-se que há um ambiente de interação e de informação. Entretanto, conforme dados desta pesquisa, nem sempre os gostos de leitura dos alunos e as suas necessidades de informação são atendidos pela biblioteca da escola. Os alunos com poder aquisitivo compram livros de literatura, e esperam que a biblioteca disponha de livros para atendimento às diferentes disciplinas. Esses, eles não costumam comprar. Será que pela presença do livro-rei? Biblioteca escolar sem internet é coisa impensável para os alunos, mas na realidade, não há. Diante disso, para que desempenhe a sua função social, para que atenda os usuários, a biblioteca precisa mudar, ser mais dinâmica. E a aplicação de recursos para instrumentalizá-la, melhorar os serviços, não serão suficientes se a utilização desse espaço não for reavaliada, mudada, como observado por Gasque (2013). Sozinhos, os recursos não farão a “revolução”. É preciso de profissionais e professores; seus dinamizadores.

O ideal de biblioteca escolar, difundido pela IFLA, e os parâmetros nacionais sobre as condições básicas para esse espaço (CAMPELLO, 2010), não é a realidade da maioria das escolas pesquisadas. Se o envolvimento dos alunos com as questões da realidade é importante para sua formação crítica, por que a biblioteca escolar é esquecida? Por que é difícil encontrar bibliotecas que disponibilizam jornais e revistas informativas, por exemplo? Internet o aluno não tem nessas bibliotecas. Além de a biblioteca estar organizada, é preciso que seja útil aos alunos, e parte integrante do currículo.

De algum modo, a biblioteca pública tem amenizado as deficiências da BE, ou ajudado a ocultá-las. A biblioteca pública, integrada em um Sistema Nacional, dá suporte à memória e à cultura

local. O aluno é um cidadão em formação. Pertence a uma determinada cidade, é vinculado a uma cultura geradora de necessidades que devem ser atendidas pela biblioteca pública. Mas a biblioteca da escola precisa conquistar mais autonomia, ter boas condições de atender seus usuários.

A partir do que mostrou o aluno catarinense, por meio de uma voz coletiva, comparo a biblioteca escolar como se fosse um muro. Há alunos que a desconhecem, outros não a frequentam mais. Os que atravessam o “muro biblioteca” têm condições de falar outras coisas sobre ela, de seus encantos e precariedades. Quem a conhece pouco, até pode achar que está desocupada, inativa. Quem está do lado de fora desse muro, pode interpretar que a biblioteca escolar é um terreno desabitado; sem saber o que ela é; sem saber indicar os sinais ou o tamanho da negligência. Para o sujeito coletivo significa estar “parada”, “esquecida”, “abandonada”. Ao adjetivar a biblioteca escolar com essas expressões, o sujeito coletivo nos faz vê-la como um organismo vivo, uma resposta à ação de professores, direção, comunidade escolar, gestores públicos, governo, alunos. É como se houvesse um muro que mantém os alunos fora e distantes dela.

A biblioteca da escola faz diferença na vida das pessoas, que constroem uma ideia acerca de seu papel social. Essa unidade faz mais do que oferecer suporte à leitura e à pesquisa. Através do seu apoio, os alunos podem mudar a si, o mundo e a própria condição da biblioteca. A biblioteca contribui para transformar a realidade. Há muitas diferenças entre as bibliotecas visitadas da rede estadual de Santa Catarina.

Dados do governo (SANTA CATARINA, 2017) indicam que 69% das 1.254 unidades escolares catarinenses, vinculadas à administração estadual, possui biblioteca. Qual a realidade dessas bibliotecas? Nos aproximamos de doze, cinco delas localizadas em municípios com Índice de Desenvolvimento Humano Municipal muito alto. A partir dos dados levantados neste estudo, pode-se afirmar que o Mundo da Vida revela fenômenos que os números não conseguem “dizer”.

À medida que escrevia o texto desta tese fui registrando algumas questões, com a intenção de convidar o leitor a pensar sobre elas. Neste momento surgem outras e aproveito para socializá-las: que futuro se vislumbra para a biblioteca escolar em SC? É possível refletir sobre esse futuro sem considerar o futuro da escola e da rede de educação à qual está vinculada, das ações de governos, especialistas e profissionais? Na escola, o uso das TIC está associado ao espaço da biblioteca? A utilização dessas tecnologias fora da biblioteca compete com o uso desta

unidade? É apenas pela ausência de internet na biblioteca da escola que o aluno do 3º ano foi se afastando dessa unidade?

As respostas às questões aqui apresentadas não virão apenas da escola, mas as que devem ser dadas por ela, precisam aparecer. Portanto, é preciso olhar para a realidade de nossas escolas e de suas bibliotecas, por repercutirem no desenvolvimento dos alunos. Bibliotecas escolares são necessárias para que as crianças descubram e explorem esse espaço. Yunes (2012)⁹⁰ lembra que “O grande investimento é em gente. É gente que muda o mundo.”

O trajeto desse caminho investigativo, foi permeado de muitas dúvidas. Com elas, a pesquisa foi apresentando o seu contorno, o fenômeno revelado. Com a colaboração dos entrevistados, o estudo mostra que suas vivências com a biblioteca estão vinculadas à ações que precisam ser discutidas no âmbito acadêmico e profissional, e ao discutido, planejado e praticado na escola/biblioteca. Por conseguinte, a biblioteca não é a solução para todos os problemas, no âmbito individual e social, dentro e fora da escola, mas o seu uso mediado pelo professor e equipe na biblioteca, em conexão com a realidade onde atuam, potencializa ações que colaboram para responder questões envolvendo o indivíduo e a sociedade.

Por conta disso, penso na necessidade de se promover debates na área da Biblioteconomia, com as da Educação, da literatura, no âmbito das políticas públicas em torno do tema biblioteca na escola. Penso na necessidade de se discutir a biblioteca na educação básica, ouvindo os que estão no seu Mundo da Vida: alunos, professores, gestores e bibliotecários. Penso em debater o papel social do bibliotecário e funções desse profissional em uma rede de bibliotecas, nas instâncias acadêmica, profissional e de governo. Penso na necessidade de se discutir medidas para o cumprimento da Lei n. 12.244/2010 e, em Santa Catarina, a retomada do projeto para a criação de uma rede de bibliotecas escolares. Escola e biblioteca são espaços que potencializam o ensino, a aprendizagem, a crítica. Esses espaços carecem de cuidados. Na biblioteca da escola há pouco espaço, poucas novidades para leitura, acervo que precisa cativar leitores, professor que incentive o uso, não há internet, faltam mesas e cadeiras, entre tantos outros que têm retardado a chegada de mais alunos para usar o espaço. Penso que escolas e

⁹⁰ Entrevista de Eliane Yunes ao programa Sem Censura da TV Brasil, exibido em 06/08/2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I7a643BPHzE>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

bibliotecas têm o direito de conhecer o Manifesto e as Diretrizes da IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar, por serem os principais documentos dessa área.

A poeira de uma estrada que um dia vi envolver um menino (vivência apresentada na introdução desta tese), une passado e presente. Aquela poeira ainda permanece no ar. Essa imagem está na minha biografia, nos “motivos-porque” busquei ouvir alunos, conhecer um pouco da experiência que tiveram com a biblioteca de suas escolas. E, então, continuo a pensar na “poeira” que envolve aqueles que precisam da biblioteca escolar na atualidade. E, neste momento, me vem à lembrança uma percepção que tive no Museu de Zaragoza, diante da obra *La letra con sangre entra o Escena de escuela*,⁹¹ de Francisco de Goya.

Figura 8 - A formação da conduta na escola do século XVIII



Fonte: Francisco de Goya (1780-1785).

A partir dessa cena, me veio à mente a ideia de que a modelação do aluno também ocorre porque a biblioteca escolar utilizada por ele como resultado de um desejo, de um gosto ou de um costume, ainda carece de condições mínimas de uso.

A impressionante cena dessa pintura dá destaque às nádegas de um aluno castigado pelo professor diante da classe. Pensei em Norbert Elias (1993, 1994), que me fez refletir sobre o papel social da instituição

⁹¹ A fotografia retrata a obra de Goya, em óleo sobre tela, de 19,7cm x 38,7cm pintada entre 1870 -1875. Disponível em: <<http://www.epdlp.com/cuadro.php?id=4352>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

escolar no condicionamento e na modelação da conduta dos que passam por ela, no papel exercido pelos atores que a fazem funcionar, marcados na cena pelo professor e por uma auxiliar que segurava o menino. Recordei-me de outras cenas de castigo que presenciei quando estudante e também quando profissional; e nos castigos disfarçados que vi sendo aplicados na biblioteca. Esses castigos ainda são recorrentes nas escolas, aplicados com outros métodos, com menos “sangue”, mas não com menos dano. A partir disso, me veio à mente a ideia do papel e do uso da biblioteca escolar na modelação que a escola oferece ao aluno. A biblioteca escolar utilizada pelo aluno como resultado de um desejo, de um gosto ou de um costume, ainda carece de condições mínimas. Isso me faz pensar sobre o que deseja a escola com a biblioteca.

Quando a biblioteca é pequena, quando não oferece livros que despertem o interesse do aluno, não dá condições para que ele faça as tarefas escolares, não oferece internet, permanecendo muitas vezes fechada, mesmo que por um curto período, é como se o aluno (esquecido) recebesse um castigo. Na realidade, o uso desse espaço deveria existir para valorizá-los (espaço e aluno). Neste sentido, o aluno incorpora as práticas da realidade vivida, ao pouco uso da BE. Ao mesmo tempo, sem ter boa biblioteca, lhe dizem que ela é importante. É como se o sistema culpasse o aluno por não ser leitor e por não usufruir de bibliotecas. Na realidade, as condições de nossas bibliotecas ajudam a determinar como o aluno age na escola, enquanto a sua conduta vai sendo moldada.

Se examinarmos a sala de aula da obra de Goya e a compararmos à realidade atual, vemos que imposições ainda permanecem. Ensinar não é fácil e a resistência do aluno é algo natural, e como indicam Berger e Luckmann (2003), justamente porque ele saiu de um ambiente onde aprendeu interagindo de forma natural. Na verdade, seu aprendizado no seio da família não era determinado de fora para dentro porque ele fazia parte dessa família. Esse meio natural e primeiro, onde todos nós aprendemos, inclusive a interagir com doses mínimas de resistência, é um ambiente onde não aprendemos a questionar, mas a aceitar, a dar crédito aos que nos rodeiam. O que é dito pelos pais e pelas pessoas próximas a nós, antes de chegarmos à escola, é aceito integralmente. E mesmo quando frequentamos a escola, e até aos sairmos dela, ao continuar o nosso caminho fora da escola, o crédito dado às coisas aprendidas do convívio familiar continuam conosco, foram aprendidas espontaneamente, com mais interação e menos avaliação, se comparada a instituição escolar.

A racionalização na sociedade moderna, redesenha as relações no ambiente de trabalho, aumenta a burocracia, fortemente controladas pelas ações do Estado e de outras instituições, como a escolar, onde a espontaneidade e a afetividade, ou seja, as ações do tipo afetivo e tradicional, vão cedendo espaço a ações que dão maior peso à racionalização.

Se há resistência ao ato de aprender formalizado pela escola, e se esta resistência é natural, então, que se pense em oferecer recursos que “convençam” o aluno que aprender é fundamental, já que a escola é aceita e legitimada para desempenhar o papel de instituição que oferece educação formal. Na escola, a biblioteca é um desses recursos. Recurso que pode ser utilizado para diminuir a resistência natural do aluno à escola. Um recurso por meio do qual ele pode obter mais do que formação elementar de aprendizagem formal.

O aluno vai participando da costura de uma teia social que vem sendo tecida por um fio deixado aqui por seus predecessores, unindo as pessoas do passado às do presente, que estenderão esse fio às do futuro, sem ter certeza quem serão, o que farão (e aqui se encaixa a concepção grega de escola livre). Nesse sentido, que seja dada atenção à formação de leitores, aos que sairão da escola, às futuras gerações.

Segundo Norbert Elias (1994), os indivíduos que se movem pelas ruas, bairros, cidades, enfim, no meio social, não são como bolas de bilhar, que batem uns nos outros e voltam. Cada um deixa no outro um pouco de si, “simplesmente” se encontrando, falando, e se vendo. São sujeitos que compartilham um mesmo espaço, uma mesma linguagem, um conhecimento comum a todos, que os fazem entender um ao outro, que se veem como iguais. É como se o “tu” fosse um “eu”, e sendo um “nós”. A intersubjetividade refere-se à algo que é comum a todos. É nesse universo que veiculam as representações sociais que perpassam pelas ações dos “transeuntes”.

Olhando o resultado desta pesquisa com a lente de Moscovici (2004), a biblioteca escolar é representada pelos alunos por meio de uma linguagem, que empregamos para dar nome às coisas. Para ancorar o sentido de biblioteca o sujeito coletivo faz uso das palavras livro, descoberta, refúgio, informação, leitura, entre outras.

O fato de não ter acesso à internet, na biblioteca, faz o aluno procurar outro lugar quando precisa desse acesso. Também tem dificuldade de encontrar nela, novidades para ler. Esses recursos poderiam ajudar a escola a conquistar o aluno, e fazendo menção à Berger e Luckmann (2003), a tê-lo com menos resistência, a tê-lo como

leitor, sendo auxiliado em seus estudos, e atendido no desejo de ler, incentivado a ter outro(s) desejo(s), a fazer outra(s) descoberta(s).

Com essa pesquisa fui à escola ouvir alunos, conhecer o sentido que dão à biblioteca escolar. Algo que estava no Mundo da Vida. Afinal, biblioteca escolar sem aluno, tem sentido? Biblioteca subutilizada tem sentido, enquanto todos os dias os alunos estão na escola, e tão próximos dela e prontos para aprender?

A biblioteca e o uso que se faz dela na escola, têm relação com o que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), sinaliza ao avaliar alunos brasileiros prestes a concluir a educação básica: a necessidade de o Brasil reforçar a educação para alcançar o seu desenvolvimento (BRASIL, 2016). Isso nos leva a pensar na necessidade de proporcionar as condições para garanti-lo: dignidade e inclusão social. E por essas razões, voltemos à biblioteca, como uma oportunidade para ativar e implementar o acesso à informação e à leitura a partir da escola.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed., ver. e aum. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1014p. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2011/11/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-ABBAGNANO.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

AGUSTÍN, C.; GIMENO, B. Bibliotecas escolares. In: MARTOS NUÑEZ, E.; FERNANDES-FÍGARES. M. C. (Coords.). **Diccionario de nuevas formas de lectura y escritura**. España: Red Internacional de Universidades Lectoras, 2013. p. 67-70.

ALBERTO, A. A. (Org.). **A escola regional de Meriti**: documentário 1921- 1964. Brasília: Inep; CEPEMHed, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/1463160480A_Escola_Regional_de_Meriti_WEB.pdf>. Acesso em: 11 maio 2017.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Declaração de Direitos da Biblioteca 1939**. Disponível em: <<http://www.ala.org/advocacy/intfreedom/librarybill>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

_____. **First School Library?** 2011. Disponível em: <<http://www.ala.org/tools/first-school-library>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

_____. **Number of libraries in the United States**. 2015. Disponível em: <<http://www.ala.org/tools/libfactsheets/alalibraryfactsheet01>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

ARAYA UMAÑA, S. **Las representaciones sociales**: ejes teóricos para su discusión. San José: FLASCO, 2002. (Cuaderno de Ciências Sociais, 127). Disponível em: <http://www.flasco.or.cr/images/flippingbook/pdfs/cuadernos/ccs_127.pdf>. Acesso em: 23 out. 2014.

ARMENDANO SEVESO, M. C. et al. **Por las bibliotecas escolares de Iberoamérica**. Colômbia: CERLALC, 2007. Disponível em: <http://www.cerlalc.org/libroaldia/libroaldia_1/secciones/download/bibliotecas_escolares.pdf>. Acesso em: 12 maio 2017.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL.

Disponível em: <<http://atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

ATTALI, J. **Dicionário do século XXI**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BÁEZ, F. Las bibliotecas en guerra. In: GIMENO PERELLÓ, J.; LÓPEZ LÓPEZ, P.; MORILLO CALERO, M. J. (Coords.). **De volcanes llena**: biblioteca y compromiso social. Astúrias: TREA, 2007. p. 216-237.

BARROS, M. Língua. In: _____. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. p. 299-304.

_____. As lições de R.Q. In: _____. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. p. 349-350.

BARROSO, J. O estudo da autonomia da escola: da autonomia decretada à autonomia construída. In: BARROSO, J. (Org.). **O estudo da escola**. Porto (Portugal): Porto, 1996. cap. 8. p. 167-189. (Coleção Ciências da Educação).

BARROSO, M. A. Um modelo flexível para a biblioteca escolar. **Rev. Bras. Bibliotecon. Doc.**, v. 17, n.1/2 p. 12-17, jan./jul., 1984.

Disponível em:

<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2011/08/pdf_0e6f48ef39_0018336.pdf>. Acesso em: 27 maio 2016.

BELLUZZO, R. C. B. Recursos humanos: debatedores. In: MACEDO, N. D. (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: Senac: CRB-8, 2005. p. 339-349.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BONILLA RIUS, E. logro académico y bibliotecas escolares: estúdios cualitativos y cuantitativos. In: BONILLA RIUS, E.; GOLDIN HALFON, D.; SALABERRIA LAZARAZU, R. **Bibliotecas y escuelas**:

retos y posibilidades en la soiedad del conocimiento. 1.ed. México; España: Océano Travesía, 2008. p. 52-76.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 05 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 22 set. 2014.

_____. Câmara dos Deputados. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 9. ed. Brasília: Centro de Documentação e Informação, Edições Câmara, 2014. (Série Legislação, 118). Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2335/LDB%209.ed..pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

_____. _____. **Plano Nacional de Educação 2014-2024: Lei n. 13.005**, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. (Série Legislação, 125). Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 22 jun.2015.

_____. **Decreto n. 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 18 mar. 2017.

_____. **Decreto n. 9.099, de 18 de julho de 2017**. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2017/decreto-9099-18->

julho-2017-785224-publicacaooriginal-153392-pe.html>. Acesso em: 26 mar. 2017.

_____. **Decreto n. 19.841, de 22 de outubro de 1945.** Promulga a Carta das Nações Unidas, da qual faz parte integrante o anexo Estatuto da Corte Internacional de Justiça, assinada em São Francisco, a 26 de junho de 1945, por ocasião da Conferência de Organização Internacional das Nações Unidas. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19841.htm>. Acesso em: 30 jan. 2017.

_____. **Decreto-Lei n. 4.244, de 09 de abril de 1942.** Lei orgânica do ensino secundário. Disponível em:
<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto-lei%204.244-1942%20reforma%20capanema-ensino%20secund%Elrio.htm>. Acesso em: 25 mar. 2017.

_____. **Decreto-Lei n. 8.529, de 02 de janeiro de 1946.** Dispõe sobre a adaptação dos serviços do ensino primário nos Estados, Territórios e Distrito Federal, a Lei Orgânica do Ensino Primário. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/116986/1946_Decreto-lei%20n.%208529,%20de%202%20de%20janeiro%20de%201946__Lei_Organica_Primario.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 fev. 2017.

_____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 03 mar. 2016.

_____. **Lei n. 10.048, de 08 de novembro de 2000.** Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10048.htm>. Acesso em: 18 mar. 2017.

_____. **Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000.** Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm>. Acesso em: 20 ago. 2016.

_____. Lei n. 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 maio 2010a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 05 ago. 2014.

_____. **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 08 mar. 2016.

_____. **Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm#art127>. Acesso em: 20 ago. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2011. 112 p. (CEIDEA Coleção de Estudos). Disponível em: <<http://www.oei.es/bibliobrasil.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

_____. _____. **Avaliação internacional: resultado do Pisa de 2015 é tragédia para o futuro dos jovens brasileiros, afirma ministro**. 06 dez. 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=42741>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

_____. _____. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC, 1997. v. 2. p. 92.

_____. _____. Portaria n. 971, de 09 de outubro de 2009. [...] resolve [...] instituir, no âmbito do Ministério da Educação, o Programa Ensino Médio Inovador, com vistas a apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas do ensino médio não profissional. [...]. **Diário Oficial da União**, Brasília (DF), n. 195, 13 out. 2009, seção 1, p. 52. Disponível em:

<<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=52&data=13/10/2009>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

_____. _____. **Programa ensino médio inovador**: documento orientador. 2013. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13249-doc-orientador-proemi2013-novo-pdf&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 06 ago. 2016.

_____. _____. Secretaria de Educação Básica. **Biblioteca escolar**: técnico em multimeios didáticos. Brasília: Secretaria de Educação Básica: UnB, 2007. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2015.

_____. _____. _____. **Biblioteca na escola**. Elaborado por Andréa Kluge Pereira. Brasília: MEC: Secretaria de Educação Básica, 2006a. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7260-biblioteca-escola-seb&Itemid=30192>. Acesso em: 05 ago. 2016.

_____. _____. _____. **Por uma política de formação de leitores**. Elaborado por Andrea Berenblum e Jane Paiva. Brasília: MEC: Secretaria de Educação Básica, 2006b. Disponível em:
<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoessistema-estadual-de-bibliotecas-publicas/leituras-recomendadas/100_por_politica_formacao_leitores_v1.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2016.

_____. _____. _____. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**: leitura e biblioteca nas escolas públicas brasileiras. Brasil: Ministério da Educação, 2008. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/livro_mec_final_baixa.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2014.

_____. _____. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Documento orientador**: programa escola acessível. 2013. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download>

oad&alias=13290-doc-orient2013&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 mar. 2017.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, n. 112, 13 de junho de 2013. Seção 1, p. 59-61. ISSN 1677-7042. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=59&data=13/06/2013>>. Acesso em: 29 out. 2015.

BREDA, H. L. van. Prólogo. In: SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**: escritos I. Compilado por Maurice Natanson. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2008. (Biblioteca de Sociología).

BRIGHENTI, C. A. Povos indígenas em Santa Catarina. In: NÖTZOLD, A. L. V.; ROSA, H. A.; BRIGMANN, S. F. (Org.). **Etnohistória, história indígena e educação**: contribuições ao debate. 1. ed. Porto Alegre: Pallotti, 2012. 406p. p. 37-65.

BUONOCORE, D. **Diccionario de bibliotecología**: terminos relativos a la bibliotecología, bibliofilia, biblioteconomía, archivología, documentología, tipografía y materiales afines. 2. ed. aum. Buenos Aires: Marymar, 1976. (Colección Bibliotecología y Documentación).

CAMPELLO, B. (Coord.). **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 36 p.

_____. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para bibliotecas escolares: documento complementar 1: espaço físico. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 24 p. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Cartilha-biblioteca-escolar.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2017.

_____. Bibliotecas escolares e Biblioteconomia escolar no Brasil. **Bibl. Esc. em R.**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 1-25, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106613/105207>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

CAMPELLO, B. et al. Literatura sobre biblioteca escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras. **TransInformação**,

Campinas, v. 19, n. 3, p. 227-236, set./dez., 2007. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/547/527>>. Acesso em: 14 maio 2016.

_____. Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração I. **Inf. & Soc.:**Est., João Pessoa, v. 21, n. 2, p. 105-120, maio/ago., 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10451/5965>>. Acesso em: 12 out. 2016.

_____. Pesquisas sobre biblioteca escolar no Brasil: o estado da arte. **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 18, n. 37, p.123-156, maio/ago., 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n37p123/25335>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

CÂNDIDO, A. **O direito à literatura**. In: _____. Vários escritos. 4. ed. reorg. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

CARVALHO, C. P. A biblioteca e os estudantes. **Rev. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196-211, set. 1972. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 21 maio 2016.

CARVALHO, M. da C. Procura-se um espaço para a leitura nas bibliotecas escolares. **Boletim ABDF**. Nova Série, Brasília, v. 9, n. 2, p. 111-115, 1986.

CASTÁN, G. **Las bibliotecas escolares: soñar, pensar, hacer**. 1.ed. Sevilla (Espanha): Díada, 2002. (Colección Investigación y Enseñanza, Série Fundamentos, 18).

CASTRO, C. A. Ensino e biblioteca: diálogo possível. **Rev. Transinformação**, v. 15, n. 1, p. 63-72, jan./abr., 2003. Disponível em:<<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1477/1451>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

_____. **História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica.** Brasília: Thesaurus, 2000.

_____. Histórico e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil. In: VALENTIM, Marta Lígia. (Org.). **Formação do profissional da informação.** São Paulo: Polis, 2002. p. 25-48.

CASTRO, C. A.; RIBEIRO, M. S. P. Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário. **Rev. Transinformação**, v. 9, n. 1, p.17-25, jan./abr., 1997. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1589/1561>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

CASTRO, Y. V. A biblioteca escolar no contexto educacional brasileiro. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1., **Anais...** Brasília, 5 a 8 out. 1982, p. 26-32. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001844.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D.; OLIVEIRA, R.D. **A vida na escola e a escola da vida.** 22. ed. São Paulo: Vozes: IDAC, 1991.

CHAUÍ, M. S. **Convite à filosofia.** 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. Educação em Direitos Humanos: Memórias e Desafios no Contexto das Sociedades Democráticas. In: CONGRESSO INTERAMERICANO EDH: Educação em Direitos Humanos, 1. [Brasília]. 2006. **Anais...** [Brasília], 2006. Disponível em: <http://dhnet.org.br/educar/1congresso/1_c2006_marilena_chau_i.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.

_____. Husserl (1859-1938): vida e obra. In: HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas:** sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita.** Tradução de Fulvia M. L. Muretto. São Paulo (SP): UNESP, 2002.

COHN, G. Alguns problemas conceituais e de tradução em Economia e sociedade. In: **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia

compreensiva. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. v.1. p. xiii-xv.

_____. Introdução. In: WEBER. **Sociologia**. Organizado por Gabriel Cohn. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Grandes Cientistas Sociais, 13).

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE. **Panorama económico y social de la comunidad de estados latinoamericanos y caribenhos**, 2016. Santiago: Naciones Unidas, 2017. 65p. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/40916/S1601359_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Cursos de biblioteconomia no Brasil**. [2018?]. Disponível em: <<http://www.crb6.org.br/carreira.php>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

_____. **Programa mobilizador**: biblioteca escolar construção de uma rede de informação para o ensino público: caminhos construídos. Elaborado por Célia Regina Simonetti Barbalho. Brasília: CFB, 2012. 52 p. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2016/05/PROMOBIL-CAMINHO-CONSTRUIDO.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

_____. **Projeto mobilizador**: biblioteca escolar construção de uma rede de informação para o ensino público. Brasília (DF): CFB, 2008. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2016/05/PROMOBILFINAL-20-mar-09.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2015.

CORREIA, J. C. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005. (Media e Jornalismo).

CREMADES GARCÍA, R.; JIMÉNEZ FERNÁNDEZ, C. M. **La biblioteca escolar a fondo**: del armario al ciberespacio. Gijón (España), Ediciones TREA, 2015. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 279).

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução de Magda França Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973. (Coleção Quid).

DESLAURIERS, J-P.; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et. al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012. p. 127-153.

DEWEY, J. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação.** Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. 416 p. (Atualidades Pedagógicas, 21).

DIAS, E. B. Revista Escola Nova (1930-1931): um estudo sobre o tecnicismo e educação. In: JORNADA DO HISTEDBR: história, sociedade e educação no Brasil.7, 2007, Campo Grande (MS). **Anais eletrônicos...** Campo Grande: UNIDERP, 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/03tr-ab-autor-E.htm>. Acesso em: 25 abr. 2016.

DISCHINGER, M. **Manual de acessibilidade espacial para escolas: o direito à escola acessível.** Brasília (DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2009. Disponível em: <http://www.mpgp.mp.br/portalweb/hp/41/docs/manual_escolas_-_deficientes.pdf.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2016.

DUARTE, S. G. **Dicionário brasileiro de educação.** Rio de Janeiro: Edições Antares: Nobel, 1986.

DURBAN ROCA, G. **Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola.** Tradução de Carlos Henrique Lucas Lima, Porto Alegre: Penso, 2012.

DURKHEIM, E. **As regras do método científico.** Tradução de Pietro Nassetti. Martin Claret, 2006. (Coleção A obra-prima de cada autor).

DUVEEN, G. Introdução: o poder das ideias. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004. (Coleção Psicologia Social). p. 7-28.

EARP, F. S; KORNIS, G. **A economia da cadeia produtiva do livro**. Rio de Janeiro: BNDES, 2005. Disponível em: <<http://luispeaze.com/a%20economia%20do%20livro%20F%C3%A1bio%20S%C3%A1l%20Earp%20e%20George%20Kornis.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.

_____. A cadeira produtiva do livro no Brasil e a leitura. In: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 3**. Organizado por Zoara Failla. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. p. 141-153. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/galeria-de-fotos/retratos-da-leitura-no-brasil-4-rj>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Organizado por Michel Schröter. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.

_____. **Sobre o tempo**. Editado por Michel Schröter. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ESCOLAR SOBRINHO, H. **Historia de las bibliotecas**. 3. ed. corr., rev. y ampl. Salamanca: Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Madrid: Pirámide, 1985. (Biblioteca del Libro).

EUFRÁSIO, M. A. Apresentação. In: SCHUTZ, A. A formação de conceitos e teorias nas ciências sociais. **Plural: Revista do Programa de Pós Gradual em sociologia da USP**, São Paulo, n. 14, 2007, p. 147-162. Traduções. Disponível em: <http://mail-attachment.googleusercontent.com/attachment/?ui=2&ik=e15e73dd25&view=att&th=13d5977bec41889c&attid=0.2&disp=safe&realattid=f_hdz5kfvkl&zw&saduie=AG9B_P-4TcDPdXZejFLecCkZ7sop&sadet=1366906354248&sads=V_HcD_VmLgaBmud6DjdkDJ4c0Zw>. Acesso em: 12 mar. 2013.

FAILLA, Z. Retratos: leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro. In: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 4**. Organizado por Failla Zoara. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. 296p. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINALCOM_CAPA.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

FAUNDEZ, P. V. Sueño... In: FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. **The school library: today and tomorrow = La bibliothèque scolaire: aujourd'hui et demain = La biblioteca escolar: presente y futuro**. 2002. p. 23. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibrary_today_tomorrow.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar** (2002). Tradução de Neusa Dias e Helena Gomes de Oliveira. 2005. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2014.

_____. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. 2. ed. rev. 2015. Tradução de Rede de Bibliotecas Escolares (Portugal). Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2016.

_____. **Diretrizes para o Manifesto da IFLA/UNESCO sobre a Internet**. 2006. Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/faife/publications/policy-documents/internet-manifesto-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

_____. **Directrices para materiales de lectura facil**. 2012. Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/professional-report/120-es.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

_____. **Manifesto da IFLA sobre Internet** (2002). Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/faife/publications/policy-documents/internet-manifesto-pt.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

_____. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar** (1999). Tradução de Neusa Dias e Helena Gomes de Oliveira. 2005. Disponível em: <<https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

_____. **The school library: today and tomorrow = La bliothèque scolaire: aujourd'hui et demain = La biblioteca escolar: presente y futuro**. 2002. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibrary_today_tomorrow.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017.

FERNÁNDEZ Y FERNÁNDEZ-CUESTA, P. **Bibliotecas y personas: hacia un nuevo enfoque em biblioteconomia**. Gijón (España): Trea, 2005. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 129).

FERRAREZI, L.; ROMÃO, L. M. S. O dizer dos documentos oficiais: a normatização como efeito de sentidos sobre a biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.13, n.2, p.323-346, jul./dez., 2008a. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/536/666>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

_____. Sentidos de biblioteca escolar no discurso da ciência da informação. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 29-44, set./dez. 2008b. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1777/2270>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

FERRAZ, W. A biblioteca escolar e suas funções. In: _____. **A biblioteca**. 6. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos; Brasília: INL, 1972. p. 91-164.

FERRONI, B.J. República Argentina: lo que deseo para las bibliotecas escolares. In: FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. **The school library: today and tomorrow = La bliothèque scolaire: aujourd'hui et demain = La biblioteca escolar: presente y futuro**. 2002. p. 18-19. Disponível em:

<https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibrary_today_tomorrow.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017.

FLICK, U. **Métodos de pesquisa qualitativa**: introdução à pesquisa qualitativa. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLUSSER, V. **Língua e realidade**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Organizado por Rafael Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Nafty, 2013.

_____. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 out. 1966, p. 36. Suplemento literário. Colunas 6 e 7. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19661022-28073-nac-0036-lit-4-not/busca/FLUSSER>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

FONSECA, E. N. Alternativas bibliotecárias para a crise da escola. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1., **Anais...** Brasília, (DF), 5 a 8 out. 1982, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001844.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

_____. **Introdução à biblioteconomia**. 2.ed. Brasília (DF): Briquet de Lemos, 2007.

FRAGOSO, M. G. Biblioteca na escola: uma relação a ser construída. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 169-173, jan./dez., 2005. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/430/548>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. (O Mundo, Hoje, 21).

FREUND, J. **Sociologia de Max Weber**. 5. ed. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **R. Educ.**

& Soc.[online], Campinas, v. 24, n. 82, p. 93-130, abr. 2003. Disponível em: <www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 24 ago. 2016.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Censo Nacional de Bibliotecas Públicas Municipais**: estudo quantitativo, principais resultados. 2010. Disponível em: <<http://www.cenpec.org.br/biblioteca/educacao/estudos-e-pesquisas/censo-nacional-das-bibliotecas-publicas-municipais>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

GARCEZ, E. F. As competências do bibliotecário na educação básica: reflexões a partir de proposta de rede. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. 4, p. 3-24, out./dez. 2014a. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1923/1517>>. Acesso em: 04 jan. 2015.

_____. **Pesquisa escolar na educação básica**: discurso de bibliotecários catarinenses. 2009. 320p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGCIN0049-D.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

_____. Weber, Schutz e a busca de “sentido” na ação social: uma análise comparativa. **Em Tese**: Revista Eletrônica dos pós-graduados em sociologia política da UFSC. Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 63-90, jan./jun., 2014b. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2014v11n1p63/28682>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

GASQUE, K. C. G. D. Centro de recursos de aprendizagem: biblioteca escolar para o Século XXI. **Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf.**, Campinas, (SP), v. 1, n. 1, p. 138-153, jan./abr. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1656/1640>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

GEERTZ, C. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. 4. ed. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **História da educação**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção Magistério – 2º Grau, Série Formação do Professor).

GOMES, I. V. Retrospectiva: o acesso ao livro e à leitura pelos jovens no Brasil. In: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 3**. Organizado por Zoara Failla. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. Cap. 7, p. 123-133. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/galeria-de-fotos/retratos-da-leitura-no-brasil-4-rj>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

GOMES, S. C. **Bibliotecas e sociedade na primeira república**. São Paulo: Pioneira, 1983. (Manuais de Estudo).

GÓMEZ-HERNÁNDEZ, J-A. **Unir educación y bibliotecas: la evolución de un reto permanente. El profesional de la Información**, v. 22, n. 2, p. 101-105, mar./abr., 2013. Disponível em: <<http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2013/marzo/01.html>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

GUARESCHI, P. A. “Sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre neopentecostais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 10. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008. (Psicologia Social). p. 191-225.

GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Tradução de Miriam Vieira da Cunha. Brasília: IBICT, 1994.

HABERMAS, J. Primeira consideração intermediária: agir social, atividade teleológica e comunicação. In: _____. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. v. 1, p. 476-581.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Portugal: Edições 70, 1990. (Textos filosóficos, 8).

_____. **Investigações lógicas: sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento)**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

INHELDER, B.; PIAGET, J. **Da lógica da criança à lógica do adolescente**: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1976. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Psicologia).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estado@**: Santa Catarina. (2014). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=sc#>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

_____. **Estimativas de população**: 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=destaques>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

_____. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: síntese de indicadores 2013. 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 296p. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94414.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo escolar da educação básica 2016**: notas estatísticas. Brasília: MEC: 2017. Disponível em: 20 mar. 2017. <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2017.

_____. **O que é o Pisa?** Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/o-que-e-o-pisa/21206>. Acesso em: 15 abr. 2017.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 4**. Organizado por Failla Zoara. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. 296 p. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/galeria-de-fotos/retratos-da-leitura-no-brasil-4-rj>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANSHIP. **About IASL**. Disponível em: <www.iasl-online.org/>. Acesso em: 13 dez. 2016.

_____. **Declaração Política da IASL sobre bibliotecas escolares.** 1993. Disponível em: <www.oei.es/historico/pdfs/rbe5.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2016.

IRELAND, V. (Coord.). **Repensando a escola:** um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever. Brasília: UNESCO: MEC/INEP, 2007. 331p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001512/151253por.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2010.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia.** 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JIMÉNEZ-FERNÁNDEZ, C. M.; CREMADES-GARCÍA, R. **Bibliotecas escolares:** la necesaria transformación de un agente imprescindible. 1.ed. Barcelona: UOC, 2013. (Colección El profesional de la información, 22). 80 p.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de sociologia:** guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JOSGRILBERG, F. B. **Cotidiano e invenção:** os espaços de Michel de Certeau. 1.ed. São Paulo: Escrituras, 2005. (Coleção Ensaios Transversais, 32).

KANT, I. **Crítica da razão pura.** Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. v. 2.

_____. Prolegômenos. In: _____. **Textos selecionados.** Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Traduções de Tania Maria Bernkopf, Paulo Quintela, Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 5-99.

KAUFMANN, J.-C. **A entrevista compreensiva:** um guia para pesquisa de campo. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio. Petrópolis (RJ): Vozes, Maceió (AL): Edufal, 2013.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Depoimentos e discursos:** uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília (DF): Liber Livro, 2005a. (Série pesquisa, 2).

_____. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul: Educus, 2005b. (Diálogos).

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 8. ed. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação).

LIMA, L. O. A biblioteca escolar. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1., **Anais...** Brasília, (DF), 5 a 8 out. 1982, p. 9-19. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001844.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

LITTON, G. **Bibliotecas escolares**. Buenos Aires: Bowler, 1974. (Breviarios del bibliotecário, 16).

LOBROT, M. **Para que serve a escola?** Lisboa: Terramar, 1992. (Coleção Biblioteca de Ciências da Educação).

LOPES, Y. B. B. Organização e funcionamento de uma sala de leitura. In: GARCIA, E. G. **Biblioteca escolar**: estrutura e funcionamento: pelo fim do provisório eterno. São Paulo: Loyola, 1989. Cap. 3, p.35-49. (Série Práticas Pedagógicas, 3).

LÓPEZ LÓPEZ, P.; MORILLO CALERO, M. J. Derecho a la información y democracia en el marco de la globalización neoliberal: bibliotecas, archivos y medios de comunicación de masas. In: LÓPEZ LÓPEZ, P.; GIMENO PERELLÓ, J. (Coords.). **Información, conocimiento y bibliotecas en el marco de la globalización neoliberal**. Asturias (España): Trea, 2005. p. 15-56.

LÓPEZ LÓPEZ, P.; VELLOSILO GONZÁLEZ, I. Educación para la ciudadanía y educación en derechos humanos. In: _____. **Educación para la ciudadanía y biblioteca escolar**. Asturias: TREA, 2008. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 196).

LÓPEZ YEPES, J. **Diccionario enciclopédico de ciencias de la documentación**. Madrid: Síntesis, 2004. [v.1].

LOSSO, M. A. F. **Qualidade acústica de edificações escolares em Santa Catarina**: avaliação e elaboração de diretrizes para projeto e implantação. Florianópolis, 2003. 149f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PECV0221.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

LOURENÇO FILHO, M. B. Ensino e biblioteca. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília (DF), v. 6, n. 16, p. 5-24, out. 1945. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/1321/1295>>. Acesso em: 07 set. 2016.

_____. **Introdução ao estudo da escola nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

_____. Notável ensaio brasileiro de educação renovada. In: ALBERTO, A. A. (Org.). **Escola Regional de Meriti**: documentário: 1921-1964. Brasília: INEP: CEPEMHED, 2016. 209p. p. 97-99. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/1463160480A_Escola_Regional_de_Meriti_WEB.pdf>. Acesso em: 11 maio 2017.

LUZURIAGA, L. **Diccionario de pedagogia**. 2. ed. Buenos Aires: Losada, 1980.

MACEDO, N. D. Bibliotecas escolares em contextos brasileiros desfavoráveis. In: _____. (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: Senac: CRB-8, 2005. p. 64-68.

MACHADO, A. **A implantação de bibliotecas escolares na rede de ensino de Santa Catarina (décadas de 30 e 40)**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: 2002.

MAGÁN WALS, J. A. El concepto de biblioteca en la actualidad: bibliotecas reales frente a bibliotecas virtuales. In: _____. **Tratado básico de biblioteconomía**. 2. ed. Corr. Y atual. Madrid (España): Editorial Complutense. 1996. p. 19-46. cap. 1.

MANGUEL, A. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTÍN ALGARRA, M. **La comunicación em la vida cotidiana: la fenomenologia de Alfred Schütz**. Pamplona (Espanha): EUNSA, 1993.

MARTINS, R. X.; FLORES, V. F. A implantação do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo): revelações de pesquisas realizadas no Brasil entre 2007 e 2011. **Rev. Bras. Estud. Pedag.** (online), Brasília, v. 96, n. 242, p. 112-128, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/296/287>>. Acesso em: 13 maio 2017.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MEKIS, K. ¡Es posible! Reflexiones en torno a la biblioteca escolar. In: MIRET, I.; ARMENDANO, C. (Coords.). **Lectura y bibliotecas escolares**. Madrid: OEI: Fundación Santillana, [2009]. p. 163-170. (Coleção Metas Educativas 2021, Série Cultura Escrita). Disponível em: <<http://www.oei.es/historico/noticias/spip.php?article9241>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

MENDONÇA, A. V. M. O uso da análise do discurso do sujeito coletivo em Ciência da Informação. In: MUELLER, S. P. M. **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. Cap. 6, p. 149-170.

MIGNOT, A. C. V. **Armanda Álvaro Alberto**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. 164p. (Coleção Educadores). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4691.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2017.

MILANESI, L. **Biblioteca**. 3. ed. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2013.

_____. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, 94).

_____. **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MORICONI, M. L. Institucionalização de biblioteca escolar. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1., **Anais...** Brasília, 5 a 8 out. 1982, p. 49-70. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001844.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004. (Coleção Psicologia Social).

ORÇAMENTO do governo Temer para a educação prevê redução de 32% em 2018, O. **CartaCampinas**, 27 dez. 2017. Economia e Política. Disponível em: <<http://cartacampinas.com.br/2017/12/orcamento-do-governo-temer-para-a-educacao-preve-reducao-de-32-em-2018/>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**: adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <<http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>>. Acesso em: 18 set. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Convenção sobre os direitos da criança**. 1989. <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm>. Acesso em: 13 jul. 2015.

_____. **Mensagem da UNESCO para o dia internacional em memória das vítimas do holocausto**. 21 de janeiro 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/unescos_message_for_the_international_day_of_commemoration/>. Acesso em: 18 jan. 2017.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares**. Elaborado por Silvia Castrillón. Colaboração de Elia María Van Patten de Ocampo. Tradução de Walda Andrade Antunes. Brasília: FEBAB, 1985.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBEROAMERICANOS. **2021 Metas educativas**: a educação que queremos para a geração dos

bicentenários (documento final: síntese). 2012. Disponível em: <http://oei.org.br/pdf/metas_sintese.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2016.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **PISA 2015 Resultados chave**. 2016. <<https://www.oecd.org/pisa/pisa-2015-results-in-focus-ESP.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

OSORO ITURBE, K. (Coord.). **La biblioteca escolar: un derecho irrenunciable**. Madrid: Asociación Española de Amigos del Libro Infantil y Juvenil, 1998. (Temas de Literatura Infantil, 23).

PACHECO, J. A. **Escritos curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

PAIVA, J.; BERENBLUM, A. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 173-188, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/edicoes/texto480.html>>. Acesso em: 13 set. 2014.

PAPAZOGLU, A. Mi ideal de biblioteca escolar. In: FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. **The school library: today and tomorrow = La bliothèque scolaire: aujourd'hui et demain = La biblioteca escolar: presente y futuro**. 2002. p. 27. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibrary_today_tomorrow.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017.

PENNAC, D. **Como um romance**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PÉREZ LÓPEZ, A. La biblioteca escolar em los países de la Unión Europea. **Educación y Biblioteca**, v. 9, n. 78, p. 24-29, abr. 1997. Disponível em: <http://www.ugr.es/~aperez/doc/BE_UNIONEUROPEA.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2016.

PIZARRO, D. C. **Entre o saber-fazer e o saber-agir: o que professam os docentes de biblioteconomia em Santa Catarina**. 2017. 535 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da

Informação, Florianópolis, 2017. Disponível em:
<<http://tede.ufsc.br/teses/PCIN0167-T.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2018.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012. (Coleção Sociologia). p. 215-253.

QEdU. **Brasil: Censo [2010 -2015]: matrículas e infraestrutura**. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/brasil/censo-escolar>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

_____. **Matrículas e infraestrutura**. Brasília: INEP, 2013. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/estado/124-santa-catarina/censo-escolar?year=2013&dependence=0&localization=0&item=>>. Acesso em: 15 set. 2014.

REITZ, J. M. **Dictionary for Library and Information Science**. Library Books and Monographs. 1. 2014. Disponível em: <www.abcclio.com/ODLIS/odlis_1.aspx>. Acesso em: 25 jan. 2017.

ROMÃO, L. M. S.; BASTOS, G. G.; ALMEIDA, L. T. R. Silêncio da e na biblioteca escolar: de como sentidos são produzidos em desenhos por sujeitos escolares. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa (Org.). **Sentidos da biblioteca escolar**. São Carlos (SP): Alfabeta: Compacta, 2008. p. 147-165.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

SALABERRIA, R. Cuando el libro de texto sigue siendo el rey. In: PÉREZ IGLESIAS, J. **Palabras por la lectura**. 1. ed. Toledo (España): Consejería de Cultura de la Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, Servicio de Publicaciones, 2007. p. 167-169.

_____. Funciones y perfil de la bibliotecária escolar o tras el eco de los predicadores en el ensino. In: OSORO ITURBE, K. (Coord.). **La biblioteca escolar: un derecho irrenunciable**. Madrid: Asociación Española de Amigos del Libro Infantil y Juvenil, 1998. p. 61-71. (Temas de Literatura Infantil, 23).

_____. La biblioteca escolar y sus conjugaciones. In: BONILLA RIUS; GOLDIN HALFON, D.; SALABERRIA LIZARAZU, R. **Bibliotecas y escuelas: retos y posibilidades en la sociedad del conocimiento**. 1.ed. México; España: Océano Travesía, 2008. p. 35-51.

SALES, F. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da biblioteconomia. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, v. 18, n. 2, p. 40-57, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p40/5472>>. Acesso em: 16 maio 2016.

SANTA CATARINA. Decreto n. 1.949, de 19 de dezembro de 2013. Dispõe sobre a utilização do Cartão de Pagamento do Estado de Santa Catarina (CPESC) no âmbito da administração direta, autárquica e fundacional do Poder Executivo estadual para pagamento de despesas extraordinárias ou urgentes e de pequeno vulto. **Diário Oficial [do] Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, 19 dez. 2013, p. 16-17. Disponível em: <<http://doe.sea.sc.gov.br/>>. Acesso em: 11 set. 2016.

_____. **Educação em números**: abril 2017. Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/educacao-em-numeros>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

_____. **Geografia**. Disponível em: <<http://www.sc.gov.br/index.php/geografia>>. Acesso em: 12 ago. 2014a.

_____. **Gestão escolar**: orientações para o gestor escolar: Instrumento destinado à orientação e suporte de trabalho para Diretores de Escola. 2016. Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/documentos/plano-de-gestao-escolar-409/processo-2016>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

_____. **Portaria N/018/ SED, de 23 de julho de 2012**. Regulamenta o desfazimento do livro didático na Rede Pública Estadual de Ensino. Disponível em: <<http://www.doe.sea.sc.gov.br>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica. [sl.l]: [s.n.], 2014b. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/index.php/graduacao/proesde/curso->

de-extensao/miiliateca/proposta-curricular-de-santa-catarina/359-2014-proposta-curricular-de-santa-catarina-formacao-integral-na-educacao-basica/file>. Acesso em: 27 nov. 2016.

_____. **Sistema de indicadores de desenvolvimento municipal sustentável.** Disponível em:

<<http://indicadores.fecam.org.br/indice/mesorregioes#6>>. Acesso em: 19 ago. 2014c.

SAVIANI, D. **Escola e democracia:** teorias da educação: curvatura da vara: onze teses sobre educação e política. 7. ed. São Paulo: Cortez Editora: Editora Autores Associados, 1985. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 5).

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 2013. (Coleção Memória da Educação).

SCHLUCHTER, W. **Acción, orden y cultura:** estudios para un programa de investigación en conexión con Max Weber. Prometeo: Buenos Aires, 2011. p. 19-54.

_____. Epílogo: ação, ordem e cultura. In: _____. **Paradoxos da modernidade:** cultura e conduta na teoria de Max Weber. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2012. p. 325-330.

SCHOOL library in every school! = Uma biblioteca para cada escola. ENSIL; IASL; IFLA. 2010. Disponível em: <[file:///C:/Users/PC/Downloads/School_Library_Proclamation-2010%20\(8\).pdf](file:///C:/Users/PC/Downloads/School_Library_Proclamation-2010%20(8).pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SCHUTZ, A. A formação de conceitos e teorias nas ciências sociais. Tradução de Mário A. Eufrásio e José Jeremias de Oliveira Filho. **Plural:** Revista do Programa de Pós-Graduação em sociologia da USP, São Paulo, n. 14, 2007, p. 147-162. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/viewFile/75467/79010>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

_____. **El problema de la realidad social:** escritos I. Compilado por Maurice Natanson. Tradução de Néstor Míguez. 2. ed. Buenos Aires: amorrortu, 2008. (Biblioteca de Sociología).

_____. **Estudios sobre teoría social: escritos II.** Compilado por Arvid Brodersen. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2012a. (Biblioteca de Sociologia).

_____. **La construcción significativa del mundo social:** introducción a la sociología comprensiva. 1. reimpr. Barcelona: Paidós, 1993. (Paidós Básica, 67).

_____. O estrangeiro: um ensaio em psicologia social. Tradução de Márcio Duarte e Michael Hanke. **Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 113, p. 117-129, out., 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/11345/6153>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

_____. **Senso-comum e a interpretação científica da ação humana.** Tradução de Christina W. Andrews. 1953. 39 p. Disponível em: <https://cienciassociaisunifesp.files.wordpress.com/2011/07/alfred_schultz_senso_comum.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

_____. **Sobre fenomenologia e relações sociais.** Edição e organização de Helmut T. R. Wagner. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012b. (Coleção Sociologia).

SCHUTZ, A.; LUCKMANN, T. **Las estructuras del mundo de la vida.** 1. ed. Buenos Aires: Amarrortu, 2003. (Biblioteca de Sociologia).

SELL, C. E. **Max Weber e a racionalização da vida.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2013a.

_____. **O nascimento da sociologia weberiana:** sobre algumas categorias da sociologia compreensiva 100 anos depois. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 16., Salvador, 2013. **Anais...** Salvador, set. 2013b. (*Paper* inscrito no GT 34 Teoria Sociológica).

_____. Racionalidade e racionalização em Max Weber. **Rev. Bras. Ciências Sociais**, [São Paulo], v. 27, n. 79, p. 153-233, jun. 2012b.

_____. Um paradigma weberiano? anotações sobre um programa de pesquisa. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36, 21 a 25 out. 2012, Águas de Lindóia (SP). GT 24 – O Pluralismo na teoria social

contemporânea. 2012a. **Anais... Águas de Lindóia**, 2012. Disponível em:

<http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8108&Itemid=217>. Acesso em: 14 jan. 2014.

SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1., 1982, Brasília (DF). **Anais...** Brasília: INL/CERLAC/UnB, 1982.

Brasília, out. Disponível em:

<www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001844.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.

SILVA, E. T. A escola e a formação de leitores. In: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 3**. Organizado por Zoara Failla. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. Cap. 5, p. 107-116. Disponível em:

<<http://prolivro.org.br/home/atuacao/galeria-de-fotos/retratos-da-leitura-no-brasil-4-rj>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

SILVA, W. C. **Miséria da biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999. (Coleção Questões da Nossa Época, 45).

SÓ dez por cento é mentira. Direção e roteiro de Pedro Cezar. [s.l.]

Artezanato eletrônico, Vite Produções, 2009. Filme, (1:21:22 min.).

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4NhVFmn8Ymo>>.

Acesso em: 27 fev. 2017.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

SOUZA, F. C. A teoria das representações sociais na pesquisa educacional. In: BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. (Org.). **A trama do conhecimento: teoria, métodos e escrita em ciência e pesquisa**. São Paulo: Papirus, 2008. p. 205-221. (Papirus Educação).

_____. Lutar por direitos humanos, informação e cidadania: compromisso cívico-político de profissionais das ciências da informação, educadores e comunicadores sociais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 329-355, jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10387/10012>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

_____. **Modernização e biblioteconomia nova no Brasil.**

Florianópolis: NUP/CEDUFSC, 2003. 222 p. (Teses NUP, 9).

SUAIDEN, E. El impacto social de las bibliotecas públicas em la lectura. In: ENCUESTRO IBEROAMERICANO, 2., 2007. Madrid.

Anais... Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2007. 310p. p. 224- 239. (Papeles de la Fundación Germán Sánchez Ruipérez).

TAYLOR, M. W. A biblioteca escolar no contexto brasileiro. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1.,

Anais... Brasília, 5 a 8 out. 1982, p. 33-38. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001844.pdf>>.

Acesso em: 19 mar. 2016.

_____. Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina. **Rev.**

Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, p. 16-22, out. 1981.

TONUCCI, F. **Com olhos de criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VALENCIA, M. M. Entrevista a Francesco Tonucci. Autor de Cuando los niños dicen ¡basta! **Educacion y Biblioteca**, n. 139, 2004. p. 29-34. (Em Primera Persona).

VENEGAS, María Clemencia. El personal de la biblioteca escolar: su formación previa y en el ejercicio. In: BONILLA RIUS; GOLDIN HALFON, D.; SALABERRIA LIZARAZU, R. **Bibliotecas y escuelas:** retos y posibilidades en la sociedad del conocimiento. 1. ed. México; España: Océano Travesía, 2008. p. 341-377.

VIDAL, D. G. **O exercício disciplinado do olhar:** livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2001. 343p. (Coleção Estudos CDAPH, Série Historiografia).

_____. 80 anos do manifesto dos pioneiros da educação nova: questões para debate. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 39, n. 3, p. 577-588, jul./set. 2013. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/aop1177.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

WAGNER, H. R. Introdução: a abordagem fenomenológica da sociologia. In: SCHUTZ, A. **Sobre a fenomenologia e relações sociais**. Edição e organização de Helmut T.R. Wagner. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012. p. 11-62.

WEBER, M. Conceitos sociológicos fundamentais. In: _____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. v. 1, part. 1, cap. 1, p. 3-35.

WILLARS, G.; SÆTRE, T. P.; BERNHARD, P. La biblioteca escolar: presente y futuro. In: FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. **The school library: today and tomorrow = La bliothèque scolaire: aujourd'hui et demain = La biblioteca escolar: presente y futuro**. 2002. p. 9-12. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/SchoolLibrary_today_tomorrow.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2017.

YUNES, E. Apresentação. In: MAROTO, L. H. **Biblioteca escolar, eis a questão!**: do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 15.

_____. Sociedad lectora. Políticas de formación y desarrollo. In: Nuevos espacios para la lectura en el siglo XXI: ENCUESTRO IBERO-AMERICANO, 2., 2007. Madrid. **Anais...** Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2007. p. 184-200. (Papeles de la Fundación Germán Sánchez Ruipérez).

ZILBERMAN, R. A leitura na escola. In: **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. (Série Novas Perspectivas: Educação, 1).

APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA TESTE DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Carta de Apresentação

Florianópolis, _____.

Ilmo(a) Sr(a) _____
Diretor(a) da Escola de Educação Básica _____
Florianópolis - SC

Prezado(a) Senhor(a)

Eliane Fioravante Garcez é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC), e minha orientanda. Ela está fazendo uma pesquisa sobre **“O SENTIDO DE BIBLIOTECA ESCOLAR PARA O ALUNO DE ESCOLA PÚBLICA DE SANTA CATARINA: ESTUDO COM BASE NA FENOMENOLOGIA COMPREENSIVA DE ALFRED SCHUTZ”**.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que prevê a colaboração de alunos de Escolas de Educação Básica, vinculadas à administração pública estadual, localizadas em diferentes municípios catarinenses.

Nesse sentido solicito sua autorização para convidar dois alunos do Ensino Médio dessa unidade escolar para participar de um pré-teste desta pesquisa. Esclareço que os alunos em questão devem ter permanecido nessa unidade escolar durante os onze anos de educação básica e devem estar cursando o terceiro ano do Ensino Médio.

Atenciosamente,

Miriam Vieira da Cunha
Professora Orientadora
PGCIN/UFSC

Rosângela S. Rodrigues
Coordenadora PGCIN/UFSC
Portaria 2544/2014/GR

APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO À DIREÇÃO DAS ESCOLAS E ÀS GERÊNCIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

Carta de Apresentação

Ilmo(a) Sr(a)

Diretor(a)

Prezado(a) Diretor(a)

Eliane Fioravante Garcez, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC), vinculada ao programa através da matrícula 201300333, sob minha orientação de pesquisa, dirige-se a essa Unidade de Ensino, vinculada à Secretaria de Estado da Educação, com o intuito de convidar os alunos do terceiro ano do Ensino Médio para participar dos critérios de seleção que indicará dois alunos desta unidade de Ensino para colaborar com a pesquisa **“O SENTIDO DE BIBLIOTECA ESCOLAR PARA O ALUNO DE ESCOLA PÚBLICA DE SANTA CATARINA: ESTUDO COM BASE NA FENOMENOLOGIA COMPREENSIVA DE ALFRED SCHUTZ”**.

Trata-se de pesquisa qualitativa que prevê a colaboração de dois alunos situados na maior Escola de Educação Básica, localizada nos municípios de Caçador e Chapecó (Mesorregião Oeste), Joinville e Jaraguá do Sul (Mesorregião Norte), Lages e Curitiba (Mesorregião Serrana), Blumenau e Itajaí (Mesorregião Vale do Itajaí), Florianópolis e São José (Mesorregião Grande Florianópolis), Criciúma e Tubarão (Mesorregião Sul). Esclareço que a referida pesquisa prevê que esses alunos estejam cursando o terceiro ano do Ensino Médio e que permaneceram na mesma unidade escolar durante os onze anos da educação básica e que neste período essa escola contou com biblioteca em sua estrutura. Outrossim, solicitamos sua participação mediante resposta a um questionário para a coleta de dados sobre esta unidade escolar e permissão para que os mesmos sejam utilizados na pesquisa mencionada. Desde já informo o compromisso com a ética na pesquisa que garante sigilo e preservação da identidade dos participantes e retorno dos resultados deste trabalho.

Informo, ainda, que o aceite dos alunos desta unidade escolar em participar da pesquisa é fundamental para a realização da mesma, podendo contribuir de forma significativa na discussão e avanços das questões relacionadas à biblioteca escolar neste Estado e em nível

nacional. Contudo, se for de sua vontade, você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como solicitar esclarecimentos sobre a mesma em caso de dúvida.

Agradecemos a sua participação e colaboração e nos colocamos à disposição através dos e-mails: vieiradacunha.miriam@gmail.com e e.fioravante.g@gmail.com

Local e Data

Atenciosamente,

Miriam Vieira da Cunha
Professora Doutora Orientadora

Eliane Fioravante Garcez
Doutoranda PGCIN/UFSC

**APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DO(A) RESPONSÁVEL
LEGAL DA INSTITUIÇÃO PARA A COLETA DE DADOS****DECLARAÇÃO⁹²**

Declaro para todos os fins e efeitos legais que, com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Escola [_____], estou ciente do projeto de pesquisa **“O SENTIDO DE BIBLIOTECA ESCOLAR PARA O ALUNO DE ESCOLA PÚBLICA DE SANTA CATARINA: ESTUDO COM BASE NA FENOMENOLOGIA COMPREENSIVA DE ALFRED SCHUTZ”** e cumprirei os termos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Estando esta instituição em condições de participar do desenvolvimento desta pesquisa, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Local e Data

Nome Completo do Responsável Legal

Cargo

Identificação da Instituição

Carimbo e/ou Assinatura do Responsável Legal

⁹² Documento apresentado às Gerências Regionais de Educação e à direção das escolas.

APÊNDICE D - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Este documento é um convite destinado a você, _____, aluno(a) matriculado(a) na EEB _____, escola da rede de ensino deste Estado, para participar da pesquisa de doutorado intitulada “O SENTIDO DE BIBLIOTECA ESCOLAR PARA O ALUNO DE ESCOLA PÚBLICA DE SANTA CATARINA: ESTUDO COM BASE NA FENOMENOLOGIA COMPREENSIVA DE ALFRED SCHUTZ”, cujo projeto obteve aprovação do CEP SH UFSC e atende a Resolução 466/2012 e suas complementares. O objetivo desta pesquisa é conhecer o pensamento do aluno de escola pública sobre o sentido que dá à biblioteca escolar. A pesquisa prevê a colaboração de vinte e quatro alunos de terceiro ano do ensino médio de escolas localizadas em doze municípios catarinenses. Sua participação se dará por meio de entrevista, gravada em áudio, e um questionário.

A entrevista será realizada na sua escola após combinarmos dia e hora, e será conduzida por um roteiro composto por sete perguntas sobre a biblioteca da sua escola. Após conceder a entrevista você será convidado(a) a responder o questionário que inclui dados pessoais (idade, sexo, estado civil e cidade/Estado de nascimento, dentre outros), e sobre sua experiência com a biblioteca da escola. Esclareço que não é obrigatório responder todas as perguntas de entrevista e as do questionário, pois sua participação é de livre escolha. Apesar disso, temos expectativa de que sua participação seja integral.

Os riscos em participar desta pesquisa são dois. O risco imediato refere-se à possibilidade de você, participante, vir a sentir desconforto durante a entrevista. O risco posterior à realização da mesma refere-se à quebra de sigilo. Contudo, cabe lembrar que a Resolução 466/2012, no seu item III, letra “c” dá “garantia de que danos previsíveis serão evitados.” Assim, as perguntas foram testadas com alunos de mesmo perfil do participante, e temos o compromisso de deixar o participante à vontade para falar, podendo a qualquer momento desistir de participar da entrevista, sem qualquer tipo de constrangimento, sendo que a pesquisadora prezarà pela garantia de manutenção do sigilo e da sua privacidade durante todas as fases da pesquisa. Ainda que exista, como já mencionado, a remota possibilidade de quebra de sigilo, involuntária e não intencional, as consequências serão tratadas nos termos da lei. A Resolução 466/2012 considera a possibilidade de haver indenizações ao

participante por compensação de dano material ou moral, decorrentes da pesquisa, inclusive pela quebra de sigilo.

Cabe mencionar que a pesquisa não trará benefícios e vantagens imediatas aos participantes, contudo em longo prazo, poderá fornecer dados que ao serem utilizados na realização de novas pesquisas, bem como na elaboração de políticas públicas de educação contribuirão para o melhoramento da educação pública, das condições e uso da biblioteca escolar brasileira, para o melhoramento do acesso ao conhecimento socialmente elaborado desde a escola e do exercício da cidadania beneficiando muitos brasileiros.

Outrossim, informamos que você não terá nenhuma despesa por participar desta pesquisa e, caso isso venha ocorrer haverá ressarcimento.

Após estes esclarecimentos solicito sua autorização para a utilização das informações coletadas para uso em eventos e na produção de artigos técnicos e científicos que mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, sua escola ou qualquer informação relacionada à sua privacidade.

Eu, pesquisadora de doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina, responsável por este estudo, acompanharei os procedimentos para a coleta de dados e assino este documento comprometendo-me a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, que trata dos preceitos éticos, cuidado e proteção com os participantes da pesquisa.

Este TALE será impresso em duas vias rubricadas e assinadas, ficando uma em poder do participante. Por tratar de documento que possui informações de contato e de garantia de direitos do participante, guarde sua via.

ELIANE FIORAVANTE GARCEZ

e-mail: nanefiora@gmail.com (48) 9963-2782
Rua Salomé Damázio Jacques, 90/802, Trindade,
Florianópolis (SC) - CEP: 88036-650

MIRIAM FIGUEIREDO VIEIRA DA CUNHA

(Profª Doutora Orientadora)

e-mail: vieiradacunha.miriam@gmail.com (48) 8812-4498
Rua: Sebastião Laurentino da Silva, 365, apartamento 1202,
Córrego Grande, Florianópolis (SC) - CEP: 88037-400

Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos –
CEPSH/UFSC

Rua: Desembargador Vitor Lima, 222, Trindade, Florianópolis, Santa
Catarina.

Fone/Fax: (48)37216094

e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - SEPN 510, Norte,
Bloco A, 3º andar, Ed. Ex-INAN, Unidade II, Brasília (DF)

CEP: 70750-521 - Fone: (61)3315-5878/ 5879 – e-mail:
conep@saude.gov.br

Eu _____, RG _____,
representando a EEB _____,
declaro que li este documento e obtive da pesquisadora todas as
informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar
por livre e espontânea vontade participar desta pesquisa.

Local e Data

Assinatura do(a) aluno(a) participante

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Este documento destina-se ao(à) pai/mãe ou responsável pelo(a) aluno(a) _____, matriculado(a) na EEB _____, que está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de doutorado intitulada “O SENTIDO DE BIBLIOTECA ESCOLAR PARA O ALUNO DE ESCOLA PÚBLICA DE SANTA CATARINA: ESTUDO COM BASE NA FENOMENOLOGIA COMPREENSIVA DE ALFRED SCHUTZ”, cujo projeto tem aprovação do CEPESH-UFSC e atende a Resolução 466/2012 e suas complementares.

A pesquisa tem o objetivo de conhecer o pensamento do aluno sobre a biblioteca escolar, justifica-se pela ausência de trabalhos de abordagem fenomenológica sobre a biblioteca escolar, e ainda, a partir da percepção do aluno. Esse trabalho contribuirá com estudos para a elaboração de políticas públicas voltadas à melhoria da qualidade da educação básica oferecida no país, aumento do acesso ao conhecimento a partir da escola, e do exercício de cidadania.

A pesquisa prevê a colaboração de vinte e quatro alunos de terceiro ano do ensino médio matriculados em escolas vinculadas à administração pública estadual (SC) em doze municípios deste Estado. Adotará como instrumentos de coleta de dados a entrevista anônima, com gravação de áudio, e um questionário.

A entrevista que seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar será realizada na escola onde ele(a) estuda. Será conduzida por roteiro contendo sete perguntas sobre a biblioteca escolar. O questionário será aplicado para obtenção de dados de identificação do participante (idade, sexo, estado civil e cidade/Estado de nascimento, e dados de seu perfil com relação à escola, ao trabalho, à leitura e à biblioteca da escola). O aluno não é obrigado a responder a todas as perguntas da entrevista e do questionário. A sua participação é de livre escolha. Contudo, temos expectativa de que ele(a) possa contribuir de forma integral com a pesquisa.

Os riscos previsíveis na participação desta pesquisa são dois. O risco imediato dá-se pela possibilidade de o participante vir a sentir cansaço, desconforto ou constrangimento no momento da entrevista. O outro risco refere-se à possibilidade de quebra de sigilo. A Resolução 466/2012 considera a possibilidade do(a) participante ser indenizado(a) por compensação de danos materiais e/ou morais, decorrentes da

pesquisa, inclusive o relacionado à quebra de sigilo. Nesse sentido, caso seu filho(a) tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a Legislação.

Deste modo, assumimos o compromisso de deixar seu filho(a) à vontade para falar, podendo a qualquer momento da entrevista desistir de participar da mesma, sem qualquer tipo de constrangimento. A pesquisadora compromete-se a prezar pela garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa. Ainda que exista, como já mencionado, a remota possibilidade da quebra do sigilo, seja involuntária e não intencional, as consequências serão tratadas nos termos da lei.

Cabe mencionar que esse estudo não trará benefícios e vantagens imediatas ao participante. Entretanto, a longo prazo poderá vir a fornecer dados que poderão ser utilizados na realização de novas pesquisas, bem como na elaboração de políticas públicas de educação.

Tanto o(a) senhor(a) como seu filho(a) não terão nenhuma despesa oriunda da participação dele(a) nesta pesquisa. Se por ventura isso vir a ocorrer, haverá ressarcimento.

Neste sentido, solicito autorização para que seu filho(a) possa participar desta pesquisa, bem como para utilizar as informações coletadas em eventos científicos e na elaboração de artigos científicos que mostrarão apenas os resultados desse estudo, sem revelar seu nome, o nome de seu filho(a), e da unidade escolar de seu filho(a) ou qualquer outra informação relacionada à privacidade de ambos.

A pessoa que acompanhará os procedimentos para a coleta de dados será a pesquisadora Eliane Fioravante Garcez, doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina, que assina este documento e compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, que trata dos preceitos éticos e de proteção aos participantes da pesquisa.

Este TCLE será impresso em duas vias numeradas e rubricadas, ficando uma em poder do participante ou de seu responsável legal. Por tratar de documento que possui informações de contato e de garantia de direitos, guarde sua via.

ELIANE FIORAVANTE GARCEZ

(Pesquisadora)

e-mail: nanefiora@gmail.com (48) 9963-2782

Rua Salomé Damázio Jacques, 90/802, Trindade,

Florianópolis (SC) - CEP: 88036-650

MIRIAM FIGUEIREDO VIEIRA DA CUNHA

(Prof^a Doutora Orientadora)

e-mail: vieiradacunha.miriam@gmail.com (48) 8812-4498

Rua: Sebastião Laurentino da Silva, 365, apartamento 1202,
Córrego Grande, Florianópolis (SC) - CEP: 88037-400

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos –
CEPSH/UFSC

Rua: Desembargador Vitor Lima, 222, Trindade, Florianópolis, Santa
Catarina.

Fone/Fax: (48)37216094

e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - SEPN 510, Norte,
Bloco A, 3º andar, Ed. Ex-INAN, Unidade II, Brasília (DF) - CEP:
70750-521 - Fone: (61)3315-5878/ 5879 – e-mail: conep@saude.gov.br

Eu (_____), RG nº
_____, declaro que li este documento e
obtive da pesquisadora todas as informações que julguei necessárias
para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade
autorizar a participação de meu filho(a) nesta pesquisa.

Local e data

Nome e Assinatura do responsável pelo(a) aluno(a) participante

APÊNDICE F - TERMO DE CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÃO DE ÁUDIO

Autorizo a realização de gravação de áudio em entrevista concedida por _____ meu filho(a) ou pessoa por quem sou responsável, aluno(a) da EEB _____, para fins da pesquisa científica intitulada **“O SENTIDO DE BIBLIOTECA ESCOLAR PARA O ALUNO DE ESCOLA PÚBLICA DE SANTA CATARINA: ESTUDO COM BASE NA FENOMENOLOGIA COMPREENSIVA DE ALFRED SCHUTZ”**, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas ao meu filho(a), ou à pessoa por quem sou responsável, possam ser publicados em eventos científicos ou publicações científicas. Contudo, meu filho(a) ou pessoa por quem sou responsável não deve ser identificado(a) por nome em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As gravações ficarão sob a propriedade da pesquisadora responsável pelo estudo e sob a guarda da mesma.

_____, ____ de _____ de _____.
Local e Data

Nome do Responsável pelo(a) aluno(a)

Assinatura do Responsável pelo(a) aluno(a) Participante

APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1 - Para você o que é biblioteca escolar?

2 - Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

3 - Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

4 - Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

5 - Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

6 - Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

7 - Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

APÊNDICE H - QUESTIONÁRIO - ALUNO(A)

Nome da UE: _____ Município: _____
 Mesorregião: _____

I - Perfil

Entrevistado (a) nº _____ Estuda: Manhã () Tarde () Noite ()

Sexo: Feminino () Masculino ()

Data de nascimento: ___/___/____. Local de Nascimento: _____

Estado Civil: _____.

Ano de ingresso na Educação Básica (1ª série do Ensino Fundamental): _____

Já trabalhou ou trabalha: Sim () Não ().

Fez ou faz curso pré-vestibular: Sim () Não (). Se afirmativo, onde? _____

Fez e/ou faz outro tipo de curso? Sim () Não (). Se afirmativo, qual(is)? _____

Tem acesso à leitura em casa? Sim () Não (). Se afirmativo, como é essa experiência? _____

Mora com a família? Sim () Não ().

II - Perfil do (a) aluno (a) com relação à biblioteca:

Com que frequência utiliza a biblioteca: todos os dias () uma vez por semana () uma vez por Mês () Outra (). Qual? _____

Para que você utiliza a biblioteca? _____

No seu entender qual é o melhor horário para frequentar a biblioteca? Manhã () Tarde () Noite (). Por que? _____

Qual(is) o(s) livro(s) que você mais utiliza para estudo e para as atividades escolares? _____

Utiliza outro(s) material(is)? Sim () Não (). Se afirmativo, qual(is)? _____

Utiliza outra(s) biblioteca(s)? Sim () Não (). Se afirmativo, qual(is)? _____

Por que? _____

Para que ? _____

Local e Data: _____

Nome e Assinatura do (a) aluno (a) _____

Se precisar você pode utilizar o verso desta folha.

APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO - RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA DA UNIDADE ESCOLAR

Nome da UE: _____ Município: _____

Mesorregião: _____

I – Perfil da biblioteca

A biblioteca possui regulamento próprio? Sim () Não () Não sabe ()

Horário de funcionamento: _____

Qual a composição do acervo da biblioteca? _____

Quais serviços são oferecidos pela biblioteca: Referência () Auxílio à pesquisa

() Empréstimo () Contação de histórias () Empréstimo entre bibliotecas ()

Outro(s) (). Qual(is)? _____

Quem mais utiliza a biblioteca? Séries Iniciais: EF () Séries Finais: EF () EM

() Professores () outro(s) (). Qual(is)? _____

Quais os materiais mais utilizados pelos alunos? _____

Quais os materiais mais utilizados pelos professores? _____

A escola compra livros para a biblioteca? Sim () Não (). Se afirmativo, com

quais recursos: _____

Sinalize indicando a quantidade: a biblioteca possui computador(es) ()

impressora(s) () projetor(es) () Outro(s) (). Para outro(s) nomeie e indique a

quantidade: _____

Quem utiliza esses equipamentos? _____

A biblioteca oferece acesso à internet? Sim () Não ()

Número de pessoas que trabalha na biblioteca: _____

Horário de trabalho: _____

Os profissionais que trabalham na biblioteca têm Dedicção Exclusiva? Sim ()

Não ()

Os profissionais recebem alguma formação para atuar na biblioteca? Sim ()

Não () Não sabe (). Se afirmativo, qual(is)? _____

II - Perfil do responsável

Área de formação: _____

Tempo de trabalho na biblioteca: _____

Fez curso de capacitação para atuar na biblioteca? Sim () Não ().

Se afirmativo, qual(is) e quando: _____

Você gosta de atuar na biblioteca? Sim () Não (). Por qual (is) motivo(s)?

Qual o maior desafio, hoje, para atuar na biblioteca? _____

Local e Data: _____

Nome e Assinatura: _____

Se precisar você pode utilizar o verso desta folha.

APÊNDICE J - QUESTIONÁRIO - DIRETOR(A) DA UNIDADE ESCOLAR

Nome da UE: _____ Município: _____
 Mesorregião: _____

I - Perfil da Escola

Nº total de alunos: _____ Nº de turmas: _____ Nº de professores: _____ Nº de funcionários na Biblioteca: _____ Períodos de funcionamento da escola: Manhã () Tarde () Noite ()

A escola possui Projeto Político Pedagógico (PPP)? Sim () Não ()

A biblioteca está contemplada no PPP? Sim () Não ()

A escola desenvolve projetos com a participação da biblioteca? Sim () Não ().
 Se afirmativo, qual (is)? _____

Em que disciplinas? _____

Em que turmas? _____

Sinalize indicando a quantidade: a escola possui computador(es) () impressora(s) () projetor(es) () Outro(s) (). Para outro(s) nomeie e indique a quantidade: _____

Quem utiliza esses equipamentos? _____

A escola recebe recursos financeiros de programas federal e/ou estadual? Sim () Não (). Se afirmativo, qual(is)? _____

A escola recebe outro(s) recursos? Sim () Não ().

Se, afirmativo, qual(is) e qual a origem? _____

Qual a finalidade desses recursos? _____

Há destinação orçamentária para a Biblioteca? Sim () Não (). Se afirmativo, qual (is): _____

A Secretaria da Educação oferece capacitação para quem atua na Biblioteca: Sim () Não (). Qual(is)? _____

A escola possui: Sala de leitura () Laboratório de Informática () Laboratório de Ciências () Quadra de Esporte () Ginásio de Esportes () Sala de Dança () Outro(s) (). Qual(is)? _____

Se, a escola possui Laboratório de Informática, quantas máquinas estão disponíveis aos alunos? ().

II – Perfil da biblioteca

A biblioteca possui quantos anos? _____

Qual o horário de funcionamento? _____

Os alunos usam a biblioteca em horário de aula? Sim () em outro(s) horário(s) (). Qual(is)? _____

A escola possui responsável pela Biblioteca? Sim () Não ().

Cargo que ocupa: _____

Local e Data: _____

Nome e Assinatura: _____

Se precisar utilize o verso desta folha.

APÊNDICE K - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ESCOLA 1 - 08/06/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “A”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

A biblioteca escolar é um lugar onde a gente pode aprofundar os estudos. É... conhecer mais, é saber de outras histórias e... é se aprofundar mais no que a gente quer conhecer. Conhecer algo novo. É isso que a biblioteca é pra mim.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Eu já utilizei mais, em anos anteriores. Hoje em dia eu não utilizo. Não utilizo tanto por causa da internet. Porque a internet a gente sabe que tá nas nossas mãos, né? Então, eu não utilizo muito a biblioteca e até porque eu tenho bastante livro em casa. Então, quando não tem nada na internet eu pesquiso nos livros em casa. Eu pegava muitos livros pra... de história pra ler e ficava em casa lendo e viajando nos livros. [risos]. E eu sempre entregava, assim, na hora, do dia marcado.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Eu acho que eu utilizei muito a biblioteca quando eu tava no primário, ali por volta da terceira até quinta série, e também acho que na sétima série eu também usei bastante a biblioteca pra pegar livros pra ler e me interessar mais nos estudos. Eu gosto bastante de literatura. Eu não lembro muito. Só sei que às vezes eu marcava com uns amigos e a gente vinha pegar livro e era isso. A gente vinha pegar livro e a gente ia pra casa e ficava lendo. Era sempre com os amigos da sala que a gente vinha. Era no horário do recreio, ou começo, ou final da aula. Sempre quando a biblioteca tava aberta a gente vinha e pegava livro.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Acho que a mesma coisa da... acho que da primeira pergunta. Se aprofundar mais nos estudos e ter mais conhecimento. De..., tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola, sabe? Acho que é isso.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Deve ter... O principal de tudo é a organização. É..., regras e bastante livros variados, tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola e... é, bastante livros de vários autores pra gente pesquisar mais. [Regras como?] Silêncio, manter organizado, entregar os livros na data marcada e não rasurar o livro, não rasgar, não molhar. Essas regras básicas de uma biblioteca. Creio eu que seja... pra manter tudo em ordem, creio eu. Pra, digamos, todo mundo ficar feliz. Tanto o bibliotecário quanto o aluno que tá pegando o livro.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Não. [Por qual motivo?] Acho que também eu não utilizo porque a maioria dos livros que eu quero ler, eu compro e também, ou eu baixo no celular. E os livros que eu uso na escola eu tenho em casa e são bem informados, com bastante informações. Então, eu não utilizo muito os da biblioteca.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Acho que o que eu posso dizer é que muitos alunos meio que se recusam a vim na biblioteca, foi o que observei durante esses anos e também eu já fui assim. Só que a partir do momento em que eu comecei a vim na biblioteca, eu gostei, e comecei a vim mais. Então... E eu sempre convidava alguém pra vim comigo e ouvia aquelas pessoas “Ah, não, não vou lá na biblioteca. É chato, não tem nada legal lá”, não sei o quê, sabe? E, é, acho que as pessoas não gostam muito de ler. As pessoas têm que ter mais literatura na vida. Dá pra ver que não tem muita gente que utiliza a biblioteca da escola. Acho que é de um a cada cinco alunos que usam a biblioteca. Às vezes nem isso. E os anos que eu vinha aqui na biblioteca foram bons. Eu peguei vários livros e a minha literatura foi boa. Isso também contribui pra falar melhor, pra se expressar melhor. A gente sabe o quanto literatura é importante na vida da gente.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “B”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

É importante na construção mental de uma criança. Enquanto ela vai crescendo, ela vai entendendo o conceito de leitura que é importante pro crescimento dela na escola e na vida social. Acho bem importante.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Não. Hoje, não. Não como antes que eu sempre vinha pegar livro pra ler. Porque depois que eu comecei a mexer na internet, aí eu não precisei mais vim aqui pra pegar livro pra fazer trabalho. Aí, eu faço em casa. E livro, assim, [de literatura], eu leio quando eu compro ou as minhas colegas têm e elas indicam um livro pra ler e eu leio. Mas aqui [na biblioteca] não.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Eu quando... assim que eu aprendi a ler e eu vim estudar aqui, a professora sempre trazia, né, fazia filinha para os alunos vim escolher um livrinho. Primeiro, no começo, a gente começou pegando livros pra ver imagens. Elas [as professoras] começam assim. Aí depois a gente começa vendo gibi, tipo, Turma da Mônica. Depois vai pro livro maior. Aí a gente, tipo, eu lembro que até sem a turma eu vinha com as minhas coleguinhas pegar. Toda semana. Desde a primeira série. Ultimamente eu não tenho vindo tanto. Da primeira, segunda, terceira..., sempre. Era bom. Bem legal.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

É como eu tinha falado. Que quanto mais a pessoa lê, se interessa pela leitura, mais ela aprende o que que tá acontecendo pelo mundo, o que que ela pode aprender mais e é muito bom ler. Você se imagina num outro universo. E tu se desliga do mundo pra prestar atenção só naquilo que tu tá interessado, e é muito bom ler.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Ah, eu não sei como dizer. Sei lá, uma variedade de livros que chame a atenção dos alunos, porque ultimamente a biblioteca tá meio esquecida. Aí, tem que dar um toque nos professores, para os professores alertarem os alunos pra voltarem a ler. Tipo, é, quando eu tava, acho que na sétima ou oitava série, eu tinha uma professora de português que toda semana ela pegava os livros daqui e levava pra gente fazer uma

leitura de uma aula. Toda semana. E hoje eu não tenho mais isso, e eu gostava. Aí eu parei de vim aqui pra pegar livro. Aqui eu comecei a ler mais livros sobre... depois que eu comecei a aprender sobre a Segunda Guerra. Aí eu comecei a ler livro assim, que a minha amiga compra, lê e me empresta. É assim. Eu não tenho muito contato com a biblioteca hoje em dia como antes eu tinha.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Não. Nunca. Antigamente vinha um caminhão, acho que era a biblioteca móvel, alguma coisa assim, que vinha aqui na frente do ginásio [de esportes] e eles... Era uma biblioteca mesmo. Era bem legal. Nunca mais vi aqui. Acho que eu tava na sexta série. Depois disso eu nunca mais vi. Acho que era no mês. Aí ele ficava uma semana e depois voltava. Ele ficava na frente do ginásio, ficava aberto, tinha uma escadinha, daí tu ia, escolhia um livro normal, assim. Eu fiquei sabendo por causa do meu amigo, que ele falou. [O caminhão] ficava na rua, aí tinha um prazo de tu ler e depois devolver. Era bem bom. Tinha só livro.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Eu desenvolvi essa paixão de leitura que eu tenho desde quando que eu era pequena que eu vinha pra cá. Então, eu queria que os professores, a diretora, alertassem a escola de que a biblioteca tá aberta pra qualquer um usar. E é bom pra uma criança que tá vindo agora. Muitas vezes elas têm problemas em casa com os pais. É uma forma de desligar a mente de um problema. Eu acho bom que uma criança venha, leia, aprenda, como eu aprendi lendo. É bem bom.

ESCOLA 2 - 10/06/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “C”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Ah, a biblioteca é um lugar onde a gente possa, tipo, ler livros por espontânea vontade, de..., tipo, querer ler, de querer se ajudar, de querer pesquisar. É um ambiente onde tu te sentes mais seguro pra poder aprender as coisas.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Sim, principalmente quando tem trabalho pra pesquisar em livro. Porque aqui tem bastante livros antigos e são os livros que têm mais coisas, tipo, história, geografia, matérias assim. Aí é mais fácil pra pesquisar.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

É que é assim ó... É... eu já tô um tempinho a mais do que onze anos, mas a biblioteca, antigamente, na época do Primário, ela não era... ela não era bem feita uma biblioteca. Ela era um local onde a gente fosse pegar os livros, só, e fosse pra sala pra ler ou pra estudar das matérias, essas coisas. Ela foi, realmente, montada na sexta série. Foi onde ela, realmente, deu esse “ar” de biblioteca, onde tá todos os livros, o pessoal pode vir ler, estudar, essas coisas. Só na sexta série. A partir da sexta série que ela foi, realmente, montada. [E da sexta série pra cá?]

Ah, os professores trazendo a gente pra ler, a gente vindo aqui pra ver as coisas sobre trabalho. Todos os trabalhos que a gente faz, realmente, quando é de livro pra pegar, pra poder fazer cartazes, essas coisas, é tudo aqui. É quando a gente vem aqui pra ter um... ficar mais em silêncio e conseguir estudar. É quando a gente precisa de matérias mais antigas, essas coisas assim, a gente vem pra cá. É isso. Acho que é isso. A gente tem a professora de geografia e história, né, que era minha professora. É a professora [nome da professora], ela sempre trazia a gente aqui pra tá lendo, pra tá vendo as coisas, pra tá sempre estudando, vendo as coisas.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Ah, o papel é ajudar os alunos, ajudar os próprios professores, bastante, pra ajudar nas matérias. É, como a nossa professora que tem aqui que cuida, que são duas [professoras], né? Uma fica num horário, outra fica no outro. Elas sempre recebem os alunos muito bem. Elas cuidam muito dessa biblioteca. O tempo todo elas tão organizando, tirando livro, colocando, olhando pra ver se não tem nada fora do lugar. Elas botam tudo em ordem alfabética. Elas botam tudo certinho: história, geografia, matemática. Tudo em ordem. Elas tão o tempo todo organizando e elas ajudam muito os alunos quando tão precisando pra matéria, pra trabalho, pra tudo. Elas ajudam a pesquisar, elas ajudam a

tá olhando os livros. Aí elas indicam os livros mais certos, os livros que têm isso, os livros que têm aquilo, pra tal matéria, pra o quê que serve. Aí ela fala onde a gente pode ver a página, ali na frente, aí ela fala o autor. Tudo coisas assim.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Olha, o necessário é o livro. Na biblioteca o necessário é o livro. Mas eu acho assim ó... a sala deveria ser um pouco mais ampla, como aqui é um pouco menor, né? Porque fica muito apertado, não cabe muitos alunos. Teria que ser um pouco mais ampla pra poder suportar o tanto de aluno. Porque aqui no [nome da escola] só de manhã são mais de mil e poucos alunos. Então, a gente necessita da biblioteca maior, né? Os alunos, todos né, entre si, necessitam dessa biblioteca maior, de um ambiente onde eles possam, tipo, se os professores trazerem a turma como a minha. A minha turma quando vem pra cá muita gente fica em pé porque não cabe. Tem quarenta alunos. Alguns foram embora. Daí tinha quarenta e cinco, alguns foram embora, daí tem quarenta agora. Daí muitos ficam em pé porque a biblioteca não é tão ampla, ainda, porque ainda eles [a direção]. Faz pouco tempo, né, desde a sexta série que eles começaram. Aí não tem um lugar maior na escola pra fazer [pra ampliar a biblioteca]. Mas, na hora que eles conseguirem, eu acho que eles vão fazer, né? Porque daí é um lugar bom e é pro pessoal ficar em silêncio. É um lugar ótimo pro pessoal fazer as coisas. E, em si, assim, é os livros, teria que ter também, se fosse uma sala ampla, fosse pra poder... tivesse uns computadores pro pessoal pesquisar juntos, entendeu?

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

A Biblioteca Pública daqui de [nome do município]. É tipo assim, ó... porque quando a gente não tem internet, né, meio difícil. [risos]. Ah, mas é, tipo assim, eu até tenho internet em casa, agora, só que daí na biblioteca é melhor porque daí já te mostram as especificações dos livros, essas coisas. Quando eu preciso, realmente, de livro, aí eu vou lá na biblioteca porque daí na escola não pode vim a tarde, e como estudo de manhã é difícil. Não pode. Aí, eu vou lá na Biblioteca Pública que é aqui do lado. Aí pesquiso lá no computador onde fica o livro. Aí mostra a prateleira, mostra do lado de que livro ele fica. Aí eu vou lá e pesquiso. E tem computador, também, lá atrás. Tem internet e acesso aos livros. Eu conheci... Meu pai toda vez que a gente precisava de um livro, alguma coisa, ele sempre ia pegar na biblioteca. Meu pai tinha

conta na biblioteca. Ele tinha a carteirinha da biblioteca. Aí ele ia ali e retirava. Aí eu usava pra fazer os trabalhos, essas coisas.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Acho que assim... Em si, eu acho que expliquei tudo. Só que realmente precisa, e voltando ao que falei, que a biblioteca tem que ser mais ampla e que a escola continue, realmente, com a biblioteca, sabe? Porque a biblioteca, realmente, ajuda todos os alunos. Se os alunos, realmente, tão precisando e querem pesquisar, eles vêm pra biblioteca, realmente. E sempre tem aluno aqui. Portanto, que agora a gente viu que tinha aluno aqui. Sempre tem aluno com o professor aqui, ou sempre tem aluno aqui. Tem gente que de vez em quando, quando [a biblioteca] fica aberta no recreio, fica aqui dentro pra ler, pra olhar. E, então, eu acho que eles devem continuar. E se na hora que o colégio tiver, né, assim, né, a verba, ou o pessoal mandar a verba, conseguir pra aumentar [a biblioteca], né? Pra poder colocar mais livros. Porque muitos livros não têm aqui pelo fato de a biblioteca não ser tão grande, tão ampla. Mas é um lugar muito bom, muito confortável pra todos os alunos.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “D”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Ah, é o lugar onde a gente pode pegar livros diferentes para distrair um pouco a mente, ler um pouco, até mesmo pra fazer trabalho, porque em português, por exemplo, às vezes dão um trabalho sobre um certo livro e a gente tem que ler ele.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

*Sim. Eu venho bastante aqui pra ver se tem alguma coisa, algum livro que me interessa, porque eu gosto muito de ler, mas eu sou um pouquinho chata. [risos]. Aí eu sempre venho por aqui pra ver. **[Um pouquinho chata, como?]** É que o livro tem que me chamar a atenção pra eu ler, porque nem todo o livro chama a atenção. Eu gosto de livro de aventura, de fantasia, de comédia. O último que eu li foi A Elite da série A Seleção. Eu tô com A Escolha emprestado pra eu ler ainda.*

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Acho que por no Primário eu não saber ler direito, por causa que eu tinha um problema de visão e também eu não era muito interessada em ler, foi quando eu comecei a ter o gosto pela leitura usando os gibis da Turma da Mônica que a professora de Artes, às vezes, trazia alguns pra gente ler quando não tinha trabalho. Acho que foi pela segunda, terceira, quarta [série], não me lembro direito.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

É um bom lugar pro pessoal conseguir, às vezes, distrair a mente, que tem vários livros diferentes e às vezes as provas, os trabalhos deixam a gente bem estressada. Eu gosto, por exemplo, de ler pra escapar um pouco do dia a dia.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Eu acho que deve sempre ter uma diversidade de livros diferentes. Porque cada um tem um gosto. Tem gente que só gosta de livro de fantasia, tem gente que só gosta de livro de ação, tem gente que só gosta de livro de terror. Tem que ter vários livros diferentes pra todos os gostos.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

De vez em quando eu vou na Biblioteca Pública. Bem raramente. É mais quando eu não... eu tô a fim de um livro e eu não acho por aqui. Ou, às vezes, pra ver livro pra trabalho escolar, que têm alguns aqui que não pode pegar. A gente só pode pegar durante, enquanto tiver na biblioteca, e lá eles emprestam. Lá também tem computador, mas a internet deles não é das melhores.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Só posso falar mais uma coisa. Desde o tempo que eu tava no Primário a biblioteca evoluiu bastante, porque antes, no Primário, não era bem uma biblioteca. Era mais um lugar pra pegar os livros de vez em

quando. Mais os didáticos. Mas ela evoluiu bastante. E é muito bom ter um lugar desses aqui na escola.

ESCOLA 3 - 14/06/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “E”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Bom, pra mim é uma fonte de conhecimento, né? Eu que gosto muito de ler, assim, sempre fui muito... eu sempre aproveitei muito, assim, pra... Desde criança pegava gibi, revista, livros mais infantis, assim. Agora, que eu estou mais... mas a gente aloca é, livros que a professora pede pra fazer provas. Aqui é bem aproveitativo, assim. Acho que é bem, bem bom.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Sim. Pelo menos uma vez no mês eu venho pegar um livro pra ler. Às vezes as professoras fazem provas, né, com os livros que elas pedem e têm na biblioteca e daí a gente aluga aqui. Mas, senão, eu pego pra ter uma leitura mais dinâmica, assim, mais por lazer mesmo, né, no recreio, geralmente. É porque os professores não liberam a gente.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Eu acho que foi mais no Ensino Fundamental, assim, que nas aulas de literatura a gente vinha pra biblioteca. Cada um pegava uma coisa pra ler e era toda semana, né? E agora é diferente no Ensino Médio que a gente vem só quando necessita mesmo. No Ensino Fundamental era toda semana. Daí eu usava mais a biblioteca naquela época, né? A gente tinha a nossa carteirinha, né, que é pra gente alocar e tem quinze dias de prazo pra gente ler. Então, a gente aloca e depois devolve. Sempre dava para escolher, tem várias modalidades. Eu, sempre assim... Eu, pelo meu gosto, sempre escolhia uma parte mais de romance, de comédia; não muito intelectual.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

É muito importante. Porque a leitura é tudo, assim. E a nossa professora de português, ela fala que pra tudo precisa de leitura, né?

Para o desenvolvimento da fala, né, para se saber as palavras, para o conhecimento, também, né? Principalmente para as crianças que estão se desenvolvendo agora, a leitura é muito importante.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Livros [risos]. Livros, é... revistas, jornais pra ter informação. É... atlas, mapas, assim que... geográficos também têm que ter. E livros para preparação de provas também é muito importante, que às vezes a gente, por exemplo, eu que tô estudando para o vestibular, tenho que sair e comprar alguns livros assim que não têm aqui, né? Esses mais complexos assim. Mas, é, eu acho importante ter também pra preparação do aluno pro vestibular.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Não. [Por que?] É porque o que eu não acho aqui eu vou em livrarias comprar, daí, né? No caso, se for para mim alugar tem uma ali no Centro, [da cidade], que é no [nome do local]. Tem uma embaixo e também dá pra alocar lá. Mas geralmente é bem disputado. Assim quando eu vou lá geralmente não tem o livro que eu quero. É a biblioteca pública municipal. Você vai lá e você aluga. Eu não sei, mas eu acho que às vezes tem que pagar algum valor dependendo do livro; alguns são grátis, alguns não, dependendo do livro que você quer pegar. E tem que ser certinho, senão paga multa. [risos]. Acho bem interessante.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

É, pra mim assim... Só acrescentando o que eu já falei, eu acho essencial também eles aplicarem mais no Ensino Médio, assim. Tem que continuar com essa, essa, essa assim, você sabe, em vim pra ler, pra tá pegando [livros], que é muito importante, né? E eu acho que é isso. [A biblioteca] tem um papel muito importante na escola.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “F”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Bom, para mim a biblioteca escolar, ela é um ambiente que a escola fornece pra gente, que auxilia, né, auxilia nos trabalhos, nas pesquisas.

E, tipo, a gente desenvolveu um gosto pela leitura, também. Porque a partir da escola desenvolvi o gosto pela leitura. Foi desde o meu Ensino Fundamental que eu freqüento [a biblioteca]. Daí, graças à escola, eu gosto de ler e já tô escrevendo um livro. Eu adoro escrever.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Eu costumo. Antigamente, no Ensino Fundamental, eu utilizava mais, mas agora eu utilizo também, só que eu compro meus livros também. Eu gosto de ter os livros em casa pra ler. Eu utilizo bastante, porque eles têm uma variedade de materiais para pesquisa, tipo, biologia, química. E essas coisas a gente não costuma comprar. Daí é ótimo vim pesquisar aqui pra fazer trabalhos, me aprofundar e tudo.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Olha, eu lembro que quando eu tava na oitava série, eu vim... eu tinha um trabalho de biologia pra fazer e eu vim atrás de uns livros sobre biologia, anatomia. E eu achei um livro de anatomia muito interessante. E eu levei ele pra casa e eu comecei a ler. E a partir disso eu amei anatomia. E eu vinha aqui sempre pegar livros de biologia e anatomia porque eu desenvolvi esse gosto, e daí hoje eu quero fazer medicina por causa disso, sim, através da biblioteca da escola, do livro que eu vim pegar.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Olha, eu acho que o papel dela além de proporcionar esse, esse, lugar a mais pra gente fazer as pesquisas, ele, ele é, ele pode ser usado para incentivo à leitura também. Porque muita gente assim não tem acesso aos livros. E, por exemplo, eu. Eu não tive esse acesso quando eu era menor e foi por causa da biblioteca da escola que eu comecei a ler, entende? Tipo, é esse acesso que ele [o lugar] permite.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Olha, eu acho que deve ter um espaço confortável para a leitura, porque a leitura em espaço desconfortável não, não, não vai pra frente. E tem que ter uma, uma certa quantidade de assuntos, de livros diferentes, assuntos para poder se aprofundar mais também, não ficar

só num assunto, em uma, em um determinado, numa determinada parte da leitura.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Não. É a única que eu frequento, aqui. [Por que?] Porque eu não vejo necessidade. Eu gosto bastante de ter livros em casa, porque eu gosto de ler várias vezes. Aí os que eu não encontro aqui eu compro. Mas aí a maioria eu leio por aqui mesmo. Eu acho bem completa a biblioteca da escola. Então, eu não vejo necessidade de outras.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Bom, eu acho que quando eu estava na quarta série eu nunca lia. Eu não era acostumada a ler. Eu era tipo, “Ah, pra que ler”, assim. E eu tava na quarta série e eu vim... Uma vez uma professora minha da quarta série ela disse, pediu pra gente ler um livro e depois que a gente ia fazer um trabalho sobre esse livro. E aí ela mandou a gente escolher qualquer livro que a gente queria. Aí eu vim à biblioteca pensando “O que eu vou escolher porque eu não leio, eu não faço ideia.” Aí eu cheguei na biblioteca, eu fiquei lá folheando os livros e eu achei um livro que achei muito interessante que era, era uma história pra criança. Era sobre... é, tipo, adolescência. É sobre uma máquina do tempo. Era uma ficção. E eu li esse livro e eu me apaixonei. E desde então, eu sempre, aí desde então, desde aquele Natal, naquele ano, naquele Natal eu pedi para todos os meus familiares um livro. Todos eles me deram um livro diferente. E foi a partir da biblioteca da escola que eu comecei a ler. E desde então eu leio sempre. Leio muito. Sou viciada em leitura e eu gostaria muito, assim, eu comecei a escrever um livro, mas por mim mesma, tipo, porque eu acho muito interessante isso, sabe? Eu acho que o livro passa uma coisa muito, muito mágica pra gente, que não, que a gente não tem em outros lugares, tipo, filmes e tal. Faz a gente viajar e daí eu queria passar essa sensação pra alguém. Então, eu tô escrevendo um livro assim, mas é mais pra mim. Porque não é muito assim, eu não acredito que eu escreveria. Mas eu acho que futuramente eu gostaria de escrever um livro. Eu adoro escrever. Eu gostaria de criar, eu tenho duas opções. Ou criar uma história, uma ficção, de romance, ou criar umas teorias sobre o universo e daí colocar em livro. Porque eu adoro estudar o universo.

ESCOLA 4 - 15/06/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “G”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

A biblioteca escolar seria onde..., ah, onde a gente pode aprimorar o nosso conhecimento. Como quando nós éramos pequenos, os professores sempre traziam aqui e faziam nós lermos livros e levar pra casa e... é legal porque você conhece novas histórias e vai aprimorando a tua imaginação. Quando você vê uma... um livrinho de fantasia você já fica sonhando com aquilo. E, também, não só livros infantis, mas você vir aqui e ter vários livros e, em todas as bibliotecas, e você pode, sei lá, tá sempre aprimorando o teu conhecimento.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Da escola eu não... geralmente, agora eu não tô mais usando muito e porque também tem internet, então, já é mais fácil. Na escola eu não venho muito. Quando eu tava, acho que até, acho que na oitava, sétima, não sei, nesse período eu vinha bastante, que os professores traziam bastante. E quando você vai pro Ensino Médio daí eles não trazem muito. Mas, eu vinha bastante aqui. Sempre pegava livro e levava pra casa.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Quando eu vinha, as pessoas, elas não se interessavam muito pela leitura. Às vezes os professores traziam, eles não liam os livros. E era uma situação um pouco chata porque eles não aproveitavam esse momento que você podia ficar lendo e tal. Acho que era isso, mesmo, era... olha, se eu não me engano devia ser pela sétima série, sexta série.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Eu acho que é incentivar a leitura. E porque é alguma coisa que nos ajuda, ajuda as pessoas. Então, acho que era isso, incentivar a leitura pra você aprimorar o conhecimento. Essas coisas.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

O que deve ter? Livros. [risos.]. Livros. Eu acho que os livros são os principais, né? Porque você não faz uma biblioteca se você não tiver livros. De acordo comigo não tem como. Porque são os livros que, que são a leitura. E às vezes um título do livro te chama à atenção e você... É isso.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Outras bibliotecas, não. [E porque você não utiliza?] Porque eu... Uau, essa é uma pergunta um tanto quanto complicada. É porque assim... eu quando eu me interessar por um livro já vou lá na internet e já compro o livro. Ai às vezes eu procuro livros que têm na biblioteca [da escola], às vezes são livros antigos ou livros novos agora, e eu acabo não indo [na biblioteca pública], porque às vezes a comodidade da nossa casa não deixa a gente ir até lá e... Ali na praça tem a biblioteca e já fui ali, já conheci, vi que tem vários livros legais, mas não cheguei a ir lá pegar um livro pra ler.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Uma vez uma professora, ela levou um livro pra nós chamado Tosco. Aquele livro eu, nossa, eu fiquei encantada por aquele livro. E eu achei que todas as pessoas da minha sala, praticamente, se interessaram por aquele livro porque era uma história legal de um menino que era sofrido, que a vida dele não era fácil. E as pessoas gostaram desse livro. Eu me fascinei por esse livro e era um livro que eles tinham vontade de ler, que você via que eles tavam lendo mesmo. E eu acho que isso é o bom. Não às vezes você levar um livro que às vezes não tem tanto conteúdo para as outras pessoas. Tipo, às vezes uma história assim comove as pessoas. E eu achei super interessante aquele livro. Foi a professora de português, não lembro quem era a professora, mas ela levou pra nós. Não lembro quem era a professora, se era no primeiro ano [do Ensino Médio] ou na oitava série. Ela pegou na biblioteca da escola. Ela levou vários [exemplares]. Ela levou pra todos nós lermos e eu não lembro se ela fez alguma atividade. Não me recordo. Lemos na sala, nas aulas dela. Superinteressante!

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “H”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Deixa eu ver... Eu acho que biblioteca não é só pra você vim pegar um livro pra ler. É onde você vem pra estudar também. É um lugar que é pra ser mais calmo, mais quieto que geralmente as salas. Aí você pode estudar. Por exemplo, aqui não tem muito, mas [em] outras bibliotecas, que eu vi, geralmente têm outros tipos de livros, por exemplo, de cursos diferentes pra você estudar. É isso. Um lugar pra estudo, mais.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Mais ou menos. Eu, agora de noite a gente vem mais pra... A professora, ela dá [indica] um livro, só livro, daí a gente vem. Fica a critério do aluno se quer ou não pegar daqui. É só isso mesmo, de noite que a gente vem pra biblioteca.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Eu acho que foi mais no Ensino Fundamental, quinta, sexta e sétima série que a gente sempre vinha. Também na primeira série a gente vinha bastante; na primeira, segunda, pra pegar livrinho assim pra ler. E tinha Lego⁹³, também aqui, que era bem legal. Na sexta série eu lembro que eu peguei um livro que era muito bom, aqui, era o Tosco. Eu lembro que foi o livro que eu mais gostei. Eu li várias vezes ainda daqui mesmo. Foi o livro que eu mais achei legal porque era uma história, não sei, que você lia assim sempre. Você não queria parar, pra saber o final. E era muito interessante, sabe? A vida dele, contando assim, sabe? Era bem legal.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Eu acho que aqui é mais pra, pra como foi no Ensino Fundamental. É mais pra ajudar você aprender, os menores a começar a ler e também pra, como a professora faz, né, os livros do vestibular. Acho que é só pra isso porque como eu vi aqui na biblioteca, não tem muito livro de cursos, assim, que eu possa fazer depois. Tem, aqui tem mais livros pra você passar o tempo, assim.

⁹³ Trata-se de um projeto educacional que faz uso de peças de Lego (uma marca de brinquedo que consiste principalmente em blocos de plásticos para encaixe) para fins de aprendizagem.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Acho que de tudo um pouco. Tipo, tudo que eu procuro e eu saber que vai ter, entende? Tipo, eu quero, vou estudar agronomia. Aí eu vou na biblioteca e eu sei que vai ter especificamente aquele livro pra mim. Pode não conter tudo, porque nem tem [risos], nem sempre tem tudo, mas pelo menos algo que me ajude seria bom.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Tem a biblioteca da cidade que eu acho bem legal. Já fui lá, mas só para conhecer. Ainda não peguei nenhum livro lá. Mas, pretendo pegar algum. Parece bem legal.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Deixa eu ver... Eu gostava bastante quando a gente vinha, tipo, com a turma toda pra ler alguma coisa. Era interessante. Eu achava bem legal, mas só era há muito tempo quando a gente era bem mais pequeno. A gente, a professora sempre trazia a gente. Aí às vezes tinha, tinha atividade diferente, assim. Era bem legal. A gente vinha, lia, também, aí, tinha Lego. A gente vinha quase to..., bastante. Bastante. Uma vez, mas aí uma vez, mas aí com o tempo foi parando de vim. Então, no primeiro e segundo ano [do Ensino Médio] acho que se eu vim aqui cinco vezes pra ver um livro, foi muito. A gente veio bem pouco. Acho que é isso que eu me lembro.

ESCOLA 5 - 16 e 17/06/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “I”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Digamos que, na parte da infância seria uma forma de aliviar a ideia do que que é o mundo pra uma criança. Na minha época foi pra isso que serviu. Aí conforme vai se passando o tempo a biblioteca traz, por exemplo, alguns conteúdos inclusivos. Traz um conteúdo pra que você saiba do quê que se trata o mundo, o que que o mundo traz pra você, o que vai trazer, e já vai te preparando pro que vai vir. É de uma forma lenta, gradativa, de você, de te ensinar, de a escola te ensinar,

inconscientemente, de como o mundo é. Do que que o mundo se trata. Seria basicamente isso.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Hummm, hoje em dia não. [Por que?] O meu interesse por leitura decaiu muito por causa de trabalho, eu não tenho paciência pra leitura mais, e tem também que os livros da biblioteca não têm mais aquela... não traz, não cativam mais o meu interesse. São sempre os mesmos há uma década, pra mim. Então, não me move mais nenhum pouco pra ler esses livros.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Na parte do Primário, que no colégio velho [referindo-se à estrutura anterior da escola neste mesmo local] tínhamos uma outra estrutura, que acho que se localizava aqui mesmo onde a moça daqui da biblioteca que esqueci o nome, ficava num canto da sala, e nós ficávamos todos os alunos em volta dela e ela lia vários livros pra gente naquele tempo. Naquela uma aula ela lia vários livros. Isso marcou bastante. Porque daí incentivava a gente a procurar ler, pra saber o que estava escrito, o que... as imagens que tavam no livrinho... Isso trouxe bastante interesse. E na parte da passagem do Primário para o Fundamental que daí a gente podia pegar livros novos, com conteúdos diferentes. Da quarta série para a quinta, digamos. Daí, trazia aquele negócio de “Ah, agora eu posso ler conteúdo de pessoas mais velhas”. Ah, por exemplo, O Código da Vinci, que eu sempre quis ler, pude ler esse livro que... muito interessante pra mim. Então, foi basicamente isso, uma curiosidade.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Ah, tentar mudar um pouco a geração que tá vindo agora. Seria uma geração mais tecnológica que simplesmente se preocupa com celulares, tablets, joguinhos. É basicamente isso. As crianças de hoje em dia tão mais focadas nisso. Não querem mais saber de pegar um livro, de saber como é um livro, ter aquela experiência de abrir um livro pela primeira vez, ver as imagens, desenhos, se cativar com isso. Não. Hoje em dia só pegam o celular ali passam as imagenzinhas e, é isso. Então, esse seria o papel dessa biblioteca. Tentar trazer, não digo que seja errado o que

tem hoje, mas trazer mais o certo pra criança, hoje. Não deixá-la tão focada nesse mundo tecnológico que acho que vai definhando muito a consciência dela. Digamos, assim, na minha época a gente tinha muita curiosidade de saber, pra ler todos os livros, a gente sempre quis ler todos os livros. Hoje em dia, não. Hoje em dia as crianças não querem isso. Elas vêm pra biblioteca, pegam um livro, levam pra casa, chegam no dia de devolver, pronto. Elas nem tocaram no livro. Nem tiraram da mochila. Não fizeram nada com o livro. Simplesmente focaram nesse mundo tecnológico que tem hoje. A minha geração, não é tão velha, não sou tão velho, mas não teve esse contato tão intenso com tecnologia. Tecnologia que nós tínhamos era a televisão. Não tínhamos celulares, tabletes, nada. Computador, muito menos. Então, hoje em dia as crianças só querem saber disso. Eu acho... Na minha opinião eu acho isso muito errado. Crianças terem contato com a tecnologia tão prematuramente. Então, eu gostaria que pegassem esses livros e a escola transmitisse, teria esse papel de transmitir, esse velho costume, essa tradição, digamos assim, de a criança poder ler o livro, tocar o livro, ah, ter aquele sentimento que eu tive, de ver, de conseguir ler um livro pela primeira vez. De pegar as ideias dali, do que aquilo se trata, do que uma fábula traz pra gente pela primeira vez. Basicamente isso.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Hummm! Livros destinados para determinadas idades, os quais trazem ensinamentos pra aquelas idades. No Primário trazer um incentivo pra brincadeiras. Por exemplo, “pique-esconde”, “pega-pega”, essas brincadeiras infantis que, no caso, eu tive. Então, trazer mais esse contato com o verdadeiro mundo que eu tive, basicamente, e não esse incentivo à... à tecnologia. Eu sou bem resolvido quanto à tecnologia. Eu não gosto muito. Eu não apoio isso pra criança. Eu não apoio isso. Então, eu gostaria que a biblioteca trouxesse isso. Aí trouxesse mais um conteúdo literário maior. Trouxesse, no caso pro Ensino Fundamental (quinto ano) até o terceiro [do Ensino Médio], trouxesse um interesse maior para os jovens, por causa que eu não tive, literatura brasileira, autores brasileiros. Que têm muitas obras boas, mas no caso, esse colégio não tem. É muito pouca coisa que eles, muito pouca, muito pouca. Muitos [alunos] compram. Muitos compram. Quando eu lia bastante eu comprava livros, agora... A gente pegava obras de autores estrangeiros que têm, algumas coisas têm, daí interessa bastante. Só que autores brasileiros que é que devia ser focado não têm, entende? Acho que seria mais isso.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Não mais. Usava no caso a biblioteca municipal da Casa da Cultura que a biblioteca aqui... a minha mãe pegava os livros pra mim ler. Então, foi só por algum... um curto período, por um ano e parei quando começou meu desinteresse pela literatura. Foi quando eu repeti de ano. Eu repeti de ano, baixou muito a autoestima, [me] desinteressei por tudo. Eu achava que tudo que eu tinha feito naquele período que eu repeti de ano é o que fez eu repetir de ano. Abandonei certas atitudes, certas pessoas, certas situações, como ler livro eu abandonei porque eu achei que ocupava muito o meu tempo e não me deixava estudar. Aí eu abandonei isso. Claro, essa ideia é muito errada, mas naquela época eu achei isso.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Digamos que eu conheci essa biblioteca foi na época do colégio antigo, da estrutura velha. Foi bem marcante pra mim porque eu via vários alunos, tanto eu quanto vários alunos, vindo aqui direto fazer pesquisas, ir atrás de respostas. Tinha uma dúvida vinha em outros períodos do colégio pra, simplesmente, vir esclarecer as perguntas. E isso foi, foi bom. Eu aprendi muita coisa nessa biblioteca. Eu mexia no computador, não fazia ideia de como, não sabia o que era um mouse. Aprendi na biblioteca. Aprendi tudo na biblioteca. Sozinho, mas aprendi. Tinha que aprender. Então, eu vinha pra pesquisar algumas coisas. Trabalhos eu fazia tudo na biblioteca. [Tinha internet na biblioteca?] Tinha. Na época que eu... dois computadores. Os funcionários da biblioteca também usavam. Eram dois computadores. Você poderia vir a qualquer horário, mas se tivesse alguém tinha que esperar ou você corria atrás dos livros. Foi mais ou menos até 2010. De 2006 até 2010, mais ou menos, que ocorreu isso. Ah, eu gostava também quando da gente ficar esperando [para usar o computador], eu gostava de pegar o livro do Guinness Book que tinha aqui. Nossa, todo mundo queria aquele livro. Tinha um que era de noventa e oito, se eu não me engano. De noventa e oito. Era o mais atual que tinha naquela época. Depois em 2010 veio o de 2008. Aí, assim, nossa, todo mundo queria aqueles livros, os mapas. A gente sempre quis pegar os mapas. Não dava, mas a gente achava um jeito de pegar escondido. Esperava ela [a professora responsável pela biblioteca] sair. Ela ia pra direção, tal, a gente pegava os mapas ali,

abria os mapas e ficava olhando que país... Aí ficava um na porta cuidando. Daí geralmente quando ela tava voltando... Não deixavam. Os professores não deixavam por causa... medo dos alunos danificarem os mapas. Tinham medo disso. Daí não deixavam. O corredor era grande, então, dava pra ver “Podem abrir”; “Ela tá vindo, tá vindo!” Corria todo mundo. Na biblioteca antiga. Teve três bibliotecas, três lugares pra biblioteca. No começo até o término do quarto ano [do Ensino Fundamental] a biblioteca ficava mais ou menos aqui. Eram três salas, e ficava aqui a biblioteca. Aí com a reforma ela foi, passou lá pro salão. Daí lá era mais complicado a gente pegar os mapas, mexer no globo. Daí complicava um pouco mais. Mas, daí ela [a biblioteca] passou pra cá que foi onde, basicamente, terminou, daí, o meu interesse que eu tive por leitura. E eu não tinha mais tempo, nem nada. Tive discussões com a bibliotecária quando eu tava na quinta série, que eu queria pegar *O Código Da Vinci*. Sempre... assisti ao filme e me interessei, quis ler o livro. Disseram que tinha coisa diferente e eu queria ver e ela [a responsável pela biblioteca] não me deixou. Eu levei advertência. Eu levei advertência porque... e sempre como eu fui estressado, eu acabei discutindo com ela. Me arrependo, mas acabei xingando ela, me mandou pra direção. Era uma leitura mais avançada, aí um garoto da minha sala foi lá e levou [o livro]. Com isso eu fiquei “P” da vida. Eu peguei o livro que todo mundo queria, fiquei três semanas com o livro, podia só duas, eu fiquei três semanas, atrasei, paguei multa, paguei, mas eu não deixei ninguém pegar aquele livro. Mas não li nada, também, só de raiva. Ela achava que ele era mais velho, simplesmente porque a altura dele era maior que a minha, mas dá na mesma coisa e daí não me deixou ler. Aí tinha os livros que ela, até hoje deixam nesse armário, [apontando para um armário, com chave, ali na biblioteca], *Guerra das torres*, uma coisa assim. Era uma literatura mais estrangeira, todo mundo quis. Eu não acho muito bom, mas eu queria ler naquela época. O livro do *Harry Potter* queria todo mundo ler, virou filme todo mundo quer ler. Aí ela deixava escondido e tinha uma fichona, que aí ela reservava os livros pra nós. Aí dava briga se a gente se atrasava. Aí iam atrás do aluno, dava ali, dava o nome do “cara”. Era bastante confusão. A gente ia brincando, o globo ficava girando. Nem lia nada que tava ali. Era só por girar o globo. As maquetes, nós mexíamos nas maquetes. A gente mexia por tudo, por tudo. A biblioteca na minha infância foi muito bom, foi muito bom. Tem um livro da formiga, também, que ela leu pra nós. É uma fábula que eu não, eu não consigo lembrar qual é a mensagem daquela fábula, mas foi muito bom porque sentou todo mundo, toda a sala tava reunida.

Sentou todo mundo naquele canto que eu expliquei. E ela... Era um homem e uma formiga. Tavam na neve, eu não lembro direito do livro, mas aquele livro foi, marcou bastante porque daí ela leu. Foi uma das primeiras vezes que ela leu pra mim. Daí ela mostrava, assim, imagens. A gente tentava, não entendia nada. Então, acho que basicamente isso. Eu tô aqui desde o pré, então, conheço essa escola como a palma da minha mão. Agora teria um fato que eu acho um pouco triste quanto à biblioteca hoje em dia. Por exemplo, à noite não tem esse aluguel de livro que a gente pega os livros e leva pra casa. Não, não tem mais, antes tinha. Agora, ainda tem pro [Ensino] Fundamental [séries finais] e pro Primário [séries iniciais]. À noite não tem porque, também... porque os alunos não têm tempo pra ler, basicamente. Então, eles [direção e professores] sabem que a maioria trabalha, simplesmente, chega em casa quer descansar um pouco, quer ficar no celular, simplesmente, quer relaxar, não tem tempo pra ler. É bem mais corrido. Eles [os alunos] acham que é mais corrido porque tão entrando nessa vida adulta agora. Então, “Ah, a minha cabeça vai explodir.” E é basicamente isso porque tá no começo. Então, não têm tempo pra leitura. Eu ainda conheço algumas pessoas que vêm, pegam aqui de vez em quando, levam. Mas o fato que eu acho bem triste é eles não reformularem os livros, não trazerem novas obras para as crianças, e a má conservação dos livros que tá bem ruim, bem precário isso. E o fato de alguns alunos vim e simplesmente roubarem coisas. Tem isso. Eu venho pegar livros, por exemplo, os professores dizem: “Ah, vai lá pegar livros de biologia. Trinta livros”. A gente leva lá pra sala, mas nesse meio tempo fica alguém aqui e rouba alguma coisa. Eu já conversei com o diretor e ele achou bem ruim isso, mas não tem o que fazer, porque não sabem quando o “cara” pega. Não tem como ficar cuidando.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “J”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

A biblioteca escolar pra mim... Na realidade, eu não sou uma pessoa que lê muito. Não sou. Sou uma pessoa, não sei, que... não uma pessoa que não lê e também que não lê muito; uma pessoa mediana, assim. Na realidade, eu comeci a ter interesse, mesmo, por livro só [de] uns dois anos pra cá. Eu passei a ler mais porque como eu já tô indo, já começando a fazer curso, já pra ir pro trabalho, já daí preciso procurar um pouco de conhecimento pra, pra minha profissão, né? Pra fazer, para os cursos que tô fazendo. Então, a biblioteca pra mim seria um

local onde que teria um ace..., teria que ter livros, né? [risos]. Livros. Um local onde a gente possa ter conhecimento, né? Porque você, por exemplo, cada livro conta uma parte do mundo, né? Você, então, apenas com um livro você pode conhecer uma parte, qualquer lugar do mundo. Então, a biblioteca pra mim é um local de conhecimento.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Não. Eu utilizo a biblioteca... Eu faço o SENAI. Eu utilizo a biblioteca do SENAI. Bastante! É que o tipo de livro... É que eu gosto mais de livro mais técnico pra ler. Os livros gerais, livros de modo geral eu não gosto de ler muito.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Momentos, assim, poucos. Provas. Provas. Geralmente só em provas. É, na questão assim... Na realidade eu li mesmo, assim, eu peguei, li livros mais para questão de trabalho e provas. Na realidade, eu como estudo de noite, eu pego o livro aqui e levo pra casa pra fazer os trabalhos, assim. Já fiz várias vezes isso. De pegar o livro, levar pra casa e fazer os trabalhos.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

É um papel bom. Papel bom porque, na realidade, tem uma vasta coletânea de livros, né? Várias, vão ser várias, como assim, setores, tipo, setores de livros, assim, de assuntos, conteúdos. Quando eu... A nossa biblioteca é bem servida de livros.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Uma quantidade de livros, como assim, de cada área. Por exemplo, história, literatura, e por aí vai, entendeu? Uma grande diversidade de livros. Porque a biblioteca na realidade é um local de conhecimento, né? E quanto mais você tiver disponibilidade, mais assuntos você tiver, melhor pro aprendizado da pessoa. Porque o livro... hoje em dia tem internet, tudo, mas o livro ainda é uma importante forma de aprendizado. Porque você na internet tem muita coisa, mas muitas vezes errada. O livro não, você pega, você já tem uma coisa já verificada, corrigida, certa. Então, você tem uma cer..., uma certeza do conteúdo que está escrito naquilo. Porque passa... tem a aprovação de uma

editora, uma análise ortográfica. Tudo certo. Tudo perante a lei, as leis do país, né? Então, é mais confiável que isso da internet.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Internet, praticamente. Na biblioteca do SENAI daqui de [nome do município], é pra aprender sobre a profissão. É que eu faço curso de técnico-eletrônica, né? Então, é uma área que precisa de bastante estudo e conhecimento. Daí eu pego livro voltado pra essa área, eletrônica. Já no ano passado fiz curso de mecânica e também pegava pro curso de mecânica.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

A questão, assim, a escola é algo, a escola é o ocea..., é a parte mais importante da formação de uma pessoa, né, na questão do conhecimento. Na questão da família é formar o caráter de uma pessoa, é a família que forma, é dever da família. O da escola é o conhecimento. Porque a pessoa, vamos dizer, uma pessoa entra [na escola], vamos dizer, com cinco anos de idade e sai com dezessete, dezoito anos de idade. Então, nesse meio tempo a escola, vamos dizer, ela tem o dever de ser, dar atenção, dar um ensino de qualidade pra pessoa. Porque essa pessoa que vai sair [da escola], vai ser um futuro profissional que vai servir à sociedade. Então, a questão, assim... Além de você, da qualidade dos professores, ensinar, de os professores ensinarem, a questão da diretoria, ser uma diretoria que tenha uma boa gestão, que administre bem a escola, não falte nada pra escola, a biblioteca também tem que ser bem administrada, tem que ser bem organizada, tem que ser algo onde que seja, algo onde que tenha bastante conteúdos para a pessoa ler, pra pessoa ler e aprender. Então, a biblioteca ela tem que ser algo diversificado. Porque a pessoa que entra na escola, ela procura um conhecimento. Então, quanto maior a oportunidade de conhecimento, melhor pra pessoa, melhor pra formação da pessoa.

ESCOLA 6 - 20/06/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “K”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Ah, é uma fonte de conhecimento. Se for via... agora tem o computador, né, a internet, é mais fácil. Mas antigamente, como já tinha a biblioteca, era mais fácil de... as pesquisas eram feitas todas aqui, né?

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Muito raro, por causa que aqui só ficam os livros didáticos, né, que a gente usa em sala de aula. Porque as pesquisas a gente faz sempre na internet, né? No Ensino Fundamental, ali, até a quinta série a gente usava bastante. Vinha aqui fazer pesquisa. Faz tempo, né, da quinta série pra frente não fui mais. Só pra vir buscar os livros didáticos. Às vezes a professora de português, é, pedia trabalhos e a gente pegava livro daqui.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

É. Eu lembro que na primeira série a gente usava toda semana a biblioteca. Toda sexta-feira a gente pegava um livro pra ler todo o final de semana. Daí toda sexta-feira a gente renovava esse livro. O ano inteiro do curso. Toda semana a gente renovava o livro e lia a semana inteira pra leitura.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Hummm... Olha... Nossa! Pra questões de pesquisas, né? É usado a biblioteca pra pesquisas. O Ensino Fundamental usa bastante pra pegar livro, só. Pra adquirir conhecimento. Ah, não sei te responder bem certinho. Pra adquirir conhecimento. Pra quando surgir dúvida, ler, fazer pesquisa.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Ah, diversidade de livros pra poder fazer pesquisa. É, tem que ser organizada.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Já utilizei a do [nome utilizado para designar uma praça do bairro], ali também, que é a biblioteca pública, entre a quinta e oitava série que foi bastante pesquisa. Daí o colégio não tinha tanta internet, tanto computador ainda, e ali já tinha. Daí eu utilizava bastante ali. É mais

fácil, né? Era mais fácil fazer trabalhos. [risos]. É que uma vez eles vieram aqui anunciar que tinha curso de computação na biblioteca pública. Daí quem fizesse a carteirinha, pagasse a mensalidade, é mensal, mensalidade, daí podia usufruir do computador e dos livros. Eu nem fiz o curso. Só que daí eu fiz a carteirinha, fui lá. Daí tinha um professor que auxiliava a gente lá, tirava as dúvidas, ajudava a fazer as pesquisas. Algumas vezes a gente pesquisava os livros na internet pra poder pesquisar pra ficar mais fácil. Daí colocava o, colocava ali e via se tinha na biblioteca. Os que tinha a gente colocava a frase, ali, do autor, e o autor embaixo nos trabalhos, mas era manuscrito. Ali podia imprimir, tudo certinho. Bom, tinha o auxiliar ali, o cara que ajudava a gente. Daí a gente ia, né? Ajudava a gente a ler também. Algumas palavras que a gente não entendia ele explicava pra gente. Que os livros têm umas palavras meio...

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Uma coisa que me marcou bastante da biblioteca da escola, aqui, foi um trabalho de português. Eu tava na sétima série. A professora não deixou usar o computador, tecnologia nenhuma. O cara tinha que... era só livro e tinha que botar o autor do livro, tudo certinho. Foi na sétima série. Me bati um monte pra fazer este trabalho. Tem que ler pra entender. Era em grupo, a gente vinha de manhã. Eu estudava de tarde, ainda. Daí a gente vinha de manhã no colégio. Às vezes de manhã a gente ia ali na biblioteca pública, colocava na internet, ali. Eu não lembro qual que era o tema agora. Colocava o tema ali “livros relacionados a isso” daí apareciam ali. Daí a gente ia ver se tinha, né? Ler, né, não é acostumado muito com a leitura. Que ficou marcado assim que eu lembre bem, foi essa. A gente vinha, vinham cinco, seis, pessoas, né, colegas. Daí a gente vinha empolgado pra ler. Mas demorou. Foram dois meses de trabalho. Foi um bimestre inteiro. A professora deu no começo do bimestre até o final do bimestre pra terminar. A gente conseguiu fazer. Daí depois tinha que apresentar também. Foi quando eu mais li, assim, pra trabalho. Foi isso que ficou marcado.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “L”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Pra mim, o que é biblioteca escolar? É onde... Acho que muitos jovens deveriam frequentar a biblioteca escolar. Porque hoje em dia acho que a literatura é uma coisa muito importante pra gente. Acho que hoje muita gente preferiu ir muito pro mundo da internet, celulares. Esqueceu os livros, deixou os livros de lado. Já eu penso diferente. Às vezes eu deixo o celular de lado, vou ler um livro, acho que é uma coisa que me traz mais benefício do que ficar só atrás de uma rede social. Biblioteca pra mim é tudo. Tudo. É onde a gente... É a fonte do nosso conhecimento, de literatura, várias... Onde a gente pode... Algumas histórias a gente pode, como posso dizer, se encaixar [se imaginar] em algumas histórias de alguns autores. Muitas coisas assim.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Costumo. Costumo. Até umas semanas atrás eu peguei um livro aqui e não consegui ler tudo, mas de vez em quando, quando eu tenho tempo, eu frequento. A biblioteca fora pegar livro a gente usa pra, às vezes, pra passar um tempo a gente lendo um livro aqui dentro. Biblioteca, pra mim, é isso também.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Deixa eu ver. Deixa eu lembrar que são muitos anos. Nossa! Eu lembro que eu costumava, na terceira ou quarta série do Ensino Fundamental, eu costumava, vinha pegar sempre livro pra ler. Eu pegava em base de dois a cada duas semanas. Pegava um livro pequeno, porque sabia que ia dar conta. Pegava bastante livro. Acho que num mês, em média, eram uns quatro livros por mês. Bastante livro. Toda semana. Depois foi parando um pouco, mas de vez em quando, ainda... Na oitava série eu lembro que peguei um livro aqui. Não, foi no primeiro ano. No primeiro ano eu peguei um livro pra fazer um trabalho sobre o livro, e de Português. Fiz um trabalho de Português sobre o livro. Como é que era... tá na minha cabeça. Eu não lembro direito. Era um trabalho Individual. Você tinha que ler o livro e a professora ia fazer uma prova sobre esse livro, de Literatura. A professora ia fazer uma prova e nessa prova ela ia pesquisar questões sobre o livro. Eu lembro que nessa prova eu tirei nove, parece. Foi muito bom, porque eu li todo o livro. Todo. Li tudo. Literatura brasileira. Muito bom o livro. Gostei. Como é que é... Folhas secas, se não me engano. Vidas Secas. Não é folhas. Vidas Secas. É bem esse. Vidas secas. Não é um livro muito grande. É

um livro assim, médio, mas é muito bom. Eu consegui ler. Gostei muito de ler. Eu ficava às vezes até as duas da manhã lendo o livro. Mas, foi muito bom esse livro. Eu ainda tenho ele lá em casa, porque depois a gente ganhou. O colégio deu pra gente. Parece que... Não deu pra gente. Foi um dia que eu e meus amigos viemos trazer uns livros aqui e a professora falou: “Ó, tem uns livros à disposição. Vocês querem levar?” E ela deu três livros pra nós. Três Vidas Secas, um pra cada um. E eu tenho lá em casa guardado. Levei e tá lá em casa guardado. Tenho, guardei lá numa caixinha. [risos].

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Papel? Papel da biblioteca, como posso explicar... Acho que o livro ajuda a gente até, ajuda muito os jovens até a se expressar, no jeito de falar, né? Tem, acho que tem gente com dezoito anos que perde de uma pessoa, [de] um adolescente de quinze anos que lê livro. Acho que o jeito de você falar, de você se expressar, você ter mais conteúdo pra falar com uma pessoa, você ter palavras dentro da sua mente pra acrescentar numa conversa. Acho que hoje em dia isso voga muito. Numa redação, se os jovens lessem mais... Acho que a biblioteca fornece isso. Se todo mundo viesse aqui pra pegar um livro pra ler e focar numa leitura, eu acho que não tinha uma redação do Enem que os alunos não fossem bem. Acho que muita gente não vai bem na redação porque não gosta de ler. Eu vejo muita gente que, já ouvi falar, “Ai, fui mal na redação”, mas detesta ler livro. Então, não adianta você fazer uma redação se você não tem uma base de um conhecimento de uma literatura num livro. Não adianta você... Isso ajuda muito. Os jovens hoje em dia têm que ler mais um pouco. [risos]. O papel da biblioteca é fornecer mais conhecimento sobre a literatura, histórias brasileiras. Acho que, um modo, acrescenta mais palavras novas. Acho que livros também têm muitas palavras que a gente não conhece no dia a dia, mas se poderia se expressar melhor, dependendo da situação, né? É isso.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Bastante livro. [risos] Tem que ter muito livro. É igual aqui. Aqui tem ainda bastantinho. Tem livro. Acho que a biblioteca é um ambiente muito calmo. Acho que se a gente for ver, um aluno não vai conseguir ler um livro, às vezes, numa sala de aula. Dependendo da turma você não vai conseguir ler um livro numa turma bagunceira. Acho que a gente não consegue. A biblioteca é um lugar calmo onde exige muito

silêncio. Eu acho que é mais tranquilo pra gente pensar, refletir, ler. É um lugar muito calmo. Na minha opinião acho que é.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Não. A única biblioteca que eu utilizei na minha vida foi essa aqui. Essa aqui. Sempre foi essa. Sempre foi essa biblioteca. [Por que você sempre utilizou esta biblioteca?] Além do fato de eu sempre estudar aqui desde a primeira série, como posso explicar... Eu já fiz visitas com o colégio em algumas bibliotecas aqui por perto, sei lá, eu acho que eu sempre me acostumei com o [nome da escola]. Como é um colégio que eu sempre estudei desde criança, acho que até por isso, como é que eu posso explicar, como posso dizer, eu criei uma intimidade com cada parte desse colégio assim. Este colégio conheço de tudo e de cada coisa nele. Cada um pouco a gente gosta. Eu gosto um pouco da biblioteca, gosto da informática. Acho que de tanto eu ficar todo esse tempo aqui me acostumei com tudo que tem dele. Não me via em outra biblioteca não. Sempre aqui. Sempre, é, fazer trabalho era aqui, com meus amigos aqui, ler aqui. Acho que de tanto eu ler, de eu pegar livro aqui, eu não me importava com outras bibliotecas assim. Não, vou lá pego um livro no colégio e tudo bem. Não ia em outras. [risos].

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

[Pausa para pensar]. *Não. Acho que não. Não.*

ESCOLA 7 - 23/06/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “M”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

É o espaço onde os alunos podem se reunir tanto para estudar, é, usar a biblioteca como um espaço onde a gente possa ter concentração pra estudar pra provas ou fazer trabalhos e pesquisas, tanto um lugar que possa fornecer um pouco de conhecimento. Conhecimento de ide... do modo de a gente pegar livros, e essa questão de pegar livros, levar pra casa pra estar tendo acesso ao conhecimento, pra gente ter um pouco mais de cultura. Porque a biblioteca oferece esses livros de

vestibulares, essas coisas. Agora que a gente tá no Ensino Médio, pensa né? E também um lugar de concentração e estudo.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Não para a locação de livros. A gente, eu, no caso, uso bastante pra vir com o pessoal da sala, com os colegas, pra tá estudando pra prova quando a gente tem um tempo no intervalo de aula e tal. Pra estudar.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Eu utilizava bastante no Primário. Eu tenho lembranças de pegar livrinhos infantis, aqueles de historinha, desde a primeira série, assim. No Primário foi tão, eu pegava, eu gostava de pegar um do Monteiro Lobato, do Sítio do Pica Pau [Amarelo]. Eu lembro de pegar vários livrinhos infantis. Eu não lembro muito bem, mas a gente vinha, geralmente vinha com um coleguinha na hora do recreio, a professora trazia. Até teve momentos que a professora trouxe a turma. E aí a gente vinha, pegava os livrinhos, levava pra casa, fazia rodízio. E também teve momentos que a gente vinha, assim, no recreio, no intervalo, com as coleguinhas pra pegar o livro, levava pra casa, eu lia com a minha mãe, e depois a gente voltava e devolvia. Isso era no Primário. Eu não lembro, mas acho que, tipo, era primeira, segunda, terceira série, por aí; primeiros anos. Dali pra frente eu perdi um pouco o interesse de tá vindo pegar o livro. É mais pra vir com os colegas estudar e tal. Aí a gente teve algumas vezes que a gente fez rodízio literário, que os professores de Português e de Literatura trabalharam. Mas eu vim e pegar livro eu perdi um pouco o interesse depois.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Eu acho que é bem importante. É, como acredito que o pessoal, que os alunos do Primário, eles pegam os livrinhos e eu acho que é bem importante. Porque eu lembro que foram momentos que eu tenho, que eu passei aqui e eu tenho guardado de ter vindo e pegado os livrinhos infantis e tal. Então, acho importante pro pessoal do Primário e importante pro do Ensino Médio, também. Agora a gente tem os livros do vestibular e eu acho bem importante porque a gente tem que tá recorrendo a outras bibliotecas, ou de tá procurando nos sebos e a gente tem algumas obras aqui, e é bem importante pra gente, porque é

fácil acesso, né? Então, a gente vem e pega e pode tá estudando. E também como eu falei é um lugar de estudo. Tem bastante, muitos alunos vêm pra cá no intervalo e tal. Então, é bom que é um espaço de concentração e que a gente tá sempre aqui reunido e estudando e se ajudando. Eu acho bem interessante.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Na minha opinião, além, é... Acho que, como eu falei, os livros infantis e de vestibular têm bastante importância, mas livros de vários estilos, de autores brasileiros e também livros de autores estrangeiros, porque é importante que a gente tenha uma diversidade de gêneros e de livros aqui, pra tá motivando todos os alunos a ler. Porque, tipo, assim, eu gosto de um tipo de gênero, de um gênero específico e aí outro aluno gosta de outro. Então, acho importante ter vários gêneros pra tá motivando a leitura dos alunos. Eu acho importante.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Minha mãe, ela, ela fazia faculdade na [nome da universidade] até o ano passado. Então, eu utilizei bastante da faculdade [nome da universidade] porque ela trazia os livros de lá para mim, livros que não tinham aqui e tal. Livros que eu gosto de ler, de autoras internacionais que eu gosto muito. Então, lá a biblioteca tem bastante títulos e ela trazia uns pra mim. Daí eu utilizava da biblioteca da [nome da universidade].

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Então, eu acho que as lembranças que eu tinha eu já comentei nas perguntas anteriores, é, e na que eu falei que eu acho importante ler vários estilos, de vários gêneros de livro, eu acho que a nossa escola poderia ter, sim, um pouco mais de livros para os jovens, pro pessoal do Ensino Médio, porque a gente tem obras nacionais e tal, mas que são uma leitura diferente das que os jovens agora gostam. A gente, eu acho que tanto eu como os colegas, gostaríamos muito de ter livros mais atuais, sabe? Se tivessem, se tivéssemos livros mais atuais e livros de escritores que tão, que tão na mídia agora, então, eles se interessariam bem mais. Acho bem interessante porque daí chamaria o público, os alunos pra biblioteca. E é muito importante, né? Principalmente, agora

no Ensino Médio que a gente tem que tá lendo bastante. Então, ter livros, além desses livros que a gente precisa pra vestibular, e é bom estar conhecendo os autores, desde que não sejam só os títulos pedidos [para o vestibular], eu acho legal ter outros títulos só pra incentivar a leitura.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “N”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

É um lugar pra gente, vamos supor, ir lá e se desligar, assim, das conversas de dentro da sala. Ir lá e ficar no teu canto, ler um livro. É, tipo, ler e pensar. Pensar, tipo, o que vem na tua mente, assim.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

É, hoje, hoje, pra ser sincero, não vou muito. Mas, quando nas séries menores, a partir da terceira série, quarta série, eu ia bastante. É porque, tipo, tinha todo dia um, toda semana, que eu me lembro, que a gente tinha um, podia alugar um livrinho. A gente ia lá e assinava. Então, é uma experiência legal. Eu gostava de ler gibis, essas coisas assim. Daí eu ia lá, [na biblioteca] pegava, a gente alugava, marcava teu nome. Era uma coisa, assim, legal. Eu gostava. Iam bastante pessoas, por isso que a gente se interessava. Porque todo mundo ia. Daí a gente acabava vendo as pessoas indo, e a gente sempre ia. Ia lá e assinava, levava pra casa, ficava lendo, trazia no outro dia. Era bem legal. E depois começou a ir na primeira série do Ensino Médio. Daí já acabou. Acho que a gente começa a trabalhar, essas coisas aí. É muita coisa. Então, não tem muito tempo.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

É que... É que, tipo assim, na biblioteca também eu me lembro, eu não me lembro qual a série mais ou menos que eu tava, mas ali tinha... aqui na escola [nome da escola] se baseava muito em teatro assim, é, tipo teatro. Daí eles faziam teatro na biblioteca também. Tipo, tinha um trabalhinho, assim, às vezes, que a gente pegava livro, pegava na biblioteca um livro, ia lá e apresentava, fazia um teatro. Aí tinha um palco lá atrás, certinho, na biblioteca. É, não é exatamente um palco, palco, né? Mas tinha uma área assim que a gente se apresentava. Daí tinha festa à fantasia. Tinha um monte de coisa legal que eu me lembro. Eu tenho lembrança disso aí.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

O papel da biblioteca? [pausa]. É, hoje em dia, hoje em dia o papel da biblioteca pra mim... Ah, porque assim ó... As pessoas estão deixando de ler. Eu acho isso, né, do meu ponto de vista. E ela tá ali parada e não tem, sei lá, não tem muitas pessoas que vão ali ler. Ler é importante, né? Tem vários livros ali, de histórias, tem também pra estudar. Ela é, tipo assim, se a pessoa for lá pegar um livro e ler, ela vai passar bastante informações. E tá sempre tendo livros novos ali. Mas, hoje a galera não se interessa muito, assim, em ler. Tem aquelas pessoas que se interessam, mas a maioria não se interessa. E o papel dela é, hoje, sei lá, tipo, não tenho uma coisa assim pra dizer, né? Não sei.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Livros pra conhecer mais, aprender mais. Quando se fala em biblioteca já se pensa em livro, né? Só que tem que ter aqueles livros pra gente conhecer mais, né? Eu acho isso.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Não. Só a da escola, mesmo. [E por que você não utiliza outras bibliotecas?] Na verdade, eu assim, é, eu sei que tem várias bibliotecas, mas eu não conheci muitas. Na verdade, eu sei que tem a biblioteca da [nome de universidade]. Ali eu já fui também. Já conheci só. Mas outras bibliotecas, só biblioteca mesmo, eu não conheço.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Eu acho que, assim ó, a biblioteca, é porque tem o tempo de hoje e tem o tempo de antigamente, né? Antigamente as pessoas assim da escola aqui, no meu modo de pensar e lembrar né, eu lembro que a gente sempre ia na biblioteca, né? A gente, tipo, a gente tava aqui numa aula, dentro da sala, daí a gente pensava “Ô, vamos pra biblioteca”. A gente sempre pedia pro professor. Isso eu me lembro. Verdade, mesmo. Daí a gente ia lá e ficava lá, tipo, a turma ficava mais unida, assim, porque ficava um do lado do outro e a gente ria e ficava lendo uma história, já ficava estudando alguma coisa. E hoje em dia, na verdade não, não vai, a gente não vai mais, assim, na biblioteca. Porque eu acho que também

tem assim, antigamente, também não tinha a sala ali de, com computadores, essas coisas, assim, né, antigamente não tinha. Hoje já tem. Daí a gente já prefere ir pra informática do que ir pra biblioteca. Acho que a tecnologia influencia muito, assim. Daí por isso que muitas pessoas tão deixando de ir pra biblioteca pra ir pra informática. Porque, hoje, é tipo assim... Se tu quer pesquisar alguma coisa, tem num livro ali, mas eles preferem lá e pesquisar na internet que vem mais rápido. Então, hoje em dia a biblioteca é, tá, tá sendo abandonada, assim.

ESCOLA 8 - 24/06/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “O”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

É o centro que eles, de guardar, que armazenam os livros que eles ganham do governo, ou pode ser também que eles trazem. E ali eles ensinam as crianças, adolescentes a aprender a ler histórias. [“Eles” quem?] Professores. Professores, diretores, quem tiver lá na sala [biblioteca] ensinando.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

É, eu não muito, que eu não sou muito chegado a ler. Mas tem gente na minha sala que sempre que dá, vai lá, pega um livro, lê, depois vai lá, troca também.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

É, antigamente, mais no Pré, no Primário usava mais. Agora a gente não usa muito. Têm bem poucos [professores] que trabalham ali, [na biblioteca], porque não tem muita matéria. Ter, tem, muita matéria, mas muitas matérias eles focam mais no ensino mais normal, física, química, matemática, português. Português nem tanto. Cada matéria tem seus livros daí. Só que eles entregam no início do ano e no final do ano tem que devolver. Na primeira, na segunda, até quinta, sexta-série, usava bastante o livro da... pegado pra fazer estudo na biblioteca. Agora é mais os livros próprios do ensino. Geralmente era Português, né? Antigamente... Antigamente não, no ensino, é, de primeira à quarta era

só um professor, depois muda porque tem muitas turmas, daí, também. Agora, acho que vão mais na sala de vídeo.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

O papel de as pessoas pegarem o próprio livro com a vontade. Não adianta pegar forçado que não vai terminar. Ler e se esforçar, porque a leitura é a base de tudo, né, da escrita, da fala.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Deve ter, deveria ter, ali já tem, né, os livros. Deveria ter sempre, ter sempre um professor cuidando, porque se não cuidar pode ser que vá alguém ali, estrague.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Eu não, mas tem gente no meu curso, lá, que eles alugam no CEDUP⁹⁴, lá onde eu faço curso. Eu não costumo. Não leio muito, também, assim. Mas, tem gente que eu vejo pegar livro lá onde eu faço curso. Lê, depois troca. [CEDUP, o que é?] CEDUP é um... Bem, de manhã e até de tarde é um colégio técnico, que faz um curso junto, e de noite é curso técnico. [Você faz técnico de que?] Informática. Comecei este mês. Este ano na verdade. É de dois anos. [Então, você não utiliza outras bibliotecas.] Não. Não gosto, assim, muito de ler.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Eu acho que eu tava, acho que na quarta ou quinta série, tinha, tipo, um programa que lá na biblioteca eles davam Lego para as crianças e era bem legalzinho naquela época. Era, tipo, no lugar da aula, eles davam lá e eles incentivavam de fazer o que vinha na nossa mente. Eu acho que eles davam alguma matéria, davam um, uma vez por mês, acho que é na quinta série. Incentivava a mente. Fazia dupla... Tá lá guardado na biblioteca.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “P”

⁹⁴ Centro de Educação Profissional.

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Para mim é o espaço onde tem os livros, a gente pode, através dos livros, fazer pesquisas. Enfim, nosso espaço, nosso momento. Apesar de não ser muito usado, acaba sendo o nosso espaço.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Olha, quando eu era, lá no Primário eu vinha com frequência. A gente tinha o projeto, [sigla do projeto] era o nome, né? A gente frequentava esse espaço, a gente utilizava os livros. Só que no decorrer do tempo isso acabou, acho que não sei se foi por causa, por ter mudado, assim de, por ter passado pro Ensino Médio e isso ter mudado, mas isso acabou reduzindo, sabe? Até esse ano eu vim uma vez aqui procurar um livro e ainda fui mal atendida, né? Que “Ah, mas não. Isso não é o momento adequado”. Mas tudo bem, mas a gente conseguiu o livro que a gente queria e saiu. Mas pra mim... mas eu não, acabo não utilizando muito. Eu acho que entre a primeira e quinta série a gente utilizava bastante, porque eu participava do projeto [sigla do projeto]. Utilizava bastante, mas no decorrer do tempo isso foi se reduzindo, os professores não traziam. Isso foi se reduzindo bastante. O [sigla do projeto, trata de...?] Eu não sei se ainda existe, né? Isso é durante o dia que ele ocorre. Era projeto de pintura de tela de tecido, é, várias coisas, sabe, pra ocupar a cabeça da, era mais as crianças. Pra ocupar as nossas cabeças. Eram coisas bem legais, mesmo. Mas hoje eu não sei se ainda... [Você disse que veio à biblioteca atrás de um livro...] Sim, este ano. [E segundo a pessoa que te recebeu, aqui na biblioteca, você não estava no momento adequado.] Sim, porque aqui à noite não tem ninguém que fique na biblioteca. Era no momento, num horário de aula. Daí essa mulher que ela, tipo, não tem ninguém pra ficar fixamente aqui, tipo, todas as aulas. Ela tem um horário pra vir aqui pra atender. Daí, ah, não está; sai. Daí, ela: “Porque eu tava aqui em tal aula e não tinha ninguém aqui”, não sei o que, não sei o que... Mas a gente não sabia, porque a gente não utiliza muito a biblioteca. Então, a gente não tinha um acompanhamento. Aí ela ficou meio chateada.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Eu não tenho muita lembrança, mas a pouca que eu tenho é que foi aqui que eu aprendi a ler. É, né, nesse espaço, digamos. Até ensinando um

pouco uma colega minha a ler, induzindo. Mas é o único momento, é a única lembrança, assim, que eu tenho.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Olha, fica difícil dizer, né, até porque à noite já não é muito freqüentada, então, não sei nos outros turnos. Mas aqui é como se fosse um espaço esquecido. Porque eu, particularmente, não vejo ninguém vindo aqui. No máximo pra vim aqui pra pegar um livro, realmente, que é didático que a gente tem que usar na aula, como em matemática, a gente vem aqui, a gente vem buscar, mas não, à noite não vejo este espaço ser utilizado. Até porque aqui tem vários livros aqui [apontando para as várias pilhas de livros que encontram-se no chão, entre as mesas da biblioteca]. Pra ser uma biblioteca não devia ter esses livros assim no meio do caminho. Tinha que ser uma coisa mais organizada. Então, pra mim, é uma coisa meio abandonada na escola. Pelo menos no período da noite, né, não sei nos outros turnos. [Mas qual o papel dela?] É auxiliar, né, se a gente tiver alguma necessidade, querer fazer alguma pesquisa. Este é o papel; de auxiliar.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Livros, né? [risos]. Acho que computadores, apesar de também ser um auxílio bastante grande porque a gente, eu particularmente, eu leio muito mais através, na... [tela] de um computador, na internet, do que num livro. Eu consigo me adaptar muito melhor num computador do que num livro. Não consigo pegar um livro, assim, e ficar lendo. Eu gosto mesmo é de ler no computador, um texto, assim.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Não, até porque eu também não utilizo muito essa, né? Então, eu acabo não utilizando outras bibliotecas também.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Ah, eu... da biblioteca não, em si, eu não consigo lembrar da experiência de ler, mas das coisas que quando eu era criança a gente aprontava aqui dentro. A gente era criança fazia o projeto [sigla do projeto] a gente aprontava um monte, fazia uma bagunçada. Esse

espaço era nosso, era bom. Talvez não os livros, mas as pessoas que tavam ali. Era muito bom naquele tempo quando a gente era criança que a gente ficava nesse espaço, se divertia. A gente aprontava um monte. Era bom. Pra mim era bom aquele tempo, sabe? Apesar de a tua entrevista ser sobre a biblioteca, ser sobre né, o uso ou a utilização dela, mas o nosso espaço mesmo não era a biblioteca, não era, o intuito não era usar a biblioteca como um meio de estudo. Era pra brincar, pra fazer aquelas coisas de criança, sabe? Nos momentos que ela [professora] saía da sala [biblioteca] a gente aprontava um monte. [risos]. Mas, sim, tinha bastante coisas que elas faziam que era muito legal, super legais. Eram coisas que, como posso dizer, que juntava gente, que unia a gente a fazer tudo junto, a, enfim, eu não tenho, não sei muito o que expressar porque eu também não tenho uma lembrança muito concreta. Mas a única coisa que eu posso dizer é que era legal. [risos]. Era bom, naquele tempo, naquele período que vinha pra cá, no tempo do [sigla do projeto], a gente vinha pra se divertir, pra ocupar a cabeça, pra ser criança mesmo, pra aproveitar o nosso espaço daí.

ESCOLA 9 - 29/06/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “Q”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Olha, eu acho que é um local onde a gente vem pra “viajar” pra outro lugar. Porque quando a gente lê, querendo ou não, a gente “viaja” pra outro mundo, a gente sai da nossa realidade pra viver outra. Então, é um lugar que a gente vem, mesmo na escola, pra “viajar” pra outro lugar, conhecer outras coisas bem diferentes.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Costumo, sim. Bastante. Como por exemplo, eu tô com três livros da biblioteca em casa [risos], pra ler ainda. Já devolvi alguns, vou pegando outros. Revistas eu também pego, ainda mais em ano de vestibular. Então, procuro utilizar bastante a biblioteca.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Quando a gente era menor, quando era menorzinha, os professores costumavam levar a gente pra biblioteca pra aula de leitura. Então, os

professores mesmos, eles liam pra gente uma história ou até a bibliotecária lia uma história pra gente e depois a gente ficava livre pra escolher o livro pra levar pra casa, tudo. E agora, depois no [Ensino] Fundamental já, e no Ensino Médio são mais nas aulas de português, realmente, pra ter, pra apresentar em sala de aula, o livro e tudo. Em algumas aulas de português no [Ensino] Fundamental, também, a gente pegava livros da literatura brasileira, fazia teatros. De quinta série a oitava série. Ainda era série.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Trazer um conhecimento maior porque a gente tem acesso gratuito e tudo, e tem pessoas que não aproveitam. Então, acho que é um jeito da pessoa ter mais conhecimento através da biblioteca.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Livros. Muitos livros. [risos.] E, um local aconchegante com..., calmo pra poder ler. Revistas, também, às vezes é interessante, e material didático.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Sim. Bastante. Eu tenho, eu uso a Biblioteca Pública de [nome do município] e a minha mãe ela é funcionária da [nome de empresa] e às vezes eu pego livros da [nome da mesma empresa] também, que eles também emprestam livros e às vezes eu pego livros de lá. É, realmente, só pra literatura, mesmo. Pra descontrair um pouco. Sempre, desde pequena eu tive muito o hábito da leitura.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Acho que foi, é basicamente isso ali que eu falei. Que a gente sempre vinha com os professores. E na maioria das vezes era reservada uma aula, assim, pra gente. A gente pegava o livro, lia, aí tinha mais a contação de história, tudo. Sempre, eu sempre gostei muito de livros. Então, biblioteca pra mim é sempre um lugar maravilhoso.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “R”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Pra mim é um lugar onde fica muito conhecimento armazenado de diversos temas, né, não se contendo a um tema específico, isso, em geral concentrado em um lugar só.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Atualmente, sim. Mas, antigamente teve épocas que sim e teve épocas que mais não, porque dependendo de como o professor trabalhava a gente não utilizava muito os livros da biblioteca. Hoje em dia a gente tá usando. No primeiro e segundo ano do Ensino Médio foram os anos que, praticamente, não foi usado o livro da biblioteca, em si. Foi falado sobre obras literárias que a gente tinha aqui. Só que a gente não usou. Mas este ano a gente tá trabalhando. Literatura brasileira. Os clássicos da literatura.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Eu lembro que a época que a gente mais começou a usar a biblioteca foi, que eu era mais ativo na biblioteca, era no Primário entre a primeira e a quarta série. Eu não lembro certo qual que foi o ano, mas eu lembro que foi por aí. A gente ia semanalmente, e no [restando do Ensino] Fundamental, depois, também, mas começou no Primário e a gente ia semanalmente, e pegava o livro que quisesse ou senão só olhava, podia trocar quem ainda tava lendo. A gente toda semana tinha contato com a biblioteca. Era legal assim porque foi quando eu assim comecei, realmente, a ler, deixei de ler, assim, livros infantis pra ler, não obras clássicas, mas uma literatura mais avançada. E eu via que era legal porque toda hora eu via muita gente de qualquer ano da escola, tanto do Ensino Médio, quanto do [Ensino] Fundamental. E via aquilo e eu percebia que isso era importante e que era legal também.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Eu acho que é trazer um pouco de cada conhecimento, principalmente de Literatura e ensinar a História. Porque a Literatura sempre anda de mãos dadas com a História, e tu lendo qualquer obra tu vai conseguir interpretar a mensagem. Cada livro tem sua mensagem, e se você lê você vai ter um conhecimento muito maior do que quem não lê.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Olha, na minha opinião deve ter tudo que o professor precisa pra trabalhar. Tanto a literatura clássica, é... Tudo que pede na, na..., no que o governo manda no plano didático. E deve ter livros pra lazer também. Tanto que recentemente chegaram muitos desses livros de doação e tudo, que foram comprados livros de lazer. Porque tem gente que gosta de literatura clássica. Eu, por exemplo, gosto, mas, por exemplo, da minha sala não conheço ninguém que gosta de literatura clássica. Então, tem que ter todos os gêneros pra tu poder agradar todo mundo e trazer o contato da pessoa na biblioteca, porque isso é importante pra todos.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

A princípio eu usava, há alguns anos atrás, a biblioteca municipal, mas pra... não emprestava livro. Quando às vezes eu ia lá, queria ver algum artigo, alguma obra, ou ver algum livro, ver se eu gostava do livro, e daí comprava o livro. É pra mim conhecer um pouco do livro, lia um pouquinho. Aí eu usava como fonte de pesquisa também, né? Não só pra trabalhos da escola, mais pra pesquisa que eu fazia em casa, por curiosidade. Eu gostava de pesquisar muito sobre história. É... fatos da Segunda Guerra, principalmente. E esses arquivos pessoais que tão guardados na biblioteca, e que muita gente não sabe, mas tem bastante, é, é, matérias pessoais que foram feitas, entrevistas que foram feitas com soldados que foram pra Guerra, e isso, de ex-soldados que agora são falecidos aqui, e notas pessoais deles, e eu acho que não tem nada melhor do que tu ler uma nota pessoal, porque você consegue sentir bem mais a transmissão do sentimento quando a pessoa tá escrevendo aquilo. [Você lembra que idade tinha, mais ou menos, qual a série que você estava?] Foi quando eu tava no primeiro ano do Ensino Médio. Quando eu passava bastante por lá perto e eu tinha que esperar pra pegar o ônibus. Daí eu ficava lá, nesse tempo, na biblioteca.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Bom, eu acho assim, já falei um pouco, mas o que eu aprendi na minha experiência pessoal de leitura, que em qualquer livro que tu for ler, tu tem que ler de todos, não pode ler só, só por tá lendo. Tem que ler de todos os aspectos. Tem que olhar do teu, da tua visão, da visão do

autor, da visão de alguém que, em si, ele queria fazer uma crítica a um capitalista, o que um capitalista pensa disso, o que um socialista pensa disso. Abranger vários pontos de vista para tu ter uma opinião própria, uma opinião concreta sobre isso. Ter certeza do que você quer, acha disso. E pra mim, isso que eu mais gosto na leitura é essa, como é que eu posso dizer, esse sentimento de tu poder ver de tantos ângulos diferentes e sentir tanta coisa diferente apenas lendo um livro.

ESCOLA 10 - 30/06/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “S”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

É um lugar onde os alunos têm um acesso mais fácil a livros pra fazer pesquisas, porque é, tipo, nem sempre todos têm internet em casa, muitos, e aqui em [nome do município] mesmo, só tem uma biblioteca pública, no Centro se eu não me engano. Daí é também uma facilidade [a biblioteca na escola, porque] daí é ruim ir daqui até lá.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Agora, assim, não. Quando eu tava nas séries iniciais eu usava bastante. Agora, hoje em dia, nem tanto. Pegava livro. Livros de historinha mesmo, pra ler.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Pelo que eu lembro, era... a gente fazia a carteirinha, daí a gente tinha um período pra vim. Daí vinha a sala inteeeeira trocar os livros no mesmo dia. Pra não ocupar muito tempo daí a gente vinha junto, anotava os livros, tudo certinho. Daí não podia sair da data, senão pagava multa. Era assim. A gente vinha sozinho. O professor falava pra gente vim e a gente vinha. Da primeira até a sexta, sétima [série]. Era mais na aula de português.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

A facilidade com livros, né? Pegar alguns.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

[Sorri, demonstrando nervosismo]. Uma variação de livros. Mas, assim, pra qualquer tipo de idade e de diversos assuntos também. Pra ter o tipo de cada um, cada um tem um gosto. Daí quanto maior a variação, melhor.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Não mais. Não, eu tipo, eu leio, mas eu não vou em biblioteca. Eu leio mais on-line, daí, só on-line, livros em geral, assim, que me interessam, daí.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Nossa! [Longa pausa]. [E se você não tiver, fique à vontade.] É, não tá vindo nada na memória.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “T”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Ah, basicamente é o conceito, né? É o lugar onde ficam todos os livros que a escola recebe, alguns do governo, a maioria na verdade, que eu vejo, que eu pego e tem o selo do governo. Então, pra mim é o espaço dos livros. Aqui na nossa escola também tem não só o livro, mas os mapas, as... umas enciclopédias, assim, outras coisas, que não são só livros, mas a TV também, que tem aqui. Então, acho que é um espaço dos livros e também para se ler. Onde deve, onde deveria ter mais silêncio, assim. Um lugar para a leitura e onde guarda os livros. Basicamente acho que é isso, pra mim, biblioteca.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Sim. Eu, neste ano, sim. No ano passado eu estudava de noite e eu trabalhava, fazia curso e estudava aqui, né, então, eu não, no ano passado eu não lia. Mas neste ano como eu tô só estudando aqui na escola, eu venho direto aqui, como a [nome da professora responsável pela biblioteca] falou. Daí eu gosto bastante de vir aqui, no horário de aula, sempre, que aí já mais que eu tenho português, né, de matéria, daí a professora entende que eu tenho, daí eu venho. Mas aqui eu não leio. Eu só pego o livro. E fico uma semana. Caso eu não tenha lido, eu renovo. Daí, caso não, eu pego outra coisa.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Acho que, que eu lembro foi, assim, na terceira série que a professora trazia a gente pra cá e às vezes ela gostava... Eu acho que ela gostava bastante, porque tinha vezes que a gente lia umas histórias e depois fazia alguma atividade aqui, né, aqui na sala mesmo. Aí já tinha TV antes, também, e a gente assistia algum filme. E as atividades eram feitas aqui. Esse era, tipo, olhando pra trás esse é o momento que eu mais lembro, que eu, que a gente vinha pra cá. E o outro foi já no Ginásio [séries finais do Ensino Fundamental], assim na sexta série, que daí a professora incentivava bastante a gente vim. Já não era tão frequentemente como nas outras vezes, mas a gente vinha bastante também. Depois lá pro... no nono ano não vinha tanto. No primeiro... No primeiro [ano do Ensino Médio] daí vinha. A professora passava, porque ela passava um trabalho que todo bimestre a gente tinha que ler um livro e apresentar lá na frente [na sala de aula, para a turma]. E esse foi um ano que a gente veio, daí no segundo, e agora no terceiro [ano] eu venho mais por conta, assim, porque no terceiro acho que é o que eu mais venho. Por conta, né, por vontade minha mesmo por ler. As outras eram pra fazer atividades.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Ah, eu acho, pra mim, pelo menos na minha opinião, é importante porque é a fonte de livro e livro é conhecimento, né? Livro, tipo, por mais que seja uma história, uma fantasia, por exemplo, assim, que não exista, acho que traz conhecimento, traz uma coisa nova, exercita a mente e isso é importante para os alunos, entendeu? Às vezes um tem dificuldade, alguma dificuldade, mas estimula o pensamento. E tem, como eu disse, tem atlas, tem enciclopédias que... e os livros didáticos também, do professor, e acho que isso é importante. Isso ajuda bastante.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Ah, livros, né, com certeza, livros. E acho que o ambiente, assim, entendeu, pra leitura mesmo, como eu falei antes. Um lugar em silêncio pro aluno ficar, realmente, centrado no livro. Porque às vezes lá na nossa sala, se a gente ler lá é muita conversa. Às vezes as crianças

tão... A minha sala, mesmo, é do lado da quadra [de esportes] e as crianças brincam ali e às vezes é difícil até de ter aula, entende? Então, acho que a biblioteca tem que ter livros, obviamente, e ter um ambiente, assim, pra tu ler, sabe? E também outros conhecimentos, como eu falei, um mapa, TV, pra tudo ser direcionado pro livro, entendeu?

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Só livraria pra comprar o livro, mas não é bem uma biblioteca. Acho que não se enquadra nisso. Mas eu utilizo só essa aqui. [E por que você não utiliza outras bibliotecas?] Eu até pensei naquela ali da nossa cidade, acho que é a municipal, mas ainda não fui porque eu tenho essa, que é pertinho, daí eu posso vim aqui porque ainda sou aluno. Mas no ano que vem acho que eu vou lá, sim. Eu só uso essa aqui mesmo por... eu encontro os livros que eu quero e que até achei um que eu tava procurando há bastante tempo, que eu encontrei aqui. É Sherlock Holmes. É O estudo em vermelho. O primeiro livro do Arthur Conan Doyle, né, que é a literatura de Sherlock Holmes. Eu achei e terminei de ler ele ontem. Foi uma amiga, né, que me recomendou. Ela leu há bastante tempo, já. Daí ela falou “Tem aquele livro”. “Tem?” Daí eu fiquei, eu vim aqui, fuzei, fuzei, daí encontrei e eu li. Ele é um livro que tá meio gasto já, porque parece ser que é bem antigo o que tá aqui. Mas eu achei ali [olhando para as estantes] e foi bom.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Acho que em relação à biblioteca e os livros, assim, acho que quando eu era criança sempre teve... Eu gosto muito de ler, né? Meu pai já não gosta, minha mãe gosta e minha avó gosta. A mãe da minha mãe no caso. Eu acho que essa coisa de biblioteca, de vir à biblioteca e ler, tem que ser incentivada porque é difícil um aluno que, tipo, por exemplo, da terceira série [do Ensino Fundamental], como eu falei antes, vim por conta própria, entendeu? E eu sempre tive muitas pessoas que me incentivaram a ler. Minha avó, minha mãe, as minhas professoras me incentivaram muito pra eu tá aqui. Eu lembro uma vez que essa biblioteca, “meu”, tava cheia, cheia de criança, assim, e fazia fila pra pegar livro ali [olhando para a mesa da responsável pela biblioteca]. Era até uma bagunça, assim, mas as crianças liam bastante porque aquele, tipo, o “Lobo mau”, assim, não era muito... mas eu gostava e

isso despertou em mim pra hoje eu gostar de ler, entendeu? Se ninguém tivesse me incentivado, despertado esse interesse quando eu era criança, talvez, hoje eu não, nem estaria aqui dando entrevista, entendeu? Nem estaria lendo. E isso incentiva. Eu acho que isso é importante. É isso que eu penso.

ESCOLA 11 - 01/07/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “U”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Biblioteca escolar? É um lugar onde tem imaginação, onde o ser flutua. É um lugar onde tem que ter silêncio pra você se encontrar, se centrar e imaginar, pra “viajar”, sair do... da vida real pro mundo imaginário.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Ah, nesse ano a biblioteca fechou, né? Porque não tem muita gente aqui pra coordenar, organizar. Mas ano passado era, acho que era toda semana a gente vinha aqui na biblioteca e lia, né, alguma coisa.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

O ano que eu lembro foi na oitava série com o professor [nome do professor], que ele dava português pra gente. E como ele incentivava os alunos a ler. Eu gostava porque ele ensinava a gramática, a leitura de uma forma que você começava... você sentia amor pela leitura. Aí foi o tempo que eu mais vim pra biblioteca, pegava livros e lia, sabe? Aí foi naquela época que comecei a gostar de ler.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Hãmm, como a leitura influencia muito, tanto na escrita como falar em público, eu acho que quanto mais você lê, mais você se esforça. E eu acho que como não tive muita leitura durante o pré e quarta série, prejudica um pouco na hora da escrita. Sinto bastante dificuldade. Mas agora tá mudando bastante aqui na escola.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Alguém que administre... O que deve ter? [Longa pausa]. Tem que ter conforto, né? Você tem que se sentir confortável numa biblioteca. Silêncio. E livros que você goste de ler, mas, exemplo, assim, não só livros que você goste, mas também te ensine alguma coisa.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Sim. Eu... quer dizer, eu utilizava, né, quando eu fazia o SENAI. Lá tem muitos livros pra ler. Na oitava série sempre pegava livro de lá. Eram cinco livros, assim. Algumas vezes a gente pegava pra escola mesmo. Não que aqui não tinha. Tinha, mas lá tinha mais livros, né?

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Que a escola, agora que eu vou sair, que a escola continue sempre, sempre, fazendo essa gincana pra arrecadar livro. Pra ajudar, né, pra desde pequenininho incentivar a ler. Que a leitura é fundamental. Tanto pra escrita, como pra imaginação. Não só ficar no computador, na internet, nas tecnologias. Isso... você pode, pode, pode mexer e ser feliz, mas eu acho que tendo um livro na mão você vai ser mais feliz, ainda. É onde você sai da sua vida real e vai virar uma... uma coisa diferente. É como, como que eu posso dizer... saísse da sua rotina e como se você vivesse como personagem. Se você tá irritado, a hora da leitura para, te passa [para] um outro lugar, entendeu? É como se eu tivesse vivendo a história, sendo personagem. [E o computador não permite isso, na tua compreensão, porque?] Porque você não... você escreve de uma maneira errada. Até, às vezes eu vejo muita gente digitando errado e isso me incomoda bastante, na questão de acento, vírgula. Você não aprende nada com isso. Deixa eu ver, a tecnologia pode ser uma evolução, mas eu acho que a tecnologia tá tirando esse fato de uma criança pegar um livro e começar a ler.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “V”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

É um espaço onde a gente pode se refugiar. Porque na sala de aula muitas vezes é imposto conceitos pra gente, e a biblioteca é o lugar onde a gente encontra livros, e o livro, ele, abre a nossa mente pra aquilo que é tão pequeno e fica muito mais extenso o nosso

conhecimento, do que a gente podia imaginar antes. Então, é um lugar de descoberta, um lugar de refúgio.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Quando ela está aberta, sim. [risos]. É que ela ficou um tempinho fechada, né, que a gente estava sem bibliotecária. Daí a gente... Mas no ano passado a gente utilizava bastante ela. Eu pegava livros e muitas vezes a gente vinha aqui com o professor [nome do professor], pra ler mesmo, pra fazer trabalhos. Às vezes a gente trazia alguns livros de casa, como eu que sempre trazia mais livros de casa, e aproveitava aqui mesmo. Mas, nesse ano a gente usa bastante pra trabalho também. Pra pegar livros pra fazer trabalhos. A gente vinha, pegava e apresentava o livro com um tema que a gente tinha. É... livro de literatura sobre Manuel Bandeira, Cecília Meireles...

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

A primeira vez que eu vim na biblioteca ela não era aqui, era lá em cima, foi no primeiro ano. Aí a nossa professora ela deixava a gente pegar livros à vontade. Então, a gente, tinha crianças que mal sabiam ler, já pegavam livro grosso, tentavam ler. Eu lembro que eu peguei o meu primeiro livro, ali, e depois a gente deu uma paradinha, que daí tinha livros na sala, a gente fazia a biblioteca na sala, daí a professora fazia uma tenda⁹⁵ e tal. E depois foi mais, acho que na sétima e na oitava, que a gente tinha um professor e ele fazia todo mês a gente vim na biblioteca, pegar um livro, ler, fazer um resumo e entregar pra ele. Então, era mais constante. Ah, e também no primeiro ano [do Ensino Médio] com a outra professora, que ela fazia isso constantemente [na biblioteca]. É... na sétima, na oitava e no primeiro. Aí no segundo ano já foi abrindo mais pra livros que a gente tinha em casa. Agora a gente já quase não vem. Primeiro, porque a gente pega os de casa, né? E outro, como a gente está estudando para o Enem, a professora ainda não pegou os livros do Enem. Ela está estudando mais a arte, a arte

⁹⁵ Uma cabana de tecido, presa ao teto por um único gancho - lembrando uma cabana cônica, típica dos índios norte-americanos -, onde os alunos permaneciam sentados enquanto a professora contava histórias. A ideia da tenda ainda permanecia na escola, pelo menos na biblioteca. Encontrei uma na biblioteca cujo detalhamento é descrito no capítulo 5.4.2 referente aos dados do *Diário de visitas às escolas/bibliotecas*.

abstrata, a arte... Ela trabalhou muito isso no ano passado com a gente, livros. Esse ano ela está mais...

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Ah, de aprimorar o conhecimento. É basicamente isso.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

*Deve ter livros. Bons livros. Acho que seria bem legal, também, essa proposta da tenda. De contar para as crianças as histórias. Ter também alguns filmes próprios que a escola deveria ter [e] eu não vejo. Uma coisa que acho bem legal é a decoração. Por mais que aqui não tenha muita, mas usando uma decoração onde a criança e os adolescentes poderiam interagir. Não sei, cada semana alguém podia trazer uma frase de um livro e colocar no mural. Uma coisa pra ser mais interativa pra gente usar mais a biblioteca. Seria legal. **[Uma coisa que você mencionou no início do seu depoimento é... “bons livros”. No seu entendimento o que significa “bons livros”?] Os livros que crescentem. Tem muito livro que espana, espana, espana assuntos, mas não te acrescenta nada. Não te edifica, na verdade. Então, fica uma coisa meio... Um livro que me acrescenta bastante, que eu tô lendo, na verdade, é O Peregrino. Ele é uma história muito boa e que acrescenta na vida de todo mundo. São coisas, assim que, não tipo auto-ajuda, mas é algo que vai te acrescentar, que vai te fazer amadurecer. Tem livros que muitas vezes nós lemos e que eles ficam só num assunto e tratando de um assunto só, e esse assunto é tão efêmero, ele não, não vai, assim, não te acrescenta nada. Aí, geralmente, as pessoas sempre pegam esses livros que são mais fáceis de fazer resumo, são mais fáceis de contar pra sala e não acrescenta aquilo na vida.***

6 Você utiliza outras bibliotecas? Para que?

Como a minha mãe é professora e minha irmã, também, enquanto elas dão aula, às vezes dou uma escapadinha e vou na biblioteca. Mas eu nunca fui, assim, uma pessoa de ir em outras bibliotecas, né? Sempre fico nessas que estão mais próximas, mesmo.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Bem, como eu falei, eu fui sempre acostumada, em casa, a ler, a ler bastante. Então, como a minha mãe, antes mesmo de ser professora, ela sempre nos levou pra esse caminho. Aí quando eu cheguei na escola o meu primeiro contato foi com a biblioteca lá em cima, né, era bem menorzinha, só tinha, nossa, tinha poucos livros, eram todos velhos. E eu lembro que o primeiro livro que eu peguei foi o Curió. Eu nunca esqueço desse livro. É um livro bem infantil, mas que fala sobre os curiós e eu gostava de passarinhos; dos pássaros eu gostava. Aí fui crescendo, fui crescendo, e essa biblioteca, ela é importante, essa aqui, ela é bem importante pra mim porque quando a minha mãe era professora aqui eu ficava a tarde perambulando pela escola junto com outra filha de professora e a gente vinha aqui. A gente era louca por livros. A gente catava qualquer livro que via e eu participei da construção de algumas coisas daqui da biblioteca. É por isso que eu me propus para a entrevista, porque é uma parte de mim. Então, a gente vinha aqui, tava tudo bagunçado, a gente arrumava e colocava, punha cada coisa em seu lugar. A gente ajudava as bibliotecárias e as várias coisas que a gente fazia de trabalho estão aqui. A gente gostava. Aquela tartaruga [e aponta para uma grande tartaruga feita em massa de celulose, exposta numa estante baixa próxima à porta da biblioteca] foi trabalho nosso. Aí cada coisinha aqui na biblioteca me remete a alguma série que eu passei. Tipo, os livros, [no] ano passado a gente vinha aqui de tarde pra fazer coisas que a gente não conseguia fazer na aula de português com todo mundo. Aí a gente vinha. Porque é... muitas trabalhavam. Era como se fosse um... pessoas que tinham nota baixa elas poderiam vim aqui de tarde pra fazer, tipo, uma tarefa extra pra acrescentar mais notas. Aí a gente vinha aqui, a gente acabava e a professora falava: “Vocês querem ir na biblioteca?” Daí a gente descia e tava aquela pilha de livro, que a gente fez uma gincana e a gente arrecadou bastante livro. Então, a gente [no] ano passado, aí a gente arrecadou um montão de livro e tava tudo espalhado e teve que arrumar tudo de novo. Aí enquanto isso a gente, aí era legal a gente reconhecia os livros que a gente, que nós mesmas doamos. [risos]. No final a gente até deixou escapar, de tanto livro que tinha, que tinha tanta série boa, que muita gente, realmente, se interessou pela biblioteca. E, não sei, a biblioteca é um espaço bom. Eu acho que a gente deveria utilizá-lo mais, já que a gente tá no “Terceirão” e é bem estressante estar no “Terceirão”. É que é muita coisa e é tanto dinheiro pra ser gasto em tanta, tanta coisinha que vai, como eu falei, que vai virar coisas tão efêmeras e essas coisas que a gente passa aqui, como eu te falei, são menores. Então, essas memórias elas nunca vão sair.

Então, não sei, a gente não teve ainda contação de histórias. Por mais que a gente esteja no “Terceirão”, mas isso eu gosto de sentar aqui no chão da biblioteca e ficar lendo como a gente fazia há alguns anos atrás. Uma coisa, assim, que a gente perdeu agora e que a gente gostaria de ficar... acho que a minha sala toda, na verdade, a gente gostaria de tirar um momento, assim, e vim aqui na biblioteca pra dar uma relaxada, assim. Era legal, também, que a biblioteca ficava aberta no recreio. Então, muitos vinham com os instrumentos quando a gente tava ensaiando pra gincana. A gente vinha, a minha sala vinha aqui, ensaiava. Aí as pessoas ficavam em volta, os professores junto tocavam flauta e vinha junto e... era um espaço bem bacana. Dá pra fazer alguma coisa bem legal no recreio, de expor alguma ideia de, não sei, cada sala ficar responsável por um dia do recreio, da semana, de ficar fazendo coisas diferentes para as crianças, para não ficarem correndo no recreio. [risos]. São coisas legais, pequeninhas, mas que vão se construindo. Acho que é isso.

ESCOLA 12 - 11/07/2016

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “W”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

Bom, é um lugar onde a gente pode buscar o conhecimento, né? É tá procurando conhecer diversas coisas, tipo... Ah, não sei explicar. Porque nos livros a gente pode buscar qualquer coisa, desde uma receita até conhecer novos lugares onde a gente nunca poderia conhecer. Eu acho que é isso.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Sim. Eu venho aqui nas segundas e quartas, toda semana. Eu faço as atividades de sala e depois eu leio os livros.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Eu acho que agora é o momento onde eu tô usando mais a biblioteca. Porque antes, quando eu tava no Ensino Fundamental, eu, a gente ia, né, semanalmente pra pegar o livro, mas eu quase não ia lá, fora isso. Mas agora, como tem que ler essas coisas, livros de vestibular e tá fazendo as atividades de sala, e daí eu acabo estando aqui na maior

parte do tempo. Tipo, no primeiro ano eu já comecei a tá frequentando mais aqui, entendeu? Mas é mais esse ano, principalmente esse ano. Passo muito tempo aqui.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

O papel da biblioteca para as pessoas desta escola? Olha, eu não sei te responder, porque parece que a maioria das pessoas nem sabe da existência dela. É meio estranho. Mas para os que usam a biblioteca eu acho que é bom, né? É um meio de conhecimento, né? Sei lá, não sei responder.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Livros, né? [risos]. Eu acho que deveria ter também acesso à internet porque o que a gente não pode encontrar nos livros a gente pode pesquisar, né? E acho que é isso. [A escola não têm acesso à internet?] Tem, mas eu acho que assim ó, digamos, aqui na nossa biblioteca a gente tem o livro, o computador, mas a gente não tem acesso à internet, entende? Entendeu? Acho que seria interessante. Digamos, se já tivesse só o acesso à materiais específicos, digamos, sites só de pesquisa ou, tem uns sites aqui que a gente tá usando agora no terceiro ano, por exemplo, o “Hora do Enem”, essas coisas assim. Se funcionassem pra nós já seria bem útil. Porque dá de fazer simulados, essas coisas. A gente podia tá usando aqui dentro com o apoio dos livros que tem aqui. Ia ser bem interessante pra gente. [Esses sites vocês usam...] Só em casa, porque no caso, é... o Laboratório de Informática a gente só usa com os professores, né, e tá sempre sendo usado com outros professores. Então, a gente acaba não indo lá. Só com os professores. Então, acho que seria bem interessante se aqui funcionasse [a internet] a gente poderia tá respondendo as questões [do Enem] com o apoio dos livros pra tá aprendendo mais, entendeu?

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Não. Só aqui. [Por que?] Porque eu passo a maioria da parte de meu tempo aqui. Tipo, segunda-feira eu faço Inglês aqui na escola. Então, eu começo, meu Inglês começa só três e quinze. Então, eu passo do horário que eu termino de almoçar até o horário do Inglês, aqui dentro. Então, é mais prático onde eu já tô, já aproveito e fico aqui.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Em relação à biblioteca... Acho que não em relação à biblioteca, mas em relação aos livros. Porque uma vez a gente teve um projeto sobre, é, como se aplica os livros na escola e como eles podem mudar a vida dos alunos, entendeu? O comportamento dos alunos. O livro era o Tosco, não sei se tu conhece, e daí a gente participou com esse tema numa Feira de ciências e daí a gente ganhou a Feira de ciências regional, foi pra estadual, e a gente viu, tipo, muita diferença do comportamento dos alunos. Foi, tipo, muito legal ver que um livro podia impactar na vida dos alunos e fazer com que eles mudassem de comportamento. Foi bem... Foi na oitava série.

PESQUISADORA E ENTREVISTADO(A) “X”

1 Para você o que é biblioteca escolar?

É uma oportunidade de a gente encontrar com a literatura, né? Porque muitas vezes... Eu sou uma pessoa que eu gosto muito de ler. Então, a biblioteca proporciona essa oportunidade que a gente tem. Porque, muitas vezes, livro é caro e também tem a coisa que [a] internet, às vezes, não tem todos os livros que a gente quer. Então, vindo na biblioteca a gente tem essa oportunidade de poder ler e poder aprender um pouco mais, né, não só da coisa da sala de aula. Porque o livro, ele, não traz só os métodos científicos, né? Ele traz também as experiências que outras pessoas tiveram na vida delas.

2 Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Então! Esse... Ultimamente não. Eu utilizava mais antes, quando eu tava na sexta, sétima série. Na verdade, fui começar mesmo a ler, assim, na oitava série, que foi quando comecei, realmente, a gostar de ler. Antes eu utilizava muito quando eu tava até a quarta série. E daí a gente tinha gibizinho na sala, tudo. Mas a gente, eu utilizava mais a biblioteca naquela época. Agora, realmente, eu tô utilizando para ler os livros do vestibular porque é muito difícil achar em outros locais que é mais procura, que a Biblioteca Pública tem muita procura. E aqui na escola eles proporcionam vários, vários livros do vestibular e não só um de cada. Eles têm mais de cinco [exemplares]. Então, é muito bom isso pra gente.

3 Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Eu utilizei, mas como eu disse até a quarta série, que utilizava bastante pra pegar livro, que eu gostava de ler livros pequenos, né, com ilustração... E com o tempo eu fui utilizando mais a biblioteca pra estudo do que pra leitura. E eu vinha com os meus amigos fazer trabalho, eles [os responsáveis pela biblioteca] auxiliavam até a gente, às vezes, na biblioteca. Porque no Laboratório, às vezes, tem que marcar horário. Então, a gente vinha pra biblioteca. [Laboratório de...] Os laboratórios das matérias, das disciplinas que têm. Química, matemática... [Tem livros, também? Tem biblioteca em cada um deles?] Não. Tem os professores pra ajudarem no estudo. Mas o de português tem livro. Tem literatura lá. Daí a gente também pode pegar livros ou eles nos dão. Até na sexta série eles deram o livro Tosco pra gente, que a gente podia levar pra casa, ler. Ler e levar pra casa, né? Aí eles nos deram esse livro. Mas eu utilizei mais a biblioteca foi nessa época mesmo, até a quarta série, e depois foi mais pra estudo do que pra leitura.

4 Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Então! Como eu tinha dito, eu acho que é mais influenciar, não influenciar só a leitura, mas influenciar a conhecer novas histórias. Porque às vezes as pessoas vêem livros só como literatura brasileira e leitura, aquela literatura que tem a linguagem antiga. E livro não é só isso. Tanto que quando tu começa a ler outros autores, até mesmo brasileiros, mas que contam histórias, às vezes, da tua idade ou coisas que pessoas mais velhas tiveram experiência e tão contando ali pra ti, eu acho que é isso que a biblioteca proporciona, né? Histórias que a gente pode experimentar viver um pouquinho junto.

5 Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Eu acho que deveria ter todos os tipos de gêneros, né? Porque eu gosto de uma leitura que é mais literatura adolescente porque eu ainda estou nessa fase, ainda, literatura infanto-juvenil, né? Mas, também, eu gosto muito da literatura... mais de adulto romântico. Então! Eu gosto disso, mas tem pessoas que não. Tem pessoas que gostam mais da literatura, realmente, moderna, literatura realista. Então, deveria ter todos os gêneros pra que todas as pessoas pudessem ler um pouco daquilo que

elas gostam. Porque não adianta nada ter uma biblioteca só de livros de literatura brasileira, do realismo, ou, então, ter só livro infanto-juvenil, porque tem pessoas que não lêem todos os livros, mas aqueles que elas gostam, elas lêem. Então, é uma oportunidade da pessoa ler alguma coisa.

6 Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Então! Ultimamente... eu fui mais na biblioteca do SESC que lá também tem vários livros infanto-juvenis. E eu utilizo mais e-book mesmo, porque daí você baixa o livro e lê no celular, né? Porque daí eu não preciso tá levando o livro. Tenho medo de estragar, tem essa coisa, tenho muita fissuração por livro, então, não pode estragar. Então, eu deixo no celular que é mais fácil. Se tô no ônibus tô lendo. Então, é um jeito que eu mais utilizo mesmo.

7 Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

É... Às vezes os alunos pensam que biblioteca é uma coisa, assim, “Só livro chato” ou “Eu não vou gostar de nenhum livro que tem”, porque a maioria das pessoas não tem o costume de ler, na verdade. Não tem o hábito de ler. E eu vejo que tu ler um livro, tu vim numa biblioteca é uma experiência nova. É um costume. Se tu começa lendo um livro “Ah, eu não gostei”, mas tenta outro porque talvez tu vai gostar de outro. Então, tem muita gente que tem esse preconceito com o livro, né? Fala que todo livro é chato, que toda biblioteca só tem livro chato e não é assim. É, ler é uma coisa que te motiva, é super... Às vezes, eu prefiro ler do que ver TV. Eu acho que, eu imagino, eu imaginar é muito melhor do que eu ver. Porque às vezes eu me decepciono com o que eu vejo e que a minha imaginação não vai me decepcionar, porque é uma coisa que só eu, sabe, vou ver aquilo e eu vou, realmente, gostar daquilo que eu estou imaginando. Então, as pessoas têm muito essa coisa “Não, não gosto de ler”, “Não gosto de ir em biblioteca” e acabam perdendo a oportunidade de conhecer histórias que elas talvez não tenham chance. Talvez um livro não vá se tornar um filme e elas nunca acabem se deparando com aquela história.

APÊNDICE L - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 - IAD 1: QUADRO DAS EXPRESSÕES-CHAVE (E-CH), IDEIAS CENTRAIS (IC) E ANCORAGENS (AC)

Pergunta 1 - Para você o que é biblioteca escolar?

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
A - <u>A biblioteca escolar é um lugar onde a gente pode aprofundar os estudos. É... conhecer mais, é saber de outras histórias e... é se aprofundar mais no que a gente quer conhecer. Conhecer algo novo. É isso que a biblioteca é pra mim.</u>	IC: Conhecimento (A)
B - <u>É importante na construção mental de uma criança. Enquanto ela vai crescendo, ela vai entendendo o conceito de leitura que é importante pro crescimento dela na escola e na vida social. Acho bem importante.</u>	IC: Formação do Intelecto (B)
C - <u>Ah, a biblioteca é um lugar onde a gente possa, tipo, ler livros por espontânea vontade de, tipo, querer ler, de querer se ajudar, de querer pesquisar. É um ambiente onde tu te sentes mais seguro pra poder aprender as coisas.</u>	IC1: Leitura (C) IC2: Pesquisa (D)
D - <u>Ah, é o lugar onde a gente pode pegar livros diferentes para distrair um pouco a mente, ler um pouco, até mesmo pra fazer trabalho, porque em português, por exemplo, às vezes dão um trabalho sobre um certo livro e a gente tem que ler ele.</u>	IC: Leitura (C)
E - <u>Bom, pra mim é uma fonte de conhecimento, né? Eu que gosto muito de ler, assim, sempre fui muito... eu sempre aproveitei muito, assim, pra... Desde criança pegava gibi, revista, livros mais infantis, assim. Agora, que eu estou mais... mas a gente aloca é, livros que a professora pede pra fazer provas. Aqui é bem aproveitativo assim. Acho que é bem, bem bom.</u>	IC: Conhecimento (A)
F - <u>Bom, para mim a biblioteca escolar, ela é um ambiente que a escola fornece pra gente, que auxilia, né, auxilia nos trabalhos, nas pesquisas. E, tipo, a gente desenvolveu um gosto pela leitura, também. Porque a partir da escola desenvolvi o gosto pela leitura. Foi desde o meu Ensino Fundamental que eu freqüento [a biblioteca]. Daí, graças à escola, eu gosto de ler e já tô escrevendo um livro. Eu adoro escrever.</u>	IC1: Trabalhos, pesquisa. (D) IC2: Leitura (C)
G - <u>A biblioteca escolar seria onde..., ah, onde a gente pode aprimorar o nosso conhecimento. Como quando nós éramos pequenos, os professores sempre traziam aqui e faziam nós lermos livros e levar pra casa e... é legal porque</u>	IC1: Conhecimento (A)

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p><i>you know new stories and you are improving your imagination. When you see one... a little book of fantasy you already get lost with it. E, também, não só livros infantis, mas você <u>vir aqui e ter vários livros e</u>, em todas as bibliotecas, e você pode, sei lá, <u>tá sempre aprimorando o teu conhecimento.</u></i></p>	<p>IC2: Leitura (C)</p> <p>IC3: Livros (F)</p>
<p><i>H - Leave me see... I think that <u>library is not just for you to go get a book to read. It's where you go to study too. It's a place that is for being more calm, more quiet that generally in the halls. At you can study. For example, <u>here there is not much, but [em] other libraries, that I see generally have other types of books, for example, of different courses for you to study. It's that. A place for study, more.</u></u></i></p>	<p>IC1: Estudo (D)</p> <p>IC2: Silêncio (E)</p> <p>IC3: Livros (F)</p>
<p><i>I - Let's say that, <u>on the part of childhood it would be a way to ease the idea of that that is the world for a child.</u> In my era it was for that that served. <u>At according to what you are passing the time the library brings, for example, some inclusive contents. Bring a content for you you know that that that treats the world, that that the world brings for you, that that will bring, and it will be preparing for that that will be.</u> <u>It is of a slow, gradual, of you, of teaching, of the school to teach, unconsciously, of how the world is.</u> Do that that the world treats. It would basically be that.</i></p>	<p>IC: Formação do intelecto. (B)</p>
<p><i>J - A library school for me... In reality, I am not a person who reads a lot. I am not. I am a person, I do not know, I am not a person who does not read and also that does not read a lot; a person in the middle, like that. In reality, I started to be interested, even, in books only [de] a few years ago. I went to read more because as I was going, already starting to do the course, already to go to work, already I need to get a little of knowledge for my profession, right? For doing, for the courses that I am doing. Then, a library for me would be <u>a local where there would be a... , there would be books, right? [...]. Books. A local where people can have knowledge, right? Because you, for example, each book tells a part of the world, right? You, then, <u>only with a book you can know a part, any part of the world.</u> Then, a library for me <u>is a local of knowledge.</u></u></i></p>	<p>IC1: Livros (F)</p> <p>IC2: Conhecimento (A)</p>
<p><i>K - Ah, it is a source of knowledge. If you see... <u>now with the computer, right, with the internet, it is easier. But previously, as I had the library, it was easier de...</u></i></p>	<p>IC1: Conhecimento (A)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<i>as pesquisas eram feitas todas aqui, né?</i>	IC2: Pesquisa (D)
L - <i>Pra mim, o que é biblioteca escolar? É onde... Acho que <u>muitos jovens deveriam frequentar a biblioteca escolar. Porque hoje em dia acho que a literatura é uma coisa muito importante pra gente. Acho que hoje muita gente preferiu ir muito pro mundo da internet, celulares. Esqueceu os livros, deixou os livros de lado. Já eu penso diferente. Às vezes eu deixo o celular de lado, vou ler um livro, acho que é uma coisa que me traz mais benefício do que ficar só atrás de uma rede social. Biblioteca pra mim é tudo. Tudo. É onde a gente... É a fonte do nosso conhecimento, de literatura, várias... Onde a gente pode... Algumas histórias a gente pode, como posso dizer, se encaixar [se imaginar] em algumas histórias de alguns autores. Muitas coisas assim.</u></i>	IC1: Literatura (G) IC2: Conhecimento (A)
M - <i>É o espaço onde os alunos podem se reunir tanto para estudar, é, usar a biblioteca como um espaço onde a gente possa ter concentração pra estudar pra provas ou fazer trabalhos e pesquisas, tanto um lugar que possa fornecer um pouco de conhecimento. Conhecimento de ide... do modo de a gente pegar livros, e essa questão de pegar livros, levar pra casa pra estar tendo acesso ao conhecimento, pra gente ter um pouco mais de cultura. Porque a biblioteca oferece esses livros de vestibulares, essas coisas. Agora que a gente tá no Ensino Médio, pensa né? E também um lugar de concentração e estudo.</i>	IC1: Estudo, trabalhos, pesquisa (D) IC2: Conhecimento (A)
N - <i>É um lugar pra gente, vamos supor, ir lá e se desligar, assim, das conversas de dentro da sala. Ir lá e ficar no teu canto, ler um livro. É, tipo, ler e pensar. Pensar, tipo, o que vem na tua mente, assim.</i>	IC: Refúgio (H)
O - <i>É o centro que eles, de guardar, que armazenam os livros que eles ganham do governo, ou pode ser também que eles trazem. E ali eles ensinam as crianças, adolescentes a aprender a ler histórias. ["Eles" quem?] Professores. Professores, diretores, quem tiver lá na sala [biblioteca] ensinando.</i>	IC1: Livros (F) IC2: Leitura (C)
P - <i>Para mim é o espaço onde tem os livros, a gente pode, através dos livros, fazer pesquisas. Enfim, nosso espaço, nosso momento. Apesar de não ser muito usado, acaba sendo o nosso espaço.</i>	IC1: Livros (F) IC2: Pesquisa (D) IC3: Lugar do e para o aluno (I)
Q - <i>Olha, eu acho que é um local onde a gente vem pra "viajar" pra outro lugar. Porque quando a gente lê, querendo ou não, a gente "viaja" pra outro mundo, a gente sai da nossa realidade pra viver outra. Então, é um lugar</i>	IC: Refúgio (H)

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<i>que a gente vem, mesmo na escola, pra “viajar” pra outro lugar, conhecer outras coisas bem diferentes.</i>	
<i>R - Pra mim é um lugar onde fica muito conhecimento armazenado de diversos temas, né, não se contendo a um tema específico, isso, em geral concentrado em um lugar só.</i>	IC: Conhecimento (A)
<i>S - É um lugar onde os alunos têm um acesso mais fácil a livros pra fazer pesquisas, porque é, tipo, nem sempre todos têm internet em casa, muitos, e aqui em [...] mesmo, só tem uma biblioteca pública, no Centro se eu não me engano. Daí é também uma facilidade [a biblioteca na escola] daí é ruim ir daqui até lá.</i>	IC: Pesquisa (D)
<i>T - Ah, basicamente é o conceito, né? É o lugar onde ficam todos os livros que a escola recebe, alguns do governo, a maioria na verdade, que eu vejo, que eu pego e tem o selo do governo. Então, pra mim é o espaço dos livros. Aqui na nossa escola também tem não só o livro, mas os mapas, as... umas enciclopédias, assim, outras coisas, que não são só livros, mas a TV também, que tem aqui. Então, acho que é um espaço dos livros e também para se ler. Onde deve, onde deveria ter mais silêncio, assim. Um lugar para a leitura e onde guarda os livros. Basicamente acho que é isso, pra mim, biblioteca.</i>	IC1: Livros (F) AC: Conceito tradicional: biblioteca associada ao lugar do livro. (A) IC2: Leitura (C) IC3: Silêncio (E)
<i>U - Biblioteca escolar? É um lugar onde tem imaginação, onde o ser flutua. É um lugar onde tem que ter silêncio pra você se encontrar, se centrar e imaginar, pra “viajar”, sair do... da vida real pro mundo imaginário.</i>	IC1: Refúgio (H) IC2: Silêncio (E)
<i>V - É um espaço onde a gente pode se refugiar. Porque na sala de aula muitas vezes é imposto conceitos pra gente, e a biblioteca é o lugar onde a gente encontra livros, e o livro, ele, abre a nossa mente pra aquilo que é tão pequeno e fica muito mais extenso o nosso conhecimento, do que a gente podia imaginar antes. Então, é um lugar de descoberta, um lugar de refúgio.</i>	IC: Refúgio (H)
<i>W - Bom, é um lugar onde a gente pode buscar o conhecimento, né? É tá procurando conhecer diversas coisas, tipo... Ah, não sei explicar. Porque nos livros a gente pode buscar qualquer coisa, desde uma receita até conhecer novos lugares onde a gente nunca poderia conhecer. Eu acho que é isso.</i>	IC: Conhecimento (A)
<i>X - É uma oportunidade de a gente encontrar com a literatura, né? Porque muitas vezes... Eu sou uma pessoa que eu gosto muito de ler. Então, a biblioteca proporciona essa oportunidade que a gente tem. Porque, muitas vezes,</i>	IC1: Literatura (G)

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p><i>livro é caro e também tem a coisa que [a] internet, às vezes, não tem todos os livros que a gente quer. Então, vindo na biblioteca a gente tem essa oportunidade de poder ler e poder aprender um pouco mais, né, não só da coisa da sala de aula. Porque o livro, ele, não traz só os métodos científicos, né? Ele traz também as experiências que outras pessoas tiveram na vida delas.</i></p>	<p>IC2: Conhecimento (A)</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 2: Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p>A - <i>Eu já utilizei mais, em anos anteriores. Hoje em dia eu não utilizo. Não utilizo tanto por causa da internet. Porque a internet a gente sabe que tá nas nossas mãos, né? Então, eu não utilizo muito a biblioteca e até porque eu tenho bastante livro em casa. Então, quando não tem nada na internet eu pesquiso nos livros em casa. Eu pegava muitos livros pra... de história pra ler e ficava em casa lendo e viajando nos livros. [...]. E eu sempre entregava, assim, na hora, do dia marcado.</i></p>	<p>IC: Não. Não muito. Prefere a internet e livros que tem casa. (A)</p> <p>AC: <u>Internet mais acessível, menos uso da BE.</u> (B)</p>
<p>B - <i>Não. Hoje, não. Não como antes que eu sempre vinha pegar livro pra ler. Porque depois que eu comecei a mexer na internet, aí eu não precisei mais vim aqui pra pegar livro pra fazer trabalho. Aí, eu faço em casa. E livro, assim, [de literatura], eu leio quando eu compro ou as minhas colegas têm e elas indicam um livro pra ler e eu leio. Mas aqui [na biblioteca] não.</i></p>	<p>IC: Não. Utiliza a internet, compra livros de literatura ou empresta de colegas. (A)</p>
<p>C - <i>Sim, principalmente quando tem trabalho pra pesquisar em livro. Porque aqui tem bastante livros antigos e são os livros que têm mais coisas, tipo, história, geografia, matérias assim. Aí é mais fácil pra pesquisar.</i></p>	<p>IC: Sim. Para pesquisar em livro. (B)</p>
<p>D - <i>Sim. Eu venho bastante aqui pra ver se tem alguma coisa, algum livro que me interessa, porque eu gosto muito de ler, mas eu sou um pouquinho chata. [...]. Aí eu sempre venho por aqui pra ver. [Um pouquinho chata, como?] É que o livro tem que me chamar a atenção pra eu ler, porque nem todo o livro chama a atenção. Eu gosto de livro de aventura, de fantasia, de comédia. O último que eu li foi A Elite da série A Seleção. Eu tô com A Escolha emprestado pra eu ler ainda.</i></p>	<p>IC: Sim. Para ver se tem algo de interesse. (B)</p>
<p>E - <i>Sim. Pelo menos uma vez, no mês eu venho pegar um</i></p>	<p>IC: Sim. Para</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p><u>livro pra ler. Às vezes as professoras fazem provas, né, com os livros que elas pedem e têm na biblioteca e daí a gente aluga aqui. Mas, senão, eu pego pra ter uma leitura mais dinâmica, assim, mais por lazer mesmo, né, no recreio, geralmente. É porque os professores não liberam a gente.</u></p>	<p>emprestar livros de literatura para provas e lazer. (B)</p>
<p>F - <u>Eu costume. Antigamente, no Ensino Fundamental, eu utilizava mais, mas agora eu utilizo também, só que eu compro meus livros também. Eu gosto de ter os livros em casa pra ler. Eu utilizo bastante, porque eles têm uma variedade de materiais para pesquisa, tipo, biologia, química. E essas coisas a gente não costuma comprar. Daí é ótimo vim pesquisar aqui pra fazer trabalhos, me aprofundar e tudo.</u></p>	<p>IC: Sim. Para emprestar livros para pesquisar. (B)</p>
<p>G - <u>Da escola eu não... geralmente, agora eu não tô mais usando muito e porque também tem internet, então, já é mais fácil. Na escola eu não venho muito. Quando eu tava, acho que até, acho que na oitava, sétima, não sei, nesse período eu vinha bastante, que os professores traziam bastante. E quando você vai pro Ensino Médio daí eles não trazem muito. Mas, eu vinha bastante aqui. Sempre pegava livro e levava pra casa.</u></p>	<p>IC: Não muito. Prefere a internet. (A)</p>
<p>H - <u>Mais ou menos. Eu, agora de noite a gente vem mais pra... A professora, ela dá [indica] um livro, só livro, daí a gente vem. Fica a critério do aluno se quer ou não pegar daqui. É só isso mesmo, de noite que a gente vem pra biblioteca.</u></p>	<p>IC: Mais ou menos. A professora indica livros de literatura, mas na BE procura quem quer. (A)</p>
<p>I - <u>Hummm, hoje em dia não. [Por que?] O meu interesse por leitura decaiu muito por causa de trabalho, eu não tenho paciência pra leitura mais, e tem também que os livros da biblioteca não têm mais aquela... não traz, não cativam mais o meu interesse. São sempre os mesmos há uma década, pra mim, Então, não me move mais nenhum pouco pra ler esses livros.</u></p>	<p>IC: Não. Perdeu o interesse. Trabalha. (A)</p>
<p>J - <u>Não. Eu utilizo a biblioteca... Eu faço o SENAI. Eu utilizo a biblioteca do SENAI. Bastante! É que o tipo de livro... É que eu gosto mais de livro mais técnico pra ler. Os livros gerais, livros de modo geral eu não gosto de ler muito.</u></p>	<p>IC: Não. Prefere livros técnicos. (A)</p>
<p>K - <u>Muito raro, por causa que aqui só ficam os livros didáticos, né, que a gente usa em sala de aula. Porque as pesquisas a gente faz sempre na internet, né? No Ensino Fundamental, ali, até a quinta série [...] a gente usava</u></p>	<p>IC: Muito raro. Utiliza a internet. Na BE vai apenas para buscar os</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p><u>bastante. Vinha aqui fazer pesquisa. Faz tempo, né, da quinta série pra frente não fui mais. Só pra vir buscar os livros didáticos. Às vezes a professora de português, é, pedia trabalhos e a gente pegava livro daqui.</u></p>	<p>livros didáticos utilizados em aula. (A)</p>
<p>L - <u>Costumo. Costumo. Até umas semanas atrás eu peguei um livro aqui e não consegui ler tudo, mas de vez em quando, quando eu tenho tempo, eu frequento, A biblioteca fora pegar livro a gente usa pra, às vezes, pra passar um tempo a gente lendo um livro aqui dentro. Biblioteca, pra mim, é isso também.</u></p>	<p>IC: Sim. Para emprestar livros de literatura e ler no local. (B)</p>
<p>M - <u>Não para a locação de livros. A gente, eu, no caso, uso bastante pra vir com o pessoal da sala, com os colegas, pra tá estudando pra prova quando a gente tem um tempo no intervalo de aula e tal. Pra estudar.</u></p>	<p>IC: Sim. Para estudar para provas. (B)</p>
<p>N - <u>É, hoje, hoje, pra ser sincero, não vou muito. Mas, quando nas séries menores, a partir da terceira série, quarta série, eu ia bastante. É porque, tipo, tinha todo dia um, toda semana, que eu me lembro, que a gente tinha um, podia alugar um livrinho. A gente ia lá, [na biblioteca] e assinava. Então, é uma experiência legal. Eu gostava de ler gibis, essas coisas assim. Daí eu ia lá, pegava, a gente alugava, marcava teu nome. Era uma coisa, assim, legal. Eu gostava. <u>Iam bastante pessoas, por isso que a gente se interessava. Porque todo mundo ia. Daí a gente acabava vendo as pessoas indo, e a gente sempre ia. Ia lá e assinava, levava pra casa, ficava lendo, trazia no outro dia. Era bem legal. E depois começou a ir na primeira série do Ensino Médio. Daí já acabou. Acho que a gente começa a trabalhar, essas coisas aí. É muita coisa. Então, não tem muito tempo.</u></u></p>	<p>IC: Não muito. Trabalha. Não tem tempo. (A)</p>
<p>O - [...] <u>eu não sou muito chegado a ler. Mas tem gente na minha sala que sempre que dá, vai lá, pega um livro, lê, depois vai lá, troca também.</u></p>	<p>IC: Não. Não gosta de ler. (A)</p>
<p>P - <u>Olha, quando eu era, lá no Primário eu vinha com frequência. A gente frequentava esse espaço, a gente utilizava os livros. Só que no decorrer do tempo isso acabou, acho que não sei se foi por causa, por ter mudado, assim de, por ter passado pro Ensino Médio e isso ter mudado, mas isso acabou reduzindo, sabe? Até esse ano eu vim uma vez aqui procurar um livro e ainda fui mal atendida, né? Que “Ah, mas não. Isso não é o momento adequado”. Mas tudo bem, mas a gente conseguiu o livro que a gente queria e saiu. Mas pra mim... mas eu não, acabo não utilizando muito. Eu acho que entre a primeira e</u></p>	<p>IC: Não muito. Por falta de pessoal a BE abre esporadicamente. (A)</p>

<i>Expressões-Chave (E-Ch)</i>	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p><i>quinta série a gente utilizava bastante, porque eu participava do projeto [sigla do projeto]. Utilizava bastante, <u>mas no decorrer do tempo isso foi se reduzindo, os professores não traziam</u>. Isso foi se reduzindo bastante. [O projeto [sigla do projeto] trata de...?] Eu não sei se ainda existe, né? Isso é durante o dia que ele ocorre. Era projeto de pintura de tela de tecido, é, várias coisas, sabe, pra ocupar a cabeça da, era mais as crianças. Pra ocupar as nossas cabeças. Eram coisas bem legais, mesmo. Mas hoje eu não sei se ainda... [Você disse que veio à biblioteca atrás de um livro...] Sim, este ano. [E segundo a pessoa que te recebeu, aqui na biblioteca, você não estava no momento adequado.] Sim, porque aqui à noite não tem ninguém que fique na biblioteca. Era no momento, num horário de aula. Daí essa mulher que ela, tipo, não tem ninguém <u>pra ficar fixamente aqui</u>, tipo, <u>todas as aulas</u>. Ela tem um horário pra vir aqui <u>pra atender</u>. Daí, ah, não está; sai. Daí, ela: “Porque eu tava aqui em tal aula e não tinha ninguém aqui”, não sei o que, não sei o que... Mas a gente não sabia, porque a gente não utiliza muito a biblioteca. Então, a gente não tinha um acompanhamento. Aí ela ficou meio chateada.</i></p>	
<p>Q - Costumo, <u>sim</u>, <u>Bastante</u>. Como por exemplo, eu tô com três <u>livros da biblioteca</u> [...] <u>pra ler</u> [...]. [...]. <u>Revistas</u> eu também pego, <u>ainda mais em ano de vestibular</u>. Então, <u>procuro utilizar bastante a biblioteca</u>.</p>	<p>IC: Sim. Para emprestar livros de literatura, e do vestibular, e revistas. (B)</p>
<p>R - Atualmente, <u>sim</u>. Mas, <u>antigamente</u> teve épocas que <u>sim</u> e teve épocas que <u>mais não</u>, porque <u>dependendo de como o professor trabalhava a gente não utilizava muito os livros da biblioteca</u>. <u>Hoje em dia a gente tá usando</u>. <u>No primeiro e segundo ano do Ensino Médio foram os anos que, praticamente, não foi usado o livro da biblioteca, em si. Foi falado sobre obras literárias que a gente tinha aqui. Só que a gente não usou. Mas este ano a gente tá trabalhando. Literatura brasileira. Os clássicos da literatura</u>.</p>	<p>IC: Sim. Para ler clássicos da literatura brasileira em atendimento ao currículo escolar. (B)</p>
<p>S - Agora, <u>assim, não</u>. Quando eu tava <u>nas séries iniciais eu usava bastante</u>. Agora, <u>hoje em dia, nem tanto</u>. Pegava livro. Livros de historinha mesmo, pra ler.</p>	<p>IC: Não. Nem tanto. (A)</p>
<p>T - <u>Sim</u>. Eu, neste ano, <u>sim</u>. <u>No ano passado eu estudava de noite e eu trabalhava, fazia curso e estudava aqui, né, então, eu não, no ano passado eu não lia</u>. Mas neste ano <u>como eu tô só estudando aqui na escola, eu venho direto aqui, como a [...] falou. Daí eu gosto bastante de vir aqui</u>.</p>	<p>IC: Sim. Para emprestar livros de literatura. (B)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p><i>no horário de aula, sempre, que aí já mais que eu tenho português, né, de matéria, daí a professora entende que eu tenho, daí eu venho. Mas aqui eu não leio. Eu só pego o livro. E fico uma semana. Caso eu não tenha lido, eu renovo. Daí, caso não, eu pego outra coisa.</i></p>	
<p>U - Ah, <u>nesse ano a biblioteca fechou, né? Porque não tem muita gente aqui pra coordenar, organizar. Mas ano passado era, acho que era toda semana a gente vinha aqui na biblioteca e lia, né, alguma coisa.</u></p>	<p>IC: Não. A BE não abre pela manhã por falta de pessoal. (A)</p>
<p>V - <u>Quando ela está aberta, sim. [...]. É que ela ficou um tempinho fechada, né, que a gente estava sem bibliotecária. Daí a gente... [...]. Mas, nesse ano a gente usa bastante pra trabalho também. Pra pegar livros pra fazer trabalhos. A gente vinha, pegava e apresentava o livro com um tema que a gente tinha. É... livro de literatura sobre Manuel Bandeira, Cecília Meireles.</u></p>	<p>IC: Sim. Quando está aberta, para emprestar livros e fazer trabalhos. (B)</p>
<p>W - Sim. <u>Eu venho aqui nas segundas e quartas, toda semana. Eu faço as atividades de sala e depois eu leio os livros.</u></p>	<p>IC: Sim. Para fazer as atividades de aula e ler no local. (B)</p>
<p>X - <u>Então! Esse... Ultimamente não. Eu utilizava mais antes, quando eu tava na sexta, sétima série. Na verdade, fui começar mesmo a ler, assim, na oitava série, que foi quando comecei, realmente, a gostar de ler. Antes eu utilizava muito quando eu tava até a quarta série. E daí a gente tinha gibizinho na sala, tudo. Mas a gente, eu utilizava mais a biblioteca naquela época. Agora, realmente, eu tô utilizando para ler os livros do vestibular porque é muito difícil achar em outros locais que é mais procura, que a Biblioteca Pública tem muita procura. E aqui na escola eles proporcionam vários, vários livros do vestibular e não só um de cada. Eles têm mais de cinco [exemplares]. Então, é muito bom isso pra gente.</u></p>	<p>IC: Sim. Para ler livros de literatura indicados para o vestibular. (B)</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 3: Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p>A - <i>Eu acho que <u>eu utilizei muito a biblioteca</u> quando eu tava no primário, ali <u>por volta da terceira até quinta série</u>, e também acho que <u>na sétima série eu também usei bastante a biblioteca pra pegar livros pra ler e me interessar mais nos estudos. Eu gosto bastante de literatura. Eu não lembro muito. Só sei que às vezes eu marcava com uns amigos e a gente vinha pegar livro e era isso. A gente vinha pegar livro e a gente ia pra casa e ficava lendo. Era sempre com os amigos da sala que a gente vinha. Era no horário do recreio, ou começo, ou final da aula. Sempre quando a biblioteca tava aberta a gente vinha e pegava livro.</u></i></p>	<p>IC: EF - empréstimo de livros de literatura e estudo. (A)</p>
<p>B - <i>Eu quando... assim que eu aprendi a ler e eu vim estudar aqui, <u>a professora sempre trazia, né, fazia filhinha para os alunos vim escolher um livrinho. Primeiro, no começo, a gente começou pegando livros pra ver imagens. Elas [as professoras] começam assim. Ai depois a gente começa vendo gibi, tipo, Turma da Mônica. Depois vai pro livro maior. Ai a gente, tipo, eu lembro que até sem a turma eu vinha com as minhas coleguinhas pegar. Toda semana. Desde a primeira série. Ultimamente eu não tenho vindo tanto. Da primeira, segunda, terceira... sempre. Era bom. Bem legal.</u></i></p>	<p>IC1: EF (1ª, 2ª, 3ª séries) - frequência semanal com a professora para empréstimo de literatura. (A)</p> <p>IC2: Hoje, no EM, frequenta pouco a biblioteca. (B)</p>
<p>C - <i>É que é assim ó... É... eu já tô um tempinho a mais do que onze anos, <u>mas a biblioteca, antigamente, na época do Primário, ela não era... ela não era bem feita uma biblioteca. Ela era um local onde a gente fosse pegar os livros, só, e fosse pra sala pra ler ou pra estudar das matérias, essas coisas. Ela foi, realmente, montada na sexta série. Foi onde ela, realmente, deu esse “ar” de biblioteca, onde tá todos os livros, o pessoal pode vir ler, estudar, essas coisas. Só na sexta série. A partir da sexta série que ela foi, realmente, montada. [E da sexta série pra cá?] Ah, os professores trazendo a gente pra ler, a gente vindo aqui pra ver as coisas sobre trabalho. Todos os trabalhos que a gente faz, realmente, quando é de livro pra pegar, pra poder fazer cartazes, essas coisas, é tudo aqui.</u></i></p>	<p>IC1: EF (1ª à 5ª série) - empréstimo para leitura e estudo em sala, devido ao limitado espaço da biblioteca. A partir da 6ª série o uso do local é ativado e intensificado. (A)</p> <p>IC2: EM - feitura</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>É quando a gente vem aqui <u>pra</u> ter um... <u>ficar mais em silêncio e conseguir estudar</u>. É quando a gente precisa de matérias mais antigas, essas coisas assim, a gente vem pra cá. É isso. Acho que é isso. A gente tem a professora de geografia e história, né, que era minha professora. É <u>a professora</u> [...], ela <u>sempre trazia</u> a gente aqui <u>pra tá lendo</u>, pra tá vendo as coisas, pra tá sempre <u>estudando</u>, vendo as coisas.</i></p>	<p>de trabalhos e cartazes. Silêncio para estudar. (B)</p>
<p>D - <i>Acho que por <u>no Primário eu</u> não saber ler direito, por causa que eu tinha um problema de visão e também eu não era muito interessada em ler, foi quando eu <u>comecei a ter o gosto pela leitura usando os gibis</u> da Turma da Mônica que a professora de Artes, às vezes, trazia alguns pra gente ler quando não tinha trabalho. Acho que foi pela segunda, terceira, quarta [série], não me lembro direito.</i></p>	<p>IC: EF - problema de visão. Pouco interesse pela leitura. O gosto nasce com a leitura de gibis. (A)</p>
<p>E - <i>Eu acho que foi mais <u>no Ensino Fundamental</u>, assim, que <u>nas aulas de literatura a gente vinha pra biblioteca</u>. Cada um pegava uma coisa pra ler e era toda semana, né? <u>E agora é diferente no Ensino Médio que a gente vem só quando necessita mesmo</u>. No Ensino Fundamental era toda semana. <u>Daí eu usava mais a biblioteca naquela época, né?</u> A gente tinha a nossa carteirinha, né, que é pra gente alocar e tem quinze dias de prazo pra gente ler. Então, a gente aloca e depois devolve. Sempre dava para escolher, tem várias modalidades. Eu, sempre assim... Eu, pelo meu gosto, sempre escolhia uma parte mais de romance, de comédia; não muito intelectual.</i></p>	<p>IC1: EF - frequência semanal. (A)</p> <p>IC2: Atualmente, no EM, utiliza a biblioteca apenas quando necessita. (B)</p>
<p>F - <i>Olha, eu lembro que quando eu tava <u>na oitava série</u>, eu vim... <u>eu tinha um trabalho de biologia pra fazer e eu vim atrás de uns livros sobre biologia, anatomia</u>. E eu <u>achei um livro de anatomia muito interessante</u>. E eu levei ele pra casa e eu comecei a ler. E <u>a partir disso</u> eu amei anatomia. E <u>eu vinha aqui sempre pegar livros de biologia e anatomia porque eu desenvolvi esse gosto</u>, e daí hoje eu quero fazer medicina por causa disso, sim, através da biblioteca da escola, do livro que eu vim pegar.</i></p>	<p>IC: EF (8ª série) - a partir do livro e da biblioteca, o interesse por uma área do conhecimento. (A)</p>
<p>G - <i>Quando eu vinha, as pessoas, elas <u>não se interessavam muito pela leitura</u>. Às vezes os professores traziam, eles <u>não liam os livros</u>. E era uma situação um pouco chata porque eles <u>não aproveitavam esse momento</u> que você podia ficar lendo e tal. Acho que era isso, mesmo, era... olha, se eu não me engano <u>devia ser pela sétima série, sexta série</u>.</i></p>	<p>IC: EF (6ª, 7ª séries) - os professores levavam os alunos à BE, mas nem todos aproveitavam aquele momento. (A)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p>H - <i>Eu acho que foi mais <u>no Ensino Fundamental, quinta, sexta e sétima série</u> que <u>a gente sempre vinha. Também na primeira série a gente vinha bastante; na primeira, segunda, pra pegar livrinho assim pra ler. E tinha Lego, também aqui, que era bem legal. Na sexta série eu lembro que eu peguei um livro que era muito bom, aqui, era o Tosco. Eu lembro que foi o livro que eu mais gostei. Eu li várias vezes</u> ainda daqui mesmo. Foi o livro que eu mais achei legal porque era uma história, não sei, que você lia assim sempre. Você não queria parar, pra saber o final. E era muito interessante, sabe? A vida dele, contando assim, sabe? Era bem legal.</i></p>	<p>IC: EF (1ª, 2ª, 5ª, 6ª, 7ª) - frequência semanal para empréstimo de literatura. (A)</p>
<p>I - <i>Na parte do Primário, que no colégio velho [referindo-se à estrutura anterior da escola neste mesmo local] tínhamos uma outra estrutura, que acho que se localizava aqui mesmo onde <u>a moça</u> daqui <u>da biblioteca</u> que esqueci o nome, <u>ficava num canto da sala, e nós ficávamos todos os alunos em volta dela e ela lia vários livros</u> pra gente naquele tempo. Naquela uma aula ela lia vários livros. <u>Isso marcou bastante. Porque daí incentivava a gente a procurar ler, pra saber o que estava escrito, o que... as imagens que tavam no livrinho. Isso trouxe bastante interesse.</u> E na parte da passagem do Primário para o Fundamental que daí a gente <u>podia pegar livros novos, com conteúdos diferentes.</u> Da quarta série para a quinta, <u>digamos. Daí, trazia aquele negócio de “Ah, agora eu posso ler conteúdo de pessoas mais velhas”.</u> Ah, por exemplo, <u>O Código Da Vinci, que eu sempre quis ler, pude ler esse livro que... muito interessante pra mim. Então, foi basicamente isso, uma curiosidade.</u></i></p>	<p>IC: EF - frequência semanal (contação de história). Da 4ª para a 5ª série, interesse por literatura mais complexa. (A)</p>
<p>J - <i>Momentos, assim, poucos. Provas. Provas. Geralmente só em provas. É, na questão assim... Na realidade eu li mesmo, assim, <u>eu peguei, li livros mais para questão de trabalho e provas.</u> Na realidade, eu <u>como estudo de noite, eu pego o livro aqui e levo pra casa pra fazer os trabalhos, assim. Já fiz várias vezes isso. De pegar o livro, levar pra casa e fazer os trabalhos.</u></i></p>	<p>IC: EM - frequência para empréstimo de livros para trabalhos e provas. (B)</p>
<p>K - <i>É. Eu lembro que <u>na primeira série a gente usava toda semana a biblioteca. Toda sexta-feira a gente pegava um livro pra ler todo o final de semana. Daí toda sexta-feira a gente renovava esse livro. O ano inteiro do curso. Toda semana a gente renovava o livro e lia a semana inteira pra leitura.</u></i></p>	<p>IC: EF (1ª série) - frequência semanal para escolha de livros de literatura. (A)</p>
<p>L - <i>Deixa eu ver. Deixa eu lembrar que são muitos anos. Nossa! Eu lembro que eu costumava, <u>na terceira ou quarta</u></i></p>	<p>IC1: EF (3ª, 4ª séries) -</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><u>série</u> do Ensino Fundamental, <u>eu costumava</u>, vinha <u>pegar sempre livro pra ler</u>. Eu pegava em base de dois a cada duas semanas. <u>Pegava um livro pequeno, porque sabia que ia dar conta</u>. Pegava bastante livro. Acho que num mês, <u>em média</u>, eram uns <u>quatro livros por mês</u>. Bastante livro. Toda semana. <u>Depois foi parando um pouco</u>, mas de vez em quando, ainda... Na oitava série eu lembro que peguei um livro aqui. Não, foi no primeiro ano. <u>No primeiro ano eu peguei um livro pra fazer um trabalho sobre o livro, e de Português</u>. Fiz <u>um trabalho de Português sobre o livro</u>. Como é que era... tá na minha cabeça. Eu não lembro direito. Era um trabalho individual. Você tinha que ler o livro e a professora ia <u>fazer uma prova sobre esse livro, de Literatura</u>. A professora ia fazer uma prova e nessa prova ela ia pesquisar questões sobre o livro. Eu lembro que nessa prova eu tirei nove, parece. <u>Foi muito bom, porque eu li todo o livro</u>. Todo. Li tudo. <u>Literatura brasileira</u>. Muito bom o livro. Gostei. Como é que é... Folhas secas, se não me engano. Vidas Secas. Não é folhas. Vidas secas. É bem esse. <u>Vidas secas</u>. Não é um livro muito grande. É um livro assim, médio, mas é muito bom. Eu consegui ler. Gostei muito de ler. Eu ficava às vezes até as duas da manhã lendo o livro. Mas, foi muito bom esse livro. Eu ainda tenho ele lá em casa, porque depois a gente ganhou. O colégio deu pra gente. Parece que... Não deu pra gente. Foi um dia que eu e meus amigos viemos trazer uns livros aqui e a professora falou: “Ó, tem uns livros à disposição. Vocês querem levar?” E ela deu três livros pra nós. Três Vidas Secas, um pra cada um. E eu tenho lá em casa guardado. Levei e tá lá em casa guardado. Tenho, guardei lá numa caixinha [...].</p>	<p>frequência semanal. (A)</p> <p>IC2: EM (1º ano) - destaque a trabalho com livro de literatura. (B)</p>
<p>M - Eu utilizava bastante no Primário. Eu tenho lembranças de pegar livrinhos infantis, aqueles de historinha, desde a primeira série, assim. No Primário foi tão, eu pegava, <u>eu gostava de pegar um do Monteiro Lobato, do Sítio do Pica Pau [Amarelo]</u>. Eu lembro de pegar vários livrinhos infantis. Eu não lembro muito bem, mas a gente vinha, geralmente vinha com um coleguinha na hora do recreio, a professora trazia. Até <u>teve momentos que a professora trouxe a turma</u>. E aí a gente vinha, <u>pegava os livrinhos, levava pra casa, fazia rodízio</u>. E também <u>teve momentos que a gente vinha, assim, no recreio, no intervalo, com as coleguinhas pra pegar o livro, levava pra casa, eu lia com a minha mãe, e depois a gente voltava e devolvia</u>.</p>	<p>IC: EF (1ª, 2ª, 3ª) - frequência ativa para empréstimo de literatura. A partir das séries finais, uso para estudo. (A)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>Isso era no Primário. Eu não lembro, mas acho que, tipo, era primeira, segunda, terceira série, por aí; primeiros anos. Dali pra frente eu perdi um pouco o interesse de tá vindo pegar o livro. <u>É mais pra vir com os colegas estudar e tal.</u> Aí a gente teve algumas vezes que a gente fez rodízio literário, que os professores de Português e de Literatura trabalharam. Mas eu vim e pegar livro eu perdi um pouco o interesse depois.</i></p>	
<p>N - <i>É que... É que, tipo assim, na biblioteca também eu me lembro, eu não me lembro qual a série mais ou menos que eu tava, mas ali tinha... aqui na escola [...] se baseava muito em teatro assim, é, tipo teatro. Daí eles <u>faziam teatro na biblioteca também.</u> Tipo, <u>tinha um trabalhinho,</u> assim, às vezes, que <u>a gente pegava livro,</u> pegava <u>na biblioteca um livro,</u> ia lá e <u>apresentava,</u> fazia <u>um teatro.</u> Aí tinha um palco lá atrás, certinho, <u>na biblioteca.</u> <u>É,</u> não é exatamente um palco, palco, né? Mas tinha uma área assim que a gente se apresentava. Daí <u>tinha festa à fantasia.</u> Tinha <u>um monte de coisa legal</u> que eu me lembro. Eu tenho lembrança disso aí.</i></p>	<p>IC: EF - empréstimo de livro para leitura e dramatização na biblioteca. (A)</p>
<p>O - <i>É, antigamente, mais <u>no Pré, no Primário usava mais.</u> Agora a gente não usa muito. <u>Têm bem poucos [professores] que trabalham ali, [na biblioteca], porque não tem muita matéria.</u> Ter, <u>tem,</u> muita matéria, <u>mas muitas matérias eles focam mais no ensino mais normal,</u> física, química, matemática, portugueses. <u>Português nem tanto.</u> Cada matéria tem seus livros daí. <u>Só que eles entregam no início do ano e no final do ano tem que devolver.</u> Na primeira, na segunda, <u>até quinta, sexta-série,</u> usava bastante o livro da... pegado <u>pra fazer estudo na biblioteca.</u> Agora é mais os livros próprios do ensino. <u>Geralmente era Português, né? Antigamente... Antigamente não, no ensino, é, de primeira à quarta era só um professor,</u> depois muda porque tem muitas turmas, daí, também. <u>Agora, acho que vão mais na sala de vídeo.</u></i></p>	<p>IC1: EF (1ª até 6ª série) - empréstimo de literatura na disciplina de português. (A)</p> <p>IC2: Atualmente, no EM, não utiliza muito a biblioteca. (B)</p>
<p>P - <i>Eu não tenho muita lembrança, mas a pouca que eu tenho é que <u>foi aqui que eu aprendi a ler.</u> É, né, nesse espaço, digamos. Até ensinando um pouco uma colega minha a ler, induzindo. Mas é o único momento, é a única lembrança, assim, que eu tenho.</i></p>	<p>IC: EF - aprendeu a ler na biblioteca. (A)</p>
<p>Q - <i>Quando a gente era menor, quando era menorzinha, <u>os professores costumavam levar a gente pra biblioteca pra aula de leitura.</u> Então, os professores mesmos, <u>eles liam pra gente uma história ou até a bibliotecária lia uma história pra gente e depois a gente ficava livre pra escolher</u></i></p>	<p>IC1: EF - leitura na biblioteca com contação de história e escolha de literatura. De</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>o livro pra levar pra casa, tudo. <u>E agora</u>, depois no [Ensino] Fundamental já, e no Ensino Médio são mais nas aulas de português, realmente, pra ter, pra apresentar em sala de <u>aula, o livro e tudo. Em algumas aulas de português no [Ensino] Fundamental, também, a gente pegava livros da literatura brasileira, fazia teatros. De quinta série a oitava série. Ainda era série.</u></i></p>	<p>5ª a 8ª, literatura brasileira para teatro. (A)</p> <p>IC2: Agora, no EM, freqüenta mais na aula de português, para trabalho de literatura brasileira. (B)</p>
<p><i>R - <u>Eu lembro que a época que a gente mais começou a usar a biblioteca foi, que eu era mais ativo na biblioteca, era no Primário entre a primeira e a quarta série. Eu não lembro certo qual que foi o ano, mas eu lembro que foi por aí. A gente ia semanalmente, e no [restando do Ensino] Fundamental, depois, também, mas começou no Primário e a gente ia semanalmente, e pegava o livro que quisesse ou senão só olhava, podia trocar quem ainda tava lendo. A gente toda semana tinha contato com a biblioteca. Era legal assim porque foi quando eu assim comecei, realmente, a ler, deixei de ler, assim, livros infantis pra ler, não obras clássicas, mas uma literatura mais avançada. E eu via que era legal porque toda hora eu via muita gente de qualquer ano da escola, tanto do Ensino Médio, quanto do [Ensino] Fundamental. E via aquilo e eu percebia que isso era importante e que era legal também.</u></i></p>	<p>IC: EF (1ª a 4ª série) - frequência semanal. (A)</p>
<p><i>S - <u>Pelo que eu lembro, era... a gente fazia a carteirinha, daí a gente tinha um período pra vim. Daí vinha a sala inteeeeira trocar os livros no mesmo dia. Pra não ocupar muito tempo daí a gente vinha junto, anotava os livros, tudo certinho. Daí não podia sair da data senão pagava multa. Era assim. A gente vinha sozinho. O professor falava pra gente vim e a gente vinha. Da primeira até a sexta, sétima [série]. Era mais na aula de português.</u></i></p>	<p>IC: EF (1ª a 6ª, 7ª séries) - destaque à procedimentos para escolha e empréstimo de livros. (A)</p>
<p><i>T - <u>Acho que, que eu lembro foi, assim, na terceira série que a professora trazia a gente pra cá e às vezes ela gostava. Eu acho que ela gostava bastante, porque tinha vezes que a gente lia umas histórias e depois fazia alguma atividade aqui, né, aqui na sala mesmo. Aí já tinha TV antes, também, e a gente assistia algum filme. E as atividades eram feitas aqui. Esse era, tipo, olhando pra traz esse é o momento que eu mais lembro, que eu, que a gente vinha pra cá. E o outro foi já no Ginásio [séries finais do Ensino Fundamental], assim na sexta série, que</u></i></p>	<p>IC1: EF - (3ª série) frequência semanal (ler, assistir filmes, realizar atividades), diminuída na 6ª. No 9º ano já não ia tanto. (A)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>daí a professora incentivava bastante a gente vim. Já não era tão frequentemente como nas outras vezes, mas a gente vinha bastante também. Depois lá pro... no nono ano não vinha tanto. No primeiro... No primeiro [ano do Ensino Médio] daí vinha. A professora passava, porque ela passava um trabalho que todo bimestre a gente tinha que ler um livro e apresentar lá na frente [na sala de aula, para a turma]. E esse foi um ano que a gente veio, daí no segundo, e agora no terceiro [ano] eu venho mais por conta, assim, porque no terceiro acho que é o que eu mais venho. Por conta, né, por vontade minha mesmo por ler. As outras eram pra fazer atividades.</i></p>	<p>IC2: EM (1º e 2º ano) - frequência por solicitação do professor. Hoje, (3º ano), é por iniciativa própria. (B)</p>
<p>U - O ano que eu lembro foi na oitava série com o professor [...], que ele dava português pra gente. E como ele incentivava os alunos a ler. Eu gostava porque ele ensinava a gramática, a leitura de uma forma que você começava... você sentia amor pela leitura. Aí foi o tempo que eu mais vim pra biblioteca, pegava livros e lia, sabe? Aí foi naquela época que comecei a gostar de ler.</p>	<p>IC: EF (8ª série) - gosto por leitura por influência de professor. (A)</p>
<p>V - A primeira vez que eu vim na biblioteca ela não era aqui, era lá em cima, foi no primeiro ano. Aí a nossa professora ela deixava a gente pegar livros à vontade. Então, a gente, tinha crianças que mal sabiam ler, já pegavam livro grosso, tentavam ler. Eu lembro que eu peguei o meu primeiro livro, ali, e depois a gente deu uma paradinha, que daí tinha livros na sala, a gente fazia a biblioteca na sala, daí a professora fazia uma tenda e tal. E depois foi mais, acho que na sétima e na oitava, que a gente tinha um professor e ele fazia todo mês a gente vim na biblioteca, pegar um livro, ler, fazer um resumo e entregar pra ele. Então, era mais constante. Ah, e também no primeiro ano [do Ensino Médio] com a outra professora que ela fazia isso constantemente [na biblioteca]. É... na sétima, na oitava e no primeiro. Aí no segundo ano já foi abrindo mais pra livros que a gente tinha em casa. Agora a gente já quase não vem. Primeiro, porque a gente pega os de casa, né? E outro, como a gente está estudando para o Enem, a professora ainda não pegou os livros do Enem. Ela está estudando mais a arte, a arte abstrata, a arte... Ela trabalhou muito isso no ano passado com a gente, livros. Esse ano ela está mais...</p>	<p>IC1: EF (1ª série) - o professor deixava emprestar livro à vontade. Na 7ª e 8ª série todo mês o professor solicitava que os alunos fossem à biblioteca. (A)</p> <p>IC2: EM – a frequência à biblioteca vai diminuindo e, hoje, no 3º ano, frequenta pouco a biblioteca. (B)</p>
<p>W – Eu acho que agora é o momento onde eu tô usando mais a biblioteca. Porque antes, quando eu tava no Ensino Fundamental, eu, a gente ia, né, semanalmente pra pegar o livro, mas eu quase não ia lá, fora isso. Mas agora, como</p>	<p>IC: Hoje, no EM, utiliza a biblioteca por perceber a necessidade. (B)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><u>tem que ler</u> essas coisas, <u>livros de vestibular e tá fazendo as atividades de sala</u>, e daí <u>eu acabo</u> estando <u>aqui na maior parte do tempo</u>. Tipo, <u>no primeiro ano eu já comecei a tá frequentando mais aqui, entendeu?</u> Mas é mais esse ano, principalmente esse ano. <u>Passo muito tempo aqui</u>.</p> <p>X - <u>Eu utilizei, mas como eu disse até a quarta série, que utilizava bastante pra pegar livro, que eu gostava de ler livros pequenos, né, com ilustração... E com o tempo eu fui utilizando mais a biblioteca pra estudo do que pra leitura. E eu vinha com os meus amigos fazer trabalho, eles [os pegáveis pela biblioteca] auxiliavam até a gente, às vezes, na biblioteca. Porque no Laboratório, às vezes, tem que marcar horário. Então, a gente vinha pra biblioteca. [Laboratório de...] Os laboratórios das matérias, das disciplinas que têm. Química, matemática... [Tem livros, também? Tem biblioteca em cada um deles?] Não. Tem os professores pra ajudarem no estudo. Mas o de português tem livro. Tem literatura lá. Daí a gente também pode pegar livros ou eles nos dão. Até na sexta série eles deram o livro Tosco pra gente, que a gente podia levar pra casa, ler. Ler e levar pra casa, né? Aí eles nos deram esse livro. Mas eu utilizei mais a biblioteca foi nessa época mesmo, até a quarta série, e depois foi mais pra estudo do que pra leitura.</u></p>	<p>IC: EF (1^a a 4^a série) - para leitura e estudo. (A)</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 4: Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p>A- <u>Acho que a mesma coisa da... acho que da primeira pergunta. Se aprofundar mais nos estudos e ter mais conhecimento. De..., tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola, sabe? Acho que é isso.</u></p>	<p>IC: Oportunizar acesso ao conhecimento. (A)</p>
<p>B- <u>É como eu tinha falado. Que quanto mais a pessoa lê, se interessa pela leitura, mais ela aprende o que que tá acontecendo pelo mundo, o que que ela pode aprender mais e é muito bom ler. Você se imagina num outro universo. E tu se desliga do mundo pra prestar atenção só naquilo que tu tá interessado, e é muito bom ler.</u></p>	<p>IC: Incentivar a leitura. (B)</p>
<p>C- <u>Ah, o papel é ajudar os alunos, ajudar os próprios professores, bastante, pra ajudar nas matérias. É, como a nossa professora que tem aqui que cuida, que são duas</u></p>	<p>IC: Ajudar alunos e professores. (C)</p>

<p><u>[professoras], né? Uma fica num horário, outra fica no outro. Elas sempre recebem os alunos muito bem. Elas cuidam muito dessa biblioteca. O tempo todo elas tão organizando, tirando livro, colocando, olhando pra ver se não tem nada fora do lugar. Elas botam tudo em ordem alfabética. Elas botam tudo certinho: história, geografia, matemática. Tudo em ordem. Elas tão o tempo todo organizando e elas ajudam muito os alunos quando tão precisando pra matéria, pra trabalho, pra tudo. Elas ajudam a pesquisar, elas ajudam a tá olhando os livros. Aí elas indicam os livros mais certos, os livros que têm isso, os livros que têm aquilo, pra tal matéria, pra o quê que serve. Aí ela fala onde a gente pode ver a página, ali na frente, aí ela fala o autor. Tudo coisas assim.</u></p>	
<p><u>D- É um bom lugar pro pessoal conseguir, às vezes, distrair a mente, que tem vários livros diferentes e às vezes as provas, os trabalhos deixam a gente bem estressada. Eu gosto, por exemplo, de ler pra escapar um pouco do dia a dia.</u></p>	<p>IC: Oferecer leitura para desestressar o dia a dia. (D)</p>
<p><u>E- É muito importante. Porque a leitura é tudo, assim. E a nossa professora de português, ela fala que pra tudo precisa de leitura, né? Para o desenvolvimento da fala, né, para se saber as palavras, para o conhecimento, também, né? Principalmente para as crianças que estão se desenvolvendo agora, a leitura é muito importante.</u></p>	<p>IC: Incentivar a leitura. (B)</p>
<p><u>F- Olha, eu acho que o papel dela além de proporcionar esse, esse, lugar a mais pra gente fazer as pesquisas, ele, ele é, ele pode ser usado para incentivo à leitura também. Porque muita gente assim não tem acesso aos livros. E, por exemplo, eu. Eu não tive esse acesso quando eu era menor e foi por causa da biblioteca da escola que eu comecei a ler, entende? Tipo, é esse acesso que ele [o lugar] permite.</u></p>	<p>IC: Incentivar a leitura. (B)</p>
<p><u>G- Eu acho que é incentivar a leitura. E porque é alguma coisa que nos ajuda, ajuda as pessoas. Então, acho que era isso, incentivar a leitura pra você aprimorar o conhecimento. Essas coisas.</u></p>	<p>IC: Incentivar a leitura. (B)</p>
<p><u>H- Eu acho que aqui é mais pra, pra como foi no Ensino Fundamental. É mais pra ajudar você aprender, os menores, a começar a ler e também pra, faz, né, os livros do vestibular. Acho que é só pra isso porque como eu vi aqui na biblioteca, não tem muito livro de cursos, assim, que eu possa fazer depois. Tem, aqui tem mais livros pra você passar o tempo, assim.</u></p>	<p>IC: Incentivar a leitura. (B)</p>
<p><u>I- Ah, tentar mudar um pouco a geração que tá vindo agora. Seria uma geração mais tecnológica que simplesmente se preocupa com celulares, tablets, joguinhos. É basicamente isso. As crianças de hoje em dia</u></p>	<p>IC: Incentivar a leitura frente ao predomínio das tecnologias</p>

<p>tão mais focadas nisso. <u>Não querem mais saber de pegar um livro, de saber como é um livro, ter aquela experiência de abrir um livro pela primeira vez, ver as imagens, desenhos, se cativar com isso. Não. Hoje em dia só pegam o celular ali passam as imagenzinhas e, é isso. Então, esse seria o papel dessa biblioteca. Tentar trazer, não digo que seja errado o que tem hoje, mas trazer mais o certo pra criança, hoje. Não deixá-la tão focada nesse mundo tecnológico que acho que vai definhando muito a consciência dela. Digamos, assim, na minha época a gente tinha muita curiosidade de saber, pra ler todos os livros, a gente sempre quis ler todos os livros. Hoje em dia, não. Hoje em dia as crianças não querem isso. Elas vêm pra biblioteca, pegam um livro, levam pra casa, chegam no dia de devolver, pronto. Elas nem tocaram no livro. Nem tiraram da mochila. Não fizeram nada com o livro. Simplesmente focaram nesse mundo tecnológico que tem hoje. A minha geração, não é tão velha, não sou tão velho, mas não teve esse contato tão intenso com tecnologia. Tecnologia que nós tínhamos era a televisão. Não tínhamos celulares, tabletes, nada. Computador, muito menos. Então, hoje em dia as crianças só querem saber disso. Eu acho... Na minha opinião eu acho isso muito errado. Crianças terem contato com a tecnologia tão prematuramente. Então, eu gostaria que pegassem esses livros e a escola transmitisse, teria esse papel de transmitir, esse velho costume, essa tradição, digamos assim, de a criança poder ler o livro, tocar o livro, ah, ter aquele sentimento que eu tive, de ver, de conseguir ler um livro pela primeira vez. De pegar as ideias dali, do que aquilo se trata, do que uma fábula traz pra gente pela primeira vez. Basicamente isso.</u></p>	<p>disponíveis às crianças. (B)</p>
<p>J- <u>É um papel bom. Papel bom porque, na realidade, tem uma vasta coletânea de livros, né? Várias, vão ser várias, como assim, setores, tipo, setores de livros, assim, de assuntos, conteúdos. Quando eu... A nossa biblioteca é bem servida de livros.</u></p>	<p>IC: Ter livros. (D)</p>
<p>K- <u>Humm... Olha... Nossa! Pra questões de pesquisas, né? É usado a biblioteca pra pesquisas. O Ensino Fundamental usa bastante pra pegar livro, só. Pra adquirir conhecimento. Ah, não sei te responder bem certinho. Pra adquirir conhecimento. Pra quando surgir dúvida, ler, fazer pesquisa.</u></p>	<p>IC: Proporcionar acesso ao conhecimento. (A)</p>
<p>L- <u>Papel? Papel da biblioteca, como posso explicar... Acho que o livro ajuda a gente até, ajuda muito os jovens até a se expressar, no jeito de falar, né? Tem, acho que tem gente com dezoito anos que perde de uma pessoa, [de] um</u></p>	<p>IC: Favorecer acesso ao livro e ao conhecimento. Ajudar o jovem a</p>

<p>adolescente de quinze anos que lê livro. Acho que o jeito de você falar, de você se expressar, você <u>ter mais conteúdo pra falar com uma pessoa, você ter palavras dentro da sua mente pra acrescentar numa conversa.</u> Acho que <u>hoje em dia isso yoga muito.</u> Numa redação, se os jovens lessem mais... Acho que a biblioteca fornece isso. <u>Se todo mundo viesse aqui pra pegar um livro pra ler e focar numa leitura, eu acho que não tinha uma redação do Enem que os alunos não fossem bem.</u> Acho que <u>muita gente não vai bem na redação porque não gosta de ler.</u> <u>Eu vejo muita gente que, já ouvi falar, “Ai, fui mal na redação”, mas detesta ler livro.</u> Então, <u>não adianta você fazer uma redação se você não tem uma base de um conhecimento de uma literatura num livro.</u> Não adianta você... Isso ajuda muito. <u>Os jovens hoje em dia têm que ler mais um pouco. [...]. O papel da biblioteca é fornecer mais conhecimento sobre a literatura, histórias brasileiras,</u> Acho que, um modo, <u>acrescenta mais palavras novas.</u> Acho que <u>livros também têm muitas palavras que a gente não conhece no dia a dia, mas se poderia se expressar melhor, dependendo da situação, né? É isso.</u></p>	<p>se expressar melhor. (D)</p>
<p>M- Eu acho que é bem importante. É, como acredito que o pessoal, que os alunos do Primário, eles pegam os <u>livrinhos</u> e eu acho que <u>é bem importante.</u> <u>Porque eu lembro que foram momentos que eu tenho, que eu passei aqui e eu tenho guardado de ter vindo e pegado os livrinhos infantis e tal.</u> Então, <u>acho importante pro pessoal do Primário e importante pro do Ensino Médio, também.</u> Agora a gente tem <u>os livros do vestibular</u> e eu acho bem importante porque <u>a gente tem que tá recorrendo a outras bibliotecas, ou de tá procurando nos sebos e a gente tem algumas obras aqui, e é bem importante pra gente, porque é fácil acesso, né? Então, a gente vem e pega e pode tá estudando. E também como eu falei é um lugar de estudo.</u> Tem bastante, <u>muitos alunos vêm pra cá no intervalo e tal.</u> Então, <u>é bom que é um espaço de concentração e que a gente tá sempre aqui reunido e estudando e se ajudando.</u> Eu acho bem interessante.</p>	<p>IC1: Oferecer acesso à literatura. (D) IC2: Favorecer acesso ao livro. (A)</p>
<p>N- O papel da biblioteca? [...]. É, hoje em dia, hoje em dia o papel da biblioteca pra mim... Ah, porque assim ó... <u>As pessoas estão deixando de ler.</u> Eu acho isso, né, do meu ponto de vista. <u>E ela tá ali parada e não tem, sei lá, não tem muitas pessoas que vão ali ler. Ler é importante, né? Tem vários livros ali, de histórias, tem também pra estudar.</u> Ela é, tipo assim, se a pessoa for lá pegar um livro e ler, ela vai passar bastante informações. <u>E tá sempre tendo livros novos ali. Mas, hoje a galera não se interessa</u></p>	<p>IC: Dúvida. Porque a biblioteca está parada. As pessoas estão deixando de ler. (E)</p>

<p><u> muito, assim, em ler. Tem aquelas pessoas que se interessam, mas a maioria não se interessa. E o papel dela é, hoje, sei lá, tipo, não tenho uma coisa assim pra dizer, né? Não sei.</u></p>	
<p><u> O- O papel de as pessoas pegarem o próprio livro com a vontade. Não adianta pegar forçado que não vai terminar. Ler e se esforçar porque a leitura é a base de tudo, né, da escrita, da fala.</u></p>	<p>IC: Incentivar o gosto pela leitura. (B)</p>
<p><u> P- Olha, fica difícil dizer. [...] até porque à noite já não é muito freqüentada, então, não sei nos outros turnos. Mas aqui é como se fosse um espaço esquecido. Porque eu, particularmente, não vejo ninguém vindo aqui. No máximo pra vim aqui pra pegar um livro, realmente, que é didático que a gente tem que usar na aula, como em matemática, a gente vem aqui, a gente vem buscar, mas não, à noite não vejo este espaço ser utilizado. Até porque aqui tem vários livros aqui [apontando para as várias pilhas de livros que encontram-se no chão, entre as mesas da biblioteca]. Pra ser uma biblioteca não devia ter esses livros assim no meio do caminho. Tinha que ser uma coisa mais organizada. Então, pra mim, é uma coisa meio abandonada na escola. Pelo menos no período da noite, né, não sei nos outros turnos. [Mas qual o papel dela?] É auxiliar, né, se a gente tiver alguma necessidade, querer fazer alguma pesquisa. Este é o papel; de auxiliar.</u></p>	<p>IC1: Tem dúvida. Porque a biblioteca está esquecida. (E)</p> <p>IC2: Auxiliar os alunos nas suas necessidades. (C)</p>
<p><u> Q- Trazer um conhecimento maior porque a gente tem acesso gratuito e tudo, e tem pessoas que não aproveitam. Então, acho que é um jeito da pessoa ter mais conhecimento através da biblioteca.</u></p>	<p>IC: Oportunizar acesso ao conhecimento. (A)</p>
<p><u> R- Eu acho que é trazer um pouco de cada conhecimento, principalmente de Literatura e ensinar a História. Porque a Literatura sempre anda de mãos dadas com a História, e tu lendo qualquer obra tu vai conseguir interpretar a mensagem. Cada livro tem sua mensagem, e se você lê você vai ter um conhecimento muito maior do que quem não lê.</u></p>	<p>IC: Oferecer ao aluno um pouco mais de conhecimento, principalmente de literatura e história. (D)</p>
<p><u> S- A facilidade com livros, né? Pegar alguns.</u></p>	<p>IC: Facilitar o acesso aos livros. (E)</p>
<p><u> T- Ah, eu acho, pra mim, pelo menos na minha opinião, é importante porque é a fonte de livro e livro é conhecimento, né? Livro, tipo, por mais que seja uma história, uma fantasia, por exemplo, assim, que não exista, acho que traz conhecimento, traz uma coisa nova, exercita a mente e isso é importante para os alunos, entendeu? Às vezes um tem dificuldade, alguma dificuldade, mas estimula o pensamento. E tem, como eu disse, tem atlas.</u></p>	<p>IC: Oferecer acesso ao livro e ao conhecimento. Exercitar a mente. (A)</p>

<p><i>tem enciclopédias que... e os livros didáticos também, do professor, e acho que <u>isso é importante. Isso ajuda bastante.</u></i></p>	
<p><i>U- Hãmm, como <u>a leitura influencia muito, tanto na escrita como falar em público, eu acho que quanto mais você lê, mais você se esforça. É eu acho que <u>como não tive muita leitura durante o pré e quarta série, prejudica um pouco na hora da escrita. Sinto bastante dificuldade. Mas agora tá mudando bastante aqui na escola.</u></u></i></p>	<p>IC: Incentivar a leitura por influenciar na escrita e no falar em público. (B)</p>
<p><i>V- Ah, de <u>aprimorar o conhecimento. É basicamente isso.</u></i></p>	<p>IC: Aprimorar o conhecimento. (A)</p>
<p><i>W- O papel da biblioteca para as pessoas desta escola? Olha, eu não sei te responder, porque <u>parece que a maioria das pessoas nem sabe da existência dela. É meio estranho. Mas para os que usam a biblioteca eu acho que é bom, né? É um meio de conhecimento, né? Sei lá, não sei responder.</u></i></p>	<p>IC1: Tem dúvida. Porque parece que desconhecem a existência da biblioteca. (E)</p> <p>IC2: Oferecer conhecimento. (A)</p>
<p><i>X- Como eu tinha dito, eu acho que <u>é mais influenciar, não influenciar só a leitura, mas influenciar a conhecer novas histórias. Porque às vezes as pessoas vêem livros só como literatura brasileira e leitura, aquela literatura que tem a linguagem antiga. E livro não é só isso. Tanto que quando tu começa a ler outros autores, até mesmo brasileiros, mas que contam histórias, às vezes, da tua idade ou coisas que pessoas mais velhas tiveram experiência e tão contando ali pra ti, eu acho que é isso que a biblioteca proporciona, né? Histórias que a gente pode experimentar viver um pouquinho junto.</u></i></p>	<p>IC: Influenciar as pessoas para a leitura e para novas histórias. (B)</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 5: Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p><u>A - Deve ter... O principal de tudo é a organização. É..., regras e bastante livros variados, tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola e... é, bastante livros de vários autores pra gente pesquisar mais. [Regras como?] Silêncio, manter organizado, entregar os livros na data marcada e não rasurar o livro, não rasgar, não molhar. Essas regras básicas de uma biblioteca. Creio eu que seja... pra manter tudo em ordem, creio eu. Pra, digamos, todo mundo ficar feliz. Tanto o bibliotecário quanto o aluno que tá pegando o livro.</u></p>	<p>IC1: Organização e regras. (A) AC: <u>É preciso</u> cuidar do livro. (C)</p> <p>IC2: Variedade de Livros. (B)</p> <p>IC3: Silêncio. (C)</p>
<p><u>B - Ah, eu não sei como dizer. Sei lá, uma variedade de livros que chame a atenção dos alunos, porque ultimamente a biblioteca tá meio esquecida. Aí, tem que dar um toque nos professores, para os professores alertarem os alunos pra voltarem a ler. Tipo, é, quando eu tava, acho que na sétima ou oitava série, eu tinha uma professora de português que toda semana ela pegava os livros daqui e levava pra gente fazer uma leitura de uma aula. Toda semana. E hoje eu não tenho mais isso, e eu gostava. Aí eu parei de vim aqui pra pegar livro. Aqui eu comecei a ler mais livros sobre... depois que eu comecei a aprender sobre a Segunda Guerra. Aí eu comecei a ler livro assim, que a minha amiga compra, lê e me empresta. É assim. Eu não tenho muito contato com a biblioteca hoje em dia como antes eu tinha.</u></p>	<p>IC1: Variedade de livros. (B)</p> <p>IC2: Frequência semanal para todos os alunos (do EF ao EM). (D)</p>
<p><u>C - Olha, o necessário é o livro. Na biblioteca o necessário é o livro. Mas eu acho assim ó... a sala deveria ser um pouco mais ampla, como aqui é um pouco menor, né? Porque fica muito apertado, não cabe muitos alunos. Teria que ser um pouco mais ampla pra poder suportar o tanto de aluno. Porque aqui no [...] só de manhã são mais de mil e poucos alunos. Então, a gente necessita da biblioteca maior, né? Os alunos, todos né, entre si, necessitam dessa biblioteca maior, de um ambiente onde eles possam, tipo, se os professores trazerem a turma como a minha. A minha turma quando vem pra cá muita gente fica em pé porque não cabe. Tem quarenta alunos. Alguns foram embora. Daí tinha quarenta e cinco, alguns foram embora, daí tem quarenta agora. Daí muitos ficam em pé porque a biblioteca não é tão ampla, ainda, porque ainda eles [a direção]. Faz pouco tempo, né, desde a sexta série que eles começaram. Aí não tem um lugar maior na escola pra fazer [pra ampliar a biblioteca]. Mas, na hora que eles</u></p>	<p>IC1: Livro. (B)</p> <p>IC2: Sala ampla. (E)</p> <p>IC3: Silêncio. (C)</p> <p>IC4: Computadores (F)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p><i>conseguirem, eu acho que eles vão fazer, né? Porque daí é um lugar bom e é pro pessoal ficar em silêncio. <u>É um lugar ótimo pro pessoal fazer as coisas.</u> E, em si, assim, é os livros, <u>teria que ter também</u>, se fosse uma sala ampla, fosse pra poder... tivesse <u>uns computadores pro pessoal pesquisar juntos, entendeu?</u></i></p>	
<p>D - <i>Eu acho que deve sempre <u>ter uma diversidade de livros diferentes.</u> Porque cada um tem um gosto. Tem gente que só gosta de livro de fantasia, tem gente que só gosta de livro de ação, tem gente que só gosta de livro de terror. <u>Tem que ter vários livros diferentes pra todos os gostos.</u></i></p>	IC: Variedade de livros. (B)
<p>E - <i><u>Livros [...]. Livros, é... revistas, jornais pra ter informação.</u> É... <u>atlas, mapas, assim que... geográficos também têm que ter.</u> E <u>livros para preparação de provas também é muito importante, que às vezes a gente, por exemplo, eu que tô estudando para o vestibular, tenho que sair e comprar alguns livros assim que não têm aqui, né? Esses mais complexos assim. Mas, é, eu acho importante ter também pra preparação do aluno pro vestibular.</u></i></p>	IC: Documentos variados para provas e vestibular. (B)
<p>F - <i>Olha, eu acho que <u>deve ter um espaço confortável para a leitura, porque a leitura em espaço desconfortável não, não, não vai pra frente.</u> E tem que <u>ter uma, uma certa quantidade de assuntos, de livros diferentes, assuntos para poder se aprofundar mais também, não ficar só num assunto, em uma, em um determinado, numa determinada parte da leitura.</u></i></p>	IC1: Espaço confortável. (E) IC2: Livros de temas variados e em número suficiente. (B)
<p>G - <i>O que deve ter? Livros. [...]. Livros. Eu acho que <u>os livros são os principais, né? Porque você não faz uma biblioteca se você não tiver livros.</u> De acordo comigo tem como. <u>Porque são os livros que, que são a leitura.</u> E às vezes um título do livro te chama à atenção e você... É isso.</i></p>	IC: Livros (B)
<p>H - <i>Acho que <u>de tudo um pouco.</u> Tipo, <u>tudo que eu procuro e eu saber que vai ter, entende?</u> Tipo, eu quero, <u>vou estudar agronomia.</u> Aí eu vou na biblioteca <u>e eu sei que vai ter especificamente aquele livro pra mim.</u> <u>Pode não conter tudo, porque nem tem [...], nem sempre tem tudo, mas pelo menos algo que me ajude seria bom.</u></i></p>	IC: Acervo variado para atender necessidades de escolares e de cunho pessoal. (B)
<p>I - <i>Hummm! <u>Livros destinados para determinadas idades, os quais tragam ensinamentos pra aquelas idades.</u> No Primário trazer <u>um incentivo pra brincadeiras.</u> Por exemplo, “pique-esconde”, “pega-pega”, <u>essas brincadeiras infantis que, no caso, eu tive.</u> Então, trazer mais esse contato com o verdadeiro mundo que eu tive, basicamente, <u>e não esse incentivo à... à tecnologia.</u> Eu sou bem resolvido quanto à tecnologia. Eu não gosto muito. Eu</i></p>	IC: Livros para atender diferentes idades. (B)

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p>não apoio isso pra criança. Eu não apoio isso. Então, eu gostaria <u>que a biblioteca trouxesse</u> isso. Aí trouxesse mais <u>um conteúdo literário maior</u>. Trouxesse, no caso <u>pro Ensino Fundamental (quinto ano) até o terceiro [do Ensino Médio]</u>, trouxesse <u>um interesse maior para os jovens, por causa que eu não tive, literatura brasileira, autores brasileiros</u>. <u>Que têm muitas obras boas</u>, mas no caso, <u>esse colégio não tem</u>. É muito pouca coisa que eles, muito pouca, muito pouca. <u>Muitos [alunos] compram</u>. Muitos compram. <u>Quando eu lia bastante eu comprava livros</u> agora... A gente pegava <u>obras de autores estrangeiros que têm, algumas coisas têm, daí interessa bastante</u>. <u>Só que autores brasileiros que é que devia ser focado não têm, entende?</u> Acho que seria mais isso.</p>	
<p>J - <u>Uma quantidade de livros, como assim, de cada área</u>. Por exemplo, <u>história, literatura, e por aí vai, entendeu?</u> <u>Uma grande diversidade de livros</u>. <u>Porque a biblioteca na realidade é um local de conhecimento, né?</u> <u>E quanto mais você tiver disponibilidade, mais assuntos você tiver, melhor pro aprendizado da pessoa</u>. <u>Porque o livro... hoje em dia tem internet, tudo, mas o livro ainda é uma importante forma de aprendizado</u>. <u>Porque você na internet tem muita coisa, mas muitas vezes errada</u>. <u>O livro não, você pega, você já tem uma coisa já verificada, corrigida, certa</u>. Então, <u>você tem uma certeza, uma certeza do conteúdo que está escrito naquilo</u>. <u>Porque passa... tem a aprovação de uma editora, uma análise ortográfica. Tudo certo. Tudo perante a lei, as leis do país, né?</u> Então, <u>é mais confiável que [...] internet</u>.</p>	<p>IC: Livros de temas variados e em número suficiente. (B)</p>
<p>K - Ah, <u>diversidade de livros pra poder fazer pesquisa</u>. É, <u>tem que ser organizada</u>.</p>	<p>IC1: Diversidade de livros. (B)</p> <p>IC2: Organização. (A)</p>
<p>L - <u>Bastante livro. [...]. Tem que ter muito livro. É igual aqui. Aqui tem ainda bastantinho</u>. Tem livro. Acho que a biblioteca é um <u>ambiente muito calmo</u>. Acho que se a gente for ver, <u>um aluno não vai conseguir ler um livro, às vezes, numa sala de aula</u>. Dependendo da turma <u>você não vai conseguir ler um livro numa turma bagunceira</u>. Acho que a gente não consegue. <u>A biblioteca é um lugar calmo onde exige muito silêncio</u>. Eu acho que <u>é mais tranquilo pra gente pensar, refletir, ler</u>. É um lugar muito calmo. Na minha opinião acho que é.</p>	<p>IC1: Muitos livros. (B)</p> <p>IC2: Ambiente calmo e silencioso. (C)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p>M - <i>Na minha opinião, além, é, acho que, como eu falei, os <u>livros infantis e de vestibular</u> têm bastante importância, mas <u>livros de vários estilos, de autores brasileiros e também livros de autores estrangeiros, porque é importante que a gente tenha uma diversidade de gêneros e de livros aqui, pra tá motivando todos os alunos a ler.</u> Porque, tipo, assim, eu gosto de um tipo de gênero, de um gênero específico e aí outro aluno gosta de outro. Então, acho importante ter vários gêneros pra tá motivando a leitura dos alunos. Eu acho importante.</i></p>	<p>IC: Livros de diferentes gêneros. (B)</p>
<p>N - <i><u>Livros pra conhecer mais, aprender mais. Quando se fala em biblioteca já se pensa em livro, né? Só que tem que ter aqueles livros pra gente conhecer mais [...]</u> Eu acho isso.</i></p>	<p>IC: Livros (B) AC: Conceito tradicional: biblioteca associada ao lugar do livro. (A)</p>
<p>O - <i>Deve ter, <u>deveria ter</u>, ali já tem, né, os <u>livros</u>. <u>Deveria ter sempre, ter sempre um professor cuidando, porque se não cuidar pode ser que vá alguém ali, estrague.</u></i></p>	<p>IC1: Livros. (B) IC2: Professor para cuidar. (G)</p>
<p>P - <i><u>Livros, né? [...]. Acho que computadores, apesar de também ser um auxílio bastante grande porque a gente, eu particularmente, eu leio muito mais através, na... [tela] de um computador, na internet, do que num livro. Eu consigo me adaptar muito melhor num computador do que num livro. Não consigo pegar um livro, assim, e ficar lendo.</u> Eu gosto mesmo é de ler no computador, um texto, assim.</i></p>	<p>IC1: Livros. (B) IC2: Computadores com internet. (F)</p>
<p>Q - <i><u>Livros. Muitos livros. [...]</u> E, <u>um local aconchegante com..., calmo pra poder ler. Revistas, também, às vezes é interessante, e material didático.</u></i></p>	<p>IC1: Livros, revistas e material didático. (B) IC2: Local aconchegante (E) IC3: Local calmo. (C)</p>
<p>R - <i>Olha, na minha opinião <u>deve ter tudo que o professor precisa pra trabalhar. Tanto a literatura clássica, é... Tudo que pede na, na..., no que o governo manda no plano didático. E deve ter livros pra lazer também.</u> Tanto que recentemente chegaram muitos desses livros de doação e tudo, que foram comprados livros de lazer. <u>Porque tem gente que gosta de literatura clássica. Eu, por exemplo, gosto, mas, por exemplo, da minha sala não conheço ninguém que gosta de literatura clássica. Então, tem que ter todos os gêneros pra tu poder agradar todo mundo e</u></i></p>	<p>IC1: Tudo que o professor precisa para trabalhar. (H) IC2: Livros de todos os gêneros. (B)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<u>trazer o contato da pessoa na biblioteca, porque isso é importante pra todos.</u>	
S - <u>Uma variação de livros. Mas, assim, pra qualquer tipo de idade e de diversos assuntos também. Pra ter o tipo de cada um, cada um tem um gosto. Daí quanto maior a variação, melhor. [...].</u>	IC: Livros variados para atender todas as idades. (B)
T - Ah, <u>livros, né, com certeza, livros. E acho que o ambiente, assim, entendeu, pra leitura mesmo, como eu falei antes. Um lugar em silêncio pro aluno ficar, realmente, centrado no livro. Porque às vezes lá na nossa sala se a gente ler lá é muita conversa. Às vezes as crianças tão... A minha sala, mesmo, é do lado da quadra [de esportes] e as crianças brincam ali e às vezes é difícil até de ter aula, entende? Então, acho que a biblioteca tem que ter livros, obviamente, e ter um ambiente, assim, pra tu ler, sabe? E também outros conhecimentos, como eu falei, um mapa, TV, pra tudo ser direcionado pro livro, entendeu?</u>	IC1: Livros, mapas, tv. (B) IC2: Lugar silencioso para leitura. (C)
U - <u>Alguém que administre... O que deve ter? [...]. Tem que ter conforto, né? Você tem que se sentir confortável numa biblioteca. Silêncio. E livros que você goste de ler, mas, exemplo, assim, não só livros que você goste, mas também te ensine alguma coisa.</u>	IC1: Pessoa para administrar. (G) IC2: Conforto. (E) IC3: Silêncio. (C) IC4: Livros. (B)
V - <u>Deve ter livros. Bons livros. Acho que seria bem legal, também, essa proposta da tenda. De contar para as crianças as histórias. Ter também alguns filmes próprios que a escola deveria ter [e] eu não vejo. Uma coisa que acho bem legal é a decoração. Por mais que aqui não tenha muita, mas usando uma decoração onde a criança e os adolescentes poderiam interagir. Não sei, cada semana alguém podia trazer uma frase de um livro e colocar no mural. Uma coisa pra ser mais interativa pra gente usar mais a biblioteca. Seria legal. [Uma coisa que você mencionou no início do seu depoimento é... “bons livros”. No seu entendimento o que significa “bons livros”?] Os livros que acrescentem. Tem muito livro que espanta, espanta assuntos, mas não te acrescenta nada. Não te edifica, na verdade. Então, fica uma coisa meio... Um livro que me acrescenta bastante, que eu tô lendo, na verdade, é O Peregrino. Ele é uma história muito boa e que acrescenta na vida de todo mundo. São coisas, assim que, não tipo auto-ajuda, mas é algo que vai te acrescentar, que vai te fazer amadurecer. Tem livros que muitas vezes nós lemos e que eles ficam só num assunto e tratando de um assunto só, e esse assunto é tão efêmero,</u>	IC1: Bons livros e filmes. (B) IC2: Espaço para contação de histórias. (I) IC3: Mural e outros recursos onde os alunos possam interagir. (J)

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC)
<p><i>ele não, não vai, assim, não te acrescenta nada. Aí, geralmente, as pessoas sempre pegam esses livros que são mais fáceis de fazer resumo, são mais fáceis de contar pra sala e não acrescenta aquilo na vida.</i></p>	
<p><i>W - Livros, né? [...]. Eu acho que deveria ter também <u>acesso à internet porque o que a gente não pode encontrar nos livros a gente pode pesquisar, né? E acho que é isso. [A escola não têm acesso à internet?] Tem, mas eu acho que assim ó, digamos, <u>aqui na nossa biblioteca a gente tem o livro, o computador, mas a gente não tem acesso à internet, entende? Entendeu? Acho que seria interessante. Digamos, se já tivesse só o acesso à materiais específicos, digamos, sites só de pesquisa ou, tem uns sites aqui que a gente tá usando agora no terceiro ano, por exemplo, o “Hora do Enem”, essas coisas assim. Se funcionassem pra nós já seria bem útil. Porque dá de fazer simulados, essas coisas. A gente podia tá usando <u>aqui dentro</u> com o apoio dos livros que tem aqui. Ia ser bem interessante pra gente. [Esses sites vocês usam...]</u> Só em casa, <u>porque no caso, é... o Laboratório de Informática a gente só usa com os professores, né, e tá sempre sendo usado com outros professores. Então, a gente acaba não indo lá. Só com os professores. Então, acho que seria bem interessante se aqui funcionasse a gente poderia tá respondendo as questões [do Enem] com o apoio dos livros pra tá aprendendo mais, entendeu?</u></u></i></p>	<p>IC1: Livros. (B) IC2: Acesso à internet. (F)</p>
<p><i>X - Eu acho que deveria ter todos os tipos de gêneros, né? Porque eu gosto de uma leitura que é mais literatura adolescente porque eu ainda estou nessa fase, ainda, literatura infante-juvenil, né? Mas, também, eu gosto muito da literatura... mais de adulto romântico. Então! Eu gosto disso, <u>mas tem pessoas que não. Tem pessoas que gostam mais da literatura, realmente, moderna, literatura realista. Então, deveria ter todos os gêneros pra que todas as pessoas pudessem ler um pouco daquilo que elas gostam. Porque não adianta nada ter uma biblioteca só de livros de literatura brasileira, do realismo, ou, então, ter só livro infante-juvenil, porque tem pessoas que não lêem todos os livros, mas aqueles que elas gostam, elas lêem. Então, é uma oportunidade da pessoa ler alguma coisa.</u></i></p>	<p>IC: Livros de diferentes gêneros. (B)</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 6: Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p>A - Não. [Por qual motivo?] <i>Acho que também <u>eu não utilizo porque a maioria dos livros que eu quero ler, eu compro e também, ou eu baixo no celular. E os livros que eu uso na escola eu tenho em casa</u> e são bem informados, com bastante informações. Então, eu não utilizo muito os da biblioteca.</i></p>	<p>IC: Não. Porque compra livro, baixa da internet no celular e, em casa, tem os livros da escola. (A)</p>
<p>B - Não. <i>Nunca. Antigamente vinha um caminhão, acho que era a biblioteca móvel, alguma coisa assim, que vinha aqui na frente do ginásio [de esportes] e eles... Era uma biblioteca mesmo. Era bem legal. Nunca mais vi aqui. Acho que eu tava na sexta série. Depois disso eu nunca mais vi. Acho que era no mês. Aí ele ficava uma semana e depois voltava. Ele ficava na frente do ginásio, ficava aberto, tinha uma escadinha, daí tu ia, escolhia um livro normal, assim. Eu fiquei sabendo por causa do meu amigo, que ele falou. [O caminhão] ficava na rua, aí tinha um prazo de tu ler e depois devolver. Era bem bom. Tinha só livro.</i></p>	<p>IC: Não. Nunca. (A)</p>
<p>C - Sim, <u>a Biblioteca Pública daqui</u> de [nome do município]. É tipo assim, ó... <u>porque quando a gente não tem internet, né, meio difícil. [...]. Ah, mas é, tipo assim, eu até tenho internet em casa, agora, só que daí na biblioteca é melhor porque daí já te mostram as especificações dos livros, essas coisas. Quando eu preciso, realmente, de livro, aí eu vou lá na biblioteca porque daí na escola não pode vim a tarde, e como estudo de manhã é difícil. Não pode. Aí, eu vou lá na Biblioteca Pública que é aqui do lado. Aí pesquiso lá no computador onde fica o livro. Aí mostra a prateleira, mostra do lado de que livro ele fica. Aí eu vou lá e pesquiso. E tem computador, também, lá atrás. Tem internet e acesso aos livros. Eu conheci... Meu pai toda vez que a gente precisava de um livro, alguma coisa, ele sempre ia pegar na biblioteca. Meu pai tinha conta na biblioteca. Ele tinha a carteirinha da biblioteca. Aí ele ia ali e retirava. Aí eu usava pra fazer os trabalhos, essas coisas.</u></p>	<p>IC: Sim, a BP. Porque fica próxima, tem internet, oferece orientação, tem o que precisa e na escola não pode ir no contraturno para utilizar a biblioteca. (B)</p>
<p>D – De vez em quando <u>eu vou na Biblioteca Pública. Bem raramente. É mais quando eu não... eu tô a fim de um livro e eu não acho por aqui. Ou, às vezes, pra ver livro pra trabalho escolar, que têm alguns aqui que não pode pegar. A gente só pode pegar durante, enquanto tiver na biblioteca, e lá eles emprestam. Lá também tem computador, mas a internet deles não é das melhores.</u></p>	<p>IC: Sim. Vai à BP quando não encontra na biblioteca da escola o livro que quer, ou encontra, mas há restrição de empréstimo. Na BP também</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p>E - <u>Não</u>. [Por que?]. <u>É porque o que eu não acho aqui eu vou em livrarias comprar, daí, né? No caso, se for para mim alugar tem uma ali no Centro [da cidade], que é no [...]. Tem uma embaixo e também dá pra alocar lá. Mas geralmente é bem disputado. Assim quando eu vou lá geralmente não tem o livro que eu quero. É a biblioteca pública municipal. Você vai lá e você aluga. Eu não sei, mas eu acho que às vezes tem que pagar algum valor dependendo do livro; alguns são grátis, alguns não, dependendo do livro que você quer pegar. E tem que ser certinho, senão paga multa. [...]. Acho bem interessante.</u></p>	<p>tem acesso à internet. (B)</p> <p>IC: Não. Porque o que não encontra na biblioteca da escola, compra, mas na BP tem a opção de empréstimo de livros quando não tem na biblioteca da escola. (A)</p>
<p>F - <u>Não</u>. <u>É a única que eu freqüento, aqui. [Por que?]</u> Porque eu não vejo necessidade. <u>Eu gosto bastante de ter livros em casa, porque eu gosto de ler várias vezes. Aí os que eu não encontro aqui eu compro. Mas aí a maioria eu leio por aqui mesmo. Eu acho bem completa a biblioteca da escola. Então, eu não vejo necessidade de outras.</u></p>	<p>IC: Não. A única biblioteca que freqüenta é a da escola. O que não encontra nela, compra. (A)</p>
<p>G - <u>Outras bibliotecas, não.</u> [E porque você não utiliza?]. Porque eu... <u>Uau, essa é uma pergunta um tanto quanto complicada. É porque assim... eu quando eu me interessar por um livro [...] vou lá na internet e já compro o livro. Aí às vezes eu procuro livros que têm na biblioteca [da escola], às vezes são livros antigos ou livros novos agora, e eu acabo não indo [na biblioteca pública], porque às vezes a comodidade da nossa casa não deixa a gente ir até lá e... Ali na praça tem a biblioteca e já fui ali, já conheci, vi que tem vários livros legais, mas não cheguei a ir lá pegar um livro pra ler.</u></p>	<p>IC: Não. Porque compra livro na internet e às vezes procura na biblioteca da escola, mas é mais cômodo permanecer em casa. (A)</p>
<p>H - <u>Tem a biblioteca da cidade que eu acho bem legal. Já fui lá, mas só para conhecer. Ainda não peguei nenhum livro lá. Mas, pretendo pegar algum. Parece bem legal.</u></p>	<p>IC: Não. (A)</p>
<p>I - <u>Não mais.</u> <u>Usava no caso a biblioteca municipal da Casa da Cultura que a biblioteca aqui... a minha mãe pegava os livros pra mim ler. Então, foi só por algum... um curto período, por um ano e parei quando começou meu desinteresse pela literatura. Foi quando eu repeti de ano. Eu repeti de ano, baixou muito a autoestima, [me] desintressei por tudo. Eu achava que tudo que eu tinha feito naquele período que eu repeti de ano é o que fez eu repetir de ano. Abandonei certas atitudes, certas pessoas, certas situações, como ler livro eu abandonei porque eu achei que ocupava muito o meu tempo e não me deixava estudar. Aí eu abandonei isso. Claro, essa ideia é muito</u></p>	<p>IC: Não mais. (A)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>errada, mas naquela época eu achei isso.</i></p> <p>J - <u>Internet</u>, praticamente. <u>Na biblioteca do SENAI</u> daqui de [...], é pra aprender sobre a profissão. É que <u>eu faço curso de técnico-eletrônica</u>, né? Então, é uma área <u>que precisa de bastante estudo e conhecimento</u>. <u>Daí eu pego livro voltado pra essa área</u>, eletrônica. Já no ano passado fiz curso de mecânica e também pegava pro curso de mecânica.</p>	<p>IC: Sim. A biblioteca do SENAI. (B)</p>
<p>K - <u>Já utilizei</u> a do [...], ali também, que é a biblioteca pública, entre a quinta e oitava série que foi bastante pesquisa. Daí o colégio não tinha tanta internet, tanto computador ainda, e ali já tinha. Daí eu utilizava bastante ali. É mais fácil, né? Era mais fácil fazer trabalhos. [...]. É que uma vez eles vieram aqui anunciar que tinha curso de computação na biblioteca pública. Daí quem fizesse a carteirinha, pagasse a mensalidade, é mensal, mensalidade, daí podia usufruir do computador e dos livros. Eu nem fiz o curso. Só que daí eu fiz a carteirinha, fui lá. Daí tinha um professor que auxiliava a gente lá, tirava as dúvidas, ajudava a fazer as pesquisas. Algumas vezes a gente pesquisava os livros na internet pra poder pesquisar pra ficar mais fácil. Daí colocava o, colocava ali e via se tinha na biblioteca. Os que tinha a gente colocava a frase, ali, do autor, e o autor embaixo nos trabalhos, mas era manuscrito. Ali podia imprimir, tudo certinho. Bom, tinha o auxiliar ali, o cara que ajudava a gente. Daí a gente ia, né? Ajudava a gente a ler também. Algumas <u>palavras que a gente não entendia ele explicava pra gente</u>. Que os livros têm umas palavras meio...</p>	<p>IC: Não. (A)</p>
<p>L - <u>Não</u>. A <u>única biblioteca</u> que eu utilizei <u>na minha vida</u> foi essa aqui. Essa aqui. Sempre foi essa. Sempre foi essa biblioteca. [Por que você sempre utilizou esta biblioteca?] Além do fato de eu sempre estudar aqui desde a primeira série, como posso explicar... Eu já fiz visitas com o colégio em algumas bibliotecas aqui por perto, sei lá, eu acho que eu sempre me acostumei com o [nome da escola]. Como é um colégio que eu sempre estudei desde criança, acho que até por isso, como é que eu posso explicar, como posso dizer, eu criei uma intimidade com cada parte desse colégio assim. Este colégio conheço de tudo e de cada coisa nele. Cada um pouco a gente gosta. Eu gosto um pouco da biblioteca, gosto da informática. Acho que de tanto eu ficar todo esse tempo aqui <u>me acostumei</u> com tudo que tem dele. Não me via em outra</p>	<p>IC: Não. Apenas a biblioteca da escola. (A)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<i>biblioteca não. Sempre aqui. Sempre, é, fazer trabalho era aqui, com meus amigos aqui, ler aqui. Acho que de tanto eu ler, de eu pegar livro aqui, eu não me importava com outras bibliotecas assim. Não, vou lá pego um livro no colégio e tudo bem. Não ia em outras.</i>	
M - <i>Minha mãe, ela, ela fazia faculdade na [...] até o ano passado. Então, eu utilizei bastante da faculdade [...] porque ela trazia os livros de lá para mim, livros que não tinham aqui e tal. Livros que eu gosto de ler, de autoras internacionais que eu gosto muito. Então, lá a biblioteca tem bastante títulos e ela trazia uns pra mim. Daí eu utilizava da biblioteca da [...].</i>	IC: Não. (A)
N - <u>Não</u> . <i>Só a da escola, mesmo. [E por que você não utiliza outras bibliotecas?]. Na verdade, eu assim, é, eu sei que tem várias bibliotecas, mas eu não conheci muitas. Na verdade, eu sei que tem a biblioteca da [nome de universidade]. Ali eu já fui também. Já conheci só. Mas outras bibliotecas, só biblioteca mesmo, eu não conheço.</i>	IC: Não. Apenas a biblioteca da escola. (A)
O - <i>Eu não, mas tem gente no meu curso, lá, que eles alugam no CEDUP, lá onde eu faço curso. Eu não costume. Não leio muito, também, assim. Mas, tem gente que eu vejo pegar livro lá onde eu faço curso. Lê, depois troca. [CEDUP, o que é?] CEDUP é um... Bem, de manhã e até de tarde é um colégio técnico, que faz um curso junto, e de noite é curso técnico. [Você faz técnico de que?] Informática. Comecei este mês. Este ano na verdade. É de dois anos. [Então, você não utiliza outras bibliotecas.] Não. Não gosto, assim, muito de ler.</i>	IC: Não. Não gosta muito de ler. (A)
P - <u>Não, até porque eu também não utilizo muito essa, né? Então, eu acabo não utilizando outras bibliotecas também.</u>	IC: Não. Também não utiliza muito a da escola. (A)
Q - <u>Sim</u> . <i>Bastante. Eu tenho, eu uso a Biblioteca Pública de [nome do município] e a minha mãe ela é funcionária da [nome de empresa] e às vezes eu pego livros [...] também, que eles também emprestam livros e às vezes eu pego livros de lá. É, realmente, só pra literatura, mesmo. Pra descontrair [...]. Sempre, desde pequena eu tive muito o hábito da leitura.</i>	IC: Sim. A BP e a da empresa onde a mãe é funcionária. (B)
R - <i>A princípio eu usava, há alguns anos atrás, a biblioteca municipal, mas pra... não emprestava livro. Quando às vezes eu ia lá, queria ver algum artigo, alguma obra, ou ver algum livro, ver se eu gostava do livro, e daí comprava o livro. É pra mim conhecer um pouco do livro, lia um pouquinho. Aí eu usava como fonte de pesquisa também, né? Não só pra trabalhos da escola, mais pra pesquisa que</i>	IC: Não. Mas já utilizou a BP para pesquisa escolar, e de coninho pessoal, e para conhecer livros novos. (A)

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>eu fazia em casa, <u>por curiosidade</u>. Eu gostava de pesquisar muito <u>sobre história</u>. É... <u> fatos da Segunda Guerra</u>, principalmente. E esses arquivos pessoais que tão guardados na biblioteca, e que muita gente não sabe, mas tem bastante, é, é, <u>matérias pessoais que foram feitas, entrevistas que foram feitas com soldados que foram pra Guerra</u>, e isso, de <u>ex-soldados que agora são falecidos aqui, e notas pessoais deles</u>, e eu acho que não tem nada melhor do que tu ler uma nota pessoal, porque você consegue sentir bem mais a transmissão do sentimento quando a pessoa tá escrevendo aquilo. [Você lembra que idade tinha, mais ou menos, qual a série que você estava?] <u>Foi quando eu tava no primeiro ano do Ensino Médio. Quando eu passava bastante por lá perto e eu tinha que esperar pra pegar o ônibus. Daí eu ficava lá, nesse tempo, na biblioteca.</u></i></p>	
<p>S - <u>Não mais</u>. Não, eu tipo, <u>eu leio, mas eu não vou em biblioteca</u>. Eu <u>leio mais on-line, daí, só on-line, livros em geral, assim, que me interessam, daí.</u></p>	<p>IC: Não mais. Prefere ler na internet. (A)</p>
<p>T - Não. Só livraria pra comprar o livro, mas não é bem uma biblioteca. Acho que não se enquadra nisso. Mas <u>eu utilizo só essa aqui</u>. [E por que você não utiliza outras bibliotecas?] <u>Eu até pensei naquela ali da nossa cidade, acho que é a municipal, mas ainda não fui porque eu tenho essa, que é pertinho, daí eu posso vim aqui porque ainda sou aluno</u>. Mas no ano que vem acho que eu vou lá, sim. Eu só uso essa aqui mesmo por... eu encontro os livros que eu quero e que <u>até achei um que eu tava procurando há bastante tempo</u>, que eu encontrei aqui. É <u>Sherlock Holmes. É O estudo em vermelho. O primeiro livro do Arthur Conan Doyle, né, que é a literatura de Sherlock Holmes</u>. Eu achei e terminei de ler ele ontem. Foi uma amiga, né, que me recomendou. Ela leu há bastante tempo, já. Daí ela falou “Tem aquele livro”. “Tem?” Daí eu fiquei, eu vim aqui, fuzei, fuzei, daí encontrei e eu li. Ele é um livro que <u>tá meio gasto já, porque parece ser que é bem antigo</u> o que tá aqui. Mas eu achei ali [olhando para as estantes] e foi bom.</p>	<p>IC: Não. Só livraria. Biblioteca, apenas a da escola. (A)</p>
<p>U - Sim. Eu... quer dizer, eu utilizava, né, quando eu fazia o SENAI. Lá tem muitos livros pra ler. Na oitava série sempre pegava livro de lá. Eram cinco livros, assim. Algumas vezes a gente pegava pra escola mesmo. Não que aqui não tinha. Tinha, mas lá tinha mais livros, né?</p>	<p>IC: Não. (A)</p>
<p>V - <u>Como a minha mãe é professora e minha irmã, também, enquanto elas dão aula, às vezes dou uma</u></p>	<p>IC: Sim. Às vezes frequenta</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<i>escapadinha e vou na biblioteca. Mas eu nunca fui, assim, uma pessoa <u>de ir em outras bibliotecas, né? Sempre fico nessas que estão mais próximas, mesmo.</u></i>	bibliotecas de outras escolas. (B)
<i>W - <u>Não. Só aqui.</u> [Por que?] Porque eu passo a maioria da parte de meu tempo aqui. Tipo, <u>segunda-feira eu faço Inglês aqui na escola.</u> Então, eu começo, meu Inglês começa só três e quinze. Então, eu passo do horário que eu termino de almoçar até o horário do Inglês, aqui dentro. Então, <u>é mais prático onde eu já tô, já aproveito e fico aqui.</u></i>	IC: Não. Apenas a da escola. (A)
<i>X – Então! Ultimamente eu fui mais <u>na biblioteca do SESC que lá também tem vários livros infanto-juvenis.</u> E eu <u>utilizo mais e-book mesmo, porque dá você baixa o livro e lê no celular, né? Porque dá eu não preciso tá levando o livro.</u> Tenho medo de estragar, tem essa coisa, tenho muita fissuração por livro, então, não pode estragar. Então, eu deixo <u>no celular que é mais fácil. Se tô no ônibus tô lendo.</u> Então, <u>é um jeito que eu mais utilizo mesmo.</u></i>	IC: Sim. A biblioteca do SESC, mas utiliza mais e-book. (B)

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 7: Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<i>A - Acho que o que eu posso dizer é que <u>muitos alunos meio que se recusam a vim na biblioteca,</u> foi o que observei durante esses anos e também <u>eu já fui assim. Só que a partir do momento em que eu comecei a vim na biblioteca, eu gostei, e comecei a vim mais.</u> Então... E eu sempre convidava alguém pra vim comigo e <u>ouvia aquelas pessoas: "Ah, não, não vou lá na biblioteca. É chato, não tem nada legal lá",</u> não sei o quê, sabe? E, <u>é, acho que as pessoas não gostam muito de ler.</u> As pessoas têm que ter mais literatura na vida. <u>Dá pra ver que não tem muita gente que utiliza a biblioteca da escola. Acho que é de um a cada cinco alunos que usam a biblioteca. Às vezes nem isso.</u> E os anos que eu vinha aqui na biblioteca foram bons. <u>Eu peguei vários livros e a minha literatura foi boa. Isso também contribui pra falar melhor, pra se expressar melhor.</u> A gente sabe o quanto literatura é importante na vida da gente.</i>	IC: Muitos alunos não frequentam a biblioteca. A literatura contribui para falar e se expressar melhor. (A)

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p>B - <u>Eu desenvolvi essa paixão de leitura que eu tenho desde quando que eu era pequena que eu vinha pra cá. Então, eu queria que os professores, a diretora, alertassem a escola de que a biblioteca tá aberta pra qualquer um usar. E é bom pra uma criança que tá vindo agora. Muitas vezes elas têm problemas em casa com os pais. É uma forma de desligar a mente de um problema. Eu acho bom que uma criança venha, leia, aprenda, como eu aprendi lendo. É bem bom.</u></p>	<p>IC1: A escola no incentivo ao uso da biblioteca. (A)</p> <p>IC2: Hábito de leitura desenvolvido na biblioteca. (B)</p>
<p>C - <u>Acho que assim... Em si, eu acho que expliquei tudo. Só que realmente precisa, e voltando ao que falei, que a biblioteca tem que ser mais ampla e que a escola continue, realmente, com a biblioteca, sabe? Porque a biblioteca, realmente, ajuda todos os alunos. Se os alunos, realmente, tão precisando e querem pesquisar, eles vêm pra biblioteca, realmente. E sempre tem aluno aqui. Portanto, que agora a gente viu que tinha aluno aqui. Sempre tem aluno com o professor aqui, ou sempre tem aluno aqui. Tem gente que de vez em quando, quando [a biblioteca] fica aberta no recreio, fica aqui dentro pra ler, pra olhar. E, então, eu acho que eles devem continuar. E se na hora que o colégio tiver, né, assim, né, a verba, ou o pessoal mandar a verba, conseguir pra aumentar. [a biblioteca], né? Pra poder colocar mais livros. Porque muitos livros não têm aqui pelo fato de a biblioteca não ser tão grande, tão ampla. Mas é um lugar muito bom, muito confortável pra todos os alunos.</u></p>	<p>IC: É preciso verba para melhorar a biblioteca. (A)</p>
<p>D - <u>Só posso falar mais uma coisa. Desde o tempo que eu tava no Primário a biblioteca evoluiu bastante, porque antes, no Primário, não era bem uma biblioteca. Era mais um lugar pra pegar os livros de vez em quando. Mais os didáticos. Mas ela evoluiu bastante. E é muito bom ter um lugar desses aqui na escola.</u></p>	<p>IC: A biblioteca melhorou. Antes não era bem uma biblioteca. (A)</p>
<p>E - <u>É, pra mim assim... Só acrescentando o que eu já falei, eu acho essencial também eles aplicarem mais no Ensino Médio, assim. Tem que continuar com essa, essa, essa assim, você sabe, em vim pra ler, pra tá pegando [livros], que é muito importante, né? E eu acho que é isso. Tem um papel muito importante na escola.</u></p>	<p>IC: O Ensino Médio deve ser incentivado a frequentar mais a biblioteca. (A)</p>
<p>F - <u>Bom, eu acho que quando eu estava na quarta série eu nunca lia. Eu não era acostumada a ler. Eu era tipo, “Ah, pra que ler”, assim. E eu tava na quarta série e eu vim... Uma vez uma professora minha da quarta série ela disse, pediu pra gente ler um livro e depois que a gente ia fazer um trabalho sobre esse livro. E aí ela mandou a gente</u></p>	<p>IC: O professor no incentivo ao uso da biblioteca. (A)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>escolher <u>qualquer livro</u> que a gente queria. <u>Aí eu vim à biblioteca</u> pensando “O que eu vou escolher porque eu não leio, eu não faço ideia.” <u>Aí eu cheguei na biblioteca</u>, eu fiquei lá folheando os livros e eu <u>achei um livro</u> que achei muito interessante que era, era uma história pra criança. Era <u>sobre...</u> é, tipo, <u>adolescência</u>. É sobre uma máquina do tempo. Era uma ficção. E eu <u>li esse livro</u> e eu <u>me apaixonei</u>. E desde então, eu sempre, aí desde então, desde aquele Natal, naquele ano, naquele Natal eu pedi para todos os meus familiares um livro. Todos eles me deram um livro diferente. E foi a partir da biblioteca da escola que eu comecei a ler. <u>E desde então eu leio sempre. Leio muito. Sou viciada em leitura</u> e eu gostaria muito, assim, eu comecei a escrever um livro, mas por mim mesma, tipo, porque eu acho muito interessante isso, sabe? Eu acho que o livro passa uma coisa muito, muito mágica pra gente, que não, que a gente não tem em outros lugares, tipo, filmes e tal. Faz a gente viajar e daí eu queria passar essa sensação pra alguém. Então, eu tô escrevendo um livro assim, mas é mais pra mim. Porque não é muito assim, eu não acredito que eu escreveria. Mas eu acho que futuramente eu gostaria de escrever um livro. Eu adoro escrever. Eu gostaria de criar, eu tenho duas opções. Ou criar uma história, uma ficção, de romance, ou criar umas teorias sobre o universo e daí colocar em livro. Porque eu adoro estudar o universo.</i></p>	
<p><i>G - Uma vez uma professora, ela levou um <u>livro pra nós chamado Tosco</u>. Aquele livro eu, nossa, <u>eu fiquei encantada</u> por aquele livro. E eu achei que <u>todas as pessoas da minha sala, praticamente, se interessaram</u> por aquele livro porque era uma história legal de um menino que era sofrido, que a vida dele não era fácil. E as pessoas gostaram desse livro. Eu me fascinei por esse livro e era um livro que eles <u>tinham vontade de ler</u>, que você <u>via que eles tavam lendo mesmo</u>. E eu acho que isso é o bom. Não às vezes você levar um livro que às vezes não tem tanto conteúdo para as outras pessoas. Tipo, às vezes uma história assim comove as pessoas. E eu achei super interessante aquele livro. Foi a professora de português, não lembro quem era a professora, mas ela levou pra nós. Não lembro quem era a professora, se era no primeiro ano [do Ensino Médio] ou na oitava série. Ela pegou na biblioteca da escola. Ela levou vários [exemplares]. Ela levou pra todos nós lermos e eu não lembro se ela fez</i></p>	<p>IC: O papel do professor no incentivo à leitura. (B)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>alguma atividade. Não me recordo. Lemos na sala, nas aulas dela. Superinteressante!</i></p>	
<p><i>H - Deixa eu ver... <u>Eu gostava bastante quando a gente vinha, tipo, com a turma toda pra ler alguma coisa. Era interessante. Eu achava bem legal, mas só era há muito tempo quando a gente era bem mais pequeno. A gente, a professora sempre trazia a gente. Aí às vezes tinha, tinha atividade diferente, assim. Era bem legal. A gente vinha, lia, também, aí, tinha Lego. A gente vinha quase to..., bastante. Bastante. Uma vez, mas aí uma vez, mas aí com o tempo foi parando de vim. Então, no primeiro e segundo ano [do Ensino Médio] acho que se eu vim aqui cinco vezes pra ver um livro, foi muito. A gente veio bem pouco. Acho que é isso que eu me lembro.</u></i></p>	<p>IC: O Ensino Médio frequenta pouco a biblioteca. (A)</p>
<p><i>I - Digamos que eu conheci <u>essa biblioteca</u> foi na época do colégio antigo, da estrutura velha. <u>Foi bem marcante pra mim porque eu via vários alunos, tanto eu quanto vários alunos, vindo aqui direto fazer pesquisas, ir atrás de respostas. Tinha uma dúvida vinha em outros períodos do colégio pra, simplesmente, vir esclarecer as perguntas. E isso foi, foi bom. Eu aprendi muita coisa nessa biblioteca. Eu mexia no computador, não fazia ideia de como, não sabia o que era um mouse. Aprendi na biblioteca. Aprendi tudo na biblioteca. Sozinho, mas aprendi. Tinha que aprender. Então, eu vinha pra pesquisar algumas coisas. Trabalhos eu fazia tudo na biblioteca.</u></i></p> <p>[Tinha internet na biblioteca?]. <u>Tinha. Na época que eu... dois computadores. Os funcionários da biblioteca também usavam. Eram dois computadores. Você poderia vir a qualquer horário, mas se tivesse alguém tinha que esperar ou você corria atrás dos livros. Foi mais ou menos até 2010. De 2006 até 2010, mais ou menos, que ocorreu isso. Ah, eu gostava também quando da gente ficar esperando [para usar o computador], eu gostava de pegar o livro do Guinness Book que tinha aqui. Nossa, todo mundo queria aquele livro. Tinha um que era de noventa e oito, se eu não me engano. De noventa e oito. Era o mais atual que tinha naquela época. Depois em 2010 veio o de 2008. Aí, assim, nossa, <u>todo mundo queria aqueles livros, os mapas. A gente sempre quis pegar os mapas. Não dava, mas a gente achava um jeito de pegar escondido. Esperava ela [a professora responsável pela biblioteca] sair. Ela ia pra direção, tal, a gente pegava os mapas ali, <u>abria os mapas e ficava olhando</u> que país... Aí ficava um na porta cuidando. Daí geralmente quando ela tava voltando... Não deixavam.</u></u></p>	<p>IC1: Falta incentivo para uso. A biblioteca não abre à noite. (A)</p> <p>IC2: Na ausência do responsável,</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>Os professores não deixavam por causa... medo dos alunos danificarem os mapas. Tinham medo disso. Daí não deixavam. O corredor era grande, então, dava pra ver “Podem abrir”; “Ela tá vindo, tá vindo!” Corria todo mundo. Na biblioteca antiga. Teve três bibliotecas, três lugares pra biblioteca. No começo até o término do quarto ano [do Ensino Fundamental] a biblioteca ficava mais ou menos aqui. Eram três salas, e ficava aqui a biblioteca. Aí com a reforma ela foi, passou lá pro salão. Daí lá era mais complicado a gente pegar os mapas, <u>mexer no globo</u>. Daí complicava um pouco mais. Mas, daí ela [a biblioteca] passou pra cá que <u>foi onde, basicamente, terminou daí o meu interesse que eu tive por leitura. E eu não tinha mais tempo nem nada. Tive discussões com a bibliotecária quando eu tava na quinta série, que eu queria pegar <u>O Código Da Vinci</u>. Sempre... <u>assisti ao filme e me interessei, quis ler o livro</u>. Disseram que tinha coisa diferente e eu queria ver e ela [a responsável pela biblioteca] não me deixou. Eu levei advertência. Eu levei advertência porque... e sempre como eu fui estressado, eu acabei discutindo com ela. Me arrependo, mas acabei xingando ela, me mandou pra direção. <u>Era uma leitura mais avançada</u>, aí um garoto da minha sala foi lá e levou [o livro]. Com isso eu fiquei “P” da vida. Eu peguei o livro que todo mundo queria, fiquei três semanas com o livro, podia só duas, eu fiquei três semanas, atrasei, paguei multa, paguei, mas eu não deixei ninguém pegar aquele livro. Mas não li nada, também, só de raiva. Ela achava que ele era mais velho, simplesmente porque a altura dele era maior que a minha, mas dá na mesma coisa e daí não me deixou ler. Aí <u>tinha os livros que ela, até hoje deixam nesse armário</u>, [apontando para um armário com chave ali na biblioteca], <u>Guerra das torres, uma coisa assim. Era uma literatura mais estrangeira, todo mundo quis</u>. Eu não acho muito bom, mas eu queria ler naquela época. <u>O livro do Harry Potter</u> queria todo mundo ler, <u>virou filme todo mundo quer ler</u>. Aí <u>ela deixava escondido e tinha uma fichona, que aí ela reservava os livros pra nós</u>. Aí dava briga se a gente se <u>atrasava</u>. Aí iam atrás do aluno, dava ali, dava o nome do “cara”. <u>Era bastante confusão</u>. Não gostava quando a gente ia <u>pegar o globo</u>. A gente ia brincando, o globo ficava girando. <u>Nem lia nada que tava ali. Era só por girar o globo</u>, As maquetes, nós <u>mexíamos nas maquetes. A gente mexia por tudo, por tudo. A biblioteca na minha infância foi muito bom, foi muito bom. Tem um livro da formiga,</u></u></i></p>	<p>os alunos bagunçavam a biblioteca. (C)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>também, <u>que</u> ela leu pra nós. É uma fábula que eu não, eu não consigo lembrar qual é a mensagem daquela fábula, mas foi muito bom porque sentou todo mundo, toda a sala <u>tava reunida</u>. Sentou todo mundo naquele canto que eu expliquei. E ela... <u>Era um homem e uma formiga</u>. Tavam <u>na neve</u>, eu não lembro direito do livro, mas aquele livro foi, <u>marcou bastante porque daí ela leu</u>. Foi uma das primeiras vezes que ela leu pra mim. Daí ela <u>mostrava</u>, assim, <u>imagens</u>. A gente tentava, não entendia nada. Então, acho que basicamente isso. Eu tô aqui desde o pré, então, conheço essa escola como a palma da minha mão. Agora teria <u>um fato</u> que eu acho um pouco <u>triste quanto à biblioteca hoje em dia</u>. Por exemplo, <u>à noite não tem esse aluguel de livro que a gente pega os livros e leva pra casa</u>. Não, não tem mais, antes tinha. Agora, ainda tem pro [Ensino] Fundamental [séries finais] e pro Primário [séries iniciais]. À noite <u>não tem porque também</u>, porque os alunos não têm tempo pra ler, basicamente. Então, eles [direção e professores] sabem que a maioria trabalha, simplesmente, chega em casa quer descansar um pouco, quer ficar no celular, simplesmente, quer relaxar, não tem tempo pra ler. É bem mais corrido. Eles [os alunos] acham que é mais corrido porque tão entrando nessa vida adulta agora. Então, “Ah, a minha cabeça vai explodir.” E é basicamente isso porque tá no começo. Então, não têm tempo pra leitura. <u>Eu ainda conheço algumas pessoas que vêm, pegam aqui de vez em quando, levam. Mas o fato que eu acho bem triste é eles não reformularem, os livros não trazerem novas obras para as crianças e a má conservação dos livros que tá bem ruim, bem precário isso. E o fato de alguns alunos vim e simplesmente roubarem coisas. Tem isso. Eu venho pegar livros, por exemplo, os professores dizem: “Ah, vai lá pegar livros de biologia. Trinta livros”.</u> A gente leva lá pra sala, <u>mas nesse meio tempo fica alguém aqui e rouba alguma coisa. Eu já conversei com o diretor e ele achou bem ruim isso, mas não tem o que fazer, porque não sabem quando o “cara” pega. Não tem como ficar cuidando.</u></i></p>	<p>IC3: Contação de história. (B)</p> <p>IC4: Falta de cuidado e de atenção à biblioteca. (D)</p>
<p>J - <u>A questão, assim, a escola é algo, a <u>escola</u> é o ocea..., é a parte mais importante da formação de uma pessoa, né, na questão do conhecimento. Na questão da família é formar o caráter de uma pessoa, é a família que forma, é dever da família. O da escola é o conhecimento. Porque a pessoa, vamos dizer, <u>uma pessoa entra [na escola], vamos dizer, com cinco anos de idade e sai com dezessete, dezoito</u></u></p>	<p>IC: O papel da família, da escola e da biblioteca na formação de uma pessoa. (A)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>anos de idade. Então, nesse meio tempo a escola, vamos dizer, ela tem o dever de ser, dar atenção, dar um ensino de qualidade pra pessoa. Porque essa pessoa que vai sair [da escola], vai ser um futuro profissional que vai servir à sociedade. Então, a questão, assim... Além de você, da qualidade dos professores, ensinar, de os professores ensinarem, a questão da diretoria, ser uma diretoria que tenha uma boa gestão, que administre bem a escola, não falte nada pra escola, a biblioteca também tem que ser bem administrada, tem que ser bem organizada, tem que ser algo onde que seja, algo onde que tenha bastante conteúdos para a pessoa ler, pra pessoa ler e aprender. Então, a biblioteca ela tem que ser algo diversificado. Porque a pessoa que entra na escola, ela procura um conhecimento. Então, quanto maior a oportunidade de conhecimento, melhor pra pessoa, melhor pra formação da pessoa.</i></p>	
<p><i>K - Uma coisa que me marcou bastante da biblioteca da escola, aqui, foi um trabalho de português. Eu tava na sétima série. A professora não deixou usar o computador, tecnologia nenhuma. O cara tinha que... era só livro e tinha que botar o autor do livro, tudo certinho. Foi na sétima série. Me bati um monte pra fazer este trabalho. Tem que ler pra entender. Era em grupo, a gente vinha de manhã. Eu estudava de tarde, ainda. Daí a gente vinha de manhã no colégio. Às vezes de manhã a gente ia ali na biblioteca pública, colocava na internet, ali. Eu não lembro qual que era o tema agora. Colocava o tema ali “livros relacionados a isso” daí apareciam ali. Daí a gente ia ver se tinha, né? Ler, né, não é acostumado muito com a leitura. Que ficou marcado assim que eu lembre bem, foi essa. A gente vinha, vinham cinco, seis, pessoas, né, colegas. Daí a gente vinha empolgado pra ler. Mas demorou. Foram dois meses de trabalho. Foi um bimestre inteiro. A professora deu no começo do bimestre até o final do bimestre pra terminar. A gente conseguiu fazer. Daí depois tinha que apresentar também. Foi quando eu mais li, assim, pra trabalho. Foi isso que ficou marcado.</i></p>	<p>IC: Incentivo à leitura e a pesquisa no EF. (B)</p>
<p>L - [...]. Não. Acho que não. Não.</p>	<p>-</p>
<p><i>M - Então, eu acho que as lembranças que eu tinha eu já comentei nas perguntas anteriores, é, e na que eu falei que eu acho importante ler vários estilos, de vários gêneros de livro, eu acho que a nossa escola poderia ter, sim, um pouco mais de livros para os jovens, para o pessoal do Ensino Médio, porque a gente tem obras nacionais e tal,</i></p>	<p>IC: A biblioteca deve ter livros de interesse dos jovens. (A)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><u>mas que são uma leitura diferente das que os jovens agora gostam. A gente, eu acho que tanto eu como os colegas gostaríamos muito de ter livros mais atuais, sabe? Se tivessem, se tivéssemos livros mais atuais e livros de escritores que tão, que tão na mídia agora, então, eles se interessariam bem mais. Acho bem interessante porque daí chamaria o público, os alunos pra biblioteca. E é muito importante, né? Principalmente, agora no Ensino Médio que a gente tem que tá lendo bastante. Então, ter livros, além desses livros que a gente precisa pra vestibular, e é bom estar conhecendo os autores, desde que não sejam só os títulos pedidos [para o vestibular], eu acho legal ter outros títulos só pra incentivar a leitura.</u></p>	
<p>N - <u>Eu acho que, assim ó, a biblioteca, é porque tem o tempo de hoje e tem o tempo de antigamente, né? Antigamente as pessoas assim da escola aqui, no meu modo de pensar e lembrar né, eu lembro que a gente sempre ia na biblioteca, né? A gente, tipo, a gente tava aqui numa aula, dentro da sala, daí a gente pensava “Ó, vamos pra biblioteca”. A gente sempre pedia pro professor. Isso eu me lembro. Verdade, mesmo. Daí a gente ia lá e ficava lá, tipo, a turma ficava mais unida, assim, porque ficava um do lado do outro e a gente ria e ficava lendo uma história, já ficava estudando alguma coisa. E hoje em dia, na verdade não, não vai, a gente não vai mais, assim, na biblioteca. Porque eu acho que também tem assim, antigamente, também não tinha a sala ali de, com computadores, essas coisas, assim, né, antigamente não tinha. Hoje já tem. Daí a gente já prefere ir pra informática do que ir pra biblioteca. Acho que a tecnologia influencia muito assim. Daí por isso que muitas pessoas tão deixando de ir pra biblioteca pra ir pra informática. Porque, hoje, é tipo assim... Se tu quer pesquisar alguma coisa, tem num livro ali, mas eles preferem lá e pesquisar na internet que vem mais rápido. Então, hoje em dia a biblioteca é, tá, tá sendo abandonada, assim.</u></p>	<p>IC: A biblioteca está sendo abandonada. O aluno prefere a sala de informática. (A)</p>
<p>O - <u>Eu acho que eu tava, acho que na quarta ou quinta série, tinha, tipo, um programa que lá na biblioteca eles davam Lego para as crianças e era bem legalzinho naquela época. Era, tipo, no lugar da aula, eles davam lá e eles incentivavam de fazer o que vinha na nossa mente. Eu acho que eles davam alguma matéria, davam um, uma vez por mês, acho que é na quinta série. Incentivava a mente. Fazia dupla... Tá lá guardado na biblioteca.</u></p>	<p>IC: Uso do espaço da biblioteca em projeto da escola. (A)</p>
<p>P - <u>Ah, eu... da biblioteca não, em si, eu não consigo</u></p>	<p>IC: Projeto</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i>lembrar da experiência de ler, mas das coisas que <u>quando</u> eu era <u>criança a gente</u> aprontava aqui dentro. A gente era criança <u>fazia o projeto [sigla do projeto]</u>, a gente aprontava um monte, <u>fazia uma bagunçada. Esse espaço era nosso, era bom. Talvez não os livros, mas as pessoas que tavam ali.</u> Era muito bom naquele tempo quando a gente era criança que <u>a gente</u> ficava nesse espaço, <u>se divertia.</u> A gente aprontava um monte. Era bom. Pra mim era bom aquele tempo, sabe? Apesar de a tua entrevista ser sobre a biblioteca, ser sobre né, o uso ou a utilização dela, mas o <u>nosso</u> espaço mesmo não era a biblioteca, não era, o <u>intuito não era usar a biblioteca como um meio de estudo.</u> <u>Era pra brincar, pra fazer aquelas coisas de criança, sabe?</u> <u>Nos momentos que ela [professora] saía da sala [biblioteca] a gente aprontava um monte. [...]. Mas, sim, tinha bastante <u>coisas que elas faziam que era muito legal,</u> super legais. Eram coisas que, como posso dizer, <u>que juntava gente, que unia a gente a fazer tudo junto, a, enfim, eu não tenho, não sei muito o que expressar porque eu também não tenho uma lembrança muito concreta. Mas a única coisa que eu posso dizer é que era legal. [...]. Era bom, naquele tempo, naquele período que vinha pra cá, no tempo do [sigla do projeto], a gente vinha pra se divertir, pra ocupar a cabeça, pra ser criança mesmo, pra aproveitar o nosso espaço daí.</u></u></i></p>	<p>interdisciplinar na biblioteca. Brincadeiras e bagunça de criança. Era bom. (C)</p>
<p>Q - Acho que foi, é basicamente isso ali que eu falei. <u>Que a gente sempre vinha com os professores. E na maioria das vezes era reservada uma aula, assim, pra gente. A gente pegava o livro, lia, aí tinha mais a contação de história, tudo. Sempre, eu sempre gostei muito de livros. Então, biblioteca pra mim é sempre um lugar maravilhoso.</u></p>	<p>IC: Incentivo ao uso da biblioteca pelo professor (livros e contação de história). (B)</p>
<p>R - Bom, eu acho assim, já falei um pouco, mas o que eu aprendi na minha experiência pessoal de leitura, que em qualquer livro que tu for ler, tu tem que ler de todos, não pode ler só, só por tá lendo. Tem que ler de todos os aspectos. Tem que olhar do teu, da tua visão, da visão do autor, da visão de alguém que, em si, ele queria fazer uma crítica a um capitalista, o que um capitalista pensa disso, o que um socialista pensa disso. <u>Abranger vários pontos de vista para tu ter uma opinião própria, uma opinião concreta sobre isso. Ter certeza do que você quer, acha disso. E pra mim, isso que eu mais gosto na leitura é essa, como é que eu posso dizer, esse sentimento de tu poder ver de tantos ângulos diferentes e sentir tanta coisa diferente apenas lendo um livro.</u></p>	<p>IC: A leitura na formação de opinião crítica sobre o que se lê. (B)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
S - Nossa! [E se você não tiver, fique à vontade.] <u>É, não tá vindo nada na memória.</u>	-
T - Acho que em relação à biblioteca e os livros, assim, acho que quando eu era criança sempre teve... <u>Eu gosto muito de ler, né? Meu pai já não gosta, minha mãe gosta e minha avó gosta. A mãe da minha mãe no caso. Eu acho que essa coisa de biblioteca, de vir à biblioteca e ler, tem que ser incentivada porque é difícil um aluno que, tipo, por exemplo, da terceira série [do Ensino Fundamental], como eu falei antes, vim por conta própria, entendeu? E eu sempre tive muitas pessoas que me incentivaram a ler. Minha avó, minha mãe, as minhas professoras me incentivaram muito pra eu tá aqui. Eu lembro uma vez que essa biblioteca, “meu”, tava cheia, cheia de criança, assim, e fazia fila pra pegar livro ali [olhando para a mesa da responsável pela biblioteca]. Era até uma bagunça, assim, mas as crianças liam bastante porque aquele, tipo, o “Lobo mau”, assim, não era muito... mas eu gostava e isso despertou em mim pra hoje eu gostar de ler, entendeu? Se ninguém tivesse me incentivado, despertado esse interesse quando eu era criança, talvez, hoje eu não, nem estaria aqui dando entrevista, entendeu? Nem estaria lendo. E isso incentiva. Eu acho que isso é importante. É isso que eu penso.</u>	IC: É preciso incentivar a leitura e o uso da biblioteca. (B)
U - <u>Que a escola, agora que eu vou sair, que a escola continue sempre, sempre, fazendo essa gincana pra arrecadar livro. Pra ajudar, né, pra desde pequenininho incentivar a ler. Que a leitura é fundamental. Tanto pra escrita, como pra imaginação. Não só ficar no computador, na internet, nas tecnologias. Isso... você pode, pode, pode mexer e ser feliz, mas eu acho que tendo um livro na mão você vai ser mais feliz, ainda. É onde você sai da sua vida real e vai virar uma... uma coisa diferente. É como, como que eu posso dizer... saísse da sua rotina e como se você vivesse como personagem. Se você tá irritado, a hora da leitura para, te passa [para] um outro lugar, entendeu? É como se eu tivesse vivendo a história, sendo personagem. [E o computador não permite isso na tua compreensão, porque?]. Porque [com o computador] você não... você escreve de uma maneira errada. Até, às vezes eu vejo muita gente digitando errado e isso me incomoda bastante, na questão de acento, vírgula. Você não aprende nada com isso. Deixa eu ver, a tecnologia pode ser uma evolução, mas eu acho que a tecnologia tá tirando esse fato de uma criança pegar um livro e começar</u>	IC: A tecnologia está tirando da criança a oportunidade de ler um livro. (A)

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><u>a ler.</u></p> <p>V - Bem, como eu falei, eu fui sempre <u>acostumada, em casa, a ler, a ler bastante</u>. Então, como a <u>minha mãe</u>, antes mesmo de ser professora, ela <u>sempre nos levou pra esse caminho</u>. <u>Aí quando eu cheguei na escola o meu primeiro contato foi com a biblioteca lá em cima, né, era bem menorzinha</u>, só tinha, nossa, <u>tinha poucos livros, eram todos velhos</u>. E eu lembro que o primeiro livro que eu peguei foi o Curió. Eu nunca esqueço desse livro. É um livro bem infantil, mas que fala sobre os curiós e eu gostava de passarinhos; dos pássaros eu gostava. <u>Aí fui crescendo, fui crescendo, e essa biblioteca, ela é importante, essa aqui, ela é bem importante pra mim</u> porque quando a minha mãe era professora aqui <u>eu ficava a tarde perambulando pela escola junto com outra filha de professora e a gente vinha aqui. A gente era louca por livros</u>. A gente catava qualquer livro que via e eu participei da construção de algumas coisas daqui da biblioteca. É por isso que eu me propus para a entrevista, porque é uma parte de mim. Então, <u>a gente vinha aqui, tava tudo bagunçado, a gente arrumava e colocava, punha cada coisa em seu lugar</u>. A gente <u>ajudava as bibliotecárias e as várias coisas que a gente fazia de trabalho estão aqui</u>. A gente gostava. Aquela tartaruga [e aponta para uma grande tartaruga feita em massa de celulose, exposta numa estante baixa próxima à porta da biblioteca] foi trabalho nosso. <u>Aí cada coisinha aqui na biblioteca me remete a alguma série que eu passei</u>. Tipo, os livros, [no] ano passado a gente vinha aqui de tarde pra fazer coisas que a gente não conseguia fazer na aula de português com todo mundo. <u>Aí a gente vinha. Porque é... muitas trabalhavam. Era como se fosse um... pessoas que tinham nota baixa elas poderiam vim aqui de tarde pra fazer, tipo, uma tarefa extra pra acrescentar mais notas. Af a gente vinha aqui, a gente acabava e a professora falava: "Vocês querem ir na biblioteca?" Daí a gente descia e tava aquela pilha de livro, que <u>a gente fez uma gincana e a gente arrecadou bastante livro</u>. Então, a gente [no] ano passado, <u>aí a gente arrecadou um montão de livro e tava tudo espalhado e teve que arrumar tudo de novo</u>. <u>Aí enquanto isso a gente, aí era legal a gente reconhecia os livros que a gente, que nós mesmas doamos. [...]. No final a gente até deixou escapar, de tanto livro que tinha, que <u>tinha tanta série boa, que muita gente, realmente, se interessou pela biblioteca</u>. E, não sei, <u>a biblioteca é um espaço bom</u>. Eu acho que a gente</u></u></p>	<p>IC1: Hábito de leitura. (B)</p> <p>IC2: O Ensino Médio deve ser incentivado a frequentar a biblioteca. (A)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><u>deveria utilizá-lo mais, já que a gente tá no “Terceirão” e é bem estressante estar no “Terceirão”. É que é muita coisa e é tanto dinheiro pra ser gasto em tanta, tanta coisinha que vai, como eu falei, que vai virar coisas tão efêmeras e essas coisas que a gente passa aqui, como eu te falei, são menores. Então, essas memórias elas nunca vão sair. Então, não sei, a gente não teve ainda <u>contação de histórias</u>. Por mais que a gente esteja no “Terceirão”, <u>mas</u> <u>isso eu gosto de sentar aqui no chão da biblioteca e ficar lendo como a gente fazia há alguns anos atrás. Uma coisa, assim, que a gente perdeu agora e que a gente gostaria de ficar... acho que a minha sala toda, na verdade, a gente gostaria de tirar um momento, assim, e vim aqui na biblioteca pra dar uma relaxada, assim. Era legal, também, que a biblioteca ficava aberta no recreio. Então, muitos vinham com os instrumentos quando a gente tava ensaiando pra gincana. A gente vinha, a minha sala vinha aqui, ensaiava. Aí as pessoas ficavam em volta, os professores junto tocavam flauta e vinha junto e... era um espaço bem bacana. <u>Dá pra fazer alguma coisa bem legal no recreio, de expor alguma ideia de, não sei, cada sala ficar responsável por um dia do recreio, da semana, de ficar fazendo coisas diferentes para as crianças, para não ficarem correndo no recreio. [...]. São coisas legais, pequeninhas, mas que vão se construindo. Acho que é isso.</u></u></u></p>	
<p>W - <u>Em relação à biblioteca... Acho que não em relação à biblioteca, mas em relação aos livros. Porque uma vez a gente teve um projeto sobre, é, como se aplica os livros na escola e como eles podem mudar a vida dos alunos, entendeu? O comportamento dos alunos. O livro era o Tosco, não sei se tu conhece, e daí a gente participou com esse tema numa Feira de ciências e daí a gente ganhou a Feira de ciências regional, foi pra estadual, e a gente viu, tipo, muita diferença do comportamento dos alunos. Foi, tipo, muito legal ver que um livro podia impactar na vida dos alunos e fazer com que eles mudassem de comportamento. Foi bem... Foi na oitava série.</u></p>	<p>IC: Projeto de leitura da Literatura e mudança de comportamento no aluno. (B)</p>
<p>X - <u>É... Às vezes os alunos pensam que biblioteca é uma coisa, assim, “Só livro chato” ou “Eu não vou gostar de nenhum livro que tem”, porque a maioria das pessoas não tem o costume de ler, na verdade. Não tem o hábito de ler. E eu vejo que tu ler um livro, tu vim numa biblioteca é uma experiência nova. É um costume. Se tu começa lendo um livro “Ah, eu não gostei”, mas tenta outro porque talvez tu vai gostar de outro. Então, tem muita gente que tem esse</u></p>	<p>IC: Hábito da leitura. (B)</p>

Expressões-Chave (E-Ch)	Ideias Centrais (IC)
<p><i><u>preconceito com o livro, né? Fala que todo livro é chato, que toda biblioteca só tem livro chato e não é assim. É, ler é uma coisa que te motiva, é super... Às vezes, eu prefiro ler do que ver TV. Eu acho que, eu imagino, eu imaginar é muito melhor do que eu ver. Porque às vezes eu me decepiono com o que eu vejo e que a minha imaginação não vai me decepcionar, [...]. Então, as pessoas têm muito essa coisa “Não, não gosto de ler”, “Não gosto de ir em biblioteca” e acabam perdendo a oportunidade de conhecer histórias que elas talvez não tenham chance. Talvez um livro não vá se tornar um filme e elas nunca acabem se deparando com aquela história.</u></i></p>	

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

APÊNDICE M - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD 2: QUADRO DAS IDEIAS CENTRAIS (IC) E SÍNTESES POR GRUPAMENTOS

Pergunta 1: Para você o que é biblioteca escolar?

A	<p>LUGAR DE CONHECIMENTO.</p> <p>A - Lugar para aprender e conhecer mais.</p> <p>E - Fonte de conhecimento.</p> <p>G - Lugar que oferece ao aluno a possibilidade de aprimorar conhecimento.</p> <p>J - Local de conhecimento.</p> <p>K - Fonte de conhecimento.</p> <p>L - Fonte de conhecimento.</p> <p>M - Lugar para se obter conhecimento e um pouco mais de cultura.</p> <p>R - Lugar que armazena muito conhecimento.</p> <p>W - Lugar onde se pode buscar conhecimento.</p> <p>X - Lugar que oferece a oportunidade de ler e aprender um pouco mais.</p>
B	<p>LUGAR NA ESCOLA QUE AUXILIA NA FORMAÇÃO DO INTELECTO DO ALUNO</p> <p>B - Lugar que contribui para a formação do intelecto da criança para que compreenda o mundo, progrida na escola e na vida social.</p> <p>I - Lugar da escola que “apresenta” o mundo para o aluno para prepará-lo para o futuro.</p>
C	<p>LUGAR PARA ATENDER AS NECESSIDADES DE LEITURA E PARA QUE O ALUNO GOSTE DE LER.</p> <p>C - Lugar para o aluno ir por vontade de ler.</p> <p>D - Lugar que oferece opção de leitura, tanto para distração como para atender obrigações escolares.</p> <p>F - Lugar que incentiva o gosto para ler.</p> <p>G - Lugar para conhecer histórias; aprimorar a imaginação.</p> <p>O - Lugar para aprender a ler histórias.</p> <p>T - Espaço para ler.</p>
D	<p>LUGAR PARA ESTUDO, TRABALHOS, PESQUISAS.</p> <p>C - Lugar onde o aluno pode querer pesquisar.</p> <p>F - Ambiente escolar que auxilia os alunos nos estudos.</p> <p>H - Lugar para emprestar livros e para estudar.</p> <p>K - No tempo que não existia internet todas as pesquisas eram feitas na biblioteca.</p> <p>M – Espaço para estudar para provas, fazer trabalhos e pesquisas.</p> <p>P - Lugar para fazer pesquisas.</p> <p>S - Lugar onde os alunos têm acesso mais fácil aos livros para fazer pesquisas.</p>
E	<p>LUGAR QUE REQUER SILÊNCIO.</p> <p>H - O lugar deve oferecer condições para estudo. Deve ser mais calmo e mais quieto que a sala de aula</p>

	T - Lugar que requer silêncio. U - Lugar que requer silêncio.
F	LUGAR CONSTITUÍDO, ESSENCIALMENTE, POR LIVROS. G - Lugar para o aluno frequentar e ter acesso a vários livros. H - Espaço de livros, mas alguns são encontrados apenas em outras bibliotecas. J - Lugar de livro. O - Lugar onde os livros (doados pelo governo ou pelos professores) estão armazenados. P - Lugar de livro. T - Lugar onde os livros estão reunidos. A maioria doada pelo governo.
G	LUGAR PARA ACESSO À LITERATURA. L - Lugar de literatura X - Lugar que oferece oportunidade de acesso à literatura para ler e aprender com ela, além do tratado em sala de aula.
H	LUGAR PARA REFÚGIO ATRAVÉS DA LEITURA. N - Lugar para se desligar das conversas da sala, ler e pensar. Q - Lugar para ler por distração (“viajar”), conhecer novidades. U - Lugar de refúgio ao imposto na sala de aula. V - Espaço para acesso aos livros para ler, imaginar, “viajar”, se refugiar.
I	LUGAR DO E PARA O ALUNO. P - Espaço do aluno, mas pouco utilizado por ele. ⁹⁶

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 2: Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

A	NÃO. NÃO MUITO. NÃO COMO ANTES. PERDEU O INTERESSE. A - Não. Não muito. Prefere a internet e livros que tem casa. B - Não. Utiliza a internet, compra livros de literatura ou empresta de colegas. G - Não muito. Prefere internet. H - Mais ou menos. A professora indica livros de literatura, mas na BE procura quem quer. I - Não. Perdeu o interesse. Trabalha. J - Não. Prefere livros técnicos. K - Muito raro. Utiliza a internet. Na biblioteca vai apenas para buscar os livros didáticos utilizados em aula. N - Não muito. Trabalha. Não tem tempo. O - Não muito. Não gosta de ler. P - Não muito. Por falta de pessoal a BE abre esporadicamente. S - Não. Nem tanto. U - Não. A BE não abre pela manhã por falta de pessoal
B	SIM. PARA EMPRÉSTIMO, ESTUDO, LEITURA, PARA FAZER OS

⁹⁶ Na concepção de Michel Certeau (ver Josgrilberg, 2005), espaço é lugar praticado. O entrevistado utiliza a expressão “espaço”, mas informa que é pouco praticado. Por conta disso, optou-se pela IC “Lugar do e para o aluno”.

	<p>EXERCÍCIOS DE AULA E PROCURAR ALGO NOVO PARA LER.</p> <p>C - Sim. Para pesquisar em livro.</p> <p>D - Sim. Para ver se tem algo de interesse.</p> <p>E - Sim. Para emprestar livros de literatura para provas e lazer.</p> <p>F - Sim. Para emprestar livros para pesquisar.</p> <p>L - Sim. Para emprestar livros de literatura e ler no local.</p> <p>M - Sim. Para estudar para provas.</p> <p>Q - Sim. Para emprestar livros de literatura e do vestibular e revistas.</p> <p>R - Sim. Para ler clássicos da literatura brasileira em atendimento ao currículo escolar.</p> <p>T - Sim. Para emprestar livros de literatura.</p> <p>V - Sim. Quando aberta, para emprestar livros para fazer trabalhos.</p> <p>W - Sim. Para fazer as atividades de aula e ler no local.</p> <p>X - Sim. Para ler livros de literatura indicados para o vestibular.</p>
--	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 3: Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

A	<p>ENSINO FUNDAMENTAL: FREQUÊNCIA ATIVA CONDUZIDA PELO PROFESSOR. INCENTIVO À LEITURA. ÊNFASE NAS SÉRIES INICIAIS.</p> <p>A - EF - empréstimo de livros de literatura e estudo.</p> <p>B - EF (1ª, 2ª, 3ª séries) - frequência semanal com a professora para empréstimo de literatura.</p> <p>C - EF (1ª a 5ª série) - empréstimo para leitura e estudo em sala, devido ao limitado espaço da biblioteca. A partir da 6ª série o uso do local é ativado e intensificado.</p> <p>D - EF - problema de visão. Pouco interesse pela leitura. O gosto nasce com a leitura de gibis.</p> <p>E - EF - frequência semanal.</p> <p>F - EF (8ª série) - a partir do livro e da biblioteca, o interesse por uma área do conhecimento.</p> <p>G - EF (6ª, 7ª série) - os professores levavam os alunos à BE, mas nem todos aproveitavam aquele momento.</p> <p>H - EF (1ª, 2ª, 5ª, 6ª, 7ª) - frequência semanal para empréstimo de literatura.</p> <p>I - EF - frequência semanal (contação de história). Da 4ª para a 5ª série, interesse por literatura mais complexa.</p> <p>K - EF (1ª série) - frequência semanal para escolha de livros de literatura.</p> <p>L - EF (3ª, 4ª série) - frequência semanal.</p> <p>M - EF (1ª, 2ª, 3ª) - frequência ativa para empréstimo de literatura. A partir das séries finais, uso para estudo.</p> <p>N - EF - empréstimo de livro para leitura e dramatização na biblioteca.</p>
---	---

	<p>O - EF (1ª até a 6ª série) para emprestar livro de literatura na disciplina de português.</p> <p>P - EF - aprendeu a ler na biblioteca.</p> <p>Q - EF - leitura na biblioteca com contação de história e escolha de literatura. De 5ª a 8ª, literatura brasileira para teatro.</p> <p>R - EF (1ª, 4ª séries) - frequência semanal.</p> <p>S - EF (1ª a 6ª, 7ª séries) - destaque à procedimentos para escolha e empréstimo de livros.</p> <p>T - EF (3ª série) frequência semanal (ler, assistir filmes, realizar atividades), diminuída na 6ª. No 9º ano já não ia tanto.</p> <p>U - EF (8ª série) - gosto por leitura por influência de professor.</p> <p>V - EF (1ª série) - o professor deixava emprestar livro à vontade. Na 7ª e 8ª série todo mês o professor solicitava que os alunos fossem à biblioteca.</p> <p>X - EF (1ª à 4ª série) - para leitura e estudo.</p>
B	<p>ENSINO MÉDIO: FREQUÊNCIA DIMINUÍDA. ÊNFASE PARA TRABALHOS E PROVAS E POR VONTADE PRÓPRIA.</p> <p>B - Hoje, no EM, frequenta pouco a biblioteca.</p> <p>C - EM - feitura de trabalhos e cartazes.</p> <p>E - Atualmente, EM, utiliza a biblioteca apenas quando necessita.</p> <p>J - EM - frequência para empréstimo de livros para trabalhos e provas.</p> <p>L - EM (1º ano) - destaque a trabalho com livro de literatura.</p> <p>O - Atualmente, no EM, não utiliza muito a biblioteca.</p> <p>Q - Agora, no EM frequenta mais na aula de português, para trabalho de literatura brasileira.</p> <p>T - EM (1º e 2ª ano) - frequência por solicitação do professor. Hoje, (3º ano), é por iniciativa própria.</p> <p>V - EM – a frequência à biblioteca vai diminuindo e, hoje, no 3º ano, frequenta pouco a biblioteca.</p> <p>W - Hoje, no EM, utiliza a biblioteca por sentir necessidade.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 4: Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

A	<p>PROPORCIONAR ACESSO AO CONHECIMENTO.</p> <p>A - Oportunizar acesso ao conhecimento.</p> <p>K - Proporcionar acesso ao conhecimento.</p> <p>M - Favorecer acesso ao livro.</p> <p>Q - Oportunizar acesso ao conhecimento.</p> <p>T - Oferecer acesso ao livro e ao conhecimento. Exercitar a mente.</p> <p>V - Aprimorar o conhecimento.</p> <p>W - Oferecer conhecimento.</p>
B	<p>INCENTIVAR A LEITURA.</p> <p>B - Incentivar a leitura.</p> <p>E - Incentivar a leitura.</p> <p>F - Incentivar a leitura.</p>

	<p>G - Incentivar a leitura. H - Incentivar a leitura. I - Incentivar a leitura frente ao predomínio das tecnologias disponíveis às crianças. O - Incentivar o gosto pela leitura. U - Incentivar a leitura por influenciar na escrita e no falar em público. X - Influenciar as pessoas para a leitura e para novas histórias.</p>
C	<p>AUXILIAR ALUNOS E PROFESSORES. C - Auxiliar alunos e professores. P - Auxiliar os alunos nas suas necessidades.</p>
D	<p>OFERECER E FACILITAR ACESSO AO LIVRO E À LITERATURA. D - Oferecer leitura para desestressar o dia a dia escolar. J - Ter livros. L - Favorecer acesso ao livro e ao conhecimento. Ajudar o jovem a se expressar melhor. M - Oferecer acesso à literatura. R - Oferecer ao aluno um pouco mais de conhecimento, principalmente de literatura e história. S - Facilitar o acesso aos livros.</p>
E	<p>TEM DÚVIDA, PORQUE A BIBLIOTECA ESTÁ ESQUECIDA. N - Tem dúvida. Porque a biblioteca está parada. As pessoas estão deixando de ler. P - Tem dúvida. Porque a biblioteca está esquecida. W- Tem dúvida. Porque parece que desconhecem a existência da biblioteca.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 5: Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

A	<p>ORGANIZAÇÃO E REGRAS. A - Regras e organização. K - Organização.</p>
B	<p>DIVERSIDADE DE DOCUMENTOS, MAS ESSENCIALMENTE, LIVROS. MUITOS LIVROS. LIVROS VARIADOS PARA DIFERENTES GOSTOS, PARA ESTIMULAR A LEITURA, E PARA QUE O ALUNO APRENDA MAIS. A - Variedade de livros. B - Variedade de livros. C - Livro. D - Variedade de livros. E - Documentos variados para provas e vestibular. F - Livros de variados e em número suficiente. G - Livros. H - Acervo variado para atender necessidades escolares e de</p>

	<p>cunho pessoal.</p> <p>I - Livros para atender diferentes idades.</p> <p>J - Livros de temas variados e em número suficiente.</p> <p>K - Diversidade de livros.</p> <p>L - Muitos livros.</p> <p>M - Livros de diferentes gêneros.</p> <p>N - Livros.</p> <p>O - Livros.</p> <p>P - Livros.</p> <p>Q - Livros, revistas e material didático.</p> <p>R - Livros de todos os gêneros.</p> <p>S - Livros variados para atender todas as idades.</p> <p>T - Livros, mapas, tv.</p> <p>U - Livros.</p> <p>V - Bons livros e filmes.</p> <p>W - Livros.</p> <p>X - Livros de diferentes gêneros.</p>
C	<p>SILÊNCIO PARA INCENTIVO À LEITURA E À REFLEXÃO.</p> <p>A - Silêncio.</p> <p>C - Silêncio.</p> <p>L - Ambiente calmo e silencioso.</p> <p>Q - Local calmo.</p> <p>T - Lugar silencioso para leitura.</p> <p>U - Silêncio.</p>
D	<p>GARANTIA DE USO SEMANAL PARA TODOS OS ALUNOS.</p> <p>B - Alertar os professores de incentivar o uso da biblioteca como ocorria no Ensino Fundamental.</p>
E	<p>SALA AMPLA E CONFORTÁVEL.</p> <p>C - Sala ampla.</p> <p>F - Espaço confortável.</p> <p>Q - Local aconchegante.</p> <p>U - Conforto.</p>
F	<p>COMPUTADORES E ACESSO À INTERNET.</p> <p>C - Computadores.</p> <p>P - Computadores com internet.</p> <p>W - Acesso à internet.</p>
G	<p>PESSOA RESPONSÁVEL.</p> <p>O - Professor para cuidar.</p> <p>U - Pessoa para administrar.</p>
H	<p>SUPORTE AO PROFESSOR.</p> <p>R - Tudo que o professor precisa para trabalhar.</p>

I	CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS. V - Espaço para contação de histórias.
J	RECURSOS DIDÁTICOS COMO INCENTIVO À PARTICIPAÇÃO E À INTERAÇÃO DOS ALUNOS COM A BIBLIOTECA. V - Mural e outros recursos onde os alunos possam interagir.

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 6: Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

A	NÃO. PORQUE UTILIZA A BIBLIOTECA DA ESCOLA, COMPRA LIVRO, TEM LIVRO EM CASA E ACESSO À INTERNET. A - Não. Porque compra livro, baixa da internet no celular e, em casa, tem os livros da escola. B - Não. Nunca. E - Não. Porque o que não encontra na biblioteca da escola, compra, mas na BP tem a opção de empréstimo de livros quando não tem na biblioteca da escola. F - Não. A única biblioteca que frequenta é a da escola. O que não encontra nela, compra. G - Não. Porque compra livro na internet e às vezes procura na biblioteca da escola, mas é mais cômodo permanecer em casa. H - Não. I - Não mais. K - Não. L - Não. Apenas a biblioteca da escola. M - Não. N - Não. Apenas a biblioteca da escola. O - Não. Não gosta muito de ler. P - Não. Também não utiliza muito a da escola. R - Não. S - Não mais. Prefere ler na internet. T - Não. Biblioteca, apenas a da escola. U - Não. W - Não. Apenas a da escola.
B	SIM. PELO FÁCIL ACESSO E POR TEREM ALGO QUE A BIBLIOTECA DA ESCOLA NÃO TEM. C - Sim, a BP. Porque fica próxima, tem internet, oferece orientação, tem o que precisa e na escola não pode ir no contraturno para utilizar a biblioteca. D - Sim. Vai à BP quando não encontra na biblioteca da escola o livro que quer, ou encontra, mas há restrição de empréstimo. J - Sim. A biblioteca do SENAI. Q - Sim. A BP e a da empresa onde a mãe é funcionária. V - Sim. Às vezes frequenta bibliotecas de outras escolas. X - Sim. A biblioteca do SESC, mas utiliza mais <i>e-book</i> .

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 7: Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

A	<p>SOBRE A NECESSIDADE DE MELHORAR A BIBLIOTECA E INCENTIVAR O USO, INCLUSIVE PELOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.</p> <p>A - Muitos alunos não frequentam a biblioteca. A literatura contribui para falar e se expressar melhor.</p> <p>B - A escola no incentivo ao uso da biblioteca.</p> <p>C - É preciso verba para melhorar a biblioteca.</p> <p>D - A biblioteca melhorou. Antes não era bem uma biblioteca.</p> <p>E - O Ensino Médio deve ser incentivado a frequentar mais a biblioteca.</p> <p>F - O professor no incentivo ao uso da biblioteca.</p> <p>H - O Ensino Médio frequenta pouco a biblioteca.</p> <p>I - Falta incentivo para uso. A biblioteca não abre à noite.</p> <p>J - O papel da família, da escola e da biblioteca na formação de uma pessoa.</p> <p>M - A biblioteca deve ter livros de interesse dos jovens.</p> <p>N - A biblioteca está sendo abandonada. O aluno prefere a sala de informática.</p> <p>O - Uso do espaço da biblioteca em projeto da escola.</p> <p>U - A tecnologia está tirando da criança a oportunidade de ler um livro.</p> <p>V - O Ensino Médio deve ser incentivado a frequentar a biblioteca.</p>
B	<p>SOBRE O INCENTIVO AO USO DA BIBLIOTECA PELO PROFESSOR POR SER FUNDAMENTAL NO DESENVOLVIMENTO DO HÁBITO DE LEITURA.</p> <p>B - Hábito de leitura desenvolvido na biblioteca.</p> <p>G - O papel do professor no incentivo à leitura.</p> <p>I - Contação de história.</p> <p>K - Incentivo à leitura e à pesquisa no Ensino Fundamental.</p> <p>Q - Incentivo ao uso da biblioteca pelo professor (livros e contação de história).</p> <p>R - A leitura na formação de opinião crítica sobre o que se lê.</p> <p>T - É preciso incentivar a leitura e uso da biblioteca.</p> <p>V - Hábito de leitura.</p> <p>W - Projeto de leitura da literatura e mudança de comportamento no aluno.</p> <p>X - Hábito da leitura.</p>
C	<p>SOBRE AS TRAQUINAGENS NA AUSÊNCIA DO RESPONSÁVEL.</p> <p>I - Na ausência da responsável, escondidos, os alunos “aprontavam”.</p> <p>P - Projeto interdisciplinar na biblioteca. Brincadeiras e bagunça de criança.</p>

D	SERVIÇO INDISPONÍVEL NO PERÍODO NOTURNO. FALTA DE CUIDADO E DE ATENÇÃO À BIBLIOTECA. I - Falta de cuidado e de atenção à biblioteca.
----------	---

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

**APÊNDICE N - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2
– IAD 2: QUADRO DAS IDEIAS CENTRAIS (IC) E SÍNTESES
POR GRUPAMENTOS, E EXPRESSÕES-CHAVE (E-CH)
CORRESPONDENTES**

Pergunta 1: Para você o que é biblioteca escolar?

Grupamentos das IC	Síntese das Ideias Centrais (IC) por grupamentos e Expressões-Chave (E-Ch)
A	<p>LUGAR DE CONHECIMENTO.</p> <p>A - [...] é um lugar onde a gente pode aprofundar os estudos. [...] conhecer mais, [...] saber de outras histórias e [...] se aprofundar mais no que a gente quer conhecer. Conhecer algo novo [...].</p> <p>E - [...] é uma fonte de conhecimento [...].</p> <p>G - [...] onde [...] a gente pode aprimorar [...] conhecimento [...] e [...] tá sempre aprimorando o teu conhecimento.</p> <p>J - Um local onde a gente possa ter conhecimento [...]. Porque [...] apenas com um livro você pode conhecer [...] qualquer lugar do mundo. Então, a biblioteca [...] é um local de conhecimento.</p> <p>K - [...] é uma fonte de conhecimento [...].</p> <p>L - Biblioteca pra mim é tudo. [...]. É a fonte do nosso conhecimento [...].</p> <p>M - É [...] um lugar que possa fornecer um pouco de conhecimento. [...] do modo de a gente pegar livros, pra [...] ter um pouco mais de cultura. Porque a biblioteca oferece esses livros de vestibulares [...]. Agora que a gente tá no Ensino Médio, pensa né?</p> <p>R - [...] é um lugar onde fica muito conhecimento armazenado de diversos temas, [...].</p> <p>W - [...] é um lugar onde a gente pode buscar o conhecimento [...]. [...]. Porque nos livros a gente pode buscar qualquer coisa, desde uma receita até conhecer novos lugares [...].</p> <p>X - [...] vindo na biblioteca a gente tem essa oportunidade de poder ler e poder aprender um pouco mais, [...] não só da coisa da sala de aula. Porque [...] livro [...] não traz só os métodos científicos, né? Ele traz também as experiências que outras pessoas tiveram na vida [...].</p>
B	<p>LUGAR NA ESCOLA QUE AUXILIA NA FORMAÇÃO DO INTELLECTO DO ALUNO.</p> <p>B - É importante na construção mental de uma criança. Enquanto ela vai crescendo, [...] vai entendendo o conceito de leitura que é importante pro crescimento dela na escola e na vida social [...].</p> <p>I - [...] na [...] infância [...] uma forma de aliviar a ideia do que [...] é o mundo pra uma criança. [...]. Af conforme vai [...] passando o tempo a biblioteca traz [...] conteúdos [...]. [...] pra que [...] saiba do que [...] trata o mundo, o que [...] o mundo traz</p>

	<i>[...], o que vai trazer, [...] preparando pro que vai vir. É [...] uma forma lenta, gradativa, [...] de a escola [...] ensinar [...] como o mundo é [...].</i>
C	<p>LUGAR PARA ATENDER AS NECESSIDADES DE LEITURA E PARA QUE O ALUNO GOSTE DE LER.</p> <p><i>C - [...] é um lugar onde a gente possa [...] ler livros por espontânea vontade de [...] querer ler [...].</i></p> <p><i>D - [...] é o lugar onde a gente pode pegar livros diferentes para distrair um pouco a mente, ler um pouco, até mesmo pra fazer trabalho, porque em português, [...] às vezes dão um trabalho sobre um certo livro e a gente tem que ler [...].</i></p> <p><i>F - [...] a partir da escola desenvolvi o gosto pela leitura. Foi desde o meu Ensino Fundamental que eu freqüento [a biblioteca]. [...] graças à escola, eu gosto de ler e [...] escrever.</i></p> <p><i>G - [...] quando nós éramos pequenos, os professores sempre traziam aqui e faziam nós lermos livros e levar pra casa e [...] é legal porque você conhece novas histórias e vai aprimorando a [...] imaginação. [...].</i></p> <p><i>O - [...]. E ali eles ensinam as crianças, adolescentes a aprender a ler histórias [...].</i></p> <p><i>T - [...] é um espaço [...] para se ler. [...].</i></p>
D	<p>LUGAR PARA ESTUDO, TRABALHOS, PESQUISAS.</p> <p><i>C - [...] é um lugar onde a gente possa, [...] se ajudar, [...] querer pesquisar. [...] onde tu te sentes mais seguro pra [...] aprender [...].</i></p> <p><i>F - [...] é um ambiente que a escola fornece [...], que auxilia [...] nos trabalhos, nas pesquisas [...].</i></p> <p><i>H - [...]. [...] biblioteca não é só pra [...] pegar um livro pra ler. É [...] pra estudar também. [...]. Um lugar pra estudo [...].</i></p> <p><i>K - [...] agora tem o computador [...], a internet, é mais fácil. Mas antigamente, [...] as pesquisas eram feitas todas aqui, né?</i></p> <p><i>M - É o espaço onde os alunos podem se reunir [...] ter concentração pra estudar pra provas ou fazer trabalhos e pesquisas [...].</i></p> <p><i>P - [...] é [...] onde [...] a gente pode [...] fazer pesquisas.</i></p> <p><i>S - É um lugar onde os alunos têm um acesso mais fácil a livros pra fazer pesquisas, porque [...] nem [...] todos têm internet em casa [...], e aqui [...] só tem uma biblioteca pública, no Centro [...]. Daí é [...] uma facilidade [a biblioteca na escola, porque] [...].</i></p>
E	<p>LUGAR QUE REQUER SILÊNCIO.</p> <p><i>H - É um lugar que é pra ser mais calmo, mais quieto que [...] as salas. Ai você pode estudar.</i></p> <p><i>T - Onde [...] deveria ter mais silêncio [...].</i></p> <p><i>U - É um lugar onde tem que ter silêncio pra você se encontrar, se centrar e imaginar [...].</i></p>
F	LUGAR CONSTITUÍDO, ESSENCIALMENTE, POR LIVROS.

	<p>G - [...] onde [...] a gente pode [...] vir aqui e ter vários livros [...].</p> <p>H - Aqui não tem muito, mas [em] outras bibliotecas, [...] geralmente têm outros tipos de livros, por exemplo, de cursos diferentes pra [...] estudar.</p> <p>J - [...] um local onde [...] teria que ter livro [...];s, né?</p> <p>O - É o centro que eles [...]. [...] armazenam os livros que eles ganham do governo, ou [...] que eles trazem. [...] professores, diretores [...].</p> <p>P - [...] é o espaço onde tem os livros [...].</p> <p>T - [...] basicamente é o conceito, né? É o lugar onde ficam todos os livros que a escola recebe, alguns do governo, a maioria na verdade, que eu vejo, que eu pego e tem o selo do governo. [...]. Aqui [...] tem [...] os mapas, [...] umas enciclopédias, [...] a TV [...]. [...]. Um lugar [...] onde guarda os livros.</p>
G	<p>LUGAR PARA ACESSO À LITERATURA.</p> <p>L - [...] muitos jovens deveriam frequentar a biblioteca escolar. Porque [...] a literatura é [...] muito importante [...]. [...] hoje muita gente preferiu ir muito pro mundo da internet, celulares. Esqueceu os livros, deixou os livros de lado. [...] ler um livro [...] traz mais benefício do que ficar só atrás de uma rede social. [...]. É [...] fonte [...] de literatura [...] Onde a gente pode [...] [se imaginar] em algumas histórias [...].</p> <p>X - É uma oportunidade de [...] encontrar [...] literatura [...]. [...].. Porque [...] livro é caro e [...] [a] internet [...] não tem todos os livros que a gente quer.</p>
H	<p>LUGAR PARA REFÚGIO ATRAVÉS DA LEITURA.</p> <p>N - É um lugar pra [...] se desligar [...] das conversas de dentro da sala. [...] ficar no teu canto, ler um livro [...] e pensar [...].</p> <p>Q - [...] é um local onde a gente vem pra “viajar” [...]. Porque quando a gente lê, querendo ou não, [...] “viaja” pra outro mundo, [...] sai da [...] realidade pra viver outra. [...] mesmo na escola, pra [...] conhecer outras coisas [...].</p> <p>U - É um lugar [...] pra “viajar” [...].</p> <p>V - É um espaço onde a gente pode se refugiar. Porque na sala de aula muitas vezes é imposto conceitos [...], e a biblioteca é o lugar onde a gente encontra livros, e o livro [...] abre a nossa mente [...]. Então, é um lugar de descoberta, um lugar de refúgio.</p>
I	<p>LUGAR DO E PARA O ALUNO.</p> <p>P - Enfim, [...] Apesar de não ser muito usado, acaba sendo o nosso espaço.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 2: Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

Grupamentos das IC	Síntese das Ideias Centrais (IC) por grupamentos e Expressões-Chave (E-Ch)
A	<p>NÃO. NÃO MUITO. NÃO COMO ANTES. PERDEU O INTERESSE.</p> <p>A - [...] eu não utilizo [...] tanto por causa da internet. Porque a internet a gente sabe que tá nas nossas mãos, né? [...]. [...] quando não tem nada na internet eu pesquiso nos livros em casa.</p> <p>B - [...] não. [...]. [...] depois que eu comecei a mexer na internet, aí eu não precisei mais vim aqui pra pegar livro pra fazer trabalho. [...] E livro [...] [de literatura], eu leio quando eu compro ou as minhas colegas têm [...].</p> <p>G - [...] agora eu não tô mais usando muito [...] tem internet, então, já é mais fácil. [...]. [...] até [...] na oitava, sétima, [...] eu vinha bastante, [...] os professores traziam bastante. E quando você vai pro Ensino Médio daí eles não trazem muito.</p> <p>H - Mais ou menos. [...] agora de noite a [...] professora [...] [indica] um livro, só livro [...] Fica a critério do aluno se quer ou não pegar daqui. É só isso mesmo, de noite que a gente vem pra biblioteca.</p> <p>I - [...] hoje em dia não. [...] O meu interesse por leitura decaiu muito por causa de trabalho, eu não tenho paciência pra leitura mais, e [...] os livros da biblioteca [...] não cativam mais o meu interesse. São [...] os mesmos há uma década, [...]. Então, não me move mais nenhum pouco pra ler esses livros.</p> <p>J - Não. [...] eu gosto mais de livro [...] técnico pra ler.</p> <p>K - Muito raro, por causa que aqui só ficam os livros didáticos [...] que a gente usa em sala de aula. [...] as pesquisas a gente faz sempre na internet [...] até a quinta série [...] usava bastante. Vinha aqui fazer pesquisa. [...] da quinta série pra frente não fui mais. Só pra vir buscar os livros didáticos. Às vezes a professora de português [...] pedia trabalhos e a gente pegava livro daqui.</p> <p>N - É, hoje, [...] pra ser sincero, não vou muito. Mas [...] a partir da terceira [...], quarta série, eu ia bastante. [...] toda semana [...]. [...] Eu gostava de ler gibis, essas coisas [...]. Daí [...], pegava, [...] alugava, marcava teu nome. [...]. Iam bastante pessoas, por isso [...] a gente se interessava. [...]. [...], levava pra casa, ficava lendo, trazia no outro dia. Era bem legal. E depois começou a ir na primeira série do Ensino Médio. Daí já acabou. Acho que a gente começa a trabalhar, essas coisas[...]. É muita coisa. [...] não tem muito tempo.</p> <p>O - [...] eu não sou muito chegado a ler.</p> <p>P - [...] no Primário eu vinha com frequência. [...]. [...] utilizava os livros. Só que no decorrer do tempo isso acabou, [...] não sei se foi [...] por ter passado pro Ensino Médio [...]. Até esse ano eu vim</p>

	<p><i>uma vez aqui procurar um livro e ainda fui mal atendida [...]. [...] eu [...] acabo não utilizando muito. [...] entre a primeira e quinta série a gente utilizava bastante [...], mas no decorrer do tempo isso foi se reduzindo, os professores não traziam. [...]. [...] à noite não tem ninguém [...] pra ficar fixamente aqui [...] todas as aulas [...] pra atender.</i></p> <p><i>S - [...] nas séries iniciais eu usava bastante. [...]. Agora, [...] nem tanto.</i></p> <p><i>U - [...] nesse ano a biblioteca fechou [...] Porque não tem muita gente aqui pra coordenar, organizar. Mas ano passado [...] toda semana a gente vinha aqui na biblioteca e lia, né, alguma coisa.</i></p>
B	<p>SIM. PARA EMPRÉSTIMO, ESTUDO, LEITURA, PARA FAZER OS EXERCÍCIOS DE AULA E PROCURAR ALGO NOVO PARA LER.</p> <p><i>C - [...] principalmente quando tem trabalho pra pesquisar em livro. Porque aqui tem bastante livros [...] história, geografia [...].</i></p> <p><i>Aí é mais fácil pra pesquisar.</i></p> <p><i>D - Eu venho bastante aqui pra ver se tem alguma coisa, algum livro que me interessa, porque eu gosto muito de ler [...].</i></p> <p><i>Aí eu sempre venho [...]. [...] É que o livro tem que me chamar a atenção pra eu ler [...]. [...].</i></p> <p><i>E - Pelo menos uma vez no mês eu venho pegar um livro pra ler. Às vezes as professoras fazem provas [...] com os livros [...] e têm na biblioteca e [...] a gente aluga [...]. [...] senão, eu pego pra ter uma leitura mais dinâmica, [...] mais por lazer [...], [...] no recreio, geralmente.</i></p> <p><i>F - [...] no Ensino Fundamental, eu utilizava mais, [...] agora eu utilizo [...], só que eu compro meus livros também. Eu gosto de ter os livros em casa pra ler. Eu utilizo bastante, porque eles têm uma variedade de materiais para pesquisa, tipo, biologia, química. E essas coisas a gente não costuma comprar. Daí é ótimo vim pesquisar aqui pra fazer trabalhos, me aprofundar [...].</i></p> <p><i>L - [...] mas quando eu tenho tempo, eu frequento. [...] pegar livro [...], às vezes, pra passar um tempo [...] lendo um livro aqui [...].</i></p> <p><i>Biblioteca, pra mim, é isso também.</i></p> <p><i>M - [...] uso bastante [...] com os colegas, pra tá estudando pra prova quando a gente tem um tempo no intervalo de aula [...].</i></p> <p><i>Q - [...] sim. [...] livros [...] pra ler [...]. [...].</i></p> <p><i>Revistas, [...], ainda mais em ano de vestibular.</i></p> <p><i>R - [...] antigamente [...] dependendo de como o professor trabalhava a gente não utilizava muito os livros da biblioteca. Hoje em dia a gente tá usando. No primeiro e segundo ano do Ensino Médio [...], praticamente, não foi usado o livro da biblioteca [...].</i></p> <p><i>Foi falado sobre obras literárias que [...] tinha aqui. Só que a gente não usou. Mas este ano a gente tá trabalhando. Literatura brasileira. Os clássicos [...].</i></p> <p><i>T - No ano passado eu estudava de noite e eu trabalhava, fazia</i></p>

	<p><i>curso [...], então, [...] eu não lia. Mas neste ano como eu tô só estudando aqui na escola, eu venho direto aqui, [...] gosto bastante de vir aqui, no horário de aula, sempre, [...] que eu tenho português, [...] a professora entende [...]. Mas aqui eu não leio. Eu só pego o livro. [...].</i></p> <p><i>V - Quando ela está aberta [...]. [...] ela ficou um tempinho fechada [...], [...] estava sem bibliotecária. [...]. Mas, nesse ano a gente usa bastante pra [...] pegar livros pra fazer trabalhos [...] de literatura [...].</i></p> <p><i>W - [...] Eu venho [...] faço as atividades de sala e depois eu leio os livros.</i></p> <p><i>X - [...]. Agora, [...] eu tô utilizando para ler os livros do vestibular porque é muito difícil achar em outros locais [...], que a Biblioteca Pública tem muita procura. E aqui na escola eles proporcionam vários [...] de cada. [...] mais de cinco [exemplares]. [...] é muito bom isso pra gente.</i></p>
--	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 3: Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

Grupamentos das IC	Síntese das Ideias Centrais (IC) por grupamentos e Expressões-Chave (E-Ch)
A	<p>ENSINO FUNDAMENTAL: FREQUÊNCIA ATIVA CONDUZIDA PELO PROFESSOR. INCENTIVO À LITERATURA. ÊNFASE NAS SÉRIES INICIAIS.</p> <p><i>A - [...] eu utilizei muito a biblioteca [...] por volta da terceira até quinta série, [...] na sétima série eu também usei bastante [...] pra pegar livros pra ler e me interessar mais nos estudos. Eu gosto bastante de literatura. [...] às vezes eu marcava com uns amigos e a gente vinha pegar livro [...]. [...] no horário do recreio, ou começo, ou final da aula. Sempre quando a biblioteca tava aberta [...].</i></p> <p><i>B - [...] a professora sempre trazia [...] para [...] escolher um livrinho. [...] a gente começou pegando livros pra ver imagens. [...] depois [...] gibi [...]. Depois [...] livro maior. [...] até sem a turma eu vinha com as [...] coleguinhas [...]. Toda semana. Desde a primeira série. [...]. Era bom.</i></p> <p><i>C - [...] mas a biblioteca [...] na época do Primário [...] não era bem [...] uma biblioteca. [...] era um local onde a gente fosse pegar os livros, só, e fosse pra sala pra ler ou pra estudar das matérias [...]. [...] na sexta série. Foi onde ela, realmente, deu esse “ar” de biblioteca, onde tá todos os livros, o pessoal pode vir ler, estudar [...] a professora [...] sempre trazia [...] pra tá lendo, [...]</i></p>

estudando [...].

D - [...] no Primário eu [...] comecei a ter o gosto pela leitura usando [...] gibis [...].

E - [...] no Ensino Fundamental, [...] nas aulas de literatura a gente vinha pra biblioteca. Cada um pegava uma coisa pra ler e era toda semana [...]. Daí eu usava mais a biblioteca naquela época, né?

F - [...] na oitava série, [...] eu tinha um trabalho de biologia [...] vim atrás de uns livros [...]. [...] achei um [...] de anatomia muito interessante. [...] levei [...] pra casa e [...] comecei a ler. [...] a partir disso [...] eu vinha [...] sempre pegar livros de biologia e anatomia porque eu desenvolvi esse gosto, e [...] quero fazer medicina [...].

G - Quando eu vinha, as pessoas, [...] não se interessavam muito pela leitura. Às vezes os professores traziam, [...] não liam. [...] não aproveitavam esse momento [...]. [...] devia ser pela sétima [...], sexta série.

H - [...] no Ensino Fundamental, quinta, sexta e sétima série [...] a gente sempre vinha. Também na primeira [...], segunda, pra pegar livrinho assim pra ler. [...] Na sexta série [...] eu peguei [...] o Tosco. [...] foi o livro que eu mais gostei. Li várias vezes [...].

I - [...] a moça [...] da biblioteca [...] ficava num canto da sala, e nós [...] em volta dela e ela lia vários livros [...]. Isso marcou bastante. Porque [...] incentivava a gente a procurar ler, pra saber o que estava escrito, [...] as imagens que tavam no livrinho. Isso trouxe bastante interesse. [...] podia pegar livros novos, com conteúdos diferentes. [...] [...] aquele negócio de “Ah, agora eu posso ler conteúdo de pessoas mais velhas”. [...] O Código Da Vinci, que eu sempre quis ler, pude ler [...].

K - [...] na primeira série [...] Toda sexta-feira a gente pegava um livro pra ler [...] final de semana. Dá [...] renovava [...]. O ano inteiro [...] [...] e lia a semana inteira [...].

L - [...] na terceira ou quarta série [...] eu costumava [...] pegar [...] livro pra ler. [...] Pegava [...] pequeno, porque sabia que ia dar conta. [...] [...] em média [...] quatro livros por mês. [...] Depois foi parando [...].

M - [...] eu gostava [...] do Sítio do Pica Pau [Amarelo]. [...] teve momentos que a professora trouxe a turma. [...] a gente vinha, pegava os livrinhos, levava pra casa, fazia rodízio. E [...] teve momentos que a gente vinha [...] no recreio [...] pra pegar o livro, levava pra casa, eu lia com a minha mãe [...]. Isso era [...] primeiros anos. Dali pra frente eu perdi um pouco o interesse [...]. É mais pra vir com os colegas estudar e tal. [...].

N - [...] faziam teatro na biblioteca [...]. [...] tinha um trabalhinho [...], a gente pegava livro [...] na biblioteca [...] e apresentava [...] um teatro. [...] [...] tinha festa à fantasia. [...] um monte de coisa

legal [...].

O - [...] no Pré, no Primário usava mais. [...]. [...] até [...] sexta-série usava bastante o livro [...] pra fazer estudo na biblioteca. Geralmente era Português [...] de primeira à quarta era só um professor [...]. Agora, acho que vão mais na sala de vídeo.

P - [...] foi aqui que eu aprendi a ler. [...].

Q - [...] os professores costumavam levar [...] pra aula de leitura. [...] eles liam [...] uma história ou até a bibliotecária [...]. [...] Em algumas aulas de português no [Ensino]

Fundamental [...] a gente pegava livros da literatura brasileira, fazia teatros. [...].

R - [...] eu era mais ativo na biblioteca [...] no Primário [...]. [...], e no [restante do Ensino] Fundamental, [...] também, [...] e pegava o livro que quisesse ou [...] só olhava, podia trocar quem ainda tava lendo. [...] toda semana tinha contato com a biblioteca. Era legal [...] porque foi quando eu [...], realmente, [...] deixei de ler [...] livros infantis pra ler [...] uma literatura mais avançada. E [...] era legal porque toda hora eu via muita gente [...], [...] do Ensino Médio, [...] do [Ensino] Fundamental. [...] via aquilo e [...] percebia que [...] era importante e [...] legal [...].

S - [...] a gente fazia a carteirinha, [...] tinha um período pra vim. Daí vinha a sala inteeeeira [...]. [...] não podia sair da data senão pagava multa. [...] [...]. O professor falava [...] e a gente vinha. [...] até a sétima [série]. Era mais na aula de português.

T - [...] na terceira série [...] a professora trazia [...] e às vezes ela gostava. Eu acho que ela gostava bastante, porque [...] a gente lia [...] histórias e depois fazia alguma atividade aqui [...] mesmo. [...] assistia [...] filme. [...] na sexta série [...] a professora incentivava bastante a gente vim. [...] não era [...] como nas outras vezes, mas a gente vinha bastante [...]. [...] no nono ano não vinha tanto.

U - [...] na oitava série [...] o professor [...] que [...] dava português [...] incentivava os alunos a ler. [...] ensinava a gramática, a leitura de uma forma que você [...] sentia amor pela leitura. [...] foi o tempo que eu mais vim pra biblioteca, pegava livros e lia. [...]. Aí [...] comecei a gostar de ler.

V - A primeira vez que eu vim na biblioteca [...] foi no primeiro ano [...] a [...] professora [...] deixava [...] pegar livros à vontade. [...] E [...] na sétima e na oitava, [...] um professor [...] fazia [...] a gente vim na biblioteca, pegar um livro, ler, fazer um resumo e entregar [...].

X - [...] até a quarta série [...] utilizava bastante pra pegar livro, que eu gostava de ler livros pequenos [...] com ilustração [...]. E com o tempo eu fui utilizando mais a biblioteca pra estudo do que pra leitura. [...] vinha com os [...] amigos fazer trabalho, [...] [os responsáveis pela biblioteca] auxiliavam [...] às vezes [...]. [...] no Laboratório [...] tem que marcar horário. Então, a gente vinha pra

	<p><i>biblioteca. [...] Os laboratórios das [...] disciplinas [...] têm os professores pra ajudarem no estudo. [...] o de português nem livro. Tem literatura lá. [...] a gente [...] pode pegar [...] ou [...] nos dão. [...] na sexta série [...] deram o [...] Tosco pra [...] Ler e levar pra casa [...]. Mas eu utilizei mais a biblioteca foi [...] até a quarta série, e depois foi mais pra estudo do que pra leitura.</i></p>
B	<p>ENSINO MÉDIO: FREQUÊNCIA DIMINUÍDA. ÊNFASE PARA TRABALHOS E PROVAS E POR VONTADE PRÓPRIA.</p> <p>B - <i>Ultimamente eu não tenho vindo tanto.</i></p> <p>C - <i>[...] os trabalhos que a gente faz, [...] livro pra pegar, pra poder fazer cartazes, [...] pra [...] ficar mais em silêncio e conseguir estudar.</i></p> <p>E - <i>E agora é diferente [...] que a gente vem só quando necessita mesmo.</i></p> <p>J - <i>[...] eu peguei, li livros mais para [...] trabalho e provas. [...] como estudo de noite, eu pego o livro aqui e levo pra casa pra fazer os trabalhos [...].</i></p> <p>L - <i>No primeiro ano eu peguei um livro pra fazer [...] um trabalho de Português [...]. [...] e [...] fazer uma prova [...]. Foi muito bom, porque eu li todo o livro. [...] Literatura brasileira [...]. Vidas Secas. [...].</i></p> <p>O - <i>Agora a gente não usa muito. Têm bem poucos [professores] que trabalham [na biblioteca], porque não tem muita matéria. [...] tem [...], mas muitas matérias [...] eles focam mais no ensino mais normal [...]. Português nem tanto. Cada matéria tem seus livros [...] que [...] entregam no início do ano e no final do ano tem que devolver. [...]. Agora é mais os livros próprios do ensino.</i></p> <p>Q - <i>E agora, [...] no Ensino Médio são mais nas aulas de português [...], pra apresentar em sala de aula, o livro [...].</i></p> <p>T - <i>No primeiro [ano do Ensino Médio] [...] todo bimestre a gente tinha que ler um livro e apresentar [...]. [...] agora [...] eu venho mais por conta, [...] por vontade minha mesmo por ler. As outras eram pra fazer atividades.</i></p> <p>V - <i>[...] Agora a gente [...] quase não vem. [...].</i></p> <p>W - <i>[...] agora [...] eu tô usando mais a biblioteca. Porque antes, [...] no Ensino Fundamental, [...] ia [...] semanalmente pra pegar o livro, mas eu quase não ia lá, fora isso. Mas agora, como tem que ler [...] livros de vestibular e tá fazendo as atividades de sala, [...] eu acabo [...] aqui na maior parte do tempo. [...] no primeiro ano eu já comecei a tá frequentando mais aqui, entendeu? Mas é mais esse ano [...]. Passo muito tempo aqui.</i></p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 4: Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

Grupamentos das IC	Síntese das Ideias Centrais (IC) por grupamentos e Expressões-Chave (E-Ch)
A	<p>PROPORCIONAR ACESSO AO CONHECIMENTO.</p> <p>A - <i>Se aprofundar mais nos estudos e ter mais conhecimento. [...] tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola [...].</i></p> <p>K - <i>É usado a biblioteca pra pesquisas. O Ensino Fundamental usa bastante pra pegar livro, só. Pra adquirir conhecimento. [...]. Pra quando surgir dúvida, ler, fazer pesquisa.</i></p> <p>M - <i>[...] é um lugar de estudo. [...] muitos alunos vêm pra cá no intervalo e tal. Então, é bom que é um espaço de concentração e que a gente tá sempre aqui reunido e estudando e se ajudando. [...].</i></p> <p>Q - <i>Traz um conhecimento maior porque a gente tem acesso gratuito e tudo, e tem pessoas que não aproveitam. Então, [...] é um jeito da pessoa ter mais conhecimento através da biblioteca.</i></p> <p>T - <i>[...] é importante porque é a fonte de livro e livro é conhecimento [...] Livro, [...] por mais que seja uma história, uma fantasia, [...] traz conhecimento, traz uma coisa nova, exercita a mente e isso é importante para os alunos [...]. Às vezes um tem [...] alguma dificuldade, mas estimula o pensamento. E tem [...] atlas, [...] enciclopédias [...] e os livros didáticos também, do professor, e [...] isso é importante. Isso ajuda bastante.</i></p> <p>V - <i>[...] aprimorar o conhecimento. [...].</i></p> <p>W - <i>[...] para os que usam a biblioteca [...] é bom [...]. É um meio de conhecimento [...].</i></p>
B	<p>INCENTIVAR A LEITURA.</p> <p>B - <i>[...] quanto mais a pessoa lê, se interessa pela leitura, mais ela aprende o que [...] tá acontecendo pelo mundo, [...] pode aprender mais e é muito bom ler [...]. [...] prestar atenção só naquilo que [...] tá interessado [...].</i></p> <p>E - <i>É muito importante. Porque a leitura é tudo [...]. [...] pra tudo precisa de leitura [...] Para o desenvolvimento da fala, [...] para se saber as palavras, para o conhecimento [...]. Principalmente para as crianças que estão se desenvolvendo agora, a leitura é muito importante.</i></p> <p>F - <i>[...] o papel dela além de proporcionar esse [...] lugar a mais pra gente fazer as pesquisas, [...] é [...] ser usado para incentivo à leitura [...]. Porque muita gente [...] não tem acesso aos livros. [...]. Eu não tive esse acesso quando [...] menor e foi por causa da biblioteca da escola que eu comecei a ler, entende? [...] é esse acesso que [...] [o lugar] permite.</i></p> <p>G - <i>[...] é incentivar a leitura. [...] porque é alguma coisa que nos ajuda, ajuda as pessoas. [...] aprimorar o conhecimento. [...].</i></p> <p>H - <i>[...] É mais pra ajudar você aprender, os menores a começar a</i></p>

	<p><i>ler e também [...] os livros do vestibular. [...] é só [...] porque [...] aqui [...] não tem muito livro de cursos [...] que eu possa fazer depois. [...] tem mais [...] pra [...] passar o tempo [...].</i></p> <p><i>I - [...] tentar mudar um pouco a geração que a vindo agora. [...] uma geração mais tecnológica que simplesmente se preocupa com celulares, tablets, joguinhos. [...]. As crianças de hoje [...]. Não querem mais saber de pegar um livro, de saber como é um livro [...]. [...] só pegam o celular [...]. [...] Hoje em dia as crianças [...]. [...] vêm pra biblioteca, pegam um livro, levam pra casa [...]. [...] Nem tiraram da mochila. [...]. Então, eu gostaria que pegassem esses livros e a escola [...] teria esse papel de transmitir, esse velho costume, essa tradição [...] de a criança poder ler o livro, tocar o livro [...] ter aquele sentimento [...] de ver, de conseguir ler um livro pela primeira vez. De pegar as ideias dali, do que aquilo [...] trata, do que uma fábula traz [...].</i></p> <p><i>O - O papel de as pessoas pegarem o próprio livro com vontade. [...] pegar forçado [...] não vai terminar. Ler e se esforçar porque a leitura é a base de tudo, [...] da escrita, da fala.</i></p> <p><i>U - [...] a leitura influencia muito, tanto na escrita como falar em público [...]. [...] como não tive muita leitura durante o pré e quarta série, prejudica [...] na hora da escrita. Sinto bastante dificuldade. [...].</i></p> <p><i>X - [...] é mais influenciar [...] a leitura, [...] a conhecer novas histórias. Porque às vezes as pessoas vêm livros só como literatura brasileira e leitura [...] que tem a linguagem antiga. E livro não é só isso. [...] ler outros autores, até mesmo brasileiros, [...] que contam histórias, às vezes, da tua idade ou coisas que pessoas mais velhas tiveram experiência e tão contando ali pra ti, [...] é isso que a biblioteca proporciona né? Histórias que a gente pode experimentar viver um pouquinho junto.</i></p>
C	<p>AUXILIAR ALUNOS E PROFESSORES</p> <p><i>C - [...] ajudar os alunos, [...] os próprios professores [...] nas matérias. [...] aqui [...] são duas [professoras], né? Uma [...] num horário, outra [...] no outro. Elas [...] recebem os alunos [...]. [...] cuidar [...] dessa biblioteca. [...] organizando, tirando livro, colocando [...]. [...] tudo em ordem alfabética. [...] tudo certinho: história, geografia, matemática. [...]. [...] ajudam [...] os alunos [...] pra matéria, pra trabalho, [...] pesquisar, [...]. [...] indicam os livros [...].</i></p> <p><i>P - É auxiliar [...] se a gente tiver alguma necessidade, querer fazer alguma pesquisa.</i></p>
D	<p>OFERECER E FACILITAR ACESSO AO LIVRO E À LITERATURA.</p> <p><i>D - É um bom lugar pro pessoal conseguir, às vezes, distrair a mente, que tem vários livros diferentes e às vezes as provas, os trabalhos deixam a gente bem estressada. Eu gosto [...] de ler pra escapar um pouco do dia a dia.</i></p>

	<p>J - <i>É um papel bom. [...]. A nossa biblioteca é bem servida de livros.</i></p> <p>L - <i>[...] o livro ajuda [...] muito os jovens até a se expressar, no jeito de falar, né? [...]. [...]ter mais conteúdo [...], [...] ter palavras dentro da sua mente pra acrescentar numa conversa. [...] hoje em dia [...] voga muito. [...]. Se todo mundo viesse aqui pra pegar um livro pra ler e focar numa leitura, [...] não tinha uma redação do Enem que os alunos não fossem bem. [...] muita gente não vai bem [...] porque não gosta de ler. Eu [...] já ouvi falar, “Ai, fui mal na redação”, mas detesta ler livro. [...]. [...]. Os jovens [...] têm que ler mais [...]. [...] O papel da biblioteca é fornecer mais conhecimento sobre a literatura, histórias brasileiras. [...] que [...] acrescenta mais palavras [...]. [...] livros [...] têm muitas palavras que a gente não conhece no dia a dia [...].</i></p> <p>M - <i>[...] os alunos do Primário, [...] pegam os livrinhos e [...] é bem importante. Porque [...] foram momentos [...] que eu passei aqui e eu tenho guardado [...]. [...] importante pro pessoal do Primário e [...] do Ensino Médio [...]. [...] tem os livros do vestibular e [...] a gente tem que tá recorrendo a outras bibliotecas, ou [...] procurando nos sebos e [...] tem algumas obras aqui, e é fácil acesso, né? [...].</i></p> <p>R - <i>[...] trazer um pouco de cada conhecimento, principalmente de Literatura e ensinar a História. [...].</i></p> <p>S - <i>A facilidade com livros [...]. Pegar alguns.</i></p>
E	<p>TEM DÚVIDA, PORQUE A BIBLIOTECA ESTÁ ESQUECIDA.</p> <p>N - <i>As pessoas estão deixando de ler. [...] E ela tá ali parada e [...] sei lá, não tem muitas pessoas que vão ali ler. Ler é importante, né? Tem vários livros ali, de histórias, tem [...] pra estudar. [...]. E tá sempre tendo livros novos ali. Mas, hoje a galera não se interessa muito [...] em ler. Tem aquelas pessoas que se interessam, mas a maioria não se interessa. [...] o papel dela [...] hoje, sei lá [...]. Não sei.</i></p> <p>P - <i>[...] fica difícil dizer, [...] até porque à noite já não é muito frequentada [...]. [...] aqui é como se fosse um espaço esquecido. Porque eu, [...] não vejo ninguém vindo aqui. No máximo pra vim aqui pra pegar um livro, [...] que é didático que a gente tem que usar na aula, [...] mas [...] à noite não vejo este espaço ser utilizado. Até porque [...] Pra ser uma biblioteca não devia ter esses livros assim no meio do caminho. Tinha que ser uma coisa mais organizada. Então, pra mim, é uma coisa meio abandonada na escola. Pelo menos no período da noite [...].</i></p> <p>W - <i>[...] parece que a maioria das pessoas nem sabe da existência dela. É meio estranho.</i></p>

Pergunta 5: Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

Grupamentos das IC	Síntese das Ideias Centrais (IC) por grupamentos e Expressões-Chave (E-Ch)
A	<p>ORGANIZAÇÃO E REGRAS.</p> <p>A - <i>O principal de tudo é a organização. [...] regras [...]. Silêncio, manter organizado, entregar os livros na data marcada e não rasurar o livro, não rasgar, não molhar. Essas regras básicas de uma biblioteca. [...] pra manter tudo em ordem [...] Pra [...] todo mundo ficar feliz. Tanto o bibliotecário quanto o aluno [...].</i></p> <p>K - <i>[...] ser organizada.</i></p>
B	<p>DIVERSIDADE DE DOCUMENTOS, MAS ESSENCIALMENTE, LIVROS. MUITOS LIVROS. LIVROS VARIADOS PARA DIFERENTES GOSTOS, PARA ESTIMULAR A LEITURA, E PARA QUE O ALUNO APRENDA MAIS.</p> <p>A - <i>[...] bastante livros variados, tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola [...] de vários autores pra gente pesquisar mais.</i></p> <p>B - <i>[...] livros que chame a atenção dos alunos, porque ultimamente a biblioteca tá meio esquecida.</i></p> <p>C - <i>[...]. Na biblioteca o necessário é o livro.</i></p> <p>D - <i>[...] ter uma diversidade de livros diferentes. [...] Tem que ter vários livros diferentes pra todos os gostos.</i></p> <p>E - <i>Livros [...] [...] revistas, jornais pra ter informação. [...] atlas, mapas, [...]. [...] livros para preparação de provas também [...], por exemplo, eu que tô estudando para o vestibular, tenho que sair e comprar alguns livros [...] que não têm aqui, né? Esses mais Complexos.</i></p> <p>F - <i>[...] ter uma [...] certa quantidade de assuntos, de livros diferentes, [...] para poder se aprofundar mais [...], não ficar só [...] numa determinada [...] leitura.</i> G - <i>Livros. [...] os livros são os principais, né? Porque você não faz uma biblioteca se [...] não tiver livros. [...]. Porque [...] os livros [...] são a leitura. [...].</i></p> <p>H - <i>[...] de tudo um pouco. [...] tudo que eu procuro e [...] saber que vai ter, entende? [...] vou estudar agronomia. [...] e eu sei que vai ter especificamente aquele livro pra mim. Pode não conter tudo, [...] mas pelo menos algo que me ajude seria bom.</i></p> <p>I - <i>Livros [...] para determinadas idades, os quais tragam ensinamentos [...]. [...] um incentivo [...] pra brincadeiras [...]. [...] e não [...] à tecnologia. [...] que a biblioteca [...] trouxesse [...] um conteúdo literário maior. [...] pro Ensino Fundamental (quinto ano) até o terceiro [do Ensino Médio], trouxesse um interesse maior para os jovens, por causa que eu não tive, literatura brasileira, [...] muitas obras boas [...] esse colégio não tem. [...]. Muitos [alunos] compram. [...]. Quando eu lia bastante eu comprava livros [...]. [...] obras de autores estrangeiros [...] têm, algumas coisas [...] interessa bastante. Só que autores brasileiros que é que devia ser focado não têm, entende?</i></p>

J - *Uma quantidade de livros [...] de cada área. [...] história, literatura, e por aí vai [...]. Uma grande diversidade de livros. Porque a biblioteca [...] é um local de conhecimento [...]. E quanto mais [...] disponibilidade, mais assuntos [...] tiver, melhor pro aprendizado da pessoa. [...]. Porque [...] hoje em dia tem internet [...] mas o livro ainda é uma importante forma de aprendizado. [...] na internet tem muita coisa, mas muitas vezes errada. O livro não, [...] tem uma coisa [...] verificada, corrigida, [...]. [...] uma certeza do conteúdo [...]. [...] aprovação de uma editora, uma análise ortográfica. Tudo certo [...] perante [...] as leis do país, né? Então, é mais confiável que [...] internet.*

K - *[...] diversidade de livros pra poder fazer pesquisa.*

L - *Bastante livro. [...]. Tem que ter muito livro. É igual aqui [...] tem ainda bastantinho. [...].*

M - *[...] livros infantis e de vestibular [...] livros de vários estilos, de autores brasileiros e [...] estrangeiros, [...] uma diversidade de gêneros e de livros [...] pra tá motivando todos os alunos a ler.*

N - *Livros pra conhecer mais, aprender mais. Quando se fala em biblioteca já se pensa em livro, né? Só que tem que ter aqueles livros pra gente conhecer mais [...]*

O - *[...] deveria ter [...] livros.*

P - *Livros, né?*

Q - *Livros. Muitos livros. [...]. Revistas, [...] é interessante, e material didático.*

R - *E [...] livros pra lazer também. [...]. Porque tem gente que gosta de literatura clássica. Eu [...] gosto, mas, [...] da minha sala não conheço ninguém que gosta [...]. Então, tem que ter todos os gêneros pra [...] poder agradar todo mundo e trazer o contato da pessoa na biblioteca, porque [...] é importante pra todos.*

S - *Uma variação de livros. [...] pra qualquer [...] idade e de diversos assuntos [...]. [...].*

T - *[...] livros, né, com certeza, livros. [...] a biblioteca tem que ter livros, obviamente, [...] pra tu ler, sabe? E também [...] mapa, TV [...].*

U - *[...] livros que você goste de ler, [...] mas também te ensine alguma coisa.*

V - *Bons livros. [...]. [...] filmes [...] que a escola deveria ter [e] eu não vejo. [...] livros que crescentem. [...]. [...] vai te fazer amadurecer.*

W - *Livros, né?*

X - *[...] deveria ter todos os tipos de gêneros, né? [...] eu gosto de uma leitura que é mais literatura adolescente porque eu ainda estou nessa fase, [...] literatura infanto-juvenil, né? Mas, também [...] gosto[...] da literatura [...] adulto romântico. [...]. Eu gosto disso, mas tem pessoas [...] que gostam mais da literatura [...] moderna, [...] realista. Então, deveria ter todos os gêneros pra que [...] as pessoas pudessem ler [...] daquilo que [...] gostam. Porque não adianta nada ter uma biblioteca só de livros de literatura brasileira, do realismo, ou [...] só livro infanto-juvenil, porque tem pessoas que não lêem todos os livros, mas aqueles que elas gostam, elas lêem. Então, é uma oportunidade da pessoa ler alguma coisa.*

C	<p>SILÊNCIO PARA INCENTIVO À LEITURA E À REFLEXÃO.</p> <p>A - Deve ter... [...] Silêncio [...].</p> <p>C - [...] e é pro pessoal ficar em silêncio.</p> <p>L - [...] ambiente muito calmo. [...] um aluno não vai conseguir ler um livro [...] numa sala de aula [...] numa turma bagunqueira. [...]. A biblioteca é um lugar calmo onde exige muito silêncio. [...] é mais tranquilo pra gente pensar, refletir, ler. É um lugar muito calmo.</p> <p>Q - [...] um local [...] calmo pra poder ler.</p> <p>T - [...] ambiente [...] pra leitura mesmo [...]. Um lugar em silêncio pro aluno ficar, realmente, centrado no livro. Porque [...] lá na nossa sala [...] é muita conversa. [...] é do lado da quadra [de esportes] e as crianças brincam ali e às vezes é difícil até de ter aula, entende? Então, [...] a biblioteca tem que ter [...] um ambiente [...] pra tu ler, sabe?</p> <p>U - Silêncio.</p>
D	<p>GARANTIA DE USO SEMANAL PARA TODOS OS ALUNOS NA AGENDA DO PROFESSOR.</p> <p>B - Aí, tem que dar um toque [...] para os professores alertarem os alunos pra voltarem a ler. [...] na sétima ou oitava série, eu tinha uma professora de português que toda semana [...] pegava os livros daqui e levava pra gente fazer uma leitura de uma aula. [...]. E hoje eu não tenho mais isso, e eu gostava. Aí eu parei de vim aqui pra pegar livro. [...]. Aí eu comecei a ler livro [...] que a minha amiga compra, lê e me empresta. É assim. Eu não tenho muito contato com a biblioteca hoje em dia como antes eu tinha.</p>
E	<p>SALA AMPLA E CONFORTÁVEL.</p> <p>C - [...] a sala deveria ser um pouco mais ampla, como aqui é [...] muito apertado, não cabe muitos alunos. [...]. [...] aqui [...] só de manhã são mais de mil e poucos alunos. Então, a gente necessita da biblioteca maior [...]. A minha turma [...]. Tem quarenta alunos. [...]. Daí muitos ficam em pé [...]. Aí não tem um lugar maior na escola pra fazer [pra ampliar a biblioteca]. Mas, na hora que eles conseguirem, eu acho que [...] vão fazer, né? Porque [...]. É um lugar ótimo pro pessoal fazer as coisas.</p> <p>F - [...] deve ter um espaço confortável [...], porque a leitura em espaço desconfortável [...] não vai pra frente.</p> <p>Q - [...]. E, um local aconchegante [...], calmo pra poder ler.</p> <p>U - Tem que ter conforto [...] Você tem que se sentir confortável numa biblioteca.</p>
F	<p>COMPUTADORES E ACESSO À INTERNET.</p> <p>C - [...] teria que ter [...] uns computadores pro pessoal pesquisar juntos, entendeu?</p> <p>P- [...] computadores, [...] um auxílio bastante grande porque [...] eu particularmente [...] leio muito mais [...] na [...] [tela] de um computador, na internet, do que num livro. Eu consigo me adaptar muito melhor [...] do que num livro. Não consigo pegar um livro, [...] e ficar lendo. [...].</p> <p>W - [...] deveria ter também acesso à internet [...]. [...] aqui na nossa biblioteca a gente tem o livro, o computador, mas a gente não tem acesso à internet, entende? [...]. [...] se já tivesse só o acesso à</p>

	<i>materiais específicos, [...] sites só de pesquisa [...] por exemplo, o “Hora do Enem” [...]. [...] pra nós já seria bem útil. Porque dá de fazer simulados [...] aqui dentro [...]. [...] [...] porque [...] o Laboratório de Informática a gente só usa com os professores, né, e tá sempre sendo usado [...]. Então, a gente acaba não indo lá. [...]. [...] se aqui funcionasse a gente poderia tá respondendo as questões [do Enem] com o apoio dos livros pra tá aprendendo mais, entendeu?</i>
G	PESSOA RESPONSÁVEL. O - [...] <i>ter sempre [...] um professor cuidando, porque se não cuidar pode ser que vá alguém ali, estrague.</i> U - <i>Alguém que administre [...].</i>
H	SUPORTE AO PROFESSOR. R - <i>Deve ter tudo que o professor precisa pra trabalhar. [...] no que o governo manda no plano didático.</i>
I	CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS. V - [...] <i>seria bem legal, também, essa proposta da tenda. De contar [...] histórias.</i>
J	RECURSOS DIDÁTICOS COMO INCENTIVO À PARTICIPAÇÃO E À INTERAÇÃO DOS ALUNOS COM A BIBLIOTECA. V - [...] <i>uma decoração onde a criança e os adolescentes poderiam interagir. [...] cada semana alguém podia trazer uma frase de um livro e colocar no mural. Uma coisa pra [...] gente usar mais a biblioteca. [...].</i>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 6: Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

Grupamentos das IC	Síntese das Ideias Centrais (IC) por grupamentos e Expressões-Chave (E-Ch)
A	NÃO. PORQUE UTILIZA A BIBLIOTECA DA ESCOLA, COMPRA LIVRO, TEM LIVRO EM CASA E ACESSO À INTERNET. A - <i>Não. [...] a maioria dos livros que eu quero ler, eu compro [...] ou eu baixo no celular. E os livros que eu uso na escola eu tenho em casa [...].</i> B - <i>Não. Nunca.</i> E - <i>Não. [...] o que eu não acho aqui eu vou em livrarias comprar, [...] para [...] alugar tem uma ali no Centro [da cidade], [...]. Mas [...] é bem disputado. [...] quando eu vou lá geralmente não tem o livro que eu quero. [...]. É a biblioteca pública municipal.</i> F - <i>Não. É a única que eu frequento [...]. Eu gosto bastante de ter livros em casa, [...] de reler várias vezes. Ai os que eu não encontro aqui eu compro. Mas [...] a maioria eu leio por aqui mesmo. Eu acho bem completa a biblioteca da escola. Então, eu não vejo necessidade de outras.</i> G - <i>Outras bibliotecas, não. [...] quando eu me interesse por um</i>

	<p>livro [...] vou lá na internet e já compro [...]. [...] às vezes [...] eu procuro livros que têm na biblioteca [da escola], às vezes [...] eu acabo não indo [na biblioteca pública], porque [...] a comodidade da nossa casa não deixa a gente ir até lá [...].</p> <p>H - [Não].</p> <p>I - Não mais. [...].</p> <p>K - [Não]. Já utilizei [...].</p> <p>L - Não. A única [...] na minha vida [...] [...] me acostumei [...]. [...] [...] não me importava com outras [...] [...].</p> <p>M - [Não].</p> <p>N - Não. [...].</p> <p>O - Eu não costume. Não leio muito, também [...]. Não gosto [...] muito de ler.</p> <p>P - Não, até porque eu também não utilizo muito essa, né? Então, eu acabo não utilizando outras bibliotecas também.</p> <p>R - [Não]. [...].</p> <p>S - Não mais. [...] eu leio, mas eu não vou em biblioteca. [...] leio [...] só on-line, livros em geral, [...] que me interessam [...].</p> <p>T - [...] eu utilizo [...] essa aqui. [...] porque [...] é pertinho, [...] posso vim aqui porque ainda sou aluno. [...]. [...] encontro os livros que eu quero [...] até achei um que eu tava procurando há bastante tempo [...] O estudo em vermelho. [...] do Arthur Conan Doyle [...]. [...] tá meio gasto [...] parece [...] bem antigo [...].</p> <p>U - [Não].</p> <p>W - Não. Só aqui. [...]. [...] segunda-feira eu faço Inglês aqui na escola. [...] começa [...] três e quinze. Então, [...]. [...] aproveito e fico aqui.</p>
B	<p>SIM. PELO FÁCIL ACESSO E POR OFERECEREM ALGO QUE A BIBLIOTECA DA ESCOLA NÃO TEM.</p> <p>C - A Biblioteca Pública [...]. [...] porque quando a gente não tem internet, né, meio difícil. [...]. [...] eu até tenho internet em casa, agora, só que [...] na biblioteca é melhor porque [...] já te mostram as especificações dos livros, essas coisas. Quando eu preciso, realmente, de livro, [...] eu vou lá [...] porque [...] na escola não pode vim a tarde, e como estudo de manhã é difícil. [...]. Aí, eu vou [...] na Biblioteca Pública que é aqui do lado. [...] pesquiso lá no computador onde fica o livro. Aí mostra a prateleira [...]. [...] vou lá e pesquiso. [...] tem computador, [...] internet e acesso aos livros. [...].</p> <p>D - [...] eu vou na Biblioteca Pública. [...] [...] quando eu [...] tô a fim de um livro e eu não acho por aqui. Ou, às vezes, pra ver livro pra trabalho escolar, que têm alguns aqui que [...] A gente só pode pegar [...] enquanto tiver na biblioteca, e lá eles emprestam. [...] também tem computador [...].</p> <p>J - Internet [...] Na biblioteca do SENAI [...]. [...] eu faço curso de técnico-eletrônica, [...] que precisa de bastante estudo e conhecimento. Daí eu pego livro voltado pra essa área [...].</p>

	<p>Q - <i>Sim. [...] Eu [...] uso a Biblioteca Pública [...] e a minha mãe [...] é funcionária [...] e às vezes eu pego livros lá. [...] só pra literatura [...]. Pra descontrair [...]. Sempre [...] tive muito o hábito da leitura.</i></p> <p>V - <i>Como a minha mãe é professora e minha irmã, também, enquanto elas dão aula, às vezes [...] vou na biblioteca. Mas eu nunca fui [...] de ir em outras bibliotecas, né? Sempre fico nessas que estão mais próximas [...].</i></p> <p>X - <i>[...]. [...] na biblioteca do SESC que lá também tem vários livros infanto-juvenis. [...] eu utilizo mais e-book mesmo, porque [...] baixa o livro e lê no celular, né? Porque [...]. [...] no celular [...] é mais fácil. Se tô no ônibus tô lendo.</i></p>
--	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

Pergunta 7: Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

Grupamentos das IC	Síntese das Ideias Centrais (IC) por grupamentos e Expressões-Chave (E-Ch)
A	<p>SOBRE A NECESSIDADE DE MELHORAR A BIBLIOTECA E INCENTIVAR O USO, INCLUSIVE PELOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.</p> <p>A - <i>[...] muitos alunos meio que se recusam a vim na biblioteca, [...] e [...] eu já fui assim. Só que [...] eu comecei a vim na biblioteca, eu gostei, e comecei a vim mais [...] e ouvia [...]: “Ah, não, não vou lá na biblioteca. É chato, não tem nada legal lá” [...]. [...]. [...] acho que as pessoas não gostam muito de ler. [...]. Dá pra ver que não tem muita gente que utiliza a biblioteca da escola. [...] é de um a cada cinco alunos que usam a biblioteca. Às vezes nem isso. E os anos que eu vinha aqui na biblioteca foram bons. Eu peguei vários livros e a minha literatura foi boa. Isso também contribui pra falar melhor, pra se expressar melhor.</i></p> <p>B - <i>Então, eu queria que os professores, a diretora, alertassem a escola de que a biblioteca tá aberta pra qualquer um usar. [...] é bom pra uma criança que tá vindo agora. Muitas vezes elas têm problemas em casa com os pais. É uma forma de desligar a mente de um problema. Eu acho bom que uma criança venha, leia, aprenda, como eu aprendi lendo.</i></p> <p>C - <i>[...] e que a escola continue [...] com a biblioteca, sabe? Porque a biblioteca [...] ajuda todos os alunos. [...] E [...] na hora que o colégio tiver [...] verba, ou o pessoal mandar a verba, [...] pra aumentar, [a biblioteca], né? Pra poder colocar mais livros. Porque muitos livros não têm aqui pelo fato de a biblioteca não ser tão grande [...].</i></p>

D - [...] a biblioteca evoluiu bastante, porque [...], no Primário, não era bem uma biblioteca. Era [...] um lugar pra pegar os livros de vez em quando. Mais os didáticos. [...].

E - [...] eu acho essencial [...] aplicarem mais no Ensino Médio [...]. Tem que continuar [...] em vim pra ler, pra tá pegando [livros], que é muito importante, né?

F - [...] na quarta série eu nunca lia. Eu não era acostumada a ler. [...]. “Ah, pra que ler” [...]. Uma vez uma professora [...] pediu pra gente ler um livro e [...] fazer um trabalho [...]. [...] qualquer livro [...]. [...] vim à biblioteca [...] e [...] achei um livro [...] sobre [...] adolescência. [...]. [...] li [...] e [...] me apaixonei. [...]. [...] E desde então eu leio sempre. Leio muito. Sou viciada em leitura [...].

H - Eu gostava bastante quando a gente vinha, [...], com a turma [...] pra ler alguma coisa. [...]. [...] quando [...] mais pequeno [...] a professora sempre trazia [...]. [...] às vezes tinha [...] atividade diferente [...]. Era bem legal. A gente vinha, lia [...]. A gente vinha [...] bastante. [...]. [...] com o tempo foi parando [...]. Então, no primeiro e segundo ano [do Ensino Médio] [...] se eu vim aqui cinco vezes pra ver um livro, foi muito. [...].

I - [...] essa biblioteca [...]. Foi bem marcante pra mim porque eu via vários alunos [...] vindo aqui direto fazer pesquisas, ir atrás de respostas. Tinha uma dúvida vinha em outros períodos [...] pra [...] esclarecer [...]. [...] Tinha [...] dois computadores. Os funcionários da biblioteca também usavam. [...]. [...] poderia vir a qualquer horário, mas se tivesse alguém tinha que esperar ou [...]corria atrás dos livros. [...]. [...] eu gostava de pegar o livro do Guinness Book [...]. [...] [...] todo mundo queria aqueles livros, os mapas. [...] [...] O Código Da Vinci [...] assisti ao filme e [...] quis ler o livro. [...] [...] Era uma leitura mais avançada [...]. [...] [...] tinha os livros que [...] até hoje deixam nesse armário, Guerra das torres, uma coisa assim. Era uma literatura mais estrangeira, todo mundo quis. [...]. O livro do Harry Potter [...] virou filme todo mundo quer ler. Aí ela deixava escondido e tinha uma fichona, que [...] reservava os livros pra nós. [...] dava briga se a gente se atrasava. [...] Era bastante confusão.

J - A [...] escola [...] é a parte mais importante da formação de uma pessoa, [...] na questão do conhecimento. [...] o caráter [...], é a família que forma, é dever da família. O da escola é o conhecimento. Porque [...] uma pessoa entra [na escola], [...] com cinco anos de idade e sai com dezessete, dezoito [...]. Então, nesse meio tempo a escola, [...] [...] tem o dever de [...] dar atenção, dar um ensino de qualidade pra pessoa. Porque essa pessoa [...] vai ser um futuro profissional que vai servir à sociedade. Então, [...] Além [...] da qualidade dos professores, [...] de os professores ensinarem, [que] a [...] diretoria [...] tenha uma boa gestão [...], não falte nada pra escola, a biblioteca [...] ser bem administrada,

	<p>[...] bem organizada, [...] que tenha bastante conteúdos pra pessoa ler [...] e aprender. [...] a biblioteca [...] tem que ser algo diversificado. Porque a pessoa que entra na escola [...] procura um conhecimento. Então, quanto maior a oportunidade de conhecimento, melhor pra pessoa, melhor pra formação da pessoa.</p> <p>U - [...] que a escola continue [...] fazendo essa gincana pra arrecadar livro. Pra [...] desde pequenininho incentivar a ler. Que a leitura é fundamental [...] pra escrita, [...] pra imaginação. Não só ficar no computador, na internet, nas tecnologias. [...]. [...]. Se você tá irritado, a [...] leitura para, te passa [para] um outro lugar, entendeu? [...]. [...] a tecnologia pode ser uma evolução, mas [...] tá tirando [...] de uma criança pegar um livro e começar a ler.</p> <p>V - [...] essa biblioteca [...] é bem importante pra mim [...] eu ficava a tarde [...] pela escola [...] com outra filha de professora [...]. A gente era louca por livros. [...]. [...] vinha aqui, tava tudo bagunçado, [...] arrumava [...]. [...] ajudava as bibliotecárias [...]. [...]. [...] cada coisinha aqui na biblioteca me remete a alguma série que eu passei. [...] a [...] gincana [...] arrecadou bastante livro. [...]. [...] tinha tanta série boa, que muita gente, realmente, se interessou pela biblioteca. [...] a biblioteca é um espaço bom. [...] a gente deveria utilizá-lo mais, já que [...] é bem estressante estar no “Terceirão”. [...] a gente não teve [...] contação de histórias. [...] mas [...] eu gosto de sentar [...] no chão [...] e ficar lendo como[...] fazia há alguns anos atrás. Uma coisa [...] que a gente perdeu [...] e [...] a minha sala [...] gostaria de [...] vim aqui [...] pra dar uma relaxada [...]. [...] a biblioteca ficava aberta no recreio. Então, muitos vinham [...] quando a gente tava ensaiando pra gincana. [...]. [...] os professores junto [...]. Dá pra fazer alguma coisa bem legal no recreio, de expor alguma ideia [...], cada sala ficar responsável por um dia [...] da semana, [...] fazendo coisas diferentes para as crianças [...] não ficarem correndo no recreio. [...]. São coisas legais, pequeninhas, mas que vão se construindo.</p>
B	<p>SOBRE O INCENTIVO RECEBIDO PARA O USO DA BIBLIOTECA POR SER FUNDAMENTAL NO DESENVOLVIMENTO DO GOSTO DA LEITURA.</p> <p>B - Eu desenvolvi essa paixão de leitura [...] desde quando [...] pequena que eu vinha pra cá. [...].</p> <p>G - [...] livro [...] Tosco [...] eu fiquei encantada [...]. [...] todas as pessoas da minha sala, praticamente, se interessaram [...]. [...] tinham vontade de ler, [...] via que [...] tavam lendo mesmo. [...].</p> <p>I - Tem um livro [...] que [...] foi muito bom porque [...] toda a sala tava reunida. [...]. Era um homem e uma formiga [...] na neve [...], marcou bastante porque [...] ela leu [...] mostrava [...] imagens.</p> <p>K - [...] marcou bastante [...] um trabalho de português. [...] na sétima série. A professora não deixou usar o computador,</p>

tecnologia nenhuma. [...] só livro e tinha que botar o autor [...], tudo certinho. [...]. Me bati [...] pra fazer [...]. [...] pra entender. Era em grupo, [...] vinha de manhã [...] estudava de tarde [...]. [...] Às vezes [...] ia [...] na biblioteca pública, colocava na internet, [...] o tema [...]. [...] ia ver se tinha, né? Ler, né, não é acostumado muito com a leitura. [...]. Foi quando eu mais li [...] pra trabalho.

Q - [...] a gente sempre vinha com os professores. E na maioria das vezes era reservada uma aula [...]. A gente pegava o livro, lia, aí tinha mais a contação de história [...]. [...] eu sempre gostei muito de livros. Então, biblioteca pra mim é sempre um lugar maravilhoso.

qualquer livro que tu for ler [...] não pode ler [...] só por tá lendo. Tem [...] os aspectos. [...] da tua visão, da visão do autor [...]. Abranger vários pontos de vista para tu ter uma opinião própria [...]. [...] E [...] que eu mais gosto na leitura é [...] poder ver de tantos ângulos diferentes e sentir tanta coisa diferente apenas lendo um livro.

T - Eu gosto muito de ler [...]. [...] essa coisa de [...] vir à biblioteca e ler, tem que ser incentivada porque é difícil um aluno [...], por exemplo, da terceira série [do Ensino Fundamental] [...] vim por conta própria, entendeu? [...] eu sempre tive muitas pessoas que me incentivaram a ler. Minha avó, minha mãe, as minhas professoras me incentivaram muito [...]. [...] uma vez [...] essa biblioteca, “meu”, tava cheia, cheia de criança [...] e fazia fila pra pegar livro [...]. Era até uma bagunça [...], mas as crianças liam bastante [...] e isso despertou em mim pra hoje eu gostar de ler, entendeu? Se ninguém tivesse me incentivado, despertado esse interesse quando eu era criança, talvez, hoje eu [...] nem estaria aqui dando entrevista, entendeu? Nem estaria lendo. E isso incentiva. [...] é importante.

V- [...] eu fui [...] acostumada, em casa, [...] a ler bastante. [...] a minha mãe [...] sempre nos levou pra esse caminho. Aí quando eu cheguei na escola o meu primeiro contato foi com a biblioteca. [...].

W - [...] teve um projeto sobre [...] como se aplica os livros na escola e como eles podem mudar a vida dos alunos [...]. O livro era o Tosco [...]. Foi [...] muito legal ver que um livro podia impactar na vida dos alunos e fazer com que eles mudassem de comportamento. [...]. Foi na oitava série.

X - Às vezes os alunos pensam que biblioteca é [...] “Só livro chato” ou “Eu não vou gostar de nenhum livro que tem”, porque a maioria [...] não tem o costume [...] de ler. [...]. [...] começa lendo um livro “Ah, eu não gostei”, [...] tenta outro [...]. [...] muita gente [...] tem esse preconceito com o livro [...] Fala que todo livro é chato, que toda biblioteca só tem livro chato e não é assim. [...] ler é uma coisa que te motiva [...]. Às vezes, eu prefiro ler do que ver

	<p><i>TV. [...] eu imaginar é muito melhor [...]. Porque [...] a minha imaginação não vai me decepcionar [...]. [...] as pessoas têm muito essa coisa “Não, não gosto de ler”, “Não gosto de ir em biblioteca” e acabam perdendo a oportunidade de conhecer histórias [...]. [...].</i></p>
C	<p>SOBRE AS TRAQUINAGENS NA AUSÊNCIA DO RESPONSÁVEL.</p> <p><i>I - A gente sempre quis pegar os mapas. Não dava, [...] achava um jeito de pegar escondido. [...] abria [...] e ficava olhando [...]. [...]. [...] mexer no globo. [...]. Nem lia nada [...]. Era só por girar o globo. [...] mexíamos nas maquetes. A gente mexia por tudo [...].</i></p> <p><i>P - [...] quando [...] criança a gente [...]. [...] fazia o projeto [sigla do projeto] [...], [...] Esse espaço era nosso, era bom. Talvez não os livros, mas as pessoas que tavam ali. [...] a gente [...] se divertia. [...]. [...] o nosso [...] intuito não era usar a biblioteca como um meio de estudo. Era pra brincar, pra fazer aquelas coisas de criança, sabe? Nos momentos que ela [professora] saía da [...] [biblioteca] a gente aprontava um monte. [...]. [...] tinha [...] coisas que elas faziam que era muito legal, [...] que juntava gente, [...] unia a gente [...] Era bom, naquele tempo [...] que vinha pra cá [...] pra se divertir, pra ocupar a cabeça, pra ser criança mesmo, pra aproveitar o nosso espaço [...].</i></p>
D	<p>BIBLIOTECA INDISPONÍVEL NO PERÍODO NOTURNO, FALTA DE CUIDADO E DE ATENÇÃO.</p> <p><i>I- [...] um fato [...] triste quanto à biblioteca hoje em dia. [...] à noite não tem esse aluguel de livro que a gente pega os livros e leva pra casa. [...]. [...] não tem porque também [...] os alunos não têm tempo pra ler [...]. [...]. Eu ainda conheço algumas pessoas que vêm, pegam [...] de vez em quando, levam. Mas [...] eu acho bem triste [...] eles não [...] trazerem novas obras para as crianças e a [...] conservação dos livros que tá bem ruim, bem precário [...]. E o fato de alguns alunos vim e simplesmente roubarem coisas. [...]. [...] por exemplo, os professores dizem: “Ah, vai lá pegar livros de biologia. Trinta livros”. A gente leva lá pra sala, mas [...] fica alguém aqui e rouba alguma coisa. Eu já conversei com o diretor [...], mas não tem o que fazer, porque não [...] tem como ficar cuidando.</i></p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2016).

**APÊNDICE O - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2
– IAD 2: QUADRO-SÍNTESE DAS IDEIAS CENTRAIS (IC) POR
QUESTÃO E ANCORAGENS (AC)**

Pergunta 1: Para você o que é biblioteca escolar?

A- Lugar de CONHECIMENTO
B- Lugar na escola que auxilia na FORMAÇÃO DO INTELLECTO
C- Lugar para atender as necessidades de LEITURA e para que o aluno goste de ler.
D- Lugar para ESTUDO, TRABALHOS, PESQUISAS.
E- Lugar que requer SILÊNCIO.
F-Lugar constituído, essencialmente, por LIVROS.
G-Lugar para acesso à LITERATURA.
H- Lugar para REFÚGIO através da leitura.
I- Lugar do e para o ALUNO

IC F: Lugar constituído, essencialmente, por LIVROS.

Ancoragem IC F: CONCEITO TRADICIONAL: BIBLIOTECA ASSOCIADA AO LUGAR DO LIVRO.

[...] basicamente é o conceito, né? É o lugar onde ficam todos os livros que a escola recebe, alguns do governo, a maioria na verdade, que eu vejo, que eu pego e tem o selo do governo. [...]. Um lugar [...] onde guarda os livros.

Pergunta 2: Você costuma utilizar a biblioteca da escola? para que?

A- Não. Não muito. Não como antes. Perdeu o interesse pela biblioteca.
B- Sim. Para empréstimo, estudo, leitura. Para fazer os exercícios de aula e procurar algo novo para ler.

IC A: Não. Não muito. Não como antes. Perdeu o interesse pela biblioteca.

Ancoragem IC A: INTERNET mais ACESSÍVEL, MENOS USO da BIBLIOTECA ESCOLAR.

[...] eu não utilizo [...] tanto [a biblioteca da escola] por causa da internet. Porque a internet a gente sabe que tá nas nossas mãos, né?

Pergunta 3: Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

A- Ensino Fundamental: Frequência ativa conduzida pelo professor. INCENTIVO À LEITURA. Ênfase nas Séries Iniciais.
B- Ensino Médio: frequência diminuída. Ênfase para TRABALHOS e PROVAS e por VONTADE própria.

Pergunta 4: Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

A- Proporcionar ACESSO ao CONHECIMENTO.
B- Incentivar a LEITURA
C- Auxiliar ALUNOS e PROFESSORES.
D- Oferecer e facilitar ACESSO ao LIVRO e à LITERATURA.
E- Tem DÚVIDA, porque a BIBLIOTECA está ESQUECIDA.

Pergunta 5: Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

A- ORGANIZAÇÃO e REGRAS.
B- Diferentes documentos, mas ESSENCIALMENTE, LIVROS, muitos livros, livros variados para atender diferentes gostos, estimular o aluno para a leitura, para que aprenda mais.
C- SILÊNCIO para incentivo à LEITURA e à REFLEXÃO.
D- Garantia de USO SEMANAL para todos os alunos
E- SALA AMPLA e CONFORTÁVEL.
F- COMPUTADORES e ACESSO À INTERNET.

IC A: ORGANIZAÇÃO e REGRAS

Ancoragem IC A: É preciso CUIDAR do LIVRO

[...] não rasurar o livro, não rasgar, não molhar. Essas regras básicas de uma biblioteca.

IC B: Diferentes documentos, mas ESSENCIALMENTE, LIVROS, muitos livros, livros variados para atender diferentes gostos, estimular o aluno para a leitura, para que aprenda mais.

Ancoragem IC B: CONCEITO TRADICIONAL: biblioteca associada à LUGAR DE LIVRO.

Quando se fala em biblioteca já se pensa em livro, né?

Pergunta 6: Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

A- Não. Porque utiliza a biblioteca da escola, compra livro, tem livro em casa e acesso à internet.

B- Sim. Pelo fácil acesso e por oferecerem algo que a biblioteca da escola não tem.

Pergunta 7: Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

A- Sobre a necessidade de MELHORAR a biblioteca e INCENTIVAR O USO, inclusive pelos alunos do Ensino Médio.

B-Sobre o INCENTIVO RECEBIDO para o USO da biblioteca por ser fundamental no desenvolvimento do GOSTO DE LEITURA.

C- Sobre as TRAQUINAGENS na ausência do responsável.
--

D- SERVIÇO INDISPONÍVEL no período noturno. FALTA de CUIDADO e de ATENÇÃO Á BIBLIOTECA.

APÊNDICE P - PERGUNTAS DO ROTEIRO DE ENTREVISTA E DSCS CORRESPONDENTES

Pergunta 1: Para você o que é biblioteca escolar?

DSC: [...] basicamente é o conceito, né? É o lugar onde ficam todos os livros que a escola recebe, alguns do governo, a maioria na verdade, que eu vejo, que eu pego e tem o selo do governo. [...]. Um lugar [...]. onde guarda os livros. [...]. é o espaço onde tem os livros [...]. [...] teria que ter livros [...]. Vir aqui e ter vários livros. [...]. É o centro que [...] professores, diretores, [...] armazenam os livros que [...] ganham do governo, ou [...] que eles trazem. Aqui [...] tem [...] os mapas, [...] umas enciclopédias, [...] a TV [...]. É um lugar onde os alunos têm um acesso mais fácil a livros pra fazer pesquisas, porque [...] nem [...] todos têm internet em casa [...], e aqui [...] só tem uma biblioteca pública, no Centro [...]. Daí é [...] uma facilidade [a biblioteca na escola] [...]. [...]. Aqui não tem muito, mas [em] outras bibliotecas, [...] geralmente têm outros tipos de livros, por exemplo, de cursos diferentes pra [...] estudar. [...]. [...] é um ambiente que a escola fornece [...], que auxilia [...] nos trabalhos, nas pesquisas [...]. [...] biblioteca não é só pra [...] pegar um livro pra ler [...]. É [...] pra estudar também. É o espaço onde os alunos podem se reunir [...] ter concentração pra estudar pra provas ou fazer trabalhos e pesquisas [...]. [...] é um lugar onde a gente possa [...] se ajudar, [...] querer pesquisar. [...] onde tu te sentes mais seguro pra [...] aprender [...]. [...] agora tem o computador [...], a internet, é mais fácil. Mas antigamente, [...] as pesquisas eram feitas todas aqui, né? É um lugar que é pra ser mais calmo, mais quieto que [...] as salas [de aula]. [...] ter mais silêncio [...]. [...] pra você se encontrar, se centrar e imaginar [...]. Aí você pode estudar. [...] é um espaço [...] para se ler. [...]. [...] um lugar [...] ler livros por espontânea vontade de [...] querer ler [...]. [...] onde a gente pode pegar livros diferentes para distrair um pouco a mente, ler um pouco, até mesmo pra fazer trabalho, porque em português, [...] às vezes dão um trabalho sobre um certo livro e a gente tem que ler [...]. [...]. E ali eles ensinam as crianças, adolescentes a aprender a ler histórias [...]. [...] quando nós éramos pequenos, os professores sempre traziam aqui e faziam nós lermos livros e levar pra casa e [...] é legal porque você conhece novas histórias e vai aprimorando a [...] imaginação. [...]. [...] a partir da escola desenvolvi o gosto pela leitura. [...] desde o [...] Ensino Fundamental que eu frequente [a biblioteca]. [...] graças à escola, eu gosto de ler e [...] escrever. É importante na construção

mental de uma criança. Enquanto ela vai crescendo, [...] vai entendendo o conceito de leitura, que é importante pro crescimento dela na escola e na vida social [...]. [...] na [...] infância [...] uma forma de aliviar a ideia do que [...] é o mundo pra uma criança. [...]. Aí conforme vai [...] passando o tempo a biblioteca traz [...] conteúdos [...]. [...] pra que [...] saiba do que [...] trata o mundo, o que [...] o mundo traz [...], o que vai trazer, [...] [...] preparando pro que vai vir. É [...] uma forma lenta, gradativa [...] de a escola [...] ensinar [...] como o mundo é [...]. É [...] fonte [...] de literatura [...]. Onde a gente pode [...] [se imaginar] em algumas histórias [...]. Eu [...] gosto muito de ler. Então, a biblioteca proporciona essa oportunidade [...] de [...] encontrar [...] literatura [...]. [...] Porque [...] livro é caro e [...] [a] internet [...] não tem todos os livros que a gente quer. [...]. [...] muitos jovens deveriam frequentar a biblioteca escolar. Porque [...] a literatura é [...] muito importante [...]. [...] hoje muita gente preferiu ir muito pro mundo da internet, celulares. Esqueceu os livros, deixou os livros de lado. [...] ler um livro [...] traz mais benefício do que ficar só atrás de uma rede social. [...] é um local onde a gente vem pra “viajar” [...]. Porque quando a gente lê, querendo ou não, [...] “viaja” [...] sai da [...] realidade pra viver outra [...] mesmo na escola, pra [...] conhecer outras coisas [...]. [...] pra [...] se desligar [...] das conversas de dentro da sala. [...] ficar no teu canto, ler um livro [...] e pensar [...]. É um espaço onde a gente pode se refugiar. Porque na sala de aula muitas vezes é imposto conceitos [...], e a biblioteca é o lugar onde a gente encontra livros, e o livro [...] abre a nossa mente [...]. Então, é um lugar de descoberta, um lugar de refúgio. Biblioteca pra mim é tudo. [...] É a fonte do nosso conhecimento [...]. [...] um lugar onde fica muito conhecimento armazenado de diversos temas [...]. É [...] onde a gente pode buscar o conhecimento [...]. Porque nos livros a gente pode buscar qualquer coisa, desde uma receita até conhecer novos lugares [...]. [...] com um livro você pode conhecer [...] qualquer lugar do mundo. [...] [...] onde [...] a gente pode aprimorar [...] conhecimento [...], [...] aprofundar os estudos. [...] conhecer mais, [...] saber de outras histórias e [...] se aprofundar mais no que a gente quer conhecer. Conhecer algo novo [...]. [...] [...] a biblioteca oferece esses livros de vestibulares [...]. Agora que a gente tá no Ensino Médio, pensa né? [...]. Então, [...] é um local de conhecimento. [...] [...] do modo de a gente pegar livros, pra [...] ter um pouco mais de cultura. [...] vindo na biblioteca a gente tem essa oportunidade de poder ler e poder aprender um pouco mais, [...] não só da coisa da sala de aula. Porque [...] livro [...] não traz só os métodos científicos, né? Ele traz também as

experiências que outras pessoas tiveram na vida [...]. [...]. Enfim, [...] Apesar de não ser muito usado, acaba sendo o nosso espaço.

Pergunta 2: Você costuma utilizar a biblioteca da escola? Para que?

DSC1: *Eu venho bastante aqui [...]. Quando ela está aberta [...]. [...] ela ficou um tempinho fechada [...], [...] estava sem bibliotecária. [...]. Mas, nesse ano a gente usa bastante pra [...] pegar livros pra fazer trabalhos [...] de literatura [...]. Pelo menos uma vez no mês eu venho pegar um livro pra ler [...]. [...] pra ver se tem alguma coisa, algum livro que me interessa, porque eu gosto muito de ler [...]. Aí eu sempre venho [...]. [...]. É que o livro tem que me chamar a atenção pra eu ler [...]. [...] quando eu tenho tempo, eu freqüento [...]. [...] livros [...] pra ler [...]. [...] Revistas [...], ainda mais em ano de vestibular [...]. [...]. No ano passado eu estudava de noite e eu trabalhava, fazia curso [...], então, [...] eu não lia. Mas neste ano como eu tô só estudando aqui na escola, eu venho direto aqui, [...] gosto bastante de vir aqui, no horário de aula, sempre, [...] que eu tenho português [...] a professora entende [...]. Mas aqui eu não leio. Eu só pego o livro. [...]. Às vezes as professoras fazem provas [...] com os livros [...] e têm na biblioteca e [...] a gente aluga [...]. [...] senão, eu pego pra ter uma leitura mais dinâmica, [...] mais por lazer [...], [...] no recreio, geralmente. [...] principalmente quando tem trabalho pra pesquisar em livro. Porque aqui tem bastante livros [...] história, geografia [...]. Aí é mais fácil pra pesquisar. [...]. Eu utilizo bastante, porque eles têm uma variedade de materiais para pesquisa, tipo, biologia, química. E essas coisas a gente não costuma comprar [...]. Eu venho [...] faço as atividades de sala e depois eu leio os livros. [...] uso bastante [...] com os colegas, pra tá estudando pra prova quando a gente tem um tempo no intervalo de aula [...]. Daí é ótimo vim pesquisar aqui pra fazer trabalhos, me aprofundar [...]. [...] pegar livro [...], às vezes, pra passar um tempo [...] lendo um livro aqui [...]. Biblioteca, pra mim, é isso também. [...] antigamente [...] dependendo de como o professor trabalhava a gente não utilizava muito os livros da biblioteca. [...]. Hoje em dia a gente tá usando. [...]. No primeiro e segundo ano do Ensino Médio [...], praticamente, não foi usado o livro da biblioteca [...]. Foi falado sobre obras literárias que [...] tinha aqui. Só que a gente não usou. Mas este ano a gente tá trabalhando. Literatura brasileira. Os clássicos [...]. [...] no Ensino Fundamental, eu utilizava mais, [...] agora eu utilizo [...], só que eu compro meus livros também. Eu gosto de ter os livros em casa pra ler. [...]. Agora [...] eu tô utilizando para ler os livros do vestibular porque*

é muito difícil achar em outros locais [...], que a Biblioteca Pública tem muita procura. E aqui na escola eles proporcionam vários [...] de cada. [...] mais de cinco [exemplares]. [...] é muito bom isso pra gente.

DSC2: *[...] eu não utilizo [...] tanto por causa da internet. Porque a internet a gente sabe que tá nas nossas mãos, né? [...]. [...] quando não tem nada na internet eu pesquiso nos livros em casa. [...] aí eu não precisei mais vim aqui pra pegar livro pra fazer trabalho [...]. [...] tem internet, então, já é mais fácil [...]. [...] as pesquisas a gente faz sempre na internet [...]. E livro [...] [de literatura], eu leio quando eu compro ou as minhas colegas têm [...] indicam [...] e eu leio. [...]. O meu interesse por leitura decaiu muito por causa de trabalho, eu não tenho paciência pra leitura mais, e [...] os livros da biblioteca [...] não cativam mais o meu interesse. São [...] os mesmos há uma década, [...]. Então, não me move mais nenhum pouco pra ler esses livros. [...] agora de noite a [...] professora [...] [indica] um livro, só livro [...] Fica a critério do aluno se quer ou não pegar daqui. É só isso mesmo, de noite que a gente vem pra biblioteca. [...]. [...] à noite não tem ninguém [...]. [...] pra ficar fixamente aqui [...] todas as aulas [...] pra atender. [...] nesse ano a biblioteca fechou, [...] Porque não tem muita gente aqui pra coordenar, organizar. [...] nas séries iniciais eu usava bastante. Agora, [...] nem tanto [...]. Muito raro, por causa que aqui só ficam os livros didáticos [...] que a gente usa em sala de aula [...]. [...] eu não sou muito chegado a ler. [...]. [...] eu gosto mais de livro [...] técnico pra ler. [...]. Mas [...] a partir da terceira [...], quarta série, eu ia bastante. [...] toda semana [...]. [...]. Eu gostava de ler gibis, essas coisas [...]. Daí [...], pegava, [...] alugava, marcava teu nome. [...]. Iam bastante pessoas, por isso [...] a gente se interessava. [...]. Era bem legal. No Ensino Fundamental, [...] até a quinta série [...] usava bastante. Vinha aqui fazer pesquisa. [...] da quinta série pra frente não fui mais. Só pra vir buscar os livros didáticos. Às vezes a professora de português [...] pedia trabalhos e a gente pegava livro daqui. [...] até [...] na oitava, sétima [...] eu vinha bastante, [...] os professores traziam bastante. E quando você vai pro Ensino Médio daí eles não trazem muito. [...]. [...] E depois começou a ir na primeira série do Ensino Médio. Daí já acabou. Acho que a gente começa a trabalhar, essas coisas [...]. É muita coisa. [...] não tem muito tempo. [...]. Mas ano passado [...] toda semana a gente vinha aqui na biblioteca e lia [...] alguma coisa. [...] no Primário eu vinha com frequência [...]. [...] utilizava os livros. Só que no decorrer do tempo isso acabou, [...] não sei se foi [...] por ter passado pro Ensino Médio [...]. Até esse ano eu vim uma vez aqui*

procurar um livro e ainda fui mal atendida [...]. [...] eu [...] acabo não utilizando muito. [...] entre a primeira e quinta série a gente utilizava bastante [...], mas no decorrer do tempo isso foi se reduzindo, os professores não traziam. [...]. É, hoje, [...] pra ser sincero, não vou muito.

Pergunta 3: Durante esses anos de estudo nesta escola em quais momentos você mais utilizou a biblioteca? Você pode falar um pouco sobre isso? Você lembra para quê, como foi e em qual situação isso aconteceu?

DSC: *A primeira vez que eu vim na biblioteca [...] foi no primeiro ano [...] a professora sempre trazia [...] para [...] escolher um livrinho. [...]. [...] deixava [...] pegar livros à vontade. [...]. [...] a gente fazia a carteirinha, [...] tinha um período pra vim. Daí vinha a sala inteeeeira [...]. [...] não podia sair da data senão pagava multa. [...] os professores costumavam levar [...] pra aula de leitura. [...] eles liam [...] uma história ou até a bibliotecária lia [...]. [...] a moça [...] da biblioteca [...] ficava num canto da sala, e nós [...] em volta dela e ela lia vários livros [...]. Isso marcou bastante. Porque [...] incentivava a gente a procurar ler, pra saber o que estava escrito, [...] as imagens que tavam no livrinho. Isso trouxe bastante interesse. [...] a gente começou pegando livros pra ver imagens. [...] depois [...] gibi [...]. Depois [...] livro maior. [...] até sem a turma eu vinha com as [...] coleguinhas [...]. Toda semana. Desde a primeira série. [...] Era bom. [...] no Primário eu [...] comecei a ter o gosto pela leitura usando [...] gibis [...]. [...] O professor falava [...] e a gente vinha. [...] até [...] a sétima [série]. Era mais na aula de português. [...] mas a biblioteca [...] na época do Primário [...] não era bem [...] uma biblioteca. [...] era um local onde a gente fosse pegar os livros, só, e fosse pra sala pra ler ou pra estudar das matérias [...]. [...] na sexta série. Foi onde ela, realmente, deu esse “ar” de biblioteca, onde tá todos os livros, o pessoal pode vir ler, estudar, [...] os professores trazendo a gente pra ler, [...] pra ver [...] sobre trabalho [...] [...] pra tá lendo, [...] estudando [...]. [...] na primeira série [...] Toda sexta-feira a gente pegava um livro pra ler [...] final de semana. Daí [...] renovava [...]. O ano inteiro [...] e lia a semana inteira [...]. [...] foi aqui que eu aprendi a ler. [...] na terceira ou quarta série [...] eu costumava [...] pegar [...] livro pra ler. Pegava [...] pequeno, porque sabia que ia dar conta. [...] em média [...] quatro livros por mês. [...] Depois foi parando [...]. [...] Cada um pegava uma coisa pra ler*

e era toda semana [...] até a quarta série [...] utilizava bastante pra pegar livro, [...] [e] eu gostava de ler livros pequenos, [...] com ilustração [...]. [...] eu gostava [...] do Sítio do Pica Pau [Amarelo]. [...] teve momentos que a professora trouxe a turma. [...] a gente vinha, pegava os livrinhos, levava pra casa, fazia rodízio. E [...] teve momentos que a gente vinha [...] no recreio [...] pra pegar o livro, levava pra casa, eu lia com a minha mãe [...]. Isso era [...] primeiros anos. [...] na terceira série [...] a professora trazia [...] e às vezes ela gostava [...] porque [...] a gente lia [...] histórias e depois fazia alguma atividade aqui [...] mesmo. [...] assistia [...] filme. [...]. [...] faziam teatro na biblioteca [...]. [...] tinha um trabalhinho [...] a gente pegava livro [...] na biblioteca [...] e apresentava um teatro [...]. [...] tinha festa à fantasia. [...] um monte de coisa legal [...]. [...] podia pegar livros novos, com conteúdos diferentes. [...]. [...] aquele negócio de “Ah, agora eu posso ler conteúdo de pessoas mais velhas”. [...] O Código Da Vinci, que eu sempre quis ler, pude ler [...]. [...] eu utilizei muito a biblioteca por volta da terceira até quinta série, [...] na sétima série eu também usei bastante [...] pra pegar livros pra ler e me interessar mais nos estudos. Eu gosto bastante de literatura. [...] às vezes eu marcava com uns amigos e a gente vinha pegar livro [...]. [...] no horário do recreio, ou começo, ou final da aula. Sempre quando a biblioteca tava aberta [...]. Na sexta série [...] eu peguei [...] o Tosco. [...] foi o livro que eu mais gostei. [...] li várias vezes [...]. [...]. [...] a professora incentivava bastante [...]. [...] não era [...] como nas outras vezes, mas a gente vinha bastante [...]. [...] no Pré, no Primário usava mais. [...]. [...] até [...] sexta-séries usava bastante o livro [...] pra fazer estudo na biblioteca. Geralmente era Português [...] de primeira à quarta era só um professor [...]. [...]. Agora, acho que vão mais na sala de vídeo. Quando eu vinha as pessoas [...] não se interessavam muito pela leitura. Às vezes os professores traziam, não liam. [...] não aproveitavam esse momento [...]. [...]. E [...] na sétima e na oitava, [...] um professor [...] fazia [...] a gente vim na biblioteca, pegar um livro, ler, fazer um resumo e entregar [...]. [...]. Em algumas aulas de português no [Ensino] Fundamental [...] a gente pegava livros da literatura brasileira, fazia teatros [...]. [...] ensinava a gramática, a leitura de uma forma que você [...] sentia amor pela leitura. [...] foi o tempo que eu mais vim pra biblioteca, pegava livros e lia [...]. Aí [...] comecei a gostar de ler. [...] na oitava série [...] eu tinha um trabalho de biologia [...] vim atrás de uns livros [...]. [...] achei um [...] de anatomia muito interessante. [...]. [...] a partir disso [...] eu vinha [...] sempre pegar livros de biologia e anatomia porque

eu desenvolvi esse gosto, e [...] quero fazer medicina [...]. [...] no nono ano não vinha tanto. [...]. [...] eu era mais ativo na biblioteca [...] no Primário [...]. [...], e no [restante do Ensino] Fundamental, [...] também, [...] e pegava o livro que quisesse ou [...] só olhava, podia trocar quem ainda tava lendo. [...] toda semana tinha contato com a biblioteca. Era legal [...] porque foi quando eu [...], realmente, [...] deixei de ler [...] livros infantis pra ler [...] uma literatura mais avançada. E [...] era legal porque toda hora eu via muita gente [...] do Ensino Médio, [...] do [Ensino] Fundamental. [...] via aquilo e [...] percebia que [...] era importante e [...] legal [...]. [...] E com o tempo eu fui utilizando mais a biblioteca pra estudo do que pra leitura. [...] vinha com os [...] amigos fazer trabalho, [...] [os responsáveis pela biblioteca] auxiliavam [...], às vezes [...]. [...] no Laboratório [...] tem que marcar horário. Então, a gente vinha pra biblioteca. [...]. Os laboratórios das [...] disciplinas [...] têm os professores pra ajudarem no estudo. [...] o de português tem livro. Tem literatura lá. [...] a gente [...] pode pegar [...] ou [...] nos dão. [...] na sexta série [...] deram o [...] Tosco pra [...] Ler e levar pra casa [...]. [...] Mas eu utilizei mais a biblioteca foi [...] até a quarta série, e depois foi mais pra estudo do que pra leitura. [...] Dali pra frente eu perdi um pouco o interesse [...]. É mais pra vir com os colegas estudar e tal. [...]. [...] livro pra pegar, pra poder fazer cartazes, [...] pra [...] ficar mais em silêncio e conseguir estudar. [...]. [...] eu peguei, li livros mais para [...] trabalho e provas. [...] E agora, [...] no Ensino Médio são mais nas aulas de português [...] pra apresentar em sala de aula, o livro [...]. [...] como estudo de noite eu pego o livro aqui e levo pra casa pra fazer os trabalhos [...]. [...]. Ultimamente eu não tenho vindo tanto. [...]. Agora a gente não usa muito. Têm bem poucos [professores] que trabalham [na biblioteca], porque não tem muita matéria. [...] tem [...], mas muitas matérias [...] eles focam mais no ensino mais normal [...]. Português nem tanto. Cada matéria tem seus livros [...] que [...] entregam no início do ano e no final do ano tem que devolver. [...]. Agora é mais os livros próprios do ensino. [...]. No primeiro [ano do Ensino Médio] [...] todo bimestre a gente tinha que ler um livro e apresentar [...]. No primeiro ano eu peguei um livro pra fazer [...] um trabalho de Português [...]. [...] e [...] fazer uma prova [...]. Foi muito bom, porque eu li todo o livro. [...]. Literatura brasileira [...] Vidas Secas. [...]. [...] E esse foi um ano que a gente veio [...]. [...] no primeiro ano [do Ensino Médio] a [...] professora [...] fazia isso constantemente [na biblioteca]. [...] [...] no segundo ano [...] foi [...] mais pra livros que a gente tinha em casa. Agora a gente [...] quase

não vem. [...]. [...] agora [...] eu venho mais por conta, [...] por vontade minha mesmo por ler. As outras eram pra fazer atividades. [...] no Ensino Fundamental [...] era toda semana [...] E agora é diferente [...] que a gente vem só quando necessita mesmo. [...]. [...], agora [...] eu tô usando mais a biblioteca. Porque antes, [...] no Ensino Fundamental, [...] ia [...] semanalmente pra pegar o livro, mas eu quase não ia lá, fora isso. Mas agora, como tem que ler [...] livros de vestibular e tá fazendo as atividades de sala, [...] eu acabo [...] aqui na maior parte do tempo. [...] no primeiro ano eu já comecei a tá frequentando mais aqui, entendeu? Mas é mais esse ano [...]. Passo muito tempo aqui.

Pergunta 4: Em sua opinião, qual o papel desta biblioteca para as pessoas desta escola?

DSC1: O papel dela além de proporcionar esse [...] lugar a mais pra gente fazer as pesquisas, [...] é [...] ser usado para incentivo à leitura [...]. Porque muita gente [...] não tem acesso aos livros. [...]. Eu não tive esse acesso quando [...] menor e foi por causa da biblioteca da escola que eu comecei a ler, entende? [...] é esse acesso que [...] [o lugar] permite. É incentivar a leitura [...] porque é alguma coisa que nos ajuda, ajuda as pessoas. [...]. [...] quanto mais a pessoa lê, se interessa pela leitura, mais ela aprende o que [...] tá acontecendo pelo mundo, [...] pode aprender mais e é muito bom ler. [...] prestar atenção só naquilo que [...] tá interessado [...]. [...] é [...] como foi no Ensino Fundamental. É mais pra ajudar você aprender, os menores a começar a ler e também [...] os livros do vestibular. [...] é só [...] porque [...] aqui [...] não tem muito livro de cursos [...] que eu possa fazer depois. [...] tem mais [...] pra [...] passar o tempo [...]. O papel de as pessoas pegarem o próprio livro com vontade. [...] pegar forçado [...] não vai terminar. Ler e se esforçar porque a leitura é a base de tudo, [...] da escrita, da fala. [...] a leitura influencia muito, tanto na escrita como falar em público [...]. [...] como não tive muita leitura durante o pré e quarta série, prejudica [...] na hora da escrita. Sinto bastante dificuldade. [...]. [...] é mais influenciar [...] a leitura, [...] a conhecer novas histórias. Porque às vezes as pessoas vêem livros só como literatura brasileira e leitura [...] que tem a linguagem antiga. E livro não é só isso. [...] ler outros autores, até mesmo brasileiros, [...] que contam histórias, às vezes, da tua idade ou coisas que pessoas mais velhas tiveram experiência e tão contando ali pra ti, [...] é isso que a biblioteca proporciona, né? Histórias que a gente

pode experimentar viver um pouquinho junto. [...] tentar mudar um pouco a geração que tá vindo agora. [...] uma geração mais tecnológica que simplesmente se preocupa com celulares, tablets, joguinhos. [...]. As crianças de hoje [...]. Não querem mais saber de pegar um livro, de saber como é um livro [...]. [...] só pegam o celular [...]. [...] Hoje em dia as crianças [...]. [...] vêm pra biblioteca, pegam um livro, levam pra casa [...]. [...] Nem tiraram da mochila. [...] Então, eu gostaria que pegassem esses livros e a escola [...] teria esse papel de transmitir, esse velho costume, essa tradição [...] de a criança poder ler o livro, tocar o livro [...] ter aquele sentimento [...] de ver, de conseguir ler um livro pela primeira vez. De pegar as ideias dali, do que aquilo [...] trata, do que uma fábula traz [...]. [...] Porque a leitura é tudo [...]. [...] pra tudo precisa de leitura [...] Para o desenvolvimento da fala, [...] para se saber as palavras, para o conhecimento [...]. Principalmente para as crianças que estão se desenvolvendo agora, a leitura é muito importante. A facilidade com livros [...]. Pegar alguns. É um papel bom. [...] A nossa biblioteca é bem servida de livros. [...] o livro ajuda [...] muito os jovens até a se expressar, no jeito de falar, né? [...] ter mais conteúdo [...], [...] ter palavras dentro da sua mente pra acrescentar numa conversa [...] hoje em dia [...] voga muito. [...] Se todo mundo viesse aqui pra pegar um livro pra ler e focar numa leitura, [...] não tinha uma redação do Enem que os alunos não fossem bem. [...] muita gente não vai bem [...] porque não gosta de ler. Eu [...] já ouvi falar, “Ai, fui mal na redação”, mas detesta ler livro. [...] Os jovens [...] têm que ler mais [...]. [...] O papel da biblioteca é fornecer mais conhecimento sobre a literatura, histórias brasileiras [...] que [...] acrescenta mais palavras [...]. [...] livros [...] têm muitas palavras que a gente não conhece no dia a dia [...]. [...] trazer um pouco de cada conhecimento, principalmente de Literatura e ensinar a História. [...]. [...] os alunos do Primário [...] pegam os livrinhos e [...] é bem importante. Porque [...] foram momentos [...] que eu passei aqui e eu tenho guardado [...]. [...] importante pro pessoal do Primário e [...] do Ensino Médio [...]. [...] os livros do vestibular e [...] a gente tem que tá recorrendo a outras bibliotecas, ou [...] tá procurando nos sebos e [...] tem algumas obras aqui, e é fácil acesso, né? [...]. [...] É um bom lugar pro pessoal conseguir, às vezes, distrair a mente, que tem vários livros diferentes e às vezes as provas, os trabalhos deixam a gente bem estressada. Eu gosto [...] de ler pra escapar um pouco do dia a dia. É auxiliar [...] se a gente tiver alguma necessidade, querer fazer alguma pesquisa. [...] ajudar os alunos, [...] os próprios

professores [...] nas matérias. [...] aqui [...] são duas [professoras], né? Uma [...] num horário, outra [...] no outro. Elas [...] recebem os alunos [...]. [...] cuidam [...] dessa biblioteca [...] organizando, tirando livro, colocando [...] tudo em ordem alfabética [...] tudo certinho: história, geografia, matemática. [...]. [...] ajudam [...] os alunos [...] pra matéria, pra trabalho, [...] pesquisar, [...] indicam os livros [...]. [...] é importante porque é a fonte de livro e livro é conhecimento [...]. [...] para os que usam a biblioteca [...] é bom. É um meio de conhecimento [...]. Pra quando surgir dúvida, ler, fazer pesquisa. [...]. Se aprofundar mais nos estudos e ter mais conhecimento. [...] tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola [...]. [...]. É usado a biblioteca pra pesquisas. O Ensino Fundamental usa bastante pra pegar livro, só. [...] Livro, [...] por mais que seja uma história, uma fantasia, [...] traz conhecimento, traz uma coisa nova, exercita a mente e isso é importante para os alunos [...]. Às vezes um tem [...] alguma dificuldade, mas estimula o pensamento. E tem [...] atlas, [...] enciclopédias [...] e os livros didáticos também, do professor, e [...] isso é importante. [...] ajuda bastante. [...]. Pra adquirir conhecimento. [...] é um lugar de estudo. [...]. Muitos alunos vêm pra cá no intervalo e tal. Então, é bom que é um espaço de concentração e que a gente tá sempre aqui reunido e estudando e se ajudando. [...]. Trazer um conhecimento maior porque a gente tem acesso gratuito e tudo, e tem pessoas que não aproveitam. Então, [...] é um jeito da pessoa ter mais conhecimento através da biblioteca. [...] aprimorar o conhecimento. [...]. [...] parece que a maioria das pessoas nem sabe da existência dela. É meio estranho. [...]. As pessoas estão deixando de ler. [...]. E ela tá ali parada e [...] sei lá, não tem muitas pessoas que vão ali ler. Ler é importante, né? Tem vários livros ali, de histórias, tem [...] pra estudar. [...]. E tá sempre tendo livros novos ali. Mas, hoje a galera não se interessa muito [...] em ler. Tem aquelas pessoas que se interessam, mas a maioria não se interessa.

DSC2: [...] o papel dela [...], hoje, sei lá [...]. [...]. [...] fica difícil dizer, [...] até porque à noite já não é muito freqüentada, [...] aqui é como se fosse um espaço esquecido. Porque eu [...] não vejo ninguém vindo aqui. No máximo pra vim aqui pra pegar um livro [...] que é didático que a gente tem que usar na aula, [...] mas [...] à noite não vejo este espaço ser utilizado. Até porque [...] Pra ser uma biblioteca não devia ter esses livros assim no meio do caminho. Tinha que ser

uma coisa mais organizada. Então, pra mim, é uma coisa meio abandonada na escola. Pelo menos no período da noite [...].

Pergunta 5: Em sua opinião, o que deve ter numa biblioteca escolar?

DSC: *Livros, né? Bons livros. [...]. Muitos livros. [...]. [...] de tudo um pouco. [...] tudo que eu procuro e [...] saber que vai ter, entende? [...] vou estudar agronomia. [...] e eu sei que vai ter especificamente aquele livro pra mim. Pode não conter tudo, [...] mas pelo menos algo que me ajude seria bom. Uma quantidade de livros [...] de cada área. [...] história, literatura, e por aí vai [...]. Uma grande diversidade de livros. Porque a biblioteca [...] é um local de conhecimento [...]. E quanto mais [...] disponibilidade, mais assuntos [...] tiver, melhor pro aprendizado da pessoa. Porque [...] hoje em dia tem internet [...] mas o livro ainda é uma importante forma de aprendizado. [...] na internet tem muita coisa, mas muitas vezes errada. O livro não, [...] tem uma coisa [...] verificada, corrigida, [...]. [...] uma certeza do conteúdo [...]. [...] aprovação de uma editora, uma análise ortográfica. Tudo certo [...] perante [...] as leis do país, né? Então, é mais confiável que [...] internet. [...]. Na biblioteca o necessário é o livro. [...] com certeza, livros [...]. [...] os livros são os principais, né? Porque você não faz uma biblioteca se [...] não tiver livros. [...]. Porque [...] os livros [...] são a leitura. [...]. **Quando se fala em biblioteca já se pensa em livro, né?** Só que tem que ter aqueles livros pra gente conhecer mais [...] [...]. [...] ter uma [...] certa quantidade de assuntos, de livros diferentes, [...] para poder se aprofundar mais [...], não ficar só [...] numa determinada [...] leitura. [...] diversidade de livros pra poder fazer pesquisa [...] pra conhecer mais, aprender mais [...]. Tem que ter muito livro. É igual aqui [...] tem ainda bastantinho. [...]. [...] bastante livros variados, tanto de literatura quanto das matérias que têm na escola [...] de vários autores pra gente pesquisar mais. [...] livros infantis e de vestibular [...]. [...] livros de vários estilos, de autores brasileiros e [...] estrangeiros, [...] uma diversidade de gêneros e de livros [...] pra tá motivando todos os alunos a ler. [...] livros para preparação de provas também [...], por exemplo, eu que tô estudando para o vestibular, tenho que sair e comprar alguns livros [...] que não têm aqui, né? Esses mais complexos [...]. [...]. E [...] livros pra lazer também. [...]. Porque tem gente que gosta de literatura clássica. Eu [...] gosto, mas [...] da minha sala não conheço ninguém que gosta [...]. Então, tem que ter todos os gêneros pra [...]*

poder agradar todo mundo e trazer o contato da pessoa na biblioteca, porque [...] é importante pra todos. [...] eu gosto de uma leitura que é mais literatura adolescente porque eu ainda estou nessa fase, [...] literatura infanto-juvenil, né? Mas, também [...] gosto [...] da literatura [...] adulto romântico. Eu gosto disso, mas tem pessoas [...] que gostam mais da literatura [...] moderna, [...] realista. Então, deveria ter todos os gêneros pra que [...] as pessoas pudessem ler [...] daquilo que [...] gostam. Porque não adianta nada ter uma biblioteca só de livros de literatura brasileira, do realismo, ou [...] só livro infanto-juvenil, porque tem pessoas que não lêem todos os livros, mas aqueles que elas gostam, elas lêem. Então, é uma oportunidade da pessoa ler alguma coisa. [...] Tem que ter vários livros diferentes pra todos os gostos. Livros [...] para determinadas idades, os quais trazam ensinamentos [...]. No Primário trazer um incentivo pra brincadeiras [...] e não [...] à tecnologia. [...] que a biblioteca [...] trouxesse [...] um conteúdo literário maior. [...] pro ensino fundamental (quinto ano) até o terceiro [do Ensino Médio], trouxesse um interesse maior para os jovens, por causa que eu não tive, literatura brasileira [...]. [...] muitas obras boas [...] esse colégio não tem. [...]. Muitos [alunos] compram. [...]. Quando eu lia bastante eu comprava livros [...]. [...] obras de autores estrangeiros [...] têm, algumas coisas [...] interessa bastante. Só que autores brasileiros que é que devia ser focado não têm, entende? [...] a biblioteca tem que ter livros, obviamente, [...]. E também [...] mapa, TV [...]. Revistas, [...] e material didático. [...] jornais pra ter informação. [...] atlas, [...]. [...] filmes [...] que a escola deveria ter [e] eu não vejo. [...] livros que crescentem. [...]. [...] vai te fazer amadurecer. [...]. Uma variação de livros. [...] pra qualquer [...] idade e de diversos assuntos [...]. [...]. [...] livros que você goste de ler, [...] mas também te ensine alguma coisa. [...]. [...] livros que chame a atenção dos alunos, porque ultimamente a biblioteca tá meio esquecida. [...]. Aí, tem que dar um toque [...] para os professores alertarem os alunos pra voltarem a ler. [...] na sétima ou oitava série, eu tinha uma professora de português que toda semana [...] pegava os livros daqui e levava pra gente fazer uma leitura de uma aula. [...]. E hoje eu não tenho mais isso, e eu gostava. Aí eu parei de vim aqui pra pegar livro. [...]. Aí eu comecei a ler livro [...] que a minha amiga compra, lê e me empresta. É assim. Eu não tenho muito contato com a biblioteca hoje em dia como antes eu tinha. [...] a sala deveria ser um pouco mais ampla, como aqui é [...] muito apertado, não cabe muitos alunos. [...]. [...] aqui [...] só de manhã são mais de mil e poucos alunos. Então, a gente necessita da

biblioteca maior [...]. A minha turma [...]. Tem quarenta alunos. [...]. Daí muitos ficam em pé [...]. Aí não tem um lugar maior na escola pra fazer [pra ampliar a biblioteca]. Mas, na hora que eles conseguirem, eu acho que [...] vão fazer, né? Porque [...]. É um lugar ótimo pro pessoal fazer as coisas. [...] deve ter um espaço confortável [...], porque leitura em espaço desconfortável [...] não vai pra frente. [...] Você tem que se sentir confortável numa biblioteca. [...] E, um local aconchegante [...], calmo pra poder ler. [...] teria que ter [...] uns computadores pro pessoal pesquisar juntos, entendeu? [...] um auxílio bastante grande porque [...] eu particularmente [...] leio muito mais [...] na [...] [tela] de um computador, na internet, do que num livro. Eu consigo me adaptar muito melhor [...]. Não consigo pegar um livro [...] e ficar lendo [...]. [...] deveria ter também acesso à internet [...] aqui na nossa biblioteca a gente tem o livro, o computador, mas a gente não tem acesso à internet, entende? [...] se já tivesse só o acesso à materiais específicos, sites só de pesquisa [...] por exemplo, o “Hora do Enem” [...]. [...] pra nós já seria bem útil. Porque dá de fazer simulados [...] aqui dentro [...]. [...] porque [...] o Laboratório de Informática a gente só usa com os professores, né, e tá sempre sendo usado [...]. Então, a gente acaba não indo lá. [...] se aqui funcionasse a gente poderia tá respondendo as questões [do Enem] com o apoio dos livros pra tá aprendendo mais, entendeu? [...] seria bem legal, também, essa proposta da tenda. De contar [...] histórias. [...] uma decoração onde a criança e os adolescentes poderiam interagir. [...] cada semana alguém podia trazer uma frase de um livro e colocar no mural. [...] pra [...] gente usar mais a biblioteca. [...]. Silêncio. [...] ambiente muito calmo. [...] um aluno não vai conseguir ler um livro, [...] numa sala de aula [...] numa turma bagunceira. [...]. A biblioteca é um lugar calmo onde exige muito silêncio. [...] é mais tranquilo pra gente pensar, refletir, ler [...]. [...] ambiente [...] pra leitura mesmo. [...] pro aluno ficar, realmente, centrado no livro. Porque [...] lá na nossa sala [...] é muita conversa. [...]. [...] é do lado da quadra [de esportes] e as crianças brincam ali e às vezes é difícil até de ter aula, entende? Então, [...] a biblioteca tem que ter [...] um ambiente [...] pra tu ler, sabe? [...] um local [...] calmo pra poder ler [...]. [...] Deve ter tudo que o professor precisa pra trabalhar [...] no que o governo manda no plano didático. [...] ter sempre [...] um professor cuidando, porque se não cuidar pode ser que vá alguém ali, estrague. Alguém que administre [...]. [...] ser organizada. [...]. O principal de tudo é a organização. [...] regras [...] Silêncio, manter organizado, entregar os livros na data marcada e **não rasurar o livro,**

não rasgar, não molhar. Essas regras básicas de uma biblioteca. [...] pra manter tudo em ordem [...]. Pra [...] todo mundo ficar feliz. Tanto o bibliotecário quanto o aluno [...].

Pergunta 6: Você utiliza outras bibliotecas? Se afirmativo, quais? Para que? Se negativo, por que?

DSC1: Sim. [...] a Biblioteca Pública [...]. [...] porque quando a gente não tem internet, né, meio difícil [...]. [...] eu até tenho internet em casa, agora, só que [...] na biblioteca é melhor porque [...] já te mostram as especificações dos livros, essas coisas. Quando eu preciso, realmente, de livro, [...] eu vou lá [...] porque [...] na escola não pode vim a tarde, e como estudo de manhã é difícil. [...]. Aí, eu vou [...] na Biblioteca Pública que é aqui do lado. [...] pesquiso lá no computador onde fica o livro. Aí mostra a prateleira [...]. [...] vou lá e pesquiso. [...] tem computador, [...] internet e acesso aos livros. [...] eu vou [...]. [...] quando eu [...] tô a fim de um livro e eu não acho por aqui. Ou, às vezes, pra ver livro pra trabalho escolar, que têm alguns aqui que [...] A gente só pode pegar [...] enquanto tiver na biblioteca, e lá eles emprestam. [...] também tem computador [...]. [...] e a minha mãe [...] é funcionária [...] e às vezes eu pego livros lá. [...] só pra literatura [...]. Pra descontrair [...]. Sempre [...] tive muito o hábito da leitura. Como a minha mãe é professora e minha irmã, também, enquanto elas dão aula, às vezes [...] vou na biblioteca. Mas eu nunca fui [...] de ir em outras bibliotecas, né? Sempre fico nessas que estão mais próximas [...]. internet [...] Na biblioteca do SENAI [...]. [...] eu faço curso de técnico-eletrônica, [...] que precisa de bastante estudo e conhecimento. Daí eu pego livro voltado pra essa área [...]. [...] na biblioteca do SESC que [...] tem vários livros infanto-juvenis. [...] eu utilizo mais e-book mesmo, porque [...] baixa o livro e lê no celular, né? Porque [...]. [...] no celular [...] é mais fácil. Se tô no ônibus tô lendo [...].

DSC2: Outras bibliotecas, não. Não mais. [...]. [...] até porque eu também não utilizo muito essa, né? Então, eu acabo não utilizando outras bibliotecas também. [...] a maioria dos livros que eu quero ler, eu compro [...] ou eu baixo no celular. E os livros que eu uso na escola eu tenho em casa [...]. [...] quando eu me interesso por um livro [...] vou lá na internet e já compro [...]. [...] às vezes [...] eu procuro livros que têm na biblioteca [da escola], às vezes [...] eu acabo não indo [na biblioteca pública], porque [...] a comodidade da nossa casa não deixa

a gente ir até lá [...]. [...] eu leio, mas eu não vou em biblioteca. [...] leio [...] só on-line, livros em geral [...] que me interessam [...]. Eu não costumo. Não leio muito, também [...]. Não gosto [...] muito de ler. [...] o que eu não acho aqui eu vou em livrarias comprar [...] para [...] alugar tem uma ali no Centro [da cidade], [...]. Mas [...] é bem disputado. [...] quando eu vou lá geralmente não tem o livro que eu quero. É a biblioteca pública municipal. Mas eu utilizo [...] essa aqui. [...] porque [...] é pertinho, [...] posso vim aqui porque ainda sou aluno. [...] encontro os livros que eu quero [...] até achei um que eu tava procurando há bastante tempo [...] O estudo em vermelho. [...] do Arthur Conan Doyle [...]. [...] tá meio gasto [...] parece [...] bem antigo [...]. [...] segunda-feira eu faço Inglês aqui na escola. [...], aproveito e fico aqui. [...] de tanto eu ler, de eu pegar livro aqui, eu não me importava com outras [...]. É a única que eu frequento [...]. [...] Eu gosto bastante de ter livros em casa, [...] de reler várias vezes. Aí os que eu não encontro aqui eu compro. Mas [...] a maioria eu leio por aqui mesmo. Eu acho bem completa a biblioteca da escola. Então, eu não vejo necessidade de outras. A única [...] na minha vida [...]. [...] me acostumei [...]. [...] não me importava com outras [...].

Pergunta 7: Você gostaria de falar algo mais sobre a biblioteca desta escola? Algo que não foi comentado, mas que você considera importante registrar por fazer parte da sua vivência nesta escola com esta biblioteca?

DSC: *[...] a biblioteca evoluiu bastante, porque [...] no Primário, não era bem uma biblioteca. Era [...] um lugar pra pegar os livros de vez em quando. Mais os didáticos. [...] quando eu cheguei na escola [...] a biblioteca [...] era bem menorzinha, [...] tinha poucos livros, [...] todos velhos. [...] essa biblioteca [...]. Foi bem marcante pra mim porque eu via vários alunos [...] vindo aqui direto fazer pesquisas, ir atrás de respostas. Tinha uma dúvida vinha em outros períodos [...] pra [...] esclarecer [...]. [...] Tinha [...] dois computadores. Os funcionários da biblioteca também usavam. [...] poderia vir a qualquer horário, mas se tivesse alguém tinha que esperar ou [...] corria atrás dos livros. [...]. [...] eu gostava de pegar o livro do Guinness Book [...]. [...] todo mundo queria aqueles livros, os mapas. [...] O Código Da Vinci. [...] assisti ao filme e ...] quis ler o livro. [...] Era uma leitura mais avançada [...]. [...] tinha os livros que [...] até hoje deixam nesse armário, Guerra das torres, uma coisa assim. Era uma literatura mais estrangeira, todo mundo quis. [...]. O livro do Harry Potter [...] virou filme todo mundo*

quer ler. Aí ela deixava escondido e tinha uma fichona, que [...] reservava os livros pra nós. [...] dava briga se a gente se atrasava. [...]. Era bastante confusão. [...] essa biblioteca [...] é bem importante pra mim [...]. [...] eu ficava a tarde [...] pela escola [...] com outra filha de professora [...]. A gente era louca por livros. [...] vinha aqui, tava tudo bagunçado, [...] arrumava [...]. [...] ajudava as bibliotecárias [...]. [...] cada coisinha aqui na biblioteca me remete a alguma série que eu passei. [...] a [...] gincana [...] arrecadou bastante livro. [...]. [...] tinha tanta série boa, que muita gente, realmente, se interessou pela biblioteca. [...] a biblioteca é um espaço bom. [...] a gente deveria utilizá-lo mais, já que [...] é bem estressante estar no “Terceirão”. [...] a gente não teve [...] contação de histórias. [...] mas [...] eu gosto de sentar [...] no chão da biblioteca e ficar lendo como [...] fazia há alguns anos atrás. Uma coisa [...] que a gente perdeu [...] e [...] a minha sala [...] gostaria de [...] vim aqui [...] pra dar uma relaxada [...]. [...] a biblioteca ficava aberta no recreio. Então, muitos vinham quando a gente tava ensaiando pra gincana. [...] os professores junto [...]. Dá pra fazer alguma coisa bem legal no recreio, de expor alguma ideia [...] cada sala ficar responsável por um dia [...] da semana, [...] fazendo coisas diferentes para as crianças [...] não ficarem correndo no recreio. [...]. São coisas legais, pequeninhas, mas que vão se construindo. [...]. [...] que a escola continue [...] fazendo essa gincana pra arrecadar livro. Pra [...] desde pequenininho incentivar a ler. Que a leitura é fundamental [...] pra escrita como pra imaginação. Não só ficar no computador, na internet, nas tecnologias. [...]. Se você tá irritado, a [...] leitura para, te passa [para] um outro lugar, entendeu? [...]. [...] a tecnologia pode ser uma evolução, mas [...] tá tirando [...] de uma criança pegar um livro e começar a ler. [...] na quarta série eu nunca lia. Eu não era acostumada a ler. [...] “Ah, pra que ler” [...]. Uma vez uma professora [...] pediu pra gente ler um livro e [...] fazer um trabalho [...]. [...] qualquer livro [...]. [...] vim à biblioteca [...] e [...] achei um livro [...] sobre [...] adolescência. [...] li [...] e [...] me apaixonei. [...]. E desde então eu leio sempre. Leio muito. Sou viciada em leitura [...]. [...] muitos alunos meio que se recusam a vim na biblioteca, [...] e [...] eu já fui assim. Só que [...] eu comecei a vim na biblioteca, eu gostei, e comecei a vim mais [...] e ouvia [...]: “Ah, não, não vou lá na biblioteca. É chato, não tem nada legal lá” [...]. [...] acho que as pessoas não gostam muito de ler. [...] Dá pra ver que não tem muita gente que utiliza a biblioteca da escola. [...] é de um a cada cinco alunos que usam a biblioteca. Às vezes nem isso. E os anos que eu vinha aqui na biblioteca foram bons. Eu peguei vários livros e a minha

literatura foi boa. Isso também contribui pra falar melhor, pra se expressar melhor. [...]. Então, eu queria que os professores, a diretora, alertassem a escola de que a biblioteca tá aberta pra qualquer um usar. [...] é bom pra uma criança que tá vindo agora. Muitas vezes elas têm problemas em casa com os pais. É uma forma de desligar a mente de um problema. Eu acho bom que uma criança venha, leia, aprenda, como eu aprendi lendo. [...]. Eu gostava bastante quando a gente vinha [...] com a turma [...] pra ler alguma coisa. [...] quando [...] mais pequeno [...] a professora sempre trazia [...]. [...] às vezes tinha [...] atividade diferente [...]. Era bem legal. A gente vinha, lia [...]. [...] davam lego [...] no lugar da aula [...]. [...] incentivavam de fazer o que vinha na nossa mente. Eu acho que [...] tem o tempo de hoje e tem o tempo de antigamente, né? Antigamente [...] a gente sempre ia na biblioteca, né? A gente sempre pedia pro professor [...]. [...] a turma ficava mais unida, [...] um do lado do outro e [...] ria e ficava lendo uma história, já ficava estudando alguma coisa. E hoje em dia [...] a gente não vai mais [...] na biblioteca. Porque [...] antigamente, também não tinha a sala ali [...], com computadores [...]. [...] Hoje já tem. Daí a gente já prefere ir pra informática do que ir pra biblioteca. [...] a tecnologia influencia muito [...]. [...] por isso [...] muitas pessoas tão deixando de ir pra biblioteca [...], preferem [...] pesquisar na internet que vem mais rápido. Então, hoje em dia a biblioteca [...] tá sendo abandonada [...]. [...] A gente vinha [...] bastante. [...] com o tempo foi parando de vim. Então, no primeiro e segundo ano [do Ensino Médio] [...] se eu vim aqui cinco vezes pra ver um livro, foi muito. [...]. [...] eu acho essencial [...] aplicarem mais no Ensino Médio [...]. Tem que continuar [...] em vim pra ler, pra tá pegando [livros], que é muito importante, né? [...] a nossa escola poderia ter, sim, um pouco mais de livros para os jovens, pro pessoal do Ensino Médio, porque a gente tem obras nacionais [...], mas [...] são uma leitura diferente das que os jovens agora gostam. [...] gostaríamos muito de ter livros mais atuais, sabe? [...] de escritores [...] que tão na mídia [...] chamaria o público, os alunos pra biblioteca. E é muito importante, né? Principalmente, agora no Ensino Médio que [...] tem que tá lendo bastante. Então, ter livros, além desses [...] pra vestibular, e [...] estar conhecendo os autores, [...] não [...] só os títulos [...] [para o vestibular], [...] pra incentivar a leitura. [...] a biblioteca tem que ser mais ampla e que a escola continue [...] com a biblioteca, sabe? Porque a biblioteca [...] ajuda todos os alunos. [...] E [...] na hora que o colégio tiver [...] verba, ou o pessoal mandar a verba [...] pra aumentar [a biblioteca], né? Pra poder colocar mais livros. Porque muitos livros não têm aqui pelo fato

de a biblioteca não ser tão grande [...]. [...] a escola [...] é a parte mais importante da formação de uma pessoa, [...] na questão do conhecimento. [...] o caráter [...] é a família que forma, é dever da família. O da escola é o conhecimento. Porque [...] uma pessoa entra [na escola], [...] com cinco anos de idade e sai com dezessete, dezoito [...]. Então, nesse meio tempo a escola, [...] tem o dever de [...] dar atenção, dar um ensino de qualidade pra pessoa. Porque essa pessoa [...] vai ser um futuro profissional que vai servir à sociedade. Então, [...] Além [...] da qualidade dos professores, [...] de os professores ensinarem, a [...] diretoria [...] tenha uma boa gestão, [...] não falte nada pra escola, a biblioteca [...] ser bem administrada, [...] bem organizada, [...] que tenha bastante conteúdos pra pessoa ler [...] e aprender. Então, a biblioteca [...] tem que ser algo diversificado. Porque a pessoa que entra na escola [...] procura um conhecimento. Então, quanto maior a oportunidade de conhecimento, melhor pra pessoa, melhor pra formação da pessoa. Eu desenvolvi essa paixão de leitura [...] desde quando [...] pequena que eu vinha pra cá [...]. [...] eu fui [...] acostumada, em casa, [...] a ler bastante. [...] a minha mãe [...] sempre nos levou pra esse caminho. Aí quando eu cheguei na escola o meu primeiro contato foi com a biblioteca. [...]. [...] a gente sempre vinha com os professores. E na maioria das vezes era reservada uma aula [...]. A gente pegava o livro, lia, aí tinha mais a contação de história [...]. Tem um livro [...] que [...] foi muito bom porque [...] toda a sala tava reunida. [...]. Era um homem e uma formiga [...] na neve [...] marcou bastante porque [...] ela, leu [...] mostrava [...] imagens. [...]. [...] marcou bastante [...] um trabalho de português [...] na sétima série. A professora não deixou usar o computador, tecnologia nenhuma. [...] só livro e tinha que botar o autor [...], tudo certinho. [...]. Me bati [...] pra fazer [...]. [...] pra entender. Era em grupo, [...] vinha de manhã [...] estudava de tarde [...]. Às vezes [...] ia [...] na biblioteca pública, colocava na internet, [...] o tema [...]. [...] ia ver se tinha, né? Ler, né, não é acostumado muito com a leitura. [...]. Foi quando eu mais li [...] pra trabalho. [...]. [...] teve um projeto sobre [...] como se aplica os livros na escola e como eles podem mudar a vida dos alunos [...]. O livro era o Tosco [...] eu fiquei encantada [...]. [...] todas as pessoas da minha sala, praticamente, se interessaram [...]. [...] tinham vontade de ler, [...] via que [...] tavam lendo mesmo. [...]. Foi [...] muito legal ver que um livro podia impactar na vida dos alunos e fazer com que eles mudassem de comportamento [...]. Foi na oitava série. [...] eu aprendi na minha experiência pessoal de leitura, que [...] qualquer livro que tu for ler [...] não pode ler [...] só por tá lendo. Tem [...] os

aspectos [...] da tua visão, da visão do autor [...]. Abranger vários pontos de vista para tu ter uma opinião própria [...]. E [...] que eu mais gosto na leitura é [...]poder ver de tantos ângulos diferentes e sentir tanta coisa diferente apenas lendo um livro. [...] Às vezes os alunos pensam que biblioteca é [...] “Só livro chato” ou “Eu não vou gostar de nenhum livro que tem”, porque a maioria [...] não tem o costume [...] de ler. [...]. [...] começa lendo um livro “Ah, eu não gostei”, [...] tenta outro [...]. [...] muita gente [...] tem esse preconceito com o livro [...] Fala que todo livro é chato, que toda biblioteca só tem livro chato e não é assim. [...] ler é uma coisa que te motiva [...]. Às vezes, eu prefiro ler do que ver TV. [...] eu imaginar é muito melhor [...]. Porque [...] a minha imaginação não vai me decepcionar [...]. [...] as pessoas têm muito essa coisa “Não, não gosto de ler”, “Não gosto de ir em biblioteca” e acabam perdendo a oportunidade de conhecer histórias [...]. [...]. Eu gosto muito de ler [...]. [...] essa coisa de [...] vir à biblioteca e ler, tem que ser incentivada porque é difícil um aluno [...], por exemplo, da terceira série [do ensino fundamental] [...] vim por conta própria, entendeu? [...] eu sempre tive muitas pessoas que me incentivaram a ler. Minha avó, minha mãe, as minhas professoras me incentivaram muito [...]. [...] uma vez [...] essa biblioteca, “meu”, tava cheia, cheia de criança [...] e fazia fila pra pegar livro [...]. Era até uma bagunça, [...] mas as crianças liam bastante [...] e isso despertou em mim pra hoje eu gostar de ler, entendeu? Se ninguém tivesse me incentivado, despertado esse interesse quando eu era criança, talvez, hoje eu [...] nem estaria aqui dando entrevista, entendeu? Nem estaria lendo. E isso incentiva. [...] é importante [...]. [...] eu sempre gostei muito de livros. Então, biblioteca pra mim é sempre um lugar maravilhoso. [...] um fato [...] triste quanto à biblioteca hoje em dia. [...] à noite não tem esse aluguel de livro que a gente pega os livros e leva pra casa. [...]. [...] não tem porque também [...] os alunos não têm tempo pra ler [...]. [...]. Eu ainda conheço algumas pessoas que vêm, pegam [...] de vez em quando, levam. Mas [...] eu acho bem triste [...] eles não [...] trazerem novas obras para as crianças e a [...]conservação dos livros que tá bem ruim, bem precário [...]. E o fato de alguns alunos vim e simplesmente roubarem coisas. [...]. [...] por exemplo, os professores dizem: “Ah, vai lá pegar livros de biologia. Trinta livros”. A gente leva lá pra sala, mas [...] fica alguém aqui e rouba alguma coisa. Eu já conversei com o diretor [...], mas não tem o que fazer, porque não [...] tem como ficar cuidando.

